Um Pedido Especial

IV

Dá muito trabalho comprar, fotografar, editar, passar as fotos num OCR e postá-las aqui – é muito extenuante, e para piorar eu ainda sou pobre e endividado, mas eu não deixo de cumprir meu dever só por isso.

Dito isso, quero pedir tua colaboração para complementar esse projeto indo aonde eu não posso ir. Eu posso comprar livros em sebos, leilões ou até em lojas internacionais, mas eu não tenho como ir até certas bibliotecas, mas tu podes! Será que poderias me ajudar? Há vários livros que ainda precisam ser disponibilizados aos leitores brasileiros, deveriam existir verbas para tal já que não existem mais reedições das obras. Enfim, das muitas que eu poderia pedir, queria pedir 4 obras em especial que muito me interessam.

A 1ª é *Do Destino do Espírito*, a última obra do Gerardo Mello Mourão que falta ser publicada até onde eu sei; foi publicada pela Pongetti em 1941. Se tu fores de Curitiba no Paraná, podes encontrar a obra na Casa da Memória. Veja o seguinte sítio: <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/acervo/73325/exemplares>.

A 2ª obra é *Verdade e Certeza*, uma das únicas obras do Pe. Ladusãns que é impossível de achar. Ela foi publicada pela editora Presença em 1986. Se tu fores de Belo Horizonte Minas Gerais, especialmente aluno da UFMG, podes encontrar a obra na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, conforme o seguinte sítio: <https://catalogobiblioteca.ufmg.br/acervo/22627/exemplares>. Também a obra pode ser encontrada na Biblioteca Padre Vaz da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, conforme o sítio: <https://www.biblioteca.asav.org.br/acervo/839595/exemplares>. Caso tu sejas de Brasília, especialmente aluno da UCB, podes encontrar a obra na Biblioteca Central, conforme o sítio <https://ucb.pergamum.com.br/acervo/23368/exemplares>.

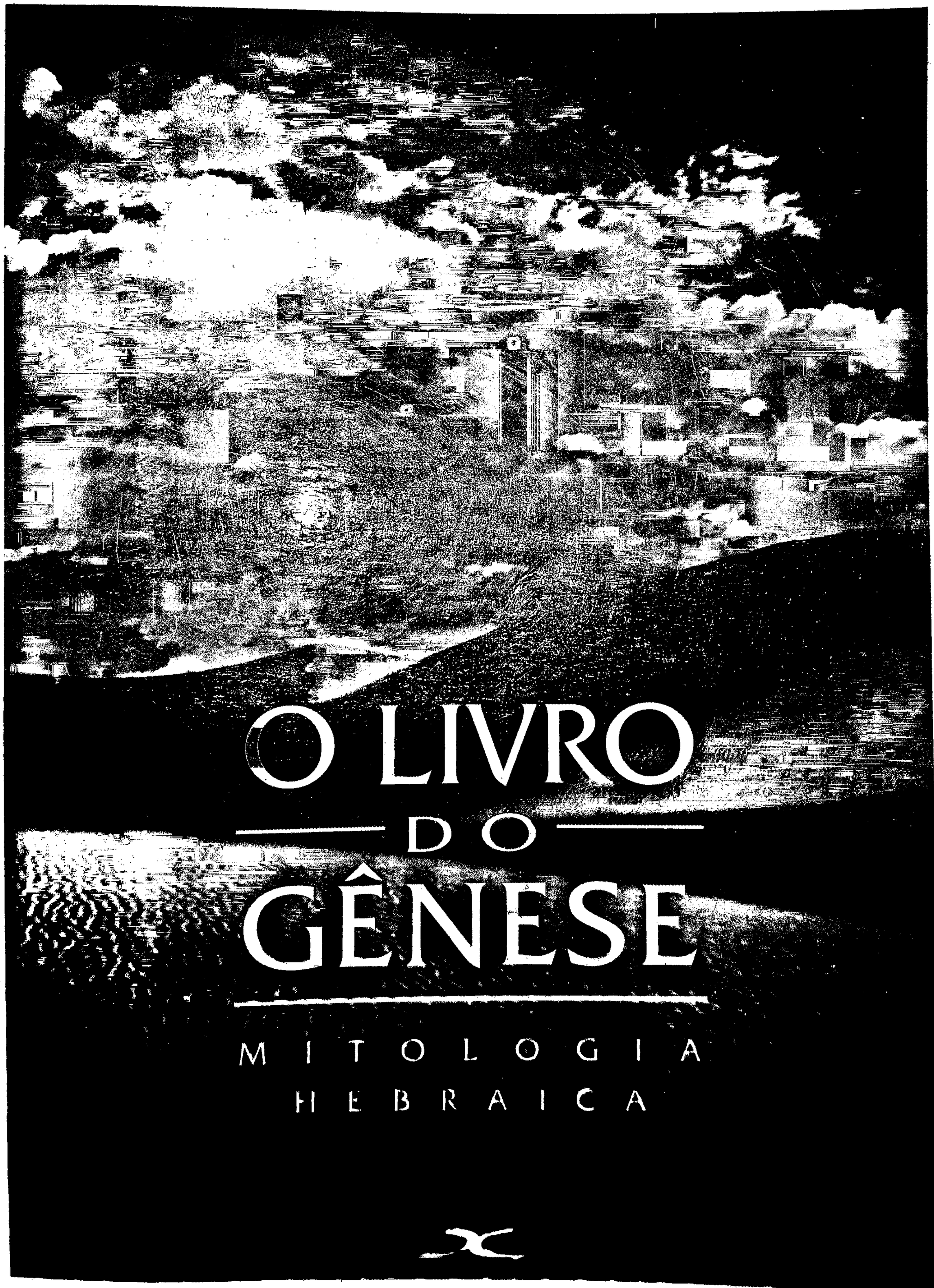
A 3ª obra é *Criatividade Filosófico-Cristã Hoje*, provavelmente uma obra de divulgação também do Pe. Ladusãns. Ela foi publicada pela editora Presença em 1982. Se tu fores de Belo Horizonte, aluno da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, podes encontrá-la na Biblioteca Padre Vaz. Veja o sítio: < https://www.biblioteca.asav.org.br/acervo/838081/exemplares>.

Por fim a 4ª obra é *Realidade do Homem* de Dan Andersen, a única obra perdida do Mário Ferreira dos Santos. Ela foi publicada pela Sagitário em 1945. Se tu fores do Rio Grande do Sul podes encontrá-la na Biblioteca São Leopoldo, conforme o seguinte sítio: <https://www.biblioteca.asav.org.br/acervo/178316/>.

O trabalho é simples. Ir até a biblioteca. Fotografar as obras com nitidez. Editar as fotos para tirar a parte de fora do livro das fotos. Depois passe tudo num OCR ou junte as fotos num pdf < https://www.ilovepdf.com/pt/jpg_para_pdf > (se não tiveres um OCR profissional o arquivo ficará grande mas não tem problema) e poste aqui no Archive ou em algum site de livros. Sou imensamente grato.

ROBERT GRAVES

E RAPHAEL PATAI



O LIVRO DO GÊNESE

MITOLOGIA HEBRAICA

XENON

Este fascinante livro contém 61 relatos que evocam os mistérios das forças cósmicas, incluindo os mitos de Lúcifer, o nascimento de Adão e Eva e a expulsão do Paraíso.

O Livro do Gênese – Mitologia Hebraica *examina os temas de Caim e Abel, de Noé, da Torre de Babel, as vidas de Abraão, de Isaú e Jacob, e termina com a morte de José.*

Os eruditos Robert Graves e Raphael Patai pesquisaram estes relatos à luz da moderna antropologia e mitologia, e o resultado é um texto informativo, inteligente e de instigante leitura. Um livro fundamental, que já é um clássico em seu tempo.

XENON

ROBERT GRAVES
E RAPHAEL PATAI

O LIVRO DO GÊNESE

MITOLOGIA HEBRAICA

XENON

título original

Hebrew Myths: The Book of Genesis

copyright©

The Executors of the Estate of Robert Graves e
Dr. Raphael Patai, 1963, 1964

copyright© desta edição

Xenon Editora e Produtora Cultural Ltda., 1994

projeto editorial

Mateus Kacowicz

coordenação editorial

Mario Bendetson/Ares

tradução

Eduardo Francisco Alves

revisão técnica

Prof. Alexandre Lissovsky

capa

Victor Burton

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G818m

Graves, Robert, 1895-1985
Mitologia hebraica : o livro do gênese / Robert Graves, Raphael Patai ; tradução Eduardo Francisco Alves. – Rio de Janeiro : Xenon, 1994.

Tradução de: Hebrew myths : the book of genesis
Bibliografia.
Índice
Mapas
ISBN 85-85269-20-0

1. Mitologia judaica. I. Patai, Raphael, 1910- . I. Título.

93-0232

CDD - 296.1
CDU - 296.1

Xenon Editora e Produtora Cultural Ltda.
Rua Sacadura Cabral, 105 — cep 20081-260 — Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax: (021) 233-1612

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema, sem o prévio consentimento expresso dos detentores do copyright.

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

ÍNDICE

	Introdução	7
1	A criação segundo o Gênese	15
2	A criação segundo outros textos bíblicos	22
3	Cosmologia mítica	27
4	Glosas sobre a história da criação	32
5	As primeiras criações	37
6	Descrição dos monstros primevos	39
7	O Reem e o Ziz	46
8	A queda de Lúcifer	49
9	O nascimento de Adão	52
10	As companheiras de Adão	57
11	O Paraíso	62
12	A queda do homem	67
13	A rebelião de Samael	73
14	Os nascimentos de Caim e Abel	76
15	O ato do amor	80
16	O fratricídio	81
17	O nascimento de Set	87
18	Os filhos de Deus e as filhas dos homens	89
19	O nascimento de Noé	96
20	O dilúvio	98
21	A embriaguez de Noé	106
22	A Torre de Babel	111
23	A ancestralidade de Abraão	116
24	O nascimento de Abraão	120
25	Abraão e os ídolos	125
26	Abraão no Egito	128
27	Abraão resgata Lot	131
28	As carcaças partidas	137
29	Ismael	140
30	Abraão em Gerar	145
31	O nascimento de Isaac	147
32	Lot em Sodoma	150

33 Lot em Zoar 154
34 O sacrifício de Isaac 156
35 Abraão e Queturá 162
36 O casamento de Isaac 165
37 Isaac em Gerar 170
38 Os nascimentos de Esaú e Jacob 171
39 A morte de Abraão 174
40 A venda da primogenitura 176
41 A bênção roubada 179
42 Os casamentos de Esaú 183
43 Jacob em Betel 186
44 Os casamentos de Jacob 190
45 O nascimento dos Doze Patriarcas 195
46 O retorno de Jacob a Canaã 201
47 Jacob em Peniel 206
48 A reconciliação de Jacob e Esaú 211
49 O defloramento de Diná 215
50 Rubem e Bilá 221
51 Judá e Tamar 223
52 As mortes de Isaac, Léa e Esaú 227
53 José no poço 229
54 José e Zuleica 233
55 José na prisão 236
56 José torna-se vice-rei 238
57 A fome 242
58 A volta dos irmãos 246
59 Jacob no Egito 249
60 A morte de Jacob 252
61 A morte de José 256

Abreviaturas, Fontes e Bibliografia Comentada 259
Índice Remissivo 271

MAPAS

O mundo do Gênese 108
O mundo de Abraão 118
A Palestina sob os Juízes 218

INTRODUÇÃO

Os mitos são histórias dramáticas que formam uma espécie de escritura sagrada, ou autorizando a continuação de antigos costumes, instituições, ritos e crenças na área em que se encontram em uso, ou aprovando alterações. A palavra "mito" é grega, a mitologia é um conceito grego e o estudo da mitologia se baseia em exemplos gregos. Os literalistas, que negam qualquer conteúdo mítico na Bíblia, de algum modo estão certos. A maior parte dos mitos trata de deuses e deusas que tomam partido nas questões humanas, cada qual favorecendo heróis rivais; enquanto a Bíblia só reconhece um único Deus universal.

Todos os documentos sagrados pré-bíblicos em hebraico ou se perderam ou foram propositalmente eliminados. Entre estes incluíam-se *O Livro das Guerras de Iavé* e o *Livro de Iashar,* narrativas épicas da peregrinação dos israelitas pelo deserto e de sua invasão de Canaã. Vê-se pelos curtos fragmentos citados em *Números* 21:14; *Josué* 10:13 e *Samuel II,* 1:18 que esses livros foram escritos no primeiro estilo poético hebraico. Um terceiro livro, que se diz ter sido compilado em sete partes por ordem de Josué, descrevia Canaã e suas cidades (*Josué* 18:9). O *Livro da História de Adão* (*Gênese* 5:1) sugere uma narrativa detalhada das dez primeiras gerações, de Adão a Noé. *O Livro de Iavé* (*Isaías* 34:16) parece ter sido um bestiário mitológico. Diversos outros livros perdidos e mencionados na Bíblia, tais como os *Atos de Salomão,* o *Livro da Genealogia,* as *Crônicas dos Reis de Judá, Dos Reis de Israel, Dos Filhos de Levi,* deviam conter muitas referências míticas.

São abundantes os documentos sagrados pós-bíblicos. Nos primeiros mil anos após a canonização da Bíblia, os judeus da Europa, da Ásia e da África escreveram de forma prolífica. Foram deles as tentativas de esclarecer a Lei Mosaica; ou os comentários históricos, moralistas, anedóticos e homiléticos sobre passagens da Bíblia. Em ambos os casos os autores utilizaram um grande volume de material mítico, porque o mito sempre serviu como uma validação sucinta de leis, ritos e costumes sociais confusos.

Ora, apesar dos livros canônicos serem encarados como escritos por inspiração divina e, portanto, sendo obrigatório exorcizar de seus conteúdos a menor mácula de politeísmo, os livros apócrifos foram tratados com mais indulgência. Vários mitos que haviam sido eliminados também puderam ressurgir no contexto inquestionavelmente ortodoxo dos *midrashim* (explanações) pós-bíblicos. Por exemplo, no *Êxodo,* lemos que os cavalos, as carroças e os cavaleiros do Faraó perseguiram os Filhos de Israel no meio do mar (*Êxodo* 14:23). De acordo com um *midrash* (*Mechilta diR. Shimon* 51, 54; *Mid. Vaiosha* 52), Deus assumiu a forma de uma égua e atraiu a lascívia dos garanhões egípcios, atirando-os na água. Se a deusa Deméter, com cabeça de égua, fosse descrita afogando as carroças do rei Pêlops no rio Alfeu através de semelhante expediente, isso seria um mito grego aceitável; mas para o pio leitor do *midrash,* não passava de uma metáfora fantasiosa dos extremos a que Deus era capaz de chegar para proteger Seu Povo Eleito.

A própria Bíblia só nos dá rápidos vislumbres de suas riquezas mitológicas perdidas. Freqüentemente a referência é tão comedida que passa despercebida. Poucos, por exemplo, que lêem: "E depois dele foi Shamgar ben Anat que infligiu aos filisteus a perda de seiscentos homens com uma aguilhada, e também salvou Israel" (*Juízes* 3:31), fazem a relação entre a mãe de Shamgar e a sanguinária deusa do amor ugarítica, a donzela Anat, em cuja honra a cidade sacerdotal de Jeremias, Anatot, foi batizada. O mito de Shamgar é irrecuperável, mas ele deve ter herdado a vocação guerreira de sua mãe virgem; e a aguilhada com que abateu os filisteus foi sem dúvida um presente do pai dela, o deus-Touro El.

Não obstante, o *Gênese* ainda abriga os vestígios de algumas narrativas de deusas e deuses antigos — disfarçados de homens, mulheres, anjos, monstros, ou demônios. Eva, descrita no *Gênese* como mulher de Adão, é identificada pelos historiadores como a deusa Heba, mulher de um deus das tempestades hitita, que cavalgava nua no dorso de um leão e, entre os gregos, transformou-se na deusa Hebe, noiva de Heraclés (*ver* 10:10). Um príncipe de Jerusalém, no período de Tel el-Amarna (século XIV a.E.C.) auto-intitulou-se Abdu-Heba — "servo de Eva" (*ver* 27:6). Lilit, a antecessora de Eva, foi totalmente exorcizada da Escritura, apesar de ser relembrada por Isaías habitando ruínas isoladas (*ver* 10:6). De acordo com narrativas encontradas nos *midrashim* sobre sua promiscuidade sexual, ela parece ter sido uma deusa da fertilidade, e surge como Lilake em um texto religioso sumério, *Gilgamesh e o Salgueiro* (*ver* 10:3-6).

Existem referências pré-bíblicas ao anjo Samael, aliás "Satã". Este aparece pela primeira vez na história como o deus protetor de Samal, um pequeno reino hitita-aramaico a leste de Harran (*ver* 13:1). Outro deus desaparecido do mito hebraico é Rahab, o Príncipe do Mar, que desafiou sem sucesso Jeová ("Yahweh", Iavé), o deus de Israel — tal como o deus grego Posêidon desafiou seu irmão, o todo-poderoso Zeus. Jeová, de acordo com Isaías, matou Rahab com uma espada (*ver 6.a*). Uma divindade ugarítica adorada como Baal-Zebub, ou Zebul, em Ekron, foi consultada pelo Rei Acazias (*Reis II*, 1:2 ss.) e séculos mais tarde os galileus acusaram Jesus de transações com este "Príncipe dos Demônios".

Sete divindades planetárias, tiradas da Babilônia e do Egito, são celebradas nos sete braços da Menorá, ou candelabro sagrado (*ver* 1:6). Foram combinadas na forma de uma única divindade transcendental em Jerusalém — como entre os heliopolitas, os biblosianos, os druidas da Gália e os ibéricos de Tortosa. No decorrer dos livros históricos da Bíblia aparecem referências desdenhosas a deuses de tribos inimigas humilhados por Jeová: tais como o Dagon filisteu, o Chemosh moabita e o Milcom amonita. Dagon, como aprendemos no Filo de Biblos, foi uma força planetária. Mas o deus do *Gênese*, nas primeiras passagens, ainda é indiferenciável de qualquer outra pequena divindade tribal (*ver* 28:1).

Os deuses e deusas gregos podiam fazer papéis divertidos ou dramáticos enquanto se ocupavam de suas intrigas em favor de seus heróis preferidos, porque os mitos brotavam em diferentes cidades-estado, que oscilavam entre a amizade e a inimizade. No entanto, entre os hebreus, uma vez que o Reino do Norte fora destruído pelos assírios os mitos se tornaram monolíticos e centrados quase que exclusivamente em Jerusalém.

No mito bíblico, os heróis às vezes representam reis, às vezes dinastias, às vezes tribos. Os doze "filhos" de Jacob, por exemplo, parecem ter sido um dia tribos independentes que se reuniram para formar a *anfictionia*, ou federação, israelita. Seus deuses e populações locais não eram necessariamente da raça aramaica, apesar de governados por um corpo sacerdotal arameu. Somente José pode ser identificado, em parte, com um personagem histórico. Quando se diz que cada um desses "filhos", exceto José, casou-se com uma irmã gêmea (*ver* 45.*f*), isso sugere um sistema de herança de terras através da mãe mesmo sob governo patriarcal. Diná, a única filha de Jacob a nascer sem um gêmeo, é melhor compreendida como uma tribo semimatriarcal, incluída na confederação israelita. A narrativa que nos dá o *Gênese* de sua sedução por Shechem, e a do *midrash* sobre seu subseqüente casamento com Simeão deveriam ser lidas em um sentido político, e não pessoal (*ver* 29:1-3).

Outras sugestões de uma antiga cultura matriarcal ocorrem no *Gênese*, tais como o direito da mãe de dar o nome de seus filhos, ainda exercido entre os árabes, e o matrimônio matrilocal: "e portanto o homem deixará pai e mãe e se apegará à esposa" (*Gênese* 2:24). Este costume palestino é demonstrado pela narrativa em *Juízes* do casamento de Sansão com Dalila e explica por que Abraão, o patriarca arameu que entrou na Palestina com as hordas dos hicsos no início do segundo milênio a.E.C., ordenou a seu servo Eliézer que buscasse uma noiva para Isaac em meio à sua própria parentela patrilocal de Harran — em vez de permitir que ele se casasse com uma mulher cananéia, para ser adotado pelo clã da esposa (*ver* 36:1). Abraão já havia expulsado os filhos que tivera com suas concubinas, para que não partilhassem a herança de Isaac (*ver* 35.*b*). O casamento matrilocal é a regra no primeiro mito grego, também: um mitógrafo registra que o primeiro a desafiar esta tradição foi Ulisses, que tirou Penélope de Esparta, levando-a para Ítaca; e que esta voltou para Esparta após terem se divorciado.

O poder das deusas na monarquia judaica pode ser inferido da denúncia que fez Jeremias de seus correligionários, os quais atribuíam a queda da Judéia ao abandono da fé em Anat, e clamavam: "Voltemos a adorar a Rainha dos Céus, como fizeram nossos pais antes de nós!"

Todo governante que reforma instituições nacionais ou que, como o Rei Josias, tem de se curvar a reformas que lhe são impostas deve escrever um codicilo à velha escritura religiosa ou produzir uma nova; e isto envolve a manipulação ou reelaboração completa de mitos. Ficou claro que se a Judéia — um pequeno estado-tampão entre o Egito e a Assíria — quisesse conservar a sua independência política, teria de inculcar uma disciplina religiosa mais forte e treinar o povo no manejo das armas. Até então a maior parte dos israelitas havia abraçado o complacente culto cananeu, no qual as deusas desempenhavam o papel principal, tendo os reis como seus consortes. Isto, apesar de muito conveniente em tempos de paz, não tinha como dar força aos judeus para resistir aos exércitos invasores do Egito e da Assíria. Uma minoria israelita, pequena e firme, era liderada pela Corporação dos Profetas, os quais faziam questão de se vestir como pastores ou boiadeiros, em honra de seu Deus pastoral. Esses profetas entendiam que a única esperança de independência nacional para Israel residia no monoteísmo autoritário, e pregavam incessantemente contra a adoração de deusas nas grutas sagradas cananéias. O livro do *Deuteronômio*, publicado no reinado de Josias, proscreve inúmeros ritos

cananeus, entre eles a prostituição ritual, a sodomia ritual e todas as formas de idolatria. A subseqüente transferência da coroa davídica converteu todos os exilados babilônios a esse ponto de vista. Quando Zerubabel reconstruiu o templo de Jeová, Este já não tinha mais concorrentes. Baal, Astartéia, Anat e todas as outras antigas divindades cananéias estavam mortas, no que dizia respeito aos habitantes da Judéia que retornavam do cativeiro. O *Gênese,* que tem ligações bem mais estreitas com textos mitológicos gregos, fenícios, hititas, ugaríticos, sumérios e outros do que a maior parte dos judeus e cristãos devotos gostariam de admitir, foi conseqüentemente montado e remontado possivelmente a partir do século VI a.E.C., com propósitos moralistas. O mito de Cam foi um dia idêntico ao da conspiração contra o despudorado rei Cronos, empreendida por seus filhos Zeus, Posêidon e Hades: Zeus, o caçula, foi o único que ousou castrá-lo e, como resultado, tornou-se Senhor do Olimpo. Mas a castração de Noé por Cam (ou Canaã) foi suprimida do *Gênese* imediatamente antes do versículo: "Noé despertou de sua embriaguez e viu o que seu filho caçula lhe havia feito." A versão revista, uma lição de moralidade sobre o respeito filial, sentencia Cam à servidão perpétua de seus irmãos mais velhos, pelo reles crime de ter testemunhado acidentalmente a nudez de seu pai (*ver* 21:1-4).

Mesmo assim, os editores do texto bíblico foram descuidados e não chegaram a suprimir todas as menções favoráveis até mesmo ao sacrifício humano (*ver* 47:11) e à adoração idólatra dos terafins (*ver* 46:2). Os tabernáculos, festas cananéias das vindimas, não puderam ser suprimidos, mas apenas expurgados do seu caráter de abandono sexual e convertidos na adoração jubilosa de um Deus Supremo, ao serem associados com o uso israelita de tendas no deserto; ainda assim, a frivolidade das devotas continuou a perturbar os sábios fariseus. A festa cananéia do pão ázimo foi igualmente convertida em uma comemoração do êxodo de Israel do Egito.

Um importante tema do mito grego é a gradual redução das mulheres de seres sagrados a seres subservientes. Da mesma forma, Jeová pune Eva por ter causado a "queda do homem". Para disfarçar ainda mais a divindade original de Eva — seu título de "Mãe de Todos os Viventes" sobrevive no *Gênese* — os mitógrafos a representaram como tendo sido formada de uma costela de Adão, historieta ao que tudo indica baseada na palavra *tsela,* que significa tanto "costela" quanto "tropeção". Mitógrafos posteriores ainda insistiam em que ela tinha sido formada da cauda peluda de Adão... (*ver* 10:9). Os gregos, também, tornaram a mulher responsável pelo destino infeliz do homem, ao adotarem a fábula de Hesíodo a respeito da caixa de Pandora, da qual a insensata mulher de um Titã soltou os malefícios combinados da doença, da velhice e do vício. "Pandora" — "todos os dons" —, observe-se, já fora um dos títulos da Creatrix.

Os mitos gregos são responsáveis por maldições e tabus ainda em vigor passados mil anos; e o Inferno Grego continha casos exemplares de criminosos punidos, como Tântalo, por comer alimento proibido; como as Danaides, pelo assassinato dos esposos; como Peiritos, pela tentativa de sedução de uma deusa. Mesmo assim, os gregos jamais glosaram seus mitos com comentários pietistas: tais como o de que a tentativa de sacrifício de Isaac por Abraão ocorreu

no primeiro dia de Tishrei, quando todo Israel sopra um chifre de carneiro para lembrar a Deus a piedade de Abraão e implorar o perdão de seus próprios pecados. Ou o de que o bode expiatório da Festa da Expiação comemora a trapaça dos Patriarcas contra Jacob, aspergindo a túnica de mangas longas de José (ou "túnica de muitas cores") com o sangue de um cabrito (*ver* 53:3). Apesar do mito de Isaac encontrar um paralelo na narrativa grega da tentativa de Atamante de sacrificar seu filho Frixo a Zeus — um sacrifício interrompido pela chegada de Heraclés e pela aparição divina de um carneiro —, esta ocasião só é lembrada porque o carneiro forneceu o Velocino de Ouro, em busca do qual Jasão mais tarde se fez ao mar com os Argonautas. O *Gênese* o apresenta como o episódio crucial da história hebraica (*ver* 34:9).

Nem os mitos gregos foram usados como textos para sermões políticos. As narrativas dos maus-tratos de Esaú nas mãos de Jacob foi mais tarde "acertada" por uma profecia de que ele um dia arrancaria do pescoço o jugo de Jacob — um acréscimo com a clara intenção de justificar uma revolta edomita contra a Judéia no reinado de Joram (*ver* 40:3). Esse texto ganhou um novo significado quando os invasores romanos coroaram Herodes, o Cruel, um edomita, rei dos judeus: Edom então tornou-se um sinônimo de "Roma" e os fariseus aconselharam os judeus a não se erguerem em rebelião armada e sim expiarem os maus-tratos que seu ancestral infligiu a Esaú, com paciência e resignação (*ver* 40:4). Atribuía-se aos heróis israelitas uma completa presciência histórica, incluindo um conhecimento antecipado da Lei Mosaica; e, nas Escrituras, quem quer que realize qualquer ato solene está determinando tacitamente o destino de seus descendentes por toda a eternidade. Assim, quando Jacob, indo ao encontro de Esaú, divide seus servos e seu gado em três grupos, enviando presentes com cada grupo a intervalos, está avisando a seus descendentes que devem sempre se precaver com prudência contra o pior. De acordo com o *midrash,* Jacob orou: "Senhor, quando caírem aflições sobre meus filhos, rogo-Vos que deixeis um intervalo entre elas, tal como fiz eu!" (*ver* 47:2). E o apócrifo *Testamento dos Doze Patriarcas* atribui a esses patriarcas um conhecimento preciso da história posterior.

O mito de Jacob ilustra uma outra diferença entre as atitudes religiosas dos gregos e dos hebreus. Jacob rouba os rebanhos do parente, alterando-lhes a cor; o herói grego Autólico faz a mesma coisa; e esses dois mitos aparentemente têm a mesma fonte palestina. Autólico não passa de um ladrão esperto; mas uma vez que Jacob, rebatizado Israel, viria a se tornar o santo ancestral de todos os judeus, sua fraude foi justificada pelo argumento de que Labão o havia enganado duas vezes. E, em vez de usar uma mágica vulgar, como fez Autólico, em animais que já eram propriedade de outros, Jacob condiciona-lhes a cor e estabelece sua propriedade desses animais por meio de um uso estudado de influências pré-natais — sendo a lição a de que os judeus só podem se defender contra os opressores por meios legítimos (*ver* 46:1).

Não se tiravam conclusões morais dos heróis gregos, a não ser um aviso contra os caprichos da fortuna. Enquanto a destruição de Tróia só trouxe azar para os líderes gregos importantes, e enquanto guerreiros famosos de uma geração anterior, tais como Teseu e Belerofonte, foram condenados a morrer miseravelmente, vítimas da nêmesis divina, por sua parte, Abraão, Isaac, Jacob e José morreram em paz na velhice, reunindo-se com honra a seus

ancestrais. Este contraste se torna mais agudo quando recordamos que a história de José e Zuleica, mulher de Potifar, é idêntica à de Belerofonte e sua madrasta Antéia (*ver* 54:1). Importantes profetas hebreus foram igualmente abençoados: Enoque e Elias ascenderam diretamente ao Céu; mas o vidente grego Tirésias previu a desgraça de Tebas e morreu numa fuga ignóbil. E apesar de Moisés, que resgatou seu povo da esfinge egípcia — ou seja, o poder do Faraó — ter sido obrigado a expiar um erro pessoal no Monte Pisgá, foi pranteado com honras por todo Israel e enterrado como Deus em pessoa; enquanto que Édipo, que salvou o seu povo da esfinge tebana, e teve um nascimento muito semelhante ao de Moisés, morreu em deplorável exílio, perseguido pelas Fúrias do Direito Materno.

A principal diferença entre os mitos gregos e hebraicos — à parte este contraste gritante quanto à recompensa da virtude — é que os gregos eram régios e aristocratas: o que explica certas instituições religiosas em cidades-estado em particular, presididas por sacerdotes que alegavam descender dos deuses ou heróis envolvidos. Somente o herói, ou seus descendentes, podia ter a esperança de uma existência agradável no além, nas Ilhas Felizes dos Campos Elísios. As almas dos escravos e dos estrangeiros, apesar de vidas exemplares, estavam sentenciadas ao lúgubre Tártaro, onde vagavam pelo ar às cegas, guinchando feito morcegos. Entre os judeus da sinagoga, ao contrário, todos os que obedeciam à Lei Mosaica, independente de nascimento ou condição, conquistavam o direito a um Reino Celestial que se ergueria das cinzas de nosso mundo presente. Os gregos nunca deram um passo tão democrático: apesar de excluir dos Mistérios (que garantiam o Paraíso aos iniciados) todas as pessoas com antecedentes criminosos, ainda restringiam a entrada a nascidos livres.

Os mitos gregos funcionam como cartas-patentes para certos clãs — descendentes de Perseu, Pêlops, Cadmo, ou de quem quer que seja — dando-lhes o direito de governar certos territórios enquanto conseguissem aplacar os deuses locais com sacrifícios, danças e procissões. A realização anual desses ritos garantia-lhes a autoridade. Os mitos hebraicos são principalmente cartas-patentes nacionais: o mito de Abraão para a posse de Canaã e o direito ao casamento patrilocal; o mito de Jacob para a condição de Israel como povo eleito; o mito de Cam para a propriedade de escravos cananeus. Outros mitos sustentam a santidade suprema do Monte Sion sobre os santuários rivais de Hebron e Siquém (*ver* 27:6 e 43:2). Alguns outros, posteriores, são escritos para resolver sérios problemas teológicos: tais como a origem do mal no homem, cujo ancestral, Adão, foi feito por Deus à Sua própria imagem e animado por Seu próprio espírito. Adão errou pela ignorância, Caim pecou deliberadamente e um mito tardio, em conseqüência, faz dele um bastardo gerado por Satã em Eva (*ver* 14.*a*).

Nos mitos gregos, o elemento tempo, ocasionalmente, é desprezado. Assim, dizia-se da rainha Helena — que manteve a beleza no decorrer dos dez anos do cerco de Tróia, e por mais dez anos depois disso — que ela tinha dado ao rei Teseu uma filha, uma geração antes desse cerco ter começado. Não obstante, as duas histórias não são narradas pelo mesmo autor, e os estudiosos da cultura grega podiam assumir ou que existiram duas Helenas ou que um dos mitógrafos errou. Nos mitos bíblicos, no entanto, Sara permanece irresistivelmente bela após ter completado seu nonagésimo aniversário, concebe, dá à luz Isaac, e amamenta esse filho,

bem como os filhos de todas as suas vizinhas. Os Patriarcas, os heróis e os primeiros reis vivem até quase mil anos. O gigante Og sobrevive ao dilúvio de Noé, ainda está vivo quando Abraão morre, e é finalmente destruído por Moisés. O tempo é condensado. Adão vê todas as gerações futuras da humanidade pendendo de seu corpo gigantesco; Isaac estuda a Lei Mosaica (revelada dez gerações mais tarde) na Academia de Shem, que viveu dez gerações antes dele. Na verdade, o herói do mito hebraico é não apenas profundamente influenciado pelas ações, palavras e pensamentos de seus antecessores e consciente de sua própria influência profunda sobre o destino de seus descendentes; ele é igualmente influenciado pelo comportamento de seus descendentes e influencia o de seus ancestrais. Dessa forma, o Rei Jeroboão erigiu um bezerro de ouro em Dan, e este ato pecaminoso comprometeu a força de Abraão, quando este combateu seus inimigos na mesma região, mil anos antes.

Os rabinos ainda estavam expandindo de forma fantasiosa histórias do *Gênese* durante a Idade Média: respostas a perguntas feitas por alunos inteligentes, tais como — "Como a Arca era iluminada? Como os animais eram alimentados? Havia uma Fênix a bordo?" (*ver* 20.*i-j*).

Os mitos gregos não mostram qualquer percepção de um destino nacional, e nem os mitos romanos, até este detalhe ser fornecido pelos talentosos propagandistas de Augusto — Virgílio, Lívio e os demais. O professor Hadas, da Universidade de Colúmbia, destacou correspondências estreitas entre a *Eneida* e o *Êxodo* — o êxodo de refugiados guiados por mão divina até uma Terra Prometida — e conclui que Virgílio bebeu na fonte judaica. É possível, também, que as historietas morais de Lívio sobre a Roma antiga, cujo tom é bem pouco mítico, tenham sido influenciadas pela sinagoga. É claro que a moral romana era totalmente diferente da judaica: Lívio colocava o auto-sacrifício valoroso acima da verdade e da piedade e os ignóbeis Olímpicos permaneceram como deuses oficiais de Roma. Foi só quando os mitos hebraicos, tomados pelos cristãos, deram a meros vassalos um igual direito à salvação que os Olímpicos foram finalmente banidos. É verdade que alguns deles voltaram ao poder, disfarçados de santos, e perpetuaram seus ritos sob a forma de festivais da Igreja; ainda assim, o princípio aristocrático havia sido derrubado. É também verdade que os mitos gregos ainda são estudados, porque a Igreja assumiu escolas e universidades que faziam dos clássicos leitura obrigatória; e os nomes de constelações, ilustrando esses mitos, estavam muito fortemente estabelecidos para serem mudados. Não obstante, o mito hebraico, patriarcal e monoteísta, havia estabelecido firmemente os princípios éticos da vida ocidental.

Nosso trabalho conjunto foi muito feliz. Apesar do mais velho de nós dois ter sido criado sob rígido protestantismo e o mais jovem sob rígido judaísmo, em nenhum momento discordamos a respeito de qualquer questão factual ou avaliação histórica; e um acatou o conhecimento do outro em diferentes campos. Um problema importante foi a quantidade de referências eruditas que poderia ser incluída sem aborrecer o leitor inteligente. Este livro podia facilmente ter tido o dobro de seu tamanho atual com a inclusão de material pseudomítico tardio que rivaliza em monotonia até mesmo com as *Guerras dos Filhos da Luz e dos Filhos da Escuridão*, que se encontram entre os Manuscritos do Mar Morto; e com a

citação de comentários eruditos de pequenos pontos polêmicos. Devemos gratidão a Avraham Berger e Francis Paar, da Biblioteca Pública de Nova York, por sua orientação bibliográfica, e a Kenneth Gay, por sua ajuda na preparação do livro para impressão. Apesar da dupla autoria, *Mitologia Hebraica* pode ser considerado como obra companheira de *The Greek Myths* (*Os Mitos Gregos*, de Graves), uma vez que seu material foi organizado de forma semelhante.

R.G.

R.P.

1

A CRIAÇÃO SEGUNDO O GÊNESE

(a) Quando Deus se dispôs a criar o Céu e a Terra, só encontrou à Sua volta Tohu e Bohu, a saber, o Caos e o Vazio. A face do Abismo, sobre a qual Seu Espírito pairava, estava envolta na escuridão.

No primeiro dia da Criação, portanto, disse Ele: "Faça-se a luz!", e a luz surgiu.

No segundo dia, criou Ele um firmamento para dividir as Águas Superiores das Águas Inferiores, e o chamou de Céu.

No terceiro dia, reuniu ele as Águas Inferiores em um só lugar, permitindo que emergisse a terra seca. Após chamar a terra seca de "Terra", e as águas reunidas de "Mar", disse Ele à Terra que produzisse relva, plantas e árvores.

No quarto dia, criou Ele o sol, a lua e as estrelas.

No quinto dia, os animais marinhos, os peixes e os pássaros.

No sexto dia, os animais terrestres, os seres rastejantes e a espécie humana.

No sétimo dia, satisfeito com Sua obra, Ele descansou.[1]

(b) Mas dizem alguns que, após ter criado o Céu e a Terra, Deus enviou uma névoa para umedecer a terra seca, a fim de que a relva e as plantas pudessem brotar. Em seguida, fez Ele um jardim no Éden e também um homem chamado Adão, para guardá-lo, e nele plantou árvores. Criou então todos os animais, pássaros, seres rastejantes; e, finalmente, a mulher.[2]

1. *Gênese* 1:1-2:3.
2. *Gênese* 2:4-23.

1. Durante muitos séculos, teólogos judeus e cristãos concordaram em que as narrativas da origem do mundo fornecidas no *Gênese* eram não apenas inspiradas por Deus, como nada deviam a quaisquer outras escrituras. Este ponto de vista extremo já foi abandonado por todos, exceto os fundamentalistas. Desde 1876, várias versões das Epopéias da Criação acadianas (isto é, babilônias e assírias) foram desenterradas e publicadas. A mais longa destas, conhecida como *Enuma Elish* devido a suas duas palavras iniciais — que significam "quando no alto" —, teria sido escrita, segundo se assume, na primeira parte do segundo milênio a.E.C. Sobreviveu quase que completa em sete tábuas cuneiformes, contendo cada uma a média de 156 linhas. A descoberta não surpreendeu de todo os eruditos familiarizados com o sumário de Berossus sobre os mitos da Criação, citado pelo bispo Eusébio da Cesaréia; pois Berossus, nascido no século IV a.E.C., foi sacerdote de Bel na Babilônia.

2. Uma outra versão da mesma epopéia, escrita tanto em língua babilônica quanto suméria, como prólogo a uma fórmula cabalística para purificação de um templo, foi descoberta em Sipar em uma tábua datada do século VI a.E.C. Nela se lê, em parte, o seguinte:

A santa casa, a casa dos deuses, em um lugar sagrado ainda não havia sido feita;
Nenhum junco havia brotado, nenhuma árvore havia sido criada;
Nenhum tijolo havia sido assentado, nenhuma construção havia sido erigida;
Nenhuma casa havia sido construída, nenhuma cidade havia sido erguida;
Nenhuma cidade havia sido feita, nenhuma criatura havia recebido a vida;
Nipur não havia sido feita, Ekur não havia sido construída;
Erec não havia sido feita, Eana não havia sido construída;
O Abismo não havia sido feito, Eridu não havia sido construída;
Da santa casa, a casa dos deuses, a habitação não havia sido feita;
Toda terra era mar.

E então houve um movimento no meio do mar;
Nessa ocasião Eridu foi feita, e Essagil foi construída,
Essagil, onde, no meio do abismo reside o deus Lugal-du-kuda;
A cidade de Babilônia foi construída e Essagil foi concluída.

Os deuses, os espíritos da terra, Marduk, feitos ao mesmo tempo,
A cidade santa, a residência por que seus corações ansiavam, proclamaram suprema.

Marduk deitou um junco na superfície das águas,
Formou pó e o espalhou ao lado do junco;
Para que pudesse proporcionar aos deuses habitar na residência por que seus corações ansiavam,
Formou ele a humanidade.

Com ele a deusa Aruru criou a semente da humanidade.
Os animais do campo e as coisas vivas do campo ele formou.
O Tigre e o Eufrates ele criou e os assentou no lugar;
E seus nomes proclamou solenemente.
A relva, a cana do brejo, o junco e a floresta ele criou,
A relva verde do campo ele criou,
As terras, os brejos e os pântanos;
A vaca brava e sua cria, o bezerro bravo, a ovelha e sua cria, o cordeiro do rebanho.
Pomares e florestas;
O bode e a cabra da montanha...

O Senhor Marduk construiu uma represa junto ao mar.

Juncos ele formou, árvores ele criou;
Tijolos ele assentou, construções ele erigiu;
Casas ele fez, cidades ele construiu;
Cidades ele fez, a criaturas deu vida.
Nipur ele fez, Ekur ele construiu.
Erec ele fez, Eana ele construiu.

3. A mais longa Epopéia da Criação começa narrando como, "quando nas alturas o Céu ainda

não tinha nome", Apsu, o Procriador, e a Mãe Tiamat se enlaçaram caoticamente e produziram uma geração de monstros semelhantes a dragões. Várias eras se passaram até surgir uma nova geração de deuses. Um desses, Ea, deus da Sabedoria, desafiou e matou Apsu. Tiamat, então, desposou seu próprio filho Kingu, dele gerou monstros e preparou-se para vingar-se de Ea.

O único deus que então ousou se opor a Tiamat foi o filho de Ea, Marduk. Os aliados de Tiamat eram seus onze monstros. Marduk contava com os sete ventos, seu arco e flecha e sua carruagem de tempestade, além de uma terrível cota de malhas. Esfregara uma pasta vermelha profilática nos lábios e amarrara no pulso uma planta que o tornava imune ao veneno. Sua cabeça era coroada de chamas. Antes de combaterem, Tiamat e Marduk trocaram insultos, pragas e bruxarias. Quando enfim se defrontaram, Marduk logo prendeu Tiamat em sua rede, lançou um de seus ventos dentro da barriga dela para rasgar-lhe as entranhas, e em seguida rebentou-lhe os miolos e cravou-a de flechas. Amarrou o corpo com correntes e pisou vitorioso sobre ele. Tendo acorrentado os onze monstros, lançando-os na prisão — onde se tornaram deuses do submundo — arrancou as "Tábuas do Destino" do peito de Kingu e, prendendo-as sobre o próprio peito, rasgou Tiamat ao meio, como uma concha do mar. Uma das metades ele usou como firmamento, para impedir que as águas superiores inundassem a terra; e a outra como base rochosa para a terra e o mar. Também criou o sol, a lua, os cinco planetas menores e as constelações, colocando-os sob o domínio dos de sua raça; e finalmente criou o homem a partir do sangue de Kingu, a quem havia condenado à morte como instigador da rebelião de Tiamat.

4. Narrativa bastante semelhante é encontrada no sumário de Berossus, apesar de ser Bel, e não Marduk, o herói divino. No mito grego correspondente, talvez de origem hitita, a Mãe Terra criou o gigante Tífon, a cujo advento todos os deuses fugiram para o Egito até que Zeus audaciosamente o matou, e à sua monstruosa irmã Delfina, com um raio.

5. A primeira narrativa da Criação (*Gênese* 1:1-2:3) foi composta em Jerusalém, logo após o retorno do exílio da Babilônia. Deus é nela chamado de "Elohim". A segunda narrativa (*Gênese* 2:4-22) também é judaica, possivelmente de origem edomita, e pré-Exílio. Nela Deus chamava-se originalmente "Iavé", mas o sacerdote que organizou o texto fez uma alteração para "Iavé Elohim" (habitualmente traduzido como "o Senhor Deus"), identificando assim o Deus do *Gênese* 1 com o do *Gênese* 2, e dando às versões uma aparência de uniformidade. Não obstante, não eliminou certos detalhes contraditórios na ordem da criação, como se pode ver nas duas listas que se seguem:

Gênese 1	*Gênese* 2
Céu	Terra
Terra	Céu
Luz	Névoa
Firmamento	Homem
Terra Seca	Árvores
Árvores e Relva	Rios
Luminárias	Animais e Gado
Animais Marinhos	Aves
Aves	Mulher
Gado, Seres Rastejantes, Animais	
Homem e Mulher	

Os judeus e os cristãos sempre se mostraram perplexos com estas contradições e tentaram meios de explicá-las. O esquema de sete dias da primeira narrativa fornece o mandato mítico para a observância do Shabat pelo homem; uma vez que Deus, que descansou no sétimo dia, abençoou-o e santificou-o. Isso é expressamente destacado em uma versão dos Dez Mandamentos (*Êxodo* 20:8-11). Alguns comentaristas rabínicos antigos observam que os principais elementos foram criados nos três primeiros dias; e preenchidos nos três dias seguintes; e que é possível perceber uma estreita simetria entre o primeiro e o quarto dia, o segundo e o quinto, e o terceiro e o sexto.

Primeiro Dia
Criação da luz e sua separação da escuridão.

Segundo Dia
Criação do céu e separação das águas superiores das inferiores.

Terceiro Dia
Criação da terra seca e estabelecimento de suas plantas e árvores imóveis.

Quarto Dia
Criação dos luzeiros — o sol, a lua e as estrelas — para separar o dia da noite e as estações umas das outras.

Quinto Dia
Criação das aves que voam pelos céus e dos peixes que nadam pelas águas inferiores.

Sexto Dia
Criação dos animais, do homem e dos seres rastejantes que caminham sobre a terra seca.

6. Este esquema, e outros como ele, são uma prova do desejo dos rabinos de atribuir a Deus um pensamento sistemático. Todo esse esforço, no entanto, não teria sido necessário se lhes tivesse ocorrido que a ordem da Criação estava ligada à ordem dos deuses planetários na semana babilônica e, portanto, aos sete braços da Menorá, ou Candelabro Sagrado — tanto Zacarias em sua visão (4:10) quanto Josefo (*Guerras* V, 5:5) fazem esta identificação da Menorá com os Sete Planetas — e que Deus reivindicava para Si todas essas forças planetárias. Uma vez que Nergal, um deus pastoral, era o terceiro da semana, enquanto que Nabu, deus da astronomia, era o quarto, as pastagens tiveram precedência sobre as estrelas na ordem da Criação. A *Enuma Elish* tem a seguinte ordem: separação do céu da terra e do mar; criação dos planetas e das estrelas; criação das árvores e das plantas; criação dos animais e dos peixes (mas a quinta e a sexta tábuas são apenas fragmentos); formação do homem por Marduk, a partir do sangue de Kingu.

7. A segunda narrativa da Criação é mais vaga do que a primeira, revela menos sobre o universo anterior à Criação e não tem qualquer estrutura comparável à de *Gênese* 1. Na verdade, ela implica que a obra da Criação ocupou um único dia. O relato de abertura relembra diversas cosmogonias do Oriente Próximo, ao descrever o Universo anterior à Criação em termos das coisas variadas que até então não existiam. Árvores e arbustos ainda não se encontravam na terra, relva e plantas ainda não haviam brotado, porque Deus ainda não havia mandado chuva, e ainda não havia

homem para cultivar o solo (*Gênese* 2:5). Então veio o grande dia em que Deus criou as gerações do céu e da terra (*Gênese* 2:4a): ergueu-se do solo uma névoa (presume-se que por Sua ordem), e regou-o. O solo (*adamá*) estava agora em condição para que o homem (*adam*) fosse dele formado. Deus então, devidamente, soprou a vida nas narinas do homem e deu-lhe uma alma vivente. Em seguida Ele plantou um jardim, a leste do Éden, e ordenou ao homem que o preparasse e dele cuidasse (*Gênese* 2:6-9, 15).

8. O *Gênese* 1 assemelha-se às cosmogonias babilônicas que principiam com o surgimento da terra de um caos aquoso, primevo, e são todas metafóricas a respeito de como terra seca emerge anualmente das inundações invernais do Tigre e do Eufrates. A Criação é portanto representada como o primeiro florescimento do mundo, após o caos aquoso primevo: uma primavera, ocasião em que as aves e os animais acasalam. O *Gênese* 2, no entanto, reflete as condições geográficas e climáticas de Canaã. O universo anterior à Criação é batido pelo sol, crestado e estéril, como se fosse o resultado de um longo verão. Quando finalmente o outono se aproxima, o primeiro sinal de chuva é uma névoa matinal que se ergue, densa e branca, dos vales. A Criação conforme retratada em *Gênese* 2:4 ss. ocorreu precisamente num dia de outono como esse. A versão babilônica, que fez da primavera a estação da Criação, foi adotada durante o Cativeiro, e o dia primeiro de Nissan tornou-se o dia do Ano-Novo judaico. A versão outonal, mais antiga, no entanto, determinava que o primeiro dia de Tishrei fosse observado como o verdadeiro dia de Ano-Novo.

9. A partir do primeiro século E.C., escolas judaicas rivais adotaram pontos de vista irreconciliáveis quanto à estação da Criação. Filo de Alexandria sustentava, com os estóicos gregos, que o universo fora criado na primavera, no que foi seguido pelo rabino Iehoshua e outros. Mas o rabino Eliézer preferia a Criação outonal, e seu ponto de vista tornou-se o predominante entre os ortodoxos; ficou decidido que o dia primeiro de Tishrei fora o dia de Ano-Novo de Deus. Outros, apesar de concordarem com a Criação outonal, sustentavam que o Ano-Novo de Deus caía no dia 25 de Elul, e que o primeiro de Tishrei, cinco dias mais tarde, comemorava o nascimento de Adão.

10. Sendo a criação originalmente compreendida em termos de procriação, e não de fabricação, sua figura central era uma matriarca. Assim, no mito grego, Eurinome, Deusa de Todas as Coisas, ergueu-se nua do Caos, dividiu o Céu do Mar, dançou sobre as ondas, açulou o vento, foi emprenhada por este sob a forma de uma grande serpente chamada Ofion, ou Ofioneu, e botou o Ovo do Mundo. Uma história semelhante é contada nos *Fragmentos Órficos* 60, 61, 70 e 89: a Noite, a Criadora, bota um ovo de prata, do qual eclode o Amor, para pôr o Universo em movimento. A Noite vive em uma caverna, apresentando-se como uma tríade formada por Noite, Ordem e Justiça.

11. A maioria dos mitos do Oriente Próximo, no entanto, provém de uma época em que pelo menos parte das prerrogativas divinas da matriarca havia sido delegada ao seu consorte guerreiro. Este estágio se reflete na narrativa do *Enuma Elish* sobre como o universo provém de uma união entre Apsu, o Procriador, e Mãe Tiamat; e na narrativa de Berossus sobre a Criação — resumida por Alexandre Polihistor — na qual, após a vitória de El sobre Tiamat, a deusa Aruru formou o homem a partir do sangue do próprio El misturado com argila.

12. O filósofo sírio Damáscio (início do século VI E.C.) resume uma versão primitiva do mito da *Enuma Elish,* que tem paralelo na união da deusa do Céu egípcia Nut com o deus da Terra

Geb; e na união do deus grego do Céu, Urano, com a deusa da Terra, Gaia. Damáscio menciona Tiamat antes de Apsu, e confere igual precedência à fêmea de cada casal divino que relaciona.

13. Não fosse pelo paralelismo Tehom-Tiamat, não poderíamos nunca imaginar que Tehom representa a formidável deusa-Mãe babilônia que gerou os deuses, sofreu a rebelião deles e finalmente entregou o próprio corpo para que servisse de material na construção do Universo. Nem mesmo o gênero feminino do nome hebraico "Tehom" pode ser lido de forma significativa neste sentido, uma vez que em hebraico todos os nomes devem ser ou masculinos ou femininos, e muitos termos cósmicos são femininos, mesmo quando lhes falta o sufixo feminino *á*, ou então de gênero ambivalente.

14. No entanto, as deusas eram bem conhecidas para os hebreus dos tempos bíblicos, que prestavam culto nos bosques da deusa Asherá (*Juízes* 3:7; 6:25-26, 30; *Reis I*, 16:33; 18:19), e prostravam-se diante de suas imagens (*Reis II*, 21:7; *Crônicas II*, 17:6, etc.). Também prestavam honras a Astartéia, a deusa dos fenícios e filisteus (*Juízes* 2:13; 10:6; *Samuel I*, 31:10; *Reis I*, 11:5, 33; *Reis II*, 23:13, etc.). Não muito antes da destruição do reino judaico por Nabucodonosor (586 a.E.C.), as mulheres judias ofereciam-lhe doces como a Rainha dos Céus (*Jeremias* 7:18): também conhecida como Anat, cujo nome sobrevive na Bíblia como o da mãe de Shamgar (*Juízes* 3:31; 5:6) e da cidade sacerdotal de Anatot, a terra de Jeremias, hoje Anata, ao norte de Jerusalém. Era tão cara aos judeus de ambos os sexos, que aqueles que escaparam do Egito prestaram o voto de servi-la com libações e doces feitos à sua imagem (*Jeremias* 44:15-19).

15. Apesar de Astartéia e Asherá serem adoradas por todas as classes até o final da monarquia judaica, não se encontra na Bíblia qualquer traço de suas relações com El ou Elohim — a não ser que em *Ezequiel* 23, o repúdio de Deus às depravadas Aolá e Aolibá se dirija contra essas deusas, e não contra Jerusalém e Samaria, principais sedes de seus cultos. Nem há tampouco qualquer tradição hebraica atribuindo a qualquer uma dessas deusas o papel de Creatrix. Ainda assim, a pomba de Astartéia sugere que ela um dia já foi assim encarada.

16. O editor de texto da cosmogonia de *Gênese* 1 e 2, sendo monoteísta, não poderia atribuir qualquer participação na Criação senão a Deus e, portanto, omitiu todos os elementos ou seres preexistentes que podiam ser tomados por divinos. Abstrações tais como Caos (*tohu va-bohu*), Trevas (*choshech*) e o Abismo (*tehom*), no entanto, não seriam tentação para os crentes: por isso, elas tomaram o lugar das antigas divindades matriarcais.

17. Apesar do conceito revolucionário de um Deus eterno, absoluto, onipotente e único ter sido proposto pela primeira vez por Akenaton (*ver* 56:1-4), e ou adotado pelos hebreus, a quem ele parece ter protegido, ou reinventado por eles, ainda assim o nome "Elohim" (habitualmente traduzido por "Deus") encontrado em *Gênese* 1 é a variante hebraica de um antigo nome semita para um deus de muitos nomes — Ilu entre os assírios e babilônios; El entre os hititas e nos textos ugaríticos; Il, ou Ilum, entre os árabes do Sul. El é o cabeça do panteão fenício e costuma ser mencionado nos poemas ugaríticos (datando do século XIV a.E.C.) como o "Touro El", o que traz à memória os bezerros de ouro feitos por Arão (*Êxodo* 32:1-6, 24, 35) e Jeroboão (*Reis I*, 12:28-29) como emblemas de Deus; e a representação de Deus feita por Zedequias como um touro com chifres de ferro (*Reis I*, 22:11).

18. Em *Gênese* 2, o nome "Elohim" é associado a um segundo nome divino, pronunciado *Yahweh, Iavé* (habitualmente transcrito como *Jeová*, e traduzido como "Senhor") e encarado como uma abreviação do nome completo *Yahweh asher yihweh*, "Eu sou o que sou" (*Êxodo* 3:14).

Em nomes de pessoas essa forma era ainda mais abreviada, para *Ieho* (p. ex., *Iehonatan*, ou "Jônatas"), ou *Io* (p. ex., *Ionatan* ou "Jônatas"); ou *Iahu* (p. ex., *Yirm'iahu*, ou "Jeremias"); ou *Yah* (p. ex., *Ahiá*). O fato de *Iavé* ter recebido no *Gênese* o sobrenome divino de *Elohim* é uma demonstração de que ele se tornou um Deus transcendental, que recebeu o crédito de todas as grandes realizações da Criação.

Os títulos e atributos de muitas outras divindades do Oriente Próximo foram sucessivamente atribuídos a Iavé Elohim. Por exemplo, nos poemas ugaríticos, um epíteto constante do deus Baal, filho de Dagon, é "Cavaleiro das Nuvens"; no *Salmo* 65:5, esse epíteto é conferido ao deus hebreu, o qual também, como Baal, "o Deus de Tsafon", tem um palácio no "extremo norte" (*iark'tsafon*), imaginado como uma montanha altaneira (*Isaías* 14:13; *Salmo* 48:3).

19. Mais ainda, muitos dos atos atribuídos na mitologia ugarítica à sanguinária deusa Anat são atribuídos na Bíblia a Iavé Elohim. A descrição ugarítica de como Anat massacra seus inimigos:

> *Até os joelhos ela mergulhou no sangue de soldados,*
> *Até o pescoço do sangue derramado de suas companhias.*
> *Enquanto não se sente saciada*
> *Ela luta na casa...*

relembra a segunda visão de Isaías da vingança de Deus sobre os inimigos de Israel (*Isaías* 63:3):

> *Sim, e os pisei na minha ira,*
> *E os esmaguei na minha fúria;*
> *E o seu sangue salpicou os meus vestidos,*
> *E manchei toda a minha vestimenta...*

Os profetas e salmistas foram tão descuidados quanto às origens pagãs da imagística religiosa de que se apropriavam, quanto os sacerdotes o foram no que diz respeito à adaptação dos ritos sacrificais pagãos ao serviço de Deus. A questão crucial era: em honra de quem essas profecias e esses hinos deveriam ser agora cantados, ou esses ritos encenados. Se fosse em honra de Iavé Elohim, e não de Anat, Baal, ou Tamuz, tudo era pio e adequado.

2

A CRIAÇÃO SEGUNDO OUTROS TEXTOS BÍBLICOS

(a) Segundo outros, Deus criou todo o Céu, com o Sol, a Lua e as Estrelas, por meio de uma única palavra de ordem. Em seguida, envolto em uma gloriosa veste de luz, Ele estendeu o Céu como se fosse o pano redondo de uma tenda, cortado na medida para cobrir o Abismo. Tendo confinado as Águas Superiores em uma prega de Sua vestimenta, Ele estabeleceu Seu Pavilhão secreto sobre o Céu, cercando-o com uma treva espessa, como um burel, atapetando da mesma forma, e apoiando suas vigas sobre as Águas Superiores. Aí Ele estabeleceu Seu Trono divino.[1]

(b) Enquanto realizava a obra da Criação, Deus atravessava o Abismo sobre nuvens, ou querubins, ou sobre as asas da tempestade; ou então pegava os ventos que passavam e fazia deles Seus mensageiros. Apoiou a Terra sobre fundações inamovíveis: avaliando cuidadosamente as montanhas, afundando algumas nas águas do Abismo para servirem de pilastras, apoiando a Terra em arco sobre elas e segurando o arco com uma chave de abóbada feita de outras montanhas.[2]

(c) As águas do Abismo se ergueram com estrondo e Tehom, Rainha do Abismo, ameaçou inundar a criação de Deus. Mas Ele, em Sua carruagem de fogo, atravessou as ondas e arremessou contra ela violentas saraivadas de granizos, relâmpagos e raios. Leviatã, o monstruoso aliado de Tehom, Ele matou com uma pancada no crânio. E o monstro Rahab com uma espada atravessada no coração. Aterradas por Sua voz, as águas de Tehom baixaram. Os rios recuaram montanhas acima, descendo depois para os vales que ficavam atrás. Tehom, tremendo, reconheceu a derrota. Deus lançou um grito de vitória e secou a inundação, até que se pudessem ver as fundações da Terra. E então Ele mediu no côncavo da mão a água que havia restado, despejou-a no Leito do Mar, e firmou dunas de areia para serem seu limite perpétuo; ao mesmo tempo criando uma determinação que Tehom não poderia jamais romper, por mais violentamente que suas ondas salgadas pudessem se encapelar — estando ela, por assim dizer, trancada por portões através dos quais um raio havia sido arremessado.[3]

(d) Deus em seguida fez as medidas da terra seca, fixando-lhe os limites. Permitiu que as águas frescas de Tehom brotassem como fontes nos vales, e que a chuva se derramasse suavemente sobre o topo das montanhas, precipitando-se de Suas câmaras superiores. Dessa forma Ele fez a relva crescer como alimento para o gado; também o milho e as uvas

para a nutrição do homem; e os grandes cedros do Líbano para servirem de sombra. Ordenou à Lua que marcasse as estações; e ao Sol que dividisse o dia da noite e o verão do inverno; e às estrelas que limitassem a escuridão da noite. Encheu a terra de animais, pássaros e seres rastejantes; e o mar de peixes, animais marinhos e monstros. Permitiu que as feras vagassem após a escuridão; mas, uma vez nascido o Sol, deviam retornar a seus covis.[4]

As Estrelas da Manhã, vendo tudo isso, prorromperam em uma canção de louvor; e todos os filhos de Deus clamaram de alegria.[5]

(e) Tendo assim completado a obra da Criação, Deus retirou-se para um santuário no Monte Paran na Terra de Teman. Sempre que Ele sai desse recesso, a Terra treme e as montanhas soltam fumo.[6]

1. *Salmo* 33:6; 104:2; *Isaías* 40:22 e 44:24; *Salmo* 104:6; *Isaías* 50:3; *Salmo* 18:10-12; *Reis I*, 8:12; *Salmos* 104:3; 93:1-2.
2. *Salmo* 18:10 e *Naum* 1:4; *Provérbios* 30:4; *Salmo* 104:3-5; *Isaías* 40:12; *Salmo* 65:7.
3. *Salmo* 93:3; *Jeremias* 31:35; *Jó* 9:13; *Salmo* 89:11; *Jó* 26:12-13; *Isaías* 51:9; *Salmos* 104:6-8; 74:13-14; *Naum* 1:4; *Salmo* 18:15-16; *Isaías* 40:12; *Salmo* 33:7; *Jeremias* 5:22; *Jó* 38:8-11.
4. *Salmo* 74:17; *Jó* 38:5; *Salmo* 104:10-26; *Jeremias* 31:35.
5. *Jó* 38:7.
6. *Habacuque* 3:3; *Salmo* 104:32.

1. Esta terceira narrativa da Criação, construída a partir de outras referências bíblicas que não as do *Gênese*, relembra não apenas as cosmogonias babilônicas, mas também as ugaríticas e cananéias; e amplia notavelmente a breve referência a Tohu, Bohu e ao Abismo. Um Criador tal como El, Marduk, Baal, ou Jeová, precisa antes de tudo lutar contra a água — personificada pelos profetas como Leviatã, Rahab, ou o Grande Dragão, não somente porque a Creatrix que ele derruba é uma deusa da Fertilidade, e portanto da água, mas porque o matriarcado, no mito, pode ser retratado como uma mistura caótica dos dois sexos que retarda o estabelecimento da ordem social patriarcal — como a chuva caindo no mar que retarda o surgimento da terra seca. Dessa forma, os princípios masculino e feminino devem em primeiro lugar ser decentemente separados, tal como quando o cosmocrata egípcio Shu separou Nut, a deusa do Céu, de seu abraço com o deus da Terra, Geb; ou como quando Iavé Elohim arrancou as Águas Superiores Masculinas de seu abraço com as Águas Inferiores Femininas (*ver 4.e*). Marduk, o babilônio, ao dividir Tiamat em duas, estava na verdade separando-a de Apsu, Deus das Águas Superiores.
2. Na mitologia ugarítica, Baal estabelece o leito do mar como a moradia da água derrotada que é tratada tanto como divindade quanto como elemento:

Pescador, ó pescador...
Pega uma grande rede com tuas duas mãos,
Lança-a no Iam, amado de El,
No Mar de El, o Benigno,
No Abismo de El...

3. Há muita discussão sobre o que "Tohu" e "Bohu" significavam originalmente. Mas basta acrescentar o sufixo *m* a Tohu (*thw*) e ele se torna Tehom (*thwm*), nome bíblico de um monstro marinho primitivo. Tehom no plural se torna Tehomot (*thwmwt*). Com os mesmos sufixos Bohu se torna Behom e Behomot (*bhwmwt*), forma variante do Behemot de Jó, o equivalente terrestre do monstro marinho Leviatã. Não é muito fácil distinguir Leviatã de Rahab, Tanin, Naash, ou quaisquer outras criaturas míticas que personificam a água. A história subjacente a *Gênese* 1:2 pode, portanto, ser a de que o mundo, em seu estado primevo, consistia de um monstro marinho, Tohu, e um monstro terrestre, Bohu. Se assim for, a identidade de Tohu com Tehomot e a de Bohu com Behemot (*ver* 6, *n-q*) foi suprimida por motivos doutrinários (*ver* 1:13, 16) — Tohu e Bohu sendo a partir de então lidos como estados não-personificados de vazio ou caos; e Deus se tornando responsável pela subseqüente criação de Tehomot (ou Leviatã) e Behemot.

4. O monstro marinho babilônico que corresponde ao hebraico Tehomot aparece como Tiamat, Tamtu, Tamdu e Taawatu; e, nos *Primeiros Princípios* de Damáscio, como Taute. Assim, a raiz é *taw*, que está para Tiamat tal como Tohu está para Tehom e Tehomot. E mais, o fato de que *tehom* jamais recebe o artigo definido em hebraico prova que deve ter sido um dia um nome próprio como *Tiamat*. Tehomot, portanto, é o equivalente hebraico da Mãe Tiamat, amada pelo Deus Apsu, cujo nome se origina no sumério antigo Apzu; e Apzu era o abismo imaginário de água doce do qual emergiu Enki, Deus da Sabedoria. Raham ("arrogância") é um sinônimo de Tehomot; em *Jó* 26:12 ocorrem os versos paralelos:

E com Seu poder Ele intimidou o Mar,
E com Sua habilidade Ele estraçalhou Rahab.

5. O Espírito de Deus pairando sobre as águas que restaram em *Gênese* 1:2 sugere um pássaro, e em um dos primeiros poemas bíblicos Deus é comparado a uma "águia pairando sobre sua cria" (*Deuteronômio* 32:11). Mas a palavra *ruach*, habitualmente traduzida como "espírito", originalmente significava "vento", o que relembra o mito fenício da Criação citado por Filo de Biblos: o Caos primal sofreu a ação do Vento, que se apaixonou por seus próprios elementos. Um outro cosmogonista bíblico faz com que Baou, o princípio feminino, seja emprenhado por este vento. A Deusa Baou, esposa do Deus do Vento Colpia, foi também identificada com a deusa grega Nix ("Noite"), que Hesíodo chama de Mãe de Todas as Coisas. Na Grécia ela era Eurinome, que tomou como amante a serpente Ofioneu (*ver* 1:10).

6. Os hereges ofitas do primeiro século E.C. acreditavam que o mundo havia sido gerado por uma serpente. A Serpente de Bronze, que a tradição hebraica diz ter sido feita por Moisés, seguindo uma ordem de Deus (*Números* 21:8-9) e reverenciada no santuário do Templo até que o Rei Ezequias, o reformador, a destruísse (*Reis II*, 18:4), sugere que Iavé em algum momento foi identificado com um deus-Serpente — tal como Zeus na arte órfica. A memória de Iavé como serpente sobreviveu em um *midrash* tardio, segundo o qual, quando Deus atacou Moisés (*Êxodo* 4:24 ss.) em um retiro deserto, na calada da noite, Ele assumiu a forma de uma imensa serpente e engoliu Moisés até os rins. O costume em Jerusalém de matar as vítimas de sacrifício no lado norte do altar (*Levítico* 1:11; *M. Zebahim* 5:1-5) sugere um antigo culto do Vento-Norte, tal como o de Atenas. No mito original, é de se presumir, a Grande Mãe ergueu-se do Caos; o sopro desse advento transformou-se em uma serpente e emprenhou-a; ela, em seqüência a isso,

transformou-se num pássaro (pomba ou águia) e pôs o ovo do mundo — sobre o qual a serpente se enroscou para chocá-lo.

7. Segundo um salmo da Galiléia (89), Deus só criou Céu e Terra, norte e sul, Tabor e Hermon, após subjugar Rahab e dispersar Seus outros inimigos. E, segundo *Jó* 9:8-13, quando Ele estendeu o Céu e cavalgou sobre as ondas do mar, os "ajudantes de Rahab" curvaram-se à Sua passagem. Esses ajudantes sugerem os aliados de Tiamat em sua luta contra Marduk, quando este "subjugou-a" com uma imprecação sagrada.

8. As alusões bíblicas ao Leviatã como um monstro marinho com várias cabeças, ou como uma serpente "esquiva" (*nachash bariá*), ou uma serpente "enganadora" (*nachash akalaton*) relembram os textos ugaríticos: "Se derrotas Lotan... a serpente enganadora, a poderosa com sete cabeças..." e: "Baal trespassará com sua espada, tal como ele feriu Lotan, a serpente enganadora de sete cabeças." A linguagem se aproxima do hebraico bíblico: Leviatã (*lwytn*) aparece como *lotan; nhsh brh* como *bthn* (= hebraico *pthn*, "piton", "serpente") *brh*; e *nhsh 'qltwn*, como *bthn 'qltn* em ugarítico (*ANET* 138b).

9. Apsu, companheiro de Tiamat e personificação das Águas Superiores, foi relacionado (por Gunkel e outros) com o termo hebraico *efes*, que significa "extremidade, o nada". Essa palavra costuma aparecer de forma dual: *afsaiim* ou *afse eretz*, "os confins da terra" (*Deuteronômio* 33:17; *Miquéias* 5:3; *Salmo* 2:8; etc.). Sua conotação aquática sobrevive em uma profecia bíblica (*Zacarias* 9:10): "Seu domínio será de mar a mar e do rio aos confins da terra", em que a convenção poética exige que "os confins da terra" também signifique "rio", presumivelmente a Corrente do Oceano. Igualmente, em *Provérbios* 30:4, *afsaiim* corresponde a "águas":

Quem prendeu as águas em Sua vestimenta?
Quem estabeleceu todas as afsaiim *da terra?*

O Criador brandindo os elementos cósmicos em seu punho, ou mãos, é um tema favorito do mito do Oriente Próximo. A vitória de Deus sobre *efes* ou *afsaiim* foi registrada no *Salmo* 67:8 e em *Samuel I*, 2:10. Isaías (45:22), após declarar que Deus sozinho criou a terra, dirige-se a *afsaiim* em Seu nome: "Olhai-me e sereis salvas, ó todas vós, *afsaiim* da terra!"

10. Apesar dos profetas hebreus disfarçarem os nomes de Apsu, Tiamat e Baou como abstrações vazias, ainda assim diz *Isaías* 40:17:

Todas as nações, como nada são diante d'Ele,
Ele as tem como Efes *e* Tohu...

seguindo-se imediatamente a uma passagem que relembra as realizações de Deus nos dias da Criação. E em *Isaías* 34:11-12, Tohu, Bohu e Efes são usados com uma referência sem rodeios ao seu significado mitológico, quando o profeta prevê a destruição de Edom:

Ele [Deus] estenderá sobre a cidade
A linha de Tohu
E as pedras de Bohu...
E todos os seus príncipes
Serão Efes...

11. "Ele confinou Tehom com um raio e duas portas" refere-se a uma porta dupla e ao raio disparado como um ferrolho através de suas folhas. A mesma imagem ocorre na *Enuma Elish*: depois de Marduk ter matado Tiamat e formado o Céu com uma das metades de seu corpo, ele "atravessou na frente um raio, e colocou vigias para impedir Tiamat de soltar suas águas." O texto de *Enuma Elish* sugere que *nachash bariá*, a frase em *Isaías* 27:1 e em *Jó* 26:13 que descreve o Leviatã, também podia significar "a serpente trancada". *Bariá*, sem qualquer mudança de vocalização, significa "aferrolhada, trancada", assim como "esquiva", "fugidia".

12. Paran, na qual Deus fixou sua moradia, segundo *Habacuque* 3:3, é uma das diversas montanhas de Teman ("a Terra do Sul"), da qual se diz ter sido assim honrada por Ele. As outras terras sendo Horeb, Sinai e Seir (*Êxodo* 3:1; *Deuteronômio* 33:2). Para exercer Sua vingança, Ele sairia de Paran nas asas da tempestade (*Zacarias* 9:14). O deserto montanhoso de Paran, Zin e Kadesh, onde os israelitas vagaram durante quarenta anos e onde Deus lhes apareceu em fogo (*Êxodo* 19:1-3 e 16-20), estava associado não apenas a Moisés, mas também a Elias (*Reis I*, 19:8), e a Abraão (*ver* 29.*g*).

3

COSMOLOGIA MÍTICA

(a) A obra realizada na Criação foi tão grande que um homem a pé levaria quinhentos anos para atravessar a Terra de leste a oeste — se vivesse o bastante para chegar até o fim; e levaria mais quinhentos anos para atravessá-la de norte a sul. Essas distâncias correspondem à que medeia entre a Terra e o Primeiro Céu e do Primeiro Céu até o seu cume. Quanto à própria Terra — um terço de sua superfície é desértica, um terço é mar, e o terço restante é terra habitável.[1]

Há quem calcule a largura da Terra em 6.000 parasangas ou cerca de 30.000 quilômetros, em todas as direções; e que a altura do céu seja de 1.000 parasangas, ou cerca de 5.000 quilômetros.[2] Outros acreditam que a Terra seja ainda maior: o Egito, dizem, mede 400 parasangas quadradas, ou 2.000 quilômetros quadrados; ainda assim, o Egito tem um sexto do tamanho da Etiópia, a Etiópia, um sexto da superfície da Terra, a Terra um sexto do Éden, e o Éden um sexto da Geena. Dessa forma, a Terra está para Geena como uma pequena tampa está para um imenso pote.[3]

A leste do mundo habitável fica o Jardim do Éden, moradia dos justos. A oeste estão o Oceano e suas ilhas; e por trás destes fica o Deserto, uma terra crestada onde somente cobras e escorpiões rastejam. Ao norte estendem-se a Babilônia e a Caldéia, e por trás delas ficam celeiros de fogo do Inferno e celeiros de neve, granizo, neblina, geada, trevas e vendavais. Nesse lugar vivem demônios, espíritos daninhos, as hostes de Samael; aí também fica a Geena, onde estão confinados os maus. Ao sul ficam as Câmaras de Teman, celeiros de fogo, e a Caverna da Fumaça, de onde se ergue o tufão quente.[4]

(b) Segundo outros, o Leste é a região de onde a luz e o calor se espalham pelo mundo; o Oeste contém os celeiros de neve e de granizo, dos quais sopram os ventos frios; o orvalho e as chuvas benignas vêm do Sul; o Norte gera a treva.[5]

Deus amarrou o Firmamento nas bordas da Terra, a leste, sul e oeste, mas deixou solta a parte do norte, anunciando: "Se alguém disser 'eu sou Deus!', ele que amarre este lado também, como prova de sua divindade."[6]

(c) As sete Terras, separadas umas das outras por intervalos de tufões, são denominadas em ordem ascendente: *Eretz, Adamá, Haravá (Siia), Iabasha, Arka, Tevel* e *Heled.*[7]

(d) *Arka,* a Quinta Terra, contém a Geena e suas sete camadas, cada qual com seus reservatórios de trevas. Entre estes, o mais elevado é *Sheol,* e abaixo dele encontram-se

outros, chamados Perdição, O Poço Inferior, O Porão, O Silêncio, Os Portões da Morte e Os Portões da Sombra da Morte. O fogo de cada camada é sessenta vezes mais forte do que aquele imediatamente abaixo. Neste local os maus são punidos, e anjos os torturam.[8]

Tevel, a Sexta Terra, contém colinas, montanhas, vales e planícies, habitados por nada menos de 365 tipos de criaturas. Algumas delas têm as cabeças e os corpos de bois, mas são dotadas da fala humana; outras têm cabeças gêmeas, quatro orelhas e quatro olhos, dois narizes e duas bocas, quatro mãos e quatro pernas, porém um único tronco. Quando sentadas, parecem duas pessoas; mas quando caminham, parecem uma. Enquanto comem e bebem, as cabeças gêmeas discutem e acusam uma à outra de estar se apossando de um bocado maior do que seria correto; não obstante, passam por seres justos.[9]

Heled, a nossa própria Terra, a Sétima, não necessita de descrição.[10]

(e) As opiniões variam quanto a se existem dois, três, sete ou dez Céus;[11] mas, sem dúvida, o número deles combina com o das sete Terras.[12] O Firmamento cobre a Terra como se fosse uma tampa em forma de abóbada;[13] suas beiras tocam o Oceano circundante. As âncoras do Céu estão mergulhadas nestas águas.[14]

Um árabe certa vez levou Raba bar Bar-Hana até a beirada da Terra, onde o Firmamento se prende. Raba trouxera uma cesta cheia de pão, e como era aquela a hora de orar, pousou-a no peitoril da janela celeste. Depois, procurou em vão pela cesta e perguntou: "Quem me roubou o pão?" O árabe respondeu: "Ninguém, mas a roda do Firmamento girou enquanto você orava. Espere até amanhã e poderá voltar a comer seu pão."[15]

Alguns descrevem a Terra como um grande salão aberto apenas para o norte; porque uma vez que o Sol, movendo-se de leste para oeste, atingiu o canto noroeste, ele se vira e dá a volta por cima, dessa vez por trás da abóbada do Firmamento. Assim, uma vez que o Firmamento é opaco, a jornada do Sol em seu retorno provoca a noite na Terra. Após ter atingido o leste, no entanto, ele torna a passar por baixo da abóbada do Firmamento e brilha para toda a humanidade.[16]

(f) O rabino Shimon ben Laquish relaciona os sete Céus da seguinte maneira: *Vilon, Raqui'a, Shehaquim, Zebul, Ma'on, Machon* e *'Aravot.*[17] Todos se encontram fixos e em abóbada sobre a Terra, um em cima do outro, como as camadas de uma cebola; exceto apenas por *Vilon,* o inferior, que com sua sombra protege a terra superior do calor. Ao raiar do dia, portanto, *Vilon* se estende através das alturas; mas ao pôr-do-sol, ele é enrolado para permitir que a lua e as estrelas brilhem, vindas de *Raqui'a,* o Segundo Céu.[18]

(g) Em *Shehaquim,* duas pedras de moinho moem um maná para os justos; em *Zebul* encontram-se a Jerusalém Celeste, o Templo e o altar sobre o qual o Arcanjo Miguel

oferece sacrifícios; em *Ma'on*, hostes de anjos oficiantes cantam hinos à misericórdia de Deus durante toda a noite, mas silenciam ao alvorecer, permitindo assim que Ele ouça os louvores que lhe são cantados, lá embaixo, por Israel; *Machon* contém celeiros de neve e granizo, reservatórios de orvalhos e chuvas, câmaras de tempestades e cavernas de nevoeiro; em *Aravot* imperam a Justiça, a Lei e a Caridade, os tesouros da Vida, da Paz e da Graça, as almas dos justos, as almas dos ainda não-nascidos, o orvalho com que Deus fará reviver os mortos, a carruagem vista por Ezequiel em uma visão, os anjos oficiantes, e o Trono Divino.[19]

(h) Segundo um ponto de vista bem diferente, o Céu inferior contém nuvens, ventos, ar, as Águas Superiores, os duzentos anjos destacados para guardar as estrelas e celeiros de neve, gelo e orvalho com seus anjos da guarda.

No Segundo Céu reina a completa escuridão sobre os pecadores ali acorrentados à espera do Juízo.

No Terceiro Céu fica o Jardim do Éden, cheio de maravilhosas árvores frutíferas, incluindo a Árvore da Vida, sob a qual Deus descansa sempre que vem em visita. Dois rios nascem do Éden: um flui com leite e mel, o outro com vinho e azeite; eles se ramificam em quatro cabeças, descem e cercam a Terra. Trezentos Anjos de Luz, que incessantemente cantam louvores a Deus, guardam o Jardim, que é o Céu ao qual passam as almas dos justos após a morte. Ao norte do Éden se estende a Geena, onde fogos obscuros fumegam perpetuamente, e um rio de chamas flui por uma terra de gelo e frio cortante; nesse lugar os maus sofrem torturas.

No Quarto Céu estão as carruagens em que trafegam o Sol e a Lua; também grandes estrelas, cada qual com um séquito de mil estrelas menores, que acompanham o Sol em seu circuito: quatro para a direita, outras quatro para a esquerda. Dos dois ventos que puxam essas carruagens, um tem a forma de uma fênix, o outro de uma serpente brônzea; apesar do que, na verdade, seus rostos se parecem com o de um leão e suas partes inferiores com as de Leviatã. Cada vento tem doze asas. A este e a oeste desse Céu ficam portões através dos quais as carruagens passam em seus horários regulares.

O Quinto Céu abriga os gigantescos Anjos Caídos, que lá ficam agachados em silêncio e incessante desespero.

No Sexto Céu vivem sete Fênices, sete Querubins cantando incessantemente louvores a Deus e hostes de anjos radiantes absortos no estudo astrológico; além disso, outros anjos que guardam as horas, os anos, os rios, os mares, as plantações, os pastos e a humanidade, registrando para a atenção de Deus quaisquer visões inusitadas que observem.

O Sétimo Céu, um céu de luz inefável, abriga os Arcanjos, Querubins, Serafins e orbes divinos; aí o próprio Deus ocupa Seu Trono Divino, e todos lhe cantam louvores.[20]

Imensos ganchos, presos como âncoras à beira de cada Céu e ligando com a beira de uma terra correspondente impedem que esses sete Céus e sete Terras se desprendam

e caiam no Vazio. A Terra superior, no entanto, foi presa à beira do Segundo Céu (não o Primeiro, que não passa de um imenso véu dobrável); a Segunda Terra está presa ao Terceiro Céu, e assim por diante. Além disso, cada Céu é igualmente preso a seu Céu vizinho. A estrutura completa, portanto, parece uma torre de quatorze andares, cujo andar superior, *Aravot,* pende do braço de Deus — apesar de alguns dizerem que Deus segura os Céus com Sua mão direita e as Terras com a Sua esquerda.

Todos os dias Deus monta em um Querubim e sai em visita a todos esses mundos, onde recebe homenagem e adoração. Em sua viagem de volta, Ele cavalga nas asas do Vento.[21]

1. *Mid. Konen,* 27.
2. *B. Pesahim* 94a.
3. *B. Pesahim* 94a.
4. *Mid. Konen,* 27-31.
5. *Num. Rab.* 2:10; 3.12; *Mid. Konen,* 38; *Pesikta Hadta,* 49.
6. *PRE,* cap. 3.
7. *Mid. Konen,* 32-33. Outras fontes dão nomes um tanto diferentes, cf. *Zohar Chadash,* 20b.
8. *Mid. Konen,* 30, 35-36.
9. *Mid. Konen,* 36,
10. *Mid. Konen,* 36.
11. *Gên. Rab.* 176-77; *B. Chaguigá,* 12b.
12. Cf. Ginzberg, L. J., 5:10.
13. *Mid. Konen,* 33.
14. *PRE,* cap. 3.
15. *B. Baba Batra* 74a.
16. *B. Baba Batra* 25b.
17. *B. Chaguigá* 12b.
18. *Mid. Konen,* 37.
19. *B. Chaguigá* 12b.
20. *Enoque II,* 3:9, e fontes rabínicas paralelas, Ginzberg, L. J., 5:158 ss.
21. *Mid. Konen,* 33-34.

1. Essas doutrinas rabínicas, em sua maior parte tomadas ao acaso de fontes gregas, persas e babilônicas, tinham a intenção de impressionar os ouvintes com o alcance e a complexidade impressionantes das obras de Deus; e o próprio caráter irreconciliável de quaisquer duas teorias diferentes reforçava essa impressão. Os sábios aceitavam o conceito bíblico de uma terra chata, e ficavam todos desconcertados com o reaparecimento do sol no leste todas as manhãs. Um pequeno fragmento de ciência matemática conseguiu se enxertar: a medida das dimensões da terra chega bem próxima àquela oferecida pelo físico ptolomaico Eratóstenes de Cirene, no século III a.E.C.

A colocação da Geena não apenas no Submundo, mas na terra, e em um dos céus, talvez seja deliberada: um eco de *Amós* 9:2 — "Ainda que se afundem no inferno, lá Minha mão os buscará; ainda que subam para o céu, de lá Eu os farei descer."

2. Teman significa tanto "sul" quanto "terra do sul". Esaú tinha um neto assim chamado, cujo pai era Elifaz. Um "chefe de Teman" é mencionado duas vezes em uma passagem que também faz menção a Husham da Terra do Sul (*temani*) como um dos reis de Edom. "Elifaz, o temanita" (*temani*) foi um dos que confortaram Jó; em outros trechos a distante "Terra do Sul" aparece como uma região de "câmaras" misteriosas e "tufões do sul". O *midrash* mais recente (*ver b.*) sobre essas câmaras refere-se ou ao Iêmen, no sul da Arábia, ou a Taima, uma colônia no norte da Arábia, pouco menos de quatrocentos quilômetros a leste da entrada do Golfo de Ácaba.
3. *Chashmal* é uma substância divina que, segundo o primeiro capítulo de *Ezequiel*, fornece o esplendor flamejante do Trono e do Semblante de Deus. A Septuaginta traduz para *electron*, que em grego está ligado a *Elector*, um nome do sol, e que portanto significa "brilhante, com uma luz dourada"; daí, ou o Âmbar ou o *electrum* cor de âmbar, uma liga de ouro e prata. *Chashmal* é a palavra em hebraico moderno para "eletricidade", porque a fricção de âmbar para atrair partículas de poeira foi, ao que parece, a primeira utilização experimental da eletricidade. Mas, sendo muito antiga a associação do raio com o poder de Deus, Ezequiel pode ter encarado essa *Chashmal* divina como a fonte dos raios.
4. Nos tempos talmúdicos, as especulações sobre a estrutura do universo era chamadas *ma'asse merchavá*, "questões da carruagem", por causa da carruagem divina descrita por Ezequiel. Os fariseus encaravam o estudo dessas questões como perigoso, e contam-se várias histórias a respeito de homens sábios que não cuidaram de tomar as devidas precauções; Ben Azai morreu repentinamente, Ben Zomá enlouqueceu, Elisha ben Abuia tornou-se herege; somente o rabino Akiva escapou de qualquer dano, através da humildade e da circunspeção (*B. Chaguigá* 14b-16a).
5. A idéia de que o universo inteiro pende dos braços de Deus é citada pela primeira vez no Talmud babilônico (*B. Chaguigá* 12b): "O rabino Iose disse: 'A Terra se apóia sobre colunas, as colunas sobre água, a água sobre montanhas, as montanhas sobre vento, o vento sobre o tufão, e o tufão pende do braço de Deus.'" Mas é muito difícil conciliar isso com as visitas diárias que Ele faz a cada um dos Céus e Terras.
6. *Eretz* significa "terra"; da mesma forma, *adamá* e *arka* (um estrangeirismo aramaico); *siia*, "secura"; *iabasha*, "terra seca"; *haravá*, "terra crestada"; *tevel* e *heled*, "mundo".

Vilon significa "cortina"; *raqui'a*, "firmamento"; *shehaquim*, "nuvens" ou "pedras de amolar"; *zebul*, "habitação"; *ma'on*, "residência"; *machon*, "localização"; e *aravot*, "planícies".

4

GLOSAS SOBRE A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO

(a) Deus criou o Céu da luz de Sua vestimenta. Quando o distendeu, como um pano, este começou a se estender cada vez mais, por sua própria conta, até que Ele gritou: "Basta!". Ele criou a Terra da neve que fica sob Seu Trono Divino: atirando um pouco de neve nas águas, que congelaram e se transformaram em pó. A Terra e o Mar também se estenderam cada vez mais, até que Ele gritou: "Basta!"[1]

(b) Alguns, no entanto, dizem que Deus entreteceu duas meadas, uma de fogo e uma de neve, para sua Criação do mundo; e mais duas, de fogo e de água, para a Criação do Céu. Outros garantem que o Céu foi feito apenas de neve.[2]

(c) Sob o antigo regime da Água, reinavam uma tal desordem e um tal caos que os sábios evitam sequer mencioná-lo. "Comparar Deus a um rei que construiu seu palácio sobre uma imensa privada", dizem eles, "seria correto, porém irreverente."[3]

(d) Deus então baniu Tohu e Bohu da Terra, apesar de conservá-los como duas das cinco camadas que separam as sete Terras. Tohu pode ser prontamente percebido como a tênue linha verde do horizonte, da qual, a cada entardecer, a Escuridão se lança sobre o mundo. "Bohu" é também o nome dado a certas pedras reluzentes afundadas no Abismo onde se esconde o Leviatã.[4]

(e) Deus descobriu as Águas Superiores masculinas e as Águas Inferiores femininas, reunidas em um abraço apaixonado. "Que uma de vós se erga", ordenou Ele, "e que a outra tombe!" Mas ambas se ergueram juntas, ao que Deus perguntou: "Por que ergueram-se as duas?" "Somos inseparáveis", responderam a uma só voz. "Deixai-nos com o nosso amor!" Deus então estendeu Seu dedo mínimo e as apartou; as Superiores Ele puxou para o alto, as Inferiores Ele lançou para baixo. A fim de castigá-las por seu desafio, Deus as teria chamuscado com Seu fogo, se elas não tivessem suplicado por misericórdia. Perdoou-as com duas condições: que, no Êxodo, permitissem que os Filhos de Israel passassem por chão seco; e que impedissem Jonas de fugir de navio para Tarsis.[5]

(f) As Águas divididas então deram voz à agonia da separação precipitando-se às cegas uma em direção à outra, inundando os topos das montanhas. Mas quando as Águas Inferiores foram bater aos próprios pés do Trono de Deus, Ele gritou sua fúria e esmagou-as sob Seus pés.[6]

(g) Outros dizem que as Águas Inferiores, compungidas por não se encontrarem mais tão perto de Deus, gritaram com estridência: "Não fomos consideradas dignas da presença de nosso Criador", e tentaram chegar até Seu Trono como suplicantes.[7]

(h) No terceiro dia, quando Deus se dispôs a reunir as Águas Salgadas em um só lugar — permitindo assim que a terra seca emergisse — estas protestaram: "Nós cobrimos o mundo inteiro e, ainda assim, não temos espaço para nos movimentar; haveis de nos confinar ainda mais?" Ao que Deus golpeou de morte o líder delas, Oceanus.[8]

(i) Superadas estas dificuldades, Deus designou lugar separado para cada corpo de Águas. Mesmo assim, no horizonte, elas se separam por nada mais do que a largura de três dedos finos.[9]

(j) Às vezes, o Mar ainda ameaça sua barreira de areia. Um marinheiro tarimbado certa vez contou a Rabá da Babilônia: "A distância entre uma onda e sua companheira pode ser de trezentas léguas; e cada uma delas pode se erguer a uma altura de também trezentas léguas. Não faz muito uma onda levantou o nosso navio até tão perto de uma pequena estrela que esta cresceu até ficar do tamanho de um campo em que quarenta medidas de semente de mostarda poderiam crescer. Tivéssemos subido ainda mais alto, o calor da estrela nos teria ressecado. E ouvimos uma onda gritar para sua companheira: 'Irmã, restou alguma coisa no mundo que ainda não tenhas varrido? Se restou, deixa-me destruí-la.' Mas a onda respondeu: 'Respeita o poder de nosso Senhor, irmã; não podemos cruzar a barreira de areia, nem mesmo pela largura de um fio de linha...'" [10]

(k) Deus também proibiu que Tehom, as doces Águas Subterrâneas, se erguesse — a não ser pouco a pouco; e forçou Tehom à obediência colocando uma lousa sobre ela, na qual havia gravado Seu Nome Inefável. Este selo só foi removido uma vez: quando a humanidade pecou no tempo de Noé. Por causa disso, Tehom uniu-se às Águas Superiores e, juntas, elas inundaram a Terra.[11]

(l) Desde então Tehom sempre se curvou submissa, em sua morada profunda, como um animal imenso, lançando para a superfície mananciais destinados àqueles que os merecem, e nutrindo as raízes das árvores. Apesar de, dessa forma, ela influenciar o destino do homem, homem algum pode visitar seus recessos.[12]

(m) Tehom libera três vezes mais água para a Terra do que a chuva. Na Festa de Tabernáculos, os sacerdotes do Templo vertem libações de vinho e água sobre o altar de Deus. E então Ridia, um anjo com a forma de uma novilha de três anos com lábios fendidos, ordena a Tehom: "Que tuas fontes brotem!", e ordena às Águas Superiores: "Que a chuva caia!"[13]

(n) Alguns dizem que uma gema portando o nome do Messias — que flutuou como o vento até que o Altar dos Sacrifícios tivesse sido construído no Monte Sion, indo então ali repousar — foi a primeira coisa sólida que Deus criou. Outros, que foi a Pedra Fundamental de Seu altar; e que, quando Deus refreou as águas de Tehom, gravou-lhe no rosto, em vez de sob uma lousa, Seu Nome de quarenta e duas letras. Outros ainda dizem que Ele lançou a Pedra em águas profundas e assentou terra em torno, tal como uma criança antes do nascimento cresce do umbigo para fora; ela permanece até o dia de hoje como o umbigo do mundo.[14]

(o) Mais tarde, quando Adão se perguntava como a Luz havia sido criada, Deus deu-lhe duas pedras — da Escuridão e da Sombra da Morte — e ele bateu uma de encontro à outra. E delas brotou fogo. "Assim foi feito", disse Deus.[15]

1. *PRE,* cap. 3; cf. *Gên. Rab.* 3-4, 20; *B. Chaguigá* 12a.
2. *Tan'huma Buber Gên.* 8; *Gên. Rab.* 31 e 75, e fontes paralelas.
3. *Ier. Chaguigá* 77c centro.
4. *Gên. Rab.* 75; cf. *Pesikta Hadta,* 59; *Mid. Konen,* 35-36; *B. Chaguigá* 12a; baseado em *Isa,* 34:11; 45:19 e *Jó* 26:7.
5. *Mid. Konen,* 25.
6. *Gên. Rab.* 34-35; *Seder Raba diBereshit,* 314; *Mid. Asseret Hadibrot* 63; *Mid. Tehilim,* 414; *PRE,* cap. 5.
7. *Sefer Raziel,* 315.
8. *PRE.* cap. 5; *Mid. Tehilim,* 415; *Ex. Rab.* 15, 22; *Num. Rab.* 18:22; *Tan'huma Haie Sara* 3, p. 32b.
9. *Gên. Rab.* 17.
10. *B. Baba Batra* 73a.
11. *Ier. San.* 29a. bot.; *Mid. Shmuel,* cap. 26; *Ialkut Reubeni* i:4 s.; ii:109; cf. *Enoque* 59:7-10; *PRE,* cap. 23; baseados em *Gên.* 7:11.
12. *Gênese* 49:25; *Ezequiel* 31:4; 26:19; 31:15; *Jó* 38:16.
13. *Gên. Rab.* 122, 294; *B. Taanit* 25b.
14. *Ialkut Reubeni,* i:4 ss., 22; ii:109; *Mid. Adonai Bechochmá,* 63; *Seder Arquim,* 70a; *B. Ioma* 54b; *PRE,* cap. 35; *Mid. Tehilim,* 91; *Zohar* iii:322; cf. Patai, *Man and Temple,* 85.
15. *Mid. Tehilim,* 404; *Num. Rab.* 15:7.

1. Na mitologia ugarítica, como na hebraica, a água sempre assume uma forma dual: assim, existem dois Dilúvios, dois Oceanos e dois Abismos. Também se faz alusão ao desejo que as águas masculinas têm pelas femininas: quando Kotar va-Chasis construiu a casa do deus da chuva Baal, foi-lhe proibido abrir janelas pelas quais o apaixonado Iam ("o Mar") pudesse espiar as duas esposas do deus — Padria ("A Cintilante"), filha de Ar ("Luz"), e Talia ("Orvalhada"), filha de Rab ("Destilação"). As paredes da casa eram nuvens tal como no Pavilhão Celestial de Deus (*ver* 2.*a*). Quando vai atacar Iam, Baal "abre uma janela na casa, faz brechas nas nuvens e emite sua voz sagrada, que convulsiona a terra... de forma que as montanhas tremem..."
2. A metáfora do rei que construiu o seu palácio em cima de uma privada pode se referir à prostituição masculina e feminina e a outras "abominações" cananéias, praticadas no Monte

Sion em honra de Baal e Asherá, antes da reforma monoteísta dos ritos do Templo (*Reis II*, 33:4 s.).

3. Novilhas de três anos costumavam ser associadas à adoração da Lua, porque seus chifres parecem uma lua nova e porque a Lua tem três fases. Na astrologia babilônica (*ver* 1:14), a Lua detinha o poder planetário da água; e, sob a lei mosaica, uma limpeza ritual perfeita podia ser alcançada através de uma "água de separação" (*Números* 19:2 s.) misturada com as cinzas de uma novilha vermelha. A aparição de Ridia como novilha na Festa de Tabernáculos, que abre a temporada chuvosa, é portanto miticamente adequada.

4. O pedido de perdão das águas, quando Deus ameaçou queimá-las, faz lembrar a *Ilíada*, onde Hefaísto acende um fogo de gravetos nas margens do Xanto, fazendo com que suas águas fervessem até ele se render. E é possível que haja uma fonte comum: a dívida de Homero com os mitos do Oriente Próximo a cada ano vem se tornando mais evidente.

5. O uso feito por Deus da neve para a Criação pode ser derivado do *Salmo* 148:4-8:

> *Louvai ao Senhor, ó vós, céus do firmamento, e vós,*
> *águas que estão acima do firmamento.*
> *Que louvem o nome do Senhor, pois Ele*
> *ordenou e logo foram criados.*
> *Ele os instalou para todo o sempre;*
> *E fez uma lei que nunca cessará.*
> *Louvai ao Senhor desde a terra, ó vós, dragões e*
> *todos os abismos,*
> *Fogo e granizo, neve e vapores, vento borrascoso*
> *que executa a Sua palavra.*

6. No Egito existem paralelos para a lenda judaica do Templo, de que uma rocha sobre a qual se firmou o Santuário foi a primeira coisa sólida criada. O assento de pedra da pitonisa de Delfos também se tornou conhecido como o "umbigo do mundo".

7. Rabá, um judeu babilônico do século III E.C., viajou para muito longe. Uma coletânea apócrifa de suas aventuras relembra a *História Verdadeira*, de Luciano, do início do século II; mas tem uma intenção moralista, em vez de satírica.

8. O nome do Deus de Israel passou a ser considerado santo demais para ser pronunciado, exceto pelo Sumo Sacerdote no Santo dos Santos no Dia do Perdão. Nos tempos talmúdicos, os sábios revelavam a seus discípulos, uma vez a cada sete anos, a pronúncia secreta do Tetragrama YHWH (*B. Kidushin* 71a), que, fora disso, era sempre referido como *Adonai*. Ao mesmo tempo, nomes de Iavé com doze, quarenta e duas e setenta e duas letras, provavelmente relacionados a Mistérios Calendários (Graves, *White Goddess*, cap. XVI), também eram conhecidos dos iniciados; quando, no entanto, esses nomes foram usados abusivamente por feiticeiros, foram suprimidos, e somente os sacerdotes mais pios continuaram a usá-los quando distribuíam suas bênçãos; mas, mesmo assim, entoavam-nos indistintamente, de propósito, "engolindo" alguns fonemas e expandindo outros em linhas melódicas sustentadas (*B. Kidushin, ibid.*). Isso relembra o ritual egípcio em que, de acordo com Demétrio de Alexandria, os deuses eram celebrados com sete vogais cantadas em sucessão.

9. A alegoria das duas pedras com as quais Adão acendeu o fogo baseia-se em *Jó* 28:3:

> *O homem pôs fim às trevas, e até os últimos confins procura*
> *as pedras ocultas na escuridão e na sombra da morte.*

O *midrash* sobre a pedra, rochedo ou pedaço de lousa que Deus colocou sobre Tehom, com isso impedindo-a de erguer-se e inundar a Terra, tem um protótipo sumério. Um mito de Enki-Ninhursag relata que as águas primevas do Kur, ou Reino dos Mortos, ergueram-se com violência até a superfície, impedindo dessa forma que as águas frescas chegassem aos campos e jardins. Ao que Ninurta, deus do tempestuoso Vento do Sul e filho de Enlil, colocou uma pilha de pedras sobre o Kur, contendo a inundação.

5

AS PRIMEIRAS CRIAÇÕES

(a) No princípio Deus criou numerosos mundos, destruindo um após o outro à medida que não conseguiam satisfazê-Lo. Todos eram habitados pelo homem, mil gerações que Ele suprimiu, sem deixar delas qualquer registro.[1]

(b) Após essas primeiras tentativas de criação, Deus ficou sozinho com seu grande Nome, e reconheceu finalmente que mundo algum O satisfaria, a não ser que oferecesse ao homem um meio de arrependimento. Então, antes de recomeçar, Ele criou sete coisas: A Lei, A Geena, O Jardim do Éden, O Trono Divino, O Pavilhão Celestial, O Nome do Messias e O Arrependimento.[2]

(c) Quando dois Dias Divinos — ou seja, dois mil anos terrestres — se haviam passado, Deus perguntou à Lei, que se tornara Sua conselheira: "E se eu criasse ainda mais um mundo?" "Senhor do Universo", perguntou-lhe ela, em troca, "se um rei não tem nem exército nem acampamento, sobre o que governa ele? E se não há ninguém para louvá-lo, que honra tem ele?" Deus ouviu e aprovou.[3]

(d) Mesmo assim, alguns dizem que a Lei fez um apelo contra a criação da humanidade por Deus, dizendo: "Não me deixeis à mercê de pecadores que sorvem o mal como se fosse água!" Deus respondeu: "Criei o Arrependimento como remédio para isso; o Trono Divino como minha Sé de Julgamento; o Pavilhão, para observar os sacrifícios expiatórios; o Jardim do Éden para recompensar os justos; a Geena, para punir os impenitentes; tu mesma, para ocupar as mentes dos homens; e o Messias, para arrebanhar os exilados.[4]

1. *Gên. Rab.* 23, 68, 262-63.
2. *Mid. Tehilim*, 391; *PRE*, cap. 3.
3. *PRE*, cap. 3; cf. *Gên. Rab.* 20.
4. *Ialkut Reubeni*, i:22, citando Sode Raza.

1. Não se sabe se a descoberta de fósseis bem mais antigos do que os quatro mil anos passados desde os tempos de Adão perturbaram os rabinos. Se foi o caso, suas narrativas de criações experimentais prévias eram mais plausíveis do que a teoria sustentada por zoólogos vitorianos como Philip Gosse: Deus, disse ele, inserira fósseis nas rochas para pôr à prova a fé dos cristãos.

2. Tornou-se uma questão de fé que a Lei era eterna (cf. *Mateus* 5:18), e existia antes da Criação. O mito hebraico, um estatuto que confirma sucessivas mudanças históricas na religião, neste estágio tardio torna-se alegórico e define a doutrina da salvação individual (*ver* 61:5).
3. A Geena era o Inferno judaico. O seu nome é tirado do Vale de Hinom, em Jerusalém, que incluía Tofet (*Reis II,* 23:10): lugar originalmente utilizado para sacrifícios humanos ao deus Moloque (*Crônicas II,* 33:8), e mais tarde para a queima do lixo da cidade.
4. A equivalência de um dia divino com mil anos terrestres tem origem no *Salmo* 90:4: "Pois mil anos, aos Teus olhos, são como o dia de ontem."

6

DESCRIÇÃO DOS MONSTROS PRIMEVOS

(a) Nos tempos anteriores à Criação, Rahab, Príncipe do Mar, rebelou-se contra Deus. Ao receber a ordem: "Abre tua boca, Príncipe do Mar, e engole todas as águas do mundo", ele gritou: "Senhor do Universo, deixa-me em paz!" Ao que Deus golpeou-o de morte e afundou sua carcaça sob as ondas, uma vez que nenhum animal da Terra conseguiria suportar seu mau cheiro.[1]

(b) Outros afirmam que Deus poupou a vida de Rahab e que, depois disso, quando anjos invejosos roubaram e atiraram no mar *O Livro de Raziel*, um compêndio de sabedoria divina que Deus dera a Adão, Ele ordenou a Rahab que mergulhasse para recuperá-lo. O Príncipe do Mar obedeceu sem hesitar, porém mais tarde deu ajuda aos inimigos de Deus apoiando os egípcios em sua disputa com os Filhos de Israel e falando em favor do exército do Faraó, que Deus estava para afogar no Mar Vermelho. "Poupa os egípcios", gritou ele, "contenta-te com o resgate de Israel!" Mas Deus, erguendo a mão, destruiu Rahab e todos os seus ajudantes. Alguns dão a Rahab o título de "Príncipe Celestial do Egito". Outros não o distinguem nem de Leviatã nem de Oceanus; ou do jactancioso Grande Dragão, que alegava ter criado todos os mares e rios, mas que Deus arrastou para a Terra em uma rede, com sua progenitura, em seguida esmagando-lhes os crânios e perfurando-lhes os flancos. Como eles não morriam, Deus montou guardas de vigia sobre o Grande Dragão, que será finalmente destruído no Dia do Ajuste de Contas.[2]

(c) As presas monstruosas do Leviatã espalhavam terror, de sua boca saíam línguas de fogo, fumaça de suas narinas, de seus olhos um faiscante raio de luz; seu coração não conhecia piedade. Ele vagava à vontade na superfície do mar, deixando para trás uma esteira resplandecente; ou através de seu abismo mais profundo, fazendo-o ferver como se fosse uma panela. Não há arma no arsenal humano que possa ferir suas escamas. Os próprios habitantes do Céu o temiam. No entanto, Deus fisgou o Leviatã com um anzol, puxou-o do fundo do abismo, amarrou-lhe a língua com uma corda, atravessou-lhe uma vara pelas narinas e furou-lhe as mandíbulas com um espinho — como se fosse um peixe de rio. Em seguida atirou a carcaça no fundo de um barco e levou-a embora como se fosse para o mercado.[3]

(d) Quando Deus criou os peixes e os animais marinhos da luz e da água, permitiu que Leviatã, que era maior do que todos os seus companheiros reunidos, os governasse de um

trono erguido sobre uma rocha submarina colossal. Alguns dizem que ele tinha duas cabeças ou que havia dois Leviatãs — a Serpente Enganadora e a Serpente Má — que foram ambos destruídos por Deus. Outros, que Ele poupou Leviatã por ser uma de Suas criaturas, mas amansou-o inteiramente (ou ordenou ao arcanjo Jahoel que o fizesse), e até hoje ainda se digna a passar tempo com ele em mar alto, três horas inteiras por dia. Os grandes dragões marinhos lhe servem de alimento. Bebe de um tributário do Jordão, no canal secreto através do qual este flui para o oceano. Quando tem fome, solta um vapor de fumaça que perturba uma extensão imensa de água; quando tem sede, provoca tal convulsão que setenta anos precisam se passar até que a calma retorne ao abismo, e até mesmo Behemot, nas Mil Montanhas, mostra sinais de terror. Mas o Leviatã só teme uma única criatura: um peixinho chamado calkis, criado por Deus com o único propósito de mantê-lo sob controle.[4]

(e) Outros afirmam que o Leviatã foi confinado por Deus a uma caverna do oceano, sobre a qual repousa o peso inteiro do mundo. Seu corpo imenso, deitado, faz pressão sobre Tehom, o que o impede de inundar a terra. Ainda assim, uma vez que a água do mar é salgada demais para o gosto do Leviatã, a sede freqüentemente o leva a erguer uma barbatana; as águas doces de Tehom afloram e ele bebe um pouco, deixando em seguida a barbatana cair de novo.[5]

(f) Alguns dizem que o Leviatã tem tantos olhos quanto o ano tem dias e escamas radiantes que obscurecem o próprio sol; que prende a própria cauda nos dentes, formando um anel em torno do Oceano. A faixa inferior do firmamento, onde ficam os signos do Zodíaco, também é chamada, por isso, de "Leviatã".[6]

(g) Raros homens já tiveram um vislumbre da figura imensa do Leviatã. Mas certa vez Rav Safra, que singrava os mares em um navio, viu um animal com dois chifres erguer a cabeça das águas. E ele leu, gravado sobre os chifres: "Esta minúscula criatura marinha, que mal mede trezentas léguas, está a caminho para servir de alimento ao Leviatã."[7]

(h) Alguns sábios reconciliam as tradições rivais de que Deus matou e não matou o Leviatã, acreditando que Ele teria criado um macho e uma fêmea. Segundo estes, Deus retalhou a fêmea e castrou o macho, para impedi-los de se reunirem e assim destruírem o mundo — dizem que teria sido muito impróprio para Ele matar o macho e se divertir com a fêmea... Quando esse único sobrevivente vê a aproximação de Deus, deixa de lado a sua dor; os justos, observando essa ação, ficam igualmente felizes com a prelibação daquilo que os espera — sabendo que no Dia do Juízo haverão de se banquetear com sua carne. Com a pele da fêmea, Deus fez trajes brilhantes para vestir Adão e Eva; e preservou a carne dela em salmoura para o mesmo banquete.[8]

(i) Leviatã, tal como Rahab, exala um fedor apavorante. Não fosse pelo fato do monstro, de vez em quando, se purificar aspirando o doce perfume das flores do Éden, todas as criaturas de Deus seriam por certo asfixiadas.[9]

(j) Aqueles que garantem ter sido a vida do Leviatã poupada prognosticam uma grande caçada angélica, na qual ele é a presa. Ainda assim, mesmo os anjos mais audazes têm de evitá-lo quando ele se vê acuado; e, se cerram fileiras para o ataque, tudo que conseguem é cegar as lâminas em suas escamas. Quando, no curso do tempo, Gabriel tentar arrancá-lo do Abismo ao qual ele retornou, o Leviatã engolirá o anzol, a linha e o pescador. Então Deus em pessoa terá de prendê-lo numa rede e matá-lo.[10]

(k) Deus não apenas preparará um banquete magnífico com a carne do Leviatã, distribuindo para a venda nas ruas de Jerusalém aquilo que os justos não conseguirem comer, como fará tendas de sua pele e adornará os muros da cidade com o que sobrar — só parando quando esses muros estiverem refulgindo até os confins do mundo.[11]

(l) Outros prevêem um duelo entre Leviatã e Behemot. Após uma luta na praia, de fazer a terra tremer, os chifres recurvados de Behemot rasgarão Leviatã, ao mesmo tempo em que as presas afiadas do Leviatã se cravarão mortalmente em Behemot.[12]

(m) Outros no entanto garantem que Leviatã deveria ter sido companheiro de Behemot; mas que Deus os apartou, mantendo Behemot na terra seca e mandando Leviatã para o mar, porque o peso dos dois juntos poderia rachar os arcos da Terra.[13]

(n) Behemot, o primeiro animal terrestre criado, parece um hipopótamo prodigioso: tem uma cauda maior do que o tronco de um cedro e ossos parecendo tubos de bronze. Governa as criaturas terrestres, tal como Leviatã governa as marinhas. Elas saltitam à sua volta, enquanto Behemot repousa entre lótus, juncos, samambaias e salgueiros, ou pasta nas Mil Montanhas. Discute-se se Behemot foi feito a partir de água, pó e luz, ou simplesmente recebeu a ordem de se erguer da Terra; e também se ele nasceu solitário, ou se um dia teve companheira, como todas as criaturas vivas.[14] Alguns dizem que, se Behemot de fato possuiu uma companheira, não pode ter se acasalado com ela, uma vez que suas crias certamente teriam esmagado o mundo. Outros, que Deus prudentemente castrou o macho e esfriou o ardor da fêmea; mas conservou-a até os Últimos Dias, quando sua carne deliciará os justos.[15]

(o) Deus permite que Behemot paste nas Mil Montanhas, e apesar dele deixá-las nuas em um único dia, todas as noites a grama volta a crescer e, pela manhã, está tão alta e viçosa quanto antes. Diz-se que Behemot também é carnívoro, as Mil Montanhas dando sustento, com sua pastagem, a muitos animais que lhe servem de comida. O calor do

verão o deixa tão sedento que todas as águas que fluem pelo Jordão em seis meses, ou até em um ano, mal são suficientes para um único gole. Por isso ele bebe de um rio enorme que sai do Éden com o nome de Jubal.[16]

(p) Behemot é chamado de "o Boi do Poço". Todos os anos, no solstício de verão, ele se ergue sobre as patas traseiras, como Deus lhe ensinou, e lança um tremendo rugido ecoante que coíbe todos os animais selvagens de atacarem os rebanhos e manadas do homem durante os doze meses seguintes. Ele costuma erguer sua cauda grande e peluda, deixando que os pássaros do ar nela busquem abrigo; e depois a abaixa suavemente e deixa os animais do campo fazerem o mesmo. Behemot, apesar de sua força enorme, é tão misericordioso quanto um bom rei deve ser: cuida para que nenhum dos pássaros seja ferido por seus companheiros de vassalagem, os animais terrestres.[17]

(q) Apesar de alguns acreditarem que Leviatã e Behemot acabarão matando um ao outro, outros prevêem que Deus enviará Miguel e Gabriel contra as duas criaturas e que, quando estes não conseguirem liquidá-las, Ele Próprio se encarregará dessa tarefa.[18]

1. *B. Baba Batra* 74b; *Num. Rab.* 18.22; *Mid. Vaiosha,* 46.
2. *Mid. Vaiosha,* 47; *Mid. Sechel Tov,* 182; Ginzberg, L. J., 1:156; 5:26; *Isaías* 51:9; *Salmo* 74:13; *Isaías* 27:1; *Jó* 7:12; *Ezequiel* 29:3-4 e 32:2-6; cf. *Salmo* 148:7; *Salmos de Salomão* 2:25-32; Gunkel, *Schöpfung und Chaos,* 78 ss.
3. *Isaías* 27:1; *Salmo* 74:14; *Jó* 40:25-32; 41:2-26.
4. *Salmo* 74:1; *Isaías* 27:1; *Salmo* 104:24-26; *Jó* 40:29; B. *Baba Batra* 74b-75a; *Gên. Rab.* 52; *Mid. Konen,* 26; *Alfa Beta diBen Sira B.,* 27a-28b, 36a; *PRE,* cap. 9; *Targ. Ier. Gên.* 1:20; *Mechilta Bachodesh* 7, 69b; *Mechilta diR. Shimon* 109; *Mid. Ioná* 98; *Pesikta diR. Kahana* 188a; *Baruque Apóc.* 29:4; *B. Shabat* 77b; *Pirkei Rabenu Hacadosh,* 512a; *Igueret Baale Chaim* 3, 12.
5. *Baruque Apóc.* 29:4; *Seder Raba deBereshit,* 9; *Baraita diMaase Bereshit,* 47; *Pesikta Rabati,* 194b.
6. Kalir, no *piiut Veikon Olam,* seguindo as Lamentações no *Machzor Romano,* ed. Mântua, 1712, p. 115; *Pesikta diR. Kahana,* 188a; *B. Baba Batra* 74b; Ginzberg, L. J., 5:45.
7. *B. Baba Batra* 74a.
8. *B. Baba Batra* 74b; *B. Avodá Zará* 3b; *PRE,* cap. 9; *Mid. Ioná* 98; *Sefer Chassidim,* 476; cf. *Zohar* 2, 216.
9. *B. Baba Batra* 75a.
10. *B. Baba Batra* 75a; *Mid. Alfabetot* 438.
11. *Baruque Apóc.* 29:4; *B. Baba Batra* 75a-b; *Targum ad Ps.* 104:26; cf. *Pesikta diR. Kahana* 29, 188a-b; *Mid. Alfabetot* 438; *Pirque Mashiá* 76.
12. *Lev. Rab.* 13:3.
13. *Ezra IV,* 6:47-52; *Enoque* 60:7-8.
14. *Jó* 40:15-24; *Salmo* 1:10; *Mid Konen,* 26; *PRE,* cap. 11; *Gên. Rab.* 52.
15. *B. Baba Batra* 74b.
16. *Mid Konen,* 26; *Pesikta Rabati,* 80b-81a; *Lev. Rab.* 13:3; 22:10; *Num. Rab.* 21:18; *PRE,* cap. 11.
17. *Mid. Konen,* 37; *Mid. Adonai Bechochma,* 64; *Pesikta Hadta,* 48; Kalir, no *piiut Veikon Olam,* seguindo as Lamentações no *Machzor Romano,* ed. Mântua, 1712, p. 114b.
18. *Pesikta diR. Kahana,* 29, 188a-b; *Mid. Alfabetot* 98; Ginzberg, L. J., 5:43.

1. A vigilância de Deus sobre o Grande Dragão, mesmo depois deste morto, e Sua contenção de Tehom com o uso de um pedaço de lousa mágica (*ver 4.k*) relembram a *Enuma Elish*, onde Marduk coloca vigias para a carcaça de Tiamat a fim de evitar um derramamento de água.
2. O Leviatã, sob alguns aspectos, se parece com uma baleia; sob outros, um crocodilo. Pode-se ver por que ele é chamado de "O Espírito Celestial do Egito" e por que Ezequiel (29:3) chama o Faraó de "o grande dragão que fica entre seus rios", a partir de uma canção de vitória em honra de Tutmés III: "Permito que [os povos vencidos] mirem vossa Majestade com a aparência de um crocodilo temido nas águas, do qual homem algum ousa se aproximar."
3. Os crocodilos eram adorados em Crocodilópolis, Ombos, Coptos, Atribes e Tebas. Suas múmias foram encontradas em diversos cemitérios egípcios. Segundo Plutarco, acreditava-se que os crocodilos punham seus ovos exatamente acima do nível da próxima enchente do Nilo — um grande serviço para os agricultores que por eles passavam. Os crocodilos também eram nativos da Palestina, e sobreviveram no Rio Zerka até o início deste século. Uma pequena estela gnóstica da Cesaréia mostra-os sendo caçados; segundo Diodoro da Sicília, eram fisgados com iscas em anzóis e mortos com garfos de ferro, ainda que raramente, devido à sua santidade. Escreveu ele que o crocodilo só temia o icnêumone (mangusto), uma criatura não maior do que um cachorrinho, que corria de cima a baixo as margens do Nilo quebrando seus ovos para benefício da humanidade.

O calkis, um substituto do icnêumone na tradição judaica, é um peixe gregário. Alguns comentadores o dão como sardinha, outros como arenque, o que parece uma escolha melhor, porque no folclore europeu do norte o arenque é preferido à baleia como o rei do mar.
4. O Leviatã talvez tenha tirado seu fedor de Tehom-Tiamat, cujo nome parece estar ligado pela etimologia popular antiga ao árabe *tahama* ("fedor") e *Tihama*, nome das praias baixas do sudoeste da Arábia. Esta etimologia teria sido reforçada pelo fenômeno de uma baleia encalhada: nenhum outro animal, morto, exala fedor tão forte.
5. Behemot, que se parece com um touro selvagem ao pastar nas Mil Montanhas — sem dúvida na fonte do Nilo —, um dia iria rasgar o Leviatã com seus chifres recurvos. Na maior parte, porém, é um hipopótamo. Heródoto, Diodoro e Plínio, ao escreverem sobre o Nilo, juntam o hipopótamo e o crocodilo. O fato de que o hipopótamo tenha uma força enorme, freqüente as partes juncosas dos rios, possa permanecer sob a água até dez minutos, mas seja herbívoro, portanto inofensivo para outros animais, está de acordo com o relato sobre Behemot em *Jó* 40:15-24. Segundo Heródoto, a fêmea do hipopótamo era adorada em Pamprenis como esposa de Set. Era chamada de Taurt ("a grande") e foi feita patrona da gravidez, mas nunca se humanizou como outras divindades animais. Diodoro nota que teria sido desastroso para a humanidade se os hipopótamos pudessem prosperar sem ser molestados, e que alguns egípcios, por isso, o arpoavam. Possivelmente este comentário, e o louvor feito por Diodoro à preocupação do icnêumone com o futuro da humanidade, sugeriram a catástrofe inevitável caso Leviatã e Behemot se unissem. O tranqüilo hipopótamo causava um tamanho dano às plantações do Nilo que, nos tempos romanos, já tinha sido praticamente exterminado.
6. Tanto o crocodilo quanto o hipopótamo eram sagrados para Set, e figuras sobrenaturais dos dois no *Livro dos Mortos* egípcio, que homenageia Osíris, inimigo de Set, podem ter levado os mitólogos judeus a identificarem-nos com os monstros babilônicos.
7. Crocodilos e hipopótamos não são, segundo Diodoro, comestíveis, mas Heródoto diz que

eles às vezes eram comidos, presumivelmente em um banquete totêmico anual: daí as carnes de Leviatã e Behemot serem reservadas para os justos no Último Dia. Os pobres do Oriente Médio sempre aguardavam com expectativa os festivais de carne para suplementar sua dieta predominantemente de cereais.

8. Oceanus, que Hesíodo dá como o mais velhos dos Titãs e pai de três mil rios, e a quem Homero chama de deus inferior somente a Zeus, devia cingir a terra como uma serpente, tal como o Zodíaco cinge o céu. Era assim prontamente identificado com Leviatã, o Grande Dragão e Rahab; os mitos escandinavos também fazem dele um dragão; sua presença nas moedas de Tiro, cidade contra a qual Isaías (23:1-18), Amós (1:10) e Joel (4:4) profetizaram destruição, pode explicar o golpe brutal que Deus lhe aplicou (ver 4.*h*).

9. O Leviatã de muitas cabeças do *Salmo* 74:14 é o monstro de sete cabeças dos selos cilíndricos hititas, mencionado na mitologia ugarítica. Também aparece em uma cabeça de clava suméria e em um selo babilônico do terceiro milênio a.E.C.

10. Monstros marinhos em relevo decoram seis pequenos painéis na base da Menorá (o candelabro de sete braços) mostrado no Arco do Triunfo de Tito em Roma. Esse arco comemora o saque de Jerusalém no ano 70 E.C. O Rei Salomão colocara cinco candelabros como esse, de ouro, em cada lado do Altar-Mor, além de outros, em prata. Quando Nabucodonosor destruiu o templo em 586 a.E.C., levou-os embora. Algumas décadas depois, uma outra Menorá de ouro podia ser vista no Segundo Templo, construído por Zerubabel. Esta, por sua vez, foi levada por Antíoco Epifano, rei da Síria (175-163 a.E.C.), mas restituída por Iehuda Macabeu. Correspondências estreitas entre o candelabro que se vê no Arco de Tito e a narrativa do Êxodo sobre a Menorá pré-Exílio sugerem que, apesar do autor do Êxodo não ter descrito mais do que o pé e os braços, ainda assim os monstros da Menorá macabéia também ocorriam na salomônica.

11. O significado cósmico da Menorá foi mencionado pela primeira vez por Zacarias (4:10), o qual ficara sabendo através de uma visão que suas sete luzes eram "os olhos de Iavé que percorrem todo o universo", a saber, os sete planetas (*ver* 1:6). Esta visão foi endossada por Josefo e Filo, contemporâneos de Tito, e por autores de *midrashim* de dois ou três séculos mais tarde. A iluminação anual dos candelabros do Templo no festival de outono seria para celebrar a criação das estrelas por Deus no quarto dia: porque a haste central da Menorá ergue-se para formar o quarto braço e porque os sacerdotes babilônicos davam o quarto planeta como consagrado a Nabu, que criou a astronomia. É provável que nessa época os monstros da Menorá representassem aqueles que Deus subjugou antes de ter começado Sua obra de Criação.

No painel esquerdo inferior, dois dragões se encaram em posições semelhantes, apesar de suas asas e caudas serem diferentes. Estes podem ser encarados como dois Leviatãs: a Serpente Enganadora e a Serpente Má. As criaturas de rabos de peixe, simétricas e idênticas, com cabeças algo felinas, mostradas nos painéis superiores da esquerda e da direita são, talvez, os "Grandes Dragões" de *Gênese* 1:21. O dragão no painel central inferior, com a cabeça virada altivamente para cima e para trás, sugere Rahab ("altivez"). Um monstro indistinto, no canto direito inferior, pode ser Tehom ou Efes. Um relevo no painel central superior parece vagamente com o conhecido par de criaturas aladas fenícias, sempre mostradas de frente uma para a outra: possivelmente são querubins, mensageiros de Deus, cujas efígies encimavam a Arca da Aliança. Pode ter sido em memória desses relevos que uma lei tanaíta do século II E.C. proíba explicitamente as representações de dragões com ferrões brotando dos pescoços como emblemas

de idolatria, apesar de serem permitidos os dragões de pescoços lisos, tais como aqueles mostrados na base da Menorá (*Tos. Avodá Zará,* 5:2).

12. Diz-se que Salomão adquiriu grande parte de sua sabedoria no *Livro de Raziel,* uma coletânea de segredos astrológicos talhada em safira, que era guardada pelo anjo Raziel. A idéia de um livro divino contendo segredos cósmicos aparece pela primeira vez no *Livro de Enoque* eslavo (33), o qual afirma que Deus escrevera livros de sabedoria (ou, segundo outra versão, ditara-os a Enoque), que Ele em seguida destacou os dois anjos Samuil e Ragüil (ou Semil e Rasuil) para acompanhar Enoque de volta do céu para a terra, ordenando-lhe que desse esses livros a seus filhos e aos filhos de seus filhos. Esta pode muito bem ser a origem do *Livro de Raziel,* o qual, segundo a tradição judaica, foi dado pelo anjo Raziel a Adão. O volume seguiu, por descendência, para Noé, Abraão, Jacob, Levi, Moisés e Josué, até chegar a Salomão. Diz a tradução Targum sobre *Eclesiastes* 10:20: "Todos os dias o anjo Raziel, parado sobre o Monte Horeb, proclama os segredos dos homens a toda a humanidade, e sua voz reverbera pelo mundo." Um *Livro de Raziel,* datado por volta do século XII, foi provavelmente escrito pelo cabalista Eleazar ben Judá, de Worms, porém contém crenças místicas bem mais antigas.

7

O REEM E O ZIZ

(a) O enorme touro selvagem chamado Reem é tão forte e feroz que qualquer tentativa de ensiná-lo a puxar um arado ou grade seria extrema loucura. Somente Deus pode salvar a humanidade daqueles chifres terríveis.[1]

(b) Nunca existe mais de um único casal de Reems ao mesmo tempo. O touro vive em um confim da Terra, a vaca no outro. A cada setenta anos eles se encontram e copulam, após o que a vaca mata o touro a dentadas. Ela concebe novilhos gêmeos, um macho e uma fêmea; mas, no décimo primeiro e último ano de sua gravidez, tornando-se gorda demais para se mover, ela se deita e rola de um lado para o outro. Nessa situação ela morreria de fome, não fosse pela baba copiosa que ela cospe e que irriga os campos à sua volta, fazendo brotar grama suficiente para manter-lhe a vida. Finalmente seu ventre se arrebenta, os gêmeos pulam para fora e ela expira. Os jovens Reems se separam imediatamente — o novilho macho vai para o leste, a fêmea para o oeste — para voltarem a se encontrar após setenta anos.[2]

(c) O Rei David, quando menino, levou as ovelhas de seu pai até o alto do que ele erradamente pensou ser uma montanha, mas que era na verdade um Reem adormecido. Este de repente despertou e pôs-se de pé. David agarrou o chifre direito do Reem, que chegava até o céu, orando: "Senhor do Universo, tira-me daqui em segurança e Vos construirei um templo com cem côvados de largo, como os chifres deste Reem." Deus, misericordiosamente, mandou um leão, o Rei dos Animais, diante do qual o Reem agachou-se em obediência. Mas, uma vez que o próprio David estava com medo do leão, Deus mandou um veado para que o leão o perseguisse. David então escorregou pelo flanco do Reem e fugiu.[3]

(d) Muitas gerações depois, Raba bar Bar-Hana, o famoso viajante, viu um novilho Reem com um dia de idade, maior do que o Monte Tabor, com um pescoço que media três léguas de diâmetro. O esterco que ele deixou cair no leito do Jordão fez com que o rio transbordasse.[4]

(e) Ainda assim, o Reem teria perecido no Dilúvio, se Noé não tivesse salvado dois filhotes. Não havia lugar para eles na Arca, mas Noé amarrou-os pelos chifres à popa e deixou que apoiassem a ponta dos narizes no convés. Assim eles vieram atrás, nadando,

deixando em seu rastro uma esteira feito um sulco que se estendesse tão longe quanto a distância entre Tiberíades e Susita, na margem oposta do lago de Genesaré.[5]

(f) No tempo do rabino Hiia bar Rava, um novilho de Reem, recém-nascido, chegou a Israel e arrancou pelas raízes todas as árvores daquela terra. Tendo sido proclamado um jejum, o rabino Hiia orou a Deus para que os livrasse; ao que a mãe agonizante do novilho desceu do deserto, e ele retornou com ela.[6]

(g) O Ziz é assim chamado porque sua carne tem muitos e diversos sabores: assim (*zé*) ou então assim (*zé*). É um pássaro limpo, adequado para alimentação e capaz de ensinar à humanidade a grandeza de Deus.[7]

(h) Todos os pássaros, incluindo o Ziz, seu rei, foram criados no Quinto Dia, a partir do charco, e dessa forma enquadram-se entre os animais da terra e do mar.[8] Mas se Deus não tivesse concedido aos pássaros mais fracos uma graça misericordiosa, estes nunca poderiam ter se defendido contra a águia, o falcão e outras aves de rapina; pois no mês de Tishrei, Ele ordena ao Ziz que erga a cabeça, bata as asas e grite bem alto, deixando as aves de rapina tão aterrorizadas a ponto de pouparem as espécies mais fracas.[9]

(i) Deus firmou um dos pés do recém-criado Ziz sob uma barbatana do Leviatã, e descobriu que sua cabeça chegava ao Trono Divino. Suas asas abertas eram capazes de obscurecer o sol e de impedir que o temível Vento Sul ressecasse toda a Terra.[10]

(j) O mesmo Bar-Hana relata que, numa viagem por mar, ele e seus companheiros viram os Zizes de pé no meio do Oceano; mesmo assim, as ondas molhavam-lhe apenas os tornozelos. "Julgamos que o mar estivesse raso", escreve Bar-Hana, "e pensamos em desembarcar para nos refrescar. Mas uma voz divina nos preveniu: 'Sete anos atrás, o carpinteiro de um navio deixou cair seu machado neste ponto, e ele ainda não chegou ao fundo!'"[11]

(k) Também existe a Ziz fêmea. Apesar de cuidar muito bem de seu único e gigantesco ovo, chocando-o em uma montanha distante, ela uma vez, por acidente, deixou cair um ovo que estava estragado. O conteúdo fétido afogou sessenta cidades e varreu trezentos pés de cedro.[12]

(l) Ao final dos tempos, o Ziz partilhará da mesma sorte do Leviatã e de Behemot: ser morto e servido como alimento para os justos.[13]

1. *Salmos* 22:22; 92:11; *Jó* 39:9-1b.
2. *Agudat Agadot* 39; Ginzberg, L. J., 1:30-31.

3. *Mid. Tehilim* 195, 395, 408.
4. *B. Baba Batra* 73b.
5. *Gên, Rab.* 287; *B. Zebahim* 113b.
6. Ver nota anterior.
7. *Lev. Rab.* 22:10; *Mid. Tehilim* 363; *B. Guitin* 31b; *B. Baba Batra* 25a; *Targ. Jó* 3:6; 38:36; 39:13; *B. Bechorot* 57b; *B. Menahot* 66b; *B. Sucá* 5a; *B. Ioma* 80a; *Sifra* 1:14; *Gên. Rab.* 173.
8. *B. Hulin* 27b; *Pesikta diR. Kahana* 35a; *Tan'huma Buber Num.* 122; *Tan'huma Hucat* 6; *Num. Rab.* 19.3; *Ecl. Rab.* 7.23; *Mid. Konen,* 26; Filo, *De Mundi Opif.* 20; *PRE,* cap. 9; *Targ. Ier. ad Gên.* 1:20.
9. *Mid. Konen,* 37-38; *Mid. Adonai Bechochma,* 65-66; *Pesikta Hadta,* 48.
10. *Mid. Konen,* 26; *Lev. Rab.* 22.10; *Gên. Rab.* 173; *B. Guitin* 31a; *B. Baba Batra* 25a.
11. *B. Baba Batra* 734b.
12. *B. Bechorot* 57b; *B. Menahot* 66b; *B. Ioma* 80a.
13. *Mid. Tehilim* 153.

1. Balaão, em sua bênção, comparou a força sem igual de Deus à de um reem (*Números* 23:22; 24:8); e Moisés usou a mesma metáfora em sua bênção a José (*Deuteronômio* 33:17). Segundo o *Arabia Deserta* de Doughty, o *reem* do norte da Arábia, apesar de chamado de "touro selvagem", é um antílope muito grande e muito arisco (*beatrix*), cuja carne é apreciada acima de todas as outras pelos beduínos. Devido a seus chifres longos, retos e afiados serem capazes de trespassar um homem, os caçadores árabes ficam a uma distância respeitosa, até que seus disparos o tenham ferido mortalmente. O couro rijo de um desses cervos faz as melhores sandálias; seus chifres servem de pinos para as tendas.

Uma vez que o reem palestino se tornou extinto no final dos tempos bíblicos e chifres sem par eram exportados da Arábia para a Alexandria como raridade, os tradutores da Septuaginta do século III a.E.C. apresentaram "reem" como *monokerōs,* ou "unicórnio", confundindo-o desta forma com o rinoceronte, que tem um só chifre. A comparação feita de Balaão da força de Deus com a de um reem explica as posteriores narrativas exageradas sobre o seu tamanho. A história da Arca de Noé responde à pergunta de um discípulo: "Por que o reem, se era tão imenso, não se afogou no Dilúvio?"

2. O significado original de *ziz* (na expressão *ziz sadai,* ou "ziz do campo" — *Salmos* 1:11 e 80:14) parece ter sido "insetos", ou possivelmente "gafanhotos", da palavra acadiana *zizanu* ou *sisanu.* Mas quando surgiu a Septuaginta isso já havia sido esquecido, e a palavra foi traduzida no Primeiro Salmo como "fruto do campo", apesar de, no Octogésimo Salmo, constar como "burro selvagem". A *Vulgata Latina* de São Jerônimo (completada em 405 E.C.) mudou o "fruto do campo" da Septuaginta para a "beleza do campo"; e "burro selvagem" para "animal peculiar". O Targum aramaico e o Talmud, por outro lado, explicam *ziz* como *tarnegol bar* ("galo selvagem"), ou *ben netz* ("filho do falcão"), ou *sechvi* ("galo"), ou *renanim* ("júbilos"), ou *bar iochni* ("filho do ninho") — relacionando-o assim com os elaborados mitos iranianos a respeito do galo sagrado de Avesta, e com o *roc* ou *ruch,* também chamado *saena* ou *simurgh,* das *Mil e Uma Noites* e do folclore persa, que era capaz de carregar elefantes e rinocerontes como alimentos para suas crias. Rashi de Troyes, o erudito do século XI, chega mais perto do sentido original, com uma "coisa rastejante, chamada *ziz,* porque move-se, *zaz,* de um lugar para o outro".

8

A QUEDA DE LÚCIFER

(a) No Terceiro Dia da Criação o principal arcanjo de Deus, um querubim de nome Lúcifer, filho do Alvorecer (*Helel ben Shachar*), caminhava no Éden, em meio a jóias faiscantes, seu corpo coruscando de cornalinas, topázios, esmeraldas, diamantes, berilos, ônix, jaspes, safiras e carbúnculos, todos engastados no mais puro ouro. Durante algum tempo Lúcifer, a quem Deus tinha feito Guardião de Todas as Nações, comportou-se discretamente; mas logo o orgulho afetou-lhe as idéias. "Ascenderei acima das nuvens e das estrelas", disse ele, "e me entronizarei em Tsafon, o Monte da Congregação, tornando-me assim igual a Deus." Deus, observando as ambições de Lúcifer, lançou-o do Éden à Terra e da Terra ao Sheol. Lúcifer brilhou como um relâmpago ao cair, mas foi reduzido a cinzas; e agora seu espírito vaga cegamente, sem cessar, através da escuridão profunda do Poço sem Fundo.[1]

1. *Isaías* 14:12-15; *Enoque II,* 29:4-5; *Lucas* 10:18; *Cor. II,* 11:14; Septuaginta e Vulgata para *Isaías* 14:12-17; Targum *Jó* 28:7.

1. Em *Isaías* 14:12-15, a predestinada queda do rei da Babilônia é comparada com a de Helel ben Shachar:

Como caíste do céu,
Ó Lúcifer, filho do Alvorecer!
Como foste lançado por terra,
Despojador de nações!

E tu dizias, em teu coração:
"Ascenderei ao céu,
Acima das estrelas de El
Erguerei meu trono;
Hei de sentar-me no Monte da Congregação,
No extremo norte.
Subirei mais alto que as nuvens mais altas;
Serei semelhante ao Altíssimo!"

E no entanto foste lançado no Sheol,
No abismo sem fundo.

Esta breve referência sugere que o mito já era familiar o suficiente para não necessitar ser narrado por completo: pois Isaías omite todos os detalhes da punição do Arcanjo por Deus (aqui chamado *Elion*, "o Altíssimo"), que não tolerava rivais na glória. Ezequiel (28:11-19) é mais explícito quando faz uma profecia similar contra o rei de Tiro, apesar de omitir o nome de Lúcifer:

Veio mais a mim a palavra do Senhor, dizendo:

"Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro e dize-lhe: 'Assim diz o Senhor Deus: Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.

Estavas no Éden, o jardim de Deus; todas as pedras preciosas eram a tua cobertura: a sardônia, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, a esmeralda e o carbúnculo, e o ouro: a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava pronta para ti no dia em que foste criado.

Tu eras o querubim ungido para proteger; e Eu te estabeleci: no monte santo de Deus estavas, caminhando em meio às pedras reluzentes como fogo.

Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti.

Na multiplicação do teu comércio encheu-se o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, por profano, para fora do monte de Deus: e te destruirei, ó querubim protetor, no meio das pedras reluzentes: como fogo.

Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu esplendor: por terra te lançarei, te prostrarei diante de reis, para que te vejam bem.

Pela multidão das tuas iniqüidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; Eu, pois, farei sair do meio de ti um fogo que te consumirá e te transformará em cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem.

Todos os que te conhecem entre os povos se espantarão contigo: serás motivo de pasmo, e nunca mais existirás.'"

2. Helel ben Shachar era originalmente o planeta Vênus, a última estrela orgulhosa a desafiar o nascer do sol: uma simples alegoria hebraica que, contudo, combinou-se com o mito da queda de Faeton — morreu queimado quando, presunçosamente, tomou as rédeas da carruagem solar de seu pai, Hélio. Este mito, apesar de grego, parece ter-se originado na Babilônia onde, todos os anos, uma carruagem solar sem condutor, simbolizando a transferência da Coroa — durante a qual um menino substituto ocupava o trono real por um dia — atravessava as ruas da cidade. O substituto, um favorito da Deusa Ishtar (que controlava o planeta Vênus) era depois sacrificado. Isaías, portanto, parece estar profetizando que o rei deve sofrer a mesma morte do seu substituto. No mito grego, Faeton, filho de Apolo, tornou-se identificado com um homônimo, Faeton, filho de Eos ("Aurora"). Segundo Hesíodo, a deusa Afrodite (Ishtar) carregou-o para que guardasse seu templo. O rei de Tiro, de que fala Ezequiel, adorava Ishtar e assistia ao sacrifício de meninos sendo queimados vivos como substitutos do Deus Melcarte ("Governador da Cidade").

3. Apesar de *Jó* 38:7 descrever as "estrelas da manhã" cantando juntas, o nome "Helel" não ocorre em nenhum outro lugar das Escrituras; mas o pai de Helel, Shachar ("Aurora"), aparece no *Salmo* 139:9 como uma divindade alada. A mitologia ugarítica faz de Shachar, ou Baal filho de El, irmão gêmeo de Shalem ("Perfeito"). A Montanha do Norte ("Tsafon"), a que Helel aspirava ascender, pode ser identificada com Tsafon, o Monte de Deus, sobre o qual, de acordo

com o mito ugarítico, ficava o Trono de Baal. Quando Baal foi morto por Mot, sua irmã Anat enterrou-o ali. Tsafon, ou Tzafon, a montanha de 1.750 metros — hoje chamada Jebel Akra — na qual o deus-Touro semita do norte, El, também governava "no meio de sua congregação divina", ergue-se próximo à boca do Orontes. Os hititas chamavam-na de Monte Hazi e tomavam-na pelo lugar de onde Teshub, o deus-Tempestade, seu irmão Tashmishu, e sua irmã Ishtar avistaram o terrível gigante de pedra (o "homem diorito", como alguns eruditos traduzem) Ulikumi, que planejava a destruição deles; lançaram contra ele o seu ataque e finalmente o derrotaram. Os gregos o chamavam de Monte Cássio, lar do monstro Tífon e da monstra Delfina, que juntos desarmaram Zeus, rei do céu, e o mantiveram prisioneiro ali, na caverna coriciana, até que o deus Pã subjugou Tífon com um grande grito e Hermes, deus da Astúcia, resgatou Zeus. O Orontes era conhecido como "Tífon". Tsafon era famoso pelos destrutivos ventos Norte que vinham dele sobre a Síria e a Palestina. Todos estes mitos referem-se a conspirações contra uma divindade poderosa; somente no mito hebraico não se faz qualquer menção aos transtornos iniciais de Deus.

4. Lúcifer é identificado no Novo Testamento com Satã (*Lucas* 10:18; *Coríntios II*, 11:14), e no Targum com Samael (Targum, *Jó* 28:7).

9

O NASCIMENTO DE ADÃO

(a) No Sexto Dia, por ordem de Deus, a Terra deu à luz Adão. E como uma mulher permanece impura durante trinta e três dias após o nascimento de um filho homem, assim permaneceu a Terra por trinta e três gerações, até o reinado do Rei Salomão, antes de cujo tempo o Santuário de Deus não podia ser construído em Jerusalém.[1] Os elementos de fogo, água, ar e escuridão se combinaram no ventre da Terra para produzir criaturas vivas;[2] no entanto, mesmo com todos os seus rebentos tendo sido concebidos no Primeiro Dia, as plantas e árvores apareceram no Terceiro, os animais marinhos e pássaros no Quinto, os animais terrestres, os seres rastejantes e o Homem, no Sexto.[3]

(b) Deus não usou terra tomada ao acaso, mas escolheu pó muito puro, de forma que o homem pudesse se tornar a coroação da Criação.[4] Ele agiu, na verdade, como uma mulher que mistura a farinha com água e separa um pouco da massa como uma oferenda de *chalá*: pois Ele fez com que uma névoa umedecesse a terra, em seguida usou um punhado dela para criar o homem, que tornou-se a primeira oferenda de *chalá* do mundo. Sendo o filho da *Adamá* ("Terra"), o homem chamou a si mesmo de "Adão", em reconhecimento à sua origem; ou talvez a terra fosse chamada Adamá em honra de seu filho; no entanto, alguns derivam esse nome de *adom* ("vermelho"), registrando que ele foi formado do barro vermelho encontrado em Hebron, no Campo Damasceno próximo à Caverna de Machpelá.[5]

(c) É improvável, no entanto, que Deus tenha usado terra de Hebron, sendo esse um lugar menos santo do que o cume do Monte Moriá, o próprio umbigo da Terra, onde o Santuário hoje fica: pois lá Abraão foi abençoado, devido à presteza com que se dispôs a sacrificar Isaac. Daí alguns relatarem que Deus ordenou ao Arcanjo Miguel: "Traga-Me pó do local de Meu Santuário!" Reuniu Ele esse pó no côncavo da mão e formou Adão, dessa forma ligando a humanidade por laços naturais à montanha na qual Abraão expiaria os pecados dos seus antepassados.[6]

Alguns dizem que Deus usou dois tipos de pó para a criação de Adão: um tirado do Monte Moriá; o outro uma mistura de elementos recolhidos nos quatro cantos do mundo e umedecidos com água tirada de cada rio e mar existentes. Que, para garantir a saúde de Adão, Ele usou pó masculino e terra feminina. Que o nome de Adão revela os elementos formativos em sua criação: suas três letras hebraicas são as iniciais desses

elementos — *efer* ("pó"), *dam* ("sangue") e *marã* ("fel") — uma vez que, a menos que estes estejam presentes em igual medida, o homem adoece e morre.

(d) Deus desdenhou recolher Ele mesmo o pó de Adão, mandando em vez disso um Anjo — ou Miguel para o Monte Moriá, ou Gabriel para os quatro cantos do mundo. Não obstante, quando a Terra não permitiu que o Anjo cumprisse essa tarefa, sabendo que seria amaldiçoada por causa de Adão, Deus estendeu a Sua própria mão.[8]

Alguns insistem em que o pó para o tronco de Adão foi trazido da Babilônia, para sua cabeça de Israel, para suas nádegas da fortaleza babilônica de Agma, e para seus membros de certas outras terras.[9]

As várias cores que se encontram em um homem são uma lembrança desses diferentes tipos de pó: o vermelho formou a carne e o sangue de Adão; o negro, suas entranhas; o branco, seus ossos e nervos; o verde-oliva, sua pele.[10]

Ao usar pós de todos os cantos do mundo, Deus garantiu que, em qualquer recanto que os descendentes de Adão morressem, a Terra os receberia sempre de volta. Caso contrário, se um oriental viajasse para o Ocidente, ou um ocidental para o Oriente, e adviesse a hora de sua morte, o solo daquela região poderia clamar: "Este pó não é meu, não o aceitarei; retorne, você, ao seu lugar de origem!" Mas, enquanto o corpo de Adão foi formado de elementos terrestres, sua alma foi feita de elementos celestiais, embora alguns acreditem que esta também procedeu da Terra.[11]

(e) A hora em que Deus criou a alma de Adão tem sido objeto de muitas discussões: se ao alvorecer do Sexto Dia (tendo o seu corpo sido feito um pouco depois), ou se no Quinto Dia antes do surgimento dos animais marinhos; ou se essa coisa preciosa foi a primeiríssima das criações de Deus. Alguns afirmam que a Criação da argila inerte de Adão precedeu não apenas a de sua alma, mas até mesmo a da própria Luz. Dizem que Deus, quando estava para soprar Seu espírito nela, interrompeu-se e recordou a Si mesmo: "Se Eu permitir que o Homem viva e fique de pé imediatamente, pode ser que mais tarde se diga que ele tomou parte na Minha tarefa... Ele deve permanecer como argila, até que eu tenha acabado!" Ao cair da noite do Sexto Dia, portanto, os anjos oficiantes perguntaram: "Senhor do Universo, por que não haveis criado ainda o homem?" E Ele respondeu: "O homem já está criado, faltando-lhe apenas a vida." E então Deus soprou vida na argila, Adão pôs-se de pé e a obra da Criação terminou.[12]

(f) Deus dera a Adão uma estrutura tão imensa que, quando ele se deitava, seu corpo se estendia de uma ponta da Terra à outra; e quando ficava de pé, sua cabeça chegava ao mesmo nível do Trono Divino. Mais ainda, ele era de uma beleza tão indescritível que, mesmo que mais tarde as mulheres mais belas parecessem macacos se comparadas com Sara, esposa de Abraão, e mesmo que a própria Sara parecesse um macaco se comparada com Eva, ainda assim a própria Eva parecia um macaco quando comparada com Adão,

cujos calcanhares — para não falar de sua fisionomia — ofuscavam o sol! Não obstante, apesar de Adão ter sido feito à imagem de Deus, ainda assim Ele também parecia um macaco quando comparado a Deus.[13]

(g) Todas as coisas vivas se aproximavam do radiante Adão com espanto, confundindo-o com seu Criador. Mas ao se prostrarem aos seus pés, ele as censurava, dizendo: "Vamos à presença de Deus dando graças; adoremos e reverenciemos, ajoelhando-nos diante do Senhor, nosso Criador..." Deus sentia-se gratificado e enviava anjos para prestarem homenagem a Adão no Éden. Eles se curvavam submissos, assavam-lhe carne para comer e serviam-lhe vinho para beber. Somente a Serpente, invejosa, desobedecia; pelo que Deus a expulsou de Sua presença.[14]

Alguns dizem que todos os anjos oficiantes conceberam um grande ódio por Adão, temendo que ele pudesse se tornar rival de Deus, e tentaram destruí-lo com fogo; Deus, no entanto, estendeu Sua mão sobre Adão e fez a paz entre ele e os anjos.[15]

Em outra parte se conta que a estrutura imensa de Adão e sua fisionomia radiante deixaram os anjos tão pasmos que eles o chamaram de "Santo", e voaram de volta, trêmulos, para o céu. Perguntaram a Deus: "É possível haver dois Poderes Divinos: um aqui, o outro na Terra?" Para acalmá-los, Deus colocou Sua mão sobre Adão e reduziu-lhe a altura para mil côvados. Mais tarde, quando Adão desobedientemente comeu da Árvore do Conhecimento, Deus reduziu ainda mais a sua estatura, para meros cem côvados.[16]

(h) Foi dito que Deus não reduziu o corpo de Adão, mas sim retirou inúmeras camadas de sua carne. Adão queixou-se: "Por que me diminuís?" Deus respondeu: "Só tiro para devolver. Reúne essas aparas, lança-as bem longe, bem espalhadas: onde quer que as atires, lá elas retornarão ao pó, de forma que tua semente possa encher toda a Terra."[17]

(i) Embora Adão jazesse na forma de uma argila prostrada, imóvel ao longo do mundo, ele não obstante podia observar a obra da Criação. Deus também mostrou-lhe os Justos que dele descenderiam — não em uma visão, mas pré-criando-os para sua instrução. Esses Justos eram reduzidos à proporção de anões ante o tamanho de Adão e, ao se aglomerarem em torno dele, alguns agarraram-se a seus cabelos, outros a seus olhos, orelhas, boca e narinas.[18]

1. *Agudat Agadot* 77.
2. *Gên. Rab.* 100; *Mid. Agadá Gên.* 4; cf. Aptowitzer, *HUCA* 6:212; *Zohar, Gên.* 92; Filo, *De Mundi Opif.* 13.
3. *Gênese* 1:9-13, 20-17.
4. *Gênese* 2:6-7; Filo, *De Mundi Opif.* 47; *Ier. Shabat* 5b mid.; cf. *Tan'huma Buber Gên.* 23; *Tan. Noach I, Vaicrá* 53, *Metzora* 9; *Gên. Rab.* 126, 160; *Ialkut Machiri Prov.* 20:25; *Metzora* 69; *Baraita diMass. Nida in Tosefta Atikta; Avot diR. Natan* 117; *Otzar Midrashim* 10.

5. *Gên. Rab.* 156; *Num. Rab.* 19:63; *Mid. Tehilim* 74; *Pesikta Rab.* 61b; *Pesikta diR. Kahana* 34a, 36b; *Mid. Kohelet* 7:27; *Mid. Abkir*, ed. Marmorstein, 131; *Sefer Iuhasin* 232; *Otzar Midrashim* 317; cf. *Avot diR. Natan* 119; Flávio Josefo, *Ant.* i:1.2.; Siegfried, Filo von Alex, 391; Theodoret., Quaest. 60 *in Gên.*; Dillmann, *Gên.* 53; G. Rosen, *ZDMG*, 1858:500; Grünbaum, *ZDMG*, 1877:299.
6. *Gên. Rab.* 132; *Ier. Nazir* 56b acima; *Mid. Hagadol. Gên.* 73; *Num. Rab.* 4:8; *Mid. Tehilim* 92; *Sedar Eliahu Zuta*, 173; *PRE*, caps. 11 e 20: *Apoc. Mos.*, ed. Tischendorf, 21; *Mid. Konen.* 27.
7. *Targum Ier. ad Gên.* 2:7; *Gên. Rab.* 130-31; cf. *Mid. Abkir*, 131; Filo, *De Mundi Opif.* 51; *De Decalogo* 8; *De Somn.* 1:3; *Num Rab.* 14:12; *Mid. Hagadol Gên.* 73, 101; *B. Sota* 5a; cf. *PRE*, cap. 12; *Otzar Midrashim* 164.
8. *Mid. Konen*, 27; *Ierame'el* 15; Ginzberg, L. J., 1:54; 5:71, 72.
9. *B. San.* 38a-b.
10. *Targum Ier. ad Gên.* 2:7; *PRE*, cap. 11.
11. *PRE*, cap. 11; Rashi *ad Gên.* 2:7; *Tan'huma Pekude* 3; *Tan'huma Buber Lev* 33; *Gên. Rab.* 54, 128; *Mid. Tehilim* 529.
12. *Gên. Rab.* 54-56, 199, 230 s.; *Mid. Tehilim* 529; *Lev. Rab.* 14.1; *Tan'huma Buber Lev.* 32; *Ialkut*, 34; *Likutim* 2; cf. Ginzberg, L. J., 5:64; Patai, *Adão* 1:187.
13. *B. Baba Batra* 58a; *Lev. Rab.* 20.2.
14. *PRE*, cap. 11; cf. *Zohar Gên.* 442; *Lev.* 214; *Efr. Sir. Gên.* sobretudo parte 1; *Schatzhöle* 4; *Hagoren* 40; *Vita Adae*, 12; *B. San.* 59b; *Avot diR. Natan* 5; *Bereshit Rabati* 24; *Eldad Hadani*, 77 s.
15. *Avot diR. Natan* 23.
16. *Otzar Midrashim* 70 s., 428b; *BHM* iii:59, 59; *Eldad Hadani* 66; *Hagoren*, 40; *Sefer Chassidim*, 200; *B. Chaguigá* 12a; *Gên. Rab.* 102, 178; *PRE*, cap. 11; cf. *Lev. Rab.* 14:1; 18:2; *Pesikta Rabati* 115b; *Tan'huma Buber Lev.* 37, etc.
17. *Sefer Chassidim*, 290.
18. *Ex. Rab.* 40.3.

1. Há dúvidas sobre se a palavra masculina *Adão* ("homem") e a feminina *Adamá* ("terra") são relacionadas etimologicamente. No entanto, essa relação fica implícita em *Gênese* 2, e é aceita pelos comentaristas dos *midrashim* e do Talmud. Uma conexão menos tênue, sugerida pela primeira vez por Quintiliano (i.v. 34), existe entre o latim *homo* ("homem") e *humus* ("terra"): os lingüistas modernos atribuem as origens de ambas à antiga raiz indo-européia que, em grego, produziu *chthon* ("terra"), *chamai* ("na terra") e *epichthonios* ("humano").
2. O mito da criação do Homem de terra, barro ou pó é altamente difundido. No Egito, ou o deus Chnum ou o deus Ptá criaram o homem numa roda de oleiro; na Babilônia, ou a deusa Aruru ou o deus Ea fizeram a massa do homem a partir do barro. De acordo com o mito grego da Fócia, Prometeu usou um certo barro vermelho de Panopeu; o que lá restou continuou durante séculos a exalar um odor de carne humana.
3. Uma *chalá* era a parte do sacerdote nas "primícias de vossa massa" (*Números* 15:17-21); mas os rabinos determinaram que a massa só estaria sujeita à lei se montasse a um *ômer*, e que a parte do sacerdote deveria ser um doze avos do todo, ou um vinte e quatro avos caso feita em uma padaria, em vez de uma residência particular (*M. Eduiot* i:2; *M. Hala* ii:17).
4. Os antigos hebreus encaravam o que chamamos de verde-oliva como a aparência ideal. Assim, se diz de Ester, em louvor de sua beleza que "sua pele era esverdeada como a casca da murta". (*B. Meguilá* 13a.)
5. As especulações sobre a origem de Adão escandalizaram os cristãos e os muçulmanos que

não conheciam o hebraico. De acordo com o *Enoque* eslavo, baseado em um original grego, "o nome de Adão (*Adam*) vem das iniciais dos quatro ventos principais: Anatole, Dysis, Arctos e Mesembria", porque seu corpo foi feito de pó reunido nos quatro pontos cardeais. Segundo o *Caverna de Tesouros* siríaco, os anjos de Deus viram-Lhe a mão direita estendida sobre o mundo e observaram-No pegar pó, não mais do que um grão a cada vez, de toda a terra, e uma gota de água de todas as águas do universo, e um pouco de vento de todo o ar, e um pouco de calor de todo o fogo, e reuniu esses quatro delicados elementos no côncavo de Sua mão e, assim, criou Adão. Os muçulmanos relatam que os anjos Gabriel, Miguel, Israfil e Azrail trouxeram pó dos quatro cantos do mundo e, com ele, Alá criou o corpo de Adão; para formar-lhe a cabeça e o coração, no entanto, Alá escolheu o pó de um lugar em Meca, onde mais tarde se ergueu a Santa Caaba. Meca é, para os muçulmanos, o umbigo da terra; como o Monte Moriá para os hebreus e Delfos para os gregos.

6. Uma tradição árabe de origem judaica concorda com a idéia de que a Terra se rebelou contra a criação de Adão. Quando Alá mandou primeiro Gabriel e depois Miguel para recolher o pó necessário, em ambas as ocasiões ela protestou: "Invoco Alá contra vós!" Ao que ele enviou o Anjo da Morte, que jurou não retornar enquanto não tivesse cumprido a vontade divina. A Terra, temendo-lhe a força, deixou recolher pó branco, preto e vermelho-cobre — daí as raças humanas de diferentes cores.

7. A moral principal desses mitos e glosas é a de que Deus fez Adão perfeito, apesar de sujeito a ser desviado pelo exercício indevido do livre-arbítrio. Este priva o homem de uma desculpa para o pecado, justificando a ordem de Deus a Abraão: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso, caminha diante de Mim e sê perfeito!" Não obstante, a origem do mal continuou a intrigar os sábios. Inventaram um mito da sedução de Eva por Samael, que emprenhou-a com Caim, o assassino (*ver* 14), apesar do *Gênese*, especificamente, fazer de Adão o pai tanto de Caim quanto de Abel.

8. A censura de Adão aos anjos foi tomada do Salmo 95.

10

AS COMPANHEIRAS DE ADÃO

(a) Tendo decidido dar a Adão uma companheira, para que ele não fosse o único de sua espécie, Deus o fez adormecer profundamente, removeu-lhe uma das costelas, fez dela uma mulher e fechou a ferida. Adão despertou e disse: "Este ser se chamará 'Mulher', porque ela foi feita *a partir do homem*. Homem e Mulher serão uma só carne." O título que ele lhe deu foi o de Eva, "Mãe de Todos os Vivos".[1]

(b) Alguns dizem que Deus criou o homem e a mulher à Sua própria imagem, no Sexto Dia, dando-lhes comando sobre o mundo;[2] mas que Eva ainda não existia. Ora, Deus havia ordenado a Adão que desse nome a cada animal, ave ou qualquer outra coisa viva. Quando estes passaram diante dele, aos pares, macho e fêmea, Adão — já sendo igual a um homem de vinte anos — sentiu ciúmes de seus amores e, apesar de ter tentado acasalar com uma fêmea de cada vez, não encontrou qualquer satisfação no ato. Ele, por isso, gritou: "Todas as criaturas têm uma companheira adequada, menos eu!", e orou a Deus para que remediasse essa injustiça.[3]

(c) Deus então formou Lilit, a primeira mulher, tal como havia formado Adão, só que usou terra suja e sedimentos em vez de puro pó. Da união de Adão com essa demônia, e com outra como ela, chamada Naamá, irmã de Tubal Caim, nasceram Asmodeu e inúmeros demônios que ainda assolam a humanidade. Muitas gerações depois, Lilit e Naamá apresentaram-se diante do trono de julgamento de Salomão, disfarçadas como meretrizes de Jerusalém.[4]

(d) Adão e Lilit nunca tiveram paz juntos; pois quando ele queria se deitar com ela, ela se sentia ofendida com a posição deitada que ele exigia. "Por que devo me deitar por baixo de ti?", perguntou ela. "Eu também fui feita de pó, e sou portanto tua igual." Como Adão tentou levá-la a obedecer-lhe pela força, Lilit, enfurecida, proferiu o nome mágico de Deus, ergueu-se no ar e o deixou.

Adão queixou-se a Deus. "Fui abandonado por minha companheira." Deus imediatamente enviou os anjos Senoi, Sansenoi e Semanguelof para trazerem Lilit de volta. Encontraram-na junto ao Mar Vermelho, uma região repleta de demônios lascivos, dos quais ela teve *lilim* em um número superior a cem por dia. "Retorna a Adão sem demora", disseram os anjos, "ou te afogaremos!" Lilit perguntou: "Como posso retornar a Adão e viver como esposa honesta, depois de minha estada junto ao Mar

Vermelho?" "Recusar será a morte!", responderam eles. "Como posso morrer", voltou a perguntar Lilit, "quando Deus me ordenou que cuidasse de todas as crianças recém-nascidas: dos meninos até o oitavo dia de vida, o da circuncisão; e das meninas até o vigésimo dia. Não obstante, se eu vir os vossos três nomes ou figuras em um amuleto sobre uma criança recém-nascida, prometo poupá-la." Com isto eles concordaram. Mas Deus puniu Lilit fazendo com que cem de seus filhos demônios perecessem diariamente;[5] e quando não conseguia destruir uma criança humana, por causa do amuleto angélico, ela, vingativa, voltava-se contra as suas próprias.[6]

(e) Alguns dizem que Lilit governou como rainha em Zmargad, e de novo em Sabá; e que foi a demônia que destruiu os filhos de Jó.[7] No entanto, ela escapou à maldição de morte que se impôs a Adão, uma vez que eles haviam se separado muito antes da Queda. Lilit e Naamá não apenas estrangulam crianças, mas também seduzem os homens que sonham, dos quais qualquer um, se estiver dormindo sozinho, pode se tornar sua vítima.[8]

(f) Sem se abalar com Seu fracasso em dar a Adão uma companheira adequada, Deus voltou a tentar e permitiu que ele observasse enquanto construía uma anatomia de mulher: usando ossos, tecidos, músculos, sangue e secreções glandulares, depois cobrindo o todo com pele e acrescentando tufos de cabelo em determinados pontos. Essa visão causou a Adão tamanho asco que, mesmo quando essa mulher, a Primeira Eva, mostrou-se em toda a sua beleza, ele sentiu uma repugnância insuperável. Deus entendeu que havia fracassado mais uma vez e levou embora a Primeira Eva. Para onde ela foi, ninguém sabe ao certo.[9]

(g) Deus tentou pela terceira vez, agindo de forma mais circunspecta. Tendo tirado uma costela do flanco de Adão enquanto este dormia, fez dela uma mulher; em seguida trançou-lhe os cabelos e adornou-a, como uma noiva, com vinte e quatro jóias, antes de acordá-lo. Adão ficou fascinado.[10]

(h) Alguns dizem que Deus criou Eva não da costela de Adão, mas de uma cauda terminando em ferrão, que fora parte do corpo dele. Deus cortou-a e o coto — hoje um cóccix inútil — ainda é portado pelos descendentes de Adão.[11]

(i) Outros dizem que a idéia original de Deus fora criar dois seres humanos, macho e fêmea; mas, em vez disso, Ele formou um único, com um rosto masculino olhando para a frente e um rosto feminino olhando para trás. Novamente mudou de idéia, removeu o rosto traseiro de Adão e construiu um corpo de mulher para ele.[12]

(j) Outros ainda afirmam que Adão foi criado originalmente como um andrógino de corpos masculino e feminino, reunidos de costas. Uma vez que essa posição tornava a

locomoção difícil e a conversação canhestra, Deus dividiu o andrógino e deu a cada metade um novo traseiro. Estes seres separados, Ele colocou no Éden, proibindo-lhes no entanto que se acasalassem.[13]

1. *Gênese* 2:18-25; 3:20.
2. *Gênese* 1:26-28.
3. *Gên. Rab.* 17.4; *B. Iebamot* 63a.
4. *Ialkut Reubeni ad Gên.* 2:21; 4:8.
5. *Alfa Beta diBen Sira,* 47; Gaster, *MGWJ,* 29 (1880), 553 ss.
6. *Num Rab.,* 16.25.
7. *Targum ad Jó* 1:15.
8. *B. Shabat* 151b; Ginzberg, L. J., 5:147-8.
9. *Gên. Rab.* 158, 163-64; *Mid. Abkir* 133, 135, *Avot diR. Natan,* 24; *B. Sanedrim* 39a.
10. *Gên.* 2:21-22; *Gên. Rab.* 161.
11. *Gên. Rab.* 134; *B. Erubin* 18a.
12. *B. Erubin* 18a.
13. *Gên. Rab.* 55; *Lev. Rab.* 14.1; *Avot diR. Natan* 1.8; *B. Berachot* 61a; *B. Erubin* 18a; *Tan'huma Tazri'a* 1; *Ialkut Gên.* 20; *Tan. Buber* iii:33; *Mid. Tehilim* 139, 529.

1. A tradição de que o primeiro relacionamento sexual do homem foi com animais, e não com mulheres, pode se dever à prática amplamente difundida entre os pastores da Idade Média, que os costumes até hoje toleram, apesar disso figurar três vezes no Pentateuco como crime capital. Na *Epopéia de Gilgamesh* acadiana, diz-se que Enkidu viveu com gazelas e montou sobre outros animais no local onde ficava a água, até ser civilizado pela sacerdotisa de Aruru. Tendo desfrutado os abraços dessa mulher durante seis dias e sete noites, ele sentiu vontade de voltar a unir-se às fêmeas dos animais, mas, para sua surpresa, estas fugiram dele. Enkidu então viu que tinha ganhado o entendimento e a sacerdotisa disse: "Tu és sábio, Enkidu, como um deus!"
2. O homem primevo foi tido pelos babilônios como andrógino. Assim, a *Epopéia de Gilgamesh* dá a Enkidu traços andróginos: "os cabelos de sua cabeça, como os de uma mulher, com cachos que tombam como os de Nisaba, deusa dos Grãos". A tradição hebraica evidentemente tem origens em fontes gregas, porque ambas as palavras usadas em um midrash tanaíta para descrever o Adão bissexual são gregas: *androgynos,* "homem-mulher", e *diprosopon,* "de dois rostos". Filo de Alexandria, o filósofo helenista e comentador da Bíblia, contemporâneo de Jesus, afirmou que o homem foi a princípio bissexual; o mesmo diziam os gnósticos. Esta crença é claramente tomada de Platão. No entanto, o mito de dois corpos colocados de costas um para o outro pode muito bem ter se fundamentado na observação de gêmeos siameses que às vezes são reunidos dessa forma estranha. O Adão de dois rostos parece ser uma fantasia retirada das moedas ou estátuas de Jano, o deus romano do Ano-Novo.
3. As divergências entre os mitos da criação dos *Gênese* 1 e 2, que permitem a presunção de que Lilit tenha sido a primeira companheira de Adão, resultam da descuidada mistura de uma tradição judaica antiga com uma tradição sacerdotal posterior. A versão mais antiga contém o incidente da costela. Lilit tipifica as mulheres cananéias, adoradoras de Anat, às quais era permitida a promiscuidade pré-nupcial. Repetidas vezes os profetas denunciaram as mulheres

israelitas por seguirem as práticas cananéias; a princípio, aparentemente, com a aprovação dos sacerdotes — uma vez que o hábito destes de dedicar a Deus as gratificações assim recebidas é expressamente proibido no *Deuteronômio* 23:18. A fuga de Lilit para o Mar Vermelho relembra a antiga noção hebraica de que a água atrai demônios. "Demônios torturados e rebeldes" também encontraram abrigo seguro no Egito. Assim, Asmodeu, que estrangulara os seis primeiros maridos de Sara, fugiu "para as partes mais distantes do Egito" (*Tobit* 8:3), quando Tobias queimou o coração e o fígado de um peixe em sua noite de núpcias.

4. A barganha de Lilit com os anjos tem sua contrapartida ritual em um rito apotropaico que já foi observado em muitas comunidades judaicas. Para proteger a criança recém-nascida contra Lilit — especialmente o macho, até que este pudesse ficar permanentemente salvaguardado pela circuncisão — desenhava-se um anel com natrão ou carvão na parede do aposento do recém-nascido, e dentro dele eram inscritas as palavras: "Adão e Eva. Fora Lilit!" Também os nomes de Senoi, Sansenoi e Semanguelof (significados incertos) eram inscritos na porta. Se Lilit, apesar de tudo isso, conseguisse se aproximar da criança e afagá-la, esta riria durante o sono. Para evitar o perigo, era aconselhado cruzar os lábios da criança adormecida com um dedo — ao que Lilit desapareceria.

5. "Lilit" costuma ter sua origem atribuída à palavra assírio-babilônica *lilitu*, "um demônio feminino, ou espírito do vento" — uma de uma tríade mencionada em encantamentos babilônicos. Mas ela aparece antes como "Lilake" em uma tábua suméria, de Ur, de 2000 a.E.C., contendo a história de *Gilgamesh e o Salgueiro*. Nessa história ela é uma demônia que habita o tronco de um salgueiro cultivado pela deusa Inana (Anat) nas margens do Eufrates. A etimologia popular hebraica parece ter derivado "Lilit" de *leil*, "noite"; e ela, a partir daí, aparece freqüentemente como um monstro noturno peludo, como também acontece no folclore árabe. Salomão suspeitou que a rainha de Sabá fosse Lilit, porque tinha pernas cabeludas. Seu julgamento das duas meretrizes está registrado em *Reis I*, 3:16 ss. Segundo *Isaías* 34:14-15, Lilit habita entre as ruínas desoladas do Deserto Edomita, onde sátiros (*se'ir*), reems, pelicanos, corujas, chacais, avestruzes, cobras e aves de rapina lhe fazem companhia.

6. Os filhos de Lilit são chamados *lilim*. No *Targum Ierushalmi*, a bênção sacerdotal de *Números* 6:26 torna-se: "O senhor te abençoa em todos os teus feitos, e te preserva dos Lilim!" Hierônimos, comentarista do século IV E.C., identificou Lilit com a grega Lâmia, uma rainha líbia abandonada por Zeus, cuja esposa, Hera, roubou-lhe os filhos. Lâmia vingou-se roubando os filhos de outras mulheres.

7. As lâmias, que seduziam os homens adormecidos, sugavam-lhes o sangue e comiam-lhes a carne, como faziam Lilit e suas companheiras demônias, e também eram conhecidas como *Empusas*, "as que forçam a entrada", ou *Mormoliceia*, "lobas assustadoras"; e descritas como "filhas de Hécate". Um relevo helenista mostra uma Lâmia nua montada nas costas de um viajante adormecido. É característico das civilizações onde as mulheres são tratadas como escravas que elas adotem durante o ato sexual a posição recumbente, que Lilit recusou. As bruxas gregas que adoravam Hécate preferiam a posição superior, segundo sabemos por Apuleio; e esta ocorre nas antigas representações sumérias do ato sexual, embora não ocorra nas hititas. Malinowski escreve que as jovens da Melanésia ridicularizam o que chamam de "posição missionária", a qual exige que elas se deitem passivas e recumbentes.

8. *Naamá*, "agradável", explica-se como significando que "a demônia cantava canções

agradáveis aos ídolos". *Zmargad* sugere *smaragdos*, a água-marinha semipreciosa; e pode, portanto, ser sua morada submarina. Um demônio chamado Smaragos aparece nos *Epigramas Homéricos*.

9. A criação de Eva por Deus a partir da costela de Adão — um mito que estabelece a supremacia masculina e esconde a divindade de Eva — não tem paralelos nos mitos mediterrâneos ou nos mais antigos do Oriente Médio. A história talvez se origine, iconotropicamente, de um antigo relevo, ou pintura, que mostrava a deusa Anat nua, pairando no ar, observando seu amante Mot matar o gêmeo dele, Alian; Mot (confundido pelo mitógrafo com Iavé) estava enfiando uma adaga curva sob a quinta costela de Alian, e não removendo uma sexta. A conhecida história é corroborada por um trocadilho culto com *tsela*, o hebraico para "costela": Eva, apesar de criada para ser companheira de Adão, acabou sendo uma *tsela*, um "obstáculo" ou "infortúnio". A formação de Eva a partir da cauda de Adão é um mito ainda mais demolidor, talvez sugerido pelo nascimento de uma criança com um resquício de cauda, em vez de um cóccix — uma ocorrência não infreqüente.

10. A história da fuga de Lilit para o Oriente e do subseqüente casamento de Adão com Eva pode, no entanto, registrar um incidente histórico antigo: pastores nômades, admitidos no reinado cananeu de Lilit como hóspedes (*ver* 16:1), repentinamente tomam o poder e, quando os membros da casa real, diante disso, fogem, preenchem um segundo reinado que presta vassalagem à deusa hitita Heba.

O significado de "Eva" é objeto de discussão. *Havá* é explicado em *Gênese* 3:20 como "mãe de todos os seres humanos"; mas pode muito bem ser uma forma hebraizada do nome divino Heba, Hebat, Chebat ou Chiba. Esta deusa, esposa do deus-Tempestade hitita, é mostrada cavalgando um leão numa escultura de pedra em Hatusas — o que a iguala a Anat — e aparece como uma forma de Ishtar nos textos hurritas. Era adorada em Jerusalém (*ver* 27:6). Seu nome grego era Hebe, a deusa esposa de Heraclés.

11

O PARAÍSO

(a) Tendo formado o homem do pó, Deus plantou um jardim paradisíaco a leste do Éden e encheu-o de árvores, cujos frutos eram jóias coruscantes — e entre elas a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. O rio que passava pelo Paraíso se dividia depois em quatro correntes. Pishon banha a Terra de Havilá, onde se encontra ouro, carbúnculo e ônix; Gihon banha Cush; o Tigre passa além da Assíria; e o Eufrates é o quarto. Deus estabeleceu Adão ali e deu-lhe permissão para participar da Congregação divina.[1]

(b) Após a expulsão de Adão, Deus destacou o Querubim, também chamado "a Chama de Espadas Rodopiantes", para guardar o Éden.[2]

(c) Discute-se onde fica esse Paraíso terrestre: se em um deserto,[3] ou na Montanha de Deus;[4] e se a oeste ou a norte, em vez de a leste, de Israel. Um determinado rei de Judá, certa vez, se dispôs a descobri-lo. Subiu o Monte Lebiá, do alto do qual poderia ser ouvido o som de espadas rodopiantes na outra margem de um rio. Tendo feito descer vários de seus cortesãos até o vale, ele lhes disse: "Sigam o som!" Mas nenhum deles jamais voltou.[5]

(d) O Éden tem sete portões,[6] e o mais exterior abre-se na Caverna de Machpelá, em Hebron. Adão deparou com ele enquanto enterrava ali o corpo de Eva. Enquanto cavava, uma fragrância divina roçou-lhe as narinas. Cavou mais fundo, na esperança de recuperar sua morada perdida, mas uma voz ensurdecedora gritou "Alto!"[7] Adão jaz enterrado na mesma caverna; seu espírito ainda guarda o portão do Éden,[8] através do qual brilha uma luz celestial.[9] A fragrância do Éden um dia se espalhou de tal forma pelo campo circunvizinho que Isaac o escolheu como lugar de oração.[10] Durante cerca de vinte gerações, esse cheiro também se manteve nas vestimentas de pele, que Deus deu a Adão e que foram passadas a seus descendentes masculinos pela linha dos primogênitos. Outros alegam que o portão mais exterior do Éden abre-se no Monte Sion.[11]

(e) O primeiro homem depois de Adão que entrou vivo no Paraíso foi Enoque. Viu a Árvore da Vida, sob cuja sombra Deus costuma descansar. Sua beleza, de ouro e carmim, transcende todas as outras coisas criadas; sua copa cobre todo o jardim; e quatro correntes — de leite, mel, vinho e azeite — brotam de suas raízes. Um coro de trezentos anjos cuida desse Paraíso — que alguns, no entanto, dizem que não se situa na Terra, e sim no

Terceiro Céu. Isaac, o próximo homem a visitá-lo, ali estudou durante três anos; e mais tarde seu filho Jacob também foi admitido. Mesmo assim, nenhum deles registrou aquilo que viu.[12]

(f) Moisés foi levado ao Éden por Shamshiel, o anjo guardião do jardim, o qual, entre outras maravilhas, mostrou-lhe setenta tronos recobertos de jóias, feitos para os Justos, e apoiados sobre pernas do mais puro ouro, reluzentes de safiras e diamantes. No maior e mais rico sentava-se o Pai Abraão.[13]

(g) Depois de Moisés, não se achou nenhum mortal digno do Paraíso, exceto o rabino Iehoshua ben Levi, um professor de excepcional santidade,[14] que entrou por meio do seguinte estratagema. Quando ficou muito velho, Deus ordenou ao Anjo da Morte que lhe atendesse um último desejo; Iehoshua então pediu uma visão do lugar que lhe era reservado no Paraíso, mas antes de partirem lado a lado, pediu a espada do Anjo — "Para evitar que, por algum infortúnio, possas me matar de medo." O Anjo entregou-lhe a espada e, quando chegaram ao Paraíso, colocou Iehoshua montado sobre o muro que servia de limite, dizendo: "Olhe para baixo! Ali fica o lugar que lhe está reservado."

Iehoshua então pulou do muro e, apesar do Anjo tê-lo segurado pela capa, tentando puxá-lo de volta, ele jurou que iria ficar. Quando os anjos oficiantes de Deus queixaram-se: "Esse homem tomou o Paraíso de assalto", Ele respondeu: "Então vão e busquem saber se Iehoshua alguma vez quebrou algum juramento enquanto estava no mundo; se não, que ele, da mesma forma, cumpra com este." Eles foram, buscaram saber e trouxeram a resposta: "Iehoshua manteve todos os juramentos." "Então ele ficará", declarou Deus.

O Anjo da Morte, vendo que tinha sido logrado, pediu a espada roubada. Mas Iehoshua reteve-a, consciente de que o Anjo não podia entrar no Paraíso. Uma voz divina então proferiu: "Devolva a espada para o que ele precisa!" Iehoshua respondeu: "Senhor, eu o farei se ele jurar nunca mais sacá-la quando Vós tomardes a alma de um homem. Até agora ele assassinou suas vítimas como animais, até mesmo crianças nos ventres das mães." O Anjo renunciou a essa prática selvagem e Iehoshua devolveu-lhe a espada.

Após o que Elias ordenou aos Justos: "Abram espaço! Abram espaço!" e Iehoshua, penetrando mais fundo no Paraíso, viu Deus sentado em meio a treze companhias dos Justos. Deus perguntou: "Iehoshua ben Levi, alguma vez viste o arco-íris?" E ele respondeu: "Senhor do Universo, a que pessoa da minha idade já foi recusada essa grande visão?" Deus sorriu e disse: "E você não é Iehoshua ben Levi?" Pois enquanto um único homem autenticamente piedoso viver na Terra, o Arco-Íris não precisará mais relembrar a Deus Sua promessa, feita no tempo de Noé, de que ele jamais voltaria a inundar o mundo inteiro como castigo por sua fraqueza. Deus sabia que Iehoshua, não tendo nunca visto um arco-íris em sua vida, fugira à pergunta para evitar o pecado da presunção.

O Anjo da Morte em seguida apresentou sua queixa contra Iehoshua ao sábio Gamaliel. Gamaliel disse: "Iehoshua fez bem! Agora volte e diga-lhe para observar o Éden e seus tesouros, e fazer-me um relatório de tudo. Quero saber especialmente se há gentios no Paraíso, e se há filhos de Israel no Inferno."

O Anjo da Morte executou essa missão; e Iehoshua relatou a Gamaliel conforme se segue: "O Paraíso tem sete portões, cada qual levando ao seguinte. A Primeira Casa, de frente para a entrada, abriga os convertidos que foram a Deus por sua livre vontade. Suas paredes são de cristal, suas vigas de cedro, e Obadias, o profeta Justo, a dirige.

"A Segunda Casa é construída de forma idêntica e abriga os penitentes de Israel. Manassés ben Hizkiahu a dirige.

"A Terceira Casa é de prata e ouro. Lá cresce a Árvore da Vida, sob cuja sombra sentam-se Abraão, Isaac e Jacob, os patriarcas das doze tribos, todos os israelitas que saíram do Egito e a geração inteira que vagou no Deserto; também o Rei David, seu filho Salomão, e todos os reis de Judá — exceto Manassés, que jaz no Inferno. Moisés e Arão guardam esta Casa, que contém vasos de finíssima prata, caros ungüentos, almofadas, bancos, dosséis e candelabros de ouro, pérolas e pedras preciosas.

"Quando perguntei: 'Para quem essas coisas são preservadas?', o Rei David respondeu: 'Para os Justos de Israel, que estão residindo no mundo de onde vieste.' E quando perguntei, mais uma vez: 'Encontra-se aqui algum dos descendentes de Esaú?', ele respondeu: 'Não, pois se um deles realiza uma boa ação, Deus o recompensa enquanto ele ainda vive, mas no final herda o Inferno; ao passo que entre os Filhos de Israel, cada homem recebe seu castigo enquanto ainda vive, mas depois ganha um lugar no Paraíso — a não ser que ele leve Israel a pecar, como fez o Rei Manassés.'

"A Quarta Casa é construída de ouro, suas vigas são de oliveira, e abriga os Justos cujas vidas foram amargas como a azeitona que ainda não amadureceu.

"A Quinta Casa, através da qual flui o Gihon, é construída de prata, cristal, ouro puro e vidro. Suas vigas são de ouro e prata e a fragrância do Líbano permeia todas as salas. Lá, vi almofadas de prata e ouro, doces especiarias e tecidos vermelhos e purpúreos feitos por Eva; também fios escarlates e pêlos de cabra trançados por anjos; e aí vivem o Messias, filho de David, e Elias. Quando o Messias me perguntou: 'Como os Filhos de Israel passam o tempo no mundo de onde vens?', respondi: 'Em constante preparação para vossa vinda.' A isto, ele chorou.

"A Sexta Casa abriga aqueles que morreram enquanto cumpriam seu dever para com Deus.

"A Sétima Casa abriga aqueles que morreram de dor pelos pecados de Israel."[15]

(h) Alguns dizem que os habitantes do Paraíso se equilibram sobre as cabeças e caminham sobre as mãos, como fazem todos os mortos. Se um feiticeiro conjura um espírito morto, este sempre aparece de cabeça para baixo; a não ser que seja conjurado

por ordem de um rei — como a feiticeira de En-Dor conjurou Samuel a pedido de Saul —, caso em que ele fica de pé, para mostrar respeito pela realeza.[16]

(i) Quando Adão foi expulso do Éden, Deus permitiu-lhe levar consigo certas especiarias, a saber: açafrão, nardo, cálamo aromático e canela; também algumas sementes e mudas de árvores frutíferas paradisíacas, para seu próprio uso.[17]

Moisés construiu o Tabernáculo com madeira recolhida por Adão no Paraíso.[18]

1. *Gênese* 2:8-14; *Ezequiel* 28:13.
2. Filo, *De Mundi Opif.* 60.
3. *Isaías* 51:3; *Joel* 2:3.
4. *Ezequiel* 28:16.
5. Shet b. Iefet, *Hem'at ha-Hemda* 14a.
6. *BHM,* ii:52; *Ialkut, Gên.* 20; *Zohar Chadash,* p. 41.
7. *Zohar Chadash, Midrash Rute,* p. 158 (iniciando com *"Veamar R. Rahumai"*).
8. *Zohar Chadash,* p. 41.
9. *Zohar Gênese* 250b.
10. *Zohar Êxodo* 39b.
11. *Gên. Rab.* 744; *PRE,* cap. 20; *Targum Ier. Gênese* 3:23.
12. *Perek Shirá; Midrash Shir* 42a; *Seder Gan Éden* 132-33, 194; cf. Enoque eslavo (*Enoque II:*) 8; *Apoc. Mosis* 27; *Ialkut Shir* 982.
13. Wertheimer, *Bate Midrashot* i:284-85.
14. *B. Ketubot* 77b.
15. *BHM,* ii:28-30, 48-50.
16. *Gênese* 24:65; *Tan'huma Buber Lev.* 82; *Lev. Rab.* 26.7; e fontes medievais citadas por Ginzberg, L. J., 5:263.
17. *Apoc. Mosis* 29; *Adamschriften* 16; *Mid. Tehilim* 445; nota 66.
18. Ioshua b. Shu'aib, *Derashot al haTorá,* Constantinopla, 1523, final de *Terumá;* referindo-se a *Êxodo* 26:15 ss.

1. Para a origem do conceito de Paraíso comum à Europa, ao Oriente, às Américas Central e do Norte e à Polinésia — ver Capítulo 12.

2. O Paraíso terrestre de Adão, o Jardim do Éden, ficava localizado, especulativamente, primeiro na "Montanha de Deus", o Monte Tsafon, na Síria; em seguida em Hebron, que um dia foi o vale mais fértil do sul da Palestina e famoso por seu santuário oracular; depois em Jerusalém, após o Rei David ter mudado sua capital de Hebron para lá; e durante o cativeiro na Babilônia, na cabeceira do Golfo Pérsico — um delta banhado por quatro rios principais: Tigre, Eufrates, Choaspes e o Canal de Palakopas. As palavras de *Gênese* 2:8: "Deus plantou um jardim a leste *no* Éden", e 10: "um rio saía do Éden para banhar o jardim" contribuíram para a confusão geográfica. Alguns entendiam "Éden" como a parte central do jardim; outros, como a região em torno do jardim. Ainda outras confusões levaram alguns judeus da Babilônia a identificar o Éden como Bet Éden (*Amós* 1:5; *Ezequiel* 27:23), o Bit Adini das inscrições assírias, que floresceu nos séculos X e IX a.E.C. Bet Éden ficava na Armênia, e presumia-se ser a fonte não apenas do Tigre

e do Eufrates, mas também do Nilo — Alexandre, o Grande, defendia este ponto de vista — e do Orontes (Pishon?), que é o principal rio de Havilá (norte da Síria?), como o Nilo é do Egito (Cush). Josefo e a Septuaginta (*Jeremias* 2:18) equiparam o Gihor com o Nilo. Alguns encaram Havilá como a Arábia Central, apesar de a esta faltarem rios, uma vez que Havilá aparece em *Gênese* 10:7 como um filho de Cush e um descendente de Shem através de Ioctan.

3. Homero faz a mesma associação do Paraíso com recompensas e punições na *Odisséia* (iv:561), descrevendo os Campos Elísios e "a orla do mundo, onde Radamanto, o dos cabelos claros, governa, e a vida é mais fácil para o homem; lá não cai neve, nem tempestades violentas, nem chuva em momento algum, mas o Oceano sempre envia a rajada límpida e penetrante do Vento Ocidental para refrescar a humanidade". Radamanto era um dos Juízes Infernais. Segundo Josefo, os essênios da costa do Mar Morto também acreditavam que, após a morte, os Justos iam para uma região ocidental, onde não eram perturbados nem pela chuva, nem pela geada, nem pelo calor, e desfrutavam a contínua brisa fresca do mar. Os maus, no entanto, eram confinados em um Inferno escuro e frio, onde sofriam castigos incessantes — como no Tártaro grego. Quanto à ausência de todos os descendentes de Esaú no Paraíso, ver 38:5 e 40:3.

4. "Monte Lebiá" significa "montanha da Leoa". Sua localização não é conhecida. Os dois querubins que guardavam o Éden com suas espadas turbilhonantes eram provavelmente suásticas (rodas de fogo) pintadas no portão como um aviso à humanidade de que o jardim era tabu.

5. Iehoshua ben Levi era o chefe da Escola Rabínica de Lida durante o início do século III E.C., e herói de muitas historietas edificantes.

6. A posição dos mortos, de cabeça para baixo, origina-se provavelmente da noção de que os fantasmas assumem uma postura pré-natal na esperança do renascimento (*ver* 36.*a*, final).

7. Uma referência ao que parece uma versão mais antiga do mito do Paraíso no *Gênese* ocorre em *Jó* 15:7-8:

> *Foste tu o primeiro homem a nascer?*
> *Ou foste gerado antes das colinas?*
> *Ouviste o conselho de Eloá?*
> *E guardaste a sabedoria só para ti?*

De acordo com esta passagem, Adão nasceu antes das colinas serem formadas, participou da Assembléia Divina e, com a ambição de glória ainda maior, roubou a sabedoria — dessa forma, fazendo por sua própria conta aquilo que, na versão do *Gênese*, Eva e a serpente sutil o convenceram a fazer. Seu roubo relembra o mito grego do titã Prometeu que roubou o fogo dos céus como um dom para a humanidade, que ele próprio havia criado, sofrendo um castigo terrível na mão de Zeus Todo-Poderoso.

12

A QUEDA DO HOMEM

(a) Deus permitiu que Adão e Eva, sua esposa, comessem os frutos de todas as árvores do Éden, exceto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, pois prová-lo, ou sequer tocá-lo, significaria a morte. A Serpente, que lá estava, perguntou sutilmente a Eva: "Deus não lhes proibiu de comer qualquer fruto que seja?" Ela respondeu; "Não, mas nos advertiu, sob pena de morte, que nos abstivéssemos de uma certa árvore no meio deste jardim." A Serpente gritou: "Então Deus os enganou! O fruto dessa árvore não causa a morte, simplesmente confere a sabedoria; Ele os está mantendo na ignorância." E dessa forma Eva foi convencida a provar do fruto e levou Adão a fazer o mesmo.[1]

(b) Quando acabaram de comer, Adão e Eva olharam um para o outro e, compreendendo de repente que estavam nus, arrancaram folhas de figueira e as uniram em aventais para se cobrir. Ouviram Deus, que caminhava pelo jardim ao entardecer, e esconderam-se entre as árvores. Deus chamou: "Adão!", e mais uma vez: "Adão, onde estás?" Adão saiu de seu esconderijo e disse: "Ouvi a Vossa aproximação, Senhor, e escondi minha nudez, envergonhado." Deus perguntou: "Quem te ensinou sobre tua nudez? Então comeste o fruto da árvore proibida?" Adão respondeu: "Eva me deu o fruto da árvore e eu o comi." Deus se virou para Eva: "Ai, mulher, o que fizeste?" Ela suspirou, dizendo: "A Serpente me enganou." Deus amaldiçoou a Serpente: "Perderás as pernas e te arrastarás sobre o ventre para sempre, comendo o pó! Haverá uma inimizade duradoura entre ti e a mulher. Os filhos dela pisarão as cabeças de teus filhos, até que seus calcanhares fiquem feridos."[2]

E depois amaldiçoou Eva: "Multiplicarei teu sofrimento e tua tristeza; terás filhos na dor; terás desejo pelo teu marido e a ele prestarás obediência!"

(c) A maldição seguinte caiu sobre Adão: "Porque deste ouvidos a Eva e não a Mim, amaldiçôo o solo que a partir de agora terás de lavrar todos os dias da tua vida, comendo o pão com o suor do teu rosto, esfalfando-te para dele arrancar espinhos e cardos. E, finalmente, a morte fará com que teu corpo retorne ao pó do qual te criei!"[3]

(d) Uma vez que os aventais de folhas de figueira eram fracos demais para trabalho tão duro, Deus misericordiosamente fez roupas de pele para Adão e Eva. Mas refletiu: "Esse homem tornou-se semelhante a um Deus, no seu conhecimento do bem e do mal! E se quisesse arrancar o fruto que pende da Árvore da Vida e assim viver eternamente?" Por

isso expulsou Adão do Éden e, colocando querubins em seu Portão Oriental, conclamou "a Chama de Espadas Turbilhonantes" para barrar-lhe o caminho.[4]

(e) A Serpente empurrara Eva com rispidez contra a Árvore do Conhecimento, dizendo: "Não morreste após tocar nesta árvore; nem morrerás após comer seu fruto!" E disse também: "Todos os seres mais antigos são governados pelos mais recentes. Tu e Adão, os últimos a serem criados, governam o mundo; portanto, come e ganha a sabedoria, senão Deus mandará novos seres para usurpar o teu governo!" Quando os ombros de Eva tocaram na árvore ela viu a Morte se aproximando. "Agora terei de morrer", gemeu ela, "e Deus dará a Adão uma nova mulher! Vou tentar convencê-lo a comer, tal como eu, de forma que, se ambos tivermos que morrer, morreremos juntos; caso contrário, viveremos juntos." Arrancou um fruto, comeu-o, e a seguir suplicou a Adão, em lágrimas, até que ele concordou em comer também.[5]

(f) Eva mais tarde convenceu a todos os animais e pássaros a provar do fruto — ou todos, exceto a prudente fênix, que desde então permaneceu imortal.[6]

(g) Adão assombrou-se com a nudez de Eva: porque sua gloriosa pele exterior, um invólucro de luz tão acetinado quanto uma unha, havia caído.[7] Ainda assim, ante a beleza do corpo interior de Eva reluzindo como uma pérola branca, deixado-o extasiado, ele lutou durante três horas contra a tentação de comer e tornar-se como ela; durante todo o tempo, segurava o fruto na mão. Finalmente ele disse: "Eva, prefiro morrer do que sobreviver a você. Se a morte vier a reclamar o seu espírito, Deus jamais me consolaria com outra mulher que igualasse o seu encanto!" E assim dizendo, ele provou do fruto, e a pele exterior de luz tombou dele também.[8]

(h) Alguns afirmam que Adão, comendo do fruto, ganhou o dom da profecia;[9] mas que, quando tentou colher folhas para se cobrir, as árvores o repeliram, gritando; "Afasta-te, ladrão, que desobedeceste ao Teu Criador! Não terás nada de nós!" Não obstante, a Árvore do Conhecimento permitiu-lhe servir-se do que queria — eram folhas de figueira — aprovando sua escolha da sabedoria em vez da imortalidade.[10]

(i) Outros dão a Árvore do Conhecimento como uma imensa espiga de trigo, mais alta que um cedro; ou um cepo de videira; ou uma cidreira, cujo fruto é utilizado na comemoração de Tabernáculos. Mas Enoque relata que era uma tamareira.[11]

(j) De acordo com alguns, as roupas que Deus deu a Adão e Eva lembravam os finíssimos linhos egípcios de Bet Shean, que se moldam ao corpo;[12] de acordo com outros, eram de pele de cabra, ou pele de coelho, ou lã circassiana, ou pêlo de camelo, ou da pele largada pela Serpente.[13] Outros ainda dizem que a roupa de Adão era uma

túnica sacerdotal, legada por ele a Set; que a legou a Matusalém; cujo herdeiro foi o Patriarca Noé. O filho primogênito deste, Jafé, deveria ter herdado essa túnica, mas Noé previu que os Filhos de Israel se originariam de Shem, a quem, portanto, ele a legou. Shem deu a túnica a Abraão, o qual, como servo amado de Deus, podia reclamar o direito de primogenitura; Abraão a Isaac; Isaac a Jacob. Ela passou em seguida para Rubem, o filho primogênito de Jacob; e assim o legado continuou, geração após geração, até que o privilégio de oferecer sacrifícios foi tirado por Moisés do primogênito da casa de Rubem e dado a Arão, o Levita.[14]

(k) Adão e Eva foram expulsos do Éden na Primeira Sexta-Feira, o dia em que ambos haviam sido criados e haviam pecado. No Primeiro Shabat, Adão descansou e rogou a Deus por misericórdia. Quando o dia foi chegando ao fim, Adão dirigiu-se ao Gihon Superior, o mais forte dos rios, e lá fez uma penitência de sete semanas, permanecendo de pé no meio da correnteza, com água até o queixo, até que seu corpo ficou mole como uma esponja.[15]

(l) Depois disso, um anjo veio reconfortar Adão e ensinou-lhe o uso das tenazes e do malho de ferreiro; e também a como lidar com os bois, para que ele pudesse fazer a bom tempo a aragem da terra.[16]

1. *Gênese* 3:1-6.
2. *Gênese* 3:7-13.
3. *Gênese* 3:14-19.
4. *Gênese* 3:20-24.
5. *PRE*, cap. 13; *Gên. Rab.* 172-74; *B. Sanedrim* 29a; *Adamschriften*, 28.
6. *PRE*, cap. 14; *Gên. Rab.* 196.
7. Mesmas fontes da nota anterior.
8. *Adamschriften*, 28-29.
9. *Gên. Rab.* 200-01; *Ialkut Gên.* 34.
10. *Gên. Rab.* 139-42.
11. Mesmas fontes da nota anterior e Ginzberg, L. J., 5:97-98.
12. *Gên. Rab.* 196; *Tan'huma Buber Gên.* 17-18.
13. Mesmas fontes da nota anterior.
14. *Tan'huma Buber Gên.* 133; *Num. Rab.* 4.8.
15. *Ialkut Gên.* 34.
16. *Adamschriften*, 24, 33.

1. Alguns elementos do mito da Queda do Homem no *Gênese* são extremamente antigos; mas a composição é tardia, e até mesmo, em certos lugares, sugere influência grega. A *Epopéia de Gilgamesh*, cuja versão mais antiga pode ser datada em torno de 2000 a.E.C., descreve como a deusa suméria do amor, Aruru, criou a partir do barro um nobre selvagem chamado Enkidu, que pastoreava entre as gazelas, matava a sede junto com o gado e brincava com os golfinhos — até que uma sacerdotisa, enviada a ele por Gilgamesh, iniciou-o nos mistérios do amor. Apesar de

ter se tornado sábio como um deus, ele agora era rejeitado pela criaturas selvagens; e a sacerdotisa, por isso, cobriu-lhe a nudez, usando parte de sua própria roupa, e levou-o à cidade de Uruk, onde ele se tornou irmão de sangue do herói Gilgamesh. Mais tarde, Gilgamesh saiu em busca da erva da imortalidade. Entrou por um túnel sombrio, com doze léguas de comprimento, e saiu num paraíso de árvores carregadas de jóias, que pertenciam a Seduri, deusa da Sabedoria. Recusando o convite do deus-Sol para que permanecesse, Gilgamesh insistiu, até que ficou sabendo por Utnapishtim (o Noé sumério) que a erva desejada — uma planta parecida com o sanguinheiro — crescia no fundo do mar. Gilgamesh amarrou pedras aos pés, mergulhou, encontrou a planta, e trouxe-a de volta em segurança. Mas uma serpente roubou-a enquanto ele visitava uma fonte de água fresca. Gilgamesh então, cheio de tristeza, resignou-se a morrer.

2. Adão chamou Eva de "Mãe de Todos os Vivos" (*Gênese* 3:20), um título daquela mesma deusa do amor, Aruru, ou Ishtar; e ela lhe conferiu sabedoria, tal como a sacerdotisa de Aruru fez com Enkidu. Uma vez, no entanto, que a lenda babilônica de Marduk como Criador havia, séculos antes, sucedido à lenda suméria de Aruru como Creatrix, o Criador Hebreu foi levado a punir Eva por esclarecer o inocente Adão.

3. Uma outra fonte para a Queda do Homem do *Gênese* é o mito acadiano de Adapa, descoberto em uma lousa em Tel el-Amarna, a capital do faraó Akenaton. Adapa, filho de Ea, o deus babilônico da sabedoria, foi atacado no Golfo Pérsico por um Pássaro-das-tormentas (procelária), enquanto pescava para os sacerdotes de seu pai, e quebrou-lhe a asa. Acabou que o pássaro era o Vento Sul. Ea chamou Adapa para que explicasse sua violência e preveniu-o de que, tendo desagradado a Anu, o rei dos céus, os deuses lhe ofereceriam a comida e a bebida da morte, que ele deveria recusar. Anum, no entanto, tomando conhecimento dessa revelação indiscreta, desviou a manobra de Ea, oferecendo a Adapa o pão da vida e a água da vida e, quando este os recusou, de acordo com as ordens do pai, implacavelmente mandou-o de volta à terra como um mortal perverso. Este mito fornece o tema do aviso da serpente a Eva: que Deus a havia enganado quanto às propriedades do fruto proibido.

4. Uma outra possível fonte da Queda do Homem no *Gênese* é um antigo mito persa: Meshia e Meshiane a princípio vivem só de frutas, mas depois são convencidos pelo demônio Ariman a negar a Deus. Perdem sua pureza, derrubam árvores, matam animais e cometem outros males.

5. De acordo com o mito cretense citado por Apolodoro e Higino, e um mito lídio citado por Plínio, as serpentes possuíam uma erva da imortalidade.

6. A história do *Gênese*, na qual o trabalho agrícola é representado por uma maldição lançada sobre o homem devido à curiosidade e ao erro desobediente de Eva, expressa miticamente o antiqüíssimo ponto de vista mediterrâneo que encara o trabalho físico (simbolizado e exemplificado pela aragem do solo) como uma provação implacável e inevitável. Esse ponto de vista continua a ser partilhado no Oriente Médio, não apenas pelos nômades, que encaram os felás como "escravos do solo", mas pela maior parte da própria população agrícola. Foi o ponto de vista mantido, mesmo antes da história da Criação ter recebido sua forma final, por um fazendeiro grego amargurado, Hesíodo, o primeiro escritor a encarar a agricultura como um mal lançado sobre a humanidade por deuses impiedosos. Um ponto de vista inteiramente diferente é expresso pelo mito grego de Triptólemo: a quem Deméter recompensa, em nome do pai dele, iniciando-o nos mistérios da agricultura, pelos quais, para ensiná-los, ele percorre o mundo inteiro, montado em uma carruagem puxada por serpentes.

7. O Éden como um refúgio rural pacífico, onde o homem vive à vontade entre os animais selvagens, ocorre não apenas na história de Enkidu, mas também nas lendas gregas e latinas da Idade de Ouro, e deve ser diferenciado do Paraíso coberto de jóias que Gilgamesh e o Helel de Isaías visitaram (*ver* 8.*a*). O paraíso terrestre representa a nostalgia de um desgastado homem da cidade pelas alegrias simples do campo, ou a de um trabalhador desanimado pelos frutos comidos na inocência da infância; o Paraíso celeste é desfrutado em um transe esquizofrênico, induzido ou por ascetismo, ou por perturbações glandulares, ou pelo uso de drogas alucinógenas.
8. Nem sempre é possível julgar quais entre essas causas produziram as visões místicas de, digamos, Ezequiel, "Enoque", Jacob Boehme, Thomas Traherne e William Blake. Ainda assim, os jardins das delícias, cobertos de jóias, costumam estar relacionados no mito com o ato de comer uma ambrosia proibida aos mortais; e isto indica uma droga alucinógena reservada a um pequeno círculo de adeptos, droga essa que lhes dá sensações de glória e sabedoria divinas. A referência de Gilgamesh ao sanguinheiro, no entanto, deve ser um disfarce — o sanguinheiro era comido pelos místicos antigos não como uma fonte de iluminação, mas como um purgativo. O soma, a ambrosia dos indianos, ainda é usado secretamente, segundo dizem, pelos brâmanes.
9. Todos os jardins das delícias são originalmente governados por deusas; na mudança do matriarcado para o patriarcado, os deuses masculinos os usurparam. Quase sempre existe uma serpente. Assim, no mito grego, o Jardim das Hespérides, cujas macieiras davam frutos de ouro, era guardado pela Serpente Ladon, e fora domínio de Hera antes dela ter se casado com Zeus, embora Heraclés, seu inimigo, acabasse destruindo Ladon com a aprovação de Zeus. O paraíso sumério adornado de jóias, onde esteve Gilgamesh, era propriedade de Siduri, Deusa da Sabedoria, que indicara o deus-Sol Shamash para seu guardião; em versões posteriores da epopéia, Shamash veio a degradar Siduri à condição de mera "cervejeira", que atendia numa taverna das redondezas. Indra, o principal deus ariano, parece ter obtido uma nova forma de soma com as deusas-Mães indianas de várias denominações.
10. Um paraíso cujos segredos foram recentemente revelados é o Tlalócan mexicano — do qual Heim e Wasson reproduzem uma imagem do afresco de Tepantitla em *Les Champignons Hallucinogènes de Mexique*. A imagem mostra um espírito, com um ramo na mão, chorando de alegria por entrar em um jardim de flores e árvores frutíferas fantasticamente brilhantes, banhado por um rio cheio de peixes, que flui da boca de um sapo divino. Este é o deus Tlalóc, que corresponde muito aproximadamente ao Dioniso grego, e a quem sua irmã Calciolutlicue nomeou co-governante de seu paraíso. No primeiro plano vêem-se canais de irrigação sobre os quais quatro cogumelos se entrelaçam para formar uma cruz que denota os quatro pontos cardeais. Por trás do espírito ergue-se uma serpente malhada — Tlalóc com outro aspecto; um dragão florido e imensas borboletas coloridas pairam no ar. A droga alucinógena indutora dessa visão era um cogumelo tóxico, ainda comido de forma ritual em várias províncias do México. *Psilocybin*, o agente ativo, é atualmente classificado pelos psiquiatras, junto ao ácido lisérgico e à mescalina, como um dos principais psicotrópicos — "reveladores do eu interior do homem".
11. Os cogumelos alucinógenos são comuns em toda a Europa e Ásia. Algumas variedades, que não perdem suas qualidades tóxicas ao serem cozidas, ao que tudo indica eram introduzidas nos bolos sagrados, comidos durante os Mistérios Gregos; e também nos Mistérios Árabes, uma vez que a raiz semântica árabe *fir* ocorre em palavras que significam "cogumelo venenoso", "pão sacrificial" e "êxtase divino". Perseu chegou ao riquíssimo Jardim das Hespérides com a ajuda

de Atena, Deusa da Sabedoria e, de acordo com Pausânias, mais tarde construiu e batizou Micenas em honra de um cogumelo que crescia no local, e do qual fluía um lago. O fato do paraíso indiano se parecer tanto com esses outros sugere que o soma é um cogumelo sagrado, disfarçado na comida e na bebida — não como afirma a maior parte das autoridades, uma variedade de asclepiadácea; e a reverência dos antigos chineses por um "Cogumelo da Sabedoria" pode ter origem num culto semelhante.

12. O amor ardoroso entre Enkidu e a sacerdotisa, apesar de omitido da história do *Gênese*, foi preservado por um comentador talmúdico que faz Adão preferir a morte à separação de Eva. Ainda assim, o mito da Queda permite que o homem culpe a mulher por todos os seus males, faça-a trabalhar para ele, exclua-a dos ofícios religiosos e recuse-lhe voz nos problemas morais.

13. Os comedores de ambrosia costumam desfrutar de uma sensação de perfeita sabedoria, que resulta de uma coordenação muito precisa de suas capacidades mentais. Uma vez que, em hebraico, "conhecimento do bem e do mal" significa "conhecimento de todas as coisas, tanto as boas quanto as más", e não se refere ao dom do arbítrio moral, a "Árvore da Vida" pode um dia ter sido a árvore hospedeira de um cogumelo alucinógeno em particular. Por exemplo, a bétula é hospedeira do *amanita muscaria*, comido sacramentalmente por certas tribos páleo-siberianas e mongóis.

14. Um acréscimo à história da penitência de Adão ocorre no irlandês *Saltair na Rann*, do século X, baseado em uma *Vida de Adão e Eva* anterior, da Síria, evidentemente retirada de fontes hebraicas: ele jejua no Jordão, não no Gihon, com água até o queixo e, como recompensa, Deus permite que Rafael lhe revele certos segredos místicos. De acordo com este texto, Deus criou Adão em Hebron; o que pode ser uma versão pré-Exílio do mito. Alguns autores bizantinos fazem com que Adão só se arrependa aos seiscentos anos de idade.

15. A Serpente é quase que universalmente encarada como um inimigo do homem e da mulher (*ver* 13 e 14).

13

A REBELIÃO DE SAMAEL

(a) Alguns dizem que a Serpente do Éden era Satã disfarçado: isto é, o Arcanjo Samael. Este rebelou-se no Sexto Dia, levado por um ciúme assoberbante de Adão, a quem Deus ordenara que todas as hostes dos céus adorassem. O Arcanjo Miguel atendeu sem demora, mas Samael disse: "Não vou adorar um ser inferior! Quando Adão foi feito, eu já tinha sido concluído à perfeição. Ele que adore a mim!" Os anjos de Samael concordaram e Miguel os advertiu: "Cuidado com a fúria de Deus!" Samael respondeu: "Se Ele demonstrar raiva, estabelecerei um trono acima das estrelas e proclamarei a mim mesmo como o Altíssimo." Ao que Miguel atirou Samael para fora do Céu, jogando-o na terra, onde ele, não obstante, continuou a tramar contra a vontade de Deus.[1]

(b) Outros dizem que, quando todos os anjos já haviam obedientemente se prostrado aos pés de Adão, Samael dirigiu-se a Deus: "Senhor do Universo, vós nos haveis criado do esplendor de Vossa Glória. Deveremos então adorar um ser formado do pó?" Deus respondeu: "E no entanto essa criatura, apesar de formada do pó, te supera em sabedoria e compreensão." Samael desafiou-O: "Testai-nos!" Deus disse: "Criei animais, pássaros e seres rastejantes. Desce e coloca-os todos em fila; e se fores capaz de dar-lhes os nomes que Eu próprio teria dado, Adão reverenciará tua sabedoria. Mas se fracassares, e ele tiver sucesso, deverás reverenciar a dele."

No Éden, Adão prestou obediência a Samael, a quem tomara por Deus. Deus, no entanto, desfez o mal-entendido e perguntou a Samael: "Serás o primeiro a dar nomes a esses animais, ou será Adão?" Ele respondeu: "Serei eu, como o mais velho e o mais sábio." Ao que Deus pôs bois diante dele, perguntando: "Qual é o nome destes?" No que Samael ficou em silêncio, Deus afastou os bois. Trouxe um camelo, e depois um jumento, mas Samael não conseguiu dar nome a nenhum.

Deus então plantou a compreensão no coração de Adão e falou de tal forma que a primeira letra de cada pergunta indicava o nome do animal. Assim, ele trouxe os bois dizendo: "Basta abrir os lábios, Adão, e me dizer como estes se chamam!" Adão respondeu; "Bois." Deus mostrou-lhe em seguida um camelo, dizendo: "Conseguirás me dizer o nome deste!" Adão respondeu: "Camelo." Finalmente Deus mostrou-lhe um jumento: "Já que soubeste os outros, saberás este também?" Adão respondeu: "É um jumento."

Quando Samael viu que Deus havia esclarecido Adão, protestou indignado. "Estás protestando?", perguntou Deus. "E como não protestaria", respondeu Samael, "se me

haveis criado a partir da Vossa Glória, para depois conceder o conhecimento a uma criatura formada do pó?"

Deus disse: "Ó, perverso Samael, estás espantado com a sabedoria de Adão? Pois ele agora vai prever o nascimento de seus descendentes, e dar a cada um o seu nome próprio, até os Dias Finais!"[2] Com isso, Ele arremessou Samael e seus anjos fora do Céu. Samael agarrou-se às asas de Miguel, e o teria arrastado consigo para baixo, se Deus não interviesse.[3]

(c) Alguns alegam que Satã não era Samael, mas sim o Príncipe das Trevas, parecido com um boi, que se opusera à vontade criativa de Deus, antes mesmo que Ele ordenasse "Faça-se a Luz!" Quando Deus disse: "Fora! Criarei meu mundo na Luz!", o Príncipe perguntou; "E por que não das Trevas?" Deus respondeu: "Cuidado, ou te subjugo com um grito!" O Príncipe, não querendo admitir ser inferior a Deus, fingiu estar surdo. Ao que o brado de Deus o derrubou, tal como Ele havia ameaçado.[4] Samael e seus anjos foram banidos para uma masmorra escura, onde ainda definham, os rostos emaciados, os lábios selados; e são agora conhecidos como os Sentinelas.[5] Nos Dias Finais, o Príncipe das Trevas vai se declarar igual a Deus e alegará ter tomado parte na Criação, jactando-se: "Apesar de Deus ter feito o Céu e a Luz, eu fiz a Escuridão e o Inferno!" Seus anjos o apoiarão; mas o fogos do Inferno extinguirão essa arrogância.[6]

1. *Vita Adae* 13:1-16; cf. *Hebreus* 1:6; *Apoc.* 12:7-9; 20:1-7.
2. *Bereshit Rabati*, 24-25. Cf. *Gên. Rab.* 155-56, onde os rivais de Adão são os anjos oficiantes.
3. *PRE*, cap. 27; *Bereshit Rabati*, 70.
4. *Pesikta Rabati*, 95a, 203a; *Ialkut Reubeni ad Gên.* 1:3, vol. 1:19.
5. *Enoque II*, 18:1-6; cf. também cap. VII.
6. *Mid. Alfabetot* 434.

1. "Samael", apesar de dizerem que significa "Peçonha de Deus", é mais provavelmente uma cacofonia de "Shemal", divindade síria. No mito hebraico, Samael ocupa uma posição ambígua, sendo ao mesmo tempo "chefe de todos os Satãs" e "o maior príncipe nos céus", que governa os anjos e as forças planetárias. O título "Satã" ("inimigo") identificava-o com Helel, "Lúcifer, filho da Aurora", outro anjo caído, e com a Serpente, que no Jardim do Éden tramou a queda de Adão. Alguns judeus (Ginzberg, L. J., 5:85) também afirmam que ele planejava criar um outro mundo, o que o identifica com o "Cosmocrata", ou "Demiurgo" gnóstico. O Cosmocrata Grego Órfico Ofion, ou Ofioneu, também era uma serpente (*ver* 1:10).
2. A história dando nome aos animais deriva talvez de um mito sobre como foi inventado o alfabeto: sendo a primeira e a terceira letras hebraicas *alef* e *guimel*, ou seja, "boi" e "camelo".
3. Todos os povos do Oriente Médio e do Mediterrâneo acreditavam que as Trevas (*choshech*) existiam muito antes da Criação, não como mera ausência de luz, mas como uma entidade positiva. Os gregos falavam de sua "Mãe Noite"; os hebreus de seu "Príncipe das Trevas", relacionando-o com Tohu (*ver* 2:3) e colocando-o no norte. O grito com que Deus derrubou

esse príncipe lembra o de Pã quando, segundo Apolodoro, subjugou Tífon, um monstro cujas asas obscureciam o sol, e que também vivia no norte, no Monte Tsafon (*ver* 8:3).

4. "Sentinelas" (*egregorikoi* em grego), o nome dado aos anjos de Satã no *Segundo Livro de Enoque*, parece ser uma versão de duas palavras em aramaico: *irin*, aplicada a anjos em *Daniel* 4:10, 14, 20; e *cadishin*, "santos". Uma tradução mais próxima seria "anjos da guarda", o que está de acordo tanto com suas funções quanto com o significado de seus nomes. De acordo com *Midrash Tehilim*, no *Salmo* 1, *ir* refere-se à divindade *Eloá*.

14

OS NASCIMENTOS DE CAIM E ABEL

(a) Alguns dizem que Samael disfarçou-se como a Serpente e, após ter vingativamente persuadido o homem a comer da Árvore do Conhecimento, gerou Caim em Eva, dessa forma maculando todos os rebentos da subseqüente união de Eva com Adão. Somente quando os Filhos de Israel pararam ao pé do Monte Sinai e receberam a Lei das mãos de Moisés é que essa maldição foi finalmente suspensa. Ela ainda é uma mácula para as outras nações.[1]

(b) Segundo algumas narrativas, Samael não se deitou com Eva antes de Adão tê-lo feito. Deus a princípio pretendia que Samael governasse o mundo, mas este sentiu grande ciúme à visão de Adão e Eva copulando, nus, e sem pudor. E ele jurou: "Destruirei Adão, desposarei Eva e governarei realmente." Tendo esperado até que Adão se deitasse com Eva e caísse no sono, ele tomou o lugar de Adão. Eva entregou-se a ele e concebeu Caim.[2]

Logo, no entanto, ela se arrependeu de sua infidelidade e bradou entre lágrimas: "Ai de mim, Adão, pois pequei! Expulsa-me da luz da tua vida. Irei para o Ocidente, para lá esperar a morte." Três meses depois, tendo chegado ao Oceano, Eva juntou galhos e construiu uma cabana. Quando as dores do parto lhe sobrevieram, ela rezou a Deus para que logo chegasse sua hora, mas em vão, e tudo que conseguiu fazer foi pedir ao Sol e à Lua que contassem a Adão sobre os apuros que estava passando, em seu próximo circuito para o Oriente. E assim eles fizeram. Adão correu para o lado de Eva e, encontrando-a ainda em trabalho de parto, juntou suas preces às dela. Deus mandou doze anjos e duas Virtudes, todos liderados por Miguel, que ficaram à direita de Eva, afagando-lhe o rosto e o colo, até que ela deu à luz.[3]

(c) Uma vez que o rosto do menino Caim refulgia angelicamente, Eva compreendeu que Adão não tinha sido o pai e, em sua inocência, exclamou: "*Ganhei* um filho homem de Iavé!"[4]

(d) Outros explicam o nome de Caim dizendo que ele ficou de pé assim que nasceu, saiu correndo e voltou com uma palha de trigo, que deu a Eva; a qual, diante disso, chamou-o de Caim, que significa "espiga".[5]

(e) Depois disso Eva teve um segundo filho, a quem chamou de Abel, que significa

"alento" ou, dizem alguns, "vaidade", ou "tristeza", prevendo sua desgraça prematura.[6] O conhecimento disto lhe veio em um sonho: ela viu Caim bebendo o sangue de Abel e recusando a súplica lamentosa deste para que deixasse algumas gotas. Quando Eva contou sobre esse sonho a Adão, ele disse: "Precisamos separar nossos filhos." E, assim, Caim cresceu como agricultor e Abel como pastor; cada qual vivendo em sua própria cabana.[7]

(f) Alguns, no entanto, acreditam que Caim era gêmeo de Abel, gerado em Eva por Adão, a concepção dos dois tendo sido um dos eventos miraculosos que ocorreram no Sexto Dia. Na primeira hora, Deus reuniu o pó de Adão; na segunda, Adão tornou-se um torrão inerte; na terceira, seus membros se distenderam; na quarta, Deus soprou o espírito dentro dele; na quinta, ele ficou de pé; na sexta, deu nome aos animais; na sétima, Deus deu-lhe Eva; na oitava, "dois foram para a cama, e quatro saíram dela" — uma vez que Caim e Abel eram gêmeos concebidos imediatamente; na nona, Adão foi proibido de comer do fruto da Árvore do Conhecimento; na décima, ele pecou; na décima-primeira, foi punido; e na décima-segunda, expulso do Éden.[8]

(g) Outros ainda sustentam que o primeiro ato de amor entre Adão e Eva produziu pelo menos quatro filhos: Caim com sua irmã gêmea, e Abel com a dele. Ou mesmo com duas irmãs gêmeas.[9]

1. *PRE,* cap. 21, com textos comentados por Luria; *Mid. Hagadol Gên.* 88-89 a 105; *B. Shabat* 146a; *B. Iebamot* 103b; *B. Avodá Zará* 22b; *Targum ad Gên.* 4:1 e 5: 3; *Gên. Rab.* 182.
2. *Tosefta Sota* 4:17-18; *Avot diR. Natan* i:7-8; *Gên. Rab.* 168-69, 171-72; *PRE,* cap. 21; *Ialkut ad Gên.* 4:1, par. 35.
3. *Vita Adae* 18-21.
4. *Vita Adae* 21; *Apoc. de Moisés* 1; *PRE,* cap. 21; *Gênese* 4:1.
5. *Vita Adae* 21.
6. Josefo, *Ant.* i:2.1; Filo, De Migr. Abraão. 13.
7. *Vita Adae* 22-23; *Apoc. de Moisés* 2; org. por Charles ii:138; *Adamschriften,* 7,42.
8. *B. Sanedrim* 38b; cf. *Avot diR. Natan* 1ª versão, final; *PRE,* cap. 11; *Pesikta diR. Kahana* 150b; *Lev. Rab.* 29, início; *Pesikta Rabati* 46; *Tan'huma Buber Gên.* 28; *Tan'huma Shemini* 8; *Mid. Tehilim* 92:3.
9. *Gên. Rab.* 205, 214, 662; *B. Iebamot* 62a; *Ier. Iebamot* 11:4; *B. Sanedrim* 38b; *Targum Ier. ad Gên.* 4:1-2; *PRE,* caps. 11 e 21; *Avot diR. Natan* 1:6; *Mid. Hagadol Gên.* 106; *Ialkut Reubeni* 35; *Salmos Ialkut* 840.

1. Em muitas mitologias aparece um alegado desejo das serpentes divinas de emprenhar as mulheres mortais. Serpentes sagradas guardadas em templos egípcios funcionavam como agentes procriadores do deus. O segundo *Papiro Tanis* contém uma lista de títulos sagrados dados a essas serpentes benéficas abrigadas nos templos maiores. Entre os gregos, também, mulheres estéreis deitavam-se a noite toda no chão do templo de Asclépio (Esculápio), na esperança de que o deus aparecesse em forma de serpente e as emprenhasse durante o sono. Nos Mistérios Frígios de

Sabázio, as mulheres desposavam ritualmente o deus, deixando que serpentes vivas, ou réplicas em ouro, lhes escorregassem por entre os seios até as coxas.

2. Tais ritos podem ter se originado em uma identificação das serpentes, emergindo de buracos subterrâneos, com os espíritos de heróis mortos. Estes eram freqüentemente retratados como serpentes, ou meias-serpentes — entre eles Cêcrops, Erictônio e Cadmo — e recebiam honras divinas, como aconteceu com Asclépio e Sabázio. Alexandre, o Grande, acreditava que tinha sido gerado em Olímpia, por Zeus Amon usando um disfarce de serpente; e ele não era um caso isolado. Mulheres estéreis também se banhavam nos rios, na esperança de serem emprenhadas pelo deus-Rio serpentino. As noivas troianas banhavam-se no Escamandro, gritando: "Escamandro, tira minha virgindade!" O babilônico Ea, como deus do Eufrates, era mostrado em forma de serpente, ou cavalgando uma serpente.

3. A menstruação é encarada de forma ambivalente pelos povos mais primitivos, tanto como santa quanto como impura: santa, porque marca a aptidão de uma jovem para a maternidade; impura, porque os homens devem evitar o contato com as mulheres menstruadas. Algumas tribos acreditam que a menstruação resulta de uma picada de cobra, apesar do veneno de cobra ser coagulante. O mito da conspurcação de Eva pela Serpente foi originalmente criado, talvez, para explicar a origem da menstruação: como tendo sido causada pela serpente libidinosa, cuja mordida a fez núbil. De acordo com uma passagem talmúdica, as dores menstruais são uma das maldições que Deus lançou sobre Eva.

4. O *Quarto Livro de Macabeus* contém sugestões para uma crença popular de que as serpentes desejam o relacionamento com as mulheres. Uma mãe de sete filhos conta orgulhosa que, até se casar, era uma virgem modesta a quem Satã não pôde conspurcar nem no deserto nem no campo, e nem a Serpente de língua insinuante a pôde privar de sua virgindade. Esta crença continuou a ser sustentada tão firmemente que existe registrada no Talmud uma discussão quanto ao melhor método de salvaguardar uma mulher assim ameaçada:

Se ao ver uma serpente, ela não tem certeza de que ele a deseja ou não, deve tirar suas roupas e atirá-las diante dele. Se ele colear para dentro delas, então a deseja; se for o contrário, não. E se ele assim a deseja, ela deve ter relações com o marido na presença da serpente. Mas, uma vez que outros afirmam que essa visão só pode aumentar-lhe o desejo, ela talvez devesse cortar as pontas de algumas unhas e alguns cachos de cabelo para lançar à sua frente, com as palavras: "Sou impura!" Se uma serpente já a penetrou, ela deve sentar-se sobre dois barris, com as coxas abertas. Então fazer com que carne gorda seja posta sobre carvões em brasa, e uma cesta de agriões molhados em vinho de perfume doce seja posta ao lado da carne; e que um par de tenazes esteja preparado. Quando a serpente sentir o cheiro da boa comida, sairá dela; aí deve ser presa e queimada no fogo, para que não volte.

Isso faz lembrar a Serpente Samael que, enciumado por ver Adão e Eva copulando, a seduziu.

5. Miguel lidera as hostes do Céu contra o falso Cosmocrata (uma força planetária do Quarto Dia — tal como Nabu na Babilônia e Tot no Egito), porque havia sido nomeado Arcanjo daquele dia. Entre os gregos, Hermes ("Mercúrio") detinha a mesma força planetária e havia, com a ajuda de Pã, salvado Zeus do rebelde Tífon na luta de vida ou morte sobre o Monte Tsafon.

6. Segundo o *Gênese* 4:1, Eva chamou seu primeiro filho de Caim (*kaiin*) porque, como ela disse: "Ganhei (*kaniti*) um filho homem de Javé." Uma narrativa posterior faz o nome derivar de *kané*, um caniço, ou espiga. O nome de Abel, *Hebel*, permanece sem explicação, talvez porque fosse bem conhecido o fato da palavra *hebel* significar "alento", "o nada", "transitoriedade", com

referência à vida humana (*Salmo* 144:4; *Jó* 7:16). No entanto, na tradução da Septuaginta, *hevel* se escrevia "Abel", que, transcrito para o hebraico, torna-se *avel* ou *evel*: "luto" ou "tristeza".

7. As irmãs gêmeas podem ter sido inventadas como resposta à pergunta: "Onde Caim e Abel encontraram esposas?"

8. A paternidade de Caim por Samael tem a intenção de explicar a origem do mal. Nas primeiras gerações, os ímpios cainitas e os pios setitas formavam ramos separados da família humana. Quando, no entanto, as filhas de Caim conseguiram seduzir os filhos de Set (*ver* 18.*n-p*), tanto o bem quanto o mal se tornaram partes da herança humana. Considerava-se que as duas estirpes lutavam continuamente pela supremacia em cada coração humano: somente o conhecimento e a observação da Lei podiam conter o sangue de Caim.

15

O ATO DO AMOR

(a) Expulsos do Éden, Adão e Eva descansaram na margem de um rio e, apesar de contentes por terem escapado de uma morte instantânea, ficaram lamentando a perda da imortalidade imaginando como ainda poderiam garantir a continuação da humanidade. Samael, ciente da preocupação de Adão com esse problema, planejou nova vingança. Ele e dez de seus anjos escaparam de sua masmorra subterrânea e, assumindo a forma de mulheres incomparavelmente belas, foram até a margem do rio. Lá saudaram Adão e Eva, e Adão disse, incrédulo: "Terá a terra realmente gerado criaturas inigualáveis como estas?" E então perguntou: "Amigas, como vos multiplicais?" Samael respondeu, com voz sedutora feminina: "Os homens deitam-se conosco cheios de amor. Nossos ventres crescem, parimos filhos, estes amadurecem e fazem tal como fizemos. Se não acreditas em mim, posso prová-lo!"

A isto, outros anjos caídos, disfarçados, emergiram do leito do rio. Samael disse: "Estes são nossos maridos e filhos; e uma vez que desejas saber como se fazem os filhos, vamos mostrar." Ao que as mulheres se deitaram, em sua nudez, cada qual com seu suposto marido, e todos fizeram coisas horrorosas diante dos olhos de Adão. Depois disso, Samael disse: "Faz isto e isto com Eva, pois só dessa forma poderão multiplicar a sua raça."

O fogo do pecado começou a arder nas veias de Adão, mas mesmo assim ele absteve-se de realizar um ato vergonhoso publicamente, à luz do dia, e implorou a orientação de Deus. Deus então mandou um anjo, que casou Adão com Eva, ordenando-lhes que orassem quarenta dias e quarenta noites antes de copularem como marido e mulher.[1]

(b) Alguns dizem que Adão e Eva foram as primeiras criaturas vivas a realizar o ato do amor.[2]

1. *Adambuch*, 64-67.
2. *Gên. Rab.* 204-05.

1. O caráter essênio deste mito é inconfundível: os abraços conjugais são chamados de "coisas horrorosas"; e o desejo conjugal de "fogo do pecado". No entanto, certos "essênios livres", entendendo os perigos físicos e mentais do celibato em clausura — tais como sonhos eróticos e tentação homossexual — fizeram a concessão de permitir casamentos em que o ato do amor era realizado em obediência à ordem divina "Crescei e multiplicai-vos!", mas sem prazer sensual.
2. Um mito hitita, *Apu de Shudul*, também contém a idéia de que o coito não é um instinto humano inato, precisando ser ensinado.

16

O FRATRICÍDIO

(a) Caim ofereceu a Deus um sacrifício das primícias de sua terra, enquanto seu irmão Abel ofereceu-lhe um cordeiro primogênito. Quando Deus aceitou a oferenda de Abel, mas rejeitou a outra, o rosto de Caim enegreceu de raiva. Deus perguntou: "Por que levar isto a mal? Controla teu orgulho invejoso!"[1]

(b) Deus aceitou a dádiva de Abel e rejeitou a de Caim com bom motivo: pois enquanto Abel escolhera o melhor cordeiro do rebanho, Caim depusera apenas um pouco de linhaça sobre o altar.[2] Além disso, ele respondeu à censura de Deus, com um brado que ainda é ecoado pelos blasfemos: "Não há nem lei nem juiz!"

Encontrando Abel em um campo, pouco depois, ele lhe disse: "Não existe nenhum mundo futuro, nenhuma recompensa para o justo, nenhuma punição para o malfeitor. Este mundo não foi criado na misericórdia; nem é governado pela compaixão. Por que outro motivo tua oferenda foi aceita e a minha rejeitada?" Abel respondeu simplesmente: "A minha foi aceita porque amo a Deus; a tua foi rejeitada porque O odeias." Caim então golpeou e matou Abel.[3]

(c) Alguns dizem que a disputa surgiu pela divisão da Terra entre os irmãos, na qual todas as terras couberam a Caim, mas todos os pássaros, animais e seres rastejantes a Abel. Eles concordaram que nenhum dos dois teria qualquer direito às posses do outro. Assim que este pacto foi concluído, Caim, que estava arando um campo, disse a Abel que retirasse seus rebanhos. Quando Abel respondeu que eles não causariam nenhum dano à aragem, Caim pegou uma arma e perseguiu-o, vingativo, através de montanha e vale, até que o alcançou e o matou. Outros relatam que Caim teria dito, de forma insensata: "O solo em que estás é meu. Ergue-te no ar!", ao que Abel retrucou: "Tuas roupas foram tiradas de meus rebanhos; despe-as!"

Ou que Caim propôs a Abel: "Dividamos a Terra em três partes. Eu, o primogênito, fico com duas, e tu ficas com a restante." Uma vez que Abel não queria aceitar menos do que metade, Caim disse: "De acordo, mas a colina na qual fizeste teu sacrifício deve ficar na minha metade." Porque aquele era o Monte Santo de Jerusalém, onde, no devido tempo, Abraão faria a sua aliança com Deus e Salomão erguer-Lhe-ia um templo, Abel julgou Caim indigno de possuir tal sítio.

(d) Outros, ainda, afirmam que os irmãos brigaram por amor à Primeira Eva, que Deus

criara para ser companheira de Adão, mas que fora rejeitada.[4] Ou que, quando os irmãos estavam prontos para se casar, Adão disse a Eva: "Que Caim fique com Quelimat, irmã gêmea de Abel; e que Abel fique com Levuda, irmã gêmea de Caim." Mas Caim queria se casar com sua própria gêmea, que era mais bela — apesar de Adão tê-lo prevenido de que isso seria incesto, e ter feito com que ambos os irmãos oferecessem sacrifícios a Deus antes de tomarem as noivas que lhes foram designadas. Quando a oferenda de Caim foi recusada, Satã convenceu-o a matar Abel, por causa de Levuda.[5]

(e) Alguns dizem que Caim atraiu o irmão para campo aberto e lá o golpeou repetidas vezes com um porrete, até que Abel, caído indefeso no chão, gritou: "Não me mates de pancadas, Irmão; porém, se tenho de morrer, esmaga-me com uma pedra, de um golpe só!" E foi o que Caim fez. Ou que Caim, como se fosse uma víbora, matou Abel de mordidas.

(f) Segundo outros, Abel, o mais forte dos dois, ficou com Caim à sua mercê. Deus encorajou Abel a acabar com ele, dizendo: "Não poupes esse malfeitor!"; no entanto, quando Caim chorou e gritou: "Irmão, perdoa-me! Só existem dois de nós no mundo, e o que dirão nossos pais se eu for morto?", Abel misericordiosamente soltou-o. Deus então disse: "Tendo-o poupado, tu próprio deves morrer!" Ao que Caim se ergueu, arrancou um junco afiado e, não sabendo onde ficavam os órgãos vitais, feriu Abel em todas as partes, começando pelas mãos e pelos pés. Outros dizem, no entanto, que Caim observara Adão matando um touro e portanto atingiu a nuca de Abel com uma espada.[6]

(g) O espírito de Abel evolou-se do seu corpo, mas não conseguiu encontrar refúgio, nem no Céu — para onde nenhuma outra alma havia ainda ascendido; nem no Inferno — para onde nenhuma outra alma havia descido; e, portanto, ficou pairando pelas circunvizinhanças. Seu sangue ficou borbulhando e fervilhando no lugar onde foi derramado. A vizinhança inteira até hoje não tem nem relva, nem árvores.[7]

(h) Em seguida, Deus perguntou a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?" Caim respondeu: "Serei por acaso o guardião de meu irmão? Por que deveria Aquele que vela sobre todas as criaturas perguntar-me tal coisa, a menos que Ele Próprio tenha planejado o crime? Mas, por Vossa preferência da oferenda dele à minha, não deveria eu tê-lo invejado. Nem jamais vi ou ouvi falar de um cadáver. Haveis Vós ao menos me prevenido de que, se eu o golpeasse, ele morreria? Minha dor é uma carga muito pesada para carregar." Deus então o amaldiçoou, dizendo: "O que fizeste? O sangue de teu irmão clama a Mim da terra!" Deus, no entanto, não mandara nenhum sinal para que os irmãos interrompessem a luta, mas permitiu que Caim atingisse Abel com um golpe mortal; pelo que as últimas palavras de Abel foram: "Meu Rei, exijo justiça!"

(i) Deus, tendo percebido algo parecido com arrependimento no coração de Caim, deixou-o viver, mas como renegado. Para onde ele fosse, a Terra se movimentaria sob seus pés e os animais selvagens tremeriam. A princípio tentaram devorá-lo, mas ele chorou e suplicou por misericórdia; naquele momento um Shabat começava, e foram forçados a desistir. Alguns dizem que Deus fez brotar da testa de Caim um chifre que o protegeu contra a vingança dos animais. Outros, que Deus o afligiu com a lepra; ou que gravou-lhe uma marca no braço: uma advertência contra qualquer tentativa de vingar Abel.

(j) Adão, encontrando Caim, ficou espantado de vê-lo vivo. "Não mataste teu irmão Abel?", perguntou. Caim respondeu: "Arrependi-me, Pai, e fui perdoado." Golpeando o próprio rosto, Adão clamou: "Tal é o poder do arrependimento; e eu que nunca soube disso!"[8]

(k) Deus infligiu sete punições a Caim, piores do que a própria morte: a saber, um chifre vergonhoso brotando-lhe da testa; o grito de "Fratricida!", que as montanhas e os vales ecoavam; uma paralisia que o fazia tremer como uma folha de choupo; uma fome voraz, que nunca se saciava; a frustração de qualquer desejo; uma falta de sono perpétua; e uma determinação de que homem algum poderia com ele fazer amizade, ou matá-lo.[9]

(l) Uma narrativa diz que Caim, sem saber que Deus vê e conhece tudo, abriu uma cova onde escondeu o corpo de Abel. De acordo com outra, ele ficou em dúvida sobre o que fazer, até que Deus enviou dois pássaros, um dos quais matou o companheiro e em seguida o enterrou. Caim seguiu esse exemplo. Outros ainda dizem que ele fugiu, deixando Abel onde este havia caído; e quando Adão e Eva acharam o corpo, sentaram aflitos e indecisos, enquanto o cão pastor de Abel montava guarda contra as aves e os animais carniceiros. Finalmente observaram um corvo enterrando seu companheiro morto — um sinal que fez Adão saber o que Deus exigia dele.[10]

(m) Ainda outros afirmam que a Terra, apesar de ter bebido o sangue de Abel, recusou-se a aceitar sua carne — tremendo de forma tão violenta que também Caim quase foi engolido. Onde quer que ele tentasse enterrar o cadáver, a Terra o devolvia, gritando finalmente: "Não receberei nenhum outro corpo enquanto o barro de que foi formado Adão não me for restituído!" Diante disto, Caim fugiu, e Miguel, Gabriel, Uriel e Rafael colocaram o corpo sobre um rochedo, onde ele ficou muitos anos sem apodrecer. Quando Adão morreu, esses mesmos arcanjos enterraram os dois corpos em Hebron, lado a lado, no próprio campo de onde Deus tirara o pó de Adão. Ainda assim, o espírito de Abel não encontrou descanso: seu lamento clamoroso pôde ser ouvido no Céu e na terra durante séculos — até que Caim, suas esposas e seus filhos estivessem mortos.[11]

(n) Após o nascimento de um filho primogênito, Enoque, Deus permitiu a Caim que descansasse de sua perambulação e construísse uma cidade, chamada "Enoque", em honra da ocasião. Ele depois fundou mais seis cidades: Mauli, Leet, Teze, Iesca, Celet e Tebat; e sua esposa, Temec, deu-lhe mais três filhos; Olad, Lizaf e Fosal; bem como duas filhas: Cita e Maac.

(o) Mesmo assim, Caim não mudou. Ainda se entregava às luxúrias de seu corpo, acumulava riqueza através da rapina, ensinava práticas más e vivia suntuosamente. Sua invenção dos pesos e medidas acabou com a simplicidade da humanidade. Caim foi também o primeiro homem a colocar marcos de fronteira em torno dos campos; e a construir cidades muradas, em que forçou sua gente a se estabelecer.[12]

1. *Gênese* 4:3-8.
2. *Zohar Chadash ad Gên.* 4:2; *Gên. Rab.* 207, 209; *PRE,* cap. 21; Teodócio *ad Gên.* 4:4; *Agadat Shir* 40; *Mid. Hagadol Gên.* 107; *Sefer Haiashar* 3.
3. *Adamschriften* 34; *Targ. Ier. ad Gên.* 4:8; *Mid. Leká Tov Gên.* 30.
4. *Gên. Rab.* 213; *Tan'huma Bereshit* 9; *Mid. Hagadol Gên.* 111; *PRE,* cap. 21; *Zohar Gên.* 54b.
5. *Schatzhöhle* 8.
6. *Adambuch* 70-72; *Gên. Rab.* 214-15; *Agadat Shir* 43, 91; *Zohar Gên.* 54b.
7. *Gên. Rab.* 216; *M. Sanedrim* 4:5; *Agadat Shir* 43, 91.
8. *Gênese* 4:10-11; *Tan'huma Bereshit* 9-10; *Gên. Rab.* 216-20; *PRE,* cap. 21; *Mid. Leká Tov* 30; *Ialkut Reubeni ad Gên.* 4:15.
9. *Adamschriften* 35, 43.
10. *PRE,* cap. 21; *Tan'huma Bereshit* 10.
11. *Apoc. de Moisés* 40; *Vita Adae* 48; *Adamschriften* 22; *Adambuch* 72-73; *Enoque* 22:7.
12. *Gênese* 4:17; *Sefer Haiashar* 5; Filo 77-78; Pseudo-Filo 113; Josefo, *Ant.* i:2.2.

1. Os eruditos que interpretam este mito como um registro de antigos conflitos palestinos entre pastores nômades e agricultores não conseguem explicar por que, se é assim, Caim não era pastor nômade — e portanto inclinado a roubar e matar o agricultor pacífico —, mas agricultor ele próprio; enquanto Abel era o pastor.

No *Gênese* sugere-se que Caim ficou com ciúmes porque a oferenda de Abel foi preferida à sua. Mas como o ritual do Templo exigia tanto as oferendas de grãos quanto as de carne, os primeiros comentaristas viram que era preciso encontrar uma explicação para a preferência de Deus pelo sacrifício de Abel — ou então algum outro motivo para o crime que não o ciúme. Detestavam ter de admitir que Deus poderia ter agido de uma forma arbitrária, negando ao primogênito a precedência exigida por lei e assim favorecendo um filho mais novo — tal como um suserano patriarcal que favorecesse o filho da esposa mais bela. A preferência de Jacob por José, um filho mais novo, é um exemplo; seus irmãos planejaram matá-lo (*ver* 53.*a-e*).

2. Os acontecimentos históricos subjacentes a este mito podem ser reconstruídos tal como se segue. Pastores famintos invadem uma área agrícola povoada durante uma seca, e são aceitos como hóspedes pagando um tributo. Mais tarde, exigem uma parte do comando. Ambas as

facções então oferecem sacrifícios à divindade predominante. A oferenda do chefe dos pastores é a preferida; ao que o chefe dos agricultores, com ajuda de seus parentes maternos, o mata. Como resultado, os agricultores são expulsos e acabam fundando uma cidade-estado em outra parte. Esta situação política foi lugar-comum na África Oriental, durante séculos: pastores invasores, que surgem a princípio como famintos suplicantes, ganham ascendência política após terem criado graves antagonismos ao permitir que seus animais pisoteiem as plantações.

3. Este mito, no entanto, foi complicado pelo incidente do estigma, usado para explicar a origem de nômades beduínos, criadores de camelos, que chegaram à Palestina depois dos seminômades criadores de cabras e ovelhas, e que ainda usam tatuagens tribais. Os hebreus alegam ver nesses beduínos e em seu hábito de ataques invasores o castigo de Deus a Caim e seus descendentes pelos crime de assassinato.

4. O tema do fratricídio acrescenta ainda uma complicação. O que a sábia de Tekoa disse a David era um lugar-comum do mito (*Samuel II*, 14:6): "Tua serva tinha dois filhos e ambos brigaram no campo e não houve quem os apartasse; e assim um feriu ao outro e o matou." Zerá e Perez já brigavam no ventre da mãe (*Gênese* 38:27-30); tal como Jacob e Esaú também fizeram (*ver* 38.*a*, 2). A mulher em disputa parece ser sempre uma princesa reinante de um estado matrilinear, e casar-se com ela confere o reinado ao vencedor. Às vezes os rivais são tio e sobrinho, como no caso de Set e Osíris.

5. Um antigo mito palestino comparável ao de Caim e Abel, e ao de Esaú e Jacob, foi preservado na tradução grega de Filo da *História Fenícia* de Sancuniaton. Usöus e Hypsouranius, heróis gerados em prostitutas sagradas por Pir e Flox, filhos de Fos ("Fogo e Chama, filhos da Luz"), viviam perpetuamente em conflito. Usöus, o primeiro caçador, descobriu como fazer roupas de pele. Nisso ele se parece tanto com Caim quanto com Esaú. Samemroumus — cujo nome Filo traduz para "Hypsouranius", correspondendo ao hebraico *shme marom* ("Céu Elevado") — teria, segundo dizem, inventado as tendas de junco. Nisso ele se parece com Jabal (*Gênese* 4:20), "o pai daqueles que vivem em tendas e possuem gado"; e com Abel, que era pastor (*Gênese* 4:2); e com Jacob, "um homem simples que morava em tendas" (*Gênese* 25:27).

Ainda assim, "Caim" e "Abel" podem ser versões dos heróis míticos Agenor e Belus: Agenor sendo a forma grega de "Canaã" e Belus de "Baal". Esses filhos gêmeos de Posêidon e Lâmia tinham a fama de nascidos no Egito, de onde Agenor foi expulso por Belus. Belus, depois, foi pai de mais um par de gêmeos: Danaus e Egito, cuja desavença se prolongou quando as filhas de Danaus mataram os filhos de Egito.

6. É provável a existência de uma conexão histórica entre Caim, o fratricida, e a tribo dos cainitas (*Keni*), que também são coletivamente chamados de "Caim" (*Números* 24:22; *Juízes* 4:11): um povo do deserto, vivendo ao sul de Israel. Cainitas, ou quenitas, aparecem pela primeira vez como uma das dez nações que habitavam a Palestina no tempo de Abraão (*Gênese* 15:19). Balaão, o profeta moabita, relacionou os quenitas entre os inimigos de Israel que viviam ao sul e a leste (*Números* 24:17-22) — ou seja, Moab, Set, Edom, Seir e Amaleque. Descreveu-os habitando fortalezas nas montanhas. Um outro grupo vivia na Península do Sinai e era governado por Hobab, sogro de Moisés (*Juízes* 4:11; *Samuel I*, 15:5). Numa data posterior, os quenitas filhos de Hamat deixaram Arad, vinte e cinco quilômetros a sudeste de Hebron, e seus descendentes tornaram-se recabitas (*Juízes* 1:16; *Crônicas I*, 2:55). Mais tarde ainda, outra família estabeleceu-

se na Galiléia. Seu chefe, Heber — cuja esposa, Jael, matara Sisera* — aliou-se a Jabin, rei de Hazor, inimigo e opressor de Israel (*Juízes* 4:17). Os quenitas de Arad permaneceram como inimigos de Israel por várias gerações, aliando-se aos amalequitas na guerra que estes travaram contra o Rei Saul. Foi somente quando Saul conseguiu dominá-los e prometeu não se vingar dos quenitas que eles se retiraram da batalha (*Samuel I,* 15:6). Sob o reinado de David, eles tiveram suas próprias cidades no Neguev (*Samuel I,* 27:10; 30:29): Kiná (*Qinâ*) e Kain (*Qaiin*), no sul da Judéia, podem ter sido duas dessas cidades.

Uma vez que os quenitas eram, portanto, conhecidos dos israelitas tanto como nômades quanto como moradores de cidades, e em geral hostis, seu ancestral lendário, Caim, podia figurar no mito como o primeiro assassino, o primeiro nômade e o primeiro construtor de cidades. O fato de ter inventado os pesos e medidas sugere que a comunidade agrícola que os pastores de Abel tomaram — talvez durante a conquista dos hicsos — tinha filiações cretenses e egípcias. No mito grego, essa invenção é atribuída a Palamedes, que representa a cultura cretense implantada no Peloponeso; ou a Hermes, que representa o egípcio Tot.

7. Um antigo *midrash* descreve a marca de Caim como uma letra tatuada em seu braço; nos textos medievais, a identificação dessa marca com o *tet* hebraico talvez tenha sido inspirada por *Ezequiel* 9:4-6, onde se diz que Deus pôs uma marca (*tav*) nas frontes dos poucos justos de Jerusalém que serão salvos. Caim não foi julgado digno desse emblema. Mas o caráter para *tav,* a última letra dos alfabetos hebraico e fenício era uma cruz, e dele derivou o caráter grego *tau,* o qual, segundo a *Corte das Vogais,* de Luciano, inspirou a idéia da crucificação. Uma vez que *tav* foi assim reservado para uma identificação dos Justos, o *midrash* o substituiu, para ser a marca de Caim, pela letra mais próxima a *tav* tanto na sonoridade quanto no caráter escrito; ou seja, *tet,* cuja forma antiga hebraica e fenícia era uma cruz dentro de um círculo.

---

* Esse ato de Israel, apesar de comemorado pelos líderes israelitas (*Juízes* 5:24 ss.), parece à primeira vista um ato de traição. Mas é preciso lembrar que, se Jael pertencia aos filhos de Hamat — quenitas aliados a Israel — os inimigos de seu pai o seriam dela também, mesmo após ter-se casado com Heber, a não ser que este estivesse presente quando eles chegaram; e também que ele estava convenientemente ausente, talvez de propósito, escapando assim tanto à censura de seus aliados quanto ao louvor dos israelitas.

17

O NASCIMENTO DE SET

(a) Adão, temendo que um outro filho dele e de Eva pudesse vir a ter a mesma sorte de Abel, absteve-se de relações com ela durante nada menos de cento e trinta anos. Durante esse tempo, súcubos freqüentemente levavam demônios até Adão quando este dormia, provocando-lhe sonhos de pecado e involuntárias emissões de sêmen. Além disso, íncubos abusavam da Eva adormecida, gerando nela demônios.[1]

(b) Tal como os súcubos, esses íncubos ou Meri'im eram os espíritos obscuros criados por Deus no Sexto Dia, perto do crepúsculo. Antes que Ele pudesse completar-lhes os corpos, o Sol se pôs, começou o Primeiro Shabat e Ele foi obrigado a desistir.[2]

(c) Uma vez que Deus escolheu povoar a terra com homens, e não com demônios, Ele implantou no coração de Adão um desejo ardente por Eva. Com isso, Adão só conseguia se refrear ausentando-se; mas agora, mesmo a uma grande distância de Eva, o desejo cresceu nele com tanta força que, lembrando-se da ordem de Deus "Sede férteis e multiplicai-vos!", ele voltou a procurá-la, deitaram-se juntos e ela gerou-lhe Set.[3]

(d) Alguns dizem que o anjo de Deus ordenou a Adão que se deitasse com Eva, mas que ele não atendeu, até lhe ser prometido um filho chamado Set — significando "consolação" — que o aliviaria da dor por Abel. Outros, que Eva disse: "Deus me proveu (*shat*) com um outro filho no lugar de Abel."[4]

(e) Quando, após o nascimento de Set, Adão voltou à abstinência, Samael, novamente disfarçado como uma bela mulher, chegou fingindo ser a irmã de Eva e exigiu dele que a desposasse. Adão rezou pedindo a orientação de Deus, e Deus imediatamente revelou a forma perversa de Samael. Sete anos depois, Deus disse mais uma vez a Adão que se deitasse com Eva, prometendo afastar a tentação que eles sentiam por uma sensualidade desabrida e indecente. E esta promessa Ele cumpriu.[5]

(f) Eva, antes de morrer, havia gerado com Adão trinta casais de gêmeos, um filho e uma filha de cada vez, como resultado de ritos conjugais executados dentro do mais profundo decoro e santidade.[6] Adão viveu oitocentos anos após o nascimento de Set.[7]

1. *Tan'huma Buber Gên.* 20; *Gên. Rab.* 195-96, 204, 225-26, 236; *B. Erubin* 18b; *Pesikta Rabati*, 67b.

2. *Gên. Rab.* 54.
3. Ver nota 1.
4. *Adamschriften,* 36; *Gênese* 4:25.
5. *Adambuch,* 75-77.
6. *Adamschriften,* 8, 44.
7. *Gênese* 5:4.

1. Este mito, como o da iniciação de Adão na luxúria, promovida por Samael (*ver* 15.*d*), reflete o ponto de vista dos "Essênios Livres" de que a total abstenção de atividade sexual poderia ter conseqüências perigosas. Josefo registra que se abstinham de relações nos primeiros estágios de gravidez de uma mulher e seus três anos de experiências nupciais para garantir a fertilidade.
2. "Set" aparece em *Números* 24:17 como um povo que vivia ao lado de Moab, provavelmente os "Sutu" nômades das inscrições assírias e babilônicas.
3. Josefo descreve Set como um homem virtuoso cujos descendentes viveram em paz harmoniosa e o aperfeiçoaram a astronomia, registrando suas descobertas em dois pilares, um dos quais sobreviveu até os dias dele. A *Ascensão de Isaías,* do primeiro século E.C., coloca Set no Céu; e uma tradição judaica posterior faz dele o Messias. Set tornou-se um herói dos gnósticos "setianos"; e também dos maniqueus do século III E.C., cujos mitos eram em parte persas, em parte judaico-gnósticos. Mani, o fundador do maniqueísmo, encarava tanto Caim quanto Abel como filhos de Eva com Satã, mas Set como seu rebento legítimo, cheio de luz. No *Gênese,* no entanto, não lhe é atribuída nenhuma virtude em particular.

18

OS FILHOS DE DEUS E AS FILHAS DOS HOMENS

(a) Por volta da décima geração, a raça de Adão havia aumentado enormemente. Faltando-lhes companhia feminina, os anjos conhecidos como "Filhos de Deus" acharam esposas entre as belas Filhas dos Homens. As crianças nascidas dessas uniões teriam herdado dos pais a vida eterna, não tivesse Deus decretado: "Que Meu espírito não habite na carne para sempre! A partir de agora, os anos do homem estão limitados a cento e vinte."

(b) Essas novas criaturas eram gigantes conhecidos como "os Caídos", cujos maus caminhos levaram Deus à decisão de varrer da face da terra todos os homens e mulheres, junto com seus corruptores gigantescos.[1]

(c) Os Filhos de Deus foram enviados à terra para ensinar à humanidade a verdade e a justiça; e durante trezentos anos eles de fato ensinaram a Enoque, filho de Caim, todos os segredos do Céu e da Terra. Mais tarde, no entanto, eles sentiram desejo pelas mulheres mortais e se conspurcaram na relação sexual. Enoque registrou não apenas suas instruções divinas mas também sua subseqüente queda da graça; antes do final, eles estavam desfrutando indiscriminadamente de virgens, matronas, homens e animais.[2]

(d) Alguns dizem que Shemhazai e Azael, dois anjos da confiança de Deus, perguntaram: "Senhor do Universo, não Vos prevenimos, no Dia da Criação, de que o homem se mostraria indigno de Vosso mundo?" Deus respondeu: "Mas se eu destruir o homem, o que será do Meu mundo?" Eles responderam: "Nós o habitaremos." Deus perguntou: "Porém, após terem descido à terra, não irão pecar de forma ainda pior do que a do homem?" Eles prometeram: "Deixai-nos habitar lá por algum tempo e santificaremos o Vosso nome!"

Deus permitiu-lhes que descessem, mas eles foram imediatamente subjugados pelo desejo pelas filhas de Eva, Shemhazai tendo gerado nelas dois filhos monstruosos chamados Hiva e Hia, cada um dos quais comia por dia mil camelos, mil cavalos e mil bois. Azael também inventou os ornamentos e os cosméticos utilizados pelas mulheres para pôr a perder os homens. Deus, então, advertiu-os de que liberaria as Águas Superiores, e assim destruiria todos os homens e animais. Shemhazai chorou amarga-

mente, temendo por seus filhos que, apesar de altos o bastante para escapar ao afogamento, morreriam de fome.[3]

(e) Naquela noite, Hiva sonhou com um rochedo imenso sobre a terra, como um tampo de mesa, no qual havia uma inscrição que um anjo raspara com uma faca, deixando apenas quatro letras. Hia também sonhou: com um pomar muito fértil e com outros anjos derrubando-o, até sobrar apenas uma única árvore, com três galhos. Contaram seus sonhos a Shemhazai, que respondeu: "Teu sonho, Hia, significa que o Dilúvio de Deus destruirá toda a humanidade, com a exceção de Noé e seus três filhos. Consola-te, porém, pois o sonho de Hiva significa que vossas famas, pelo menos, não perecerão jamais: sempre que os descendentes de Noé talharem pedras, abrirem pedreiras ou arrastarem barcos, gritarão 'Hiva, Hia!' em vossa honra."[4]

(f) Depois disso, Shemhazai arrependeu-se e fixou-se no céu meridional, entre o Céu e a Terra — de cabeça para baixo, os pés para cima, e de lá pende até hoje: a constelação que os gregos chamam de Órion.

(g) Azael, no entanto, longe de se arrepender, ainda oferece às mulheres ornamentos e túnicas multicoloridas com que pôr os homens a perder. Por esse motivo, no Dia do Perdão, os pecados de Israel são acumulados sobre o bode expiatório anual; este em seguida é atirado de uma colina para Azazel — que é como alguns chamam Azael.[5]

(h) Outros dizem que certos anjos pediram a permissão de Deus para reunir provas da iniqüidade do homem, e assim garantir sua punição. Quando Deus concordou, eles se transformaram em pedras preciosas, pérolas, tintura de púrpura, ouro e outros tesouros, que foram imediatamente roubados por homens ambiciosos. Assumiram então forma humana, na esperança de ensinar aos homens a probidade. Mas a carne que incorporaram os tornou sujeitos à luxúria humana: seduzidos pelas Filhas dos Homens, viram-se acorrentados à Terra, impossibilitados de retomar sua forma espiritual.[6]

(i) Os Caídos tinham apetites tão imensos que Deus fez chover maná sobre eles, e de muitos sabores diferentes, para que não se sentissem tentados a comer carne, uma dieta proibida, e desculpassem esse erro alegando escassez de milho e verduras. Não obstante, os Caídos rejeitaram o maná de Deus, abateram animais para comer e se alimentaram até de carne humana, poluindo assim o ar com vapores repulsivos. Foi então que Deus decidiu limpar a Terra.[7]

(j) Outros dizem que Shemhazai e Azael foram seduzidos pelas demônias Naamá, Agrat, filha de Malat, e Lilit, que fora esposa de Adão.[8]

(k) Naquele tempo, somente uma virgem, chamada Ishtahar, permaneceu casta. Quando os Filhos de Deus lhe fizeram exigências luxuriosas, ela clamou: "Primeiro emprestem-me suas asas!" Eles assentiram e ela, voando para o Céu, pediu santuário no Trono de Deus, que a transformou na constelação de Virgem — ou, dizem alguns, nas Plêiades. Os anjos caídos, tendo perdido suas asas, ficaram presos à terra, até que, muitas gerações depois, subiram pela escada de Jacob e, assim, voltaram ao seu lugar.[9]

(l) Enoque, o sábio e virtuoso, também subiu ao Céu, onde tornou-se o principal conselheiro de Deus, e conhecido a partir daí como "Metatron". Deus colocou Sua própria coroa na cabeça de Enoque e deu-lhe setenta e duas asas, bem como olhos muito numerosos. Sua carne foi transformada em chama, seus tendões em fogo, seus ossos em brasas, seus olhos em tochas, seus cabelos em raios de luz, e ele foi cercado por tempestade, furacão, raio e trovão.[10]

(m) Alguns dizem que os Filhos de Deus receberam esse nome porque a luz divina com a qual Deus criara seu ancestral Samael, pai de Caim, brilhava em seus rostos. As Filhas dos Homens, dizem eles, eram filhas de Set, cujo pai fora Adão, não um anjo; e seus rostos, portanto, pareciam-se com os nossos próprios rostos.[11]

(n) Outros, no entanto, dão os Filhos de Deus como pios descendentes de Set, e as Filhas dos Homens como pecaminosas descendentes de Caim — explicando que, quando Abel morreu sem filhos, a humanidade logo se dividiu em duas tribos: a saber, os cainitas, que, com exceção de Enoque, eram inteiramente maus, e os setitas, que eram inteiramente justos. Esses setitas habitavam uma montanha sagrada no extremo norte, perto da Caverna do Tesouro — alguns a tomam pelo Monte Hermon. Os cainitas viviam à parte, em um vale a oeste. Adão, em seu leito de morte, ordenou a Set que separasse sua tribo dos cainitas; e cada patriarca setita repetiu publicamente essa ordem, geração após geração. Os setitas eram extraordinariamente altos, tal como seu ancestral; e, por viverem tão perto do Portão do Paraíso, receberam o nome de "Filhos de Deus".[12]

(o) Muitos setitas fizeram voto de celibato, seguindo o exemplo de Enoque, e levaram vidas de anacoretas. Em contraste, os cainitas praticavam a mais desregrada devassidão, tendo cada um pelo menos duas esposas: a primeira para gerar filhos, a segunda para satisfazer sua concupiscência. A matrona vivia na pobreza e no abandono, como se fosse viúva; a outra era forçada a beber uma poção que a tornava estéril — após o que, enfeitada como uma rameira, divertia o marido com sua luxúria.[13]

(p) A punição dos cainitas foi lhes nascerem cem filhas para cada filho e isso levou a uma tal escassez de maridos que as mulheres começaram a invadir as casas para carregar os homens. Certo dia aproveu-lhes seduzir os setitas, para o que pintaram os rostos com

ruge e pó-de-arroz, os olhos com antimônio e as solas dos pés com vermelhão, tingiram os cabelos, puseram brincos de ouro, tornozeleiras de ouro, colares de pedras preciosas, braceletes e vestidos multicoloridos. Enquanto subiam a montanha sagrada, tangiam harpas, tocavam trombetas, batiam tambores, cantavam, dançavam, batiam palmas; e então, tendo-se dirigido aos quinhentos e vinte anacoretas com vozes alegres, cada qual apossou-se de sua vítima e a seduziu. Esses setitas, após terem sucumbido uma vez às carícias das mulheres cainitas, tornaram-se mais impuros do que cães, e esqueceram completamente as leis de Deus.[14]

(q) Até mesmo os "Filhos dos Juízes" agora corrompiam as filhas dos pobres. Sempre que uma noiva era embelezada para o noivo, um daqueles penetrava na câmara nupcial e a desfrutava primeiro.[15]

(r) Genun, o cananeu, filho de Lameque, o Cego, vivendo na Terra dos Poços de Lama, esteve sob o comando de Azael desde a mais tenra juventude, e inventou todos os tipos de instrumentos musicais. Quando os tocava, Azael entrava neles também, de forma que emitiam melodias sedutoras, extasiando os corações de todos os ouvintes. Genun reunia grupos de músicos, que inflamavam uns aos outros com música, até que suas luxúrias se atiçavam como fogo, e eles se deitavam em promiscuidade. Também fermentava a cerveja, reunia multidões em tavernas, dava-lhes de beber e ensinava-lhes como forjar espadas de ferro e pontas de lança, com as quais podiam sair matando a torto e a direito quando estavam bêbados.[16]

(s) Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel disseram a Deus que tamanha perversidade nunca antes existira na terra. Deus então enviou Rafael para amarrar os pés e as mãos de Azael, atirando sobre ele grandes pedras pontiagudas, na obscura Caverna de Dudael, onde ele deverá ficar até os Dias Finais. Gabriel destruiu os Caídos incitando-os à guerra civil. Miguel acorrentou Shemhazai e seus companheiros em outras cavernas escuras, durante setenta gerações. E Uriel tornou-se o mensageiro da salvação que visitou Noé.[17]

1. *Gênese* 6:1-7.
2. *Jubileus* 4:15, 22; 5:1; *Tan'huma Buber Gên.* 24.
3. *Ialkut Gên.* 44; *Bereshit Rabati,* 29-30.
4. Mesmas fontes da nota anterior.
5. Mesmas fontes da nota anterior.
6. As *Homilias* clementinas 8:11-17 (pp. 142-45). As *Homilias* são um tratado cristão do início do século III E.C., provavelmente escritas na Síria. Cf. também *Enoque* 6-8; 69; 106, 13 s.
7. Mesmas fontes da nota anterior.
8. *Zohar Gênese* 37a, 55a.
9. *Likute Midrashim,* 156; uma versão um pouco diferente em *Ialkut Gên.* 44.
10. *Sefer Hechalot,* 170-76.
11. *Zohar Gênese* 37a.

12. *PRE,* caps. 21 (onde *mishem* deveria ser corrigido para *mishet*) e 22; cf. também *Gên. Rab.* 222; *Adambuch,* 75, 81-86; *Adamschriften,* 37; *Schatzhöhle,* 10.
13. *Adamschriften,* 38; cf. *Gên. Rab.* 222-23.
14. Mesmas fontes da nota anterior, e *PRE,* cap. 22.
15. *Targ.* e *Targ. Ier. ad Gên.* 6:2-4; *Gên. Rab.* 247-48.
16. *Adambuch,* 92-93.
17. *Enoque* 9-10; cf. também caps. 11-15 e 69; *Baruque II,* 56:11-16; *Enoque* 18:1-6.

1. A explicação deste mito, que vem sendo uma pedra no sapato dos teólogos, pode ser a chegada à Palestina de pastores hebreus bárbaros, muito altos, no início do segundo milênio a.E.C., e sua absorção, através de casamento, da civilização asiática. "Filhos de El", neste sentido, significaria os "pecuaristas adoradores do deus-Touro semita El"; "Filhas de Adão" significaria "mulheres da terra" (*adamá*), ou seja, as agricultoras cananéias, adoradoras de deusas, notórias por suas orgias e prostituição pré-nupcial. Se for assim, este evento histórico foi misturado com o mito ugarítico sobre como El seduziu duas mulheres mortais e gerou nelas filhos divinos, a saber, *Shachar* ("Aurora") e *Shalem* ("Perfeito"). Shachar aparece como uma divindade alada no *Salmo* 139:9; e seu filho, de acordo com *Isaías* 14:12, era o anjo caído Helel. As uniões entre deuses e mortais, o que equivale a dizer entre reis ou rainhas e plebeus, ocorre freqüentemente nos mitos mediterrâneos e do Oriente Médio. Uma vez que o judaísmo tardio rejeitou qualquer divindade que não o seu próprio Deus transcendental, e uma vez que Ele nunca se casou ou se uniu com qualquer fêmea, o rabino Shimon ben Iochai, no *Gênese Raba,* viu-se na obrigação de amaldiçoar todos os que lessem "Filhos de Deus" no sentido ugarítico. Evidentemente, tal interpretação ainda era corrente no século II E.C. e só acabou quando os *Bene Elohim* foram reinterpretados como "filhos de juízes". Elohim significava tanto "Deus" quanto "juiz", em conformidade com a teoria de que, quando um magistrado devidamente nomeado julgava um caso, o Espírito de El o possuía: "Eu disse, vós sois deuses" (*Salmo* 82:6).
2. Este mito é constantemente citado nos *Apócrifos,* no Novo Testamento, pelos Doutores da Igreja e nos *midrashim.* Josefo interpretou conforme se segue:

Muitos dos anjos de Deus agora se uniam com mulheres e geravam nelas filhos que eram arrogantes e desprezavam todas as virtudes; tal era a confiança que tinham em sua força. Na verdade, os feitos que nossa tradição lhes atribui relembram as façanhas audaciosas dos gigantes, contadas pelos gregos. Mas Noé... exortou-os a adotar uma melhor disposição de espírito e a corrigir seus hábitos.

Esses gigantes gregos eram vinte e quatro filhos da Mãe Terra, violentos e lascivos, nascidos em Flegra, na Trácia, e os dois Aloeidas, os quais, todos, se rebelaram contra Zeus Todo-Poderoso.
3. O ponto de vista de Josefo, que os Filhos de Deus eram anjos, sobreviveu durante vários séculos apesar da acusação de blasfêmia de Shimon ben Iochai. Ainda no século VIII E.C., o rabino Eliézer registra em um *midrash:* "Os anjos que caíram do céu viram as filhas de Caim perambulando e exibindo suas partes íntimas, os olhos pintados de antimônio, à moda das rameiras; e, seduzidos, escolheram suas esposas no meio delas." O rabino Ioshua ben Korha, que era literalista, preocupava-se com o detalhe técnico: "Será possível que anjos, que são línguas de fogo, possam ter realizado o ato sexual sem queimar suas noivas por dentro?" Decidiu-se pela

explicação de que "quando esses anjos caíram do céu, sua força e seu valor foram reduzidos aos dos mortais, e seu fogo transformado em carne".

4. *Hiva* e *Hia*, os nomes dados aos gigantes gerados por Shemhazai e Azael nas mulheres mortais, eram apenas os gritos ritmados das equipes de trabalho envolvidas nas tarefas que exigiam esforço concentrado. Em uma passagem talmúdica, colocam-se os marinheiros da Babilônia gritando enquanto empurram navios de carga para a praia: *"Hilni, Hiia, hola, w'hilok holia!"* O apetite voraz dos gigantes por carne era, no entanto, um hábito dos pastores hebreus de El, não das agricultoras Filhas de Adamá; e esta historieta sugere que o mito originou-se em uma comunidade essênia cuja dieta era severamente restrita, tal como a de Daniel e seus três companheiros santos, a legumes. (*Daniel* 1:12).

5. Os nomes de diversos anjos caídos sobrevivem apenas em descuidadas transcrições gregas de originais hebraicos ou aramaicos, o que torna duvidoso seus significados. Mas "Azael" parece representar de fato "Azazel" ("Deus fortalece"). "Dudael" é às vezes traduzido como "caldeira de Deus", mas é mais provável que seja uma modificação fantástica de *Bet Hadudo* (*M. Ioma* 6:8) — hoje Haradan, quase cinco quilômetros a sudeste de Jerusalém, a colina desértica da Judéia, de onde "o bode expiatório para Azazel" morria todos os anos no Dia do Perdão (*Levítico* 16:8-10). Acreditava-se que esse bode carregava os pecados de Israel e os transferia ao seu instigador, o anjo caído Azazel, que vivia aprisionado sob uma pilha de rochas no pé da colina. Esse sacrifício, portanto, não era considerado como uma oferenda a demônios, tal como aquele que *Levítico* 17:7 proíbe.

6. O Monte de Deus, onde certos setitas piedosos viviam perto da Caverna do Tesouro, junto ao Portão do Paraíso, teria sido o monte sagrado de El, o Tsafon, e não o Hermon.

7. A história de Istahar foi tirada em parte do escritor grego Aratos (início do século III a.E.C.). Ele narra como a Justiça, filha da Aurora, governava virtuosamente a humanidade na Idade do Ouro; mas quando as Idades da Prata e do Bronze trouxeram a cobiça e o crime, ela exclamou: "Ai desta raça perversa!" e subiu ao Céu, onde se tornou a constelação de Virgem. O resto desta história é tirado da narrativa feita por Apolodoro da tentativa de Órion de seduzir as sete virgens Plêiades, filhas de Atlas e Pleione, que escaparam de suas investidas, transformando-se em estrelas. "Istahar", no entanto, é a deusa babilônica Ishtar, às vezes identificada com Virgem. A crença popular egípcia identificava Órion, a constelação que se tornou Shemhazai, com a alma de Osíris.

8. O direito reclamado por alguns "filhos de juízes" de tirar a virgindade das noivas dos pobres é, ao que tudo indica, o antigo e conhecido *jus primae noctis*, o qual, tal como o *droit de cuissage*, ao que se diz, ainda era exercido pelos senhores feudais da Europa durante a Idade Média (*ver* 36:4). Ainda assim, numa época em que os Filhos de Deus eram encarados como seres divinos, esta história poderia se referir a um costume observado no Mediterrâneo oriental: a virgindade de uma jovem era rompida virtualmente através da "equitação" de uma estátua priápica. Uma prática semelhante era observada entre os artistas dos hipódromos bizantinos, ainda no reinado de Justiniano, e é sugerida nos registros da feitiçaria medieval inglesa.

9. Muitos detalhes da história de Genun, tirados do *Livro de Adão* etíope, do século V E.C., encontram paralelo nos textos dos *midrashim*. Apesar do nome de Genun sugerir "Cainan", que aparece em *Gênese* 5:9 como filho de Enoque, trata-se de um personagem quenita composto: a invenção dos instrumentos musicais sendo atribuída no *Gênese* a Jubal, e a das lâminas de bronze

e de ferro a seu irmão Tubal Caim. Dizia-se que Genun ocupava "a Terra dos Poços de Lodo", ou seja, as margens meridionais do Mar Morto (*Gênese* 14:10), sem dúvida porque a cidade pervertida de Sodoma ali ficava (*ver* 32:6).

10. Enoque ("Instrutor") obteve sua imensa reputação com o *Livro de Enoque*, apocalíptico e que já foi canônico, compilado no primeiro século a.E.C. É uma elaboração extática de *Gênese* 5:22: "E Enoque caminhou com Deus trezentos anos depois de ter gerado Matusalém." O mito hebraico posterior faz dele o anjo documentalista e conselheiro de Deus, e também patrono de todas as crianças que estudam a Torá. *Metatron* é uma corruptela hebraica ou do grego *metadromos*, "aquele que persegue em vingança", ou de *meta ton thronon*, "o mais próximo ao Trono Divino".

11. Os anaquitas podem ter sido colonos gregos de Micenas, pertencentes à confederação dos "Povos do Mar", que causou tantos problemas ao Egito no século XIV a.E.C. Os mitógrafos gregos falavam de um Gigante Anax ("rei"), filho do Céu e da Mãe Terra, que reinava sobre Anactória (Mileto), na Ásia Menor. Segundo Apolodoro, o esqueleto desenterrado de Astério ("estrelado"), sucessor de Anat, media dez cúbitos. *Anakes*, o plural de *Anax*, era um epíteto para os deuses gregos em geral. Os comentaristas talmúdicos, caracteristicamente, descrevem os anaquitas com uma altura de três mil cúbitos.

12. Monumentos megalíticos, encontrados pelos hebreus em sua chegada a Canaã, teriam estimulado as lendas a respeito de gigantes; tal como na Grécia, onde contadores de histórias ignorantes a respeito de rampas, alavancas e outros recursos de engenharia de Micenas diziam que os monstruosos Ciclopes, devoradores de homens, teriam levantado com uma só mão os imensos blocos de pedra que formam as muralhas de Tirinto, Micenas e outras cidades antigas.

13. Os *Nefilim* ("Caídos") tinham muitos outros nomes tribais, tais como *Emim* ("Terrores"), *Refaim* ("Enfraquecedores"), *Guiborim* ("Heróis Gigantes"), *Zamzumim* ("Realizadores"), *Anakim* ("Pescoços Longos" ou "os que usam colares"), *Avim* ("Devastadores" ou "Serpentes"). Um dos *Nefilim*, chamado Arba, teria construído a cidade de Hebron, chamada, em sua homenagem, "Kiriat-Arba", e tornou-se pai de Anak, cujos três filhos, Sheshai, Ahiman e Talmai, foram mais tarde expulsos por Caleb, companheiro de Josué. Uma vez, no entanto, que *Arba* significa "quatro" em hebraico, Kiriat-Arba pode ter significado, originalmente, "Cidade de Quatro", uma referência a suas quatro partes miticamente relacionadas com os clãs anaquitas: o próprio Anak e seus "filhos" Sheshai, Ahiman e Talmai.

19

O NASCIMENTO DE NOÉ

(a) Caim morreu várias gerações mais tarde, nas mãos de seu trineto Lameque. Este Lameque era um vigoroso caçador e, tal como todos os outros da raça de Caim, casou-se com duas mulheres. Apesar de envelhecido e cego, ele continuava a caçar, guiado por seu filho Tubal Caim. Sempre que Tubal Caim avistava um animal, ele orientava a mira de Lameque. Um dia, disse ele a Lameque: "Vejo uma cabeça surgindo sobre uma elevação acolá." Lameque assestou o arco; Tubal Caim apontou uma flecha que varou a cabeça. Mas, ao ir buscar a presa, ele gritou: "Pai, atingiste um homem que tem um chifre na fronte!" Lameque respondeu: "Ai, deve ser meu ancestral Caim", e em sua dor golpeou uma das mãos fortemente com a outra, dessa forma matando inadvertidamente a Tubal Caim também.

O dia todo Lameque pranteou ao lado dos corpos, sendo impedido pela cegueira de encontrar o caminho de casa. Ao cair da tarde, Adá e Zilá, suas esposas, o encontraram. Lameque gritou: "Ouvi o que digo: matei um varão ferindo-o e um mancebo golpeando-o! Se Caim será vingado sete vezes, em verdade, Lameque será vingado setenta e sete vezes!" Com isso, a Terra se abriu e engoliu todos os parentes próximos de Caim, exceto Enoque: a saber, Irad, Mehujael, Matusalém e suas famílias.

(b) Lameque disse a suas duas esposas: "Vão para a minha cama e esperem lá por mim!" Zilá respondeu: "Mataste nosso ancestral Caim e meu filho Tubal Caim; portanto, nenhuma de nós há de se deitar contigo." Lameque respondeu: "Esta é a vontade de Deus. Sete gerações, o espaço de tempo destinado a Caim, agora já se passaram. Obedeçam-me." Mas elas disseram: "Não, pois qualquer criança nascida dessa união seria malfadada." Lameque, Adá e Zilá foram então em busca de Adão, que ainda vivia, e pediram-lhe que estabelecesse julgamento entre eles. Zilá falou primeiro: "Lameque matou teu filho Caim e também meu filho Tubal Caim." Lameque declarou: "As duas mortes foram causadas por inadvertência, uma vez que sou cego." Adão disse a Zilá e Adá: "Vocês devem obedecer ao seu marido!"

(c) Zilá então teve de Lameque um filho já circuncidado: um sinal da graça especial de Deus. Lameque chamou-o Noé, encontrando nele grande *consolo*.[1] As faces de Noé eram mais alvas do que a neve e mais coradas do que uma rosa; seus olhos eram como o raio do sol da manhã; seu cabelo, longo e cacheado; seu rosto, radiante de luz. Lameque, por isso, suspeitou que ele fosse um bastardo, gerado em Zilá por um dos Sentinelas, ou

Caídos; mas Zilá jurou que tinha sido fiel. Eles consultaram seu ancestral, Enoque, que recentemente havia sido arrebatado ao Céu. Sua profecia — "Durante a vida de Noé, Deus fará uma coisa nova na terra!" — deu a Lameque a tranqüilidade de que precisava.

(d) No nascimento de Noé, que coincidiu com a morte de Adão, o mundo melhorou muito. Até então, quando se semeava o trigo, metade da colheita eram cardos e espinhos. Deus agora retirava essa maldição. E onde até então todo o trabalho era feito com a mão, Noé ensinou aos homens como fazer arados, foices, machados e outras ferramentas.[2] Mas alguns atribuem a invenção da metalurgia a Tubal Caim, seu falecido irmão.[3]

1. *Tan'huma Noach* 11; cf. *Gên. Rab.* 224-25; *Sefer Haiashar*, 7-8.
2. *Enoque* 104, ed. Charles, ii:278; *Gênese Apócrifon* 40; *Jubileus* 4:28.
3. Mesmas fontes da nota 1, e *Gênese* 4:22.

1. Esta história relembra dois mitos gregos — Perseu matando acidentalmente seu avô Acrísio e Atamante confundindo Learco com um cervo branco — e é contada para explicar a exclamação de Lameque em *Gênese* 4:23: "Matei um varão ferindo-o e um mancebo golpeando-o", cujo contexto original desapareceu. Apesar da tautologia — a junção de duas frases, de enunciado diferente mas com o mesmo sentido — ser um ornamento comum na poesia hebraica, aqui, absurdamente, credita-se a Lameque a morte não de um guerreiro, mas de um velho e de um jovem; tal como quando se diz que Jesus cumpriu a profecia de Zacarias (*Zacarias* 9:9), ao passar "montado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de um jumento" (*Mateus* 21:1-3), em vez de sobre um único jumentinho. A lei que exigia dos parentes próximos que vingassem o assassinato, ou mesmo o homicídio involuntário, explica as Cidades de Refúgio instituídas por Moisés (*Números* 35:13; *Josué* 20:1-9), onde um homem ficava em segurança até seu caso ir a julgamento. Dessa forma, Adão age como juiz e aceita a alegação de Lameque de homicídio involuntário ao dizer que se nele se exercesse vingança, seus parentes próximos se vingariam desses vingadores, de forma ainda mais impiedosa. Mas a Terra já havia aceito a alegação de Lameque, engolindo todos os parentes de Caim. Apesar da etimologia de "Lameque" ser incerta, o midrash a respeito esse duplo homicídio evidentemente liga esse nome a três raízes árabes relacionadas *lamá, lamach* e *lamak*, que significam "golpear de mão aberta" e "olhar furtivamente, ou obliquamente".
2. Tubal Caim, em *Gênese* 4, é um ferreiro cujos irmãos são Jabal, pastor, e Jubal, músico. Esses nomes, evidentemente, registram as ocupações de certas famílias quenitas. "Jubal" equivale a *Tabali* (em grego: *Tibareni*), membros de uma tribo da Anatólia descritos por Heródoto como vizinhos dos calibitas, que forjavam o ferro. Em *Ezequiel* 27:13, "Tubal" fornece vasos de bronze e escravos a Tito; "Tubal Caim", então, provavelmente significa "o metalúrgico quenita". Jubal era um deus da música cananeu.
3. As duas narrativas bíblicas sobre a família de Lameque são inconsistentes. Segundo o *Gênese* 4:19-22, ele teve Jabal e Jubal com sua esposa Adá; com sua esposa Zilá, Tubal Caim e uma filha, Naamá. Segundo o *Gênese* 5:28-31, Noé foi o primogênito de Lameque; outros filhos e filhas são mencionados, mas não são revelados os seus nomes.

20

O DILÚVIO

(a) Noé detestava tanto a idéia de perder sua inocência que, apesar de freqüentemente instado a se casar, esperou até que Deus achou-lhe Naamá, filha de Enoque — a única mulher desde Istahar a ter se conservado casta, naquela geração corrupta. Seus filhos foram Sem, Cam e Jafé; e, quando cresceram, Noé os casou com as filhas de Eliaquim, filho de Matusalém.[1]

(b) Prevenido por Deus do Dilúvio iminente, Noé transmite a notícia para a humanidade, pregando o arrependimento por onde quer que passasse. Apesar de suas palavras queimarem como tochas, as pessoas o ironizavam dizendo: "O que é esse dilúvio? Se for um dilúvio de fogo, temos *alita* (asbestos?), que é à prova de fogo; e se for um dilúvio de água, temos folhas de ferro para conter qualquer inundação que possa surgir da terra. Contra as águas do céu podemos usar um *akeb* (toldo?)". Noé advertiu-os: "Pois Deus fará com que as águas engrossem sob vossos calcanhares!" Eles se jactaram: "Por maior que seja este dilúvio, somos tão altos que não alcançará nossos pescoços; e caso Ele abra as comportas de Tehom, nós as bloquearemos com as solas de nossos pés."[2]

(c) Deus então ordenou a Noé que construísse, e calafetasse com betume, uma arca de madeira de gofer, ampla o suficiente para ele próprio, sua família e exemplares selecionados de todas as outras criaturas vivas da terra. Ele deveria levar sete animais e pássaros de todas as espécies puras, dois de todas as espécies impuras, e dois seres rastejantes de todas as espécies. Deveria também providenciar-lhes o alimento. Noé passou cinqüenta e dois anos nessa tarefa de construção da arca; trabalhou devagar, na esperança de retardar a vingança de Deus.[3]

(d) Deus em pessoa desenhou a arca, que tinha três conveses e media trezentos cúbitos de popa a proa, cinqüenta de largura e trinta de altura. Cada convés era dividido em centenas de compartimentos; o inferior era destinado a todos os animais, tanto selvagens quanto domésticos; o do meio a todas as aves; e o superior a todos os seres rastejantes e à família de Noé.[4]

(e) Certos espíritos errantes também entraram na Arca e foram salvos. Dois monstros grandes demais para qualquer dos compartimentos, não obstante, sobreviveram. O

Reem, que foi nadando atrás, descansando o focinho na popa; e o Gigante Og. Este era filho de Hia com a mulher que depois disso casou-se com Cam e que suplicou a Noé que mantivesse a cabeça de Og acima da água, permitindo-lhe segurar-se a uma escada de corda. Em gratidão, Og jurou que seria um escravo para Noé; mas apesar de Noé, piedosamente, tê-lo alimentado através de uma portinhola, ele mais tarde retomou seu mau caminho.[5]

(f) Quando Noé partiu para reunir as criaturas, ficou atônito com essa tarefa, e clamou: "Senhor do Universo, como poderei realizar esta coisa imensa?" A isso, o Anjo da Guarda de cada espécie desceu do Céu e, carregando cestos cheios de forragem, guiaram os animais até a Arca; de forma que cada qual parecia ter vindo por sua própria inteligência inata. Chegaram no mesmo dia em que Matusalém morreu, aos novecentos e sessenta e nove anos de idade, uma semana antes do início do Dilúvio; e Deus decretou que aquele tempo de luto seria um tempo de graça, durante o qual a humanidade ainda poderia se arrepender. Ele então ordenou a Noé que se sentasse junto à porta da Arca e observasse cada criatura que viesse até ele. Aquelas que se agachassem em sua presença deveriam ser admitidas; as que permanecessem eretas deveriam ser excluídas. Algumas autoridades dizem que, segundo as ordens de Deus, se o macho tivesse o comando sobre a fêmea de sua própria espécie, ambos deveriam ser admitidos, mas não o contrário. E que Ele deu essas ordens porque já não eram só os homens que cometiam a bestialidade. Os próprios animais rejeitavam suas companheiras naturais; o garanhão montava a jumenta; o jumento, a égua; o cachorro, a loba; a serpente, a tartaruga; e assim por diante — e mais ainda, freqüentemente as fêmeas mandavam nos machos. Deus havia decidido destruir todas as criaturas que existissem, exceto aquelas que obedecessem à Sua vontade.[6]

(g) A Terra tremeu nas bases, o Sol se obscureceu, o raio relampeou, o trovão ribombou e uma voz ensurdecedora, tal como nunca havia sido ouvida antes, atravessou montanhas e planícies. Dessa forma Deus buscava aterrorizar os malfeitores, para que se arrependessem; mas em vão. Ele escolheu a Água, em vez do Fogo, como um castigo adequado para seus vícios inomináveis, e abriu as comportas do Céu removendo duas Plêiades; e permitindo assim que as Águas Superiores e Inferiores — os elementos macho e fêmea de Tehom, que Ele havia separado nos dias da Criação — se reunissem e destruíssem o mundo em um abraço cósmico.

O Dilúvio começou no décimo-sétimo dia do Segundo Mês, quando Noé tinha seiscentos anos de idade. Ele e sua família entraram na Arca e o próprio Deus fechou a porta atrás deles. Mas nem mesmo Noé ainda conseguia acreditar que Deus fosse aniquilar um trabalho tão magnífico e, portanto, deteve-se até que as ondas lhe vieram bater nos tornozelos.[7]

(h) As marés se espalharam rapidamente por sobre toda a terra. Setecentos mil malfeitores amontoaram-se em torno da Arca, gritando: "Abra a porta, Noé, e deixe-nos entrar!" Noé gritou lá de dentro: "Eu não lhes disse que se arrependessem durante esses cento e vinte anos, e vocês não quiseram ouvir?" "Agora nos arrependemos", responderam eles. "É tarde demais", disse Noé. Eles tentaram arrebentar a porta, e teriam virado a Arca, mas um bando de lobos, leões e ursos, que haviam sido rejeitados e também estavam tentando entrar, fizeram centenas deles em pedaços, dispersando o resto. Quando as Águas Inferiores de Tehom se ergueram, os malfeitores primeiro atiraram crianças nos mananciais, na esperança de obstruir seu fluxo, depois começaram a subir em árvores ou colinas. A chuva desceu em cascatas e logo uma maré montante ergueu a Arca, até que esta, finalmente, flutuou quinze cúbitos acima dos picos mais altos — mesmo assim, tão sacudida pelas ondas, que todos em seu interior eram atirados para lá e para cá feito feijões numa panela fervente. Alguns dizem que Deus aqueceu o Dilúvio nas chamas do Inferno, e puniu a luxúria ardente com água escaldante; ou que fez chover fogo sobre os malfeitores; ou deixou que aves de rapina lhes arrancassem os olhos enquanto nadavam.[8]

(i) Uma pérola que pendia do teto da Arca lançava uma luz suave sobre Noé e sua família. Quando essa luz empalidecia, ele sabia que haviam chegado as horas do dia; quando ela brilhava, sabia que a noite se aproximava, e com isso nunca perdeu a conta dos Shabatot (plural de Shabat). Alguns dizem, no entanto, que essa luz vinha de um livro sagrado que o Arcanjo Rafael dera a Noé, encadernado com safiras e contendo todo o conhecimento das estrelas, a arte da cura e o domínio dos demônios. Noé passou esse livro para Sem, de quem ele foi passado, por meio de Abraão, a Jacob, Levi, Moisés, Josué e Salomão.[9]

(j) No decorrer dos doze meses seguintes, nem Noé nem seus filhos dormiram, estando ininterruptamente ocupados com suas tarefas. Algumas criaturas estavam acostumadas a comer na primeira hora do dia, ou da noite; outras na segunda, terceira ou quarta hora, ou até mais tarde; cada qual esperava por sua própria ração — o camelo precisava de palha; o jumento, de centeio; o elefante, de brotos de videira; o avestruz, de vidro moído. Ainda assim, segundo uma narrativa, todos os animais, pássaros, seres rastejantes e o próprio homem subsistiram com um único elemento; a saber, pão de figo.[10]

(k) Noé orou: "Senhor do Universo, liberta-me desta prisão! Minha alma está farta do fedor de leões, ursos e panteras". Quanto ao camaleão, ninguém sabia como alimentá-lo. Mas, num certo dia, Noé abriu uma romã e dela saiu uma lagarta que a criatura faminta devorou. Devido a isso, ele misturou a um bolo os brotos de uma planta que no Oriente chamam de espinho-de-camelo, e alimentou o camaleão com os vermes que ali fermentaram. Os dois leões passaram todo esse tempo adoentados, com febre; não

atacaram os outros animais, mas comeram grama, como se fossem bois. Vendo a fênix encolhida a um canto, Noé perguntou: "Por que não pediste comida?" "Senhor", respondeu ela, "os vossos já estão muito ocupados. Não quero lhes dar mais trabalho." Ele então abençoou a fênix, dizendo: "Queira Deus que tu nunca morras."[11]

(l) Noé separou seus filhos das esposas e lhes proibiu os ritos conjugais: enquanto o mundo estava sendo destruído, eles não deveriam pensar em preenchê-lo de novo. Fez a mesma proibição a todos os animais, pássaros e seres rastejantes. Somente Cam, o cachorro e o corvo desobedeceram. Cam pecou a fim de salvar sua esposa da desgraça: não tivesse ele próprio se deitado com ela, Sem e Jafé saberiam que ela já estava esperando uma criança do anjo caído Shemhazai. Não obstante, Deus puniu Cam empretecendo-lhe a pele. Também puniu o cão, fazendo-o ficar vergonhosamente preso à cadela após a cópula; e o corvo, fazendo-o inseminar a fêmea através do bico.[12]

(m) Quando já se haviam passado cento e cinqüenta dias — apesar de alguns dizerem cento e quarenta —, Deus fechou as comportas do Céu com duas estrelas que tomou da Ursa Maior. Esta ainda persegue as Plêiades todas as noites, resmungando zangada: "Devolva minhas estrelas!" Ele então mandou um vento que empurrou as águas de Tehom para a beirada da Terra, por onde se precipitaram, até que o Dilúvio foi lentamente assentando. No sétimo dia do Sétimo Mês, a Arca de Noé pousou sobre o Monte Ararat. No primeiro dia do Décimo Mês, os topos de outras montanhas surgiram à vista. Tendo esperado mais quarenta dias, Noé abriu uma clarabóia e disse ao corvo que voasse e voltasse trazendo notícias do mundo lá fora. Este respondeu, insolente: "Deus, o teu amo, me odeia; e tu também! As ordens d'Ele não foram: 'Pegue sete de todas as criaturas puras e duas de todas as impuras'? Por que escolher a mim para esta missão perigosa, quando minha companheira e eu somos sozinhos? Por que poupar as pombas, que são sete? Se eu vier a morrer de calor ou de frio, o mundo ficará sem corvos. Ou será que estás sentindo desejo pela minha companheira?" Noé clamou: "Ai, Demônio! Até mesmo minha esposa me é proibida enquanto estivermos sobre a água. Quanto mais tua companheira, uma criatura que não é da minha espécie!" A isso o corvo se escondeu. Noé procurou pela Arca com cuidado e, encontrando o vagabundo escondido sob a asa de uma águia, disse: "Demônio! Não te ordenei que fosses ver se a enchente já havia acabado? Sai já daqui!" O corvo respondeu, insolente: "Foi como pensei: estás com desejo pela minha companheira!" Noé, enfurecido, gritou: "Que Deus amaldiçoe o bico que proferiu esta calúnia!" E todas as criaturas, ouvindo, disseram "Amém!" Noé abriu a clarabóia e o corvo — que nesse meio tempo já havia emprenhado a águia e outras aves de rapina além dela, dessa forma depravando-lhes a natureza — saiu voando, mas logo voltou. Mandado mais uma vez para fora, mais uma vez voltou. Da terceira vez ficou ausente, devorando cadáveres.[13]

(n) Noé deu ordens idênticas a uma pomba, que também voltou logo, não tendo encontrado nenhuma árvore onde pousar. Sete dias depois, libertou a pomba uma segunda vez e esta retornou perto do anoitecer, trazendo no bico um ramo de oliveira recém-colhido. Ele tentou de novo depois que mais sete dias se passaram, e desta vez a pomba não retornou. No primeiro dia do Primeiro Mês, Noé saiu pela clarabóia e olhou em torno. Viu apenas um vasto mar de lama que se estendia até as montanhas distantes. Até mesmo o túmulo de Adão havia sumido de vista. Foi só depois do vigésimo-sétimo dia do Segundo Mês que o vento e o sol secaram esse lamaçal o suficiente para permitir o desembarque de Noé.[14]

(o) Assim que seu pé tocou a terra, ele pegou pedras e ergueu um altar. Deus sentiu o doce odor de oferendas queimadas e disse: "Apesar da disposição perversa do homem, nunca mais usarei a água para destruí-lo. A partir de agora, enquanto a Terra durar, que o tempo da semeadura siga-se ao da colheita, e o da colheita ao da semeadura — assim como o verão segue-se ao inverno; e o dia à noite." Deus abençoou Noé e sua família, dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos, governai sobre todos os animais, aves e seres rastejantes!" Também lhes permitiu comer carne, sob a condição de que primeiro fizessem sangrar a carcaça, explicando: "A alma de um animal reside em seu sangue", e instituiu a pena de morte para qualquer homem ou animal que cometesse assassinato. Ele então fez o Arco-Íris atravessar o céu, dizendo: "Sempre que eu trouxer nuvens de chuva sobre a Terra, este arco brilhante será lembrança de Minha promessa!"[15]

1. *Adamschriften* 39; *Sefer Haiashar* 16-17.
2. *B. Sanedrim* 108b; *PRE,* cap. 22-final.
3. *Gênese* 6:13-22; 7:1-3; *PRE,* cap. 23.
4. *Gênese* 6:15-16; *PRE,* cap. 23.
5. *Gên. Rab.* 253, 287; *PRE,* cap. 23; *B. Nida* 61a; *B. Zevahim* 113b; *Hadar* 59a; *Da'at Hukat* 18a.
6. *PRE,* cap. 23; *Gên. Rab.* 287, 293; *Tan'huma Noach* 61a; *Tan'huma Buber Gên.* 36, 45; *B. Sanedrim* 108a-b; *Sefer Haiashar* 17.
7. *Gênese* 7:11-16; *Gên. Rab.* 293; *B. Berachot* 59a; *B. Rosh Hashaná* 11b-12a; *PRE,* cap. 23; *Sefer Haiashar* 18.
8. *Gênese* 7:20; *B. San.* 108b; *B. Rosh Hashaná* 12a; *B. Zevahim* 112a; *Lev. Rab.* 7:6; *Tan'huma Noach* 7; *Tan'huma Buber Gên.* 35-36; *Sefer Haiashar* 18-19.
9. *Gên. Rab.* 283; *B. Sanedrim* 108b; *PRE,* cap. 23; *Sefer Noach, BHM,* iii:, 158.
10. *Tan'huma Buber Gên.* 29-30; 37-38; *Gên. Rab.* 287; *Tan'huma Noach* 2, 9; *B. Sanedrim* 108b.
11. *PRE,* cap. 23; *B. Sanedrim* 108b.
12. *Gên. Rab.* 286, 341; *Tan'huma Buber Gên.* 43; *Tan'huma Noach* 12; *Ier. Taanit* 64d; *B. Sanedrim* 108b; *PRE,* cap. 23; *Ialkut Reubeni ad Gên.* 7:7, p. 130.
13. *Gênese* 7:4, 27, 24; 8:1-7; *B. Berachot* 59a; *B. Rosh Hashand* 11b-12a; *B. Sanedrim* 108b; *Alfa Beta diBen Sira, Otzar Midrashim* 49a, 50b.
14. *Gênese* 8:8-19.
15. *Gênese* 8:20; 9:17.

1. Dois mitos antigos fazem paralelo com o Dilúvio do *Gênese*: um grego, o outro acadiano. O acadiano, encontrado na *Epopéia de Gilgamesh*, era corrente também entre os sumérios, os hurritas e os hititas. Nele, o herói Utnapishtim é advertido por Ea, deus da Sabedoria, que os outros deuses, liderados por Enlil, o Criador, haviam planejado um dilúvio universal, e que ele deveria construir uma arca. O motivo de Enlil para varrer do mundo a humanidade parece ter sido a omissão desta quanto a seus sacrifícios de Ano-Novo. Utnapishtim constrói uma arca de seis conveses, na forma de um cubo exato com laterais de cento e vinte cúbitos, e usa o betume para calafetá-la. A arca é completada em sete dias, tendo Utnapishtim, nesse meio tempo, dado a seus operários "vinho para que bebessem, como chuva, a fim de que pudessem festejar no estilo do dia de Ano-Novo". Quando uma chuva arrasadora começa a cair, ele, a sua família, artesãos e servos carregando seus tesouros, além de animais e pássaros, entram na arca. E então o barqueiro de Utnapishtim fecha as escotilhas.
2. Durante um dia inteiro o Vento Sul sopra furioso, submergindo montanhas e varrendo a humanidade. Os próprios deuses vão aterrorizados para o Céu, onde ficam encolhidos, feito cachorros. O dilúvio continua durante seis dias, mas cessa no sétimo. Então Utnapishtim abre uma escotilha e olha em torno. Vê uma enchente, lisa como um telhado plano, limitada por quatorze topos de montanhas distantes. Toda a humanidade pereceu afogada e voltou ao barro. A arca foi levada pela corrente até o Monte Nisir, onde Utnapishtim espera mais sete dias. E ele então manda sair uma pomba que, não encontrando lugar para pousar, retorna. Após mais sete dias, manda uma andorinha que também retorna. E em seguida um corvo, o qual, encontrando carniça para comer, não retorna, porque a essa altura a enchente já havia diminuído.
3. Utnapishtim libera toda a sua gente e os animais, derrama sete vezes uma libação de vinho sobre o topo da montanha e queima madeiras aromáticas — bambu, cedro e murta. Os deuses sentem esse doce odor e se reúnem em torno do sacrifício. Ishtar louva Utnapishtim e censura Enlil por provocar um desastre sem sentido. Enlil grita furioso: "Homem algum deveria ter sobrevivido ao meu dilúvio! E estes ainda vivem?" Ea confessa que Utnapishtim foi prevenido do dilúvio em um sonho. Enlil, abrandado, sobe a bordo da arca e, abençoando Utnapishtim e sua esposa, os faz "semelhantes aos deuses" e os coloca no Paraíso, onde, mais tarde, são saudados por Gilgamesh.
4. Em uma versão suméria fragmentária, o herói do dilúvio é o piedoso Rei Ziusudra (chamado Xisutro na *História Babilônica* de Berossus do século III: a.E.C.). Xisutro desencava alguns livros sagrados que ele havia anteriormente enterrado na cidade de Sipar.
5. O mito do *Gênese* se compõem, ao que parece, de pelo menos três elementos distintos. Primeiro, a memória histórica de uma tromba d'água nas montanhas da Armênia, a qual, segundo *Ur dos Caldeus*, de Woolley, inundou o Tigre e o Eufrates por volta de 3200 a.E.C. — cobrindo as aldeias sumérias em uma área de 60.000 quilômetros quadrados com três metros de lamas e destroços. Somente umas poucas cidades, encarapitadas bem alto entre as colinas e protegidas por muros de tijolos, escaparam da destruição.

Um segundo elemento é a festividade outonal da vindima de Ano-Novo, da Babilônia, Síria e Palestina, na qual a arca era um barco em forma de lua crescente, contendo animais de sacrifício. Essa festa era comemorada na Lua Nova mais próxima do equinócio de outono, com libações de vinho novo para estimular as chuvas de inverno.

Os remanescentes da arca sobre o Ararat — "Monte Judi perto do Lago Van" — são

mencionados por Josefo, que cita Berossus e outros historiadores; Berossus escrevera que os curdos locais ainda tiravam dela lascas de betume para usar como amuletos. Uma recente expedição norte-americana alega ter encontrado no local pranchas de madeira semifossilizadas, datando de *c.* 1500 a.E.C. Um historiador armênio, Moisés de Corene, chama esse lugar sagrado de Naquidshenan ("primeiro local de descida"). "Ararat" aparece em uma inscrição de Shalmanasar I da Assíria (1272-1243 a.E.C.) como *Uruatri* ou *Uratri*. Mais tarde torna-se *Uratu* e refere-se a um reino independente junto ao Lago Van, conhecido pelos hebreus dos tempos bíblicos como a Terra de Ararat (*Reis II*, 19:37; *Isaías* 37:38).

6. O mito grego diz o seguinte: "Desgostoso com o canibalismo dos ímpios pélasgos, Zeus Todo-Poderoso liberou uma grande enchente sobre a terra com a intenção de dela varrer toda a raça humana; mas Deucalião, rei da Pítia, prevenido por seu pai, o titã Prometeu, a quem ele fora visitar no Cáucaso, construiu uma arca, encheu-a de mantimentos, e subiu a bordo com sua mulher, Pirra, uma das filhas de Epimeteu. E então o Vento Sul soprou, a chuva caiu, e os rios se precipitaram rugindo para o mar, o qual, subindo a uma velocidade surpreendente, varreu todas as cidades da costa e das planícies; até que o mundo inteiro estava inundado, exceto por alguns poucos picos de montanhas, e todas as criaturas mortais pareciam perdidas, exceto Deucalião e Pirra. A arca flutuou à deriva durante cerca de nove dias até que, finalmente, as águas baixaram e ela pousou sobre o Monte Parnaso, ou, dizem alguns, sobre o Monte Etna; ou Monte Atos; ou sobre o Monte Ortris, na Tessália. Dizem que Deucalião tranqüilizou-se graças a uma pomba que mandara em um vôo de exploração.

7. "Desembarcando em segurança, ofereceram um sacrifício a Zeus Pai, que preservou os fugitivos, e desceram para orar no santuário da deusa Temis, junto ao Rio Céfiso: seu telhado agora coberto de algas e seu altar frio. Suplicaram humildemente que a humanidade fosse renovada, e Zeus, ouvindo-lhes de longe as vozes, enviou Hermes para garantir-lhes que, qualquer pedido que eles pudessem fazer, seria imediatamente atendido. Temis apareceu em pessoa, dizendo: 'Cobri vossas cabeças e lançai os ossos de vossa mãe para trás de vós!' Uma vez que Deucalião e Pirra tinham mães diferentes, ambas já mortas, decidiram que a deusa estava se referindo à Mãe Terra, cujos ossos eram as rochas que estavam na margem do rio. Portanto, tropeçando devido às cabeças cobertas, cataram pedras e lançaram-nas por sobre os ombros; estas se tornaram ou homens ou mulheres, conforme tivesse sido Deucalião ou Pirra a lançá-las. Assim a humanidade se renovou e, desde então, 'um povo' (*laos*) e 'uma pedra' (*laas*) são mais ou menos a mesma palavra em muitas línguas. Mesmo assim, a enchente mostrou-se de pouca valia. Pois alguns pélasgos que haviam se refugiado no Monte Parnaso reviveram as abominações canibalísticas que haviam provocado a vingança de Zeus."

8. Nesta versão, aparentemente importada pela Grécia da Palestina, a deusa Temis ("Ordem") renova o homem; o que provavelmente fez Ishtar, a Creatrix, em uma primeira versão da *Epopéia de Gilgamesh*. Heleno, filho de Deucalião, foi o suposto ancestral de todos os gregos e "Deucalião" significa "marinheiro do vinho novo" (*deuco-halieus*); o que estabelece uma conexão com Noé, inventor do vinho (*ver* 21.*a*). Heleno era irmão de Ariadne de Creta, que casou-se com Dioniso, o deus do vinho. Dioniso também viajou em uma barca de lua nova cheia de animais, incluindo um leão e uma serpente. A mulher de Deucalião era Pirra, cujo nome significa "vermelho-brilhante", como o vinho.

9. As dimensões bíblicas da Arca contradizem os princípios da construção naval: uma

embarcação toda de madeira com três conveses e cento e quarenta metros de comprimento teria se partido mesmo ao menor balanço. A madeira usada por Noé não foi necessariamente cedro, como garante a maioria dos eruditos, sendo a "madeira de gofer" totalmente desconhecida. Pode ter sido acácia, a madeira da barca funerária de Osíris.*

10. Apesar de ausente dos mitos diluvianos gregos e mesopotâmicos, o arco-íris como uma garantia contra as inundações ocorre nos folclores europeu e asiático. As estrelas são imaginadas como pinos brilhantes cravados no firmamento, sobre as quais ficam as Águas Superiores.

11. A agressão sexual é considerada uma prerrogativa masculina no Oriente Médio; esperando das mulheres uma completa passividade, a imaginação dos *midrashim* transfere essa noção dos homens para os animais. Os cuidados incansáveis de Noé com seu rebanho reflete *Provérbios* 12:10: "Um homem justo cuida da vida de seu animal." A crença de que o vidro moído é o único alimento de um avestruz, em vez de ser usado como o grão engolido pelas aves domésticas, como um meio de desfazer o conteúdo de seus papos, ocorre duas ou três vezes na literatura dos *midrashim.*

12. Os corvos são tanto venerados quanto desprezados pelos hebreus. Em *Jó* 28:41 e *Salmo* 147:9, Deus dispensa a eles um cuidado especial. Em *Deuteronômio* 14:14, são classificados entre as aves impuras; e em *Provérbios* 30:17, eles bicam e comem os olhos dos ímpios. Ainda assim, em *Reis I,* 17:4-6, apesar de seus bicos amaldiçoados, eles alimentam Elias; e em *Cânticos* 5:11, os cachos de cabelos de Salomão são louvados por serem negros como a asa de um corvo. É possível que em uma versão mais antiga, o corvo, e não Cam, tenha se tornado negro, como uma forma de castigo; pois os descendentes de Cam eram os cananeus, não-negróides, e no mito grego o corvo foi transformado de branco em negro, ou por Atena (Anat-Ishtar), por trazer a má notícia da morte de sua sacerdotisa, ou por Apolo (Ea), por não ter bicado os olhos de seu rival Isquis.

13. A "pérola" é um símbolo gnóstico para a Alma do Homem: como no apócrifo "Hino da Pérola" (*Atos de Santo Tomás*), e no *Kefalaia* dos maniqueus. Um texto mandeano reza: "Quem levou embora a pérola que iluminava nossa casa perecível?" Segundo Jonas, a palavra às vezes também significa "Palavra de Deus", que parece ser o significado aqui. O Livro de Sabedoria dado a Noé por Rafael foi omitido do *Gênese,* apesar do Livro Sagrado de Sipar mencionado por Berossus mostrar que ele fazia parte do antigo mito babilônico do dilúvio. Isto reforça o ponto de vista de que Enoque, o qual, como Utnapishtim, foi recompensado por suas virtudes com a residência no Paraíso, e a quem os anjos ajudaram a escrever um livro de sabedoria, é na verdade Noé. "Rafael" parece um erro no lugar de "Raziel" (*ver 6.b* 12).

14. As Plêiades eram associadas com a chuva porque seu nascimento e ocaso marcavam os limites da temporada de navegação mediterrânea. Uma delas (não duas) parece, levando-se em conta o mito grego, ter-se tornado extinta no final do segundo milênio a.E.C.

---

* Na tradução portuguesa de João Ferreira de Almeida, em *Gênese* 7:14, Deus diz a Noé: "Faze uma arca de tábuas de cipreste;..." (N. do T.)

21

A EMBRIAGUEZ DE NOÉ

(a) Noé, o primeiro homem a plantar um vinhedo, fez vinho de suas uvas, embriagou-se e deixou a descoberto suas partes pudendas... Cam, pai de Canaã, entrou na tenda onde Noé estava deitado, observou sua nudez e foi contar a Sem e Jafé o que vira. Estes puseram uma túnica sobre os ombros, entraram de costas na tenda e cobriram a nudez do pai, sem olhá-lo. Quando Noé despertou de seu sono embriagado, viu o que seu filho menor [*sic*] lhe fizera e clamou: "Que a maldição de Deus caia sobre Canaã! Que seus irmãos façam dele um escravo de escravos! Mas abençoado seja o Deus de Sem, a quem Canaã servirá. Possa Ele também engrandecer Jafé, para morar nas tendas de Sem; e Canaã servirá a ambos."

Noé viveu mais trezentos e cinqüenta anos.[1]

(b) Houve quem criasse um pouco sobre essa história, dizendo que Noé levou sementes de uva na Arca — ou um cepo de videira do Éden —, que plantou no Monte Lubar, um dos picos do Ararat. Suas vinhas deram fruto no mesmo dia e, antes do cair da noite, ele colheu os cachos, esmagou-os e fez vinho, do qual bebeu livremente.[2]

(c) Samael, o anjo caído, veio até Noé naquela manhã e perguntou: "O que estás fazendo?" Ele respondeu: "Estou plantando vinhas."

"E o que é isso?"

"O fruto é doce, quer o comamos fresco ou seco, e dá vinho para alegrar o coração do homem."

Samael gritou: "Ora, vamos dividir este vinhedo; mas não ultrapasses a minha metade, senão te ferirei."

Quando Noé concordou, Samael matou um cordeiro e o enterrou sob uma vinha; em seguida fez o mesmo com um leão, um porco e um macaco, para que suas vinhas bebessem o sangue dos quatro animais. Daí, apesar de um homem ser menos corajoso do que um cordeiro antes de provar do vinho, ele no entanto, após beber um pouco, gaba-se de ser tão forte quanto um leão; e, bebendo em excesso, vira um porco e suja as próprias roupas; e, bebendo ainda mais, torna-se igual a um macaco, anda cambaleante feito um imbecil, perde o juízo e blasfema contra Deus. Assim foi com Noé.[3]

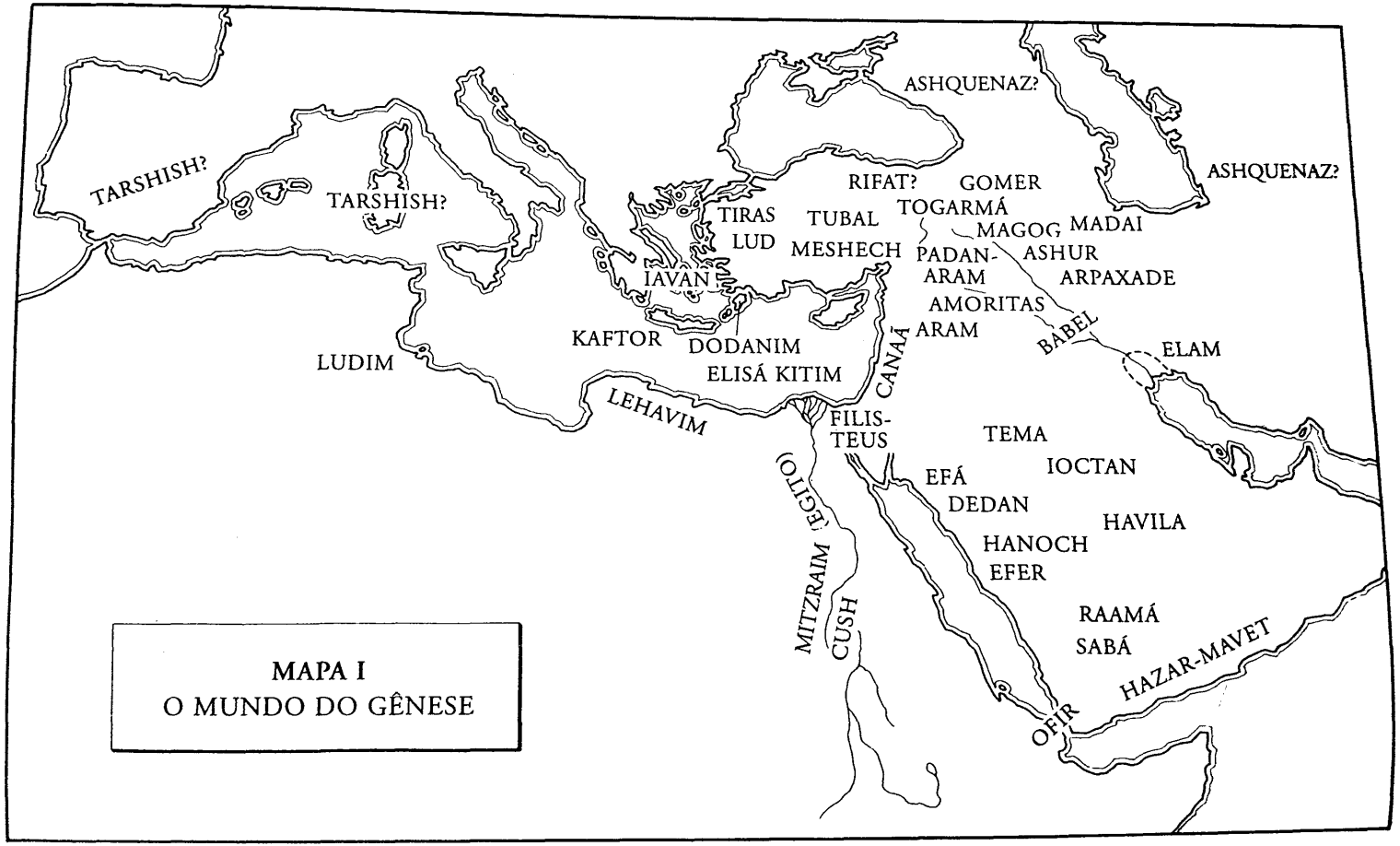
(d) Alguns dizem que, no auge de sua embriaguez, ele se descobriu, ao que Canaã, o filhinho de Cam, entrou na tenda, maldosamente deu um laço com uma corda resistente nos genitais do avô, puxou-a com força e o emasculou. Cam também entrou. Quando viu o que tinha acontecido, contou a Sem e Jafé, sorrindo, como se fosse apenas uma piada contada entre gente à-toa no mercado; mas recebeu deles maldições.[4]

(e) Outros dizem que o próprio Cam emasculou Noé que, despertando de seu sono embriagado e compreendendo o que lhe havia sido feito, gritou: "Agora não posso gerar o quarto filho, a cujos filhos eu teria ordenado que servisse a ti e a teus irmãos! Portanto, deverá ser Canaã, teu primogênito, a lhes servir de escravo. E uma vez que me incapacitaste para fazer coisas feias na escuridão da noite, os filhos de Canaã nascerão feios e escuros! Mais ainda, porque voltaste tua cabeça para ver minha nudez, o cabelo de teus netos será todo enroscado, e terão os olhos vermelhos; ainda, porque teus lábios ironizaram meu infortúnio, os deles ficarão intumescidos; e porque negligenciaste minha nudez, eles andarão nus, e seus membros viris serão vergonhosamente compridos." Os homens dessa raça são chamados negros; seu antepassado Canaã ordenou-lhes que amassem o furto e a fornicação, que vivessem em bandos, odiando seus amos, e que nunca dissessem a verdade.[5]

(f) Outros, no entanto, inocentam Cam de qualquer crime dessa natureza. Dizem que quando Noé estava desembarcando sobre o Ararat, o leão doente deu uma demonstração de ignóbil ingratidão, desferindo-lhe uma patada nos genitais, de tal forma que ele nunca mais poderia realizar o ato conjugal. Por este motivo, Sem ofereceu o sacrifício no lugar de Noé: passando a ser proibido, a qualquer homem assim prejudicado, servir no altar de Deus.[6]

1. *Gênese* 9:20-28.
2. *Tan'huma Buber Gên.* 48; *Tan'huma Noach* 13; *Gên. Rab.* 338; *PRE,* cap. 24; *Jub.* 5:28; 7:1.
3. *Tan'huma Noach* 13; *Gên. Rab.* 338.
4. *Tan'huma Buber Gên.* 48-49; *Gên. Rab.* 338-40; *PRE,* cap. 23.
5. *B. Sanedrim* 72a-b, 108b; *B. Pesahim* 113b; *Tan'huma Buber Gên.* 49-50; *Tan'huma Noach* 13, 15; *Gên. Rab.* 341.
6. *Gên. Rab.* 272, 338-39; *Tan'huma Buber Gên.* 38; *Tan'huma Noach* 9; *Lev. Rab.* 20:1; *Bate Midrashot* 2:237.

1. A versão que o *Gênese* apresenta deste mito foi editada sem o menor cuidado. Cam não poderia ser culpado, com justiça, por ter percebido a nudez do pai; e Noé não poderia jamais ter lançado uma maldição tão grave sobre Canaã, o filho inocente de Cam, ainda que esse ato involuntário tivesse sido por culpa exclusiva de Cam. O texto: "E Noé despertou de sua embriaguez, e soube o que seu filho menor lhe havia feito" indica uma lacuna na narrativa que plausivelmente poderia ser preenchida pelo relato que o *midrash* faz de sua castração. A maldição



MAPA I
O MUNDO DO GÊNESE

de Noé mostra que o pecador foi o pequeno Canaã e não Cam. "Cam, pai de" é claramente um acréscimo editorial.

2. O mito é contado para justificar a escravidão dos cananeus pelos hebreus — Canaã era *Cnas* para os fenícios e *Agenor* para os gregos. Em uma passagem de um *midrash* a sodomia foi acrescentada aos crimes de Cam. Em *Levítico* 18 há uma longa lista de transgressões sexuais dos cananeus; e os súditos do Rei Reoboão são censurados em *Reis I,* 14:24 por praticarem "todas as abominações das nações que o Senhor tinha expulsado de diante dos Filhos de Israel". A modéstia sexual dos hebreus de Sem é enfatizada nesse *midrash* e a bênção de Deus estendida a todos os filhos de Jafé que a ele se juntaram.

3. "Jafé" representa o grego Jápeto, pai, com Ásia, de Prometeu, e assim ancestral da raça humana pré-diluviana. Jápeto era adorado em Cilícia, antiga terra dos Povos do Mar (*ver* 30:3), que invadiram Canaã, adotaram a língua hebraica, e, conforme ficamos sabendo pela história de Sansão e Dalila, faziam casamentos inter-raciais com hebreus. Os descendentes de Sem e Jafé uniram-se numa causa comum contra os cananeus — os filhos de Cam —, a quem escravizaram: uma situação histórica à qual a maldição de Noé dá validade mítica. Cam, identificado em *Salmos* 105:23 e 106:22, através de um jogo de palavras, com *Kemi,* "negro", nome dado ao Egito, segundo *Gênese* 10:6, foi pai não apenas de Mitzraim (Egito), mas de Put (Punt), os negros da costa da Somália; e de Cush, os negros da Etiópia, levados como escravos para a Palestina. Os cristãos da Idade Média adotaram com satisfação a idéia de que os negros estão condenados a servir os homens de cor mais clara: uma grave escassez de mão-de-obra barata, provocada pela peste, tornou atraente a reinstituição da escravidão.

4. O mito de Cam, Sem e Jafé está relacionado ao mito grego de como cinco irmãos, Coeus, Crios, Hiperion, Jápeto e Cronos, conspiraram com sucesso contra seu pai, Urano. Cronos não apenas castrou e tomou o lugar de Urano, como também, segundo o mitógrafo bizantino Tzetzes, Zeus seguiu seu exemplo em ambos esses particulares, com a ajuda de Posêidon e Hades. No mito hitita, baseado em um original hurrita, os genitais do Deus Supremo, Anu, foram arrancados com uma dentada por seu filho rebelde e escanção Kumarbi, que em seguida rejubilou-se e riu (como se diz que Cam teria feito), até que Anu o amaldiçoou. O próprio Deus El, segundo a citação de Sancuniaton, feita por Filo de Biblos, castrou seu pai Urano. A idéia de que algum filho pudesse se comportar de modo tão desnaturado horrorizou tanto os organizadores do texto do *Gênese,* que eles suprimiram completamente a castração de Noé por Cam, tal como os gregos suprimiram o mito da castração de Cronos, até a época cristã; Platão, na *República* e no *Eutifro,* repudiou até mesmo a castração de Urano. Não obstante, o mito da castração de Noé e sua conseqüente substituição como sacerdote de Deus, devido a seu ferimento, foi preservado pelos judeus. A idéia de Canaã ter usado uma corda para essa operação não soa verdadeira; uma faca podadeira da vinha de Noé foi provavelmente o instrumento original.

5. Apesar de ser proibido aos eunucos fazer parte da congregação de Deus (*Deuteronômio* 23:1), era um antigo costume guerreiro israelita castrar os inimigos não-circuncidados, como ocorreu nas guerras egípcias do século XIV a XIII a.E.C. contra os Povos do Mar. Segundo *Samuel I,* 18:25-27, David paga ao Rei Saul duzentos prepúcios de filisteus como preço matrimonial pela Princesa Mical. O mesmo costume, originalmente talvez um meio mágico de evitar a vingança sobrenatural de um morto, sobrevive hoje em dia entre os árabes.

6. Os filhos de Jafé são relacionados em *Gênese* 10:2, como Gomer, Magog, Madai, Javan, Meshech e Tiras. Gomer é hoje identificado de forma geral com os cimerianos da Anatólia; Magog, com o reino armênio de Gog (*Ezequiel* 38:1 ss.), mencionado nas cartas de Tel el-Amarna, do século XIV a.E.C.; Madai com a Média; Javan com a Jônia — seus filhos, registrados em *Gênese* 10:5, são Elisá, o Alashia de Chipre; Kitim, um outro povo cipriota; Tarsis, os tartessianos do sul da Espanha; e Dodanim, uma corruptela de *Rodanim*, o povo de Rodes. Tubal representa os tibarenes de Anatólia (*ver* 19:2); Meshech, seus vizinhos, os mosquianos; Tiras, um povo mencionado em um documento egípcio do século XIII a.E.C. como Tursha, membro de uma confederação marítima — talvez os tirsenianos, piratas, alguns dos quais mantiveram as ilhas de Lemnos e Imbros, do Egeu, até o século VI a.E.C., enquanto outros emigraram para a Itália, e se transformaram nos etruscos.

22

A TORRE DE BABEL

(a) Os descendentes de Noé viajaram juntos, de país em país, dirigindo-se lentamente para leste. Chegaram a uma planície em Sinear e disseram: "Vamos, assemos tijolos; vamos construir para nós uma cidade e uma torre que chegue ao Céu, e vamos nos tornar uma nação, para que não fiquemos espalhados pela terra." Começaram a trabalhar imediatamente, utilizando o betume como argamassa para fechar as fieiras de tijolos. Deus os observou e pensou: "Enquanto continuarem como um só povo, falando uma só língua, o que quer que tenham em mente será realizado... Vamos então confundir-lhes a linguagem e provocar mal-entendidos entre eles." E assim Ele fez, e então o trabalho na torre cessou e os construtores se dispersaram em todas as direções. Suas ruínas foram chamadas de Babel, porque Deus *confundiu* as línguas da humanidade e dividiu uma única nação em setenta.[1]

(b) Outros dizem que Nimrod, um famoso caçador a serviço de Deus, levantou a Torre de Babel; mas que não foi sua primeira fundação. Tendo conquistado o domínio sobre todos os descendentes de Noé, ele já havia construído uma fortaleza sobre uma rocha sólida, estabelecendo sobre ela um grande trono de cedro, para servir de apoio a um segundo grande trono, feito de ferro; este, por sua vez, sustentava um grande trono de cobre, com um trono de prata acima do de cobre e um trono de ouro acima do de prata. No cume desta pirâmide, Nimrod colocou uma gema gigantesca, da qual, sentado em pompa divina, ele exigia que lhe fosse prestada homenagem universal.[2]

(c) O pai de Nimrod foi Cush, filho de Cam com a esposa que teve na velhice. Cam tinha preferência por Cush e deu-lhe secretamente os trajes de pele que Deus fizera para Adão e Eva, e que Sem teria herdado de Noé, mas que Cam havia roubado. Cush guardou essas roupas bem escondidas e passou-as a Nimrod. Quando, aos vinte anos de idade, Nimrod usou pela primeira vez essas relíquias sagradas, tornou-se excessivamente forte; e Deus lhe deu coragem e habilidade na caça. Após abater sua presa, ele nunca deixava de erguer um altar e oferecer sacrifícios a Deus.

(d) Vinte anos se passaram e irrompeu uma guerra entre os Filhos de Cam e os Filhos de Jafé, seus principais inimigos. Apesar de uma derrota prematura, Nimrod reuniu quatrocentos e sessenta Filhos de Cam e oitenta mercenários escolhidos entre os Filhos

de Sem. Com este exército, ele desbaratou os Filhos de Jafé e retornou vitorioso. Os Filhos de Cam, então, coroaram-no Rei, e ele indicou governadores e juízes por todo o reino, escolhendo Tera, o filho de Nahor, para comandar o exército. Os conselheiros de Nimrod lhe recomendaram que construísse uma capital na planície oriental. Ele o fez, chamando a cidade de Sinear porque, conforme disse, "Deus *destroçou* meus inimigos". Logo ele também já dominava os Filhos de Sem. Estes lhe pagavam tributo, rendiam homenagens, e vieram viver em Sinear, lado a lado com os Filhos de Cam e de Jafé, todos continuando a falar a língua hebraica.

(e) Em seu orgulho, Nimrod causou maior mal do que qualquer homem desde o Dilúvio, erguendo ídolos de pedra e madeira, que o mundo inteiro era obrigado a adorar; seu filho Mardon mostrou-se ainda pior — daí o provérbio "Tal pai, tal filho". Nimrod e seu povo ergueram a Torre de Babel em rebelião contra Deus; pois ele disse: "Vingar-me-ei d'Ele pelo afogamento de meus ancestrais. Caso Ele mande uma outra inundação, minha torre se erguerá acima até do Ararat, mantendo-me a salvo." Planejavam assaltar o Céu através da torre, destruir Deus e erguer ídolos em Seu lugar.[3]

(f) Rapidamente a Torre já se havia erguido a uma altura de cem quilômetros com sete escadarias do lado oriental, através das quais os carregadores subiam com material até o topo; e sete do lado ocidental, pelo qual desciam. Abrão, filho de Tera, viu essa obra e amaldiçoou os construtores em nome de Deus: pois se um tijolo caísse da mão de um homem e se quebrasse, todos lamentavam sua perda; mas se o próprio homem caísse e morresse, seus companheiros nem sequer levantavam a cabeça. Quando os homens de Nimrod lançaram flechas contra o Céu, os anjos de Deus agarraram cada uma delas e, para enganá-los, atiraram-nas de volta pingando sangue. Os arqueiros gritaram: "Agora matamos todos os habitantes do Céu!"[4]

(g) Deus então falou aos setenta anjos mais próximos de Seu trono, dizendo: "Desçamos mais uma vez e confundamos-lhes a linguagem, fazendo setenta línguas de uma só!" E assim Ele fez, pois imediatamente os construtores se viram presos em confusão. Se um pedreiro dizia a um carregador: "Passe-me a argamassa!", o carregador em vez disso lhe passava um tijolo, ao que o pedreiro, furioso, matava o carregador. Muitos foram os crimes cometidos na Torre; e também na terra plana, devido a esta confusão; até que finalmente o trabalho foi se reduzindo até parar. Quanto à Torre: a Terra engoliu um terço dela; o fogo do Céu destruiu mais um terço; o que restou permanece assim até os dias de hoje — ainda tão alta que, de seu topo, os bosques distantes de Jericó parecem um enxame de gafanhotos; e o ar rarefeito priva os homens de seu perfeito juízo. Ainda assim, a Torre parece menos alta do que realmente é, devido a uma base excessivamente larga.[5]

(h) Cada família agora falava a sua própria língua, escolhendo seu próprio país, fundando suas próprias cidades, tornando-se uma nação, e não aceitando nenhum governante universal. Deus indicou setenta anjos para guardar essas nações separadas; mas disse também: "Pelos Filhos de Abrão Eu Próprio zelarei, e eles permanecerão fiéis à língua hebraica."[6]

(i) Não obstante, Nimrod continuou a governar de Sinear, e construiu mais cidades; a saber, Erec, Acádia e Calne, que ele encheu de habitantes, reinando sobre eles em majestade e assumindo o título de "Amrafel".[7]

(j) Finalmente o filho de Jacob, Esaú, encontrou Nimrod por acaso, enquanto ambos estavam caçando, matou-o e despojou-o das vestes sagradas. Esaú foi então igualmente dotado de uma grande força, até que Jacob as roubou de sua tenda. Dizendo: "Meu irmão não merece tamanha bênção!", ele cavou um buraco e as enterrou.[8]

1. *Gênese* 11:1-9; *PRE*, cap. 24.
2. *Mid. Hagadol Gên.* 188; Gaster, *Maasiot* 2; Ginzberg, L. J., 5:201, n. 87.
3. *Sefer Haiashar* 22-31; *Tan'huma Noach* 18, 19.
4. Ver a nota anterior.
5. *Sefer Haiashar* 22-31; *B. Sanedrim* 109; *PRE*, cap. 24.
6. Ver a nota anterior.
7. *PRE*, cap. 24.
8. *PRE*, cap. 24.

1. Esta versão judaica, do século XII, do antigo mito da Torre de Babel parece-se muito com aquela dada pelo escritor cristão do século V, Orósio de Tarragona, em sua obra *Sete Livros contra os Pagãos*. Orósio, que parece ter bebido — ainda que em segunda ou terceira mão — de fontes judaicas tanaíticas, descreve a Torre com oito mil oitocentos e cinqüenta metros de altura, dezesseis mil metros de circunferência, cem portões de bronze e quatrocentos e oitenta andares. Relata que o neto de Nimrod, Ninus, construiu a cidade de Nínive — uma honra que *Gênese* 10:11 concede a Assur.

2. Haupt identifica Nimrod, filho de Cush, também chamado Nebrod, ou Nebron, com Nazimaratas, um dos reis cassitas não-semitas (apesar de também não-indo-europeu) da Babilônia. Descendo de Cush (Kashshu), hoje o Curdistão, a região montanhosa que separava a Assíria da Média, eles derrubaram a dinastia amorita da Babilônia e governaram do século XVI a.E.C. até o século XII a.E.C. Seu deus nacional chamava-se Kashshu e seus reis podiam, portanto, ser descritos como "Filhos de Cush". Outro deus cassita era Murudash, identificado com Ninurta, nome do qual pode ter evoluído o de Nimrod. Como todos seus antecessores e sucessores, Nimrod teria sido "um valente caçador" na medida em que foi descrito em monumentos matando leões, touros e serpentes — um ato simbólico sugerindo um ritual de coroação. Este mito pode preservar a tradição da antiga glória de Nazimaratas — antes deste ter sido humilhado por Adadnirari I, rei da Assíria no século XIV a.E.C. É, no entanto, confundido por causa da existência de um segundo Cush — ou seja, o reino etíope que se centrava em Meroe,

e a que se refere *Isaías* 18:1, que tinha conexões étnicas com o sul da Arábia. O Cush mencionado em *Gênese* 10:8, que faz de Nimrod um "filho de Cush", é cassita; o mencionado no versículo anterior foi pai de vários povos no sul da Arábia, e deve portanto ser o segundo Cush.

3. O nome hebraicizado de Nimrod (do verbo *marod,* "rebelar-se") confirma sua má reputação. De acordo com o *Chronicon Paschale,* do século VII E.C., os persas chamavam a constelação de Órion de "Nimrod", relacionando-a assim com o anjo rebelde Shemhazai (*ver* 18 s.), e com o herói grego Órion, também "um valente caçador" que ofendeu o seu deus.

4. A tradição de Nimrod, no entanto, tornou-se ligada ao mito de rebelião de Samael contra El (*ver* 13.*b, c*) e ao mito hitita de Ulikumi, o imenso gigante de pedra de Kumarbi, de cuja cabeça ele pretendia lançar um ataque contra os setenta deuses do Céu (*ver* 8:3). Um mito grego, evidentemente tirado da mesma fonte, relata como o gigantesco Aloeidas empilhou o Monte Pelion sobre o Monte Ossa, como um meio de atacar o Céu Olímpico de Zeus.

5. Em *Gênese* 14:19, Amrafel é chamado de rei de Sinear; no Targum, rei da Babilônia; e em *Antiguidades,* de Josefo, "Amara Psides, rei de Sinar". Foi seguramente identificado com Hamurabi, rei da Babilônia (1728-1686 a.E.C.), o codificador e construtor de cidades, apesar de hoje em dia se achar que Shinar seja o Shanchar acadiano, um país a noroeste da Babilônia.

6. Essas antigas tradições hebraicas foram reforçadas e ampliadas quando o Rei Nabucodonosor II (604-562 a.E.C.), outro grande administrador que povoou à força as cidades que construiu, levou grandes contingentes de judeus para o exílio na Babilônia. O Rei Sargão II da Assíria (721-705 a.E.C.) já havia deportado todos os israelitas do norte, com poucas exceções; e Nabucodonosor precisava dos judeus para ajudá-lo a reparar os danos vergonhosos feitos à Babilônia por Senaqueribe em 689 a.E.C., quando ele pilhou e queimou os enormes templos em forma de terraços conhecidos como zigurates.

7. Durante muito tempo se acreditou que a imensa torre de *Birs Nimrud* fosse a Torre de Babel. Com a decifração das inscrições cuneiformes, ficou estabelecido, no entanto, que *Birs Nimrud* era a torre da cidade de Borsipa; e concordou-se que a Torre de Babel devia localizar-se dentro da própria cidade de Babel (ou Babilônia). Essa torre imensa, chamada na língua sumeriana de *Etemenenanki* ("Casa da Fundação do Céu e da Terra"), ficava no complexo templário central chamado *Esaguila* ou "Casa que Ergue a Cabeça".

A localização da Babilônia já era conhecida antes que a Sociedade Oriental germânica a escavasse em 1899-1918, porque a elevação que marcava seu sítio, próximo à moderna Hilá, era chamada de *Babil* pelos árabes. Este nome preservava a antiga forma acadiana do nome da cidade, *Bab-Ili,* ou "Portão de Deus". A interpretação bíblica de Babel como um derivado do hebraico *balal,* "confundir", é um exemplo antigo e clássico de etimologia popular.

8. A crença literal do mito da "confusão das línguas" foi estimulada pela descoberta em Borsipa de uma outra inscrição de Nabucodonosor II. Nela se registra que o zigurate local, há muito largado sem reparos, nunca foi completado por seu arquiteto original; o Deus Marduk, por isso, convenceu seu servo, o rei, a concluí-lo. "Mardon", o nome do filho de Nimrod, também significa "rebelde", mas pode muito bem ser uma cacofonia de "Marduk".

Apesar de os judeus levados para a Babilônia por Nabucodonosor se espantarem com o número de dialetos diferentes falados por seus companheiros de exílio, a confusão das línguas feita por Deus parece ser uma tradição bem mais antiga — Moisés de Corene o registra em sua *História Armênia,* quando discute Xisutro e a Arca (*ver* 20:5).

9. São Jerônimo, tal como Orósio, identifica a Torre de Babel com a própria Babilônia — cujas muralhas exteriores, segundo Heródoto, mediam mais de oitenta quilômetros. A circunferência da Cidade Real por ela cercada era, no entanto, de cerca de onze quilômetros (não muito menos do que a da Torre), e suas muralhas interiores erguiam-se a uma altura de mais de cem metros.
10. As corvéias de Nabucodonosor, forçadas de forma cruel, podem explicar a descrição gráfica dos trabalhadores subindo e descendo as escadas da Torre, e do que acontecia quando um tijolo tombava. Seus palácios reais também eram "adornados com ouro, prata e pedras preciosas, após serem erigidos tão altos quanto as colinas" — o que pode explicar o extravagante trono-pirâmide de Nimrod. Quarenta anos mais tarde, o Rei Dario, o Persa (522-484 a.E.C.), dava início à obra de destruição tantas vezes profetizada por Isaías e Jeremias; seu filho Xerxes a continuou. Segundo Arriano, Alexandre, o Grande (366-323 a.E.C.), pensou seriamente em restaurar a glória da Babilônia, mas concluiu que dez mil homens levariam mais de dois meses só para remover o entulho. Enquanto isso, a população havia emigrado para Selêucia, junto ao Tigre e, na época de Josefo (fim do primeiro século E.C.) todos os zigurates já haviam caído em completo abandono.
11. A tradição bíblica (*Gênese* 10:10) que coloca Babilônia junto às cidades antiqüíssimas de Erec, Acádia e Calne ainda não foi refutada.

23

A ANCESTRALIDADE DE ABRAÃO

(a) Esta é a genealogia de Abrão, a quem Deus mais tarde deu o nome de Abraão, e que descendia pela linha de primogênitos do filho de Noé, Sem:

Sem gerou a Arpaxade, dois anos depois do Dilúvio.
Arpaxade gerou Salá aos trinta e cinco anos de idade.
Salá gerou Eber aos trinta anos de idade.
Eber gerou Peleg aos trinta e quatro anos de idade.
Peleg gerou Reú aos trinta anos de idade.
Reú gerou Serug aos trinta e dois anos de idade.
Serug gerou Naor, o Primeiro, aos trinta anos de idade.
Naor gerou Tera aos vinte e nove anos de idade.
Tera gerou Abrão, Naor, o Segundo, e Haran, aos setenta anos de idade.[1]

(b) A esposa de Abrão era Sarai, sua meia-irmã pelo lado paterno; pois Tera casara-se tanto com Amitlai, filha de Barnabo, quanto com Edna, filha de um parente mais velho, também chamado Abrão. Naor, o Segundo, casou-se com sua sobrinha Milcá, filha de Haran. O nome da esposa de Haran caiu no esquecimento, mas com ela ele teve Lot, e uma outra filha, Iscá. Alguns dizem que Haran era também o pai de Sarai.[2]

(c) Tendo Haran morrido jovem, Tera deixou Ur, sua cidade natal, acompanhada por Abrão, Sarai e Lot, para estabelecer-se na Terra de Harran; mas Naor, o Segundo, ficou para trás, em Ur, com seus ancestrais, que ainda estavam todos vivos. Sem finalmente chegou aos seiscentos anos de idade; Arpaxade, aos quatrocentos e trinta e oito; Shelá, aos quatrocentos e trinta e três; Eber, aos quatrocentos e sessenta e quatro; Peleg, aos duzentos e trinta e nove; Reú, aos duzentos e trinta e nove; Serug, aos duzentos e trinta; Naor, o Primeiro, aos cento e quarenta e oito; e Tera, aos duzentos e cinco.[3]

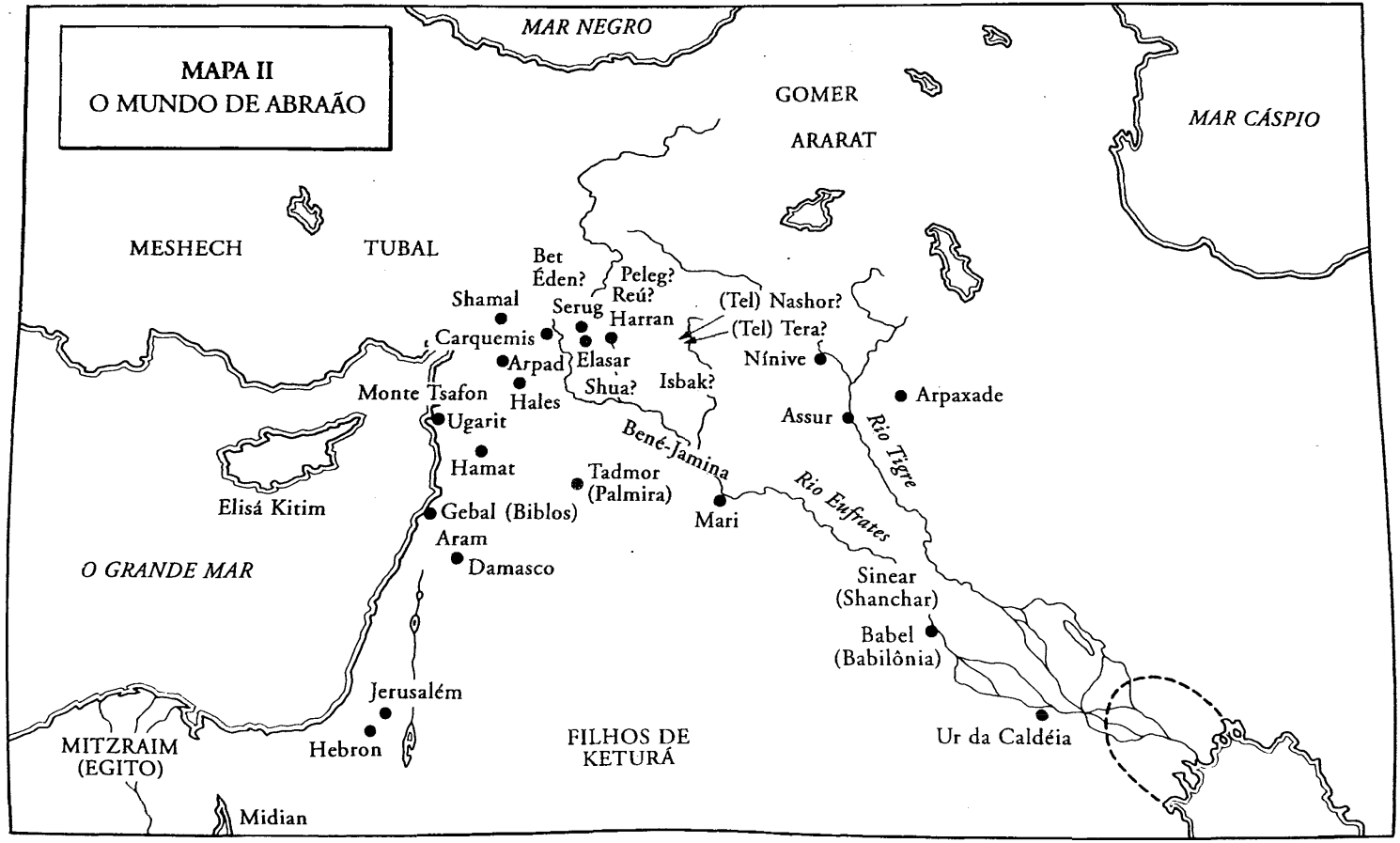
(d) Ur, da Caldéia, foi assim chamada por seu fundador, Ur, filho de Kesed, descendente de Noé — um governante perverso, violento, que forçava seus súditos à idolatria. Reú, ancestral de Abrão, casou-se com a filha de Ur, Orá, e chamou seu filho de Serug, temeroso de que ele *se voltasse* para a maldade. Serug ensinou a seu filho, Naor, o Primeiro, toda a sabedoria astrológica dos Casdim (caldeus); e Naor chamou o seu filho

de Tera, devido ao *sofrimento* por que ele passou quando imensos bandos de corvos destruíram as lavouras de Ur. Tera chamou o filho que teve com Jéssica, a caldéia, de Abrão, em honra ao pai de Edna.[4]

(e) Alguns fazem de Abrão o filho caçula de Tera; outros, o primogênito.[5]

1. *Gênese* 11:10-32; 20:12.
2. *Jubileus* 11:1-15; *B. Baba Batra* 91a; *PRE*, cap. 26.
3. *Gênese* 11:10-32.
4. *Jubileus* 11. 1-15.
5. *Gênese* 11:26-27; *Sefer Haiashar* 27.

1. Os nomes dos Patriarcas foram identificados com os de lugares ou grupos étnicos, conhecidos a partir de documentos históricos, o que torna plausível que eles sejam o resíduo mítico de antigas tradições sobre migrações ancestrais. Arpaxade, a quem Josefo chama de "Ancestral dos Caldeus", pode se referir à terra de Arapcha, com o acréscimo do "shad" acadiano, que significa montanha. Essas "montanhas de Arapcha" fechavam-se em torno da moderna Kirkuk, com a qual se identifica Arapcha. Shelá parece ser o nome de uma divindade, a julgar pelo nome composto Matusalém (*Gênese* 5:21 ss.), que significa "Homem de Shelá", tal como Ishbaal significa "Homem de Baal". Eber, o ancestral epônimo dos ivrim, ou hebreus, pode ser relacionado com qualquer das diversas áreas que fontes hebraicas e assírias descrevem como a terra "além do rio" (*eber hanahar*, em *Reis I*, 5:4). Peleg é o nome de uma cidade localizada na região do médio Eufrates e mencionada nas cartas de Mari. Reú ocorre como um nome pessoal nos mesmos documentos, e talvez também pudesse ser identificado com a cidade de Rachilu, nas mesmas vizinhanças. Serug era uma cidade chamada Serugue, entre Harran e Carquemis. Naor é a cidade chamada Nachuru, ou Til Nachiri, nas cartas de Mari e em inscrições assírias dos séculos XVIII a XII a.E.C., encontradas perto de Harran. A cidade de Tera, que ocorre em inscrições assírias do século IX a.E.C. como Til Turahi, também ficava perto de Harran.
2. As idades dos Patriarcas — dizem que Adão viveu 930 anos, Set 912, Enosh 905, Cainan 910, Mahalalel 895, Jared 962, Enoque 365, Matusalém 969, Lameque 777, Noé 950, Sem 600, Arpaxade 438, Shelá 133, Eber 464, Peleg 239, Reú 239, Serug 230, Naor 148 e Tera 205 — são os modestos equivalentes hebraicos dos períodos de vida muito maiores atribuídos pelos babilônios a seus reis antediluvianos. Os cinco primeiros nomes serão exemplos suficientes: Alulim reinou 28.800 anos, Alamar 36.000, Enmenluana 43.200, Enmenluana 28.800, Dumuzi, o Pastor, 36.000, etc. Estas listas babilônicas, das quais uma versão também é registrada por Berossus, tem um traço em comum com a lista bíblica dos Patriarcas: ambas atribuem períodos de vida extremamente longos às figuras mais antigas e depois períodos mais curtos, mas ainda assim irrealisticamente longos, para os posteriores, até que se atinge o período histórico, quando tanto os reis quanto os patriarcas são reduzidos a proporções humanas. No Oriente Médio antigo, onde a longevidade era considerada a maior bênção de um homem, o caráter quase divino dos primeiros reis e patriarcas míticos é indicado por uma decuplicação, centuplicação, ou milimultiplicação de seus reinados ou idades.


MAPA II
O MUNDO DE ABRAÃO
MAR NEGRO
GOMER
ARARAT
MAR CÁSPIO
MESHECH
TUBAL
Bet Éden?
Peleg?
Reú?
Serug
Harran
Shamal
(Tel) Nashor?
(Tel) Tera?
Carquemis
Arpad
Elasar
Nínive
Shua?
Isbak?
Monte Tsafon
Hales
Arpaxade
Ugarit
Assur
Rio Tigre
Bené-Jamina
Hamat
Tadmor (Palmira)
Rio Eufrates
Elisá Kitim
Gebal (Biblos)
Mari
Aram
O GRANDE MAR
Damasco
Sinear (Shanchar)
Babel (Babilônia)
Jerusalém
MITZRAIM (EGITO)
Hebron
FILHOS DE KETURÁ
Ur da Caldéia
Midian

3. Harran (do assírio *Charran*, "estrada") foi uma importante cidade mercantil, na estrada de Nínive para Carquemis, em sua junção com a estrada principal para Damasco. Ainda existe, no Rio Balich, noventa quilômetros a oeste de Tel el-Halaf.
4. Uma vez que o corvo é um pássaro solitário, os "corvos" que danificaram as plantações mesopotâmicas podem ter sido estorninhos, que voam em grandes bandos. Ou pode ter sido uma tribo com um totem de corvo; talvez nômades midianitas do deserto da Síria — Oreb ("corvo"), mencionado em *Juízes* 7:25, era um príncipe midianita.
5. A genealogia de Abrão pretende mostrar que os ancestrais de Israel eram todos sábios, virtuosos e filhos primogênitos; e os detalhes finais são evidentemente montados nesse sentido. O nascimento de Haran deve se referir a uma estada em Harran — apesar de, de fato, os nomes não serem etimologicamente idênticos. Mas dizem que ele teria morrido anteriormente em Ur. A repetição de "Naor" sugere que, apesar de *Gênese* 11:26-27, que relaciona os três filhos de Tera como Abrão, Naor, o Segundo, e Haran, Naor teria sido considerado o primogênito de Tera, por ter recebido o nome do avô paterno. Este costume ainda é prevalecente no Oriente Médio. Além disso Tera desposou sua prima Edna, filha de Abrão; seu segundo filho deveria, portanto, ter sido também um Abrão. Assim, a tradição do *midrash* de que Abrão era mais moço do que Naor faz todo o sentido, apesar de que ele só teria sido assim chamado se fosse o segundo, não o terceiro filho.
6. Os comentaristas dos *midrashim* sobre o casamento de Abrão, que sustentam as leis contra o incesto encontradas em *Levítico* 20:17, vêem-se na contingência de desprezar os indícios claros de *Gênese* 20:12 de que Sarai era irmã de Abrão, por uma outra mãe. Em vez disso, fazem dela a filha do irmão de Abrão — uma união permitida sob a lei mosaica. Ainda assim, o casamento com uma meia-irmã nascida de uma mãe diferente era comum no Egito — Abrão está relacionado no mito bíblico com o Egito — e era legal em Israel até os dias do Rei David.

24

O NASCIMENTO DE ABRAÃO

(a) O Príncipe Tera comandava os exércitos reais, e certa noite todos os cortesãos, conselheiros e astrólogos do Rei Nimrod reuniram-se em sua casa para festejar com ele. Naquela mesma noite nascera o filho de Tera, Abrão, e quando o grupo voltava para suas casas, e todos olharam para o céu, um cometa enorme atravessou o horizonte vindo do Oriente, engolindo quatro estrelas, cada qual em um ponto cardeal do Céu. Os astrólogos ficaram pasmos, por entender o que aquela visão prognosticava e sussurraram entre si: "O filho recém-nascido de Tera será um poderoso Imperador. Seus descendentes se multiplicarão e herdarão a Terra por toda a eternidade, destronando reis e possuindo suas terras."

Quando chegou a manhã voltaram a se reunir e disseram: "Aquele cometa foi oculto de nosso amo Nimrod. Se ele vier a saber a respeito, irá nos perguntar: 'Por que esconderam de mim tamanha maravilha?', e em seguida nos matará. Em vez disso, vamos nos livrar de qualquer culpa contando-lhe tudo abertamente."

Assim o fizeram, dizendo a Nimrod: "Pague a Tera o seu preço e mate o menino, antes que ele possa gerar filhos que destruam a posteridade do rei, e a nossa."

Nimrod mandou chamar Tera, ordenando-lhe: "Vende-me o teu filho!" Tera respondeu: "O que o rei ordenar a seu servo, será feito. Ainda assim, humildemente peço o conselho de meu amo sobre uma certa questão. Na noite passada vosso conselheiro Aaiun comeu à minha mesa. Disse-me ele: 'Venda-me aquele garanhão grande e veloz com que nosso amo recentemente o presenteou, e encherei sua casa de ouro, prata e excelente forragem.' Como, meu senhor, poderia eu ter evitado uma ofensa na resposta?"

Nimrod gritou, zangado: "E foste tolo a ponto de sequer levar em conta semelhante venda? Por acaso em tua casa faltam ouro e prata? Ou de que te serviria a forragem dele, se lhe tivesses vendido meu presente, o melhor garanhão que existe?"

Tera respondeu mansamente: "O Rei não me ordenou que vendesse o meu filho? E não é propósito do rei destruí-lo? E que utilidade terão para mim o ouro e a prata após a morte do meu herdeiro? Não terão todos os meus tesouros de retornar ao rei, caso eu morra sem filhos?"

A isto, Nimrod ficou ainda mais zangado; mas Tera disse pacificamente: "Tudo o que é meu está nas mãos do rei! Que ele faça com o seu servo conforme a sua vontade, ficando com o meu filho sem pagamento."

Nimrod disse: "Não, eu certamente te pagarei bem pela criança!"

Tera respondeu: "O meu amo me permitiria pedir um pequeno favor?" E, tendo-lhe sido dada a permissão, ele disse: "Concedei-me apenas três dias para comungar com minha alma e com meus parentes, a fim de que possamos fazer com satisfação aquilo que nosso amo exige com fúria."

Nimrod concedeu-lhe esse favor e, no terceiro dia, seus mensageiros foram buscar a criança. Tera, sabendo que ele e seus parentes seriam todos passados pela espada se não obedecesse, pegou o filho de uma escrava, nascido na mesma noite em que nascera Abrão, deu-o ao rei e aceitou um preço em prata e ouro.

Nimrod arrebentou os miolos da criança e, depois disso, esqueceu o assunto. Tera escondeu Abrão em uma caverna com uma mãe adotiva que escolhera, e mês após mês levava-lhes alimento. Deus cuidou de Abrão durante os dez anos que se seguiram; apesar de alguns dizerem que treze anos se passaram até que Tera finalmente deu permissão a Abrão para deixar a caverna, onde ele ficara sem nunca ver a luz nem do sol nem da lua; e que, ao sair, ele falou hebraico, a língua sagrada, desprezou os bosques sagrados, abominou os ídolos e teve fé na força de seu Criador.[1]

Abrão procurou seus ancestrais, Noé e Sem, em cuja casa estudou a Lei durante trinta e nove anos; mas ninguém conhecia seu parentesco.[2]

(b) Segundo uma outra narrativa, o próprio Rei Nimrod era versado em astrologia, e ficou sabendo através das estrelas que em breve nasceria uma criança que derrubaria os deuses que ele temia. Nimrod mandou chamar seus principais conselheiros e príncipes, perguntando-lhes: "O que posso fazer contra esse filho do destino?" Aconselharam-no a erguer um grande edifício e a decretar que qualquer mulher em via de ter filho devesse tê-lo ali. Deveria também colocar sentinelas nos portões e mandar que parteiras cuidassem das mulheres, matando todos os filhos homens assim que nascessem. "Não obstante", acrescentaram, "deveis poupar toda filha mulher, vestir-lhe a mãe com púrpura real e cobri-la de presentes, dizendo: 'Assim será feito com as mães de filhas!'"

Nimrod seguiu-lhes o conselho, e os anjos que testemunharam esse massacre recriminaram a Deus, clamando: "Não haveis visto como Nimrod, o Blasfemo, está massacrando inocentes?" Deus respondeu: "Eu nunca durmo, nem desvio Meus olhos, mas observo tudo que acontece na terra — abertamente ou em segredo! Em breve o castigarei."

Quando Tera viu que a barriga de Amitlai crescia e suas faces empalideciam, perguntou: "De que mal estás sofrendo, esposa?" Ela respondeu: "Este mal, o *kolsani*, me acomete todos os anos." E ele lhe disse: "Despe-te, para que eu possa ver se estás grávida; pois se assim for, devemos obedecer à ordem do rei." Mas a criança em gestação subiu-lhe para o peito; e assim Tera, apalpando a barriga de Amitlai, nada encontrou e disse: "É de fato o *kolsani*."

Amitlai, sabendo que sua hora estava chegando, atravessou o deserto até uma caverna às margens do Rio Eufrates. Lá as dores do parto lhe advieram e ela deu à luz

Abrão, de cujo rosto emanava uma radiosidade que iluminou a caverna de ponta a ponta. Amitlai exclamou: "Ai de mim, que te dei à luz nestes tempos funestos! O Rei Nimrod destruiu setenta mil crianças do sexo masculino, e temo grandemente por ti." Pegou um pedaço da sua túnica e com ela envolveu Abrão, dizendo: "Que Deus esteja contigo e não te abandone!" E em seguida partiu.

Abrão, sozinho na caverna, sem comida, começou a chorar; mas Deus enviou o Arcanjo Gabriel para dar-lhe leite, que fluía do dedo mínimo de sua mão direita — e assim a criança foi amamentada.

Ao pôr-do-sol do décimo dia, Abrão pôs-se de pé e caminhou até a margem do rio. Viu as estrelas que surgiam e pensou: "Por certo serão deuses." Quando chegou a aurora e as estrelas desapareceram, ele disse: "E no entanto não as adorarei, pois deuses não desaparecem." E então o sol se ergueu em esplendor, e ele perguntou: "É este o meu deus, a quem devo louvar?" Mas quando o sol voltou a se pôr, no crepúsculo, ele gritou: "Não era nenhum deus! Sol, Lua e estrelas certamente são movidos por Um maior do que eles." Gabriel apareceu, dizendo: "Que a paz esteja contigo!" Abrão respondeu: "E contigo esteja a paz! Como te chamas?" Ele disse: "Sou Gabriel, o Mensageiro de Deus", ao que Abrão lavou o rosto, as mãos e os pés em uma fonte e prostrou-se.

Alguns dias depois, a entristecida Amitlai, pálida pela falta de sono, retornou à caverna onde havia deixado o filho, mas não encontrou sinal dele; e suas lágrimas voltaram a cair ao pensar nele devorado por animais selvagens. Na margem do rio, viu um menino crescido e disse: "Que a paz esteja contigo!", após o que ocorreu o seguinte colóquio:

Abrão: Que contigo esteja a paz! O que vens fazer aqui?
Amitlai: Vim procurar meu filho bebê.
Abrão: E quem o trouxe para cá?
Amitlai: Eu estava esperando esse filho e temia que nosso rei viesse a destruí-lo, tal como já havia destruído setenta mil outras crianças. Portanto vim para cá, dei-o à luz naquela caverna, voltei para casa sozinha, e agora não o vejo em parte alguma.
Abrão: Quando nasceu o teu filho?
Amitlai: Vinte dias atrás.
Abrão: É possível que uma mulher abandone o filho em uma caverna do deserto e, ainda assim, tenha a esperança de encontrá-lo vivo vinte dias depois?
Amitlai: Somente se Deus mostrar piedade.
Abrão: Mãe, sou o teu filho!
Amitlai: Não é possível! Como cresceste tanto, e aprendeste a caminhar e a falar em vinte dias?
Abrão: Deus me fez estas coisas, para mostrar quão grande, terrível e eterno Ele é!
Amitlai: Meu filho, pode haver alguém maior do que o Rei Nimrod?
Abrão: Mesmo assim, Mãe: Deus vê, mas não pode ser visto! Ele vive no Céu, e no entanto Sua glória enche a Terra! Vai até Nimrod e repete-lhe minhas palavras!

Amitlai voltou e, quando Tera ouviu esta história, curvou-se até o chão diante do rei e pediu licença para falar-lhe. Nimrod disse: "Ergue a cabeça e diz aquilo que queres que eu ouça!" Tera contou-lhe tudo, repetindo a mensagem de Abrão; e Nimrod empalideceu. Perguntou a seus principais conselheiros e príncipes: "O que faremos?" Eles exclamaram: "Divino Rei, temeis uma criancinha? Vosso reino não tem príncipes aos milhares, além de incontáveis nobres menores e capatazes? Enviai apenas alguns dos vossos nobres para que peguem a criança e a tranquem em vossa real prisão." Mas Nimrod perguntou: "Mas que criança é essa que vira menino em vinte dias, ou que me envia uma mensagem, através de sua mãe, de que existe um Deus no Céu que vê, porém não pode ser visto, e cuja glória enche o mundo?"

Então Satã, vestido de seda negra como o corvo, prostrou-se diante do rei e, recebendo licença para erguer a cabeça, disse: "Por que se deixar confundir pela tagarelice de uma criança? Permiti-me dar-vos um bom conselho!" Nimrod perguntou: "Que conselho é este?" Satã respondeu: "Abri vosso arsenal e entregai armas a todos os príncipes, nobres e guerreiros da vossa terra, para que possam prender a criança e trazê-la aqui para vos servir."

E assim fez Nimrod. Mas quando Abrão viu o exército que se aproximava, rezou por sua libertação e Deus interpôs uma nuvem de escuridão entre ele e seus inimigos. Estes correram aterrorizados até o rei, gritando: "Seria melhor que partíssemos de Ur!" Nimrod deu-lhes permissão para se ausentarem, pagou-lhes a viagem e fugiu ele próprio para a Terra de Babel.[3]

1. *Sefer Haiashar* 24-27; *PRE*, cap. 26.
2. *Sefer Haiashar* 27.
3. *Ma'asse Avraham*, *BHM* i, 25 ss.

1. O nascimento de Abrão é registrado de forma lacônica em *Gênese* 11:27: "Tera gerou a Abrão, Naor e Haran." Os mitos sobre o nascimento miraculoso de Abraão e sua fuga do Rei Nimrod sobreviveram entre os judeus do Oriente Próximo. Estas duas versões são de *midrashim* e bebem em uma fonte comum da mitologia indo-européia. A segunda foi cantada, até recentemente, como balada ladina (isto é, espanhol sefaradita), em comemorações de nascimento, em Salônica.

2. Lorde Raglan, em *The Hero*, examina mitos de muitos e diferentes heróis — gregos, latinos, persas, celtas e germânicos, relacionando suas características comuns. A mãe do herói é sempre uma princesa, seu suposto pai um rei e parente próximo da mãe; as circunstâncias de sua concepção são incomuns, e ele também é dado como filho de um deus; em seu nascimento é feita uma tentativa, habitualmente pelo pai ou pelo avô, de matá-lo. O herói é escondido pela mãe, criado num país distante por pais adotivos de classe baixa; nada se sabe sobre sua infância, mas ao atingir a maioridade ele volta para casa, derruba o rei, às vezes também um dragão, um gigante ou animal selvagem, desposa uma princesa, freqüentemente a filha de seu antecessor e torna-se ele próprio rei.

3. Às vezes a criança é posta pela mãe em um bote ao sabor da corrente, o que aconteceu com Moisés e Rômulo; às vezes, é deixada na encosta de uma montanha, como aconteceu com Ciro, Páris e Édipo — apesar de se dizer também, a respeito de Édipo, que teria sido deixado ao sabor da correnteza em um bote. Os estágios posteriores do desenvolvimento do herói, sua tomada do poder, seus sucessos na guerra e sua eventual morte trágica são igualmente constantes. O mito representa um ritual dramático em honra da Criança Divina, o fértil Espírito do Ano-Novo. Seu "advento", que deu nome aos mitos de Elêusis perto de Atenas, era celebrado em uma caverna sagrada, onde pastores e boiadeiros o carregavam à luz de tochas. O Espírito do Ano-Novo, na verdade, derrota o espírito do Ano-Velho, desposa a princesa Terra, torna-se Rei e é ele próprio substituído ao final do seu reinado.

4. Abraão, no entanto, como todos os Patriarcas sucessivos que obedeceram a Deus, foi poupado do fim ignominioso de Rômulo (feito em pedaços por seus companheiros pastores); de Ciro (empalado por uma rainha cita); de Páris (morto na queda de Tróia); de Édipo, Jasão e Teseu (todos destronados e exilados). Moisés, apesar de impedido de entrar na Terra Prometida por seu pecado de dúvida quando golpeou a pedra em Mará, morreu com nobreza, teve um funeral esplêndido e foi enterrado por Deus em Pessoa.

5. O único israelita em cujo nome se alega quase que a seqüência mítica inteira foi Jesus de Nazaré; ainda assim, seu próprio povo repudiou o parentesco divino que lhe foi conferido pelos cristãos de fala grega. Os Evangelhos fazem com que Jesus descenda de sangue real, sendo seu pai putativo um parente próximo de sua mãe; foi adorado por pastores na caverna, tendo-lhe servido de berço a habitual cesta de vime; astrólogos viram sua estrela no Oriente, o Rei Herodes matou as crianças de Belém e Jesus foi então escondido após uma travessia no deserto e retornou incógnito a Israel anos mais tarde. Os Evangelhos Apócrifos também celebram sua precocidade quando criança.

6. Certos elementos nos dois mitos de natividade de Abraão podem ter sido tomados de fontes cristãs, apesar de que o de Ciro, narrado por Heródoto, chega muito perto da primeira versão — rei perverso, astrólogos e uma vítima substituta. Além disso, Ciro foi louvado em *Isaías* 40-48 como o servo de Deus escolhido para a destruição da Babilônia e libertação dos judeus aprisionados por Nabucodonosor; e continuou a ser um herói nacional em Israel, mesmo não tendo conseguido cumprir todas as profecias de Isaías.

7. Na segunda versão, o dedo lactante de Gabriel relembra os animais — lobas, ursas, éguas, cabras, cadelas — enviados pelos deuses para amamentar heróis tais como Édipo, Rômulo, Hipotoos, Pélias, Páris e Egisto; a margem do rio e o assassinato de inocentes relembram a história de Moisés.

8. Uma criança que caminha, fala e cresce logo após o nascimento ocorre nos mitos gregos de Hermes e Aquiles, e no *Hanes Taliesin*, um mito galês da Criança Divina.

9. Os judeus do Oriente Próximo compreendem que Amitlai tenha envolvido Abrão em sua própria túnica como um costume ainda corrente de vestir os filhos recém-nascidos como filhas, para afastar a má sorte. Na história original, no entanto, é mais provável que essa roupa servisse como um indício para que ela mais tarde pudesse reconhecer Abraão. Sua doença, o *kolsani*, pode significar *calcinaccio* — uma febre ardente como um forno de cal.

10. A menção a Haran, irmão de Abrão, parece ser uma glosa no texto, identificando-o com Naor, Rei de Haran (*ver* 23:1 e 36:5).

25

ABRAÃO E OS ÍDOLOS

(a) Alguns dizem que Gabriel ergueu o menino Abrão sobre os ombros e, num piscar de olhos, voou pelo ar de Ur até Babel. No mercado, Abrão encontrou seu pai, Tera, que para lá havia fugido com Nimrod. Tera imediatamente preveniu o rei de que seu filho, que fazia maravilhas, os havia seguido até aquela cidade; e Nimrod, apesar de muito assustado, mandou buscá-lo. Abrão entrou no palácio, em voz alta deu um testemunho do Deus Vivo diante de toda a corte e, sacudindo o trono de Nimrod, chamou-o de blasfemo. A isto, os ídolos reais, enfileirados por todo o salão, caíram de cara no assoalho, acontecendo o mesmo com o próprio rei. Após duas horas e meia ele ousou erguer a cabeça e perguntou timidamente: "Essa foi a voz desse teu Deus Eterno?" Abrão respondeu: "Não, falou Abrão, a menos importante de Suas Criaturas." Nimrod então reconheceu o poder de Deus e permitiu que Tera partisse em paz. Tera, conseqüentemente, foi para Harran, acompanhado por Abrão, Sarai e Lot.[1]

(b) Outros dizem que Abrão retornou a Babel cheio de sabedoria por ter estudado com Noé. Encontrou o seu pai, Tera, ainda no comando dos exércitos do Rei Nimrod, e ainda prostrando-se diante de ídolos de madeira e de pedra — doze grandes, e muitos de menor porte. Abrão, ante isso, pediu a sua mãe, Amitlai, que matasse e preparasse um cordeiro. Tendo posto o prato diante desses ídolos, ficou observando, para ver se algum deles iria comer. Como não moveram um dedo, ele zombou deles e disse a Amitlai: "Será que o prato é muito pequeno, ou falta sabor ao cordeiro? Peço-te, mata mais três cordeiros e tempera-os com mais capricho!" Ela o fez e ele ofereceu também este prato aos ídolos; mais uma vez, porém, eles não se moveram.

O Espírito de Deus desceu sobre Abrão. Ele tomou de um machado e fez os ídolos em pedaços, deixando intocado apenas o maior; pôs então o machado na mão desse ídolo e foi-se embora. Tera ouvira o barulho e, correndo para o salão, viu a destruição que seu filho fizera. Mandou buscar Abrão e interpelou-o com raiva: "O que é isto?"

Abrão respondeu: "Ofereci comida a teus ídolos; sem dúvida brigaram por causa disso. Pois o maior de todos não fez os outros todos em pedaços?"

Tera disse: "Não me enganes! Estas são imagens de madeira e de pedra, fabricadas pela mão do homem."

Abrão perguntou: "Se é assim, como podem comer a comida que todos os dias tu lhes ofereces? Ou como podem responder tuas preces?" Então orou ao Deus Vivo,

relembrando a Tera o Dilúvio, castigo de Deus à maldade. Enquanto Tera ficava em dúvida sobre que resposta dar, Abrão pegou o machado e fez em pedaços o ídolo que restara.

Tera, a isso, denunciou Abrão ao Rei Nimrod, que o prendeu imediatamente. Mais tarde, quando os astrólogos reconheceram Abrão como o predestinado Imperador, Nimrod ordenou que ele e Haran, seu irmão, fossem amarrados e lançados em uma fornalha acesa. As chamas consumiram imediatamente os doze homens escolhidos para esta tarefa, e também Haran, que era descrente; mas Abrão ficou incólume, suas roupas sequer chamuscadas, apesar do fogo ter reduzido a cinzas as cordas que o prendiam. Nimrod gritou aos guardas que restaram: "Atirem esse criminoso na fornalha, ou todos morrerão!" Mas eles se lamentaram, clamando: "Acaso o rei nos condenaria a sermos queimados tal como nossos companheiros?"

Então Satã prostrou-se diante de Nimrod e disse: "Dai-me madeira, cordas e ferramentas! Construirei para meu senhor uma catapulta que possa lançar Abrão na fornalha acesa, de uma distância conveniente." Nimrod concordou e Satã pôs-se a trabalhar. Primeiro testou a catapulta, usando pedregulhos enormes; em seguida pegou Abrão e o amarrou. Apesar de Amitlai ter-lhe implorado que se prostrasse e adorasse o rei, Abrão disse: "Não, mãe; pois a água pode apagar o fogo dos homens, mas não o fogo de Deus!" Então ele orou e no mesmo instante as chamas se apagaram; mais ainda, Deus fez com que as toras soltassem brotos, florissem e dessem frutos, até que a fornalha se transformou em um régio jardim de prazeres, no qual Abrão caminhou livremente no meio de anjos.

(c) Todos os astrólogos, conselheiros e cortesãos prestaram então louvores ao Deus Vivo; e Nimrod, desconcertado, deu a Abrão seus dois principais escravos, chamados Oni e Eliézer, além de ricos tesouros em prata, ouro e cristal. Trezentos dos homens de Nimrod também se juntaram a Abrão, quando este partiu para Harran.[2]

1. *Ma'asse Avraham. BHM* i:24-30.
2. *Sefer Haiashar* 34-43; *Ma'asse Avraham* 32-34.

1. Estas lendas não encontram nenhum apoio nas Escrituras. O *Gênese* conta apenas que Abrão casou-se com sua meia-irmã Sarai, e que Tera levou-os, junto com seu sobrinho Lot, de Ur, na Caldéia, para Harran, onde morreu e onde Deus mais tarde ordenou a Abrão: "Vai daqui para a terra que te mostrarei!" (*Gênese* 12:1). Mas, segundo uma tradição citada por Estevão, um judeu egípcio de fala grega (*Atos dos Apóstolos* 7:2-4), Deus deu esta ordem a Abrão, enquanto ele ainda vivia em Ur.
2. A história da fornalha acesa pode ter sido contada para fortalecer a explicação do *midrash* de que "Ur Kasdim" significava "fornalha dos caldeus". É tirada em parte de *Daniel* 3, onde se diz que Daniel e seus três companheiros foram atirados em uma fornalha acesa pelo Rei

Nabucodonosor, por terem se recusado a adorar ídolos, mas escaparam incólumes; em parte de *Bel e o Dragão*, um acréscimo apócrifo a *Daniel*, segundo o qual Daniel demonstrou a impotência dos ídolos do Rei Ciro, provou que os sacerdotes destes haviam eles próprios comido as oferendas de alimentos colocados diante da imagem de ouro de Bel, e teve a permissão de Ciro para derrubar seu templo. Gabriel ajudou Daniel (*Daniel* 8:16 e 9:21), tal como aqui ajuda Abrão.
3. Ambas as lendas se baseiam numa profecia de *Jeremias*:

"... Envergonhou-se todo ourives da imagem esculpida; porque a sua imagem de fundição é falsa e não há espírito em nenhuma delas. Vaidade são, obra de engano; no tempo de seu castigo, perecerão. Não é semelhante a estas a porção de Jacob, porque Ele é o criador de todas as coisas... Senhor dos Exércitos é o Seu Nome... E punirei a Bel em Babilônia, e tirarei da sua boca o que ele tragou... Julgarei suas imagens esculpidas..." (*Jeremias* 51:17-19, 44, 52).

26

ABRAÃO NO EGITO

(a) Quando Tera morreu, em Harran, Deus ordenou a Abrão que visitasse Canaã, a terra que seria sua herança, e lançou uma maldição sobre todos que a ele se opuseram. Abrão partiu aos setenta e cinco anos de idade, com Sarai, Lot, seus servos, rebanhos e tesouros; disse adeus a Naor, e empreendeu a viagem em direção ao sul. Em Siquém, Deus apareceu novamente a Abrão, dizendo: "Esta é a terra que teus filhos possuirão!" Tendo construído ali um altar a Deus, Abrão em seguida armou sua tenda entre Betel e Ai; mas a falta de alimentos o fez seguir para mais longe, até que ele chegou à fronteira do Egito, onde preveniu Sarai: "Se os egípcios souberem que és minha esposa, ficarão enciumados, temo eu, e me matarão. Diz-lhes apenas: 'Sou a irmã de Abrão.'"

(b) Os egípcios ficaram de fato assombrados com a beleza de Sarai; e quando o Rei Faraó ouviu falar dela, decidiu torná-la sua concubina, pagando a Abrão um elevado preço em bois, rebanho, ovelhas e escravos. Deus, no entanto, infligiu tantas pragas ao palácio que o Faraó, finalmente, descobrindo a causa de tudo isso, mandou buscar Abrão e repreendeu-o por não lhe ter revelado toda a verdade. "E se eu tivesse levado tua esposa para minha cama?", perguntou ele, furioso. E expulsou Abrão do Egito, restituindo-lhe Sarai e nem ao menos tomou de volta os presentes que haviam sido fruto de seu logro.[1]

(c) Alguns dizem que quando Abrão chegou à Torrente do Egito, que separa o Egito de Canaã, Sarai desceu para lavar o rosto. Abrão que, por causa de sua austeridade, nunca realizara o ato do amor com Sarai, e nem sequer lhe erguera o véu, viu um rosto tão belo refletido na água, que, sabendo que os egípcios eram fornicadores desavergonhados, a fez passar pela fronteira fechada em um baú e vestida com todos os seus atavios. O funcionário da aduana, insatisfeito com as respostas evasivas de Abrão, obrigou-o a abrir o baú. Quando viu Sarai deitada dentro dele, disse: "Esta mulher é bela demais para ser desfrutada por qualquer outra pessoa que não o Faraó!" Um príncipe da casa do Faraó, chamado Hircano, apressou-se em informar seu senhor a respeito; o qual recompensou-o ricamente e enviou uma escolta armada para buscar Sarai.[2]

(d) Esta é a canção que Hircano fez em louvor de Sarai:

Como é bela Sarai:
Seus cabelos longos, macios e lustrosos,
Seus olhos brilhantes, seu nariz encantador,
O lustre de seu rosto!
Como são fornidos os seus seios, como é branca a sua pele,
Seus braços como são bem-feitos, quão delicadas as suas mãos —
As palmas macias e os dedos longos e finos —
Tão flexíveis as suas pernas, tão roliças as suas coxas!
De todas as virgens e noivas que caminham sob o dossel
Nenhuma pode se comparar com Sarai:
A mais bela mulher sob o céu,
Inexcedível em sua beleza;
E no entanto, com tudo isto, é sábia e prudente,
E move graciosamente as mãos.[3]

(e) Tendo recebido de Sarai a garantia de que era a irmã de Abrão, o Faraó enviou a ele presentes valiosos e levou-a para o quarto de dormir real. Abrão chorou a noite inteira, e também Lot, rezando para que Sarai conservasse sua virgindade. Deus, então, enviou um Anjo; e Faraó, quando tentou abraçar Sarai, recebeu um golpe de uma mão invisível. Quando tentou remover-lhe as sandálias, outro golpe o atingiu; quando tentou tocar-lhe os trajes, o anjo esbofeteou-o ainda mais forte. Sarai, no entanto, via o anjo e movia dissimuladamente os lábios para formar palavras de instrução: ou "Espera!", ou "Golpeia agora!", conforme fosse o caso. Uma noite inteira passou-se dessa forma, e Faraó nada conseguiu. Ao amanhecer, ele viu sinais de lepra nas paredes, vigas e pilastras de seu quarto, e nos rostos de seus eunucos. Sarai então confessou: "Abrão não é só meu irmão, mas também meu marido", e Faraó não tentou mais desfrutar dela. Aplacou Abrão com presentes ainda mais ricos do que os anteriores; e deu a Sarai uma escrava chamada Agar, sua própria filha com uma concubina. Depois disso, a lepra desapareceu.[4]

(f) Outros dizem que um vento pestilento invadiu o palácio; e que Faraó prometeu a Sarai a terra de Goshen; e todo o ouro e prata que ela desejasse em pagamento pela noite que passaria com ela.[5]

(g) Mas antes de deixar o Egito, Abrão ensinou à corte do Faraó a matemática e a astronomia que tinha aprendido com os caldeus.[6]

1. *Gênese* 12:1-20.
2. *Sefer Haiashar* 51; Josefo, *Ant.* i:8.1.
3. *Genesis Apocryphon* 43-44; *Jubileus* 13:1-15.
4. *Gên. Rab.* 389, 554; *Tan'huma Lech* 5 e 6; *Tan'huma Buber Gên.* 66-67; *Sefer Haiashar* 51, 52; *PRE*, cap. 26.

5. *Genesis Apocryphon* 43-44; *PRE*, cap. 26.
6. Josefo, *Antigüidades* i:8.

1. O fato histórico subjacente a *Gênese* 12 parece ser o movimento de tribos de fala hebraica em direção ao sul, através da Palestina, até o Egito, em meio a uma horda mista de hititas, mitanianos de Harran, sírios e palestinos. Seus líderes, os reis hicsos, governaram o Egito de 1730(?) a 1570 a.E.C., e seu império estendeu-se até grande parte da Síria. Muito pouco se sabe a respeito desses Reis Pastores porque, quando seus vice-reis no Alto Egito se rebelaram contra o Faraó Apopi II (1603-1570 a.E.C.), e o destronaram após uma longa guerra, os escribas egípcios — para quem a ovelha era um animal impuro (*Gênese* 47:34) — suprimiram os registros dinásticos.
2. A breve estada de Abrão em Canaã, "por causa da carência de alimentos", está consoante com a marcha destruidora dos hicsos através da Palestina. Ele parou apenas para erguer um altar em Siquém, que se tornaria um importante santuário israelita. Seu retorno um tanto apressado sugere que certas tribos hebraicas, achando o Egito um país inadequado para nômades, vagaram de volta para a Palestina, onde, algumas gerações mais tarde, a elas se juntaram os seus compatriotas sob o comando de Josué.
3. O mito de Abrão, Sarai e o rei que a desejava ocorre mais duas vezes: na história de Abrão, Sarai e Abimeleque de Gerar (*ver* 30); e na de Isaac, Rebeca e o mesmo Abimeleque (*ver* 37). Foi tirado da *História dos Dois Irmãos* egípcia, que também fornece a história de José e a mulher de Potifar. A história de Abrão trancando Sarai em um baú encontra paralelo no primeiro conto das *Mil e Uma Noites*. Seu temor dos egípcios como fornicadores se baseia na má reputação dos descendentes de Cam: pois Mitzraim (Egito) figura em *Gênese* 10:6 como filho de Cam.
4. As dádivas do Faraó, Goshen e todo o ouro e prata que Sarai desejasse desempenharam o papel de um alvará retrospectivo dos *midrashim*, permitindo aos israelitas ocupar Goshen nos tempos de José e despojar os egípcios durante o Êxodo (*Êxodo* 11:2 e 12:35-36). O presente adicional de Agar, feito pelo Faraó, é para explicar a nacionalidade egípcia dessa mulher. O poema em louvor da beleza de Sarai vem do *Genesis Apocryphon* descoberto em 1947 entre os Manuscritos do Mar Morto.
5. A lepra, para os israelitas, significava doenças de pele tais como a tinha, a sarna e o vitiligo (*Levítico* 13:29-46); não exatamente lepra. Esse termo ("*sara'at*") foi mais tarde aplicado ao bolor ou fungo nos edifícios (*Levítico* 14:33-57), ou nas roupas (*Levítico* 13:47-59). O sacerdote egípcio Mâneto (século IV a.E.C.) relatou que os próprios israelitas sofreram de "lepra", e ele alega que este teria sido o motivo de oitenta mil israelitas sarnentos terem sido postos em quarentena em uma cidade separada, tendo sido depois ou afogados ou levados para o deserto com Moisés.
6. A visão que Jacob teve da escada ocorreu em Betel (*ver* 43.*c*). Haai ("ruína"), ou Ai, uma cidade real cananéia, saqueada por Josué (*Josué* 7 e 8), foi novamente erguida na época de Isaías (*Isaías* 10:28). Foi identificada com a moderna El-Tel, um quilômetro e meio a sudeste de Betel.

27

ABRAÃO RESGATA LOT

(a) Do Egito, Abrão levou seus rebanhos e manadas de volta ao local onde ele havia armado sua tenda, entre Betel e Ai; e depois de novo para Siquém onde havia construído o altar de Deus. Seu sobrinho Lot o acompanhou, mas seus pastores discutiram tanto por causa de pastagens que os dois parentes acharam melhor dividir a terra entre eles. Lot escolheu o lado oriental, estabelecendo sua residência em Sodoma, uma cidade da Planície; Abrão ficou com o lado ocidental, estabelecendo sua residência em Hebron.

(b) Nesse meio tempo, o Rei Quedorlaomer, de Elam, convenceu três reis, a saber, Amrafel, de Sinear, Arioque, de Elasar, e Tidal, de Goim, a marchar contra cinco outros reis — Bera, de Sodoma, Birsha, de Gomorra, Shinab, de Admá, Shemeber, de Zeboim, e Bela, de Zoar — que se haviam rebelado em conjunto após doze anos de vassalagem. Em sua marcha, saída de Elam, Quedorlaomer e seus aliados derrotaram três tribos de gigantes: os Refaim, em Asterot-Karnaim, os Zuzim, em Cam, e os Emim, em Shavé-Kiriataim; também expulsaram os horitas do Monte Seir para El-Paran. Voltando-se, tomaram En-Mishpat, uma fortaleza amalequita, hoje conhecida como Kadesh e a cidade de Hazezon-Tamar. Depois disso encontraram o rei de Sodoma e seus aliados no Vale de Sidim, que era cheio de fossos de betume, e obteve mais uma vitória. O Vale de Sidim é hoje o Mar Morto.

(c) Abrão, enquanto acampado em Hebron, no bosque de terebintos de Mamré, o amorita, soube por um fugitivo que Lot e sua família haviam sido capturados em Sodoma. Imediatamente ele comandou trezentos e dezoito servos na operação de resgate, e seguiu o exército de Quedorlaomer para o norte. Encontrando o inimigo em Dan, Abrão atacou-o à noite, em ambos os flancos, matou alguns e perseguiu o resto até Hobá, perto de Damasco, tendo recobrado todo o butim; ao mesmo tempo libertou Lot, a sua família e inúmeros outros prisioneiros de guerra.

(d) No retorno triunfal de Abrão, o rei de Sodoma deu-lhe as boas-vindas no vale real de Shavé, junto a Salém; ali Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, deu-lhe pão, vinho e esta bênção:

Abrão, abençoado sejas pelo Deus Altíssimo,
Criador do Céu e da Terra!

E abençoado seja Ele Próprio, o Deus Altíssimo,
Que entregou teus inimigos em tuas mãos!

Em reconhecimento à gentileza de Melquisedeque, Abrão presenteou-o com um décimo de seus despojos. O rei de Sodoma então disse: "Peço-lhe, meu senhor Abrão, que me restitua meus súditos, mas guarde seus rebanhos, manadas e tesouros." Ele respondeu: "Jurei ao Deus Altíssimo, Criador do Céu e da Terra, que de ti não tiraria sequer um fio de linha ou uma correia de sandália, para que não saiam por aí dizendo: 'Abrão enriqueceu às custas do rei de Sodoma!' Paga-me apenas aquilo que meus servos, meu aliado Mamré e seus filhos Aner e Eshcol me custaram em comida e bebida."[1]

(e) Alguns dizem que Quedorlaomer anteriormente já se havia rebelado contra o Rei Nimrod, fazendo dele seu vassalo. E que, quando Abrão reuniu seus seguidores contra Quedorlaomer, disse: "Estamos para nos lançar à batalha. Homem algum que tenha cometido um pecado e sofra de culpa deve vir comigo!" Mas quando chegaram a Dan — que hoje se chama Panias — a força de Abrão repentinamente se esgotou: uma voz profética lhe dissera que ali, muitas gerações depois, Jeroboão, o rei idólatra, ergueria um bezerro de ouro para Israel adorar. Não obstante, Eliézer, servo de Abrão, lutou valentemente naquele dia, causando ao inimigo tantas perdas quanto o fizeram seus trezentos e dezessete companheiros.[2]

(f) Outros, ainda, dizem que o planeta Zedek (Júpiter) lançou uma luz misteriosa em torno de Abrão enquanto ele lutava, de forma que pôde ver seus inimigos claramente, apesar da escuridão. Laila, o Anjo da Noite, também lhe prestou assistência. Mais ainda, todas as espadas de seus inimigos se transformaram em pó e suas flechas em palha; Abrão, ao contrário, só precisava atirar pó e este se transformava em lanças; um punhado de palha se transformava em uma saraivada de flechas.[3]

(g) Outros, ainda, dizem que Melquisedeque (também conhecido como Adoni-Zedeque) era Sem, o ancestral de Abrão, e que ele agora ensinara a Abrão os deveres do sacerdócio, particularmente as normas que regulavam o pão da proposição, as libações de vinho e as oferendas queimadas. Também deu a Abrão as roupas de pele feitas por Deus para Adão e Eva, roubadas por Cam, mas que agora lhe eram restituídas. Tudo isto Sem fez porque Deus havia indicado Abrão como seu sucessor. Pois quando Sem disse: "Abrão, abençoado sejas pelo Deus Altíssimo, Criador do Céu e da Terra; e abençoado seja Ele Próprio, o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos em tuas mãos!", Abrão imediatamente clamou: "É correto abençoar o servo antes do Senhor?" — uma reprovação que convence a Deus de que Abrão era o mais indicado para ser o Seu sacerdote.[4]

1. *Gênese* 13:1-18, 14:1-24.
2. *Sefer Haiashar* 46; *Tan'huma Buber Gên.* 73-74; *Gên. Rab.* 419; *PRE,* cap. 27.
3. *Gên. Rab.* 418; *Tan'huma Buber Gên.* 76; *B. Sanedrim* 96a, 108b; *B. Taanit* 21a.
4. *Gên. Rab.* 420-22; *Lev. Rab.* 25:6; *Num. Rab.* 4:8; *B. Nedarim* 32b; *Tan'huma Buber Gên.* 76.

1. Sinear, sobre a qual reinava o Rei Amrafel, foi identificada com a acadiana Shanchar (ver 22:5); e Tidal com Tudchalia, o nome de vários reis hititas. Goim, o reino de Tidal, pode ser um nome próprio ou simplesmente significar "povos". Elasar parece ser Ilansra, mencionada em inscrições mari do século 18 a.E.C. e em documentos hititas posteriores como uma cidade real entre Carquemis e Harran. O nome Arioque parece significar "o honrado" (*Ariaka*) em iraniano antigo. Elam foi um reino antigo e poderoso na cabeceira do Golfo Pérsico. Quedorlaomer pode ter sido um de vários reis elamitas cujos nomes, que sobreviveram em inscrições cuneiformes, se parecem com o dele.
2. Durante muito tempo se duvidou que o *Gênese* 14 tivesse algum conteúdo histórico. Não obstante, alguns eruditos hoje em dia o encaram como uma antiga tradição histórica, registrada pela primeira vez, provavelmente, na língua acadiana ou cananéia, pouco depois da guerra nele descrita, e muito mais tarde traduzida para o hebraico. Os registros da data desta guerra variam muito, desde o século XX até o século XVII a.E.C. No entanto, na forma em que sobreviveu, esse capítulo serve como alvará para a posse de Canaã. Canaã foi conquistada de Kadesh e El-Paran (ou Eilat) no golfo do Mar Vermelho, ao sul, até Dan, ao norte, por quatro invasores; mas, imediatamente em seguida, Abrão os derrotou, reconquistou todo o butim que haviam tomado e, pelo direito de sucessão, também conquistou toda a terra por eles invadida. Assim, os filhos de Abrão, quando saíram do Egito e conquistaram Canaã, estavam tomando posse de um país ao qual tinham direito por herança.
3. Os nomes de cinco Cidades da Planície e de seus reis ainda apresentam numerosos problemas. Não há certeza sobre o que significa o nome de Bera, o rei de Sodoma. Alguns vêem nele uma forma reduzida de um nome teofórico,* tal como Bera-Baal, encontrado em inscrições lienitas (norte da Arábia), que pode significar "Esplendor de Baal". Birsha, o nome do rei de Gomorra, não foi explicado satisfatoriamente, apesar de alguns o relacionarem com uma antiga palavra semita significando "pulga", a qual, em acadiano, tem a forma *Burshu'u,* e é usada até hoje, em árabe, como um nome pessoal.

Admá foi identificado com *Adamá* (*Salmo* 83:11) e *Adam* (*Josué* 3:16), hoje em dia Tel Adamia, na margem oriental do Jordão, perto da embocadura do Rio Jaboc. Se assim for, Admá foi o posto fronteiriço mais ao norte dessa confederação de cinco cidades. Seu rei, Shinab, portava um nome real que retornaria séculos mais tarde como o de um rei amonita, Sanibu, mencionado na época de Tiglat-Pileser III (745-727 a.E.C.). A cidade de Shemeber, Zeboim, foi localizada experimentalmente em Lisan, península do Mar Morto, onde existe um vádi Sebaie. Outros, no entanto, afirmam que essas quatro cidades ficavam em uma área hoje coberta pela parte meridional do Mar Morto. Bela aparece como o nome de um rei edomita cuja cidade era Dinabá (*Gênese* 36:32-33). Esse nome também era corrente entre os hebreus (*Gênese* 46:21; *Crônicas I,* 5:8) e os árabes do sul, onde significava "guloso". A cidade real de Bela, Zoar (significando

* Que traz o nome de Deus. (N. do T.)

"pequeno"), parece ser idêntica a Zuchr, mencionada nas cartas de Tel el-Amarna e chamada de "Zoara" por Josefo e "Segor" por Eusébio e os Cruzados. Ficava a nordeste do Mar Morto, provavelmente na moderna Tel el-Zara. Zoar figura de forma proeminente no mito de Lot como o único lugar, um lugar "pequeno" (*miz'ar*), que escapou à destruição por Deus das Cidades da Planície (*Gênese* 19:20-23; ver 32.*a*).

4. Até onde se estendia a Terra Prometida, a quem foi prometida e sob que condições, pode-se ver nas seguintes passagens bíblicas:

Gênese 12:7 — Abraão, indo para o sul a partir de Harran, no médio Eufrates, tem prometida a terra habitada por cananeus para a sua semente em geral, sem condições.

Gênese 12:11-18 — Abraão renuncia amigavelmente à Planície da Jordânia em favor de Lot, ancestral dos moabitas e amonitas, mas Deus repete Sua promessa a Abraão, de que até onde ele podia ver, ao norte e ao sul, a leste e a oeste, tudo pertenceria à sua semente.

Gênese 15:18-19 — Abraão recebe a promessa de que, para sua semente em geral, será concedido todo o território entre a Torrente do Egito (perto de Gaza) e o Eufrates, incluindo toda a Terra de Canaã, definida em *Gênese* 10:19 como se estendendo de Sidon até Gaza e o Mar Vermelho.

Gênese 17:8-14 — Abraão recebe a promessa de que, à sua semente em geral, e para sempre, pertencerá toda a Terra de Canaã, com a condição de que adorem somente a Deus e pratiquem a circuncisão. A circuncisão constituirá seu título de propriedade da terra.

Gênese 26:3-4 — Essa promessa é renovada a Isaac, segundo filho de Abraão.

Gênese 28:13-15 — A mesma promessa é repetida por Deus a Jacob, filho mais moço de Isaac, imediatamente antes dele deixar Canaã, em direção à Mesopotâmia.

Gênese 35:11-12 — No retorno de Jacob a Canaã, Deus repete mais uma vez Sua promessa em Betel.

Êxodo 23:31-33 — Aos israelitas descendentes de Isaac através de Jacob é prometido o mesmo amplo território; sob a condição de que acabem por expulsar seus habitantes originais sem fazer com eles qualquer acordo.

Números 33:50-56; 34:1-15 — Os israelitas recebem ordem de ocupar Canaã, incluindo a Filístia e parte da Transjordânia.

Deuteronômio 1:7-8 — Fica estabelecido que as fronteiras da Terra Prometida estendem-se do deserto no Líbano, e do Mar Mediterrâneo, até o Rio Eufrates. Em *Deuteronômio* 11:22 uma condição adicional é imposta à promessa: a de que Israel conserve a Lei Mosaica.

Dan, o ponto mais ao norte da Palestina ocupado pelas tribos hebraicas era chamada originalmente de Laish ("Leão", *Juízes* 18:7, 29, etc.), e mais tarde Panias. Não foi apenas o lugar onde Jeroboão ergueu um Bezerro de Ouro (*Reis I*, 12:28-29), mas foi também famosa por uma gruta sagrada de Pã e das Ninfas, da qual brotava o Rio Jordão; e por um templo erguido em honra de Augusto por Herodes, o Cruel (Josefo: *Antigüidades* 15:10). Mais tarde tornou-se Cesaréia de Filipi, uma cidade pagã cuidadosamente evitada por Jesus (*Mateus* 16:13; *Marcos* 8:27). O outeiro sobre a gruta é até hoje chamado de Tel el-Kadi ("Outeiro do Juiz"), sendo Kadi a tradução árabe de Dan, "juiz".

5. O mito de Melquisedeque fornece uma licença para a santidade peculiar de Jerusalém e a instituição de um dízimo sacerdotal; mas, de acordo com *Êxodo* 25:30; 29:40, etc., as normas que regiam o pão da proposição, as libações de vinho e os sacrifícios foram pela primeira vez reveladas por Deus a Moisés no Deserto. As leis do dízimo também eram mosaicas (*Levítico* 27:30 ss.; *Números* 28:26 ss., etc.).

6. Apesar de *Melquisedeque*, um nome semelhante a Adoni-Zedek, rei de Jerusalém (*Josué* 10:1 ss.), significar "O Deus Zedek é meu Rei", foi mais tarde compreendido como "Senhor de Retidão". Zedek teria sido o deus-Cidade de Salém, não o Deus dos hebreus, e não-monoteisticamente adorado. Os amonitas chamavam-no de "Zaduc". *Zedek*, além disso, era o nome hebraico para o planeta Júpiter, o que permitiu ao *midrash* desenvolver a partir deste encontro entre Melquisedeque e Abrão o mito de que o planeta ajudou Abrão contra seus inimigos. Um "vale real" ocorre na história de Absalão (*Samuel II*, 18:18) e, segundo Josefo, ficava a menos de quinhentos metros de Jerusalém; pode ser o "vale real de Shavé", mais tarde amaldiçoado como o Vale de Hinom ("Gueena" ou "Tofet"), cenário dos sacrifícios humanos do Rei Acaz (*Crônicas II*, 28:3). Uma tradição citada em *Hebreus* 7:3 de que Melquisedeque não tinha "nem pai nem mãe" pode se basear em uma frase semelhante encontrada repetidas vezes em cartas enviadas pelo rei jebusita Abdu-Heba (escravo de [a Deusa] Heba) ao Faraó Amenotep III, no século XIV a.E.C., o que significava que ele, para ocupar essa posição, dependia não de um direito de nascimento, mas da graça do Faraó.

7. Lotan ocorre em *Gênese* 36:21-22 e *Crônicas I*, 1:38-39, como o filho mais velho de Seir, o horita; e em registros egípcios como uma área geográfica do sul da Palestina, que incluía o Monte Seir. Uma vez que os horitas, ou hurritas, tinham vivido no Monte Seir antes da chegada das hordas dos hicsos, o sobrinho de Abraão, Lot de Harran, pode muito bem ser outro personagem fictício. Mas talvez os hebreus de Abraão, após terem desalojado os hurritas de suas pastagens em Lotan, lhes deram assistência contra atacantes orientais, vindos da direção de Elam.

8. Os gigantes cananeus derrotados por Quedorlaomer eram conhecidos como *Emim* ("Terrores") pelos moabitas, *Zamzumim* ou *Zuzim* ("Os Ocupados") pelos amonitas e *Refaim* ("Enfraquecedores") pelos guileaditas. O *Livro de Jubileus* lhes atribui alguma coisa entre três e quatro metros e meio de altura. Na mitologia ugarítica surgem como espectros. Outros nomes eram *Anakim* ("Gigantes"), *Avim* ("Devastadores"), *Guiborim* ("Heróis"), *Nefilim* ("Caídos") (ver 18.*i*, 11-13). Um texto egípcio de execração, do início do segundo milênio a.E.C., menciona vários governantes de Ji'anek ("Terra dos Anakim"?), um dos quais se chama Abi-imamu, talvez "Pai dos Emim".

9. O *midrash* os faz altos como cedros e explica que todos os hebreus daquela geração eram igualmente gigantescos. O próprio Abrão tinha setenta vezes a altura de um homem comum, e cada um de seus passos media de cinco a seis quilômetros; e assim também seu servo Eliézer, que foi o único a passar pelo teste de santidade a que Abrão submeteu seus trezentos e dezoito servidores, e que tinha tanta força quanto todos eles juntos. Deve ser observado que os equivalentes numéricos das letras no nome *Eliézer* somam trezentos e dezoito. Jacob, seu filho Simeão, e seu neto Manassés eram dados como gigantes. Assim também Sansão e Abner, general de Saul, o qual disse: "Se eu pudesse segurar a terra com os meus pés apoiados em alguma outra parte, seria capaz de sacudi-la!"; também Absalão, filho de David, cujo cabelo, quando tosquiado, pesou duzentos siclos.

10. Aner, Eshcol e Mamré, aliados de Abraão, seriam, segundo crêem alguns eruditos, representações de três distritos residenciais da cidade de Hebron. Mamré é dado em *Gênese* 35:27 como tendo sido uma parte da cidade de "Kiriat-Arba, e também Hebron onde Abraão e Isaac pousaram", e em *Gênese* 23:18 é identificada com Hebron. Eshcol era o nome de um vale, ou vádi perto de Hebron (*Números* 13:22-24); enquanto Aner parece ter sobrevivido em *Ne'ir*, nome de uma colina das vizinhanças.
11. Para o Vale de Sidim ver 32:2.

28

AS CARCAÇAS PARTIDAS

(a) Abrão dormia em sua tenda, quando Deus lhe apareceu, dizendo: "Não temas, pois sou teu escudo e tua recompensa será grande!" Ele perguntou: "Ó, Senhor, que recompensa poderá me consolar, se eu morrer sem filhos e meu escravo Eliézer herdar tudo que é meu?" Deus respondeu: "Não ele, mas teu próprio filho herdará. Ergue-te, sai na noite!" Abrão obedeceu-Lhe e ouviu-O dizer: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te trouxe de Ur da Caldéia para te entregar esta herança. Olha para as estrelas do Céu e tenta contá-las; pois tua posteridade não será menos numerosa." Abrão suplicou: "Ó, Senhor, como posso ter certeza desta bênção?" Deus respondeu: "Oferece-Me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos e um carneiro de três anos; também uma pomba-rola e um pombo selvagem".

(b) Quando amanheceu, Abrão tomou de sua espada e cortou ao meio uma novilha, uma cabra e um carneiro, deitando a metade de cada animal do lado esquerdo de uma vereda estreita, e a outra metade do lado oposto, à direita. Em seguida matou uma pomba-rola e um pombo, deitando uma do lado esquerdo da vereda e o outro do lado oposto, à direita. Enquanto Abrão assim fazia, desceram abutres para se banquetear com as carcaças; mas ele os espantou.

(c) Naquela noite, quando o sol se pôs, Abrão entrou em transe e foi tomado pelo temor da escuridão. Mais uma vez ouviu a voz de Deus: "Quando tiveres morrido, em idade avançada, teus filhos serão estrangeiros em uma terra estranha e escravos de seus governantes. Quatrocentos anos se passarão e Eu punirei aquela terra, e farei com que teu povo saia de lá, grandemente enriquecido. Ainda assim, não será senão na quarta geração desse povo errante, quando os amoritas tiverem por fim merecido inteiramente a Minha punição, que teu povo retornará para possuir aquilo que lhe pertence!" A espessa escuridão foi então espalhada por uma chama fumiflamante, como a de uma tocha, que passou ao longo da vereda, entre as carcaças partidas. Deus declarou: "Dei esta terra à tua posteridade. Da Torrente do Egito ao Eufrates. O quenita, o quenazita, o cadmonita, o hitita, o perizita e os refains; também o amorita, o cananeu, o guirgashita e o jebusita serão teus súditos!"[1]

(d) Alguns dizem que Deus ergueu Abrão acima da abóbada do Céu e disse: "Olha as estrelas e tenta contá-las", acrescentando: "Quem fica embaixo de uma estrela a teme;

mas tu, vendo uma brilhar abaixo de ti, podes agora erguer tua cabeça e considerar-te o mais elevado!"[2]

(e) Outros afirmam que as carcaças partidas por Abrão prefiguravam os Impérios destinados a oprimir Israel: a novilha, a Babilônia com os seus três reis, Nabucodonosor, Merodac, o Maldoso, e Baltazar; a cabra, a Média com seus três reis, Ciro, Dario e Assuero; o carneiro, a Grécia com seus três reis, Alexandre, Calígula e Antonino. Além disso, a pomba-rola significava os ismaelitas; e o pombo, Israel. Se Abrão não tivesse partido os animais com sua espada, esses Impérios teriam se tornado excessivamente poderosos; mas, assim, foram enfraquecidos.[3]

(f) Azazel, o anjo caído que seduz a humanidade, chegou disfarçado de abutre para se banquetear nas carcaças. Dirigiu-se a Abrão: "O que fazes aqui, nestas alturas sagradas, onde mortal algum pode comer ou beber? Foge daqui, senão as forças celestiais te calcinarão!" Mas o anjo da guarda de Abrão repeliu Azazel: "O lugar dele é nas alturas, assim como o teu é nas profundezas. Vai-te, pois nunca o poderás desencaminhar!"[4]

(g) Deus então mostrou a Abrão uma visão do Inferno, dos Impérios opressores, da Torá e do Santuário, dizendo: "Enquanto teus filhos honrarem estes dois últimos, escaparão aos dois primeiros. Escolhe agora se eles virão a ser punidos com a danação ou com a servidão!" Durante todo o dia Abrão, pesarosamente, mediu um mal em relação ao outro. Finalmente, tendo-lhe sido concedida mais uma visão, de um Quarto Império opressor, chamado Edom — apesar de que este cairia, como os três anteriores estavam destinados a cair e nunca mais se erguer — deixou que Deus fizesse a escolha. Deus escolheu a servidão.[5]

1. *Gênese* 15:1-21.
2. *Gên. Rab.* 433; *Tan'huma Shoftim* 11.
3. *Gên. Rab.* 437; *Mid. Agadá Gên.* 33; *PRE,* cap. 28.
4. *Apocalypse of Avraham,* ed. Box, 51-53.
5. *Targum Ier. Gên.* 15:1-11; *Gên. Rab.* 443-44; *Tan'huma Buber Ex.* 130; *Mid. Agadá Gên.* 34.

1. A divindade feroz aqui descrita tem mais em comum com a que atacou Jacob (*Gênese* 32:25-33) e tentou matar Moisés (*Êxodo* 4:24) do que com os convidados amigáveis recebidos por Abraão e Sara à luz brilhante do sol (*Gênese* 18:1-15). Sua presença foi mais tarde atestada por uma pilastra de fogo no Deserto (*Êxodo* 13:21, etc.) e pelo fogo que consumiu os sacrifícios de Elias no Monte Carmel (*Reis I,* 18:38).

2. Este mito de uma aliança entre carcaças partidas autoriza um rito solene hebraico que ainda era realizado em Jerusalém no século VI a.E.C. No cerco de Nabucodonosor, o Rei Zedequias e seus cortesãos juraram que libertariam seus servos hebreus, de acordo com a Lei; mas não o fizeram quando o cerco foi temporariamente suspenso. Jeremias então recordou-lhes o

juramento de seus ancestrais: libertar todo servo hebreu após seis anos de serviço (*Êxodo* 21:2). Esta aliança, negligenciada durante gerações, havia sido recentemente renovada no Templo por sacerdotes, líderes e homens livres de Judá que passaram entre os quartos partidos de uma novilha. Jeremias, portanto, profetizou que aquele último rompimento de um compromisso — que profanara o nome de Deus — seria punido no caso de alguns com a escravidão, no de outros com aves de rapina e feras enviadas para dilacerar seus cadáveres (*Jeremias* 34:1-22).

3. No hebraico bíblico as alianças não eram "feitas", mas sim "talhadas" (*karat b'rit — Gênese* 15:18; 21:27, etc.); ou "passadas por" (*'avar biv'rit — Deuteronômio* 29:11); ou "entradas em" (*Ezequiel* 16:8); ou "concertadas perante" (*Reis II*, 23:3). Isto prova a antigüidade do rito que ainda é praticado pelas tribos Male e Baka do sudoeste da Etiópia: o homem que "talha" a aliança lambuza-se com sangue das carcaças partidas. Na prática hebraica posterior, os que prestavam votos eram borrifados com sangue de animais sacrificados no altar — o "sangue da aliança" (*Êxodo* 24:5-8).

4. Uma vez que as aves de rapina mencionadas tanto no *Gênese* quanto em *Jeremias* significam castigo divino dos transgressores, o rito importa numa declaração: "Se eu não trilhar sinceramente a estreita vereda da verdade, que meu corpo seja partido em dois como estas carcaças; e que aves de rapina e feras o estraçalhem!" Assim, o Rei Saul cortou em pedaços uma junta de bois, que ele fez com que percorresse Israel com a mensagem: "Ou vem lutar ao lado de Saul e Samuel, ou será tratado como estes bois!" (*Samuel I*, 11:7). No mito grego, o compromisso assumido pelos pretendentes de Helena, por uma ação comum contra quem quer que enganasse o homem que ela escolhera para se casar, foi tomado, segundo Pausânias, sobre os pedaços partidos de um cavalo, o animal sagrado de Posêidon. Os animais aqui escolhidos por Abraão eram sagrados, deve-se observar, a três outras divindades que não o deus-Touro El. A novilha para a deusa-Lua cananéia; a cabra para a deusa filistéia, mãe do Zeus cretense, que os gregos conheciam como Amaltéia; o carneiro ao deus-Céu sumério, ou a Amon, com cabeça de carneiro, do Egito.

5. Na lista de impérios midráshicos, "Média" significa Pérsia; e Grécia e Roma foram fundidas pela listagem de Alexandre, Gaio Calígula (se é correta a emenda de *GSQLGS* para "Gaio Calígula") e Antonino Pio como reis gregos. Se mais dois animais estivessem disponíveis, Alexandre e os dois principais opressores selêucidas de Israel, Antíoco Epifano e Antíoco Sideta, teriam representado os gregos. Pompeu, Calígula e Antonino Pio (138-161 E.C.), os romanos. Roma é chamada de "Edom" porque o Rei Herodes, "o Cruel", cuja tomada do trono judeu foi confirmada pelo Imperador Augusto, era um edomita; esse costume evitava uma ofensa direta às autoridades romanas.

6. No tempo de Abraão, segundo o *Gênese*, a Terra Prometida continha não apenas povos antigos como os amoritas, cananeus, quenitas e refains, mas também os cadmonitas (*bene Kedem*, ou "Homens do Leste"), invasores vindos do deserto da Síria; os quenazitas, um clã edomita (*Gênese* 36:11); os perizitas ("Feresitas" em *Esdras I*, 8:69), cuja identidade ainda é um enigma; os hititas; os guirgashitas (talvez os *QRQShA*, aliados dos hititas em sua guerra contra Ramsés II); e os jebusitas, cuja origem é desconhecida, mas cujo Rei Abdu-Chipa ("Escravo de [a Deusa] Chipa — ver 10:10) reconheceu a soberania egípcia no século XIV a.E.C. (*ver* 27:6).

7. O emblema de Israel, uma pomba (*Oséias* 7:11; 11:11), era a *columba livia* não-migratória, que freqüentava rochedos e cavernas (*Jeremias* 48:28 e *Cânticos* 2:14), enquanto que a pomba-rola migratória (*turtur communis*) representava os ismaelitas nômades e seus parentes, os edomitas.

29

ISMAEL

(a) Após dez anos de matrimônio, Sarai, mulher de Abrão, acreditando-se estéril, ofereceu-lhe sua escrava egípcia Agar para ser sua concubina. Abrão, então com 85 anos de idade, aceitou o presente. Quando Agar concebeu e Sarai queixou-se a Abrão de estar sendo desprezada por ela, ele respondeu: "Faz como quiseres com Agar. Não é ela tua escrava?" Sarai tomou o conselho ao pé da letra e atormentou Agar de uma forma tão cruel que esta fugiu. Deus, disfarçado na forma de um anjo, encontrou-a em uma fonte do Deserto, entre Kadesh e Bered, no caminho de quem vinha de Shur, e perguntou por que ela estava ali. Quando Agar respondeu: "Fugi dos maus-tratos de minha senhora", Deus lhe disse que voltasse e suportasse tudo em silêncio, prometendo-lhe que ela seria a mãe de uma raça de guerreiros. E prosseguiu: "Teu filho se chamará Ismael, pois Deus *escutou* teu clamor de sofrimento. Ismael viverá no Deserto, como um jumento bravo, e se manterá pela força das armas."

Agar gritou: "*Aquele Que Vive me viu!*", e chamou a fonte de Laai-Roi. Voltou então para sua ama, e teve um filho de Abrão, o qual, como era devido, chamou-se Ismael.[1]

(b) Muitos anos mais tarde, quando Sarai teve Isaac, seu filho na velhice, viu Ismael embalando alegremente a criança, e disse a Abrão: "Expulsa esta serva e o filho dela. Isaac é o teu herdeiro, não Ismael." Abrão entristeceu-se com estas palavras, mas Deus o reconfortou: "Não te entristeças por Agar, nem tampouco por Ismael! Faz como diz Sarai; porque os filhos de Isaac serão Meu povo escolhido. Não obstante, uma vez que Ismael também é teu filho, os filhos dele se tornarão uma grande nação."

(c) Abrão levantou-se cedo e, dando a Agar um pão e um odre de água, mandou-a embora com Ismael nos braços para o Deserto de Bersheva. Quando o odre secou, ela deitou Ismael sob um arbusto e sentou-se à distância de um tiro de flecha, dizendo: "Que eu não veja meu filho perecer!" Enquanto ela chorava, um anjo ouviu Ismael dizendo o nome de Deus e disse: "Não chores mais, Agar! *Deus ouviu* a voz de teu filho. Toma-o de novo em teus braços e segura-o com força, pois Ismael se tornará uma grande nação." Então os olhos de Agar se abriram e vendo uma fonte, tornou a encher o odre e deu de beber à criança. Deus cuidou de Ismael, que depois disso viveu no Deserto de Paran. Agar casou-o com uma egípcia, que se chamava Meribá, porque era dada a *altercações*. Apesar de que outros a chamam de Isa, uma moabita.[2]

(d) Alguns dizem que, exasperada com a presunção de Agar, Sarai arrancou-a da cama de Abrão, atirou-lhe sandálias na cara e lançou-lhe um mau-olhado de forma que o primeiro filho de Agar, uma menina, morreu ao nascer. Também fez com que Agar andasse atrás dela, com baldes e toalhas, para a casa de banhos. Sarai depois pôs olho-grande em Ismael, que cresceu tão fraco e mirrado, que já nem conseguia mais caminhar. Portanto, quando Abrão expulsou Agar, ela teve de carregar Ismael nas costas — apesar deste já ter dezessete anos, ou talvez, vinte e cinco anos de idade; e sentindo uma sede tão forte que o odre de água logo secou.[3]

(e) Alguns absolvem Sarai de culpa, dizendo que Ismael, quando criança, atirou uma flecha contra Isaac, não o acertando, porém; e mais tarde, ergueu um altar a um falso deus, adorou ídolos, caçou gafanhotos, deitou-se com rameiras, violentou virgens. Ismael também ironizou aqueles que disseram que Isaac receberia a parte dupla do primogênito após a morte de Abrão, perguntando: "E não sou eu o primogênito?"[4]

(f) Outros dizem que quando Deus permitiu que a fonte brotasse no Deserto, para salvar a vida de Ismael, seus Anjos Oficiantes protestaram: "Senhor do Universo, por que poupar alguém que deixará Vossos filhos escolhidos morrerem de sede?" Deus perguntou: "Ele me honra agora?" Responderam: "Ele ainda vive na retidão." Deus disse: "Julgo cada homem como ele é agora, não como virá a ser!"[5]

(g) Outros, ainda, negam a idolatria e os descaminhos de Ismael. Dizem que Abrão, muitos anos após a expulsão de Agar, falou a Sara: "Anseio por visitar meu filho Ismael." Sara clamou: "Ficai, meu senhor, eu vos suplico!" No entanto, vendo Abrão determinado a encetar a viagem, o fez jurar não apear de seu camelo quando chegasse à tenda de Ismael, para que seu coração não se voltasse contra Isaac.

Abrão cavalgou até o deserto de Paran e, por volta do meio-dia, encontrou a tenda de Ismael, mas nem este nem Agar estavam em casa. Somente Meribá, a mulher dele, e alguns filhos pequenos. Abrão perguntou: "Onde está Ismael?" Meribá respondeu: "Foi caçar." Abrão, mantendo a promessa que fizera a Sara, não apeou. "Dê-me algo com que me refrescar, filha", disse ele, "pois a viagem me deixou fraco." Meribá disse: "Não temos nem água nem pão." Ela não saiu da tenda, nem olhou para Abrão, nem lhe perguntou o nome; em vez disso ficou batendo nos filhos pequenos e xingando o ausente Ismael. Abrão, muito aborrecido, ordenou a Meribá que se aproximasse dele. E então, ainda montado em seu camelo, disse: "Quando teu marido voltar, diz-lhe: 'Um homem idoso, com a aparência assim-assim, veio da Terra dos Filisteus até aqui, à tua procura. Não lhe perguntei o nome, mas disse-lhe que não estavas. Em seguida ele disse: Recomenda a teu marido que jogue fora a estaca desta tenda e corte outra!'" E então Abrão foi-se embora. Quando Ismael retornou, Meribá deu o recado, pelo que ele entendeu que a esposa tinha negado hospitalidade a seu pai. Obedeceu a

Abrão, divorciando-se de Meribá e casando-se com outra mulher, Patuma, parenta de sua mãe.

Três anos depois, Abrão voltou a visitar a tenda de Ismael. Patuma correu para recepcioná-lo, dizendo: "Lamento que meu senhor Ismael tenha saído para caçar. Entrai para vos refrescar, enquanto esperais por ele; pois deveis estar muito cansado da viagem." Abrão respondeu: "Não posso desmontar; mas peço-te que me dês água para que eu mate a sede!" Patuma trouxe-lhe água e também insistiu com ele para que comesse pão; o que ele fez satisfeito, abençoando Ismael, e a Deus também. Abrão disse a Patuma: "Quando Ismael voltar, diga-lhe: 'Um homem idoso, de aparência tal e tal, veio da Terra dos Filisteus até aqui à tua procura. Ele disse:'Garante a teu marido que a nova estaca da tenda é excelente; que ele não a jogue fora!'" Ao receber esta mensagem, Ismael compreendeu que Patuma havia recebido o sogro com o devido respeito; e em seguida levou-a com seus filhos, seus rebanhos, seu gado e seus camelos, para visitar Abrão na Terra dos Filisteus, onde passaram muitos dias; e sua casa prosperou.[6]

(h) Ismael só voltou a encontrar Isaac uma vez: quando, juntos, enterraram Abrão na Caverna de Machpelá, em Hebron.[7]

(i) Quando Ismael morreu, aos cento e trinta e sete anos, tinha doze filhos. Eram Nebaiote, Kedar, Adbeel, Mibsam, Misma, Dumá, Massá, Hadad, Tema, Jetur, Nafish e Kedmá. Cada um deles se tornou príncipe e cada um teve uma cidade, da qual seu povo saiu vagando pelo mundo.[8]

1. *Gênese* 16:1-16.
2. *Gênese* 21:8-21; *PRE,* cap. 30; *Sefer Haiashar* 69-70.
3. *Gên. Rab.* 453-54, 570.
4. *Tosefta Sota* 304; *Gên. Rab.* 567-68; *Sefer Haiashar* 69-70; *PRE,* cap. 30.
5. *Gên. Rab.* 572-73.
6. *Sefer Haiashar* 70-72; *PRE,* cap. 30.
7. *Gênese* 25:9.
8. *Gênese* 25:12-28.

1. Este mito serve de apoio às pretensões israelitas a uma ascendência mais nobre, ainda que posterior, a seus parentes do sul, que foram forçados a viver no deserto por sua madrasta, Sara. *Agar,* na língua árabe do sul, significa "povoado", o que explica por que dizem que seus netos viveram em cidades deles próprios.

Laai-Roi, mais provavelmente, significa "Fonte da Queixada do Reem", analogamente a outras denominadas em homenagem a animais, tais como *En-Guedi,* "Fonte do Cabrito" (*Josué* 15:62) e *En-Eglaim,* "Fonte das Duas Novilhas" (*Ezequiel* 47:10). Em *Juízes* 15:17-19, Sansão, como Ismael, tem sua sede aplacada por Deus em uma fonte chamada Lehi ("queixada").

Bered é identificada pelo *Targum Ier.* com Kahlasa, importante cidade na estrada que vai de Bersheva ao Egito. Kadesh, a leste de Bered, possuía uma fonte oracular, En-Mishpat (*Gênese* 14:7).

2. Um paralelo bem próximo para o difícil relacionamento entre Abrão, Sara e Agar pode ser encontrado no Código de Hamurabi: "Se um homem desposa uma sacerdotisa — *naditum* (uma hierodula, ou serva do templo, proibida de ter filhos) — e se ela dá ao marido uma escrava para lhe fazer filhos, e se depois disso essa escrava exige honras iguais às de sua senhora, por causa dos filhos que ela teve, a sacerdotisa não deve vendê-la, e sim fazê-la retornar à servidão entre seus companheiros escravos." Atirar uma sandália em uma propriedade era um ato ritual de afirmação de posse (*Rute* 4:7; *Salmos* 60:10). Sara atira uma sandália no rosto de Agar para lembrar-lhe sua servidão.

3. Abrão circuncidou Ismael aos treze anos de idade (*Gênese* 17:25) — sendo originalmente a circuncisão um rito pré-nupcial — e Isaac nasceu cerca de um ano depois (*Gênese* 18:1-15; 21:1 ss.); pelo que Ismael é quatorze anos mais velho. Uma vez que Ismael aqui aparece como um bebê de colo, que Agar deita sob uma moita, um mitógrafo posterior comentou essa inconsistência explicando que Sara lhe havia posto mau-olhado, de forma que ele cresceu mirrado. O fato de ele pegar gafanhotos provavelmente significa que Sara suspeitava que Agar planejava suplantá-la na afeição de Abrão: segundo o *Kebra Nagast* etíope, a filha do Faraó usou gafanhotos e um cordão escarlate para seduzir o Rei Salomão.

4. O Deserto de Paran, ocupado por Ismael, fica no norte do Sinai. A maior parte das doze tribos ismaelitas aqui relacionadas aparece em outros registros; mas sua confederação não parece ter sido estabelecida com firmeza. Em *Juízes* 13:24 os midianitas são considerados ismaelitas, apesar de *Gênese* 25:1 ss. dar Midian como meio-irmão de Ismael. Nebaiote e Kedar, os dois primeiros filhos de Ismael, são mencionados por *Isaías* 42:11; 60:7; *Jeremias* 49:28; *Ezequiel* 17:21. O território de Nebaiote ficava a leste do Mar Morto; ao norte de Nebaiote, o de Kedar, no Deserto da Síria. Nebaiote, implausivelmente, foi identificada com os nabateus. O território de Hadad é desconhecido; porém *Hadad* era um deus-Tempestade cananeu. *Kedmá* significa "Povo do Leste" — provavelmente o Deserto da Síria.

5. Adbeel, Massá e Tema aparecem em registros do rei assírio Tiglat-Pileser III (século VIII a.E.C.) como os *Idiba'ilitas, Mas'a* e *Tema* — todos tribos árabes. Os registros de Assurbanípal (século VII a.E.C.) tem os nomes *Su-mu'-il*, ou *Ishmael*, cujo rei foi Uate ou Iaute, e Kedar, cujo rei foi Amuladi. Tiglat-Pileser deu a Idibi'lu da Arábia a tarefa de guardar a fronteira egípcia e, após a conquista dos filisteus, deu-lhe vinte e cinco de suas cidades. Tema é o oásis do norte da Arábia, ainda chamada de Taima. Dumá parece ser Adumatu, um oásis e forte no deserto da Síria, conquistado por Senaqueribe. Mibsam e Misma são relacionados em *Crônicas I*, 4:25 entre os filhos de Simeão, o que sugere que a tribo israelita de Simeão, cujo território se espalhava da Judéia em direção ao Sul, assimilou pelo menos parte deles.

6. Jetur e Nafish são mencionados em *Crônicas I*, 5:19, junto com Nodab e os hagritas, como tribos contra as quais os israelitas da Transjordânia — Reuven, Gad e a meia-tribo de Manassés — guerrearam. A mesma passagem (5:21) indica que os hagritas eram criadores de camelos e pastores. Josefo, São Lucas e os Doutores da Igreja mencionam os jeturitas, ou itureus (*Itouraioi*). Seu território fazia fronteira com Edom (Iduméia) e, em 104 a.E.C., o Rei Aristóbulo, o hasmoneu, anexou parte dele, ao mesmo tempo em que forçou os hitureus a se converterem ao judaísmo. Duas gerações mais tarde, foram para o norte e ocuparam partes da região de Hermon

e da Síria, onde, nos tempos evangélicos, o filho de Herodes, Filipe, o Tetrarca, os governou. Seus arqueiros serviram como auxiliares dos romanos e são mencionados por Virgílio e Cícero — que os chamam de "a raça mais selvagem do mundo".

7. Depois que David fundou o seu reino e reforçou os nômades arameus, os ismaelitas parecem ter sido forçados para o sul, onde se mesclaram com tribos árabes mais bem estabelecidas. Subseqüentemente os árabes aceitaram o ponto de vista, que ainda sustentam, de que todas as tribos árabes do norte, ou Adnani, descendiam de Ismael. O nome de Agar foi preservado pelos hagritas (*Hagrim* ou *Hagri'im*), uma tribo mencionada com Jetur e Nafish em *Crônicas I*, 5:19, e com os ismaelitas em *Salmos* 83:7. Eratóstenes, citado por Estrabão, os localiza a leste de Petra.

30
ABRAÃO EM GERAR

(a) Em Gerar, entre Kadesh e Shur, Abrão mais uma vez fez Sarai passar por sua irmã. Quando o Rei Abimeleque, de Gerar, quis desfrutar dela, Deus o ameaçou de morte. Tal como o Faraó, Abimeleque protestou inocência; mas Deus respondeu: "Não obstante, corrige-te enviando Sarai de volta e pedindo Abrão que interceda por ti!" E isto Abimeleque fez, apesar de censurar Abrão, que disse, sem se deixar perturbar: "Quando os deuses me fizeram vagar pelo estrangeiro, ordenei a minha mulher: 'Diz a todos que encontrares que sou teu irmão!' — o que é verdade."

O Rei Abimeleque deu a Abrão bois, ovelhas, servas e mil peças de prata, e o convidou a ficar em Gerar. Abrão então fez sua intercessão, e Deus, que havia fechado as entranhas de todas as mulheres de Gerar, restituiu-lhes a fertilidade.[1]

(b) Alguns dizem que Miguel ameaçou Abimeleque com uma espada e rebateu suas desculpas, argumentando: "Quando estrangeiros entram em uma cidade é apropriado oferecer-lhes comida; mas impróprio inquirir pelas mulheres deles. Uma vez que inquiriste por Sarai, Abrão temeu que teus homens pudessem matá-lo se ele admitisse ser ela a sua esposa. A culpa portanto deve ser tua!"

Explicam também que Deus não se limitou a tornar estéreis as mulheres de Gerar: Ele fechou todos os seus outros orifícios secretos, e os dos homens também, de forma que ao amanhecer, o povo, gravemente perturbado, se reuniu, queixando-se: "Pelos céus, mais uma noite como essa e estaremos todos mortos!"[2]

1. *Gênese* 20:1-18.
2. *PRE*, cap. 26; *B. Baba Kama* 92a; *B. Makot* 9b; *Pesikta Rabati* 176b; *Gên. Rab.* 553.

1. Gerar era o nome tanto de um reino quanto de sua capital. A Terra de Gerar ficava na fronteira sudoeste de Canaã, separando-a do Egito, entre Gaza e Bersheva. A cidade de Gerar localizava-se no vale de Gerar, ou perto dele, o qual é identificado por alguns eruditos com o moderno vádi Shari'á, a noroeste de Bersheva, e por outros com o moderno vádi Gaza, bem a oeste de Bersheva. Mas o nome do país sobreviveu até os tempos bizantinos, quando o bispo Euzébio de Cesaréia o chamou de Gerarítica.
2. A designação de Abimeleque como rei filisteu (*Gênese* 21:33-34; 26:1, 8, 18) foi encarada como um anacronismo, uma vez que se costuma admitir que a chegada dos filisteus a Canaã teria ocorrido em torno de 1200 a.E.C., enquanto que Abrão viveu na segunda metade do século

XV a.E.C. Um número crescente de eruditos, no entanto, inclina-se ao ponto de vista de que a invasão filistéia de 1200 a.E.C. não foi a primeira (tal como Josué foi apenas a fase conclusiva de um prolongado processo de imigração hebraica para Canaã) e que alguns filisteus podem muito bem ter-se estabelecido em Gerar por volta de 1500 a.E.C.

3. A terra original dos filisteus era Caftor, o que não se refere necessariamente à Ilha de Creta (*Keftiu* em egípcio) apenas, mas sim à esfera minóica em geral, incluindo o sudoeste da Ásia Menor. A cultura minóica ou caftoriana recua até o terceiro milênio a.E.C., e um exemplo de seu antigo impacto sobre a costa leste do Mediterrâneo é a localização em Caftor da oficina de Kotar va-Chasis. Este foi o artesão divino conhecido pelos gregos do século XIV a.E.C. como Dédalo. Em 1196 a.E.C. os Povos do Mar foram derrotados por Ramsés III, cujos monumentos em Medinet Habu retratam usando os capacetes característicos desses povos — a palavra bíblica para capacete, "*kova*", foi tomada do filisteu, uma língua não-semita. Os monumentos egípcios mencionam vários "Povos do Mar", entre os quais os Pulasati, ou Purasati, que foram definitivamente identificados com os filisteus.

4. Um antigo monumento do Faraó Merneptá (final do século XIII a.E.C.) menciona os Akaiwasha ou Ekwesh como um dos Povos do Mar. Estes foram relacionados por Eduard Meyer e outros como os Achiiava, cujo reino floresceu nos séculos XIV e XIII a.E.C., em Panfília (sul da Ásia Menor), apesar de alguns historiadores encararem a Ilha de Rodes como sua base principal. Sabe-se que penetravam também em Chipre, que são encarados como aqueus (*Achivi* em latim), e foram identificados com os hivi, ou hivitas, freqüentemente citados na Bíblia como um dos povos pré-israelitas encontrados em Canaã.

31

O NASCIMENTO DE ISAAC

(a) Quando Abrão tinha noventa e nove anos, Deus mudou seu nome para *Abraão,* que significa "Pai de Muitas Nações", mais uma vez anunciando que seus descendentes governariam toda a Terra de Canaã, mas agora submetendo essa promessa à condição da circuncisão de todo menino, aos oito dias de idade. Então Abraão circuncidou a si próprio e a todos de sua casa. Deus também mudou o nome de Sarai para *Sara,* que significa "Princesa", prometendo que ela se tornaria mãe de nações.

Abraão prostrou-se diante de Deus, com o rosto no chão, mas secretamente riu consigo mesmo, pensando: "Como é que uma criança pode nascer de uma mulher de noventa anos, com um marido de cem anos?" No entanto, precisando de uma garantia de que pelo menos Ismael prosperaria, ele disse: "Oh, que meu filho Ismael possa cumprir Vossos propósitos!" Deus respondeu: "Não declarei Eu que Sara te dará um filho? E uma vez que riste da Minha Promessa, o chamarás de *Isaac.* Ismael já foi abençoado como o futuro pai de doze príncipes e ancestral de uma grande nação; mas farei Minha aliança eterna com Isaac, que Sara te dará no ano que vem."

E assim dizendo, Deus desapareceu.[1]

(b) Não muito tempo depois, estando Abraão sentado à porta de sua tenda, no bosque de terebintos de Mamré, três estranhos se aproximaram. Ele os convidou a que lavassem os pés e se refrescassem. Enquanto Sara assava uma grande quantidade de bolos de farinha pura, Abraão apressou-se a matar uma novilha para a refeição e ofereceu aos estranhos, além disso, coalhada e creme azedo. Sentaram-se à sombra de uma árvore e em seguida perguntaram onde estava Sara. Abraão respondeu: "Ali, naquela tenda." E eles lhe disseram: "Daqui a um ano ela te dará um filho."

Sara riu consigo mesma ao ouvir esta profecia, uma vez que seus períodos mensais há muito tinham se encerrado.

Eles perguntaram: "Por que Sara ri? Existe alguma coisa que Deus não possa realizar?"

"Eu não ri!", protestou Sara, enrubescendo.

"Riste, sim!", repetiram eles.

Os visitantes de Abraão então se levantaram para partir, e Abraão acompanhou-os um pedaço do caminho. Eles se dirigiam a Sodoma.[2]

(c) No ano seguinte Sara teve um filho, que Abraão chamou de Isaac, e circuncidou após oito dias. Sara disse: "O mundo inteiro rirá quando souberem que estou amamentando o filho de Abraão." Mas este deu uma grande festa no dia do desmame de Isaac.[3]

(d) Alguns dizem que astrólogos traçaram o horóscopo de Abraão e lhe disseram: "Nunca terás um filho!" Mas Deus o tranqüilizou: "Esse horóscopo foi tirado para Abrão; por isso, mudei teu nome e, como Abraão, terás um filho. Também mudei o nome de Sarai por causa do horóscopo dela."[4]

(e) Outros dizem que o nascimento de Isaac foi anunciado três dias após a circuncisão promovida por Abraão de toda a sua casa, e que Deus enviou Miguel, Gabriel e Rafael para reconfortarem Abraão, que sentia muitas dores, como sempre acontece no terceiro dia. Os arcanjos protestaram: "Então nos mandais para um lugar impuro, cheio de sangue?" Deus respondeu: "Por vossas vidas, o odor do sacrifício de Abraão me agrada mais do que a mirra e o incenso! Deverei ir Eu Mesmo?" E eles então O acompanharam disfarçados de viandantes árabes. Miguel deveria anunciar o nascimento de Isaac; Rafael deveria aliviar o sofrimento de Abraão; e Gabriel deveria destruir a pervertida cidade de Sodoma.[5]

1. *Gênese* 17:1-22.
2. *Gênese* 18:1-16.
3. *Gênese* 21:1-8.
4. *Gên. Rab.* 432; *Pesikta Rabati* 179a.
5. *Tan'huma Buber Gên.* 85-86; *B. Baba Metzia* 86b; *Gên. Rab.* 517-18.

1. A narrativa se alterna freqüentemente entre as formas verbais singular e plural quando se refere à divindade aqui chamada de Elohim. Apesar de Gunkel e outros terem tentado resolver esta aparente inconsistência, sugerindo que o capítulo se baseava em diversas fontes diferentes, a alternativa aparece escolhida deliberadamente para enfatizar o poder de Deus para aparecer como trindade. O caráter divino dos estrangeiros (ou "Estrangeiro") é transmitido pelo conhecimento de que a mulher de Abraão agora se chama Sara e de que a falta de filhos era a sua maior tristeza. Também sabiam que Sara ria consigo mesma, apesar dela ter permanecido oculta. Os comentaristas dos *midrashim* fazem desses três estrangeiros Arcanjos.
2. A longa esterilidade de Sara encontra paralelismo nos mitos de Rebeca (*Gênese* 15 — ver 38.*a*), Raquel (*Gênese* 29 — ver 45.*a*), da mãe de Sansão, cujo nome não é revelado (*Juízes* 13), da mãe de Samuel, Ana (*Samuel I*, 1), e da esposa do herói babilônio Etana.
3. O fato de Deus ter mudado o nome de Abrão para "Abraão" à primeira vista não parece merecer a importância que recebe aqui, uma vez que ambos são variantes do mesmo título real, *Abamrama*, ou *Abiramu*, ocorrendo em lousas cuneiformes dos séculos XIX e XVII a.E.C.; o mesmo ocorre com "Abiram", nome de um importante conspirador contra Moisés (*Números*

16:1). *Abiramu* significa "O Deus Ram é [Meu] Pai", ou pode ser lido como "O Pai é Glorificado". "Pai de Muitas Nações", o significado dado a "Abraão" no *Gênese*, é no entanto confirmado pelo árabe *raham*, que significa "multidão". O nome divino *Ram* ocorre também em Adoniram, Jeoram, Malchi-ram; e seu plural (*Jó* 21:22) é usado para descrever seres celestiais. Um rei de Edom no tempo de Senaqueribe chamava-se Malik-ramu — "Ram é Rei".

Eram comuns em Israel as mudanças de nomes nas cerimônias de coroação ou de posse em um cargo importante; assim, Oséias tornou-se Josué (*Números* 13:16), Gideão, tornou-se Jerubaal (*Juízes* 6:32), Jededias se tornou Salomão (*Samuel II*, 12:25), Eliaquim se tornou Jeoiaquim (*Reis II*, 23:34), Matanias tornou-se Zedequias (*Reis II*, 24:17). A adoção por Jacob do título "Israel" (*Gênese* 32:29 — ver 47.*b*) pode ser mais um exemplo.

4. "Sarai" também é apenas uma outra forma mais antiga de "Sara", ambas derivadas de um antigo nome semita que significa "rainha" ou "princesa". Uma deusa chamada Sharit ou Sharaiat (o equivalente fonêmico de Sarai) era adorada em Bozrá, no Hauran. Isto sugere que a narrativa do casamento de Abraão e Sara registra a união de uma tribo aramaica patriarcal, chefiada por um líder sacerdotal, com uma tribo proto-árabe matriarcal, chefiada por uma princesa-sacerdotisa.

5. As coalhadas e o leite azedo oferecidos aos convidados de Abraão são traduzidos como "manteiga" na Versão Autorizada. O leite, despejado em um odre de pele e sacudido, adquiria o gosto agradavelmente azedo do creme de leite.

6. A Bíblia não demonstra nenhuma reverência particular por Abraão, até os tempos de Ezequiel (início do século VI a.E.C. — *Ezequiel* 33:24); nem tampouco por Sara, até os tempos de Ezra, quando foi escrito *Isaías* 51:2.

7. A gravidez de Sara aos noventa anos de idade é um exemplo curioso de como os editores devotos convertiam acontecimentos incomuns em milagres. Aqui eles tomaram literalmente o exagero irônico que Abraão faz de sua própria idade e da de Sara, ao ficar sabendo que ela lhe daria um filho após talvez uns trinta anos de casamento. Que ela já tenha passado da menopausa é um comentário editorial, não uma afirmativa de Abraão. A ampliação que os *midrashim* fazem do milagre (*Pesikta Rabati* 177 a-b; *Tan'huma Buber Gên.* 107-08; *Gên. Rab.* 561, 564; *B. Baba Metzia* 87a) se deu de forma copiosa: assim, as mulheres da Casa de Abraão começaram a achar que Isaac era um filho arranjado e resolveram testar a maternidade de Sara, convidando-a a amamentar os filhos delas próprias. Quando esta, acanhadamente, recusou, suas suspeitas cresceram ainda mais, até que Abraão disse a Sara: "Descobre teus seios e fornece leite a toda essa cria!", o que ela fez.

32

LOT EM SODOMA

(a) Deus hesitou antes de confiar a Abraão que pretendia destruir Sodoma; mas o fez, após ter sido recebido de forma tão hospitaleira em Mamré. E disse a ele: "A má fama de Sodoma e Gomorra chegou a Meus ouvidos. Pois agora descerei e verei se isso foi exagero". Abraão chegou-se mais perto e disse: "Mas iria o meu Senhor varrer da face da terra os bons junto com os maus? Pode ser que haja cinqüenta homens justos em Sodoma!" Deus respondeu: "Pelos cinqüenta homens justos, Eu a pouparei." Abraão então barganhou com Deus, perguntando: "E se houver apenas quarenta e cinco desses homens? Ou trinta? Ou apenas vinte?" A cada vez, Deus respondia: "Pelo bem desses, pouparei a cidade." Finalmente, Ele concordou em deter Sua mão pelo bem de apenas dez homens justos, e partiu apressadamente.

Dois dos três anjos cuja forma Deus havia assumido chegaram a Sodoma no entardecer daquele dia. Lot os viu aproximando-se dos portões da cidade, prostrou-se humildemente e disse: "Rogo-vos que vos volteis, meus senhores, laveis vossos pés e passeis a noite em minha casa!" Eles responderam: "Não te incomodes. Podemos dormir na rua." Lot, no entanto, convenceu-os a visitar sua casa, onde assou pão ázimo, e eles comeram fartamente em sua companhia.

Enquanto isso, uma multidão de sodomitas cercou a casa de Lot, gritando: "Onde estão os jovens estrangeiros que trouxeste para cá? Manda-os aqui para fora, para o nosso prazer!" Lot foi para a rua e trancou a porta às suas costas, suplicando: "Peço-vos, vizinhos, refreai-vos de tal perversidade! Aqueles homens são meus hóspedes, e não posso permitir que abuseis deles. Preferiria que deflorásseis minhas duas filhas virgens; e vô-las trarei imediatamente, se isso satisfizer vossa concupiscência."

Eles gritaram: "Para trás! Um recém-chegado a Sodoma, e ainda ousa nos reprovar? Cuidado, para não fazermos pior contigo do que com esses estrangeiros!"

Empurrando Lot para o lado, tentaram forçar a entrada; mas os anjos os cegaram, destrancaram a porta pelo lado de dentro, salvaram Lot e voltaram a trancá-la. Os sodomitas, após ficarem girando às cegas inutilmente, retiraram-se praguejando.

Os anjos perguntaram a Lot: "Tens aqui algum parente — filhos, filhas ou genros? Se tiveres, reúne-os rapidamente e foge, pois temos ordens de destruir esta cidade." Lot saiu, procurou seus genros e insistiu para que fugissem com ele; mas eles riram dessa profecia de condenação iminente. Pouco antes do nascer do sol, os anjos disseram: "Vamos agora, pega tua esposa e essas tuas duas filhas e foge sem demora, senão perecerão!"

E como Lot tardasse, eles o agarraram pelas mãos e o puxaram para fora, com o aviso: "Que ninguém olhe para trás, nem pare em parte alguma na Planície; fujam para as colinas!" Lot replicou: "Não, meus senhores! Vós nos haveis mostrado grande gentileza; no entanto, se fugirmos para as colinas, morreremos de fome e sede. Sei de uma pequena cidade próxima daqui. Dai-nos permissão de buscar refúgio nela." E eles responderam: "Façam assim e, por todos vocês, não a destruiremos; mas apressem-se, porque a vingança de Deus contra Sodoma e Gomorra vai começar!"

Quando o sol nasceu, Lot e sua família entraram naquela *pequena* cidade — mais tarde chamada "Zoar" em memória de sua súplica. Deus então fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra, destruindo assim todas as Cidades da Planície, com exceção de Zoar, e também todas as suas populações, seus animais e suas lavouras. Mas a mulher de Lot, retardando-se, olhou para trás e foi transformada em uma coluna de sal. Enquanto isso, Abraão via a fumaça de Sodoma e Gomorra erguer-se como a de uma fornalha.[1]

(b) Os sodomitas contavam entre as nações mais ricas do mundo; pois se um homem precisasse de ervas aromáticas, dizia a um escravo: "Vai buscar-me um pouco!" O escravo ia até uma horta e descobria ouro por baixo das raízes; da mesma forma, quando o milho era colhido, encontravam-se prata, pérolas e pedras preciosas engendradas sob o restolho. Grandes riquezas, no entanto, levam os homens à perdição. Um sodomita jamais dava uma migalha que fosse a algum estrangeiro; e era capaz até de podar suas figueiras, para que os pássaros não pudessem comer os frutos que pendiam fora do alcance da mão.

Sodoma era segura contra ataques; ainda assim, para desencorajar visitantes, seus cidadãos votaram uma lei segundo a qual quem quer que oferecesse alimento a um estranho devia ser queimado vivo. Em vez disso, deveriam roubar do estranho tudo que ele tivesse e pô-lo para fora da cidade nu em pêlo.[2]

(c) Uma vez por ano, eles faziam um festival e dançavam sobre a relva, ao lado de fontes de água fresca, ao som de tambores. Quando já tinham bebido bastante, os homens pegavam as mulheres dos vizinhos, ou suas filhas virgens, e desfrutavam delas. E homem nenhum se importava caso sua própria esposa ou filha estivesse se divertindo com seu vizinho; todos porém se divertiam juntos, do amanhecer ao pôr-do-sol, durante aqueles quatro dias de festival, e voltavam para casa sem qualquer constrangimento.[3]

(d) Nas ruas de Sodoma colocavam-se camas para medir os estrangeiros. Se um homem fosse menor do que a cama na qual o haviam deitado, três sodomitas lhe prendiam as pernas, outros três lhe seguravam a cabeça e os braços, e o esticavam até que ele chegasse ao tamanho certo. Mas se ele fosse mais comprido do que a cama, forçavam sua cabeça para baixo e as pernas para cima. Quando o pobre desgraçado gritava em agonia, os sodomitas diziam: "Calma! este é um antigo costume daqui."[4]

(e) Na cidade de Adamá, perto de Sodoma, vivia a filha de um homem rico. Certo dia, um viandante sentou-se à porta da casa dela e ela lhe trouxe pão e água. Os juízes da cidade, sabendo desse ato criminoso, fizeram com que ela fosse desnudada, lambuzada de mel e posta junto a uma colméia de abelhas selvagens. As abelhas então vieram e a picaram até que ela morresse. Foram seus gritos que levaram Deus a decidir a destruição de Sodoma, Gomorra, Adamá e Zeboim; e também os gritos lançados pela filha mais velha de Lot, Paltit — que dera água a um velho pobre e fora arrastada para a fogueira por causa de sua rebeldia.[5]

(f) Dizem que Idit, mulher de Lot, aflita com o destino de suas outras filhas, olhou para trás para ver se estas os seguiam. Seu corpo, uma coluna alta de sal, ainda se ergue em Sodoma. Apesar de todos os dias o gado lamber o sal, até que nada reste senão os pés, à noite a coluna é sempre miraculosamente reconstituída.[6]

1. *Gênese* 18:16-33; 19:1-28.
2. *PRE*, cap. 25; *Gên. Rab.* 523.
3. *Sefer Haiashar* 58.
4. *Sefer Haiashar* 62.
5. *PRE*, cap. 25; *Sefer Haiashar* 63-65.
6. *PRE*, cap. 25; cf. *Gên. Rab.* 504-05, 519; *B. Sanedrim* 109a-b.

1. Estrabão registra uma lenda segundo a qual, perto de Massada, uma fortaleza imponente na margem sudoeste do Mar Morto, treze cidades florescentes foram certa vez destruídas por um terremoto, erupções de betume e enxofre, e um súbito avanço do mar que varreu os habitantes em fuga. Josefo escreve: "O Lago Asfaltite [o Mar Morto] tem margens no território de Sodoma, um dia próspero, mas hoje um deserto árido, tendo Deus destruído suas cidades com relâmpagos. As 'sombras' de cinco cidades podem ser vistas naquele lugar."
2. Após atividade sísmica, encontraram-se massas de betume flutuando no Mar Morto. Diodoro da Sicília, escrevendo em 45 a.E.C., menciona esse fenômeno que voltou a ocorrer em 1834. Os *sidim* ("poços de betume") parecem ter sido brejos de sal na margem sul, dos quais era possível retirar grande quantidade de betume. O Mar Morto, como um todo, nunca foi terra seca — registram-se vibrações sonoras de cento e oitenta e oito braças (mais de quatrocentos metros) — e quando recentemente os israelenses fizeram perfurações para prospecção de petróleo perto de Sodoma (Jebel Usdum), ainda se encontrou sal a uma profundidade de mais de cinco mil metros. Não obstante, a bacia meridional, mais rasa, além da Península de Lisan, pode ter sido um dia uma planície, coberta pelas águas salgadas após sérios terremotos em torno de 1900 a.E.C. Mas o solo é ácido e nas proximidades não há ruínas mais antigas do que um cais romano. Uma vez que o vale fica cerca de quatrocentos metros abaixo do nível do mar, o calor intenso o torna quente demais para nele se morar no verão: um verdadeiro fogo no Céu. É difícil acreditar nas treze cidades prósperas mencionadas por Estrabão, ou nas cinco mencionadas por Josefo.
3. Cidades destruídas por mão divina como castigo contra comportamento pouco generoso para com estrangeiros são um lugar-comum mítico. Birket Ram, perto de Banias, no norte da

Galiléia, cratera de um vulcão extinto, segundo os árabes locais, cobre com suas águas uma cidade cujos habitantes cometeram essa falta. Ferécides registra que Gortina, em Creta, foi destruída por Apolo, devido à sua anarquia. Ovídio, em suas *Metamorfoses,* conta como um velho casal frígio, Filemon e Baucis, recebeu Zeus hospitaleiramente, e este os poupou da catástrofe que fez cair sobre seus rudes vizinhos.

4. Parte do mito é facilmente compreensível quando se desce pela estrada Bersheva–Eilat até Sodoma, e olha-se à esquerda. A visão é iludida por telhados e minaretes de uma cidade-fantasma, que são na verdade formações rochosas salinas do Jebel Usdum; e logo, perto das margens do Mar Morto, a própria esposa de Lot aparece — uma imensa coluna de sal, que se parece muito com uma mulher usando um avental cinza, o rosto virado em direção a essa cidade-fantasma. A narrativa de como ela olhou para trás, perdendo assim a sua oportunidade de salvação, encontra paralelo na conhecidíssima história de Eurídice, a mulher de Orfeu, conforme narrada por Platão. Um pequeno povoado árabe na outra margem é identificado com Zoar (*ver* 27:3).

5. A história de Lot e dos sodomitas parece ser iconotrópica; ou seja, baseada numa leitura equivocada de uma antiga pintura ou relevo. No Templo de Hierápolis — cuja planta e mobiliário correspondiam aos do templo de Salomão — um holocausto e uma orgia anuais eram celebrados: ali ocorriam atos de pederastia entre homens que assistiam ao culto e "sacerdotes do Cão" vestidos com roupas femininas, e moças solteiras agiam como prostitutas do templo. Há uma sugestão de que essas também eram práticas no Templo de Jerusalém, devido às reformas do Rei Josias (ou Hilkiá, ou Shafan), celebradas em *Deuteronômio* 22 e 23: proibições contra o uso de roupas femininas pelos homens e o pagamento para os fundos do Templo do "aluguel de uma rameira" ou "do preço de um Cão" — significando um sacerdote do Cão. O fato de que alojamentos especiais no Templo haviam sido destinados a sacerdotes do Cão, ou sodomitas, é estabelecido em *Reis II,* 23:7. Assim, um afresco mostrando essas orgias sexuais legalizadas, tendo por fundo um templo com espirais de fumaça e com uma imagem branca anicônica da deusa Anat de um lado e um sacerdote de pé à porta do Templo do outro, pôde ser lido mais tarde como uma história de advertência dos excessos sodomitas, da retidão de Lot, da metamorfose de sua mulher e da destruição de sua cidade.

6. A tradição de promiscuidade sexual em Sodoma encontra paralelo na narrativa de Iakut, do século XIV, sobre orgias em Mirbat, no sul da Arábia: "Os costumes ali são os dos antigos árabes. Apesar de ser um bom povo, têm hábitos rudes e repulsivos que explicam a ausência de ciúmes entre eles. À noite, suas mulheres vão para fora da cidade e divertem os homens que não lhes são proibidos [pelas leis do incesto], gozando com eles a maior parte da noite: um homem não dá a menor atenção quando vê sua esposa, irmã, mãe ou a irmã de seu pai nos braços de um vizinho; na verdade, ele próprio procura alguma outra companheira, e é divertido por ela, como se fosse sua própria esposa." Mas os editores espanhóis do *Sefer Haiashar* podem ter observado festividades semelhantes entre o tuaregues, no Saara.

7. É discutível se as camas de tortura dos sodomitas foram tiradas da narrativa feita por Plutarco sobre Procrusto, o Taverneiro, ou de uma fonte oriental comum. Procrusto, que Teseu matou por tratar seus hóspedes dessa forma, vivia perto de Corinto, onde o palestino Melcarte ("Senhor da Cidade") era adorado como Melicertes. Vários mitos coríntios possuem contrapartidas palestinas.

33

LOT EM ZOAR

(a) Lot e suas filhas se refugiaram em uma caverna perto de Zoar. Uma vez que as duas moças achavam que Deus havia destruído toda a humanidade, exceto eles próprios, a mais velha disse à mais nova: "Nosso pai está velho e não restaram outros homens vivos. Vamos portanto, com presteza, embriagá-lo e nos tornar, por assim dizer, suas esposas, para preservarmos a humanidade da extinção." Naquela noite deram a Lot muito vinho, e a filha mais velha deitou-se com ele. No dia seguinte, porém, ele não se lembrava de nada. Mais uma vez o embriagaram. Naquela noite a filha mais moça fez o mesmo que a irmã fizera. Ambas conceberam. A mais velha chamou a seu filho Moab, dizendo: "Ele vem *de meu pai.*" E a mais jovem chamou o dela de Ben-Ami, dizendo: "Ele é *o filho de meu parente.*" Moab tornou-se o ancestral dos moabitas; e Ben-Ami, dos amonitas.[1]

(b) Há quem veja nisto a mão de Deus, porque quando eles fugiram de Sodoma não levaram vinho consigo. Não fosse pela copiosa provisão de bebidas que Deus colocou na caverna, as filhas de Lot nunca teriam conseguido convencer um homem tão direito a se deitar com elas.[2]

(c) Os filhos de Moab foram 'Ar, Maiun, Tarsion e Kanvil, a quem os moabitas prestam honra até hoje. Os filhos de Ben-Ami foram Guerim, 'Ishon, Rabot, Siló, 'Ainon e Maium, cada um dos quais construiu uma cidade com o seu próprio nome.[3]

1. *Gênese* 19:30-38.
2. *Mechilta Beshalá, Mass. diShirata* 72; *Sifre* 81a.
3. *Sefer Haiashar* 84.

1. Apesar deste mito servir para difamar os belicosos vizinhos a sudeste de Israel, os moabitas e amonitas, como tendo sido gerados no incesto, ele relembra o mito grego-jônico de Adônis, ou Tamuz, cuja mãe, Smirna, fizera com que o pai dela, o Rei Teias, da Assíria, se embriagasse e se deitasse com ela durante doze noites. Também pode ser lido como que iconotropicamente baseado em uma cena egípcia familiar: o itifálico Osíris jazendo morto sob uma parreira, pranteado pelas deusas Ísis e Néptis, cada uma com um filho agachado a seus pés. Além disso, a famosa Pedra Moabita (final do século IX a.E.C.), que registra a bem-sucedida revolta de Mesha, o rei de Moab, contra o Rei Ahab, e sua subseqüente derrota do filho de Ahab, Jeoram (*Reis II*, 1:1 e 3:4 ss.), é escrita em uma língua tão próxima do hebraico da Bíblia que os israelitas

podem, em alguma ocasião, ter lido os nomes "de meu pai" e "filho de meu parente" como implicando parentesco de irmãos entre eles e os moabitas e parentesco de primos entre eles e os amonitas.

2. As filhas de Lot, aqui, não são recriminadas por sua quebra do tabu do incesto, uma vez que agiram inocentemente. Um *midrash* chega até a sugerir que Deus as ajudou. Situação bastante semelhante ocorre num mito do sul da Arábia, contado por Bertram Thomas: de um certo Bu Zaid, chefe dos Beni Hilal, que sempre praticava o onanismo quando se deitava com sua mulher. Uma vez que os mais velhos da tribo queriam que Bu Zaid lhes gerasse um herdeiro, sua irmã o visitou certa noite, a pedido dos anciãos, disfarçada de sua mulher, e o espetou com uma agulha no momento crítico da relação. Isso provocou em Bu Zaid um tal susto que ela engravidou dele, e seu filho, Aziz ben Chala, "Aziz, filho de seu tio", alcançou grande fama em batalha.

3. Os nomes dos quatro filhos de Moab e dos seis de Ben-Ami são deduzidos dos nomes das cidades moabitas e amonitas conhecidas do autor de *Sefer Haiashar*, um espanhol do século XII, ou de suas fontes. Os quatro "filhos" de Moab podem ser identificados sem muita dificuldade. 'Ar é a capital de Moab, também chamada de 'Ar Moab, ou 'Ir Moab (*Números* 21:15, 28; *Isaías* 15:1), localizada na margem do Rio Arnon, nome que também foi dado ao distrito ao sul do Arnon (*Deuteronômio* 2:9). Maiun parece ser uma grafia errada de Maon — nome completo: Baal Maon (*Números* 32:38), ou Bet Maon (*Jeremias* 48:23), ou Bet Baal Maon (*Josué* 13:17) — uma cidade na fronteira entre Moab e Israel, mencionada também na Pedra Moabita, e hoje Main, uma grande aldeia árabe cristã, seis quilômetros a sudoeste de Madeba. Tarsion poderia ser uma forma abreviada distorcida (talvez sob a influência do nome da cidade e distrito espanhol de Tarseion — Políbio 3:24.2) da Atrot-Shofan Bíblica (*Números* 32:35), uma cidade em Moab, perto do Rio Arnon. Kanvil poderia ser uma distorção do bíblico Bet Gamul (*Jeremias* 48:23), uma cidade em Moab; hoje em dia Chirbet Jumail, ao norte do Arnon.

4. Dos seis "filhos de Ben-Ami", Rabot é derivado do nome da capital de Amon, Rabá (*Josué* 13:25), ou, na forma completa Rabat bnei Amon ("Rabá dos filhos de Amon" — *Deuteronômio* 3:11), situada perto das nascentes do Rio Jaboc. 'Ainon parece ser Ai (*Jeremias* 49:3). 'Ishon é possivelmente uma corruptela de Heshbon (*Jeremias, ibid.*), outra cidade amonita; e Maium de Malcam, o deus de Amon (*Jeremias* 49:1, 3). Não há como fazer qualquer conjectura sobre as origens de Guerim e Siló.

34

O SACRIFÍCIO DE ISAAC

(a) Deus apareceu a Abraão em Bersheva, dizendo: "Pega teu filho e, junto com ele, sobe a montanha que lhe mostrarei, na Terra de Moriá!"

Abraão respondeu: "Senhor, tenho dois filhos. Qual deles deve ir comigo?"

"Teu único filho!"

"Senhor, cada um deles é filho único apenas de sua mãe."

"Leva aquele filho a que amas!"

"Senhor, amo a ambos."

"Leva o filho a quem mais amas!"

"Senhor, o que devo fazer na terra de Moriá?"

"Depõe uma oferenda queimada sobre Meu altar!"

Abraão perguntou: "Serei eu então um sacerdote, para oferecer sacrifícios?"

Deus disse: "Eu te consagrarei como Meu Sumo Sacerdote; e teu filho Isaac será o sacrifício!"

Abraão levantou cedo, selou um jumento e, tendo cortado cavacos para queimar a oferenda, prendeu-os no lombo da montaria. E então partiu em direção do norte, acompanhado por Isaac e dois servos. No terceiro dia ele viu de longe o Monte Moriá e disse aos servos: "Fiquem aqui, com o jumento; eu e o rapaz vamos até lá para adorar a Deus e logo voltaremos." Passou a carga de madeira para os ombros de Isaac e ele próprio levou a faca do sacrifício e também carvão em uma vaso de barro.

Isaac disse: "Pai, temos uma faca e cavacos de madeira; onde está o cordeiro para o sacrifício?" Abraão respondeu: "Deus o fornecerá, meu filho!" No topo da montanha, Abraão ergueu um altar de pedra, empilhou a madeira em torno dele, amarrou Isaac, e o deitou sobre esse altar; mas, ao estender a mão para pegar a faca, uma voz vinda do Céu, gritou: "Abraão!" Ele respondeu: "Aqui estou, Senhor!" A voz mais uma vez clamou: "Pousa tua faca e não faças mal ao menino! Uma vez que não pensaste em Me recusar tamanho sacrifício, sei que teu coração é perfeito."

Abraão voltou-se e viu um carneiro com os chifres presos em um arbusto; e este ele sacrificou, em lugar de Isaac, e chamou aquele lugar de Iavé Iré, dizendo: *"Deus olha por mim!"*

Deus jurou por Seu Próprio Nome multiplicar a posteridade de Abraão como as estrelas do Céu ou as areias da praia, porque ele obedecera sem hesitar. Abraão e Isaac, depois disso, reencontraram os servos e, todos juntos, voltaram para Bersheva.[2]

(b) Alguns dizem que esses servos eram Ismael, o filho de Agar, e Eliézer de Damasco; e que Ismael disse a Eliézer, quando ficaram sozinhos: "Meu pai recebeu a ordem de sacrificar Isaac; agora eu serei o seu herdeiro!" Eliézer respondeu: "Então teu pai não expulsou Agar, a pedido de Sara, assim te deserdando? Por certo ele fará passar todos os seus bens para mim, que o servi com fidelidade dia e noite, desde que me tornei seu escravo."[3]

(c) Quando Abraão subia o Monte Moriá, o anjo caído Samael intrometeu-se furtivamente, na forma de um humilde ancião, e disse: "Será possível que uma ordem para matar o filho da tua velhice venha de um Deus de misericórdia e justiça? Foste enganado!" Abraão, vendo através do disfarce de Samael, mandou-o embora; mas ele reapareceu na forma de um belo jovem, que sussurrou a Isaac: "Filho desgraçado de uma desgraçada mãe! Foi para isto que ela esperou tão longa e pacientemente o teu nascimento? Por que haveria o teu pai, esse tonto, de te assassinar sem motivo? Foge, enquanto ainda há tempo!" Isaac repetiu essas palavras a Abraão, que amaldiçoou Samael e mandou-o cuidar de sua vida.[4]

(d) No topo do Monte Moriá, Isaac consentiu de boa vontade em morrer, dizendo: "Abençoado seja o Deus Vivo, que me escolheu como oferenda a ser queimada diante d'Ele no dia de hoje!" Também passou a Abraão as pedras para reconstruir o altar desfeito que ali havia; tinha sido erguido por Adão e utilizado também por Abel, Noé e Sem.[5] Então disse: "Amarra-me com força, meu pai, para que eu não recue com medo da faca, tornando tua oferenda inaceitável para Deus! Depois disso leva as minhas cinzas e diz a minha mãe, Sara: 'Estas cinzas são o testemunho do doce perfume da carne sacrificial de Isaac!'"[6]

Tendo oferecido o carneiro, Abraão orou: "Quando exigistes a vida de meu filho adorado, ó Senhor, eu podia ter clamado, em fúria: 'Ainda ontem mesmo me haveis prometido uma imensa posteridade através dele; devo então agora queimar seu corpo exangue em Vosso altar?' Mesmo assim, fiquei como que surdo e mudo. Portanto, rogo-Vos que, se meus descendentes um dia cometerem o mal, Vós igualmente vos refreeis da fúria; e que a cada ano, quando tiverem se arrependido de seus pecados, e o chifre de carneiro soar no Primeiro Dia do Sétimo Mês, Vos recordareis de como amarrei meu filho e, erguendo-Vos do Trono do Julgamento, Vos assentareis sobre o Trono da Misericórdia!"[7]

(e) Isaac passou os três anos seguintes no Paraíso; ou, dizem alguns, na casa de Sem e Eber, onde estudou a Lei de Deus. Mas primeiro compareceu ao funeral de sua mãe Sara, a qual, indo para Hebron em busca de notícias dele, ficou sabendo de seu salvamento e expirou de pura alegria — tendo Samael lhe garantido que ele já havia sido sacrificado. Sara morreu aos cento e vinte e sete anos de idade. Abraão comprou a Caverna e o Campo

de Machpelá, de Efrom, o hitita, pagando-lhe quatrocentos siclos de prata, lá enterrou Sara e sete dias a pranteou.[8]

1. *Gênese* 22:1-2; Gên. Rab. 590, 592; Tan'huma Buber Gên. 111; Pesikta Rabati 170a; PRE, cap. 31.
2. *Gênese* 22:3-39.
3. *Sefer Haiashar* 76-77.
4. *Sefer Haiashar* 77-79; cf. *Gên. Rab.* 595-98.
5. *Sefer Haiashar* 80. *PRE,* cap. 31.
6. *Sefer Haiashar* 80.
7. *Lev. Rab.* 29-9; *Gên. Rab.* 607; *Ier. Taamit* 65d; *Tan'huma Buber Gên.* 46.
8. *Gênese* 23:1-20; *Mid. Vaiosha, BHM* i:35 ss.; *PRE,* cap. 32; *Sefer Haiashar* 81-83.

1. O sacrifício de filhos primogênitos era comum na Antiga Palestina e praticado não apenas pelo rei moabita Mesha, que queimou o seu filho mais velho ao deus Quemosh (*Reis II,* 3:26-27); pelos amonitas, que ofereciam seus filhos a Moloque (*Levítico* 18:21 e 20:2 ss.); pelos arameus de Sefarvaim, cujos deuses eram Adram-melec e Ana-melec; mas também pelos reis hebreus Acaz (*Reis II,* 16:13) e Manassés (*Reis II,* 21:6). Existe a sugestão de uma tentativa do Rei Saul de sacrificar seu filho guerreiro Jônatas, após uma virada da sorte na guerra contra os filisteus (*Samuel I,* 14:43-46), apesar de o exército ter votado para salvá-lo.
2. O *Êxodo* 22:28-29 diz: "O primogênito entre os teus filhos tu Me oferecerás, e entre os teus bois e tuas ovelhas também, no oitavo dia!", o que Ezequiel (20:24-26) mais tarde descreveu como um dos "estatutos que não eram bons" e que contaminavam Israel como um castigo pela idolatria. Mas essa lei referia-se a um sacrifício de crianças e não ao de jovens ou homens adultos, e podia ser evitado através de um sacrifício simbólico do prepúcio do primogênito na circuncisão. O sacrifício de Isaac era do tipo a que se recorria em emergências nacionais — como foi feito por Mesha, Acaz e Manassés —, ou em cerimônias de fundação, como foi feito por Hiel em Jericó (*Reis I,* 16:34).
3. Salomão havia introduzido em Jerusalém a adoração de Moloque e de Quemosh (*Reis I,* 11:7), para os quais se queimavam crianças no Vale de Tofet, aliás Geena (*Reis II,* 22:10). Algumas dessas vítimas parecem ter sido oferecidas em lugar do rei, o deus Sol encarnado, durante uma transferência anual da coroa. Miquéias (6:7), Jeremias (7:31; 19:5-6; 32:35) e Ezequiel (16:20; 20:26) denunciaram essa prática, contra a qual também se legislou em *Deuteronômio* 12:31 e em *Levítico* 18:21 e 20:2 ss. *Êxodo* 34:20, uma correção a 22:28-29, iguala o primogênito do homem com o do jumento: ambos eram redimíveis com um cordeiro, ou dois pombos jovens (*Êxodo* 34:20; *Levítico* 12:6-8). O sacrifício interrompido de Isaac por Abraão demonstra a sua obediência absoluta a Deus e a misericórdia d'Este ao abrir mão do "estatuto que não era bom", como reconhecimento da obediência. Isaac, no entanto, já não era mais uma criança, mas um "rapaz", capaz de carregar um grande peso de cavacos, e Abraão o redimiu com um carneiro, não com um cordeiro. Um *midrash,* que encara a morte de Sara como uma conseqüência indireta desse transe de Isaac, deduz noventa anos — a idade dela quando teve Isaac — de cento e vinte e sete, a sua idade ao morrer, o que faz com que ele tenha então trinta e sete anos.
4. O carneiro "preso em um arbusto" parece ser tomado de Ur da Caldéia, onde uma tumba real, do final do quarto milênio a.E.C., exibia duas estátuas sumérias de carneiros, em ouro,

madrepérola e lápis-lazúli, apoiados nas patas traseiras e amarrados com correntes de prata a um arbusto de ouro, alto e florido. Esse tema é comum na arte sumeriana.

5. A tentativa de sacrifício de Isaac por Abraão encontra paralelo no mito grego: a história cadmiana de Atamante e Frixo. Estes cadmianos ("orientais", em hebraico) puxavam sua descendência de Agenor ("Canaã"). No século XI a.E.C., alguns deles parecem ter vagado da Palestina até a Cádmia, na Cária, tendo depois atravessado o Egeu e fundado a Tebas beócia. Os cadmianos também figuram como "Filhos de Kedmá" na genealogia de Ismael (*ver* 29:5). Este paralelo resolve três problemas importantes levantados pelo *Gênese*: primeiro, uma vez que Abraão não estava fundando uma cidade, que emergência o teria levado a sacrificar seu filho crescido? Em seguida: por que seu primogênito Ismael não foi o escolhido, em vez de Isaac? E por fim: teria o conflito pela precedência, entre Sara e Agar, tão importante nos capítulos introdutórios, alguma relação com o sacrifício?

6. Esta é a história cadmiana: o Rei Atamante, o Beócio, tendo desposado a rainha Nefele, de Pelion, que lhe deu um filho chamado Frixo, mais tarde fez um filho, Melicertes (*Melcarte*, "governante da cidade") na rival de Nefele, Inó, a cadmiana. Quando Nefele soube disso, amaldiçoou Atamante e Melicertes. Ao que Inó provocou uma escassez, ressecando às escondidas os grãos de milho, e subornou a sacerdotisa de Apolo para anunciar que a terra só recuperaria a fertilidade se Atamante sacrificasse o filho de Nefele, Frixo, seu herdeiro, no Monte Lafístio. Atamante já havia apanhado a faca do sacrifício, quando Heraclés lhe ordenou que desistisse, clamando: "Meu pai, Zeus, rei dos Céus, abomina os sacrifícios humanos!" Um carneiro de pêlo de ouro, enviado por Zeus, apareceu nesse momento; e Frixo escapou, montado nele, para Cólquida, onde prosperou. Inó fugiu com Melicertes da fúria de Atamante e pulou no mar, mas ambos foram salvos e divinizados por Zeus: Inó como a Deusa Branca, Melicertes como o Deus do Ano-Novo de Corinto.

7. Isto sugere que, no mito original, Agar vingou-se de Sara atribuindo uma escassez e fome a alguma ação de Abraão; pois uma história de fome ocorre no *Gênese* quando ele já está casado com Sara (*ver* 26.*a*), e outra na narrativa de Isaac em Gerar, que parece ter sido originalmente contada a respeito de Abraão (*ver* 37.*a*). A história também sugere que o sacrifício foi ordem de um falso profeta, a quem Agar subornou para fazê-lo, como vingança pela deserdação de Ismael. Pode até ter havido uma reminiscência disso na tentativa de Samael de interromper o sacrifício. No entanto, a causa da disputa entre Sara e Agar, que é discutida no antigo Código de Hamurabi (*ver* 29:2), soa mais convincente do que a causa da disputa entre Nefele e Inó, e sugere que a Suméria seria a fonte original da história. A versão cadmiana sugere, no entanto, que a segunda fuga de Agar da presença de Abraão (*ver* 29.*c*) ocorreu após a tentativa de sacrifício de Isaac, e não antes. "Atamante" pode ser uma palavra derivada do hebraico *Etan*, um antigo sábio e poeta mítico, cujo nome, significando "duradouro", ou "forte", é transcrito na Septuaginta como *Aitam*. A estranha frase "o medo de Isaac" (*Gênese* 31:42, 53) relembra o nome Frixo ("Horror"). Em uma sociedade nômade, fome significa seca, e o falso sacrifício de um homem vestido com a pele de um carneiro preto, ainda celebrado no Monte Lafístio por pastores beócios no equinócio da primavera, é um rito propiciatório de chuva.

8. Há dois outros mitos a serem destacados aqui. O mais antigo diz respeito ao voto de Jeftá, de dar a Deus a primeira criatura viva a cruzar o seu caminho depois de sua vitória contra os amonitas (*Juízes* 11:29 ss.); o mais novo diz respeito ao voto semelhante feito por Idomeneu, de

Creta, a Posêidon, quando ameaçado de naufrágio. Jeftá, no entanto, nada sofreu depois de ter sacrificado sua filha, sendo isso "um costume em Israel"; enquanto que os homens de Idomeneu foram atingidos pela peste e ele banido de Creta. Os gregos, que tomaram horror do sacrifício humano mais ou menos no mesmo período em que os hebreus, preferiam, por exemplo, acreditar que Ifigênia, a filha de Agamenon, fora redimida com uma corça, quando estava para ser morta em Aulis, e depois arrebatada para o Quersoneso de Tauris. Plutarco registra um caso que combina o tema do voto com o do filho primogênito sacrificado em época de emergência: Meandro prometeu recompensar a Rainha dos Céus com a primeira pessoa que o cumprimentasse pela tomada de Pessino; e que acabou sendo o seu filho, Arquelau, a quem ele, como era seu dever, matou; mas depois, cheio de remorsos, afogou-se no rio que hoje leva seu nome. A prática de queimar crianças a Hércules Melcarte continuou entre os fenícios muito tempo depois de os hebreus a terem abandonado; e o ponto de vista de Miquéias (6:6-8), de que Deus repele não apenas sacrifícios humanos, mas também os de animais — preferindo justiça, misericórdia e um coração humilde — era chocantemente radical para a época.

9. O ritual do Ano-Novo judaico comemora o ato de amarrar Isaac. Quando lhe pediram que explicasse o toque de um chifre de carneiro (*shofar*) em *Levítico* 23:23-25, o rabino Abahu disse: "Isso é feito porque Deus ordenou a nossos pais: 'Toquem um chifre de carneiro para Mim, para que possa recordar Abraão amarrando Isaac; e considerem isso como se vocês mesmos tivessem se amarrado diante de Mim!'" (*B. Rosh Hashaná* 16a). A mesma explicação ocorre na prece de *mussaf* do Ano-Novo; e um dito tipicamente tanaíta, atribuído a Jesus no *Evangelho* (apócrifo) *de São Tomé*: "Erguei a pedra e lá me encontrareis, rachai a lenha, e lá estarei!" refere-se claramente à amarração de Isaac, que era encarada como o maior teste de fé em todas as Escrituras.

10. O comentário midráshico sobre o carneiro é amplo e fantasioso. Deus criara esse específico animal no Primeiro Dia da Criação; suas cinzas se tornaram as fundações do Santuário do Templo; o Rei David usou os seus tendões para encordoar sua harpa; Elias cingiu seus rins com a pele do carneiro; seu chifre esquerdo foi tocado por Deus no Monte Sinai, e o direito será tocado nos Dias do Messias, para chamar a ovelha perdida de Israel de volta do exílio. Quando Abraão encontrou o carneiro, este por várias vezes livrou-se de um arbusto, só para se prender em outro; o que significava que Israel, igualmente, se veria preso pelo pecado e infortúnio, até que finalmente fosse redimido por um toque do chifre direito.

11. O cronista do *Gênese*, propositalmente, se alterna entre "Deus" e "um anjo", quando fala do interlocutor de Abraão: tal como havia feito em sua narrativa da visita divina a Abraão, em Mamré (*ver* 31:1). É errado relacionar a montanha do sacrifício com o Monte Sion, porque já havia sido registrado (*ver* 27.*c*) que Melquisedeque lá reinava como rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo — um *midrash* enfatiza este ponto fazendo com que Abraão pergunte a Deus por que o dever de sacrificar Isaac não havia sido atribuído a Sem — significando Melquisedeque (*ver* 27.*d*). Isso significa contradizer a confiável tradição samaritana de que o Monte Moriá era o Monte Gerizim (*Deuteronômio* 11:29 ss.), de quatrocentos metros de altura, que dá para os "terebintos de Moré", onde Abraão havia oferecido seu primeiro sacrifício (*Gênese* 12:6). A Versão Autorizada traduz isso errado, como "a Planície de Moré", apoiando-se em um texto aramaico, cuja intenção era disfarçar a aceitação por Abraão da adoração cananéia das árvores. Moré, depois Siquém e agora Nablus, era o mais sagrado dos santuários de Israel — visitado por Abraão, abençoado por Moisés e famoso tanto pela pedra memorial de Josué quanto pelo túmulo

de José (*Josué* 24:25 ss.). Perdeu sua santidade, no entanto, quando uma profecia (*Oséias* 6:9) da punição de Deus pela adoração de ídolos ali criada pelo Rei Jeroboão (*Reis I*, 12:25 ss.) foi cumprida, e todos os sacerdotes e líderes do Reino do Norte foram destruídos por Senaqueribe. Jerusalém, então, tornou-se o único centro legítimo de adoração, e o maior número possível de mitos antigos foram transferidos para o Monte Sion, incluindo os de Adão, Abel, Noé e Abraão.

12. A Caverna de Machpelá foi comprada por Abraão de Efron, o Hitita (*ver* 11.*d*). A morte feliz de Sara preenche a intenção do mitógrafo tardio de explicar sua ausência de Bersheva, o lar de Abraão, e a viagem deste para Hebron. Atamante, também, tinha relação com os hititas, sendo irmão de "Sísifo", o deus hitita Teshub (*ver* 39.*i*). A caverna de "Efron, o Hitita" pode ter sido um santuário consagrado a Foroneu, que é chamado pai de Agenor (Canaã) e de quem se diz não apenas que descobriu o uso do fogo, como também que iniciou os gregos na adoração de Hera ("Anat").

35

ABRAÃO E QUETURÁ

(a) Apesar de estar agora com cento e trinta e sete anos de idade, Abraão continuava jovial e robusto. Orava para que Deus pudesse diferenciá-lo de Isaac, por quem os estranhos freqüentemente o tomavam. Deus, em atenção a isso, coroou Abraão com cãs brancas como a lã, iguais às d'Ele Próprio: o primeiro sinal exterior de velhice concedido à humanidade e tratado como um sinal de respeito.[1]

Após a morte de Sara, Abraão casou-se com Queturá. Alguns dizem que esse era apenas um apelido de Agar, que vivera *atada* ao serviço de Sara; que *atou* uma grinalda de virtudes com um doce perfume; e que permaneceu *atada* a Abraão por um voto de castidade, mesmo quando foi mandada embora. Outros dizem que Abraão escolheu Queturá, uma descendente de Jafé, para que pudesse ter posteridade, pela linha feminina, de cada um dos filhos de Noé: sendo Agar descendente de Cam e Sara de Sem.[2]

(b) Os filhos de Abraão com Queturá foram Zimran, Jocsã (pai de Dedan e Sabá), Medan, Midian, Jisbaque e Suá. Abraão mandou-os todos para o leste, carregados de presentes, para se defenderem sozinhos, e deu-lhes este aviso: "Cuidado com o fogo de Isaac!" Eles se apossaram de muitas terras, incluindo Trogloditas e as margens do Mar Vermelho da Arábia Felix. Nações distantes atualmente alegam descender de Abraão através deles, até mesmo os espartanos da Grécia. Nenhum dos filhos de Queturá observou a Lei de Deus, o que explica o aviso de Abraão. Entre os filhos de Dedan estavam os assuritas, que fundaram a Assíria; os letusitas; e os leumitas; os filhos de Midian foram Efá e Efer, Hanoc, Abida e Eldaá.[3]

(c) Alguns dizem que Abraão revelou aos filhos de Queturá os nomes secretos de demônios, que eles podiam assim submeter à sua vontade quando faziam mágica; e que toda a sabedoria do Oriente, hoje tão admirada, era de Abraão.[4]

(d) Outros dizem que Queturá deu a Abraão doze filhos.[5]

1. *Tan'huma Haiie Sará* 4; *B. Baba Matzia* 87A; *Gên. Rab.* 717-18.
2. *Gênese* 25:1; *Gên. Rab.* 654, 661; *Tan'huma Haiie Sará* 8; *Tan'huma Buber Gên.* 123; *PRE,* cap. 30; *Hadar Zequenim* 9b; *Leká Tov Gên.* 115.
3. *Gênese* 25:2-6; *Gên. Rab.* 663, 669; *Shoher Tov* 411-12; *Mac. I,* 12:21; *Mac. II,* 5:9.

4. *B. Sanedrim* 91a; *Zohar Gên.* 133b, 223a-b.
5. *Massechet Soferim* 11:9; *Tan'huma Haiie Sará* 6.

1. Este mito é historicamente importante, uma vez que sugere que os hebreus de Abraão controlavam as rotas do deserto para o Egito e atuavam como agentes comerciais junto a várias tribos orientais. "Medan" relembra o deus do Iêmen *Madan.* A tribo de Midian, da Arábia do Norte, ocupava o Golfo de Ácaba e a Península do Sinai. "Jisbaque" parece ser *Iashbuki,* um pequeno reino do norte da Síria, mencionado em uma inscrição assíria do século VIII a.E.C.; e "Suá" (*Soge* ou *Soe* na Septuaginta), o seu reino vizinho de Shuchu. "Queturá" poderia ter significado um *amarramento* (união) de tribos com o interesse comum de comércio sob a orientação benevolente de Abraão.
2. "Jocsã" parece ser idêntico a Ioctan, pai de Sabá (*Gênese* 10:27-28), que em árabe é chamado Kahtan e é encarado pelos genealogistas árabes como o ancestral de todas as tribos árabes do sul. Sabá foi o pai dos sabaítas mercantis. O filho de Jocsã, Dedan — que também figura como filho de Raamá, o cushita, em *Gênese* 10:7 e *Crônicas I,* 1:9; e nas *Antigüidades* de Josefo como filho se Suá — era uma tribo do deserto do norte da Arábia, de Tema e Buz (*Jeremias* 25:23). Segundo *Ezequiel* 27:15-20, eles forneciam mantas de montaria a Tiro, até que "Esaú", ou "Edom", passou a saquear suas caravanas (*Isaías* 21:13-15; *Jeremias* 49:8; *Ezequiel* 25:13), forçando-os a se retirarem para o sul.
3. "Assur", aqui dado como filho de Dedan, era o deus que deu o nome à cidade de Assur — mais tarde a capital da Assíria. Os nomes Ashuru e Latashu (*i. e.,* Assur e Letush) ocorrem em inscrições nabatéias como nomes pessoais. "Leumitas" é provavelmente um erro para "e outras nações", de *le'om,* "uma nação" (como em *Gênese* 25:23).
4. Os filhos de Midian também se mudaram para a Arábia do sul. "Efá" (Gefar na Septuaginta), mencionado com Midian (*Isaías* 60:6) como uma tribo de cameleiros que trazia ouro e incenso de Sabá, é Chaiapa em inscrições de Sargão da Assíria; hoje em dia Gwafa, a leste do Golfo de Ácaba. "Efer" (*Ofer* ou *Gafer,* na Septuaginta, *Eperu* ou *Apuriu* em inscrições egípcias) foi identificado com o Banu Ghifar do Hedjaz. "Hanoc" pode representar a moderna Hanaquia, um povoado ao norte de Medina, visitado por Doughty e Burckhardt. Abida podia ser Ibadidi, mencionada em inscrições de Sargão II. Tanto Abida quanto Eldaá ocorrem como nomes próprios em inscrições sabaítas e minóicas.
5. A genealogia tribal de Josefo se baseia em uma tradição alternativa; da mesma forma o *Sefer Haiashar,* que dá nomes diferentes aos filhos de Dedan. O próprio *Gênese* incorpora tradições rivais de parentesco, produto de constantes mudanças políticas entre tribos nômades, do tempo dos hicsos em diante.
6. Josefo afirma que o Rei Areus, de Esparta, em uma carta escrita por volta de 183 a.E.C., a Onias III, Sumo Sacerdote de Jerusalém, alegava que Abraão era seu ancestral; esta pretensão foi reconhecida cerca de doze anos mais tarde, pelo Sumo Sacerdote Jônatas (*Macabeus* 12), o qual admitiu estar isso em conformidade com os livros sagrados judaicos, sem no entanto citá-los. De qualquer forma, Menelau, o Espartano, passara dez anos em águas egipto-palestinas, de acordo com várias passagens da *Odisséia;* e os primeiros gregos Aqueus haviam fundado colônias na Palestina (*ver* 30:3). Xanto, o Lídio, registra que Ashquelon foi construída por Áscalo, um ancestral dos espartanos.

7. Os mitógrafos hebreus tendem a atribuir doze filhos aos ancestrais tribais. Assim, apesar do *Gênese* conceder apenas seis a Abraão, o *midrash* o eleva acima de seu irmão Naor, que teve doze, dando-lhe doze além de Ismael e Isaac. Ismael teve doze filhos (*ver* 29.*i*); e também Jacob (*ver* 45); da mesma forma, segundo o *Sefer Haiashar,* o sobrinho de Abraão, Aram, filho de Zobá, filho mais moço de Tera, que fundou Aram-Zobá (*Samuel II,* 10:6-8), uma cidade ao norte de Damasco.

36

O CASAMENTO DE ISAAC

(a) De Harran chegaram notícias a Abraão de que seu irmão Naor tinha sido abençoado com doze filhos, dos quais oito com sua esposa Milcá; a saber, Uz, Buz, Kemuel, Quésede, Hazo, Pildash, Jidlafe e Betuel. Os outros quatro eram filhos de uma concubina, Reumá; a saber, Tebá, Gaam, Taás e Maacá. Naor teve um neto chamado Aram, filho de Kemuel; e também um neto e uma neta de Betuel, chamados Labão e Rebeca.[1]

Abraão chamou seu intendente-mor, Eliézer, e disse: "Põe tua mão sob minha coxa e jura pelo Deus Vivo que me obedecerás! Uma vez que não posso permitir que Isaac se case entre os cananeus, é preciso encontrar uma noiva para ele em Harran. Estou velho demais para resolver esta questão pessoalmente; portanto vai, faz a escolha por mim e traz a mulher aqui para Hebron."

Eliézer perguntou: "E se ela hesitar em me acompanhar? Deverá Isaac então casar-se com ela em Harran?"

Abraão respondeu: "Isaac nunca deixará a terra que Deus nos deu! Se ela se recusar, estás livre do juramento. Não obstante, não temas. O anjo de Deus te preparará o caminho."

Eliézer prestou o juramento, escolheu dez dos melhores camelos dos rebanhos de Abraão, encheu-lhes as canastras com ricos presentes e cavalgou à cabeça de um grande cortejo. Muitos dias depois, ao pôr-do-sol, fez os camelos se agacharem junto a uma fonte, fora de Padan-Aram, em Harran, e viu as mulheres da cidade que vinham em grupo para buscar água, como era costume de lá. Ele orou: "Deus do meu amo Abraão, fazei com que hoje eu tenha sucesso e dai-me um sinal: que quando disser a uma dessas mulheres: 'Abaixa o teu cântaro e dá-me de beber!', ela responda: 'Bebe, e também darei de beber aos teus camelos', e essa mulher será a noiva destinada a Isaac."

A primeira mulher que chegou à fonte era jovem, altiva e vestia-se como as virgens. Ela desceu os degraus e logo reapareceu trazendo nos ombros um cântaro cheio até a borda. Eliézer pediu licença para matar sua sede. A mulher respondeu: "Bebe, meu senhor", e estendeu-lhe o cântaro. Eliézer bebeu e esperou que ela continuasse a falar. Quando ela disse: "Também darei de beber aos teus camelos", e esvaziou o cântaro em uma gamela, ele entendeu que era ela a escolhida de Deus. Eliézer mandou que trouxessem os presentes nupciais — uma argola de nariz, toda de ouro, pesando meio siclo, e dois braceletes de ouro pesando dez siclos — e então, tendo lhe aplicado a argola no nariz e posto os braceletes nos pulsos, ele perguntou: "De quem és filha?" Ela

respondeu: "Betuel é meu pai: filho de Naor com sua esposa Milcá. Meu nome é Rebeca."

Eliézer voltou a perguntar: "Haverá acomodação para nós na casa de teu pai?"

Ela disse: "Sim, temos acomodação suficiente e também palha e forragem fresca para os teus camelos."

Eliézer prostrou-se imediatamente e agradeceu a Deus por ter sido levado até os parentes de Abraão.

Rebeca correu para casa a fim de anunciar a chegada de Eliézer; e quando seu irmão Labão viu os ornamentos de ouro que ela usava, correu até a fonte e gritou: "Vem, estranho, com a bênção de Deus! Preparei um aposento para que possas te alojar e um estábulo para teus animais." Levou Eliézer e os outros servos de Abraão para a casa de Betuel, onde eles desencilharam e alimentaram os camelos cansados. Trouxeram água para que os viajantes lavassem os pés e colocaram diante deles travessas de comida. Mas Eliézer disse: "Deixai primeiro que eu revele minha missão!" Então informou a Betuel e a Labão sobre sua missão, sobre as riquezas de Abraão e sobre seu próprio encontro providencial com Rebeca, concluindo: "Rogo-vos que decidais imediatamente, meus senhores, se acedereis ou não ao desejo de meu amo."

Betuel e Labão responderam: "Uma vez que a mão de Deus está manifesta neste assunto, como poderíamos ousar nos opor a Ele? Leva Rebeca e vai; ela será mulher de Isaac, como Deus quer."

Eliézer curvou-se até o chão, dando graças, em seguida pegou trajes nupciais e mais jóias das canastras; e deu ricos presentes também à mãe de Rebeca e a Labão. Em seguida todos se banquetearam, em júbilo. No dia seguinte Eliézer estava pronto para partir, mas Labão e sua mãe queriam que Rebeca ficasse mais dez dias. Eliézer disse: "Não retardeis um servo de Deus! Devo retornar à casa de meu amo." Eles perguntaram a Rebeca: "Acompanharás imediatamente este honesto homem?" Quando ela respondeu: "Sim", eles a deixaram partir, com sua bênção. Labão disse: "Que tu possas tornar-te a mãe de incontáveis milhares, irmã; e que eles possam tomar os portões das cidades de todos aqueles que os odeiem!"

Rebeca, assistida por sua ama Débora e outras servas, seguiu Eliézer até Canaã. Alguns dias depois, ao pôr-do-sol, chegaram à Fonte de Laai-Roi, onde Deus um dia havia consolado Agar. Rebeca apeou de seu camelo e perguntou: "Quem pode ser este que atravessa o campo para nos saudar?" Quando Eliézer respondeu: "É o filho do meu amo", ela rapidamente cobriu o rosto com o véu.

Depois de ouvir a história de Eliézer, Isaac levou Rebeca para a tenda que fora de Sara. Naquela noite eles dormiram juntos e Isaac encerrou o luto por sua mãe.[2]

(b) Alguns dizem que Abraão havia anteriormente planejado escolher a mulher de Isaac entre as filhas de seus amigos Aner, Eshcol e Mamré, que eram homens piedosos, apesar de cananeus. Mas Deus, ao abençoá-lo no Monte Moriá, revelou que a futura noiva seria

a recém-nascida neta de seu irmão Naor — tendo os primos de Isaac pelo lado paterno precedência para reclamá-lo como marido.[3]

Uma vez que uma jovem não pode ser dada em casamento enquanto não tiver pelo menos três anos e um dia de idade, Abraão evitou mandar Eliézer em sua missão enquanto esse tempo não tivesse passado; outros dizem até que ele esperou quatorze anos, até que Rebeca se tornasse núbil.

Quando proibido por Abraão de escolher para Isaac uma esposa cananéia, Eliézer ofereceu-lhe sua própria filha. Abraão, no entanto, respondeu-lhe: "Tu, Eliézer, és um servo, Isaac é um homem livre: os amaldiçoados não podem se unir aos abençoados!"[4]

(c) Alguns dizem que, entre os arameus, um pai deflorava sua filha virgem antes que ela se casasse; e que Betuel, após concordar com o casamento de Rebeca, a teria desonrado dessa maneira, se não tivesse morrido subitamente. Segundo outros, Betuel, como rei de Harran, reclamou para si o direito exclusivo de deflorar as noivas. E quando Rebeca se tornou núbil, os príncipes daquela terra se reuniram em torno dele, dizendo: "Se Betuel agora não tratar a sua própria filha tal como tratou as nossas, mataremos a ambos!"[5]

(d) Segundo outros, Labão, vendo os ricos presentes que Rebeca trazia ao voltar da fonte, planejou uma emboscada para Eliézer, mas o temor de sua estatura gigantesca e de seu numeroso séquito armado levou-o a desistir. Em vez disso, ele fingiu grande amizade e colocou diante de Eliézer uma travessa de comida envenenada. O Arcanjo Gabriel, entrando sem ser visto, trocou essa travessa com a de Betuel, que morreu instantaneamente. Apesar de Labão e sua mãe terem manifestado desejo de que Rebeca ficasse até terem pranteado Betuel durante uma semana inteira, Eliézer não confiava em Labão e exigiu que Rebeca partisse com ele imediatamente. Sendo agora órfã, ela podia tomar suas próprias decisões, e disse a Labão: "Irei, mesmo que contra a tua vontade!" Assim constrangido a concordar, ele a abençoou com tanta ironia que ela foi estéril durante muitos anos.

(e) Quando os viajantes se aproximaram de Hebron, Rebeca viu Isaac, que retornava do Paraíso, caminhando sobre as mãos, como fazem os mortos. Assustou-se, caiu do camelo e machucou-se no cepo de um arbusto. Abraão saudou-a de pé à porta de sua tenda, mas disse a Isaac: "Os servos são capazes de qualquer traição. Leva esta mulher para sua tenda e aplica-lhe o dedo para ver se ela ainda é virgem depois dessa longa viagem na companhia de Eliézer!" Isaac obedeceu e, descobrindo que a virgindade de Rebeca estava rompida, perguntou asperamente como aquilo havia acontecido. Ela respondeu: "Meu senhor, assustei-me com o modo como surgistes e caí ao chão, onde o cepo de um arbusto varou-me as coxas." "Não, foi Eliézer que te deflorou!", gritou Isaac. Rebeca, jurando pelo Deus Vivo que homem algum a havia tocado, mostrou-lhe o cepo ainda úmido do seu sangue virginal; e ele finalmente acreditou.

Quanto ao fiel Eliézer, que esteve perto de morrer pela suspeita de um crime, foi levado por Deus, em vida, para o Paraíso.

1. *Gênese* 22:20-24.
2. *Gênese* 24:1-67; 25:8.
3. *Gên. Rab.* 614, *Mid. Hagadol Gên.* 356.
4. *Gên. Rab.* 612-13, 636-37; *Mid. Hagadol Gên.* 388-89, 770-71.
5. *Massechet Soferim* 21.9, final; *M. Nida* 5:4; *Ialkut Gên.* 109; *Gên. Rab.* 652; *Mid. Agadá Gên.* 59; *Hadar* 9b.
6. *Ialkut Gên.* 109; *Mid. Hagadol Gên.* 366, 369-70; *Gên. Rab.* 651-53; *Mid. Agadá Gên.* 59-60; *Mid. Leká Tov Gên.* 111, 113; *Mechilta diR. Shimon* 45; *Da'at* 13d, 14b; *Hadar* 9b.

1. Abraão recusou-se a permitir que Isaac desposasse uma esposa cananéia (*Gênese* 2:24) de acordo com a antiga lei matrilocal, que insiste em que um marido deve deixar a sua casa e ir viver com os parentes da mulher. Em vez disso escolheu para ele uma esposa entre os seus primos patrilocais em Harran. (Sem dúvida ele teria preferido uma filha de seu sobrinho e aliado Lot, mas ambos haviam se tornado incompatíveis, por seus precipitados atos de incesto.) Mais tarde, Isaac e Rebeca igualmente se recusaram a permitir que seu filho Jacob se casasse com uma donzela cananéia ou hitita (*Gênese* 27:46; 28:1 — *ver* 45). O casamento matrilocal era regra também na Grécia miceniana, e a primeira mulher de quem se diz ter realizado um casamento patrilocal, apesar da oposição dos pais, foi Penélope, esposa de Ulisses; que velou o rosto, quando se dirigia a Ítaca, de uma forma que faz lembrar Rebeca.

2. Os enfeites que os *midrashim* acrescentaram ao mito de Rebeca incorporam várias tradições antigas. Os patriarcas hebreus exigiam virgindade das noivas, e em vários países do Oriente Próximo e do Oriente Médio a virgindade da noiva ainda é testada na noite de núpcias pelo dedo do noivo. As mulheres cananéias, no entanto, eram promíscuas antes do casamento, como era o costume em todas as sociedades matrilineares do Mediterrâneo oriental.

A lenda de que Isaac veio ao encontro de Rebeca de cabeça para baixo, após ter estado no Paraíso (*ver* 11:6), é um exemplo de humor rabínico, explicando a pergunta que ela fez, espantada: "Quem é este que vem caminhando?"

3. O fato de que a esposa e o filho de Betuel tenham ficado com a tarefa de estabelecer o contrato de casamento com Eliézer, em lugar do pai; e que Labão, e não Betuel, tenha abençoado Rebeca, é incomum o bastante para exigir uma explicação: a qual o *midrash* fornece, presumindo que ele tenha morrido subitamente. Talvez o cronista enfatize a participação de Labão às custas de Betuel porque as filhas de Labão, Léa e Raquel, subseqüentemente se casariam com o filho de Isaac, Jacob (*ver* 44).

4. O *jus primae noctis* de muitas tribos primitivas (*ver* 18:8) é exercido às vezes pelo pai de uma jovem, às vezes por um chefe tribal. Heródoto relata esse costume entre os adirmaquidas, povo líbio que vivia entre a foz canópica do Nilo e Ápis, a respeito de cujos costumes o comentarista do *midrash* pode ter tido a informação. O uso que Labão faz da palavra *asor* sugere que a narrativa do *Gênese* seja baseada numa fonte egipto-hebraica — sendo "asor" uma semana egípcia de dez dias.

5. Os doze filhos de Naor mostram que ele governara uma confederação de doze tribos, tal como as de Israel, Ismael, Etrúria e a Liga Anfictiônica da Grécia — doze, em honra do zodíaco.

Sua capital parece ter sido Padan-Aram, ou Harran (*ver* 23:1 e 24:10). Alguns dos oito filhos de Naor com Milcá ("rainha") mais tarde emigraram do deserto vizinho para o norte da Arábia. Três dos quatro filhos de Reumá são registrados por nomes de lugares no sul da Síria e no norte da Transjordânia, o que prova ter existido uma federação tribal oeste-semita de Naor, antes da conquista aramaica.

6. O principal personagem de *Gênese* 24, inicialmente descrito como "intendente-mor" de Abraão, é mais tarde indicado como "o servo", "servo de Abraão", ou "o homem". Ele até deixa de dizer seu próprio nome ao se apresentar a Betuel e Labão. Ainda assim, todos os comentadores bíblicos assumem que foi ele, Eliézer de Damasco, que Abraão, enquanto ainda não tinha filhos, menciona entristecido como seu possível herdeiro (*Gênese* 15 — *ver* 28.*a*). O cronista claramente queria enfatizar que Eliézer não fora mais do que um escravo de Abraão e um instrumento de Deus.

7. Quando Abraão ordena a Eliézer "Põe tua mão sob minha coxa!", isso era apenas um eufemismo para "toca meu órgão sexual", uma forma extremamente solene de juramento, que servia para recordar-lhe o rito da circuncisão que prendia Abraão e toda a sua casa ao serviço de Deus. Jacob usou esse mesmo tipo de voto quando fez José jurar que o enterraria na mesma Caverna de Machpelá (*Gênese* 47:29 — *ver* 60.*a*). Os beduínos Rwala, do deserto da Síria, ainda preservam este costume. A. Musil escreveu, já neste século:

Quando um chefe quer extrair a verdade de um membro da tribo, aproxima-se dele, põe a mão direita no ventre do homem, por baixo do cinto, de forma a tocar seu órgão sexual, e exclama: "Eu te conjuro, pelo teu cinto, por esta coisa que estou tocando, e por todos aqueles que se deitam para dormir antes de ti à noite, que me dês uma resposta agradável a Deus!"

O cinto, que é posto de lado para o ato sexual, significa a esposa de um homem; o órgão sexual, os filhos; e "todos aqueles que se deitam para dormir", os seus rebanhos.

37

ISAAC EM GERAR

(a) Isaac preparou-se para visitar o Egito, devido a um surto de fome em sua própria terra; mas uma vez que Deus o proibiu de fazer isso, ao mesmo tempo que renovou a bênção concedida a Abraão, ele foi para Gerar como convidado de Abimeleque, rei dos filisteus. Lá, guiado pelo exemplo de Abraão, fez passar a belíssima Rebeca como sua irmã. Um dia aconteceu do rei olhar por uma janela do palácio e ver Isaac e Rebeca realizando o amor conjugal. Ele repreendeu Isaac, dizendo: "Por que me enganaste? Algum cortesão meu poderia ter desfrutado secretamente de tua esposa, sem ter tido má intenção." Isaac disse: "Eu preferia ser desonrado dessa forma, a ser assassinado por um homem ciumento!"

Isaac ganhou terras em Gerar e, para cada grão semeado, ele colheu cem vezes mais. Os filisteus invejavam tanto seus rebanhos, suas manadas e suas riquezas que, assim que a fome acabou, Abimeleque pediu-lhe que deixasse a cidade.[1]

1. *Gênese* 26:1-17.

1. Esta é a terceira instância da mesma história tomada da *História dos Dois Irmãos* egípcia (*ver* 26 e 30); mas aqui o rei, não tendo feito qualquer tentativa de seduzir a esposa de seu hóspede, não tem necessidade de compensá-lo; e Isaac mente deliberadamente, em vez de contar uma meia-verdade, como fez Abraão. Os comentaristas dos *midrashim* identificam esse Abimeleque, a quem Isaac enganou, com Benmelec, filho do anfitrião de Abraão, Abimeleque, que adotou seu título real (*Mid. Leká Tov Gên.* 126; *Sefer Haiashar* 84).
2. Este mito preenche a lacuna entre a juventude e a velhice de Isaac; justifica o uso da trapaça quando os israelitas encontram-se em perigo no estrangeiro; e demonstra o cuidado de Deus com o ancestral deles. Um *midrash* amplia a riqueza de Isaac, citando um provérbio: "Antes o estrume de suas mulas, do que todo o ouro e prata de Abimeleque!" Um outro registra que, assim que Isaac deixou Gerar, a prosperidade que trouxera desapareceu com ele: bandidos saquearam a casa do tesouro real, Abimeleque ficou leproso, as fontes secaram e as colheitas fracassaram (*Gên. Rab.* 707, 709; *Mid. Leká Tov Gên.* 126; *Targ. Ier.* ad *Gên.* 26:20, 28).

38

OS NASCIMENTOS DE ESAÚ E JACOB

(a) Quando Isaac orou a Deus para que livrasse Rebeca da maldição de vinte anos de esterilidade, ela imediatamente concebeu gêmeos. Logo estes começaram a lutar um com o outro no útero, tão violentamente que ela quis morrer; mas Deus reconfortou Rebeca, dizendo:

"Duas nações estão em teu ventre;
Dois povos daí se erguerão.
Um mostrará que é mais forte:
Pois o mais velho servirá ao mais jovem!"

Esaú, o primogênito de Rebeca, nasceu coberto de cabelos vermelhos, desgrenhados; e, porque o outro saiu *agarrando-lhe o calcanhar,* ela o chamou de Jacob. Esaú cresceu e tornou-se um hábil caçador, um homem dos desertos pedregosos; enquanto Jacob vivia calmamente em casa, guardando seus rebanhos e manadas.[1]

(b) Alguns dizem que a cor do cabelo de Esaú indicava inclinações assassinas; e que Jacob foi concebido antes dele, uma vez que se duas pérolas são colocadas em um frasco estreito, a primeira a entrar emerge por último.[2]

(c) Sempre que Rebeca passava por um santuário cananeu durante sua gravidez, Esaú lutava para sair; sempre que ela passava por uma casa de preces legítima, Jacob fazia o mesmo. Pois ele se dirigira a Esaú, no ventre: "O mundo da carne, meu irmão, não é o mundo do espírito. Eis aqui comida, bebida, casamento e procriação; ali, nada disso se encontra. Dividamos os mundos entre nós. Escolha o que for de sua preferência!" Esaú rapidamente escolheu o mundo da carne.[3]

(d) Outros dizem que Samael ajudou Esaú nesse esforço pré-natal; e que Miguel ajudou Jacob; mas que Deus interveio em favor de Jacob, salvando-o da morte. Não obstante, Esaú rasgou de forma tão cruel o ventre de Rebeca, que ela nunca mais pôde conceber. Senão, Isaac poderia ter sido abençoado com tantos filhos quantos teve Jacob.[4]

(e) Jacob nasceu já circuncidado — como acontecera com apenas outros doze santos, a saber, Adão, Set, Enoque, Noé, Sem, Tera, José, Moisés, Samuel, David, Isaías e

Jeremias; mas há quem acrescente a essa lista os nomes de Jó, Balaão e Zerubabel. Isaac circuncidou Esaú aos oito dias de idade; mas, anos mais tarde, este submeteu-se a uma dolorosa operação que o fez ficar com aspecto de quem nunca fora circuncidado.

(f) A princípio a diferença entre os gêmeos não era maior do que a que existe entre um broto de murta e um broto de espinheiro. Mais tarde, no entanto, enquanto Jacob estudava piamente a Lei, Esaú começou a freqüentar os santuários cananeus e a cometer atos de violência. Antes dos vinte anos de idade, ele já havia cometido assassinato, estupro, roubo e sodomia. Deus então cegou Isaac: o que o poupou da censura silenciosa dos vizinhos.[6]

1. *Gênese* 25:20-27.
2. *Gên. Rab.* 687-691.
3. *Gên. Rab.* 683-84; *Ialkut Gên.* 110; *Seder Eliahu Zuta* 26-27.
4. *Ialkut Gên.* 110; *Bereshit Rabati* 103; *Tan'huma Buber Deut.* 35-36; *Tan'huma Ki Tetze,* cap. 4; *Pesikta Rabati* 48a.
5. *Avot diR. Natan* 12; *Mid. Tehilim* 84; *Tan'huma Buber Gên.* 127; *Gên. Rab.* 698; *PRE,* cap. 29.
6. *Gên. Rab.* 692-93, 713; *Tan'huma Buber Gên.* 125; *Tan'huma Ki Tetze,* cap. 4; *Mid. Leká Tov Gên.* 127; *Pesikta Rabati* 47b; *B. Baba Batra* 16b.

1. Tal como Sara, Rebeca deu à luz apenas uma vez, após anos de esterilidade. O mesmo aconteceu com a mãe de Samuel, Ana, a levita (*Samuel I,* 1). Raquel foi estéril durante muitos anos, até gerar a José, e esperou muitos anos mais até conceber Benjamim e morrer do parto. Nenhuma destas mulheres teve filhas e, no caso de cada uma, o filho foi especialmente abençoado por Deus. Seria isso talvez o registro de uma tradição que exigia de uma sacerdotisa *naditum* que não tivesse filhos (*ver* 29:2) durante um certo número de anos — como era o caso das virgens vestais em Roma —, e de uma santidade peculiar desfrutada por qualquer filho nascido em seguida?

2. Uma outra luta pré-natal entre gêmeos ocorre no mito de Perez e Zerá (*Gênese* 38:27-30), que foram gerados por Judá em sua nora Tamar; mas cujas guerras pós-natais não foram registradas. Estas duas instâncias hebraicas encontram paralelo em um mito grego, o da luta entre Preto e Acrísio no ventre da rainha Aglaia ("Luminosa"), que foi prenúncio de uma acirrada rivalidade pelo trono de Argos. Quando o pai deles morreu, concordaram em reinar alternadamente; Preto, no entanto, tendo seduzido a filha de Acrísio, Danae, foi banido do reino e fugiu para o estrangeiro. Lá casou-se com a filha do rei da Lídia, e retornou à Argólida à testa de um grande exército. Após uma batalha sangrenta, porém não decisiva, os gêmeos concordaram em dividir o reino, e cada um governar uma metade. Acrísio, que alegava ser descendente de Belus (Baal), irmão gêmeo de Agenor (Canaã), foi não apenas avô de Perseu, cujas aventuras na Palestina enriqueceram o céu noturno com cinco constelações — Andrômeda, Cassiopéia, Cefeu, Dragão e Perseu —, como foi também ancestral dos reis aqueus Menelau e Áscalo (*ver* 35:6). Os aqueus, que chegaram à Síria, e são referidos na Bíblia como hivitas (*ver* 30:4), podem ter trazido com eles um mito de uma luta pré-natal entre gêmeos, que foi aplicada à divisão do

patrimônio de Abraão entre Israel (Jacob) e Edom (Esaú); o mesmo motivo pode ter sido usado novamente em um mito perdido sobre Perez e Zerá, para explicar uma antiga partilha de Judá. Esaú, provavelmente, principia como o hirsuto deus-Caçador Usöus, de Usa (a Velha Tiro), mencionado na *História Fenícia* de Sancuniaton como irmão de Samemroumus (*ver* 16:5). Mas sua *pilosidade* prefigura a ocupação edomita do Monte Seir, que significa "hirsuto", "emaranhado" — vale dizer, "coberto de árvores" —, ele tinha cabelos ruivos porque *Edom* era popularmente interpretado com o significado de *adom*, ou *admoni*, "vermelho trigueiro".

3. Os edomitas, ou idumeus — em certa época tributários de Israel, apesar de terem chegado antes à Palestina — tomaram parte do sul da Judéia, após Nabucodonosor ter tomado Jerusalém (*Ezequiel* 36:5), incluindo Hebron. No entanto, no século II a.E.C., Judas Macabeu destruiu Hebron e as aldeias que a cercavam (*Macabeus I*, 5:65), e subseqüentemente os idumeus foram derrotados e convertidos à força ao judaísmo por João Hircano. Duas gerações mais tarde, Herodes, o edomita, tornou-se rei dos judeus, assassinou o último príncipe macabeu e foi confirmado no poder pelos romanos. Apesar de respeitar oficialmente a lei mosaica e de ter reconstruído o Templo de Deus em Jerusalém, ele ergueu vários santuários a divindades pagãs. O Esaú do *midrash* é assim um retrato conjunto de Herodes e de seus filhos romanizados, Arquelau, Herodes Antipas e Herodes Filipe. O aspecto não-circuncidado de Esaú refere-se àqueles "filhos de Edom" e seus associados, que se submeteram à operação conhecida como *epispasmo*, de forma a poderem participar sem constrangimento dos esportes helenísticos, que exigiam a nudez completa. A visão de Esaú como um malfeitor, no entanto, é do *midrash*, não é bíblica.

4. A Lei dada a Moisés no Monte Sinai era considerada existente antes da Criação e é ensinada em estilo fariseu pelo filho de Noé, Sem, também conhecido como Melquisedeque (*ver* 27.*d*). Mais três nomes acrescentados aos doze santos que nasceram circuncidados elevam-lhes o número para quinze, provavelmente em comemoração dos quinze degraus sagrados da subida para o Templo.

5. A conversão de Edom, por João Hircano, era saducéia: isto é, não incluía a crença na ressurreição dos mortos. Assim, o apego de Esaú a este mundo, em preferência ao mundo do além, o diferencia de Jacob, o Fariseu.

6. A explicação bíblica do nome Jacob como "aquele que agarra pelo calcanhar" ou "suplanta" (*Gênese* 25:26; 27:36) é uma etimologia popular, ou talvez um trocadilho com o nome, como o são as palavras de Jeremias (9:3): "Todo irmão engana (*Ia'kov*)." Seu significado original era teofórico e o nome completo, *Ia'kob-el*, significava "Deus protege". Numerosas variantes deste nome são conhecidas tanto de fontes judaicas (*Ia'kova, 'Akavia, 'Akiva* ou *Akiba*, etc.), quanto de países vizinhos (*Ia'qob-har, 'Akab-elaha*, etc.).

39

A MORTE DE ABRAÃO

(a) Abraão morreu com a idade de cento e setenta e cinco anos. Seus filhos Isaac e Ismael o puseram para repousar ao lado de sua mulher Sara, na Caverna de Machpelá.[1]

(b) Ele escolhera este local de sepultamento porque quando os três anjos o visitaram em Mamré e ele correu para matar uma novilha, esta fugiu para o recesso escuro da caverna. Seguindo-a bem de perto, Abraão deparou com Adão e Eva deitados lado a lado, como se estivessem dormindo; sobre eles ardiam velas e uma doce fragrância enchia o ar.[2]

(c) Não muito tempo antes da morte de Abraão, Isaac e Ismael comemoraram com ele a Festa dos Primeiros Frutos em Hebron, oferecendo sacrifícios sobre o altar que Abraão ali havia construído. Rebeca cozinhou bolos de trigo recém-colhido e Jacob os levou a Abraão, o qual, enquanto comia, deu graças a Deus por seu destino feliz. Também abençoou Jacob com a admoestação de que nunca se casasse com uma mulher cananéia e, ao mesmo tempo, legou-lhe a casa perto de Damasco ainda conhecida como "Casa de Abraão". Depois disso deitou-se, puxando Jacob para perto de si e dando-lhe sete beijos na testa; em seguida usou dois dos dedos de Jacob para fechar seus próprios olhos, puxou sobre eles uma coberta, esticou-se bem empertigado e morreu pacificamente. Jacob adormecera sobre o peito de Abraão até que, acordando algumas horas depois, viu que este estava frio como gelo. Anunciou a morte a Isaac, a Rebeca e a Ismael, que o prantearam aos gritos e finalmente enterraram Abraão na caverna, guardando luto por ele durante quarenta dias. Deus havia abreviado o tempo de vida de Abraão em cinco anos, para que ele pudesse morrer sem tomar conhecimento dos crimes de Esaú.[3]

(d) Alguns, no entanto, dizem que Abraão combateu a morte com não menos vigor do que Moisés o faria mais tarde; pois quando Miguel veio buscar-lhe a alma, ele, intimoratamente, insistiu em ver primeiro o mundo todo. Deus, portanto, ordenou a Miguel que permitisse a Abraão atravessar os céus em uma carruagem puxada por querubins e, assim, satisfazer seus desejos; no entanto, Abraão ainda relutava em morrer. Deus então convocou o Anjo da Morte, dizendo: "Vem, Morte cruel, esconde tua ferocidade, vela tua hediondez e, disfarçado em juventude e glória, vai buscar para Mim o Meu amigo Abraão!"

Abraão recebeu a Morte de forma hospitaleira mas, desconfiado de que aquele belo

jovem pudesse ser a Morte, pediu-lhe que revelasse seu verdadeiro aspecto. E isto a Morte fez. Abraão desmaiou, horrorizado, e quando voltou a si, murmurou: "Eu te ordeno, em nome de Deus, que renoves teu disfarce." A Morte obedeceu, dizendo traiçoeiramente: "Vem, amigo, segura minha mão e deixa que a força e o vigor da vida fluam para dentro de ti!" Pegou os dedos que Abraão estendera e, através deles, sugou-lhe a alma; a qual Miguel envolveu em um manto de tessitura divina e carregou para o céu.[4]

1. *Gênese* 25:7-10.
2. *PRE*, cap. 36.
3. *Jubileus* 22:1-23:7; *Pesikta Rabati* 47b; *Tan'huma Buber Gên.* 126.
4. *Testamento de Abraão*, 1-38.

1. O mito da luta de Abraão contra a Morte também é contado a respeito de Moisés e, em forma diferente, a respeito de Sísifo, rei de Corinto. Sísifo engana duas vezes a Morte que Zeus havia mandado, furioso, para tomar-lhe a alma. Primeiro ele pede que lhe seja mostrado como funcionam as algemas infernais, e então, rapidamente, prende-as nos pulsos da Morte. Em seguida ele ordena a sua esposa que não o enterre e, quando está sendo transportado através do Estige, convence Perséfone, rainha do mundo subterrâneo, de que sua presença ali é irregular e que precisa retornar por um espaço de três dias para organizar um funeral decente — após o que ele se evade, até que Hermes (uma contrapartida de Miguel) o arrasta de volta à força. Sísifo era um representante de Teshub, o deus-Tempestade hitita, e o mito pode ser hitita também, apesar de alterado para se adequar à ética do *Gênese* — onde Deus não está zangado com Abraão; Abraão se opõe à Morte, mas não a engana; e sua alma é levada para o Paraíso, não para a região de castigo do Tártaro.
2. O compartilhamento do leito de morte de Abraão enfatiza o caráter fundamentalmente pio de Jacob — o que suas ações com freqüência desmentem — e explica a frase aramaica "Repousar no seio de Abraão", utilizada, entre outros, por Jesus na parábola do Homem Rico e Lázaro (*Lucas* 26:22).
3. A "Casa de Abraão" é mencionada por Josefo como ainda existindo perto de Damasco.

40

A VENDA DA PRIMOGENITURA

(a) Certo dia, Jacob cozinhava lentilhas vermelhas do lado de fora de sua cabana, quando surgiu Esaú, que voltava de uma caçada no deserto, morto de cansaço.

"Dá-me um pouco dessa comida avermelhada, Irmão", pediu ele. "Estou morto de fome!"

Jacob respondeu: "Come, Cabelo Avermelhado; mas com a condição de que me vendas a tua primogenitura."

"Não vendê-la seria perder igualmente minha primogenitura", resmungou Esaú, "porque logo eu morreria de fome."

Antes de restaurar as forças de Esaú com pão e ensopado de lentilhas, Jacob o fez confirmar a venda através de um juramento; e quando Esaú se foi, ele riu, dizendo: "Meu irmão despreza sua primogenitura!"[1]

(b) Há quem desculpe em Jacob a aparente falta não apenas de amor fraterno, mas até mesmo de simples humanidade. Ele sabia, dizem esses, que Esaú acabara de tocaiar o Rei Nimrod — que ainda vivia, com duzentos e quinze anos de idade — e o matara; uma vez que cada um deles sentia ciúme da fama de caçador do outro. Fora uma longa perseguição de Esaú pelos companheiros vingativos de Nimrod que o reduzira a tal aperto. Jacob, na verdade, comprara a primogenitura de Esaú com a aprovação de Deus, porque até a Tenda da Assembléia ser erguida no Deserto, séculos depois, somente o primogênito de cada família podia oferecer sacrifícios, e Jacob então clamou: "Será este malfeitor, diante do Altar de Deus, abençoado por Ele?" Além disso, Esaú concordou prontamente em vender a primogenitura, se não cairia fulminado no altar por ter escarnecido da Ressurreição dos Mortos.

Outros dizem que Esaú também arrancou de Jacob uma grande soma em ouro, porque sua primogenitura lhe garantia um duplo quinhão na herança de Canaã; e que ele teria mais tarde repudiado a venda, se Jacob não o tivesse feito jurar pelo temor a seu pai Isaac, a quem ele amava com carinho; e se Miguel e Gabriel não tivessem testemunhado sua assinatura do contrato.[2]

(c) Esaú demonstrou para com Isaac um amor exemplar: trazendo-lhe carne de caça todos os dias e nunca entrando na tenda senão em trajes festivos. Foi portanto recompensado quando Josué entrou em Canaã e Deus proibiu os Filhos de Israel de

atacar seus primos edomitas, dizendo: "Tenho de reconhecer a honra que ele prestou ao pai!" Esaú, na verdade, desfrutou de grande prosperidade enquanto viveu.[3]

1. *Gênese* 25:29-34.
2. *Gên. Rab.* 694-97, 699; *Sefer Haiashar* 90-91; *B. Baba Batra* 16b; *Tan'huma Buber* 125-27; *Pesikta Rabati* 47b-48a; *Mid. Leká Tov Gên.* 123-24; *Mid. Sechel Tov* e *Imre Noam ad Gên.* 25:26; *Mid. Hagadol Gên.* 400-401; *Mid. Agadá Gên.* 64-65; *Bereshit Rabati,* 105.
3. *Gên. Rab.* 728; *Pesikta Rabati* 124A; *Mid. Leká Tov Gên.* 133; cf. Ginzberg, L. J., 5:278.

1. A vontade que Esaú sentiu de comer lentilhas vermelhas enfatiza a vermelhidão de seu cabelo (*ver* 38:2). Que ele era Edom, "o Vermelho", ou pelo menos pai de Edom, é afirmado repetidamente no *Gênese.* Era também Seir, o "Hirsuto" (*ver* 38:2) e, em livros posteriores (*Números* 24:18; *Crônicas II,* 25:11 lido em conjunção com *Reis II,* 14:7), "Seir" e "Edom" eram nomes intercambiáveis (ver 38:2). Ainda assim, os Filhos de Seir são identificados em outras fontes com os horitas: "Estes são os Filhos de Seir, o Horita, os habitantes da terra..." (*Gênese* 36:20) e: "Estes são os chefes horitas na terra de Seir..." (*Gênese* 36:30). O cronista de *Deuteronômio* 2:12, portanto, explica que os horitas um dia viveram em Seir, mas que os Filhos de Esaú os expulsaram e ocuparam sua terra.

2. Os horitas, ou hurritas, cuja língua não era nem suméria, nem semita, nem indo-européia, apareceram na fronteira setentrional de Acádia, mais para o fim do terceiro milênio a.E.C. Seus acampamentos ficavam no norte da Síria e na Anatólia oriental; e apesar de até hoje não ter surgido nenhuma prova arqueológica de seu estabelecimento na Iduméia o testemunho do *Gênese* não precisa ser posto em dúvida — a não ser que "horitas" signifique "Hori" ou Troglodita (*comparar Jó* 30:6), que se contavam entre os filhos de Queturá (*ver* 35. *b*). Os seiritas, agricultores não-semitas da Idade do Bronze, habitavam aquelas regiões desde cerca de 2000 a.E.C., e seu nome ocorre em um obelisco erguido setecentos anos mais tarde por Ramsés II do Egito. No entanto, tribos de fala semita já controlavam a área, e "Edom" é mencionado pela primeira vez em uma lista constante de um papiro feito para Seti II por volta de 1215 a.E.C. Esses edomitas, que assimilaram parcialmente os seiritas e os horitas, prosperaram até serem conquistados pelo Rei David por volta de 994 a.E.C.

3. A venda da primogenitura de Esaú justifica miticamente a subseqüente conquista dos edomitas por seus parentes menores, os israelitas (*Números* 20:14), que falavam a mesma língua mas até então não haviam ousado atacá-los. David tomou a precaução de mandar guarnições para Edom (*Samuel II,* 8:14; *Reis I,* 11:15-16), que reconheceu o domínio israelita até o reinado de Jeorão, rei da Judéia (*c.* 850 a.E.C.). Os edomitas, nessa ocasião, revoltaram-se com sucesso (*Reis II,* 8. 20 ss. e *Crônicas II,* 21:8 ss.) e, à parte uma breve reconquista por Amazias (*Reis II,* 14:7), dois séculos depois, mantiveram sua independência durante os setecentos anos que se seguiram.

4. Quando Herodes, o edomita, acabou se tornando rei dos judeus, através de seu assassinato de Aristóbulo, o herdeiro hasmoneu, e de um casamento forçado com a princesa hasmonéia Mariamne, e Augusto o confirmou no título, o mito da primogenitura de Esaú passou a exigir uma expansão com acusações de assassinato e estupro. A exigência de ouro, por parte de Esaú,

além das lentilhas, pode ter sido apresentada para lembrar os impostos esmagadores que Herodes exigia de seus súditos. A única virtude de Esaú, a piedade filial, constava como recompensada com prosperidade neste mundo, apesar de todos os edomitas virem inevitavelmente a sofrer tormentos no mundo do além (*ver* 11.*g*). Quando convertidos pela força ao judaísmo, pelos hasmoneus, os edomitas receberam a Lei Mosaica — mas não os Profetas; daí a ironia de Esaú para com a ressurreição dos mortos (*ver* 38:5). Ainda assim, mesmo sob essa nova tirania de Esaú, Israel conservou pelo menos o direito sacerdotal do primogênito de comandar o culto no Templo em Jerusalém e de interpretar a Lei na Suprema Corte Farisaica.

5. A identificação que o *midrash* faz de Roma com Edom não deve ser lida como um mito — não, na verdade, como uma alegação de que Enéias ou Rômulo descendiam de Edom — mas apenas como uma medida de segurança para disfarçar uma queixa política. Os quietistas fariseus encaravam a tirania de Herodes sob o patronato romano como detestável, ainda que predeterminada por um evento histórico que, se Israel desejava garantir a providência divina, devia aceitar como sendo Sua Vontade. Os herodianos posteriores, que continuaram como marionetes de Roma até a rebelião de 68 E.C., recebiam cortesania dos sacerdotes saduceus, e eram bajulados por renegados fariseus tais como Paulo de Tarso (*Atos* 25:13-27:32) e Josefo — que relata com orgulho sua correspondência longa e íntima com Agripa II, e sua amizade com os imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano.

6. Não obstante, uma das implicações principais da narrativa do *Gênese* é que uma ambição momentânea tomou conta de Esaú: não teria realmente morrido caso as lentilhas lhe tivessem sido negadas. Jacob, portanto, decidiu que um caçador nômade que vivia ao deus-dará não era digno de herdar a Terra Prometida. É verdade que povos que levavam uma vida agrícola bem estabelecida, não se exaurindo em incursões tempestuosas pelo Deserto, tinham mais tempo para a meditação e os deveres religiosos. Mas os comentaristas do *midrash* deixam passar este ponto: talvez porque, na disputa anterior entre dois irmãos igualmente colocados, Abel, o nômade, é o herói, e Caim, o agricultor estabelecido, o vilão (*ver* 16:1); e porque Edom praticava a agricultura enquanto Israel ainda vagava pelo Deserto.

41

A BÊNÇÃO ROUBADA

(a) Isaac envelheceu e ficou cego. Tendo chegado a seu centésimo vigésimo terceiro ano de vida, sentiu que a morte estava próxima e chamou Esaú à sua tenda. "Meu filho", disse ele, "pega teu arco e vai me buscar carne de caça selvagem. Prepara do modo que mais me agrada; depois disso, dar-te-ei minha bênção e morrerei."

Rebeca, que ouviu às escondidas as palavras de Isaac, chamou Jacob assim que Esaú sumiu de vista. "Teu pai pretende dar uma bênção a Esaú. Isto não pode acontecer, uma vez que tu és agora o primogênito! Vai até o rebanho, traz para mim dois bons cabritos para que eu faça um guisado saboroso, do tipo que teu pai gosta; ele pensará que é carne de caça." Jacob objetou: "Mas a pele de Esaú é cabeluda, e a minha é lisa! E se nosso pai Isaac me tocar e descobrir a fraude? Não irá ele então me amaldiçoar, em vez de me abençoar?" Rabeca tranqüilizou-o: "Que caia sobre mim a tua maldição! Vai agora, traz-me os cabritos!"

Jacob obedeceu. Rebeca preparou um guisado e vestiu Jacob com as roupas de Esaú, e em seguida envolveu-lhe as mãos e o pescoço com as peles recém-esfoladas dos cabritos. Jacob entrou na tenda de Isaac com a bandeja de caça; e o seguinte diálogo passou-se entre eles:

"Pai, eis-me aqui."

"Quem és tu, meu filho?"

"Não reconheceis teu primogênito? Rogo-vos, provai da minha caça, pai, e abençoai-me."

"Como encontraste tão depressa, meu filho?"

"Porque Deus me favoreceu."

"Aproxima-te! Quero me assegurar que és Esaú."

Isaac correu os dedos pelo corpo dele, dizendo: "As mãos são inconfundivelmente as de Esaú, mas a tua voz soa como a de Jacob. És realmente meu filho Esaú?"

"Sou ele."

"Então passa-me a bandeja, para que eu possa comer e te abençoar satisfeito."

Jacob passou-lhe a bandeja e, com ela, uma taça de vinho. Quando Isaac já havia comido e bebido à satisfação, disse: "Venha aqui, meu filho, e beija-me." Quando Jacob se curvou, Isaac sentiu a fragrância de suas roupas, e profetizou:

"As roupas do meu filho
Cheiram como um campo
Que Deus abençoou.

Que Deus te recompense
Com o orvalho dos céus,
Com as gorduras da terra,
Com o trigo e com o vinho!

Que os povos te sirvam
Que as nações te prestem homenagem,
Senhor dos filhos de tua mãe!

Que teus irmãos se curvem diante de ti,
Que seja maldito o que te amaldiçoar,
Que seja bendito o que te abençoar!"

Mal Isaac concluíra sua profecia, e Esaú já retornava de uma caçada bem-sucedida. Preparou um guisado saboroso, trouxe-o para o pai e disse: "Rogo-vos, pai, que proveis da minha caça e me abençoeis!" Isaac perguntou: "Quem podes ser?" Esaú respondeu: "Não reconheceis vosso filho primogênito, Esaú?" Isaac, trêmulo de aflição, disse: "Alguém já me trouxe uma grande bandeja de caça, da qual comi, e em alegria eu o abençoei — e, de fato, ele será abençoado! Deve ter sido teu irmão Jacob que me enganou e roubou a tua bênção!"

Esaú clamou com amargura: "E não é certo que ele se chame Jacob? Pois duas vezes ele *me suplantou* — primeiro roubando-me a progenitura, e agora minha bênção! Não haveis reservado nenhuma bênção para vosso filho Esaú?"

Isaac respondeu: "Ai, eis que designei a ele senhor sobre todos os seus irmãos e lhe prometi trigo e vinho sem limites! Que bênção resta-me para te dar, meu filho?"

Esaú insistiu, chorando: "Abençoai-me também, pai, de qualquer modo que seja adequado!"

Então Isaac voltou a profetizar:

"Longe das gorduras da terra
Deve ser a tua morada,
Longe do campo
Onde cai o orvalho dos céus!

Por tua espada viverás
A teu irmão servirás
Até chegar o tempo de sacudires
Esse jugo dos teus ombros!"

Mesmo assim, Esaú odiou Jacob por esse logro e jurou consigo mesmo: "Assim que meu pai morrer e o luto se encerrar, eu o matarei!"[1].

(b) Alguns dizem que Deus enviou um anjo para deter Esaú nos ermos, enquanto Rebeca preparava o guisado e Isaac comia até se saciar. Portanto, sempre que Esaú alvejava um veado, deixava sua carcaça no chão e ia à caça de outro, o anjo o ressuscitava e o soltava. Sempre que Esaú alvejava uma ave, cortava-lhe as asas e continuava em sua caçada, o anjo a fazia fugir voando; assim, no final, não trouxe para Isaac nada melhor do que carne de cachorro.[2]

(c) Outros dizem que, apesar de Jacob ter obedecido à mãe, por causa do Quinto Mandamento, detestou esse logro forçado: lágrimas correram-lhe nos olhos, interiormente ele orou a Deus para que o livrasse daquela vergonha, e dois anjos o apoiaram. Mas Rebeca, sendo profetisa, sabia que Jacob devia suportar aquela provação, e disse: "Coragem, meu filho! Quando Adão pecou não foi a Terra, sua mãe, amaldiçoada? Se necessário for, direi a teu pai que agi por meu conhecimento dos maus caminhos de Esaú." Jacob, porém, não mentiu para Isaac, dizendo apenas: "Sou o teu filho primogênito", o que era verdade — uma vez que ele havia comprado a primogenitura de Esaú.

Outros ainda dizem que as vestes de Esaú, com que Rebeca o cobriu, ou seja, aquelas que haviam sido feitas por Deus para Adão e Eva, haviam agora se tornado, com justiça, de Jacob, e Isaac reconheceu nelas a fragrância paradisíaca. No entanto, descobrindo o logro que lhe fora feito, Isaac enfureceu-se e teria amaldiçoado Jacob, não tivesse Deus lhe advertido: "Não disseste: 'Maldito seja o que te amaldiçoar, bendito seja o que te abençoar'?" Isaac então disse a Esaú: "Enquanto Jacob merecer ser servido, deves servi-lo! Mas quando ele deixar de obedecer à Lei de Deus, rebela-te e faz dele teu servo."[3]

1. *Gênese* 27:1-41.
2. *Tan'huma Buber Gên.* 131; *Tan'huma Toldot* cap. 11; *Gên. Rab.* 754; *Mid. Leká Tov Gên.* 135, *Targum Ier. ad Gên.* 27:31.
3. *Gên. Rab.* 727, 730, 740-41, 756, 762-63, 765; *Mid. Hagadol Gên.* 424, 435, 440; *Mid. Leká Tov Gên.* 132-34, 137-38; *Tan'huma Buber Gên.* 131-33; *Mid. Sechel Tov* 117; *Jubileus* 26:13.

1. Os gêmeos rivais, a mãe, e seu pai moribundo partilhavam uma crença ferrenha na eficácia da última bênção, que estabeleceria, mais do que apenas profetizaria, o futuro de Israel; as palavras podiam ser, uma vez pronunciadas, desditas, sequer pelo próprio Isaac. Se Esaú tivesse trazido o guisado de caça a bom tempo, sua posteridade teria desfrutado da bênção de Isaac e herdado Canaã. Essa bênção tinha o significado de um título de propriedade. Uma vez tendo destinado as gorduras da terra a Jacob — ou seja, a fértil Palestina ocidental, banhada pelo orvalho do Céu —, Isaac só podia transmitir a Esaú, do reino de Abraão, a Iduméia, de cujo solo seus filhos seminômades teriam que suplementar os magros produtos com o fio da espada: lançando ataques de surpresa e extorquindo dinheiro das caravanas e das aldeias fronteiriças dos povos vizinhos através da venda de proteção (*ver* 35:2). "Servirás a teu irmão!" é uma preparação para o período de vassalagem edomita entre os reinados de David e Jeorão (*Reis II*, 8:20-22). A segunda

metade da bênção de Esaú, diferente da primeira em estilo e em ritmo, foi acrescentada para justificar a subseqüente rebelião de Edom.

2. Apesar dos comentaristas dos *midrashim* admitirem a eficácia da bênção de Isaac, também sabiam que o profeta Oséias (12:3-13) havia ameaçado "Jacob" com a punição de seus malfeitos, relembrando como ele prendera Esaú pelo calcanhar ao nascimento, e como, pela força, fez-se príncipe, utilizando mais tarde balanças adulteradas, e fugindo para a Síria a fim de escapar à vingança de Esaú. Uma sentença condenando Jacob pelo roubo da bênção foi evidentemente suprimida por algum antigo editor e a lacuna preenchida (versos 4 e 5) com o louvor de sua luta contra o anjo em Betel. O Segundo Isaías (*Isaías* 43:27-28) mais tarde declara que o pecado de Jacob é finalmente punido pelo Exílio na Babilônia: "Teu primeiro pai pecou... portanto... entreguei Jacob à condenação."

3. Este mito — cujo primeiro capítulo tem um paralelo grego de origem cananéia (*ver* 38:2) — fixou-se na tradição hebraica numa época em que ser "um homem de muitos artifícios", como o cruel e traiçoeiro Ulisses, ainda era uma característica nobre. De fato, Autólico, o ladrão-mor grego, avô de Ulisses, pode ser identificado com Jacob no contexto de Labão (*ver* 46.*a*, *b* e 1). Ainda assim, as mentiras e o roubo eram rigorosamente proibidos pela Lei aos judeus tementes a Deus dos tempos rabínicos (O *Levítico* 19:11 diz: "Não roubareis, nem mentireis uns para os outros!"), os quais, com isso, viram-se diante de um dilema cruel. Afirmavam que o destino do universo dependia da retidão de seu ancestral Jacob, como herdeiro legítimo da Terra Prometida por Deus. Deveriam suprimir o mito de Esaú e Jacob, privando-se com isso da bênção de Isaac? Ou concordariam que recusar comida a um homem faminto, conspirar para roubar um irmão e enganar um pai cego são ações justificáveis quando um homem tem em jogo coisas muito importantes? Incapazes de aceitar qualquer uma dessas alternativas, refazem a história: Jacob estava preso, explicam eles, à obediência devida à mãe; odiou o papel que ela o fez desempenhar; fez de tudo para evitar mentiras diretas. Uma vez que Esaú casou-se com esposas hititas, cuja idolatria aborrecia Rebeca (*ver* 42.*a*), compararam-no ao Reino Iníquo de Roma, a cujos funcionários e agentes era permitido enganar, e fizeram de Jacob seu exemplo de como sobreviver em um mundo hostil. Apesar de relutantes em desculpar-lhe a fraude com o argumento de que ele viveu antes da Lei Mosaica ser promulgada — para eles a Lei precedia a Criação —, podiam pelo menos retratá-lo como aliciado ao pecado por Rebeca, uma mulher que, baseada em um senso profético do futuro de Israel, reivindicou para si própria a maldição.

4. O autor judeu do final do primeiro século da *Epístola aos Hebreus* (12:16-17), de forma sintomática, argumenta que Esaú, um fornicador profano que vendera sua primogenitura por um "pouco de comida", foi rejeitado quando, mais tarde, tentou herdar a bênção do primogênito, porque não podia repudiar a venda que fizera.

42

OS CASAMENTOS DE ESAÚ

(a) Aos quarenta anos de idade, Esaú trouxe para Hebron duas esposas hititas: Judite, filha de Beeri — apesar de alguns a chamarem de Aolibamá, a hivita — e Basemate ou Adá, filha de Elon. A idolatria dessas duas mulheres aborreceu a Isaac e Rebeca, e para agradá-los ele casou-se com uma terceira mulher, esta temente a Deus: ou seja, Basemate ou Maalate, filha de seu tio Ismael.[1]

(b) Alguns dizem que o amor de Esaú por Isaac e Rebeca transformou-se em ódio quando estes coonestaram o roubo de Jacob. Ele pensou: "Vou me casar com uma filha de Ismael e fazer com que ele insista na anulação da venda de minha primogenitura. Quando Isaac se recusar a isto, Ismael o matará. Como vingador do sangue de meu pai, eu então matarei Ismael; e assim herdarei a riqueza de ambos." No entanto, para Ismael ele disse apenas: "Abraão legou tudo que tinha a teu irmão mais moço, Isaac, e enviou-te para morrer no Deserto. Agora Isaac planeja tratar-me da mesma forma. Vinga-te de teu irmão usurpador, e eu me vingarei do meu." Ismael perguntou: "Por que deveria eu me vingar de seu pai Isaac, quando foi a ti que ele prejudicou?" Esaú respondeu: "Caim assassinou seu irmão Abel; mas até agora filho nenhum cometeu parricídio." Deus, no entanto, lendo os pensamentos cruéis de Esaú, disse: "Tornarei público aquilo que planejaste em segredo!"[2]

(c) Ismael morreu logo após o noivado de Basemate; e Nebaiote, seu filho mais velho, foi quem a deu a Esaú. Nesse meio tempo, Ismael já havia rebatizado Basemate como "Maalate", um meio de distingui-la da esposa hitita de Esaú que tinha o mesmo nome, e com a esperança de que este casamento pudesse levar Deus a *perdoar* a maldade de Esaú. Nisso, de fato, residiu a oportunidade de Esaú conquistar finalmente as graças de Deus; mas uma vez que ele não quis mandar embora suas outras esposas, estas logo corromperam Maalate. Todos os filhos dela se casaram com horitas e seiritas idólatras.[3]

(d) As tribos edomitas eram Teman, Omar, Zefô, Gatam e Kenaz, netos de Adá através de Elifaz; Naate, Zerá, Samá e Mizá, netos de Basemate através de Reuel; Amaleque, filho de Timna através de Elifaz; Jeús, Jalão e Korá, filhos de Aolibamá através de Esaú.[4]

1. *Gênese* 26:34; 28:8-9; 36:2.
2. *Gên. Rab.* 764-65; *Agadat Bereshit* 6, 95-96; *Mid. Tehilim* 112; *Hadar* sobre *Gên.* 27:42; *Mid. Hagadol Gên.* 440.

3. *Mid. Hagadol Gên.* 440; *Seder Olam* 2; *B. Meguilá* 17a; *Nur al-Zulm* 87; *Gên. Rab.* 768-69; *Sefer Haiashar* 99-100.
4. *Gênese* 36:1-14.

1. Os cronistas do *Gênese* deram nomes às três ancestrais de Edom apenas por ouvirem dizer. Uma delas certamente foi Basemate; mas as outras duas eram relembradas como ou Judite ou Maalate, ou Adá e Aolibamá. *Basemat* pode significar "perfumada". *Aolibamat* significa "minha tenda é exaltada"; *Adá*, "assembléia". "Aolibamá, a *Hivita*" é provavelmente uma leitura errada de *a Horita*.
2. *Gênese* 36:10-14 relaciona matrilinearmente os filhos de Esaú tal como o *Gênese* 35:23-26 havia relacionado os filhos de Jacob. Os filhos de Jacob tiveram quatro ancestrais: Léa, Raquel, Bilá e Zilpá (*ver* 45.*a-c*). Talvez devido aos filhos de Esaú serem apenas três, o cronista acrescentou mais uma, Timna, irmã de Lotan (Lot) — para destacar um paralelo. As primeiras confederações parecem ter correspondido aos doze signos do zodíaco (*ver* 43.*d*).
3. A árvore genealógica de Edom combina exatamente com a de Israel, como mostram os quadros a seguir:

OS FILHOS DE ISRAEL

Léa	*Raquel*	*Bilá*	*Zilpá*
Rubem	(José)	Dan	Gad
Simeão	Efraim	Naftali	Asher
Levi	Manassés		
Judá	Benjamim		
Issacar			
Zebulom			

OS FILHOS DE EDOM

Adá	*Basemate*	*Timna*	*Aolibamá*
(Elifaz)	(Reuel)	(Elifaz)	Jeús
Teman	Naate	Amaleque	Jalão
Omar	Zerá		Korá
Zefô	Samá		
Gatam	Mizá		
Kenaz			

4. Seis destes nomes tribais edomitas, os de Kenaz, Nahat, Zerá, Samá, Jeús e Korá, também ocorrem como nomes próprios nas tribos israelitas de Judá, Benjamim e Levi — prova das relações estreitas entre Edom e a Judéia. Além disso, *Judite*, "Louvor de Deus", é a forma feminina

de *Judá*; e "Aolibamá" em sua forma associada, "Aolibá" é o nome simbólico dado a Judá por Ezequiel (23) quando este condena as práticas idólatras em Jerusalém. A tribo de Judá foi bem cedo ampliada pelo acréscimo dos quenazitas edomitas (*Números* 32:12 e *Juízes* 1:13) e quenitas (*Juízes* 1:16), os quais incluíam os calebitas e viviam no território de Amaleque (*Samuel I*, 15:6).

5. Os "filhos de Elifaz", segundo o *Gênese* 36:10-12, eram netos de Esaú e de sua mulher Adá, mas são subseqüentemente descritos como "filhos de Adá" (versículo 16). Os netos de Basemate também são descritos como filhos dela nos versículos 13 e 17, e no versículo 19 como "filhos de Esaú". Igualmente, em *Gênese* 48:5-6, os netos de Jacob, Efraim e Manassés, transformam-se em seus "filhos", eliminando-se assim a tribo de seu pai, José; mas Efraim parece ter conquistado sua posição absorvendo a tribo matriarcal de Diná (*ver* 49:3). A tribo sacerdotal de Levi, que não recebeu nenhum território tribal, correspondia à ambígua e, portanto, sagrada décima terceira tribo. Essas treze tribos eram simbolizadas pelas varas de amendoeira guardadas no Santuário por ordem de Moisés, das quais somente a de Arão deu brotos: dessa forma designando Levi como a escolha de Deus para o sacerdócio (*Números* 17:16-24). As amêndoas simbolizavam a sabedoria sagrada e o Candelabro de Sete Braços, ou *Menorá*, era lavrado com folhas de amendoeira (*Êxodo* 25:31).

6. O *Gênese* enfatiza a luta contínua desses hebreus patriarcais contra seus vizinhos matrilineares (*ver* 36:1). Uma vez que Esaú fez concessões aos dois sistemas, os comentaristas dos *midrashim* sentiam-se com a liberdade de pintar com as tintas mais desfavoráveis o seu casamento no clã patriarcal de Ismael.

43

JACOB EM BETEL

(a) Rebeca chamou Jacob e disse: "Esaú planeja matar-te, e Ismael irá então vingar a tua morte. Mas por que deveria eu perder dois filhos em um só dia? Refugia-te com meu irmão Labão em Padan-Aram, e quando a raiva de Esaú tiver se mitigado, eu te mandarei avisar." A Isaac ela disse: "Estas esposas hititas de Esaú me deixam cansada da vida! Se Jacob também vier a se casar com idólatras, hei de morrer de vergonha." Ao que Isaac advertiu Jacob: "Meu filho, não toma uma esposa cananéia! Em vez disso vai para Padan-Aram e escolhe uma das filhas gêmeas de teu tio Labão." E voltou a profetizar:

"Oh, possa Deus te favorecer,
E multiplicar a tua raça
Em uma reunião de tribos!
Possa a bênção de Abraão
Descer sobre ti e teus filhos:
Herdar esta terra
Que foi o dom de Abraão!"[1]

(b) Jacob e Esaú tinham sessenta e três anos de idade nessa ocasião. Alguns dizem que Rebeca, quando se queixou das esposas de Esaú, não as mencionou pelo nome, mas assoou o nariz com raiva e atirou o ranho de seus dedos para o chão. Também, que quando Jacob fugiu, Esaú enviou seu filho Elifaz com ordens de matá-lo e saqueá-lo. Elifaz, arqueiro famoso, levou dez de seus tios maternos nessa perseguição e alcançou Jacob em Siquém. Jacob suplicou: "Leva tudo que tenho mas poupa-me a vida — e Deus considerará este saque como um feito correto." Elifaz, de acordo com isso, deixou-o nu e levou para casa os despojos; mas esta demonstração de misericórdia enfureceu Esaú.[2]

(c) Temendo a perseguição do próprio Esaú, Jacob afastou-se da estrada que levava a Siquém e aproximou-se de Luz, ao pôr-do-sol. Devido à sua nudez, ele não atravessou os portões da cidade; e na falta de um alforje, usou uma pedra como travesseiro. Naquela noite ele sonhou com uma escada, cuja base se apoiava na terra e o alto tocava o Céu, com anjos subindo e descendo os degraus. Uma voz disse: "Eu, o Deus do teu pai Isaac, e do pai dele, Abraão, destino esta terra para ti e teus filhos! Numerosos como grãos de poeira, eles se espalharão pelos quatro cantos da Terra e serão uma bênção para onde quer

que forem. Eu te protegerei, agora e em tua viagem de volta, não abandonando nunca Meu filho escolhido."

Jacob despertou e gritou, com terror: "Por certo Deus está aqui, e eu não sabia! Este lugar de temor deve ser Sua Casa, e o portão de entrada para o Céu!" Na manhã seguinte, ele se levantou cedo, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro e a pôs como coluna, ungindo-a com óleo e jurando: "Se Deus de fato me proteger em minha viagem — dando-me pão para comer e roupas para vestir — e me levar de volta para casa em segurança, não servirei a outro Deus e Lhe pagarei o dízimo de todas as minhas riquezas! Esta coluna Lhe servirá de Morada." Depois disso o lugar foi chamado de Betel, ou "A Casa de Deus".[3]

(d) Alguns dizem que Luz ficava logo abaixo do cimo do Monte Moriá, em cujo topo Jacob teve sua visão. E que também seu travesseiro tinha consistido de doze pedras separadas, de um altar erguido por Adão e reconstruído por Abraão; mas que, como Jacob escolheu uma delas, todas clamaram juntas, em disputa: "Pousa sobre mim tua sensata cabeça!", e foram miraculosamente unidas. Deus disse: "Este é um sinal de que os doze filhos justos que eu te darei formarão uma única nação! Não existem doze signos do zodíaco, doze horas do dia, doze horas da noite e doze meses do ano? Então, por certo, também haverá doze tribos em Israel."[4]

(e) Outros dizem que quando Deus criou os anjos, estes clamaram: "Abençoado seja o Senhor, o Deus de Israel, de eternidade a eternidade!"; e que, quando Adão foi criado, eles perguntaram: "Senhor, é este o homem, a quem devemos dedicar louvores?" Deus respondeu: "Não, este é um ladrão; ele comerá do fruto proibido." Quando Noé nasceu, voltaram a perguntar: "É ele?" Deus respondeu: "Não, este é um bêbado." Quando Abraão nasceu, perguntaram mais uma vez: "Este é ele?", mas Deus respondeu: "Não, este é um prosélito, não foi circuncidado na infância." Quando Isaac nasceu, perguntaram: "Este é ele?", e Deus respondeu: "Não, este ama um filho mais velho que Me odeia." Mas quando Jacob nasceu, e mais uma vez fizeram a pergunta, Deus exclamou: "Este é ele, de fato! Seu nome será mudado de Jacob para Israel e todos os seus filhos o louvarão!"

Jacob foi escolhido como modelo para o anjo com o rosto de homem da carruagem de Deus que Ezequiel viu em uma visão; e seu rosto meigo e glabro também está gravado sobre a Lua.[5]

(f) Outros dizem que os anjos do sonho de Jacob eram guardiões principescos de quatro nações opressoras. O Príncipe da Babilônia subia setenta degraus e depois descia; o da Média subia cinqüenta e dois degraus e depois descia; o da Grécia subia cento e oitenta degraus e depois descia; mas o Príncipe de Edom subia cada vez mais alto, até Jacob perdê-lo de vista. Ele gritou, consternado: "Este não descerá nunca?" Deus o tran-

qüilizou, dizendo: "Não temas, meu servo Jacob! Ainda que ele alcançasse o degrau mais alto e se sentasse a Meu lado, ainda assim eu voltaria a lançá-lo para baixo. Vem, Jacob, sobe tu mesmo a escada! Pois tu, pelo menos, nunca serás conclamado a descê-la." Jacob, no entanto, foi tímido e, assim, condenou Israel à sujeição pelos quatro reinos deste mundo.[6]

(g) Quando Jacob ungiu sua coluna com óleo que havia pingado do céu, Deus fez esse óleo penetrar tão fundo na terra, que hoje ela é chamada de Pedra Fundamental: ou seja, o umbigo do mundo, sobre o qual ergue-se o Templo de Salomão.[7]

1. *Gênese* 27:42; 28:5.
2. *Jubileus* 25:1 ss.; *Gên. Rab.* 767; *Mid. Sechel Tov* 119; *Mid. Hagadol Gên.* 437; *Sefer Haiashar* 96-98.
3. *Gênese* 28:10-12.
4. *Gên. Rab.* 780-82; *Bereshit Rabati* 118; *PRE,* cap. 35; *Sefer Haiashar* 98; *Mid. Tehilim* 399; *B. Hulin* 91b; *Seder Eliahu Raba* 29; *Tan'huma Buber Gên.* 181.
5. *Tan'huma Buber Lev.* 72-73; cf. Ginzberg, L. J., 5:275, 291.
6. *Lev. Rab.* 29:2; *PRE,* cap. 35; *Pesikta diR. Kahana* 150b-151a; *Mid. Tehilim* 347.
7. *PRE,* cap. 35; *Mid. Tehilim* 400.

1. Betel, que já era um santuário cananeu muito antes da era patriarcal hebraica, fica a quinze quilômetros ao norte de Jerusalém e cerca de um quilômetro e meio a leste de Luz. Seu nome é preservado pela aldeia árabe de Betin. Provas arqueológicas demonstram uma colonização quase contínua dessa área desde o século XXI a.E.C. até o primeiro século E.C. A santidade de Betel foi confirmada pelo mito de Abraão tendo feito sacrifício, tanto a caminho do Egito (*ver* 26.*a*) quanto em seu retorno, em um lugar entre Betel e Ai (*ver* 27.*a*). Nos tempos semi-históricos dos Juízes, a Tenda da Assembléia de Deus, contendo a Arca, era armada ali (*Juízes* 20:18, 26-27; 21:2-4). A importância religiosa de Betel continuou suprema até o reinado de Saul (*Samuel I,* 10:3 e 13:4) e, apesar de declinar um pouco após Salomão ter construído o Templo em Jerusalém, reviveu quando Reoboão e Jeroboão dividiram entre si o império e o Reino do Norte escolheu Betel como seu santuário central (*Reis I,* 12:29-33).
2. O mito da Escada, estabelecendo Betel como o "Portão do Céu" revelado por Deus ao fundador de Israel, autorizando a unção de uma famosa *massebá,* ou Coluna Sagrada, local e santificando o pagamento de dízimos (*ver* 27:5) data dos dias dos Juízes. Mas a versão que identifica Betel com o Monte Moriá, e o travesseiro de pedras de Jacob com o cume rochoso sobre o qual Salomão construiu seu Templo, deve ser posterior à destruição ou desconsagração, pelo Rei Josias (628 a.E.C.) de todos os "lugares elevados" consagrados às deusas cananéias Anat e Asherá, e a sua reforma da adoração no Templo em Jerusalém. Só então poderia a cena da visão de Jacob ser transferida arbitrariamente do conhecidíssimo santuário de Betel para Jerusalém.
3. A bênção de Deus é incondicional, mas Jacob sente-se impelido a prometer-Lhe oferendas de graças: ou seja, residência reverenciada na coluna e um dízimo de todas as riquezas obtidas através do favor divino. Seu pedido de comida, roupas e uma viagem segura fundamenta a história do *midrash* sobre como Elifaz o roubou.

4. Os degraus que os anjos guardiões subiam representam anos do domínio de suas nações sobre Israel: ou seja, setenta anos de exílio na Babilônia — desde a queda do Primeiro Templo (586 a.E.C.) até ser completado o Segundo (516 a.E.C. ou, mais precisamente, 515 a.E.C.); os subseqüentes cinqüenta e dois (na verdade, cinqüenta e oito) anos de dependência dos Medas que se encerraram com Esdras liderando o seu grupo de volta do exílio, no reinado de Ciro (457 a.E.C.); e cento e oitenta anos de domínio helenístico — da conquista da Palestina por Alexandre, o Grande (333 a.E.C.), até o restabelecimento de um reino judeu independente pelos macabeus (153 a.E.C.). A subida ininterrupta de Edom (*ver* 40:4 e 41:3) mostra que este *midrash* em particular data do período do domínio romano sobre a Palestina, que começou com a tomada de Jerusalém por Pompeu em 63 a.E.C. e continuou até a invasão persa de 614-629 E.C.

5. A palavra grega *betilos* significava uma coluna de forma cônica, periodicamente ungida com óleo, vinho ou sangue, na qual residia um deus, e da qual se costumava dizer que caíra do céu — como o meteorito consagrado ao deus Término em Roma, ou o Paládio de Tróia. Uma vez que os gregos personificavam "Betilos" como um filho do deus-Céu Urano e da mãe-Terra Géia; e uma vez que, segundo Sancuniaton, El (identificado por Filo de Biblos com Cronos) teve a mesma natividade, *betilos* provavelmente foi um empréstimo do *Bet-El* fenício ou hebraico, significando "Casa do Deus El". Hesíquio também registra que a pedra que substituiu Zeus-menino, e que Urano engoliu e depois vomitou, era exibida em Delfos e chamada "Betilos"; sacerdotes a ungiam todos os dias e, segundo Pausânias, cobriam-na com lã virgem em ocasiões solenes. Fócio, o erudito bizantino do século IX, menciona vários "betilos" sobre o Monte Líbano, a respeito dos quais se contavam histórias maravilhosas. A palavra também podia ser aplicada a divindades femininas: assim, nas narrativas do Templo da colônia judaica de Elefantina, de finais do século V a.E.C., uma deusa é chamada "Anatbetil".

6. Os doze patriarcas serem homens pios é uma flagrante contradição do *Gênese*. Todos, exceto Rubem e o menino Benjamim, conspiraram para assassinar seu irmão José, depois venderam-no como escravo e alegaram que ele tinha sido morto por um animal selvagem. Rubem corneou Jacob, e este o amaldiçoou ao morrer (*Gênese* 35:22 e 49:4 — *ver* 50.*a*). Levi e Simeão foram igualmente amaldiçoados por seu massacre traiçoeiro em Siquém (*Gênese* 34:25-31; 49:5-7 — *ver* 49.*d*); e a Benjamim foi prometida uma vida bem-sucedida totalmente devotada à pilhagem (*Gênese* 49:27 — *ver* 60.*e*). Ainda assim, o apócrifo *Testamentos dos Doze Patriarcas* apresenta cada um deles como uma fonte de piedade e sabedoria. Jesus cita o *Testamento de José* (18:2) em *Mateus* 5:44; e o *Testamento de Levi* (13:5) em *Mateus* 6:19.

44

OS CASAMENTOS DE JACOB

(a) Continuando sua viagem a Padan-Aram, Jacob viu três rebanhos repousando junto a um muro perto da cidade. Os pastores a quem ele fez perguntas responderam que eles conheciam Labão, filho de Naor — "E veja, aí vem a filha dele, Raquel, com as ovelhas!"

"Por que não dão de beber aos rebanhos?", perguntou ele.

"Estamos esperando os outros pastores. Eles nos ajudarão a remover aquela pedra enorme da boca do poço."

Quando Raquel chegou, trazendo o rebanho de Labão, Jacob removeu sozinho a pedra e deu de beber às ovelhas por ela — alguns dizem que, logo a seguir, as águas se ergueram miraculosamente e mantiveram o mesmo nível durante toda a sua estada.[1] Ele então revelou-se a Raquel como seu primo, beijou-a e chorou. Alguns dizem que chorou porque, muitos anos antes, Eliézer havia trazido ricos presentes de Abraão àquele local, quando propôs o casamento de Rebeca com Isaac; mas ele, o filho desse casamento, agora ali estava, sem nada. Outros dizem que foi por terem os pastores murmurado entre si, com ciúmes, quando ele beijou a prima.[2]

(b) Raquel foi para casa, para anunciar a chegada de Jacob e logo Labão apressou-se em ir ao poço, abraçou-o e convidou-o para sua casa. Labão tinha a esperança de presentes ainda mais valiosos do que aqueles que haviam sido trazidos por Eliézer e, apesar de Jacob ter chegado a pé sem sequer uma trouxa, suspeitou que ele trazia ouro em um cinto por baixo da roupa. Enquanto se abraçavam, Labão tateou mas não achou nenhum cinto; beijou-o então na boca, para ver se esta continha pérolas. Jacob disse com simplicidade: "Tio, não encontrarás qualquer fortuna escondida em mim: trago apenas saudações, tendo sido roubado no caminho por Elifaz, filho de meu irmão gêmeo Esaú."[3]

(c) Labão pensou: "Ele chega de mãos vazias, esperando comer e beber à nossa mesa durante um mês inteiro, ou talvez até um ano!" Zangado, foi consultar seus terafins.

Ora, quando criavam um ídolo oracular desse tipo, os arameus de Harran matavam um macho primogênito e conservavam sua cabeça em salmoura, azeite e especiarias. Em seguida, entoavam fórmulas encantatórias, colocavam debaixo da língua um disco de ouro gravado com um nome demoníaco, fixavam a cabeça em uma parede com argamassa, acendiam lâmpadas, prostravam-se e faziam perguntas, às quais a cabeça

sussurrava respostas. Tinham também um outro tipo de terafins: ídolos de ouro e prata, feitos pedaço a pedaço em certas horas calculadas, e que recebiam das estrelas o poder de prever o futuro — Labão, um famoso astrólogo, possuía vários desses. Ele então prostrou-se diante deles e perguntou: "Este hóspede que se aloja em minha casa, comendo pão sem pagamento — como devo tratá-lo?" Eles sussurraram a resposta: "Toma cuidado para não antagonizar um homem cujas estrelas encontram-se em conjunção tão maravilhosa! Pelo bem dele, Deus abençoará tudo que fizeres em tua casa ou em teu campo." Labão ponderou: "E se eu pedir a Jacob que entre para o meu serviço, e ele pedir em troca um alto salário?" Os terafins, lendo-lhe os pensamentos, voltaram a sussurrar: "Que o pagamento dele seja uma mulher. Ele só pedirá mulheres. Sempre que Jacob ameaçar voltar para casa, oferece-lhe mais uma, e ele ficará."[4]

(d) Depois que um mês já tinha se passado, Labão perguntou a Jacob: "Qual será o teu salário?" Jacob respondeu: "Que eu sirva sete anos por tua filha Raquel." Labão gritou: "Eu preferia ter-te como marido dela, do que qualquer outro homem deste mundo!" E assim o negócio foi acertado.[5]

(e) Alguns dizem que, a princípio, Raquel e sua gêmea mais velha, Léa, eram igualmente belas, mas que, quando Léa ouviu as pessoas dizendo: "Os filhos gêmeos de Rebeca estão destinadas a se casar com as filhas gêmeas de Labão; o mais velho ficando com a mais velha, e o mais novo com a mais nova", ela perguntou: "O que se sabe de Esaú, filho de Rebeca?" Responderam: "Anda pelo mau caminho e o seu negócio é o banditismo." "E o que se sabe de Jacob?" Responderam: "É um homem justo, que cuida com zelo dos rebanhos de seu pai." Léa começou a chorar e disse, soluçando: "Ai de mim, que Deus me livre do casamento com esse desgraçado Esaú!" O choro constante deformou-lhe os olhos; ao passo que Raquel, só tendo ouvido boas coisas a respeito de Jacob, tornou-se ainda mais bela.[6]

(f) Jacob, apesar de consciente de que as filhas mais velhas deveriam se casar antes de suas irmãs, pensou: "Esaú já me odeia porque o trapaceei na primogenitura e na bênção: ora, se eu ficar com ela, ele poderá vir e me matar. Só ouso pedir por Raquel."[7]

(g) Raquel preveniu Jacob: "Não confia em meu pai, ele é ardiloso!" Jacob gabou-se: "Medirei minha astúcia contra a dele." Ela perguntou: "Então os justos tem a liberdade de enganar?" Ele respondeu: "Eles podem responder à fraude com fraude. Diz-me, o que planeja o teu pai?" "Temo", disse Raquel, "que ele ordene a Léa que tome o meu lugar na escuridão do quarto nupcial; o que pode ser feito com facilidade aqui no Oriente, onde homem nenhum desfruta de sua mulher à luz do sol ou à luz de uma lâmpada. Ouvi dizer que no Ocidente pecaminoso é diferente."

"Vamos então combinar um sinal", disse Jacob. "Aceitarei a mulher que tocar

primeiro o dedão do meu pé direito; em seguida, o meu polegar direito; e, finalmente, o lóbulo de minha orelha direita."

"Eu me lembrarei desses sinais", respondeu Raquel.[8]

(h) Jacob disse a Labão: "Sei que vós, orientais, sois mestres do subterfúgio. Compreende então que servirei sete anos por Raquel, tua filha mais moça, e não por Léa, tua filha mais velha, com os olhos deformados; nem por qualquer outra mulher chamada Raquel, que pudesses trazer do mercado!"

"Compreendemos um ao outro muito bem, sobrinho", respondeu Labão.[9]

(i) Jacob serviu a Labão sete anos, e estes não lhe pareceram mais longos do que uma semana, tão profundamente amava Raquel. No dia exato em que esse prazo terminou, ele foi a Labão, dizendo: "Vamos, tio, prepara a festa de bodas!" Labão convidou toda Padan-Aram a sua casa, mas enviou Léa, coberta com um véu, para o quarto nupcial naquela noite, e Jacob só descobriu o engodo na manhã seguinte! Pois Raquel, apesar de amar muito a Jacob, também amava a Léa e disse consigo mesma: "Temo que, por ignorância de nossos sinais secretos, minha irmã passe por uma humilhação. Devo portanto revelá-los." Assim, quando Jacob chamou Léa: "Raquel", ela respondeu "Eis-me aqui" com a voz de Raquel; e tocou, consecutivamente, o dedão do pé direito dele, o polegar direito e o lóbulo da orelha direita.[10]

(j) À primeira luz do amanhecer, Jacob censurou Léa, enfurecido, dizendo: "Mentirosa, filha de um mentiroso!" Léa sorriu e disse: "Não há mestre sem aluno: tendo ouvido de teus próprios lábios como meu tio Isaac, cego, te chamou 'Esaú', e como respondeste com a voz de Esaú, guardei na cabeça essa lição". Mais tarde, Deus concedeu a Raquel, como prêmio por sua gentileza de irmã, que Sansão, Josué e o Rei Saul fossem seus descendentes.

Jacob também censurou Labão: "Sete anos te servi por Raquel, por que me enganaste? Toma de volta tua filha Léa e deixe-me partir. Foi uma má ação!"

Labão respondeu suavemente: "Não é nosso costume, e é proibido nas Tábuas Sagradas, entregar uma filha mais moça antes da mais velha. Não te aborreças, mas faz com que tua posteridade observe a lei; e agradece-me por te ensinar através do exemplo. Raquel também será tua, assim que esta festa de casamento terminar: deves comprá-la servindo-me mais sete anos."[11]

(k) Jacob concordou e Labão, recordando-se do conselho dos terafins, deu-lhe duas mulheres, além de Léa e Raquel: a saber, Zilpá, serva de Léa, e Bilá, serva de Raquel. Eram filhas do próprio Labão com concubinas. E mais tarde, Jacob levou ambas para sua cama.[12]

1. *Gênese* 29:1-10; *PRE,* cap. 36; *Gên. Rab.* 817; *Targum Ier. ad Gên.* 28:22 e 21:22.
2. *Gênese* 29:11-12; *Gên. Rab.* 811-12.
3. *Gênese* 29:12-13; *Mid. Hagadol Gên.* 460-61.
4. *Ialkut Reubeni ad Gên.* 29:15; *Tan'huma Vaietsê* 40b; *PRE,* cap. 36; *Sefer Haiashar* 103.
5. *Gênese* 29:14-19; *Gên. Rab.* 813-14.
6. *B. Baba Batra* 123a; *Tan'huma Buber Gên.* 152, 157; *Gên. Rab.* 815-16, 821-22.
7. *Tan'huma Buber Gên.* 153, 157.
8. *Gên. Rab.* 817-19; *Targum Ier. ad Gên.* 29. 22; *Sefer Haiashar* 100-01; *B. Megulá* 13b; *B. Baba Batra* 123a; *Mid. Hagadol Gên.* 463-64; Azulai, *Hesed le-Avraham* 2:6.
9. *Gên. Rab.* 816.
10. *Gênese* 29:20-14; *B. Megulá* 13b; *B. Baba Batra* 123a; *Gên. Rab.* 819.
11. *Gênese* 29:25-27; *Gên. Rab.* 814, 819; *Tan'huma Buber Gên.* 153; *B. Sucá* 27b; *B. Megulá* 13b; *B. Baba Batra* 123a; *Jubileus* 28:4-9.
12. *Gênese* 29:28-30; *Gên. Rab.* 870; *PRE,* cap. 36; *Targum Ier. ad Gên.* 29:24; *Bereshit Rabati* 119.

1. Somente a simpatia de Isaac por seu filho primogênito Esaú poderia tê-lo decidido a não dar a Jacob um dote adequado para a noiva; mas, para evitar que sua dureza seja entendida como um repúdio da bênção roubada, contam-nos o roubo de Elifaz — com que Jacob, um tanto implausivelmente, desculpa a sua chegada de mãos vazias. Labão teria se dado conta de que Isaac, que, como herdeiro de Abraão, poderia comprar para Jacob a noiva mais cara de Harran, o havia expulsado de casa, sem servos e em desgraça. Mas os jovens aldeãos árabes sem dinheiro ainda costumam servir a um futuro sogro em vez de pagar o dote de uma noiva; e Jacob lhes fornece um honroso precedente.
2. A resposta de Labão à queixa de Jacob: "Não é nosso costume entregar a filha mais jovem antes da mais velha" (*Gênese* 29:26) implica que a força de um costume local anula qualquer compromisso individual que possa contradizê-lo. A aceitação desse ponto de vista por parte de Jacob é comprovada por seu subseqüente silêncio; e o mito assim vem validar uma "regra excelente" que o *Livro de Jubileus* quis fazer prevalecer sobre todo Israel.
3. A poligamia continua sendo legal no Oriente Médio, tanto para muçulmanos quanto para judeus, mas raramente é praticada. O casamento com duas irmãs, apesar de proibido por *Levítico* 18:18, deve ter sido tolerado até o século VI a.E.C., uma vez que Jeremias (3:6 ss.) e Ezequiel (23:1 ss.) falam simbolicamente do matrimônio de Deus com as irmãs Israel e Judá, ou Aolá e Aolibá.
4. Entre os "orientais" que insistiam na escuridão no quarto nupcial incluíam-se os haranianos, persas e medas. Jacob era suspeito de impudicícia ocidental: tal como a exibida por Absalão quando teve relações com o harém de seu pai, debaixo de um toldo, à vista de todo Israel (*Samuel II,* 16:22).
5. Os sinais secretos combinados entre Jacob e Raquel são, de acordo com Avraham Azulai, um comentarista do século XVI, o ritual adequado para ser observado pelo noivo e pela noiva na noite de núpcias. Ela deve segurar, sucessivamente, o dedão do pé direito dele, seu polegar direito e o lóbulo de sua orelha direita: o que não apenas lhe despertará o desejo de uma procriação honesta, como expulsará os três demônios alojados nesses pontos, que incitam o desejo carnal. Se for afortunada, ela poderá assim atingir a rara distinção de dar à luz um filho já circuncidado

(*ver* 19.*c* e 38.*e*). O sacerdote que espalha o sangue de uma vítima sacrificial sobre esses três pontos livra-se de imundície (*Levítico* 14:14, etc.). No ritual da *kapará*, na véspera do Dia do Perdão, o sangue de um galo igualmente expulsa os demônios do desejo carnal.

6. Terafins como aqueles que possuíam Labão, David (*Samuel I*, 19:13-16) e Micá (*Juízes* 17:5 ss.), apesar de "imagens esculpidas" do tipo condenado pelo Segundo Mandamento, eram de uso comum. Oséias (3:4) escreve no século VIII a.E.C. que a religião iria desaparecer por falta de terafins, sacrifícios e colunas sagradas. Eram divindades divinatórias domésticas ou de uma aldeia, talvez imagens ancestrais de metal, madeira, ou cerâmica (*Reis II*, 23:24; *Ezequiel* 21:1 e *Zacarias* 10:2); e consultadas pelo menos até a época de Iehuda Macabeu (*Macabeus II*, 12:40), cujos homens usavam terafins jamnianos por baixo de suas túnicas. Judas, como Samuel (*Samuel I*, 15:33), considerava a adivinhação abominável aos olhos de Deus, e esta descoberta o deixou chocado. A narrativa do *midrash* sobre cabeças humanas mumificadas sendo utilizadas como oráculos em Harran é apoiada por Jacob de Edessa e pela coletânea de histórias daquela área reunida por Chwolson. "Teraphim" (terafins), apesar da terminação plural, pode significar uma única imagem, ou duas, ou mais.

7. O problema de Léa nos olhos era provavelmente tracoma, uma infecção comum provocada por uma mosca, para a qual só recentemente foi criada uma vacina.

45

O NASCIMENTO DOS DOZE PATRIARCAS

(a) Porque Jacob odiou Léa desde que ela lhe foi imposta por Labão, Deus em Sua Compaixão deixou que ela tivesse um filho. Ela o chamou "Rubem", dizendo: "Deus *viu minha infelicidade*; agora Jacob me amará"; e a seu segundo filho, "Simeão", dizendo: "Deus *ouviu* minha prece e me deu outro filho"; e a seu terceiro filho "Levi", dizendo: "Meu marido se *juntará* a mim com amor: dei-lhe três filhos"; e a seu quarto filho "Judá", dizendo: "Agora realmente eu *louvo* a Deus!" Depois disso, e durante algum tempo, a pedido de Raquel, Jacob não dormiu mais com Léa.

Raquel, ainda estéril, disse a Jacob: "Morrerei se não me deres filhos!"

Ele perguntou, zangado: "É culpa minha que Deus te tenha fechado o ventre?"

Raquel implorou: "Pelo menos pede por mim, como Abraão pediu por Sara."

Ele voltou a perguntar: "Mas farias como fez Sara, deitando uma rival em minha cama?"

"Se é o ciúme que me mantém estéril", respondeu Raquel, "toma minha serva Bilá e encara qualquer filho que ela tiver como meu."

Jacob, de acordo com isso, levou Bilá para sua cama e, quando ela teve um filho, Raquel clamou: "Deus foi meu *juiz* e atendeu à minha súplica!" E ela portanto chamou a criança de "Dan". Bilá também teve um segundo filho; e Raquel, dizendo: "Fui uma *lutadora* e venci minha contenda com Deus!", chamou-o de "Naftali".

Léa, para não ser superada em condescendência, deixou que Jacob usasse Zilpá, sua própria serva, como concubina. Quando Zilpá teve um filho, Léa disse: "Que *boa fortuna!*", e chamou-o de "Gad". Zilpá igualmente teve um segundo filho, e Léa, dizendo: "Agora todas as mulheres me chamarão de *feliz!*", chamou-o de "Asher". Depois disso Jacob só dormiu com Raquel; e Léa aprendeu a odiá-la profundamente. Mas Raquel tinha um temor constante de ser mandada de volta a Padan-Aram, por ser estéril, e lá reclamada por seu primo Esaú.[1]

(b) Um dia, no entanto, durante a colheita do trigo, Rubem, o filho de Léa, estava cuidando do jumento de Jacob, quando encontrou mandrágoras em uma ravina. Essas raízes mágicas parecem-se com os membros inferiores de um homem; a flor tem cor de chama e, ao pôr-do-sol, emite estranhos raios, feito relâmpagos. Crescem no Vale de Baaras, que fica ao norte de Macerus, em Judá, e não apenas podem aumentar a atração de uma mulher por seu marido, como curá-la da esterilidade. As mandrágoras resistem

ferozmente à mão que as arranca, a não ser que sangue menstrual ou as secreções orgânicas de uma mulher se derramem sobre elas; ainda assim, são morte certa para quem tocá-las, a não ser que sejam mantidas com as pernas para baixo. Os colhedores de mandrágoras cavam em torno da planta até que somente as pontas de suas raízes permaneçam presas ao solo; eles então amarram a ela um cachorro, com uma corda, e vão embora. O cachorro vai atrás, arranca a planta e morre imediatamente; o que satisfaz o espírito vingativo da mandrágora.[2]

(c) Rubem, que não reconheceu as mandrágoras por suas folhas fétidas e lanceoladas, inocentemente amarrou seu jumento nelas e afastou-se. O jumento logo arrancou as mandrágoras, que lançaram um guincho de gelar o sangue; e tombou morto. Rubem então levou-as para casa, para sua mãe Léa, para mostrar o que havia matado o animal; mas Raquel encontrou-o no caminho e arrancou-lhe as mandrágoras das mãos. Rubem chorou, aos gritos, e Léa correu até ele, perguntando o que estava acontecendo. "Ela roubou meus homenzinhos", disse ele aos soluços. "Devolva-os imediatamente!", ordenou Léa a Raquel. "Não, não", respondeu ela freneticamente, chorando também. "Estes homenzinhos serão meus filhos, uma vez que Deus não me deu outros." Léa gritou. "Não basta me teres roubado o marido? Também queres agora roubar o filho mais velho dele?"

Raquel suplicou: "Dá-me essas mandrágoras e Jacob se deitará contigo esta noite."

Léa não ousou desprezar essa oferta e, quando ouviu os zurros do jumento de Jacob, que voltava dos campos para casa ao pôr-do-sol, correu ao encontro dele. "Deves partilhar minha cama esta noite", gritou ela. "Aluguei-te com as mandrágoras de teu filho."

Jacob concordou de má vontade, e Léa, voltando a conceber, deu-lhe um quinto filho, a quem chamou de "Issacar", dizendo: "Deus recompensou meu *aluguel*." De fato, Deus exaltou o descaso de Léa pela modéstia feminina ao alugar Jacob daquela maneira — não por desejo, mas por vontade de aumentar as tribos de Israel. Ele decretou que os filhos de Issacar possuiriam sempre uma compreensão muito particular do tempo e da astronomia.

Então Raquel, tendo raspado e comido as mandrágoras, finalmente concebeu e teve um filho. Chamou-o de "José", dizendo: "Deus *tirou-me* a minha vergonha! Oh, possa Ele *acrescentar-me* um segundo filho também!"[3]

(d) Léa, depois disso, teve um sexto filho, a quem chamou "Zebulom", dizendo: "Deus me deu um bom *dote*; agora Jacob certamente *habitará* em minha tenda, uma vez que lhe dei seis filhos!"[4]

(e) Benjamim nasceu muitos anos depois, durante um retorno de Jacob de Padan-Aram. Ele trouxera seus rebanhos, manadas, e mulheres através de Betel e, imediata-

mente antes de chegar a Efrat, as dores do parto subjugaram Raquel. Quando, após um dia ou mais, seu filho finalmente surgiu, a parteira gritou: "Coragem: mais uma vez tens um filho!" Raquel, esgotada pelo trabalho de parto, morreu sussurrando: "Sim, na verdade ele é *o filho da minha dor*!" Ela então o chamou de "Benoni"; mas Jacob chamou-o de "Benjamim", que significa "Filho da minha mão direita". Pesaroso por não poder deixar Raquel repousando na Caverna de Machpelá, Jacob ergueu uma coluna sobre seu túmulo que ainda pode ser vista em Efrat, perto de Rama.[5]

(f) Todos os doze patriarcas, exceto José, tiveram irmãs gêmeas com quem mais tarde se casaram — Benjamim teve duas. Léa também teve uma filha, Diná, sem um gêmeo homem. Jacob teria se divorciado de Léa, mas ela lhe dera tantos filhos que ele se sentiu obrigado, finalmente, a torná-la a cabeça do seu harém.[6]

(g) Alguns dizem que, para comemorar a descoberta das mandrágoras por Rubem, sua tribo sempre usou um boneco em seu estandarte. Outros, que Raquel jamais comeu aquelas raízes — o que teria sido bruxaria —, mas entregou-as a um sacerdote; e que Deus recompensou-a com dois filhos por ter vencido uma tentação tão forte.[7]

1. *Gênese* 29:31; 30:13; *Gên. Rab.* 829-30; *Tan'huma Buber Gên.* 158; *Agadat Bereshit* 103-05.
2. *Gênese* 30:14; *Gên. Rab.* 837; *Ier. Erubin* 26c; *Ier. Shabat* 8b; *Zohar Gên.* 268, 314; Josefo, *Guerras* 7:6.3.
3. *Gênese* 30:14-24; *Midrash Agadá Gên.* 112; Avraham Saba, *Seror HaMor*, Veneza, 1523, p. 34a; *Test. de Issacar* I-II; *Gên. Rab.* 841, 1.282; *B. Nidá* 31a; *Mid. Leká Tov Gên.* 152; *B. Erubin* 100b.
4. *Gênese* 30:19-20.
5. *Gênese* 35:16-20.
6. *Gênese* 30:19-21; *PRE*, cap. 36; *B. Baba Batra* 123a; *Gên. Rab.* 823.
7. *Sefer Hakane* 32b; *Midrash Agadá Num.* 78; *Test. de Issacar* II.

1. O *Gênese* fornece etimologias populares para os nomes dos doze patriarcas, poucas delas plausíveis. *R'uven* (Rubem), tomado como significando "Veja, um filho!", não pode ser concebido como *ra'á b'oni*, "Ele viu minha infelicidade" (*ver* 50:3). E apesar de "Dan" ter sido derivado corretamente da raiz *dan*, "julgar", tanto em *Gênese* 30:6 quanto 49:16, e apesar das palavras de Raquel "Deus me julgou" (*danani elohim*) corresponderem ao acadiano *shamash idinani*, "possa Shamash julgar-me!" e terem um paralelo em nomes amoritas e catabanianos, ainda assim Dan teria sido originalmente um epíteto do patrono tribal. "Diná" é a forma feminina de "Dan".
2. Os efraimitas receberam seu nome tribal, "terreno fértil", da cadeia de montanhas, ricas em águas, que ocuparam por volta de 1230 a.E.C., na conquista da Palestina; e "Benjamim" ("filho da minha mão direita", ou "filho do Sul") significava que sua tribo dominava o Efraim meridional. "Ben-oni", no entanto, o nome original, sugere "filho de On" — uma cidade egípcia mencionada em *Gênese* 41:45 como o lar do sogro de José, da qual Benjamim pode ter emigrado com as duas tribos de Raquel e o clã sacerdotal de Levi. Os dois filhos de Zilpá, Gad e Asher,

têm os nomes de divindades aramaico-cananéias. Gad era o deus da boa sorte, que é o significado do seu nome em hebraico, aramaico, sírio e árabe, e sua adoração se estendia a Palmira, à Fenícia e a toda a Arábia. *"Ba Gad!"*, a exclamação que se diz ter sido soltada por Léa no nascimento de Gad, seria compreendida simplesmente como "Boa sorte!". "Asher" é o amorita Asir (*ver* 35:3), a forma masculina de "Asherá", um nome da deusa da fertilidade, de amplos domínios, também conhecida como Aterat, Ashirat, Ashirtu, ou Ashratu. "Issacar" provavelmente significa "homem de Sacar"; sendo Sacar, ou Socar, o deus egípcio Mênfis.

3. Uma passagem de um *midrash* destaca com muita perspicácia que a Lei Mosaica regendo a herança de filhos nascidos a um homem por duas co-esposas, uma amada e a outra odiada (*Deuteronômio* 21:15-17) se baseia neste mito e rejeita o precedente criado por Jacob.

Se um homem tem duas esposas, uma amada e outra odiada, e elas lhe dão filhos, tanto a amada quanto a odiada; e se o filho primogênito for da que é odiada, então deverá se passar que, no dia em que ele der sua herança, não poderá fazer do filho da que é amada o seu primogênito; mas reconhecerá o primogênito, o filho da odiada, dando-lhe um duplo quinhão.

Pois Jacob, em sua bênção de Despedida, deu a José, o filho primogênito de Raquel, um duplo quinhão e a preferência sobre Rubem, o primogênito de Léa.

4. A ordem tradicional do nascimento dos patriarcas é a mesma da precedência da federação Léa/Raquel: mais tarde chamada "Israel", apesar de que a princípio "Israel" incluía, adequadamente, apenas as tribos de Raquel. Léa ("Vaca Bravia") e Raquel ("Ovelha") são títulos de deusas. A Vaca Bravia é a deusa da lua cananéia, de vários nomes; a deusa-Ovelha, mãe de um deus-Carneiro, teria sido adorada por pastores estabelecidos em Goshen. Os seis filhos de Léa parecem ter sido arameus, da antiga confederação de Abraão, que nunca se estabeleceram no Egito, mas com quem seus primos por parte de Raquel fizeram causa comum após terem retornado de Goshen, sob o comando de Josué. Os "filhos" de Zilpá eram sem dúvida tributários dos de Léa; como os de Bilá o eram dos de Raquel (*ver* 50:2). Benjamim não podia alegar ser de cepa aramaica, apesar de, titularmente, ser um dos filhos de Raquel: sua tribo era peculiar, famosa por seus fundeiros precisos e ambidestros, por sua ferocidade na guerra e por terem propiciado à federação de Israel a sua primeira monarquia. As outras tribos israelitas usavam arcos, o que significa que eram sempre superados em pelo menos cinqüenta metros quando comparados com os benjamitas. O fato de David ter usado uma funda contra Golias, e seu contato íntimo com a corte de Saul, sugerem sangue benjamita. Outros fundeiros mais famosos do mundo antigo foram gregos — aqueus, arcananianos e ródios com os baleáricos rodianizados. As fundas chegaram à Grã-Bretanha por volta de 500 a.E.C.

O quinhão de alimentos de Benjamim, cinco vezes maior do que o de seus irmãos (*Gênese* 43:34 — *ver* 58.*c*), provavelmente se refere à inclusão em território benjamita dos mais importantes santuários cananeus: Betel, Jericó, Ramá, Guilgal, Mizpé, Jerusalém, Geba, Gibeá e Gibeão. Gibeão era uma cidade hivita, isto é, de origem aquéia, e o comportamento de seus embaixadores quando foram até Josué como suplicantes (*Josué* 9:3 ss.), era caracteristicamente grego; e Geba e Gibeá, formações similares, costumam ser freqüentemente confundidas com Gibeão. A questão da origem racial de Benjamim é complicada pela existência de um povo ao norte da Palestina, chamado Bené-jamina, cujo chefe tinha o título de Davidum, possivelmente

a origem do nome "David". Estes são descritos em documentos do século XVIII a.E.C., de Mari e do médio Eufrates, como uma tribo selvagem e predatória, o que lembra a caracterização de Benjamim em *Gênese* 49:27. Qualquer que seja a conexão entre essas duas tribos benjamitas, o Benjamim "hebraico" recebeu as boas-vindas de Efraim e Manassés, as tribos de José, em sua confederação, na qualidade de Filho de Raquel, cuja coluna ficava na fronteira dos dois territórios e provavelmente foi originalmente erguida não apenas como uma *massebá* dedicada à sua ancestral divina, mas também como um memorial ao nascimento dessa nova federação. A morte de Raquel sugere a descontinuidade dos dons sacrificiais à antiga deusa-Ovelha, quando seus três "Filhos" adotaram a adoração predominante do local, a Asherá.

5. Uma mudança constante de áreas tribais complica essa questão. Tempos mais tarde, Judá absorveu Benjamim, mencionada por Jeremias (33:13) como uma de suas províncias; e apesar de *Samuel I,* 10:2 ss. e *Jeremias* 31:15, que registram a versão mais antiga deste mito, a coluna de Raquel é colocada na fronteira setentrional de Benjamim, ao norte de Jerusalém; ainda assim, um comentário em *Gênese* 35:19, seguido em 48:7, iguala Efrat a Belém, local do nascimento de David, bem dentro do território de Judá, conforme delimitado em *Josué* 15:5-10, e assim coloca o túmulo de Raquel ao sul de Jerusalém. O chamado "Túmulo de Raquel" atual, na estrada de Jerusalém–Belém, já era conhecido de Mateus (2:16-18), que iguala Ramá a Belém.

6. O fato de que cada um dos patriarcas, com exceção de José, tinha uma gêmea com quem se casou sugere um acordo, nos dias dos Juízes, entre as instituições patriarcal e matrilinear, e, portanto, a adoração conjunta de um deus e uma deusa.

7. A raiz carnuda e em forquilha da mandrágora (*Mandragora officinarum*), negra no exterior, macia e branca no interior, e com cerca de trinta centímetros de comprimento, parece-se com um corpo humano, com duas pernas; às vezes, uma pequena raiz subsidiária compõe a genitália. Seu caule é peludo; suas flores têm forma de cálice e são de uma cor púrpura rica; seus frutos, que amadurecem no tempo da colheita do trigo, são amarelos, doces, agradáveis ao paladar e, o que ainda se acredita entre os árabes-palestinos, capaz de curar a esterilidade. Também é conhecida como mandrágora da primavera. A mandrágora do outono (*atropa mandragora*) foi importada bem mais tarde para a Palestina. Um dos textos ugaríticos de Ras Shamra (século XV ou XIV a.E.C.) referindo-se a um culto de fertilidade começa assim: "Plantem mandrágoras na terra..." A palavra ugarítica para mandrágoras, *dim,* só difere dialetalmente do hebraico bíblico *dud'im.* Eram chamadas de *iabruhim* pelos arameus, porque *espantavam* demônios; e *sa'adim* pelos árabes, porque eram *úteis* à saúde; e *dudaim* pelos hebreus, porque eram *propiciadoras* do amor.

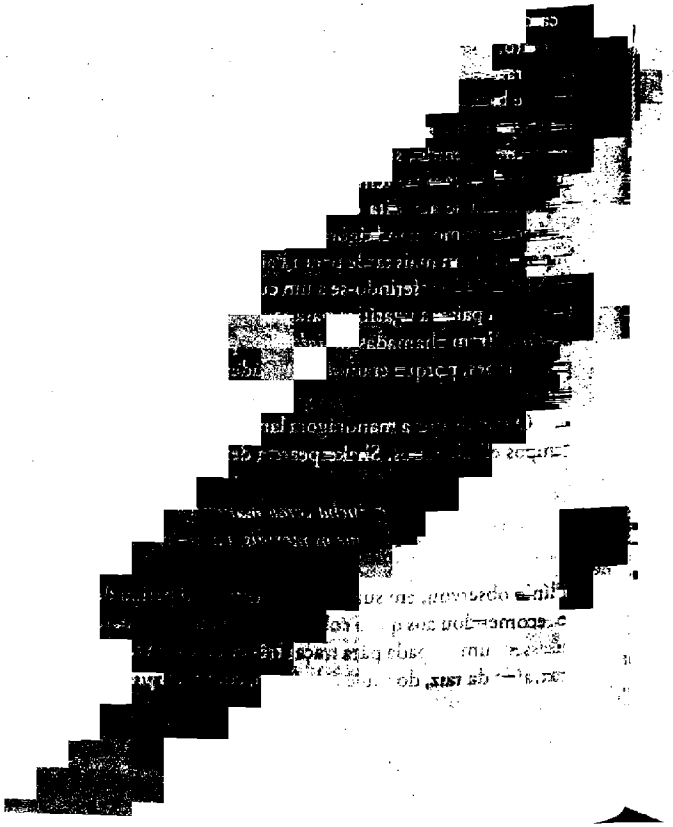
8. O fato de que a mandrágora lança um guincho ao ser arrancada era uma crença popular nos tempos elisabetanos. Shakespeare a descreve em *Romeu e Julieta:*

> *E guincha como mandrágoras arrancadas da terra*
> *Tal que os mortais, ouvindo, fogem enlouquecidos.*

Plínio observou, em sua *História Natural,* o perigo de se arrancar precipitadamente esta planta e recomendou aos que a colhessem que olhassem para o oeste, com o vento por trás deles, e que usassem uma espada para traçar três círculos em torno dela. Ele descreve o suco da mandrágora, extraído da raiz, do caule e do fruto, como um precioso narcótico, que garante a insensibilidade

à dor durante operações. Este uso é consubstanciado por Isidoro, Serapião e outros médicos da Antigüidade. Shakespeare relaciona a mandrágora entre os "xaropes entorpecentes do Oriente". Sua virtude antiespasmódica explica por que era tida como uma cura para a esterilidade — a tensão muscular involuntária em uma mulher poderia impedir uma relação completa. Se Raquel comeu a raiz ralada ou o fruto é uma questão controversa. O *Testamento de Issacar* prefere o fruto. Seu pedido patético das raízes, como "homenzinhos", os únicos filhos que ela jamais teria, relembra o antigo costume teutônico em converter a raiz em imagens oraculares conhecidas como *Manequins de Ouro* ou *Manequins de Cadafalso*. Os poderes proféticos da mandrágora referem-se a palavras balbuciadas sob a influência de um narcótico.

9. Um *midrash* medieval encontra nomes e genealogias fictícias para todas as esposas dos patriarcas. Com exceção de Simeão e Judá que, segundo o *Gênese*, casaram-se com mulheres cananéias, e de José, que se casou com Asanate, filha de um sacerdote egípcio (*ver* 56.*e*), dizem que os patriarcas se casaram decentemente com primas araméias.



46

O RETORNO DE JACOB A CANAÃ

(a) José nasceu no final dos sete anos de serviços prestados por seu pai para ganhar Raquel; e aconteceu que, no mesmo dia, Rebeca finalmente mandou sua velha ama Débora chamar Jacob. Quando, no entanto, ele deu a Labão a notícia de que seu contrato estava encerrado, Labão insistiu com ele para que ficasse, prometendo pagar-lhe qualquer salário, dentro do razoável, que ele pedisse. Jacob disse: "Agrada-me saber que valorizas meus serviços. Ao aumentar os teus rebanhos e manadas de forma tão prodigiosa, Deus de fato te abençoou por minha causa. No entanto, já é mais do que tempo que agora enriqueça a mim mesmo."

"O que consideras um salário justo?", perguntou Labão.

Ele respondeu: "Uma vez por ano passarei pelos teus rebanhos, separando para mim todas as ovelhas malhadas de marrom, e todas as cabras listradas ou sarapintadas."

Labão concordou e Jacob, tendo entregue a seus filhos os poucos animais já assim malhados, continuou a cuidar dos rebanhos de Labão, apascentando-os a três dias de distância dos seus próprios rebanhos. Mas quando chegou a época de os carneiros cobrirem as ovelhas, ele descascou varas verdes de choupo, de amendoeira e de plátano, de forma que aparecessem as listras brancas do alburno, e pôs estas varas sobre as valas d'água onde bebiam as ovelhas e cabras de Labão. Todas aquelas que concebessem diante dessas varas, ele sabia, lhe dariam cordeiros e cabritos listados ou malhados. Não obstante, Jacob teve cuidado de só dispor as varas quando os animais mais fortes bebiam, e de removê-las da vista dos mais fracos. Logo seus rebanhos consistiam todos de animais fortes, um grande número dos quais ele trocou por escravos, camelos e jumentos.[1]

(b) Jacob viu que Labão já não confiava mais nele, e ouviu seus cunhados Beor, Alib e Morash murmurando: "Ele está tomando a riqueza do nosso pai!" Quando o próprio Deus disse a Jacob, em uma visão, "Volta para tua terra natal, pois estou contigo", ele convocou Raquel e Léa e disse: "Vosso pai Labão não pode negar que o servi fielmente, porém já não confia mais em mim. Pelo menos dez vezes mudou o meu salário: destinando-me primeiro os animais malhados e listados; depois os lisos; depois de novo os malhados e listados; e mais uma vez os lisos. Mas Deus por certo está comigo, porque os rebanhos sempre se multiplicam na espécie que vosso pai oferece como meu salário. Deus me avisou em um sonho que voltasse para casa." Tanto Raquel quanto Léa responderam: "De fato, nosso pai Labão trata-nos como estranhas agora que somos tuas,

invejando nossa prosperidade; apesar de que tudo aquilo que Deus tirar dele e dar a ti ser-lhe-á de herança para seus netos. Teu dever é obedecer a Deus."[2]

(c) Estando Labão ausente para tosquiar suas ovelhas, Jacob, sem dizer adeus, fez com que sua família montasse em camelos, carregou seus tesouros em jumentos e foi-se com seus rebanhos, através do Eufrates, para Canaã.

Labão só soube disso três dias depois. Então ele e seus parentes seguiram atrás e, uma semana depois, alcançaram Jacob entre as colinas de Guilead. "Levaste minhas filhas como se fossem prisioneiras de guerra!", gritou ele. "Por que tanto segredo? Se eu tivesse sido informado de tuas intenções, teria preparado para ti um banquete de despedida, com música de tambor e harpa; nem ao menos me deixaste dar um beijo de adeus em minhas filhas e netos! Eu te puniria severamente por esse comportamento indecoroso, se Deus não me tivesse refreado, em uma visão na noite passada. Posso entender muito bem a saudade que sentes de casa; mas como ousas roubar os meus terafins?"

Jacob respondeu: "Saí sem avisar por temor que impedisses Léa e Raquel de me acompanhar. Quanto aos teus terafins, nada sei. Se alguém entre a minha gente os roubou, certamente merece a morte! Vem, revista toda a minha bagagem na presença de teus parentes e leva aquilo que te pertencer."

Labão revistou primeiro a tenda de Jacob, depois a de Léa, em seguida a de Bilá e a de Zilpá, mas em vão. Quando visitou a de Raquel, esta disse: "Perdoai-me, pai, por não me erguer para vos saudar; estou acometida do meu mal-estar mensal."

Labão vasculhou cuidadosamente a tenda, mas aí também não encontrou nada. Ela havia escondido os seus terafins em um alforje e sentara-se sobre ele.[3]

(d) Jacob censurou Labão: "Que bens roubados descobriste, meu senhor? Traze-os aqui! Exponha-os diante de nossos parentes, que então julgarão entre nós. Em vinte anos, alguma vez deixei que tuas ovelhas ou cabras se extraviassem? Matei e comi teus carneiros? Sempre que animais selvagens ou bandidos atacavam teus rebanhos, quem, senão eu, assumia o custo da perda? De dia, consumia-me o calor, de noite, o frio; no entanto, nunca relaxei minha vigilância. Quatorze anos servi por tuas filhas, e mais seis por teus rebanhos — apesar de alterares constantemente nosso trato e, no final, pensei que me terias mandado embora de mãos vazias, se Deus não tivesse visto a minha aflição e emitido Seu julgamento!"

Labão respondeu: "Teus filhos nasceram de minhas filhas, teus rebanhos são crias dos meus rebanhos, e tudo que possuis um dia foi meu! Como poderei eu fazer mal a meu próprio sangue e minha própria carne? Façamos uma aliança de paz, tu e eu, e ergamos uma coluna para lhe servir de testemunho."

Jacob concordou. Ergueu uma coluna e os parentes de Labão amontoaram pedras para formar um *marco de testemunho* entre ele e Jacob — em um lugar que hoje os arameus chamam de Jegar Sahaduta, e os hebreus Gal'ed, ou Guilead. A região é

chamada de Mizpé, porque Labão disse: "Que o Deus de meu avô Naor e de teu avô Abraão, irmão de Naor, *vigie* nossas ações enquanto não estivermos mais vivendo na mesma terra! Se tratares mal as minhas filhas, contraindo outras núpcias, onde somente Deus poderá testemunhar a infelicidade delas, Ele certamente te julgará. Além disso, que esta coluna e este marco estabeleçam a fronteira entre o teu reino e o meu; nenhum de nós fará com que homens armados passem através dessa fronteira!"

Jacob prestou o juramento, confirmando-o com sacrifícios. Depois disso, o povo de Labão e o povo dele comeram juntos, em paz. E no dia seguinte, de manhã bem cedo, Labão deu um beijo de despedida em suas filhas e em seus netos, voltando para casa. A força desse lugar era tamanha, que, a partir daquele momento, nenhum arameu, nem israelita, ousou violar a fronteira, até que o Rei David, enfurecido por Hadadezer, rei de Arã, fez a coluna em pedaços, desmanchou o marco e tomou o reino de Hadadezer.[4]

(e) Raquel roubou os terafins de Labão não apenas para impedi-los de revelar a fuga de Jacob, mas também para livrar a casa do seu pai dos ídolos. No entanto, a maldição de Jacob sobre o ladrão desconhecido acabou levando-a a morrer de parto; pois Raquel havia mentido ao dizer a Labão que ainda sofria dos seus períodos mensais. Também se diz que, quando Labão terminou a tosquia de suas ovelhas e voltou a Padan-Aram, encontrou o poço da cidade, que esteve sempre cheio até a beira desde que Raquel deu de beber a Jacob, absolutamente vazio e seco — um desastre que revelou a fuga de Jacob.[5]

(f) Labão então mandou seu filho Beor, seu primo Abihoref e dez outros ao Monte Seir, para prevenir Esaú da chegada de Jacob. Esaú partiu em direção dele com intuito de vingança, à frente de seus servos e de uma força de aliados horitas. Os mensageiros de Labão, no entanto, visitaram Rebeca na viagem de volta a Padan-Aram e, quando lhe deram essas notícias, ela imediatamente mandou setenta e dois servos de Isaac armados em socorro de Jacob. "Mas", disse ela, "peçam a meu filho que demonstre a Esaú a humildade mais obsequiosa, que o aplaque com ricos presentes e que responda a verdade a todas as suas perguntas".[6]

1. *Gênese* 30:25-43; *Sefer Haiashar* 101-02.
2. *Gênese* 31:1-16; *Sefer Haiashar* 99.
3. *Gênese* 31:17-35.
4. *Gênese* 31:36; 32:1; *PRE*, cap. 36.
5. *Tan'huma Vaietsê*, 40b; *PRE*, cap. 36; *Sefer Haiashar* 103; *Gên. Rab.* 863; *Targum Ier. ad Gên.* 31:21-22.
6. *Sefer Haiashar* 105-06.

1. Dois heróis míticos gregos, Autólico, o ladrão-mor, e seu rival em astúcia, Sísifo, o coríntio, podem ser identificados aqui nas pessoas de Jacob e Labão. Hermes, deus dos ladrões, dos pastores e dos oradores, concedera a Autólico o poder de metamorfosear os animais roubados, de cornudos

em não-cornudos, de brancos em negros, e vice-versa. Sísifo notou que seus rebanhos se tornavam cada vez menores, enquanto que os de seu vizinho Autólico aumentavam. Certo dia, ele fez gravar suas próprias iniciais nos cascos dos animais. Quando, naquela noite, Autólico voltou a roubar, Sísifo e um grupo de parentes seus seguiram a pista dos animais até a fazenda de Autólico. Deixando seus parentes com a tarefa de confrontar o ladrão, ele deu a volta correndo até a porta da frente, entrou escondido e gerou o famoso patife Ulisses na filha de Autólico. Autólico também roubou cavalos do Rei Ífito, da Eubéia, transformou-os de aspecto e vendeu-os a Heraclés como se tivessem sido criados por ele próprio. Ífito seguiu a pista dos cavalos até Tirinto, onde acusou Heraclés do roubo; mas, como não pôde identificar os animais roubados, Heraclés o atirou por cima dos muros da cidade. Isto envolveu Heraclés numa luta contra Apolo, mas Zeus fez com que eles voltassem a apertar as mãos.

Sísifo e Autólico, como Jacob e Labão, competiam em astúcia. Além disso, Jacob era ajudado por Deus, como Autólico o era por Hermes, e como ele morreu próspero na velhice. Ambos os mitos parecem ser tirados da mesma fonte antiga; suas semelhanças são mais numerosas do que suas diferenças, e Sísifo pode ser igualado a Abraão em outro mito (*ver* 39:1). Não obstante, o *Gênese* justifica os embustes de Jacob como lhes tendo sido forçados pela mesquinhez de Labão. Nem ele rouba animais crescidos, limitando-se a providenciar que cordeiros e cabritos nasçam nas cores que lhe são favoráveis; enquanto Raquel, que de fato rouba, sofre a morte inadvertidamente decretada por seu amoroso marido.

2. "Terafins" aqui refere-se ao deus de uma única casa, um tanto menor do que aquele que a filha de Saul, Mical, colocou em sua cama para formar a metade inferior de um boneco — a metade superior sendo formada por uma colcha de pêlo de cabra (*Samuel I,* 19:13 ss.). Uma vez que os terafins de Labão se encaixavam no coxim em forma de U colocado em torno da corcova de um dromedário para formar uma plataforma de bagagem, ou uma liteira, não podiam ter muito mais que sessenta ou setenta centímetros.

Nem Raquel nem Mical são censuradas por consultar terafins (*ver* 44:6), como não o foram os danitas que roubaram um peitoral oracular e um terafim da casa de Miquéias, o Efraimita, a fim de estabelecerem um novo santuário em Laish, e ao mesmo tempo seqüestraram o jovem sacerdote levita que deles cuidava (*Juízes* 17:1; 18:31). Ao contrário, a mãe de Miquéias havia moldado piedosamente essa imagem com prata dedicada ao Deus de Israel (*Juízes* 17:3-5); e Miquéias, após convencer o levita a oficiar em sua capela particular, exclamou com satisfação: "Deus certamente me favorecerá, agora que tenho um levita como meu sacerdote!" (*Juízes* 5:13).

Uma vez que o roubo de Raquel é tratado no *Gênese* como uma prova de que ela partilhava dos ressentimentos do marido contra Labão, deve datar do tempo dos Juízes. A intenção dela seria de fundar um santuário no estilo arameu. Labão foi obrigado a aceitar a desculpa dada por ela. O horror ao contato com uma mulher menstruada, ou com qualquer coisa que ela tivesse tocado, ainda prevalece no Oriente Médio. E o homem que passa entre duas mulheres assim, acredita-se, está sujeito a morrer. A tentativa de evitar esse perigo ajuda a manter a separação estrita entre homens e mulheres nas sinagogas e mesquitas; apesar de que a intenção original desse costume era impedir as reuniões festivas de se transformarem em orgias (*M. Sucá* 5:2 e fontes paralelas).

3. Uma assembléia de parentes é o foro judicial comum entre os árabes nômades: seus números e a publicidade dada a uma disputa garantem que ambas as partes aceitarão o veredicto.

4. Labão representa os arameus da Mesopotâmia e o marco de fronteira prova que o poder

mesopotâmico um dia já se estendeu ao sul, até Guilead. Nos primeiros dias da monarquia hebraica, no entanto, a nação que ameaçava Israel daquelas paragens não era a Mesopotâmia, mas a Síria — também conhecida como *Aram* apesar de às vezes diferenciada da Mesopotâmia, *Aram-Naharaim,* sendo chamada de *Aram-Damesek,* "Arã de Damasco". Labão, assim, representava Aram-Damesek, e a disputa entre ele e Israel foi interpretada nesse sentido. Quando, após a morte de Salomão, filho de David, a Síria libertou-se da soberania hebraica, e os dois países viveram em paz — uma situação que se reflete no banquete de Guilead —, com tratados de amizade (*Reis I,* 15:18-20), até que Ben-Hadad, rei de Damasco, derrotou Ahab, rei de Israel, em 855 a.E.C.

5. Marcos de fronteira, consistindo de cinco ou seis grandes pedras colocadas uma em cima da outra, ainda são usados em Israel e na Jordânia para dividir campos, e o respeito por eles demonstrado fundamenta-se na maldição mosaica contra sua remoção (*Deuteronômio* 27:17).

A derivação de *Guilead,* de *Gal-ed* é etimologia popular; *Guilead* representa o *jal'ad* árabe, significando "forte" ou "duro", o que ocorre em diversos nomes de locais em Guilead, tais como Jebel Jal'ad, Chirbet Jal'ad e Chirbet Jal'ud.

47

JACOB EM PENIEL

(a) Jacob atravessou o Jordão e, no anoitecer do dia seguinte, um grupo de anjos tão numeroso veio ao seu encontro na margem do Rio Jaboc, que ele exclamou: "Aqui há *dois campos*: o de Deus e o meu!" Por isso a cidade mais tarde ali construída foi chamada Machanaim.

Ele mandou uma mensagem a Esaú, no Monte Seir: "Saudações ao meu senhor Esaú, do seu escravo Jacob, que viveu em Padan-Aram durante os últimos vinte anos e agora está rico em camelos, bois, jumentos, rebanhos e servos. Ele menciona esta prosperidade porque espera desfrutar da benevolência de meu senhor." Os mensageiros voltaram depressa relatando que Esaú já havia partido para o Jaboc à frente de quatrocentos homens. Jacob, muito alarmado, dividiu sua comitiva em *dois campos*, cada um contendo metade dos rebanhos, das manadas e das mulheres. "Se Esaú pilhar o primeiro", pensou ele, "o segundo ainda pode escapar." Então orou a Deus para que o salvasse.

Jacob preparou presentes para enviar a Esaú: um rebanho de duzentas cabras e vinte bodes; um outro de duzentas ovelhas e vinte carneiros; uma cáfila de trinta camelas leiteiras com suas crias; uma manada de quarenta vacas e dez touros; uma outra de vinte mulas com dez potros. Disse a seus pastores que atravessassem o Jaboc a vau, um de cada vez, deixando intervalos de um tiro de flecha entre rebanhos, manadas e cáfilas; e que respondessem a Esaú, quando este lhes perguntasse: "Esses animais são presente para o meu senhor Esaú, do seu escravo Jacob, que vem humildemente atrás suplicando a sua benevolência."

Os pastores obedeceram e Esaú os tratou bem. Mas Jacob retardou-se na margem mais distante enquanto mandava à frente todos os de sua casa, atravessando a vau.[1]

(b) Tendo ficado sozinho naquela noite, Jacob foi atacado por uma presença invisível, que lutou com ele a noite toda e esmagou o tendão de sua coxa, de forma que ele ficou mancando para sempre. Finalmente o adversário gritou: "Solta-me, pois se aproxima o alvorecer!" Jacob respondeu: "Não te soltarei enquanto não me abençoares!" "Como te chamas?", perguntou-lhe seu adversário, e quando Jacob deu a resposta, disse: "Doravante serás chamado de 'Israel', porque *lutaste com Deus* e com os homens, e não foste derrotado." Jacob então perguntou: "E tu, como te chamas?", mas recebeu esta resposta: "Por que perguntas? Já não basta que eu tenha te dado minha bênção?" Jacob clamou:

"Vi o *semblante de Deus*, e ainda continuo vivo!" E por isso aquele lugar se chamou "Peniel"; e devido ao machucado na coxa de Jacob, nenhum israelita desde então come o tendão da coxa de qualquer animal.[2]

(c) Alguns dizem que Deus assumiu a forma de um pastor, ou de um chefe de bandidos, que conduziu as manadas de Jacob para a travessia a vau, em troca de ajuda com as suas próprias manadas; e que, quando voltaram para ver se algum animal fora deixado para trás, Ele começou a lutar. Outros dizem que o adversário de Jacob não foi Deus, mas Samael, o guardião celestial de Edom, tentando destruir Jacob; e que as hostes celestes se prepararam para descer voando até a Terra, casos fossem conclamadas. No entanto, Deus disse: "Meu servo Jacob não precisa de ajuda; sua virtude o protege!"[3]

(d) Outros ainda dizem que o adversário de Jacob foi Miguel e, quando ele gritou: "Solta-me, pois aproxima-se o alvorecer!", Jacob exclamou: "És então ladrão, ou um aventureiro, que temes o alvorecer?" Ao que Miguel respondeu: "Não, mas ao alvorecer, nós, Anjos, devemos cantar louvores ao Senhor." Observando que Jacob claudicava, Deus perguntou a Miguel: "O que fizeste a Meu filho primogênito?" Miguel respondeu: "Esmaguei-lhe um tendão em Vossa Honra." Deus disse: "É bom. Doravante, até o final dos tempos, terás a teu encargo Israel e toda a sua posteridade! Pois o príncipe dos anjos deve guardar o príncipe dos homens; o fogo deve guardar o fogo e um líder deve guardar um líder!"[4]

(e) Outros, ainda, dizem que Miguel lutou com Jacob porque este deixou de pagar os dízimos prometidos em Betel, vinte anos antes; e que, na manhã seguinte, Jacob, arrependido, sacrificou vítimas às centenas também dedicando seu filho Levi como sacerdote de Deus e coletor de dízimos.[5]

1. *Gênese* 32:2-24.
2. *Gênese* 32:25-33.
3. *Gên. Rab.* 910; *Ialkut Reubeni ad Gên.* 32:25.
4. *Ialkut Gên.* 132; *PRE*, cap. 37.
5. *PRE*, cap. 37.

1. Machanaim ("Dois Campos"), cujo nome recebe aqui duas explicações alternativas, ficava nas margens do Rio Jaboc, cerca de nove quilômetros ao norte da Jordânia e tornou-se uma das doze capitais de Salomão.

2. Cada estágio das perambulações de Jacob está carregado de significados míticos. Ele funda povoados em Betel, Mizpé, Machanaim, Peniel, Sucot — e todos derivam seus nomes de um de seus atos ou palavras — apesar do cronista ter deixado de mencionar que o Jaboc também era assim chamado porque nele Jacob "travou embate" (*ieavek*) com Deus. Comentaristas posteriores fizeram-no prever o efeito de longo alcance daquilo que ele dizia ou fazia. Assim, sua ordem

aos pastores "Deixem um espaço entre um rebanho e outro!" (*Gênese* 22:17), foi lida como uma advertência a seus descendentes para que guardassem sempre uma reserva para uso em situações de emergência. E dizem que ele teria orado: "Senhor, quando desastres acometerem os Vossos filhos, rogo-vos que deixeis um espaço entre eles, tal como eu fiz!"

3. Jacob fala na primeira pessoa do singular quando se refere a seu grupo de parentes (*Gênese* 32:12; 34:30-31), e depois que o novo nome é aceito (43:6, 11; 45:28), sua identificação com o povo israelita torna-se cada vez mais pronunciada (46:1-4). Deus lhe diz: "Não temas descer ao Egito, pois lá farei de ti uma grande nação... e por certo que também te farei tornar a subir!" E em *Gênese* 48:20 o próprio Jacob usa "Israel" em vez de "Filhos de Israel".

4. As interpretações amplamente divergentes que os *midrashim* fazem desta luta entre Jacob e o "homem" que ele depois identifica como sendo Deus são todas movidas por um pio constrangimento. Deus, o Deus transcendental do judaísmo tardio, não poderia nunca ter se diminuído lutando com um mortal e depois pedindo-lhe que o soltasse. De qualquer forma, se Ele amava tanto a Jacob, e em troca era tão perfeitamente amado, por que teriam de lutar? E se o adversário foi apenas um anjo, deveria ser identificado com Gabriel, ou com Miguel, ou antes com o anjo caído Samael? Não obstante, a idéia de que um homem piedoso possa lutar contra Deus em preces, e forçá-Lo a conceder uma bênção, era teologicamente admissível; Raquel usou a metáfora da luta quando conseguiu d'Ele seu filho adotivo "Naftali".

5. Para que seu mito faça sentido, de um ponto de vista histórico, é preciso fazer perguntas da seguinte natureza: Em que ocasião um herói tribal luta? Em que ocasião ele muda de nome? Qual era a verdadeira natureza do problema na coxa de Jacob? Qual foi o seu efeito mágico? Como esse defeito está relacionado com o tabu de se comer a carne em torno de um tendão da coxa? Por que esta anedota foi interpolada no mito do reencontro de Jacob com Esaú? E uma vez que parece um ponto pacífico histórico que "Israel" a princípio contivesse apenas as tribos de Raquel, que papel desempenha Raquel aqui?

6. As respostas são, talvez, as seguintes: um herói tribal muda de nome ou quando comete um assassinato, foge de seu país e é adotado por uma outra tribo — mas este não é o caso de Jacob — ou quando sobe a um trono, ou ocupa um novo país. Esta última hipótese parece ter sido o motivo para a mudança de nome de Abraão (*ver* 31:3). A travessia do Jaboc por Jacob significou uma mudança importante em sua posição: até então ele fora um empregado assalariado de Labão, seu sogro; agora era um chefe independente, pronto para invadir e ocupar suas próprias terras tribais garantido por uma bênção paterna e uma promessa divina.

7. Os lexicógrafos árabes explicam que a natureza do defeito produzido por um ferimento do tendão do encaixe do fêmur faz com que a pessoa atingida caminhe nas pontas dos dedos. Esse deslocamento do quadril é comum entre lutadores e foi descrito pela primeira vez por Harpocrates. O deslocamento da cabeça do fêmur distende a perna, comprime os tendões da coxa e faz com que os músculos entrem em espasmos — o que provoca um andar ondulante, cambaleante, com o calcanhar permanentemente erguido, como o que era atribuído por Homero ao deus Hefaísto. Existe entre os árabes a crença de que o contato com os djins resulta em um andar frouxo, como que desconjuntado: talvez uma lembrança da dança claudicante dos devotos que se acreditavam divinamente possuídos, como os profetas de Baal no Monte Carmel (*Reis I*, 18:26). Bet Hoglá, perto de Jericó, pode ter sido assim chamada por esse motivo por que *hajala*, em árabe, significa mancar, ou pular em um pé só, e tanto Jerônimo quanto Eusébio chamam

Bet Hoglá de "o lugar da dança de roda": os tírios executavam essas danças claudicantes em honra de Hércules Melcarte. É possível, portanto, que o mito de Peniel, originalmente, justifique um manquejar cerimonial que comemorava a entrada triunfal de Jacob em Canaã, após ter lutado com um rival.

8. A explicação do nome Israel em *Gênese* 32:29 é etimologia popular. Nos títulos teofóricos, o elemento que contém o nome da divindade é o sujeito, não o objeto. Israel, portanto, significa "El luta", em vez de "Ele lutou com El"; tal como a forma original de Jacob, *Ia'kob-el*, significa "El protege" (*ver* 38:60), e tal como o significado original de Jerubaal não era "Ele luta contra Baal" (*Juízes* 6:32), mas sim "Baal luta". A intenção de nomes como esses era angariar a proteção divina para aqueles que o portavam. *Israel* assim, significava "El luta contra meus inimigos".

9. O primeiro inimigo que Jacob teve de enfrentar após atravessar o Jaboc foi seu irmão gêmeo Esaú, de cuja justa fúria ele havia fugido vinte anos antes. Na verdade, um *midrash* apresenta Esaú como o adversário desconhecido de Jacob em Peniel, uma identificação baseada na comparação que ele faz do semblante de Esaú com o de Deus (*Gênese* 33:10). A afirmação do *midrash* de que Raquel tinha medo de ser obrigada a desposar Esaú (*ver* 45.*a*) sugere um motivo adicional para a luta dos gêmeos: a rivalidade por uma bela mulher, que já havia ocasionado, segundo uma versão, o primeiro combate fratricida, entre Caim e Abel (*ver* 16.*d*). É provável, porém, que estivesse em jogo mais que o amor de uma mulher mortal. Se Raquel representa as tribos de Raquel que viriam a existir, então a luta entre os gêmeos é uma luta mítica pela a supremacia sobre territórios tribais. Jacob venceu e selou sua vitória com ricos presentes expiatórios para Esaú, que em seguida deixou aquela terra e retirou-se para Seir (*Gênese* 36:6-8).

10. A narrativa que o *Êxodo* faz da vida de Moisés, o único outro herói israelita com quem Deus lutou, parece-se curiosamente com a de Jacob. Moisés foge do Egito em desgraça, serve a Jetro, o Midianita, como pastor, pela mão da filha deste, Ziporá, a quem ele tratara galantemente em uma fonte e, voltando para casa acompanhado pela esposa e os filhos, após uma visão flamejante de Deus — é subitamente atacado no caminho por um ser sobrenatural. Ziporá, em seguida a isso, o circuncida — sendo a circuncisão, como mostra o contexto, parte da cerimônia de casamento — e ele mais tarde dirige uma federação midianita-israelita.

11. Não obstante, lutas em pesadelos causados por uma consciência intranqüila fornecem uma metáfora bastante comum para lutas com Deus, o qual, segundo *Ostéias* 13:7, tornou-se para o povo pecador "como um leão, como um leopardo, à espreita no caminho". Nem a mão de Deus podia ser prontamente diferenciada da de Satã. Assim, a praga que puniu o pecado de David foi enviada por Deus em uma versão (*Samuel II*, 24:1), mas por Satã em outra (*Crônicas I*, 21:1); o que justifica a identificação feita pelo *midrash* do adversário de Jacob com Samael. A recusa do adversário em declinar seu nome não o torna necessariamente Deus, apesar de que Deus mais tarde se recusa a revelar Seu nome a Moisés (*Êxodo* 3:14), ou a Manoá, pai de Samuel (*Juízes* 13:17-18); porque nenhuma divindade se dispunha a revelar seu nome para que este não fosse usado para fins impróprios — que é o sentido original de "blasfêmia". Bruxas e feiticeiros, por todo o Mediterrâneo oriental, usavam longas listas de nomes divinos para reforçar seus encantamentos. Os romanos tinham o hábito de descobrir os nomes secretos dos deuses inimigos através do suborno ou da tortura, em seguida seduzindo-os a desertarem suas cidades: uma técnica conhecida como *elicio*. Jesus, quando expulsou um demônio do corpo de um louco, em Gerasa, primeiro perguntou-lhe o nome (*Marcos* 5:9).

12. Os ossos da coxa eram consagrados a deuses tanto na Grécia quanto na Palestina, e constituíam a porção régia entre os hebreus (*Samuel I,* 9:24). A prática da tribo Baguishu, da África central — conforme relatado por Monsenhor Terhoorst, um missionário católico romano — apóia a regra antropológica, "Não há tabu sem seu relaxamento particular". Os Baguishu, apesar de no resto não serem canibais, comem os ossos da coxa, cobertos de carne, de seu chefe morto, ou de um chefe inimigo morto em batalha, para herdar-lhe a coragem; e deixam intocadas todas as outras partes do corpo. Não há como provar que esta prática prevalecia na Canaã bíblica, mas o desmembramento ordenado por Samuel do rei sagrado Agag "diante do Senhor" é lido por alguns eruditos como um sacrifício humano eucarístico, aparentado com o *naki'a* árabe.

48

A RECONCILIAÇÃO DE JACOB E ESAÚ

(a) Jacob viu Esaú se aproximar com quatrocentos homens. Dividiu sua comitiva em dois acampamentos: Bilá, Zilpá e seus filhos ficaram no acampamento avançado; Raquel, Léa e seus filhos no outro. Mas Jacob reuniu coragem para seguir à frente deles todos e prostrou-se sete vezes enquanto se aproximava de Esaú.

Esaú correu para o irmão, abraçou-o e beijou-o; ambos choraram de alegria. E então ele perguntou: "Quem são aquelas crianças ali?" Jacob respondeu: "Deus, em Sua misericórdia deu-as a teu escravo; e estas, meu senhor, são as mães deles." Todos se adiantaram, um de cada vez, e se curvaram diante de Esaú, que perguntou: "E aqueles rebanhos e cáfilas, irmão, são mesmo um presente para mim?" Jacob respondeu: "Confio que agradarão a meu senhor." Esaú agradeceu-lhe com gentileza, mas disse: "Não, irmão, já tenho criações mais do que suficientes para minhas necessidades. Guarda o que é teu!" Jacob insistiu: "Em sinal do teu favor, meu senhor, rogo-te que te dignes a aceitar estes pobres presentes. Vi o semblante do meu senhor brilhar como o de Deus. Atende-me desta vez e fica com tudo, com a bênção do teu escravo; pois Deus, em Sua misericórdia, muito me enriqueceu."

Para que Jacob ficasse tranqüilo, Esaú os aceitou e disse: "Vem, cavalga comigo até minha cidade em Seir!" Jacob respondeu: "Meu senhor sabe que não consigo cavalgar tão rápido quanto ele. Ele que vá adiante do seu escravo, que marcha a um passo adequado aos cordeiros, cabritos, novilhos, potros e às crianças. Levarei semanas para chegar à cidade do meu senhor."

Esaú disse: "Posso pelo menos deixar homens para te escoltarem?"

"Peço-te que não te incomodes, meu senhor!", clamou Jacob.

Então Esaú foi para casa, enquanto Jacob seguiu para Sucot e lá construiu para si uma casa e *abrigos* para seus rebanhos e manadas.[1]

(b) Alguns dizem que a mensagem de Jacob a Esaú foi: "Assim fala o teu escravo Jacob: não pense o meu senhor que a bênção roubada serviu-me de grande coisa! Labão, durante os vinte anos que o servi, enganou-me uma vez após a outra, pagando-me de má vontade, apesar do meu trabalho zeloso. No entanto, Deus, em Sua misericórdia, finalmente concedeu a teu servo bois, jumentos, rebanhos, escravos e servas. Agora chego a Canaã na esperança de obter o perdão do meu senhor quando ele ouvir esta narrativa feita com verdade e humildade."

Dizem que Esaú teria respondido com desprezo aos mensageiros: "Os filhos de Labão me contaram sobre a ingratidão de seu amo Jacob: que ele roubou rebanhos e manadas por meio de feitiçaria e depois fugiu sem aviso, raptando minhas primas Léa e Raquel como se fossem prisioneiras de guerra. Essa narrativa não me espanta: pois foi assim que seu amo me tratou também, muito tempo atrás. Então, sofri em silêncio; mas agora sairei em campo com uma companhia armada e o punirei como ele merece."[2]

(c) Alguns dizem que quando os irmãos se encontraram, comoveram-se com autêntica afeição; que Esaú perdoou a Jacob enquanto se abraçavam e beijavam; e que houve uma cortesia igualmente amorosa entre os muitos primos, filhos deles. Outros, no entanto, dizem que quando Esaú alcançou o pescoço de Jacob, tentou morder-lhe a veia jugular, mas o pescoço ficou duro como marfim, deixando rombudos os dentes de Esaú, só lhe restando rilhá-los numa raiva inútil.[3]

(d) Deus reprovou Jacob por chamar Esaú de "meu senhor" e a si próprio de "teu escravo". Disse também: "Por comparares o semblante de Esaú com o Meu, profanaste o que é sagrado." Jacob respondeu: "Senhor do Universo, perdoai esse erro! Foi em nome da paz que adulei o Malvado, para que ele não matasse a mim e à minha gente." Deus clamou: "Então, por tua vida, confirmarei o que disseste: doravante Israel será escravo de Edom neste mundo, apesar de que será seu amo no outro. E, por que chamaste Esaú de "meu senhor" oito vezes, farei com que oito reis reinem em Edom, antes que algum se erga para governar sobre Israel!" E assim aconteceu. Os oito reis de Edom foram Bela, filho de Beor; Jobab, filho de Zerá; Husham; Hadad, filho de Bedad; Samlá; Saul; Baal-Hanan, filho de Acbor e Hadar.[4]

(e) Jacob deu a Esaú pérolas e pedras preciosas, bem como rebanhos e manadas, sabendo que não havia virtude nenhuma nos tesouros obtidos no estrangeiro e que esses bens retornariam a seus descendentes. O que sobrou, ele vendeu; e, empilhando o ouro, perguntou a Esaú: "Queres me vender tua parte de Machpelá, por esta pilha de ouro?" Esaú concordou, e Jacob estabeleceu-se para ganhar mais riquezas na abençoada Terra de Israel.[5]

(f) Jacob também profetizou: "Edom oprimirá Israel durante séculos; mas finalmente todas as nações do mundo se erguerão, tomando-lhe uma terra após a outra, uma cidade após a outra até que, acuado em Bet Gubrin, ele encontrará o Messias de Israel à espera. Fugindo então para Bozrá, Edom clamará: "Não haveis posto de lado Bozrá, ó Senhor, como cidade de refúgio?" Deus agarrará Edom pelos cachos de seus cabelos e responderá: "O vingador do sangue deve destruir esse assassino!, ao que Elias o massacrará fazendo com que o sangue de Edom salpique as vestes de Deus."[6]

1. *Gênese* 33:1-17.
2. *Sefer Haiashar* 106-107.
3. *Sefer Haiashar* 110; *PRE,* cap. 37.
4. *PRE,* cap. 37; *Gên. Rab.* 891; *Gênese* 36:31-39.
5. *Tan'huma Buber Gên.* 169.
6. *Mid Abkir,* conf. citado em *Ialkut Gên.* 133 (pp. 82b-83a).

1. A narrativa do *Gênese* favorece consistentemente Esaú, às custas de Jacob: não apenas pelos padrões éticos modernos, como pelos da antiga Palestina. Esaú abstém-se da vingança e do fratricídio, permanece submisso a seus pais, adora o Deus de Isaac, e, já não mais um caçador rebelde e imprevidente, se dá tão bem com o pastoreio que pode se permitir recusar uma grande doação de crias como compensação pelo roubo de sua bênção. Além disso, em vez de repudiar a venda da primogenitura, a que foi forçado quando estava morrendo de fome, ele pacificamente evacua os pastos cananeus a que Jacob tinha direito pelo acordo, chama aquele covarde lamentável de "irmão", chora de satisfação pelo seu retorno e, apesar da consciência culpada de Jacob o levar a uma obsequiosidade vergonhosa, perdoa-o de todo o coração. Em seguida retorna para preparar uma régia recepção no Monte Seir, um convite calculadamente recusado por Jacob.

Era um lugar-comum judaico dizer que o pior dia da história de Israel não foi quando Senaqueribe levou as tribos do norte para o cativeiro, nem quando o templo de Salomão foi destruído por Nabucodonosor; mas sim aquele em que setenta eruditos traduziram as Escrituras para o grego, por ordem de Ptolomeu II (285-246 a.E.C.). Essas Escrituras, que continham os registros dos males cometidos por seus ancestrais e a reminiscência do castigo de Deus por contínuas reincidências, não deveriam nunca, era o que se achava, ser divulgadas para os inimigos de Israel. O mito de Jacob e Esaú deve ter constrangido os judeus da Diáspora mais do que qualquer outro, uma vez que Jacob era Israel encarnado e eles eram herdeiros tanto de seus erros quanto de seus méritos. Nem as explicações dos *midrashim* sobre a narrativa do *Gênese* — denegrindo Esaú e desculpando Jacob — podiam alterar o texto erudito da "Septuaginta".

2. Mais uma vez surge a questão enigmática: como é que os israelitas chegaram a difamar seu ancestral epônimo em favor de seu inimigo nacional? A única resposta aceitável é a de que o mito teve origem em Edom e foi levado para Jerusalém por membros dos clãs calebitas e quenazitas que muito cedo se incorporaram a Judá (*ver* 42:4). Judá era filho de Léa, tradicionalmente oposto tanto a Benjamim — a tribo de Raquel cuja dinastia real ele derrubou, e cujo território ele absorveu — quanto às outras quatro tribos de Raquel, Efraim, Manassés, Gad e Naftali, que formavam o núcleo do Reino do Norte. O *Gênese* admite o ódio que Léa sentia por Raquel; e a tradição de "Israel" consistir originalmente das tribos de Raquel, com as quais as tribos de Léa fizeram uma aliança incômoda, teria estimulado a aristocracia edomita de Judá — Caleb tomou Hebron e o santuário ancestral de Machpelá — a glorificar seu ancestral Esaú, às custas de Israel. Mais ainda, na época em que se estava escrevendo o *Gênese,* o Reino meridional da Judéia havia perdido temporariamente seu orgulho marcial; e a paciente arte da sobrevivência, de Jacob, que consistia em curvar-se mas nunca se quebrar, utilizando subterfúgios em vez da força, e não aceitando nunca nenhuma outra lei que não a mosaica, passava por ser o auge da sabedoria.

3. Os fariseus do primeiro século E.C. desencorajaram os judeus da residência permanente no estrangeiro, decretando a Itália e outras partes do mundo romano como "impuras" e exigindo

cerimônias de purificação quando eles chegavam em casa. O fato de Jacob ter dado a Esaú toda a sua riqueza refere-se talvez às somas enormes levantadas pelos judeus do estrangeiro para o embelezamento do Templo feito por Herodes, o rei edomita.

4. A profecia do desastre de Edom em Bozrá — "Edom" significa "Roma" — foi tomada de uma sanguinolenta profecia messiânica em *Isaías* 63, que começa assim: "Quem é esse que vem de Edom, com as vestes avermelhadas de Bozrá?"; e de uma outra em *Jeremias* 49:13, profetizando a desolação perpétua de Bozrá. Mas a "Bozrá" de Isaías era Bozrá no Hauran, ou Basra no Golfo Pérsico, não a "pequena Bozrá" edomita; e a "Bozrá" de Jeremias era Bezer, uma cidade levítica conquistada por Moab, que aparece como cidade de refúgio em *Deuteronômio* 4:43. "Bet Gubrin" é o nome hebraico de Eleuterópolis, na Judéia meridional.

5. Somente os quatro últimos, entre os oito reis edomitas relacionados no *Gênese*, são com certeza históricos.

49

O DEFLORAMENTO DE DINÁ

(a) Quando Léa, após ter dado à luz seis filhos, concebeu pela sétima vez, teve pena de sua irmã estéril, Raquel, e orou: "Ó Senhor, que esta criança seja menina para que minha irmã Raquel não volte a sentir inveja!" Deus então mudou o filho de Léa de macho para fêmea, e lhe disse: "Porque sentiste pena de tua irmã Raquel, darei a ela um filho." Assim, Léa teve Diná e Raquel teve José.[1]

d:

(b) Jacob temia que Esaú exigisse casar-se com Diná, como era seu direito avuncular, e por isso manteve-a escondida em um baú, durante a reunião em Machanaim. Deus censurou Jacob por isso, dizendo: "Uma vez que agiste de forma egoísta para com teu irmão Esaú, Diná terá filhos de Jó, o huzita, que não é teu parente! E mais ainda, uma vez que rejeitaste um filho circunciso de Abraão, ela entregará sua virgindade a um cananeu incircunciso; e uma vez que negaste a ela seu casamento legítimo, ela será tomada de forma ilegítima."[2]

(c) Diná era modesta e obediente, não saindo nunca da tenda de Léa, sem permissão. Um dia, no entanto, enquanto Jacob pastoreava seus rebanhos perto do Monte Efraim, um príncipe chamado Sechem, filho de Hamor, o hivita, trouxe moças para que dançassem e tocassem tambores, perto do acampamento israelita. Diná ficou olhando e, tomado de amor, ele a atraiu para sua casa, na cidade de Siquém, e lá deitou-se com ela. Jacob soube da desgraça ocorrida a Diná durante a ausência de seus filhos e nada fez enquanto estes não retornaram. O fato de Shechem ter tratado Diná como se fosse uma meretriz deixou-os enfurecidos além de quaisquer medidas. No entanto, os irmãos esconderam a fúria quando Hamor chegou, em nome de Shechem, pedindo a mão de Diná em casamento e dizendo: "Vinde, meus senhores, vivei e comerciai entre nós! Uma vez que Shechem está decidido a fazer de Diná sua esposa legítima, pagarei o dote que exigirdes; e eu ficaria ainda mais feliz se nossas duas casas reais se aliassem também por outras uniões."

Jacob deixou que os filhos de Léa resolvessem a questão. Esses disseram a Hamor, com astúcia: "Ai, não podemos permitir que nossa irmã se case com um hivita incircunciso. Mas se os homens de Shechem aceitarem a circuncisão, a casa de nosso pai e a vossa poderão, então, com toda a certeza, se aliar pelo matrimônio."[3]

(d) Hamor consultou os líderes de Shechem, que concordaram que todos os homens se submetessem imediatamente à circuncisão. Três dias depois, quando os membros dos siquemitas estavam inflamados, Simeão e Levi, irmãos consangüíneos de Diná, entraram secretamente na cidade, de espadas nas mãos, massacraram Hamor, Shechem e todos os seus súditos, que estavam prostrados no leito, levando embora Diná. Os outros filhos de Jacob seguiram logo atrás. Saquearam as casas de Siquém, dispersaram os rebanhos, os bois e os jumentos dos campos, tomaram como escravos as mulheres e as crianças. Jacob clamou, indignado: "Vós me haveis tornado odioso aos olhos de todos os hivitas, perizitas e amoritas! Agora eles se unirão e nos destruirão." Mas Simeão e Levi perguntaram: "E poderíamos permitir que nossa irmã fosse tratada como meretriz?"[4]

(e) Alguns dizem que, apesar de seiscentos e quarenta e cinco siquemitas adultos e duzentos e setenta e seis meninos terem sido circuncidados, ainda assim Hamor havia sido prevenido por seus tios idosos e por seu pai, Hadkam, filho de Pered, que essa quebra do costume traria vergonha para toda a Canaã e que eles próprios levantariam um exército para punir tamanha impiedade. Hamor explicou que havia aceitado a circuncisão só para enganar os filhos de Jacob: na festa de casamento de Shechem, quando os israelitas estivessem bêbados e despreocupados, ele daria o sinal para que fossem massacrados. Diná, secretamente, mandou sua serva contar a Simeão e Levi o plano de Hamor. Estes juraram que, na noite seguinte, não restaria nenhum homem vivo em Siquém e atacaram a cidade ao amanhecer. Apesar de terem tido de enfrentar vinte siquemitas audazes, que haviam evitado a circuncisão, mataram dezoito: os dois outros fugiram e se esconderam em um poço de betume.[5]

(f) Os aliados amoritas de Hamor, ouvindo o clangor distante da batalha, correram para Siquém e trancaram às suas costas os portões da cidade, a fim de evitar que os outros filhos de Jacob pudessem trazer reforços para Simeão e Levi. Mas Judá escalou o muro, atirou-se sobre o inimigo, derrubando inúmeros deles. Rubem, Issacar, Gad e os restantes derrubaram o portão e entraram, espalhando a morte a torto e a direito. Juntos eles massacraram todos os homens de Siquém, além de trezentas esposas enfurecidas que atiravam pedras e telhas do alto das casas. O sangue correu pelas ruas como se fosse um rio. Um segundo exército de amoritas e perizitas chegou marchando pela planície. Jacob tomou da espada e do arco, colocou-se nos portões e, gritando "Irão meus filhos cair nas mãos destes gentios?", pulou sobre os inimigos, abatendo-os como o ceifeiro faz com o trigo. Logo tudo estava acabado. Os filhos de Jacob dividiram os despojos, incluindo numerosos escravos e crianças; e também oitenta e cinco virgens, uma das quais, chamada Boná, Simeão desposou.[6]

(g) Outros dizem que Hamor dera permissão a Diná para que se reunisse à sua família; mas que ela não se afastou da casa de Shechem mesmo após o massacre, soluçando:

"Como ousarei aparecer aos meus parentes?" Foi somente quando Simeão jurou casar-se ele mesmo com ela, que Diná o acompanhou.[7]

(h) Diná já estava grávida de Shechem e teve dele uma filha póstuma. Seus irmãos queriam matar a criança, como o costume exigia, para que nenhum cananeu pudesse dizer: "As donzelas de Israel não têm vergonha!" Jacob, no entanto, os deteve, pendurou no pescoço da neta um disco de prata, no qual estavam gravadas as palavras "Sagrada para Deus!", e deitou-a embaixo de um *espinheiro* — daí ela ter sido chamada de "Asanate". Naquele mesmo dia, Miguel, na forma de uma águia, voou com Asanate para On, no Egito e lá deitou-a junto ao altar de Deus. O sacerdote, chamado Potifera, vendo que sua esposa era estéril, criou Asanate como sua própria filha.

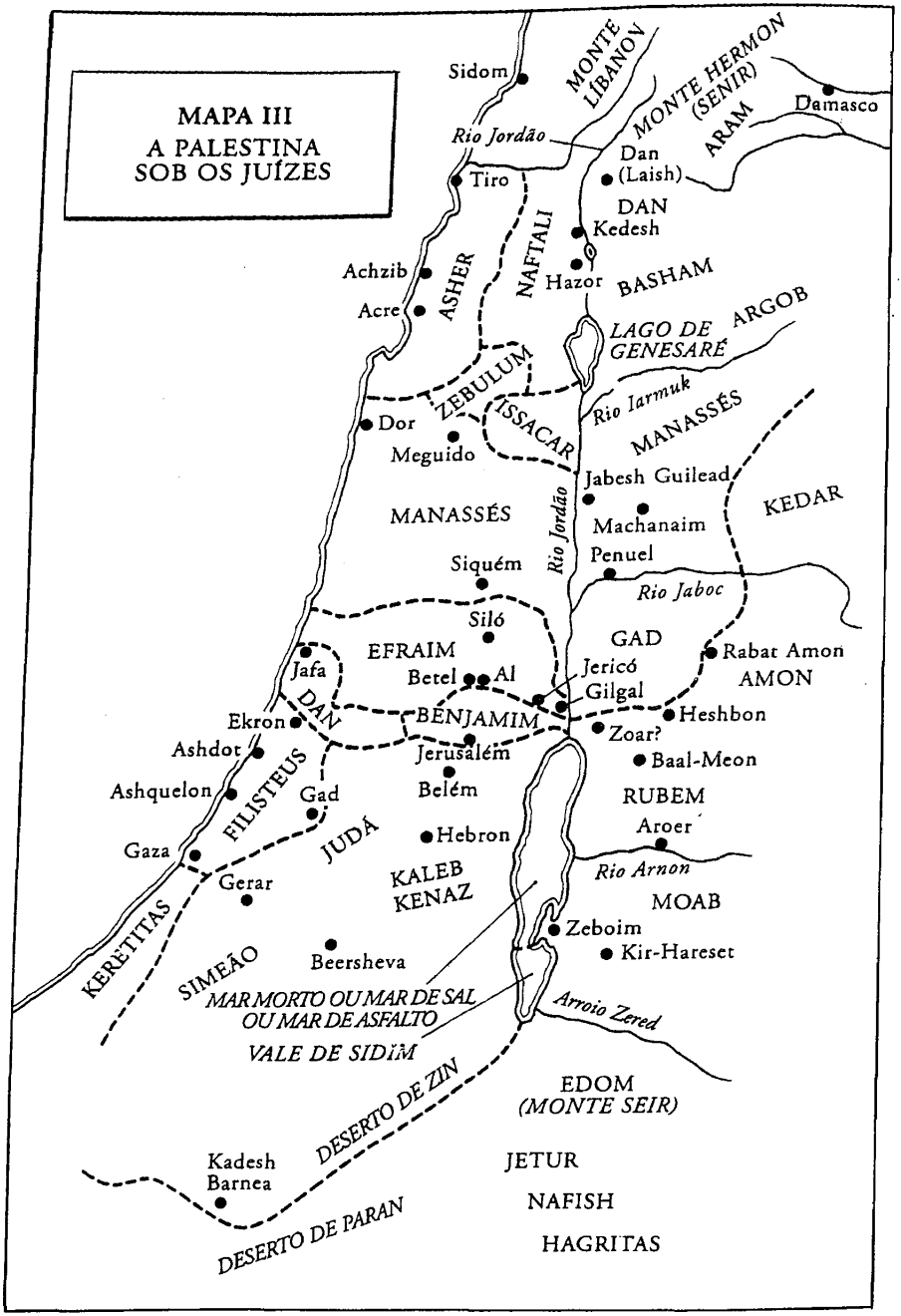
Muitos anos depois, quando José havia salvado o Egito da fome e fazia uma viagem pelo país, as mulheres atiravam-lhe oferendas de graças. Entre elas estava Asanate, a qual, não tendo outra coisa que lhe oferecer, atirou para José seu disco de prata, que ele apanhou no ar. Reconheceu a inscrição e, sabendo que devia ser sua própria sobrinha, desposou-a.[8]

(i) Depois que José perdoou os seus irmãos e mandou-os de volta para Canaã, entre seus presentes havia vestidos bordados e um carregamento de mirra, aloés (babosa), ungüentos e cosméticos para Diná, que agora era não apenas sua irmã e sogra, mas também sua cunhada, tendo se casado com Simeão, a quem deu um filho chamado Saul.

Diná acabou morrendo no Egito. Simeão trouxe os ossos para Canaã e enterrou-os em Arbel, onde o seu sepulcro ainda pode ser visto. Outros, no entanto, dizem que Simeão divorciou-se de Diná e que ela tornou-se a segunda esposa de Jó, o huzita, quando Deus restituiu-lhe a prosperidade. Jó fez nela sete filhos e três filhas.[9]

1. *Tan'huma Buber Gên.* 157, 172; *B. Berachot* 60a; *Gên. Rab.* 845; *Ier. Berachot* 14a-14b.
2. *Gên. Rab.* 907-08, 928, 954; *Mid. Agadá Gên.* 83,85.
3. *PRE*, cap. 38; *Gênese* 34:1-19.
4. *Gênese* 34:20-31.
5. *Sefer Haiashar* 113-19; *Mid. Leká Tov Gên.* 174-75; *Gên. Rab.* 956, 965; Saba, *Tesor HaMor* sobre *Valechi* 59c.
6. *Sefer Haiashar* 113-19; *Tan'huma Buber*, Introdução 127; *Gên. Rab.* 965-66.
7. *Gên. Rab.* 966; *Mid. Sechel Tov* 194; *Mid. Hagadol Gên.* 527.
8. *PRE*, cap. 38; *Targum Ier. Gên.* 41:20; *Ialkut Gên.* 146; *Soferim*, final; *Hadar* e *Daat* sobre *Gên.* 34:1; *Ialkut Reubeni* sobre *Gên.* 32:25; Oppenheim, *Fabula Josephi et Asanatehae*, Berlim, 1886, pp. 4 ss.
9. *Gên. Rab.* 966-67; *Sefer Haiashar* 202; *Mid. Hagadol Gên.* 527; *Shu'aib, Valshlach* 16a; *Test. de Jó* 1:11.

1. Siquém, como Tróia, foi saqueada em vingança do rapto de uma princesa pelo filho do rei. Tanto os gregos quanto os hebreus parecem ter tirado este tema, separadamente, da epopéia ugarítica *Keret*, na qual o deus El ordena ao príncipe Keret que cerque Udum, onde sua esposa


MAPA III
A PALESTINA
SOB OS JUÍZES
Sidom
MONTE LÍBANO
MONTE HERMON (SENIR)
ARAM
Damasco
Rio Jordão
Dan (Laish)
Tiro
DAN
Kedesh
NAFTALI
Achzib
ASHER
Hazor
BASHAM
Acre
LAGO DE GENESARÉ
ARGOB
ZEBULUM
ISSACAR
Rio Iarmuk
Dor
Meguido
MANASSÉS
Jabesh Guilead
KEDAR
MANASSÉS
Rio Jordão
Machanaim
Penuel
Siquém
Rio Jaboc
Siló
GAD
EFRAIM
Rabat Amon
Jafa
Betel
Al
Jericó
AMON
Gilgal
DAN
BENJAMIM
Heshbon
Ekron
Zoar?
Ashdot
Jerusalém
Baal-Meon
FILISTEUS
Ashquelon
Gad
Belém
RUBEM
Aroer
Hebron
Gaza
JUDÁ
Rio Arnon
Gerar
KALEB
KENAZ
MOAB
KERETITAS
Zeboim
Kir-Hareset
SIMEÃO
Beersheva
MAR MORTO OU MAR DE SAL
OU MAR DE ASFALTO
Arroio Zered
VALE DE SIDIM
EDOM
(MONTE SEIR)
DESERTO DE ZIN
Kadesh
Barnea
JETUR
NAFISH
DESERTO DE PARAN
HAGRITAS

legítima, Hurria, refugiou-se com seu amante — apesar do rei de Udum, decentemente, oferecer uma compensação para essa perda. Em ambos os casos, os fatos históricos foram romanticamente obscurecidos: a Guerra de Tróia foi travada, ao que parece, pelo controle do comércio no Mar Negro; Siquém foi destruída após uma disputa territorial entre os israelitas de Josué e seus aliados hivitas.

2. Dizem que Diná foi diferente de suas irmãs — todas nascidas como gêmeas dos outros filhos de Jacob — por ter tido um nascimento em separado (*ver* 45.*f*). Sua tribo deve portanto ser encarada como independente na federação de Léa, com um governo não-patriarcal, mas sim matriarcal, ou semimatriarcal — como os lócrios epizefirianos da Calábria, a respeito de cuja constituição Aristóteles escreveu um tratado. O patriarcado e o matriarcado ainda coexistem em partes da África central, tal como acontecia na antiga Grécia: a Grã-Sacerdotisa de Hera em Argos comparecia às reuniões da Liga Anfictiônica de doze tribos, mas devia pendurar no rosto uma barba — todos os outros representantes sendo homens.

3. A violação de Diná por Shechem sugere que, não muito tempo após a invasão de Canaã por Josué, sua pequena tribo foi tomada pelos amoritas de Shechem e que seus aliados, as tribos de Léa, Simeão e Levi, vingaram-se massacrando-os. Diná então casou-se com Simeão — isto é, as duas tribos uniram-se temporariamente; mas quando Simeão foi privado de suas terras (*Gênese* 49:5-7), e os remanescentes tribais juntaram-se a Judá como um subclã (*Josué* 19:1-9; *Crônicas I*, 4:24 ss.) — o que pode explicar por que Simeão foi excluído da Bênção de Moisés em *Deuteronômio* 33 — Diná perdeu sua identidade. No entanto, ficamos sabendo por um *midrash* que Asanate, a filha de Diná com Shechem (engenhosamente identificada com Asanate, o Grão-Sacerdote da filha de On — *Gênese* 41:45 ss.), casou-se com José. Em outras palavras, a tribo de Efraim tomou-lhe suas antigas terras, um evento anacronicamente mencionado por Jacob em *Gênese* 40, quando ele abençoa Efraim, dando-lhe "um *ombro* acima de teus irmãos, que eu conquistei dos amoritas com minha espada e meu arco". "Ombro" em hebraico é *shechem*, e Jacob estava conferindo a soberania de Israel a Efraim; porque Siquém (*Shechem* em hebraico) serviu até os tempos de David como centro político de Israel. Um ombro (braço, paleta) era a porção régia na Grécia: quando Creonte expulsou Édipo de Tebas, foi o pernil (o quarto traseiro) e não o ombro (o quarto dianteiro) que pôs diante dele em um banquete sacrificial — como um símbolo de sua deposição.

4. A sugestão contida no *Gênese* de que a perda de Diná foi causada por visitar as filhas da terra — vale dizer, tomar parte em orgias cananéias — disfarça o fato de que a maioria das moças israelitas o faziam naqueles tempos antigos, e destaca uma moral judaica conhecida: "Mães, guardem suas filhas em casa!"

5. A luta de Jacob contra os amoritas foi inventada para explicar sua jactância na Bênção, de que havia vencido Shechem com sua própria espada e seu próprio arco (*Gênese* 49:8-9).

6. Os comentaristas dos *midrashim* se esforçam ao máximo para demonstrar que Simeão e Levi não se limitaram a massacrar homens indefesos, mas lutaram galantemente contra dez vezes o seu próprio número; e também que José desposou corretamente sua sobrinha, e não a filha de um sacerdote egípcio.

7. A circuncisão dos siquenitas é um incidente desconcertante, uma vez que todos os palestinos, exceto os filisteus, segundo diz Heródoto, a praticavam; mas talvez os siquenitas, aqui chamados "hivitas", fossem recentes imigrantes aqueus. Esse costume havia se espalhado do Egito para o Oriente, onde o uso de bisturis de sílex (*Êxodo* 4:25) prova sua grande antigüidade.

8. Em nenhum ponto das Escrituras se sanciona o fato de que Diná se tivesse casado com Jó após este ter feito as pazes com Deus. Mas uma vez que ambos os personagens haviam sofrido muito, e não por sua própria culpa; e uma vez que nada nos é dito a respeito da mulher que, nos últimos capítulos de *Jó*, deu-lhe sete filhos e três filhas para substituir os que haviam sido mortos por um furacão no primeiro capítulo, o nome de Diná sugere-se imediatamente para tal casamento de conveniência.

9. Asanate, filha de Diná, é uma invenção do *midrash*. Asanate, a esposa de José (*ver* 56:5), tem um nome autenticamente egípcio, sem qualquer relação com um espinheiro (*sné*, em hebraico).

10. Gabriel assumiu a forma de uma águia porque o Templo de Potifera era consagrado ao deus Rá e abrigava sua águia-solar, ou Fênix, um pássaro altamente venerado pelos sábios israelitas (*ver* 12.*f* e 20.*k*).

11. O *Sefer Haiashar* medieval fornece uma longa narrativa das guerras travadas entre os filhos de Jacob e os amoritas, com espadas, escudos, lanças, pedregulhos imensos e brados de guerra altíssimos. Esta ficção homérica foi historicamente muito bem concebida. Tapuá, Siló, Hazor, Bet-Horon, Sartan, Machanaim e Gaash, os sete nomes de lugares que ela menciona, são todos de cidades efrainitas, e o próprio Efraim (por ter nascido no Egito em data posterior) é cuidadosamente omitido da relação dos paladinos israelitas. Parece extremamente improvável, no entanto, que esta guerra reflita sequer uma tradição legítima das conquistas posteriores de Josué, uma vez que os nomes de lugares correspondem àqueles encontrados no *Testamento de Judá* (final do século II a.E.C.) e no *Livro de Jubileus*, um pouco posterior. A batalha de Bet-Horon parece ser uma reminiscência daquela que foi travada por Iehuda Macabeu contra o general sírio Seron (*Macabeus I*, 3:16).

50

RUBEM E BILÁ

(a) Estando Jacob acampado junto à Torre de Eder, em Judá, entristeceu-se por saber que Rubem havia seduzido a serva de Raquel, Bilá, mãe de Asher e Naftali, seus próprios meio-irmãos.

Muitos anos depois, quando Jacob, no leito de morte, dirigiu-se a cada um dos doze patriarcas, disse a Rubem: "Apesar de seres o filho primogênito e primeira prova de minha virilidade, apesar de tua grande força e de seres impetuoso como uma fonte, ainda assim maculaste a minha cama e, portanto, não prevalecerás sobre teus irmãos!"[1]

(b) Alguns dizem que Rubem estava vingando as afrontas feitas a Léa, pois, após a morte de Raquel, Jacob botou a cama de Bilá ao lado da sua própria. Rubem gritou, enfurecido: "Minha mãe Léa foi muito desprezada enquanto Raquel viveu. Deve continuar a aturar uma coisa dessas com paciência?" Ele retirou a cama e, em seu lugar, colocou a de Léa; e então, como este aviso direto foi desconsiderado, ele submeteu Bilá à força — para que Jacob não pudesse nunca mais tocá-la.[2]

(c) Rubem, em seu leito de morte, deu uma versão diferente dessa questão. Tendo visto Bilá se banhando em um riacho isolado, não conseguia mais dormir enquanto não desfrutasse dela. Sua oportunidade chegou certa noite, quando ela estava deitada na tenda, bêbada e nua. Apesar de Bilá não se lembrar de nada depois, Deus viu o ato de Rubem e puniu-o com uma doença cruel dos genitais que durou sete meses. Ele finalmente confessou seu pecado a Jacob e cumpriu sete anos de penitência — abstendo-se de vinho, carne, petiscos e diversões.[3]

(d) Rubem, o primogênito de Jacob, teria herdado dele a bênção, o sacerdócio e o reinado sobre Israel. Mas, por ter pecado, a bênção foi conferida a José; o sacerdócio, a Levi; o reinado, a Judá. Jacob desculpou-se com Rubem: "Servi a Labão por Raquel, não por tua mãe Léa. A lavra e a semeadura que fiz em Léa teriam sido feitas em Raquel, e José teria sido o meu filho primogênito. O direito da primogenitura, portanto, é dele, por justiça."[4]

(e) Alguns acusam Rubem de ter seduzido também a Zilpá.[5]

1. *Gênese* 35:22; 49:3-4; *Crônicas I*, 5:1.
2. *Gên. Rab.* 1.254-55; *B. Shabat* 55b; *Tan'huma Buber Gên.* 218; *Hadar* 14d e 15d.

3. *Testamento de Rubem* 1:1-10; 3:9-4:3.
4. *Gên. Rab.* 1.253; *Tan'huma Buber Gên.* 218.
5. *Gên. Rab.* 1.254.

1. Não se atribui a Bilá mais vergonha do que a Tamar, seduzida por Amnon (*Samuel II*, 13); a Betsabá, seduzida por David (*Samuel II*, 11; 12); ou a Diná, seduzida por Shechem (*ver* 49). Os mitos hebraicos tratam as mulheres como campos a serem arados e semeados por heróis semelhantes a deuses — passivas e, portanto, necessariamente inocentes se é o agricultor errado que nelas entra. As proibições sexuais na Lei Mosaica dirigem-se apenas aos homens; e apesar da prova de adultério sentenciar tanto a mulher quanto seu amante à morte por lapidação, ela é punida como participante involuntária — tal como o infortunado animal com que um homem tenha cometido bestialidade (*Levítico* 20:10-18). Os fariseus do século I, no entanto, apesar da acusação que pesa sobre eles no Novo Testamento (*João* 8), nunca lapidaram um casal adúltero: a mulher tinha o direito de alegar a ignorância da Lei e, uma vez que o sedutor não podia sofrer separado dela, ambos saíam livres. Jesus, portanto, com sua oportuna citação de *Deuteronômio* 17:2-7, deve ter salvado a adúltera de juízes samaritanos, que obedeciam literalmente a Moisés, e não dos fariseus.

2. Pode-se apenas conjecturar sobre o cenário histórico deste mito, porque a tribo de Rubem — da qual se diz ter ocupado o lado oriental do Jordão, o oposto a Judá — não deixou registros: desapareceu cedo da história israelita e não é nomeada nas inscrições moabitas. No entanto, o significado é claro: como líder titular das oito tribos de Léa, um chefe rubenita convenceu as tribos tributárias de Dan e Naftali a se desligarem da federação de Raquel. Uma conferência de representantes tribais ocorria no território de Judá, a mais forte das tribos de Léa; Eder fica perto de Belém.

3. Josefo e outros escrevem Rubem como "Rubel", que pode ser a sua forma mais antiga. A Bênção de Moisés (*Êxodo* 33:6) expressa uma esperança na continuidade da existência de Rubem, apesar de seus números reduzidos. Mas, na época do Cativeiro, dois de seus filhos, ou clãs, a saber, Hezron e Carmi, haviam sido admitidos na tribo de Judá e incorporados à sua genealogia (*Crónicas I*, 4:1; 5:3).

4. Uma vez que do incesto entre Rubem e Bilá não nasceram filhos, como aconteceu com as filhas de Ló (*ver* 33:1) e com Tamar (*ver* 51:1), o tema deste mito é uma revolta e não uma filiação tribal: de fato, o primeiro ato de um rei usurpador era se deitar publicamente, tal como fez Absalão, com o harém de seu predecessor (*Samuel II*, 16:20 ss.) — e qualquer movimento ambicioso nessa direção era encarado como alta traição, tal como quando Abner deitou-se com Rispa, ex-concubina de Saul (*Samuel II*, 3:7 ss.), ou como quando Adonias pediu a Salomão a concubina de David, Abisague (*Reis I*, 2:13 ss.). É portanto possível que este mito reflita a revolta das tribos de Léa sob David de Belém contra seu suserano raquelita, Saul, o Benjamita; e que David podia contar com o apoio de Rubem e Gad, os quais haviam conquistado as tribos de Bilá, Asher e Naftali para a sua causa. A principal força política de David ficava claramente do outro lado do Jordão, em Guilead, para onde ele mais tarde fugiu, durante a revolta de Absalão (*Samuel II*, 17:24).

51

JUDÁ E TAMAR

(a) Judá despediu-se dos seus onze irmãos e foi para o sul, residir com Hirá de Adulam. Lá conheceu e casou-se com Bat-Shua, a filha de Shua, uma cananéia, a qual lhe deu três filhos na cidade de Quezib: Er, Onan e Shelá. No devido tempo, Judá escolheu para Er uma esposa chamada Tamar, também cananéia. Mas Deus, prevenido da maldade de Er, destruiu-o e Judá portanto ordenou a Onan que gerasse filhos em lugar de seu irmão morto — um obséquio que mais tarde Moisés tornou obrigatório naquilo que é conhecido como Lei do Levirato. Onan, no entanto, sabia que nenhum filho nascido de tal união seria seu e, assim, "malhava dentro, mas semeava fora": vale dizer, apesar de freqüentemente entrar em Tamar, sempre saía antes da ejaculação — um pecado que Deus puniu com a morte. Judá então disse: "Rogo-te, Tamar, que voltes por algum tempo à casa de teu pai, em Enaim, e ponhas o luto de viúva até que meu filho mais moço, Shelá, tenha idade para casar-se contigo." No entanto, temendo que Shelá pudesse morrer repentinamente, como seus irmãos, Judá adiou esse casamento ano após ano.[1]

(b) Quando Bat-Shua morreu, Judá, para afogar a dor, foi a uma festa da tosquia, perto de Timná; e Tamar, já sabendo a essa altura que estava sendo enganada, viu Judá passar por Enaim, a caminho de Timná. Não disse nada, porém afastou-se um pouco da cidade, desfez-se do luto de viúva, cobriu o rosto com um véu vistoso, voltou e sentou-se não muito longe do portão. Judá, retornando ao pôr-do-sol, tomou Tamar por uma meretriz sagrada, e perguntou: "Posso me deitar contigo?"

"Se a paga me agradar", respondeu ela, disfarçando a voz.

"Um cabrito de um ano serviria?"

"Serve. Tens cabritos aqui?"

"Não, mas posso mandar um de Adulam."

"Nesse caso, deixa comigo um penhor."

"Diz o que queres!"

"Teu selo, teus lenços e teu cajado."

Judá deu tudo isso em penhor a Tamar e juntos se deitaram; após o que ela saiu subrepticiamente e, às escondidas, voltou a pôr o luto.

A pedido de Judá, seu amigo Hirá levou a Enaim o cabrito prometido e perguntou a todos que lhe cruzavam o caminho: "Onde posso encontrar a prostituta sagrada que estava sentada do lado de fora do portão da cidade no dia tal e tal?" E todos responderam: "Não vimos ninguém assim."[2]

(c) Três meses mais tarde Judá ficou sabendo que Tamar havia quebrado abertamente seu contrato de casamento, estando grávida de um outro homem que não Shelá. Em obediência aos costumes daquele tempo, sentenciou-a à morte na fogueira. Mas Tamar, enquanto era lavada, enviou a Judá seu selo, seus lenços e seu cajado, dizendo: "Já que devo morrer, então que morra também o israelita que pecou comigo; saberão quem é ele por meio destes penhores."

Judá, reconhecendo suas próprias coisas, reverteu o julgamento. "Ela viverá", sentenciou ele, "pois eu próprio estive em erro: não honrei o contrato de casamento feito com esta mulher em nome de meu filho Shelá." E assim Tamar ficou livre. Judá, no entanto, não podia voltar a tocá-la nem ela podia se casar com Shelá.[3]

(d) Tamar entrou em trabalho de parto de gêmeos. Um deles pôs para fora uma das mãos, mas assim que a parteira amarrou-lhe um cordão escarlate no pulso, ele voltou para dentro e seu irmão saiu primeiro. Ela perguntou: "Como foi que *abriste caminho*?", e chamou-o de "Perez". Depois disso o primeiro gêmeo reapareceu, com o cordão escarlate ainda *brilhando* em seu pulso; e ela o chamou de "Zerá".[4]

(e) Tal como todas as mães nobres de Israel, Tamar tinha o dom da profecia. Ela previu que o Messias descenderia dela; e foi essa previsão que a levou a obedecer à antiga lei amorita, segunda a qual toda mulher, antes do casamento, deve passar sete dias fora dos portões da cidade, vendendo-se a estranhos.

Alguns dizem que Judá, em sua retidão, absteve-se de Tamar a princípio e seguiu seu caminho. Mas ela orou a Deus, por cuja ordem o Anjo do Desejo Carnal voou para a terra, sussurrando: "Volta-te, Judá! Se desprezares essa mulher, como é que os reis e redentores de Israel hão de nascer?" Judá então voltou e deitou-se com Tamar — embora não o tivesse feito antes de se certificar de que ela era solteira, órfã, pura de corpo e serva do Deus Vivo. Depois disso, Tamar, em vez de contar aos mensageiros quem é que lhe tinha dado os penhores, deixou para Judá a revelação. E alguns dizem que, devido à sua atitude prudente nessa questão — uma vez que uma pessoa direita preferiria morrer queimada a envergonhar publicamente um parente —, Judá não apenas reconheceu os gêmeos como seus filhos, mas também continuou a consolar Tamar em sua viuvez.[5]

1. *Gênese* 38:1-12.
2. *Gênese* 38:12-23.
3. *Gênese* 38:24-26.
4. *Gênese* 38:27-30.
5. *Gên. Rab.* 1.042, 1.044; *Tan'huma Buber* Introd. 129e *Gên.* 187; *Mid. Hagadol Gên.* 569, 572, 574; *Test. de Judá* 12; 14:3-5; *B. Sota* 10a-b.

1. Sugeriu-se que *Oséias* 12:1 devia ser compreendido assim: "Judá mais uma vez separou-se de Deus, permanecendo fiel aos *k'deshim* ('os sagrados')", significando que ele separou-se de seus

irmãos, adotando costumes cananeus, que incluíam o culto *k'deshim*. Os *k'deshim* eram *quelebitas*, ou "sacerdotes cães": prostitutas masculinas vestidas de mulher, que ainda estavam em atividade sob a monarquia judaica tardia (*Reis I*, 15:12; 22:47; *Reis II*, 23:7), em redutos que lhes foram destinados no próprio Monte Sion. A admissão de Caleb na tribo de Judá corrobora esse sentido, que está de acordo com os divertimentos desavergonhados de Judá com uma *k'deshá*, ou prostituta sagrada. A doação que habitualmente as *k'deshás* faziam de seus ganhos, para os fundos do templo, era proibida no mesmo texto deuteronômico que fala dos *k'deshim* (*Deuteronômio* 23:18). A última menção aos quelebitas nas Escrituras ocorre em *Revelações* (Apocalipse) 22:15.

2. Este antigo mito está seguramente ligado a uma pequena área a noroeste de Hebron, onde a maioria dos nomes dos lugares ainda se preserva. Adulam, sede de um rei cananeu deposto por Josué (*Josué* 12:15), é Chirbet 'Id al-Ma, pouco mais de quinze quilômetros a noroeste de Hebron; Quezib, ou Aczib, ou Cozeba (*Crônicas I*, 4:22), é 'En al-Kazbá, no vádi al-Sant; Timná, entre Belém e Beit Natif, é Chirbet Tibna. Somente Enaim, que fica entre Adulam e Timná, desapareceu desde os tempos talmúdicos, onde era conhecida como Kefar Enaim (*Pesikta Rabati* 23).

3. Os irmãos Er, Onan e Shelá — os pecados de Er não são especificados, mas seu nome, ao contrário, forma a palavra *perverso*, em hebraico — representam três clãs judaítas originais, cujos dois mais antigos perderam importância. Na época do Cativeiro na Babilônia, Er chegou a ser alinhado como filho, ou subclã, de Shelá (*Crônicas I*, 4:21); enquanto Onan era dado meramente como filho de Jerameel, filho de Hezron (*ver* 50:3), filho de Perez (*Crônicas I*, 2:26). Perez (ou Farez) assumira precedência até mesmo sob Shelá; e Zerá, a quem ele espoliara no nascimento, perdeu-se na história. Genealogistas tribais árabes ainda registram a ascensão e a queda de clãs precisamente desta forma.

4. A sentença de morte de Tamar, na fogueira, antecipa *Deuteronômio* 22:23-24, que condena uma esposa ou noiva descoberta em adultério a ser lapidada; a fogueira, na Lei Mosaica, era reservada para as filhas de sacerdotes que viessem a prevaricar (*Levítico* 21:9). No entanto, na antiga Judéia não havia nenhum estigma para os homens que se deitavam com prostitutas — contanto que estas não fossem propriedade de um marido, de um pai, ou estivessem em estado de impureza ritual; nem eles faziam nenhuma distinção entre uma *zoná*, ou prostituta comum, ou uma *k'deshá*, ou prostituta sagrada.

5. Há aqui uma sugestão de que Judá suspeitou de que Tamar estivesse enfeitiçada, como Sara, filha de Raguel (*Tobit* 8), cujos seis maridos foram misteriosamente assassinados, um após o outro, por um espírito ciumento. Como mulher, noiva de um israelita, Tamar assumiu graves riscos ao fingir-se de prostituta, mas uma vez que tratou da questão discretamente e teve filhos do homem que havia injustamente negado estes filhos a ela, foi exaltada na tradição popular e relacionada junto com Raquel e Léa como uma "mãe heróica de Israel" (*Rute* 4:12). Tal como Rute, a moabita, e como Raab, a prostituta sagrada de Jericó (*Josué* 2), esta mulher cananéia tornou-se (através de Perez) ancestral de David, e, assim, do Messias prometido (*ver Mateus* 1:3-6).

6. *Tamar* significa "tamareira", e essa palmeira era consagrada à deusa do Amor e do Parto Ísis, também conhecida como Ishtar ou, entre os árabes, como Lat ou 'Ilat. Os árabes adoravam a grande tamareira de Nejran, vestindo-a anualmente com roupas e ornamentos femininos. O filho de Lat, Apolo de Delos — Lat é hoje em geral dado como equivalente de Letó ou Latona — e

o deus nabateu Dusares nasceram ambos sob tamareiras: Apolo em Ortígia (Ilha das Codornas). Na história original Tamar teria sido uma prostituta sagrada, sem qualquer relação com Judá. Ela está ligada a sua irmã Rahab pela menção ao cordão escarlate (*Josué* 2:18), que marcava sua profissão; e no *Kebra Nagast* etíope, a filha do Faraó seduz Salomão com a ajuda de três gafanhotos (*ver* 29:3) e de um cordão escarlate.

52

AS MORTES DE ISAAC, LÉA E ESAÚ

(a) Jacob e Esaú continuaram em paz durante os dezoito anos que se seguiram — até que o pai deles, Isaac, morreu e foi enterrado na caverna de Machpelá. Só então, dizem alguns, Esaú contou a seus filhos sobre a venda da primogenitura e o roubo da Bênção; mesmo assim, ainda refreou-lhes o despeito enfurecido, dizendo: "Nosso pai Isaac nos fez jurar vivermos em paz um com o outro."

Eles responderam: "Enquanto ele viveu, isto estava bem. Mas agora vamos reunir aliados de Arã, da Filistéia, de Moab e de Amon, para arrancar Jacob da terra que por direito é nossa!"

Elifaz, sendo um homem direito, discordou. Esaú, no entanto, recordou com amargura os males que Jacob lhe fizera, e sentiu vergonha de ser tomado por fraco. Portanto, liderou um grande exército contra Jacob em Hebron, mas encontrou todos os membros da casa vestindo buréis e jogando cinzas nas cabeça, em luto pela morte de Léa.

Quando Jacob se ofendeu com esse indecoroso rompimento da aliança que tinham feito, Esaú disse: "Tu sempre me odiaste e me enganaste! Não pode haver irmandade autêntica entre nós, enquanto o leão e o boi não ficarem juntos na canga, diante do arado; enquanto o corvo não se tornar branco como a cegonha; enquanto o javali não deixar cair suas cerdas e lhe crescer um pêlo macio".[1]

(b) Por instigação de Judá, Jacob então vergou o seu arco e flechou Esaú no lado direito do peito. Ele foi levado dali em uma besta de carga, para morrer em Adoraim, no Monte Seir. Jacob também flechou o aliado de Esaú, Adoram, o edomita. Na batalha feroz que se seguiu, o exército de Jacob teria sido subjugado se uma tempestade de areia mandada por Deus não tivesse cegado seus inimigos. Os israelitas os massacraram aos magotes. Uns poucos sobreviventes fugiram para Maale-Akrabim, onde mais uma vez foram derrotados. Jacob os submeteu a um pesado tributo e enterrou Esaú em Adoraim.[2]

1. *Jubileus* 37-38.
2. *Mid. Vaissa'u, Ialkut Gên.* 133; *BNM*, iii:4-5.

1. Adoram, o edomita, não é uma figura das Escrituras. Seu nome foi tirado de Adoraim, uma cidade cananéia mencionada nas cartas de el-Amarna como "Adori" e reconstruída por Reoboão (*Crônicas II*, 11:9) sobre duas colinas — daí a forma dual. As grandes cidades gêmeas de Dura

al-Amriia e Dura al-Arjan, não mais de oito quilômetros a oeste de Hebron, marcam seu antigo lugar. Adoraim foi ocupada pelos edomitas após a tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, mas reconquistada e judaizada à força por João Hircano (135-104 a.E.C.). Maale-Akrabim ("Subida de Escorpiões"), a sudoeste do Mar Morto, marcava a fronteira entre Judá e Edom (*Números* 34:4; *Josué* 15:3; *Juízes* 1:36), e foi cenário da derrota dos edomitas por Iehuda Macabeu (*Macabeus I*, 5:3). Essas guerras dos hasmoneus, aqui, foram todas recuadas até o passado mítico para preencherem uma lacuna narrativa.

2. Elifaz é poupado do massacre que dizimou seus irmãos; provavelmente porque os descendentes de seu filho Quenaz foram absorvidos pelas tribos de Judá (*ver* 42:4). Uma narrativa alternativa da morte de Esaú durante o enterro de Jacob (*ver* 60.*b*) é fornecida por um *midrash* para justificar o temor de Rebeca (*ver* 43.*a*); "Por que perderia eu dois filhos num só dia?"

53

JOSÉ NO POÇO

(a) Aos dezessete anos de idade José reuniu-se aos filhos de Bilá e de Zilpá nas pastagens de seu pai. Retornou a Hebron passado apenas um mês, incapaz de suportar as rajadas tempestuosas de um vento leste; mas disse a Jacob que a vergonha pelos malfeitos de seus meio-irmãos é que o havia levado a voltar para casa. Jacob acreditou em José, a quem amava mais do que a todos os seus outros filhos, como primogênito de Raquel, e o que mais se parecia com ele, tanto na natureza quanto no aspecto. José crescera e se tornara muito vaidoso, pintava os olhos com o rímel que os árabes chamam de kohl, penteava os cachos de seu cabelo feito mulher, caminhava afetadamente e usava uma túnica de mangas longas que Jacob lhe presenteara. Os irmãos zombavam dele sempre que o pai não estava presente, e José vingava-se contando mais histórias. Gad, que era entre eles o melhor pastor, costumava escolher a vigia da noite e, se um animal selvagem atacava seu rebanho, agarrava-o pelos quartos traseiros e esmagava-lhe a cabeça contra um rochedo. José um dia viu-o salvar um cordeiro ferido por um urso e, misericordiosamente, dar-lhe fim ao sofrimento. Os irmãos jantaram a carcaça do bicho; mas José acusou-os de, secretamente, abater e comer os melhores carneiros. Em resposta à censura de Jacob, Gad declarou que nunca mais voltaria a pôr os olhos em José.[1]

(b) Mandado para o campo, sob os cuidados dos filhos de Léa, José mais uma vez voltou para casa, após umas poucas semanas. E queixou-se de que os irmãos mantinham relações com moças cananéias e tratavam seus meio-irmãos como escravos. Um sonho, por ele contado, aumentou ainda mais o ódio sentido pelos irmãos. Ele disse: "Estávamos juntando feixes no campo. De repente o meu ficou erguido enquanto os vossos formaram um círculo em torno dele, curvando-se obsequiosamente."

Eles gritaram: "Então tu hás de nos governar? É esse o significado do teu sonho?"

Indiferente à raiva deles, José contou-lhes mais um. "Na noite passada, vi o sol, a lua e onze estrelas que me prestavam homenagem." E quando Jacob soube disso, ele também exclamou: "Que sonho é este? Deverei eu, tua madrasta e teus irmãos, todos nós, servirmos a ti?"[2]

(c) José depois disso continuou em Hebron até que, certo dia, seus irmãos levaram os rebanhos para o Monte Efraim e demoraram tanto que Jacob mandou-o procurá-los. Em Siquém, José ficou sabendo que haviam montado novo acampamento perto de Dotan,

a um dia de marcha dali, e por isso seguiu em frente. Quando viram-no a distância, Simeão, Dan e Gad gritaram enfurecidos: "Lá vem o sonhador pretensioso! Vamos matá-lo e esconder o corpo em um daqueles poços! Assim ele pára de sonhar." Rubem opôs-se: "Por que atrairmos uma maldição sobre nós, derramando sangue inocente? Por que não deixá-lo morrer de fome no poço?" Pareceu-lhes um bom conselho. Por isso, despiram José de sua túnica de mangas longas e o atiraram, nu, no poço. Era um poço que fora cavado à procura de água, mas em vão, e agora servia de covil a serpentes e escorpiões.[3]

(d) Os irmãos fizeram uma parada para comer, a uma distância do poço de vários disparos de flecha, quando viram uma caravana ismaelita que se aproximava, vinda de Guilead, com especiarias, bálsamos e resina de almecegueira para vender no Egito. Judá perguntou: "Por que deixar nosso irmão morrer de fome, quando podemos vendê-lo àqueles ismaelitas?" Eles responderam: "Agora não! Por causa da sua língua venenosa, ele deve passar três dias entre serpentes e escorpiões."

Enquanto isso, uma caravana midianita vinha chegando atrás deles. Atraídos ao poço pelos gritos de terror de José, puxaram-no para fora e, depois, venderam-no aos ismaelitas por vinte peças de prata. Naquela noite, Rubem arrependeu-se de sua crueldade. Ignorando que os midianitas o haviam salvado, pegou uma corda e foi tirar José do poço. Lá chegando, chamou-o pelo nome, mas não teve resposta. Voltou correndo, cheio de dor, gritando: "José está morto, e, como primogênito de nosso pai, serei chamado a prestar contas por isso!" Issacar então propôs que eles abatessem um bode, mergulhassem a túnica de José em seu sangue e mentissem que um animal selvagem o havia matado.[4]

(e) Naftali, a quem eles escolheram como mensageiro, levou a Jacob a túnica manchada de sangue, no décimo dia de Tishrei, dizendo: "Encontramos isto em Dotan. Seria a de José?" Jacob gritou: "Ai de mim, um animal selvagem devorou meu filho!" Rasgou as roupas, vestiu-se com sacos, derramou cinzas na cabeça e pranteou-o amargamente. Quando os de sua casa tentaram consolá-lo, ele os repeliu, gritando: "Encontrem o corpo de José sem demora! Capturem também o primeiro animal selvagem que encontrarem e tragam-no aqui, vivo, para a minha vingança! Deus sem dúvida entregará o assassino em suas mãos."

Trouxeram-lhe um lobo, mas informaram-no que o corpo de José não se encontrava em parte alguma. Jacob gritou com o lobo: "Assassino miserável, não tens respeito nem por Deus nem por mim?" Deus então deu ao lobo fala humana. E ele disse: "Pela vida de nosso Criador e por vossa vida, meu senhor: sou inocente. Há doze dias, meu próprio filhote me deixou e, sem saber se ele estava morto ou vivo, corri até Dotan à sua procura. Agora sou falsamente acusado de assassinato. Vingai-vos como vos agradar! Mas juro pelo Deus Vivo que nunca pus os olhos em vosso filho, nem jamais carne humana passou por minha boca!"

Jacob libertou o lobo, espantadíssimo, e continuou a prantear José.[5]

1. *Testamento de Gad* 1:1-2:1; *PRE*, cap. 38; *Gên. Rab.* 1.008-09; *Tan'huma Buber Gên.* 180; *Ier. Peá* 15d-16a.
2. Mesmas fontes da nota anterior e *Gênese* 37:1-11.
3. *Gênese* 37:12-24; *Gên. Rab.* 1.015, 1.017; *Tan'huma Buber Gên.* 183; *PRE*, cap. 38; *Sefer Haiashar* 146-47; *Test. de Zebulum* 2.
4. *Gênese* 37:25-35; *Gên. Rab.* 1/018-19; *Test. de Zebulum* 4; *Sefer Haiashar* 141-48, 152-53.
5. *Sefer Haiashar* 152-53, 156-57.

1. Trata-se evidentemente de uma história folclórica como as do ciclo das *Mil e uma Noites*, ou do ciclo milesiano que Apuleio tomou emprestado para seu *Asno de Ouro*, ou as das coletâneas de Perrault e dos Irmãos Grimm — que combinam diversão popular com sabedoria secular, mas não têm base histórica. Não obstante foi convertida em mito ao ser ligada a localidades em particular — Hebron, Dotan, Guilead — e ao fazer de ancestrais tribais os principais personagens. Serve como introdução a um mito mais longo que se propõe a explicar a presença de judeus no Egito, no período dos hicsos, a ascensão de um poderoso vice-rei vindo do meio deles e, finalmente seu retorno a Canaã, onde assumiram a liderança de uma confederação tribal.

Dizem que José teria nascido tão parecido com o pai e teria sido tão amado por este, porque o "Israel" original consistia apenas nas duas tribos de José e de seus aliados benjamitas (*ver* 47:5, 7, 8). Manobras políticas, enquanto estes hebreus egipcianizados invadiam Canaã, sob a liderança de Josué, é o que sugerem as histórias contadas por José a respeito das tribos de Bilá e de Zilpá; pela característica animosidade que por ele sentiam Simeão, Gad e Dan; e pela relutância de Rubem e Judá em derramar seu sangue.

2. Dotan, que aparece em uma lista do século XVI a.E.C. de cidades cananéias subjugadas pelo Faraó Tutmés III e em *Reis II*, 6:13 e 14 como uma cidade murada, foi construída sobre um outeiro (agora Tel el-Dutan), cerca de vinte quilômetros ao norte de Siquém, dando para a rota de caravanas Damasco–Guilead–Egito. Uma vez que Dotan tinha comando sobre o mais importante desfiladeiro setentrional para o país montanhoso de Efraim, nela pode muito bem ter ocorrido uma conferência decisiva das tribos hebraicas que já ocupavam uma grande parte de Canaã — estando em questão juntar forças com seus primos israelitas ou pedir a ajuda armada dos egípcios contra eles. O cronista não esconde sua hostilidade contra José como intrometido e intrigante. O trecho em que os midianitas vendem José aos ismaelitas é uma reinterpretação engenhosa de uma passagem confusa do *Gênese*, em que o sacerdote editor foi muito infeliz ao interligar duas fontes literárias discordantes: uma delas um documento efraimista, composto antes da destruição do Reino do Norte (721 a.E.C.); a outra judaica, composta mais tarde. De acordo com a narrativa efraimista, os irmãos de José venderam-no a mercadores midianitas; de acordo com a judaica, venderam-no a ismaelitas. Da mesma forma, na versão efraimista, o protetor de José é Rubem, na judaica, Judá. Mas, na época em que o texto do *Gênese* foi decidido, Jerusalém havia se tornado o novo centro de Israel, e Rubem havia se fundido com Judá; por isso, esses dois irmãos aparecem sob um ângulo favorável. No resto, os papéis mais criminosos são distribuídos sobre as tribos sem terras de Simeão, Gad e Dan.

3. A beleza juvenil de José, a tentativa de assassiná-lo, sua ressurreição do poço após três dias

e o fato dele acabar fornecendo pão a um mundo faminto o ligam ao mito de Tamuz; um significado ampliado pelo bode sacrificado no Dia do Perdão, que o *midrash* explica como uma lembrança em penitência do bode morto pelos irmãos para tirar o sangue que mancharia a túnica de José.

4. Comentaristas dos *midrashim* acrescentaram à história engenhosas glosas éticas. Apesar de os irmãos parecerem estar se vingando de José, eles estavam sendo, diz-se, os instrumentos escolhidos por Deus para garantir o poder que José alcançaria no Egito. Deus também encheu o poço de serpentes e escorpiões para fazê-lo gritar de terror e, assim, atrair a atenção dos midianitas. Sua servidão ocorreu por ordem divina, para que ele pudesse mais tarde salvar Israel da fome; mas uma vez que os irmãos pecaram, seus descendentes estavam igualmente destinados a se tornarem escravos no Egito. "Por vossas vidas", disse-lhes Deus, "haveis vendido José à escravidão e, portanto, recitareis a narrativa de vosso próprio cativeiro no Egito até o final dos tempos" (*Midrash Tehilim* 93). Deus arrumou as coisas até para que os ismaelitas estivessem carregando especiarias perfumadas, em vez de suas fedorentas cargas de peles, para assim tornar agradável a viagem de José. Um *midrash* acrescenta que Deus miraculosamente forneceu-lhe uma roupa, para poupá-lo da vergonha de aparecer nu na presença de estrangeiros; outros fazem com que Deus abençoe a tentativa de libertação de José feita por Rubem, enviando o profeta Oséias, um rubenita, para pregar o arrependimento por todo Israel. Os pecados de José, de vaidade, mentira e desrespeito, são punidos com nudez, sofrimento e servidão.

5. A decisão tomada por Jacob de punir o animal selvagem que devorara José deve ser compreendida como uma atitude pia, não como histeria. Moisés ordenou a morte de qualquer animal que matasse um homem. Uma lei inglesa semelhante, de origem anglo-saxã, conhecida como *Deodand*, que só foi revogada em 1846, tornava qualquer animal ou coisa que causasse a morte de um homem — boi, carroça, tronco caído, ou o que fosse — propriedade da Coroa. Seu valor era distribuído na forma de esmolas para os pobres, ou donativos à igreja.

6. Em parte alguma se cunhavam "peças de prata" antes do século VII a.E.C.

54

JOSÉ E ZULEICA

(a) José foi levado para o Egito pelos midianitas e vendido ao eunuco Potifar, intendente da despensa do Faraó, o qual, reconhecendo os talentos de José, logo o designou para mordomo de sua casa, e nunca se arrependeu dessa escolha.

Potifar havia se casado, mas sua esposa, Zuleica, não se considerava presa por nenhum laço conjugal: é natural que uma mulher queira ter filhos. Ela tentou seduzir José; mas este, ainda que de forma alguma insensível à beleza notável de Zuleica, rejeitou-lhe as investidas, dizendo: "Meu amo, teu esposo, colocou-me à testa de sua casa, nada me proibindo, exceto aquilo que me pedes. Seria roubo, bem como um pecado contra Deus, se eu sucumbisse."

Ela perguntou: "Uma vez que não posso desfrutar dos abraços de meu marido, nem ele dos meus, que roubo seria esse?" José viu que ela havia vendado os olhos do ídolo que estava na parede com um lençol. Ele disse: "Fizeste bem em vendá-lo; mas ninguém venda os olhos de Deus, que tudo vê!"[1]

(b) Os desejos insatisfeitos de Zuleica afetaram-lhe a saúde. Damas da corte, que a visitavam, logo perguntaram: "O que te aflige? Costumas ter tão boa saúde!"

Zuleica respondeu: "Vou mostrar-vos a causa."

Pediu que fosse servido um banquete e chamou José para supervisionar as providências. As damas não conseguiam tirar os olhos dele e, quando foram descascar as frutas postas à sua frente, todas se cortaram.

Quando José saiu da sala, Zuleica disse: "As frutas estão tintas de sangue! Se após tão breve tormento todas cortam os dedos, eu o que não sofro dia após dia?"[2]

(c) Zuleica cortejou José com palavras e presentes, usava sempre novos vestidos e não perdia oportunidade de deixá-lo entrever seus seios e suas coxas. Também apelou para filtros de amor; mas Deus sempre avisava a José que taça ou prato evitar. Por fim, ela recorreu a ameaças.

"Serás cruelmente oprimido!"

"Deus ajuda os oprimidos", respondeu José.

"Eu te farei morrer de fome!"

"Deus alimenta os famintos."

"Eu te mandarei pôr na prisão."

"Deus liberta os cativos."
"Eu te curvarei até te arrastares na poeira do chão!"
"Deus ergue os que são rebaixados."
"Eu te arrancarei os olhos!"
"Deus dá a visão aos cegos."[3]

(d) As damas da corte lhe disseram; "Deves quebrar-lhe a resistência, um dia, quando estiverem a sós. Ele é homem como os outros, e não pode resistir por muito tempo a teus encantos. Sem dúvida ele já corresponde a tua paixão."

Zuleica seguiu-lhes o conselho. Na manhã seguinte, bem cedo, entrou furtivamente no quarto de José e, repentinamente, caiu sobre ele. José acordou, desvencilhou-se dela e largou-a deitada na cama. Zuleica chorou desesperada: "Alguma vez mulher tão bela revelou-se assim consumida de amor por ti? Por que tanta dureza? Por que esse medo de teu amo? Enquanto o Faraó viver, nada de mal te acontecerá! Sê generoso e cura-me desta minha infelicidade! Será que devo morrer por causa desses escrúpulos tão tolos?"[4]

(e) A cheia anual do Nilo foi recebida com harpas, tambores e danças; e todos da casa de Potifar compareceram às festividades, exceto Zuleica, que alegou estar mal de saúde; José, que estava ocupado com suas contas; e alguns guardas. Quando tudo ficou em silêncio, Zuleica irrompeu no escritório de José, agarrou-lhe o manto, arrancou-o, rasgando-o, e gritou: "Meu querido, finalmente estamos sozinhos! Desfruta de mim sem temor!" José fugiu correndo, nu. Humilhada além do que podia suportar, Zuleica gritou pelos guardas, que acorreram armados. "Vosso amo empregou esse vil escravo hebreu para nos insultar!", disse ela, ofegante. "Ele tentou me seduzir, mas quando gritei ele fugiu, deixando para trás esta túnica."

Quando Potifar retornou, contou-lhe a mesma história, e ele, furioso, mandou encarcerar José na prisão real — o castigo que Deus lhe infligiu por não ter aprendido a desprezar os pecados de uma vida suntuosa e estar sempre se enfeitando, o que mais uma vez lhe trouxe problemas.

Há quem diga que o próprio Potifar estava louco por José, e encheu-se de ciúmes por causa de Zuleica.[5]

(f) Quando o caso foi julgado em uma corte sacerdotal, o Juiz-Mor, tendo ouvido ambas as partes, pediu a túnica de José, que logo lhe foi trazida. Segurando-a, disse: "Se, como a dama Zuleica alega, este escravo tentou subjugá-la, mas fugiu quando ela gritou; e se ela então agarrou-lhe a túnica, rasgando-a, para guardá-la como prova contra ele, o rasgão há de estar atrás. Se, ao contrário, foi ela quem o desnudou da túnica, como ele alega, para despertar-lhe a luxúria, o rasgão estará na frente."

Todos os juízes concordaram solenemente que o rasgão sem dúvida estava na frente; mas, para não sujar o nome de Zuleica, fizeram com que José voltasse à prisão por mais

dez anos, recomendando porém ao diretor que o tratasse com menos severidade que aos demais prisioneiros.[6]

1. *Gênese* 37:36; 39:1-9; *Gên. Rab.* 1031, 1064-68.
2. *Tan'huma Vaieshev* 5; *Sefer Haiashar* 159-60; cf. *Corão* 12:30-33.
3. *B. Ioma* 35b; *Test. de José* 9:5; *Gên. Rab.* 1075-76; etc.
4. *Sefer Haiashar* 159-60.
5. *Gênese* 39:10-20; *Gên. Rab.* 1054-55, 1071-73; *Sefer Haiashar* 157; *Tan'huma Vaieshev* 9.
6. *Sefer Haiashar* 162-63.

1. A mesma história é encontrada nos mitos gregos de Biadice e Frixo, Antéia e Belerofonte e Fedra e Hipólito. Em todos esses casos, no entanto, os motivos do homem para rejeitar as investidas da mulher é o horror ao incesto. A história de Biadice e Frixo vem da Cadméia beócia, onde introduz um mito cananeu importado (*ver* 34:5); as outras duas vêm do Golfo de Corinto, onde era forte a influência semita ocidental (*ver* 39:1). Outras versões são encontradas na Tessália e Tenedos, onde era adorado o deus fenício Melcarte; mas seu registro mais antigo é encontrado na *História dos Dois Irmãos* egípcia, da qual foram tirados os mitos de Abraão, Sara e Faraó (*ver* 26), Abraão, Sara e Abimeleque (*ver* 30), e Isaac, Rebeca e Abimeleque (*ver* 37).
2. A mulher de Potifar fica sem nome, até o *Sefer Haiashar* chamá-la de "Zuleica"; no *Testamento de José* (12:1; 14:1, etc.), no entanto, ela é chamada de "a mulher de Mof".

A principal elaboração dos *midrashim* sobre a despojada narrativa do *Gênese* lembra o registro feito por Ovídio do sofrimento de Fedra em *Heroides* 4:67 ss. Não se faz nenhuma censura a Zuleica, porque era seu dever ter filhos e, se tivesse conseguido ter gêmeos de José, poderia ter sido tão altamente louvada quanto Tamar (*ver* 51:5). Mas Deus pretendia que uma outra egípcia tivesse filhos de José; e um *midrash* conta como Zuleica foi enganada pela leitura equívoca de um horóscopo, o qual predizia que ele teria filhos famosos com uma mulher da casa de Potifar — a saber, Asanate (*ver* 49.*h*, 9). As réplicas de José, ao ser ameaçado por Zuleica, são todas citações das Escrituras.
3. O festival que permitiu a Zuleica ficar sozinha com José foi ou "A Recepção do Nilo", também chamado "A Noite em que Ísis Chora" (20 de junho), ou o Festival de Ano-Novo, em meados de julho, celebrando o ressurgimento de Sírius, quando o rio atingia seu nível de inundação mais elevado no Médio Egito. Era então cerimoniosamente lançado à água "o Barco das Águas Montantes".
4. O mito hebreu contém várias anedotas cuja intenção é aguçar a sagacidade de detetive dos Juízes: tal como o julgamento de Salomão no caso das duas prostitutas (*Reis I*, 3:16 ss.), e a defesa que Daniel faz de Susana contra os velhos mentirosos (*Susana* 5:45 ss.). O caso da túnica rasgada de José é outro desse gênero; mas um *midrash* rival vira essa argumentação jurídica de cabeça para baixo, transformando o rasgão nas costas em prova das tentativas furiosas de Zuleica em puxá-lo de volta para seu gozo sexual, e o rasgão frontal em prova de sua luta para repelir o ataque dele.
5. Apesar de um *midrash* explicar a aparente anomalia de um eunuco casado, dizendo que Deus o havia castrado para puni-lo contra um atentado à virtude de José, isto é desnecessário — o intendente dos alimentos do Faraó precisava de uma esposa por motivos sociais. Essas uniões estéreis eram permitidas em Roma, no tempo de Juvenal: *ducitur uxorem spado tener.*
6. Potifar provavelmente era o Executor-Mor do Faraó, não seu Intendente de Alimentos (*ver* 55:1).

55

JOSÉ NA PRISÃO

(a) Deus cuidou de José na prisão real, onde o diretor logo achou-o digno de ser o seu substituto. Assim, quando o copeiro-mor e o padeiro-mor do Faraó também foram ali confinados, ficaram sob a supervisão de José. Não se sabe que acusações haviam sido levantadas contra aqueles dois homens. Alguns dizem que fora encontrada uma mosca na taça de vinho real e grãos de pedra-ume em um pão servido na mesa real. Outros, que ambos foram acusados de cumplicidade em uma tentativa de seduzir a filha do Faraó. Certa noite, de qualquer forma, eles tiveram sonhos que os perseguiram até a manhã seguinte, e queixaram-se a José: "Ai de nós, senhor, que não temos aqui nenhum oráculo que possa interpretá-los!"

"Não sou eu servo do Deus Único", perguntou José, "a quem cabem essas interpretações?"

O copeiro-mor disse então: "Sonhei com uma videira de três ramos. Seus ramos soltaram botões, irromperam as florações e formaram-se cachos de uvas, e a fruta amadureceu. A taça do Faraó estava em minha mão direita. Esmaguei nela a uva com minha mão esquerda e dei-lhe para que bebesse."

José interpretou prontamente esse sonho: "Cada ramo é um dia. Dentro de três dias o Faraó perdoará tua falta e permitirá que lhe sirvas sua taça de vinho, como antes. Quando isto ocorrer, rogo-te que te lembres de mim e leves o meu caso à atenção do Faraó. Sou de sangue nobre, porém fui seqüestrado por ismaelitas da terra de meus pais, vendido para escravidão e agora estou prisioneiro por uma falsa acusação."

"Assim farei, sem falta", prometeu o copeiro-mor.

O padeiro-mor, grandemente reconfortado pelo que ouvira, disse: "Em meu sonho eu carregava na cabeça três cestos de pão: o do alto tinha todos os tipos de bolos e de confeitos para a mesa do Faraó. De repente, um bando de pássaros desceu ligeiro e comeu-os todos."

José anunciou: "Daqui a três dias o Faraó te cortará a cabeça e pendurará teu corpo em uma árvore, para que seja comido pelas aves."

Três dias depois, o Faraó comemorou o seu aniversário com um banquete no palácio, ocasião em que reabilitou o copeiro-mor e fez ser degolado o padeiro-mor. No entanto, o copeiro-mor esqueceu-se por completo do que havia prometido a José.[1]

(b) Após três meses, Zuleica visitou José, dizendo: "Por quanto tempo precisarei manter-te na prisão? Torna-te meu amante e te libertarei imediatamente."

José respondeu: "Jurei diante de Deus nunca ser teu amante!" Zuleica então ameaçou José com torturas e pesados grilhões; mas não conseguiu demovê-lo; dizem, no entanto, que Deus aumentou em mais dois anos o tempo de prisão de José: porque por duas vezes pedira ao copeiro-mor e não a Ele Próprio que lhe garantisse a liberdade.[2]

1. *Gênese* 39:21; 40:23; *Gên. Rab.* 1.078-79; *Sefer Haiashar* 167.
2. *Sefer Haiashar* 165; *Tan'huma Vaieshev* 9.

1. O amor de Zuleica por José é um acréscimo judaico, evidentemente feito para explicar uma leitura equivocada de "na prisão". A narrativa efraimista, mais antiga, apresenta o amo de José, Putifar, como o diretor da prisão real, que colocava o copeiro e o padeiro sob as ordens de José. José estava "na prisão", meramente como carcereiro.
2. Alguns comentaristas dos *midrashim* consideravam as interpretações de José feitas para esses sonhos efêmeras demais, e daí sugeriram outras, mais edificantes, que José teria discretamente guardado para si mesmo. Assim, a vinha representava o mundo; seus três ramos, Abraão, Isaac e Jacob; sua floração, as esposas dos patriarcas; as uvas maduras, as doze tribos. Ou a vinha representava a Lei; seus três ramos, Moisés, Arão e Míriam; sua inflorescência, a Assembléia de Israel; e as uvas, as almas justas de cada geração. Ou a vinha representava Israel; seus três ramos, seus principais festivais; seus brotos, o crescimento tribal de Israel em Goshen; sua inflorescência, a redenção do cativeiro; e suas uvas, o Êxodo que faria o exército perseguidor do Faraó tropeçar como se estivesse bêbado. Similarmente, as três cestas do padeiro-mor representavam os três reinos de Babilônia, Média e Grécia (*ver* 28:5); enquanto a cesta do alto (que é então tomada como uma quarta, e não a terceira) significava Roma, cujas riquezas e faustos seriam destruídos por anjos nos Tempos do Messias.
3. O *midrash Hagadol*, do século XII, compilado no Iêmen, afirma que o pássaro que comeu das cestas do padeiro-mor simbolizava o Messias, que aniquilaria os reinos opressores de Israel. Este símbolo é elaborado pelos cabalistas medievais. Em uma *Descrição do Jardim do Éden*, datando talvez do século XI, e também no Zohar, o Salão Interior, ou Paraíso, onde habita o Messias, é chamado de "O Ninho do Pássaro".

56

JOSÉ TORNA-SE VICE-REI

(a) Dois anos mais tarde, o Faraó sonhou que estava parado junto ao Nilo, do qual emergiram sete vacas gordas e vistosas, que começaram a pastar os ramos de papiro. Após alguns instantes, seguiram-se sete vacas magras, de aspecto lamentável, mas que, em vez de pastar, devoraram vorazmente suas irmãs — com chifres, cascos e tudo. O Faraó despertou horrorizado. Voltando a adormecer, sonhou com sete espigas de milho gordas que cresciam de um único pé; mas outras sete espigas que cresciam perto, sem nenhum grão e murchas pelo Vento Leste, engoliram-nas.

Quando o dia amanheceu, o Faraó mandou chamar seus oráculos e contou o sonho. Nenhuma de suas interpretações o satisfez. Eles disseram: "As sete vacas formosas indicam que tereis sete belas filhas; as magras, que todas morrerão de uma doença que as fará definhar. As sete espigas de milho gordas indicam que conquistareis sete nações; as murchas, que estas mais tarde se rebelarão."[1]

(b) Observando o aborrecimento do Faraó, Merod, o copeiro-mor, lembrou-se repentinamente de José. Ele não havia sido realmente ingrato: o caso de José o perturbava constantemente, e ele fazia nós em seu lenço para se lembrar; mas sempre se esquecia do que os nós significavam quando chegava à presença do Faraó. Foi assim que Deus retardou a questão, até que a ocasião fosse propícia. Merod então contou ao Faraó como José interpretara de forma precisa os seus sonhos, e suplicou para que fosse solto. A isto, o Faraó mandou chamar José, que foi imediatamente barbeado, vestido com roupas decentes e levado até a Câmara do Conselho Real.

Disse o Faraó: "Contaram-me que interpretas sonhos."

José respondeu: "Não eu, mas o Deus Vivo que fala através de mim! Ele tranqüilizará a mente do Faraó."

O Faraó contou-lhe seus sonhos, acrescentando que, depois das vacas magras terem engolido as gordas, continuaram com o mesmo ar faminto de antes.

"Deus enviou ao Faraó dois sonhos com o mesmo significado", disse José. "As sete vacas formosas e as sete espigas gordas representam anos: da mesma forma as vacas magras e as espigas vazias. Sete anos de fartura devem ser seguidos por sete anos de fome tão severa que o tempo da fartura logo será esquecido. O segundo sonho do Faraó reforça o primeiro e aconselha uma ação imediata. Deus assim aconselha ao Faraó que escolha um vice-rei digno de confiança, capaz de se preparar contra os dias terríveis que vêm pela

frente; deve instruir seus prepostos para que comprem um quinto de todo o grão de cereal e de legume do país, durante os sete anos de abundância. Que esse excedente seja armazenado debaixo do selo do Faraó, nos Celeiros Reais, um em cada cidade provincial, como reserva contra os anos de fome."[2]

(c) Toda a corte ficou convencida de que José dissera a verdade, e o Faraó perguntou: "Onde posso encontrar outro homem que assim siga os ditames do Deus Vivo?" Uma vez que nenhuma resposta se apresentou, o Faraó voltou-se para José e disse: "Já que foi a ti que Deus revelou estas coisas, não precisamos buscar mais longe. Indico-te como meu vice-rei sobre todo o Egito e as ordens que deres ao povo serão minhas também. Não reservo para mim nada mais do que minha dignidade faraônica que é superior à tua." Assim dizendo o Faraó tirou o anel de selo do seu dedo e o pôs no de José, presenteou-o com um avental feito de linho real e pendurou-lhe uma corrente de ouro no pescoço. E então declarou: "Eu te chamo Zafenat-Paneá" — o que significa *Através dele o Deus Vivo fala* — "e homem algum em meus domínios ousará erguer uma mão ou mover um pé sem a tua permissão!" O Faraó também deu a José um veículo que só perdia em esplendor para a sua própria carruagem de gala. As pessoas o saudavam como "Abrec", e ele governou sobre todo o Egito, apesar de ainda estar com apenas trinta anos. Os prepostos de José então compraram todo o excedente de grãos de cereal e legumes, armazenando-o nos celeiros provinciais.[3]

(d) Então, como José não aceitasse nenhum louvor, mas desse a Deus o crédito por tudo que falasse ou fizesse com sabedoria, e como abaixasse os olhos com modéstia quando as jovens egípcias admiravam-lhe a beleza, Deus o recompensou com vida longa, prosperidade e um dom peculiar desfrutado por seus descendentes: a imunidade ao mau-olhado.[4]

(e) Pelo favor do Faraó, José casou-se com Asanate, filha de Potifera, o sacerdote de On. Esta lhe deu dois filhos, o primeiro dos quais ele chamou de "Manassés", dizendo: "Deus me fez *esquecer* meu sofrimento e meu exílio!"; e o segundo de "Efraim", dizendo: "Deus me fez *frutífero*, apesar da aflição!"[5]

(f) De acordo com alguns, no entanto, Asanate era a filha bastarda da irmã de José, Diná, adotada por Zuleica e Potifar, que identificam com Potifera. Asanate, explicam, foi a Potifar e acusou Zuleica de ter mentido; ao que Potifar a deu em casamento a José como uma forma de admitir que este nada fez de mal.

Outros negam a identidade de Potifera com Potifar; ou desta Asanate com a filha de Diná, e dizem que o filho mais velho do Faraó fora rival de José pelo amor de Asanate.[6]

1. *Gênese* 41:1-8; *Gên. Rab.* 1.093.
2. *Gênese* 41:9-36; *Gên. Rab.* 1.085, 1.086, 1.094; *Tan'huma Mikes* 3; *Sefer Haiashar* 174.

3. *Gênese* 41:37-46.
4. *Gên. Rab.* 1.268-69; *Num. Rab.* 14.6; *Tan'huma Buber Num.* 44; *PRE,* cap. 39; *Mid. Hagadol Gên.* 628-29; *Targ. Ier. Gên.* 49:22.
5. *Gênese* 41:50-52.
6. Orígenes, Catena Nicefori 1:463; *Prece de Asanate.*

1. A base histórica deste mito parece ser a ascensão sob os Faraós Amenotep III e Amenotep IV, da Décima-oitava Dinastia, de um general semita chamado Ian'hamu, que é mencionado nas cartas de Tel el-Amarna, como controlador dos celeiros de Iarimuta (ou "Jarmute" — *Josué* 12:11) e governador dos domínios egípcios na Palestina. Não foi o primeiro palestino a ocupar um cargo elevado no reino dos Faraós: o escudeiro de Tutmés III, Meri-Re, e seu irmão, o sacerdote User-Min, eram amoritas; e mais tarde, o porta-voz-mor do Faraó Merneptá foi Ben Matana, um cananeu. Esse Ian'hamu tinha um colega de alto posto, Dudu, cuja forma hebraica é *Dodo, Dodi* ou *Dodai* — nome que ocorre em *Samuel II,* 28:9, 24 e em *Juízes* 10:1, etc. — e pode muito bem ter sido ele próprio hebreu. Quando, nas cartas de Amarna, autoridades sírias fazem uma petição de ajuda armada ao Faraó Amenotep IV, acrescentam que Ian'hamu tem conhecimento de suas circunstâncias. Ribadi, rei de Gebal, pede ao Faraó que diga a Ian'hamu: "Ribadi está sob tua autoridade, e qualquer mal que o rei dos amoritas me fizer será feito a ti também." Ribadi mais tarde pede que Ian'hamu seja enviado com um exército para prestar-lhe auxílio. Ian'hamu havia levado Iachtiri, o comandante de Jopa e Gaza, e, ao que tudo indica, seu conterrâneo, para a corte egípcia ainda criança. Ian'hamu pode ter sido escravo; ficamos sabendo pelas cartas de Amarna que sírios e palestinos às vezes vendiam seus filhos em troca de milho em Iarimuta.
2. Segundo o *Gênese,* o Faraó deu a José "trajes de linho", mas não sendo isto nenhuma honra em particular, o avental real ou o *shendit,* é evidentemente o que se pretendia indicar.
3. Não havia nada contra o fato do Faraó promover um ministro a seu vice-rei. Ptahotep (cerca de 2500 a.E.C.), conhecido como "Faraó substituto", tomava às vezes o lugar de seu amo ausente, usando todos os títulos reais e recebendo o Grande Selo. O cargo de "Diretor dos Celeiros", apesar de normalmente diferente do de vice-rei, era suficientemente importante para ser ocupado por príncipes reais. Esse mesmo Ptahotep, em suas *Máximas,* insiste na necessidade essencial de se manterem os celeiros bem estocados contra anos de fome. Uma dessas fomes está registrada em uma inscrição de caverna em Beni-Hassan, na tumba de Amene, um príncipe feudal do Médio Império. Amene fizera as devidas provisões para essa fome e, segundo se alega, não cobrou depois a produção dos fazendeiros quando enchentes favoráveis do Nilo lhes deram grandes colheitas de trigo e cevada. Um certo Baba, um nobre da Décima-sétima Dinastia (Hicsos), cuja tumba se encontra em El-Kab, menciona uma fome que durou muitos anos. Alguns historiadores a identificam com a fome antecipada por José — mas detalhes da história do *Gênese* refletem uma data anterior ou posterior ao período dos hicsos.
4. O casamento do vice-rei com uma filha do sacerdote do Sol e a aceitação por parte do Faraó da religião monoteísta de José sugerem tratar-se de Amenotep IV, o ousado reformador religioso que adorava apenas a Aton, o disco solar, o qual mudou seu nome para Akenaton e construiu uma nova capital em Amarna.
5. Sugeriu-se que o título de José, que não faz qualquer sentido, nem em hebraico nem em

egípcio, pode representar *Zafnto-Pa'anhi,* "Alimentador da Vida". *Abrec* não é uma palavra egípcia, mas lembra o *abaraku* assírio-babilônio, título dado aos mais altos dignitários, significando "Divinamente Abençoado". O nome de Asanate era possivelmente "Anhesaten", que a própria filha de Akenaton usava (*ver* 49.*h*). Sabe-se que o Sumo Sacerdote de Aton, sob Akenaton, foi um certo Meri-Re; e o nome dele pode ter sido substituído pelo de Potífera, por uma confusão com Potifar, o dono original de José.

6. A maioria dos adornos aplicados a este mito pelos *midrashim* são vãos e despropositados: entre eles há uma história sobre como o trono do Faraó ficava no alto de setenta degraus, e os príncipes ou embaixadores visitantes subiam tantos degraus quantas fossem as línguas que conheciam: sendo setenta o número canônico de línguas faladas depois da queda da Torre de Babel (*ver* 22.*h*). José, tendo recebido de Deus o conhecimento de todas as línguas, subiu até o alto e sentou-se ao lado do Faraó. Também se diz que ele teria liderado uma campanha bem-sucedida contra os "Homens de Tarsis" que haviam atacado os ismaelitas. "Tarsis" era o sul da Espanha, ou talvez a Sardenha, mas o *midrash* a iguala à Terra de Havilá, rica em ouro, porque se diz que os navios de Tarsis, pertencentes a Salomão, navegavam para buscar ouro.

57

A FOME

(a) Sete anos de abundância vieram e se foram; seguiram-se sete anos de fome. Quando todos os celeiros particulares se esvaziaram, José abriu os celeiros reais e vendeu o trigo ao povo. Ele havia armazenado grãos de cereais e de legumes em cada cidade provincial, misturando-os com o pó dos próprios campos onde eles cresceram, sabendo que isso era uma garantia segura contra os bichos daninhos e contra o mofo. Os egípcios não tomavam estas precauções, e suas provisões rapidamente apodreciam.

A fome se espalhou para além das fronteiras do Egito e José arrecadou imensa quantia em dinheiro pela venda de trigo aos árabes, cananeus, sírios e outros. Instruiu seus prepostos: "Em nome do Faraó e de seu vice-rei! Todos os estrangeiros que quiserem comprar trigo devem vir fazê-lo pessoalmente e, se for descoberto que o compraram para revenda, e não para suas próprias necessidades, serão condenados à morte. Homem nenhum pode trazer mais do que um animal de carga nem deixar de assinar seu nome, e o do seu pai e do seu avô, no recibo da compra." José também os obrigou a apresentar uma lista diária de compradores. Sabia que seus irmãos não tardariam a chegar e queria ser informado imediatamente.[1]

(b) Quando os egípcios ficaram sem um tostão, José lhes permitiu comprar trigo com gado e, com o correr do tempo, todos os rebanhos passaram para as mãos do Faraó. Eles então ofereceram a José primeiro suas terras e, finalmente, seus próprios corpos em pagamento. Assim o Faraó se tornou o único dono do Egito, com o direito de transferir as pessoas de cidade para cidade, como escravas que agora eram. Somente o clero, então muito rico, conservou suas terras e sua liberdade.

No terceiro ano, José liberou as sementes de trigo, obrigando os agricultores a pagar ao Faraó um quinto de sua produção, perpetuamente. Esta lei ainda é observada.[2]

(c) Jacob, sabendo que havia trigo para vender no Egito, ordenou a seus filhos que fossem para lá e comprassem o que pudessem. Todos partiram, exceto Benjamim, a quem Jacob conservou em casa, dizendo: "Ele poderia sofrer algum acidente no caminho."

Jacob preveniu a seus filhos: "Quando chegarem no Egito, só revelem que estão comprando trigo a quem for estritamente necessário. Observem a humildade, não procurem aparecer, não se exponham a olhos invejosos. Entrem na cidade do Faraó por

portões diferentes e nunca se deixem ver juntos conversando." Eles obedeceram a essas ordens, ao chegar; mas naquele dia, quando a lista de compradores estrangeiros foi apresentada a José, ele viu seus nomes e mandou buscá-los. Foram presos no bairro das prostitutas, onde, impelidos pela dor na consciência, tinham ido fazer perguntas sobre seu irmão perdido aos mercadores de escravos locais.[3]

(d) Levados à presença de José, prostraram-se diante dele. José dirigiu-se a eles com aspereza, através de um intérprete; "De que país vindes, e o que vos traz aqui?"

"Viemos de Canaã para comprar trigo."

José vociferou: "Sois espiões!"

"Meu senhor", protestaram de maneira servil, "não somos espiões, mas sim homens honestos e decentes que viajam para um negócio legítimo."

"Se sois homens honestos, por que haveis entrado na cidade cada um por um portão diferente? E se sois homens decentes, por que haveis passado tanto tempo no bairro das prostitutas?"

"Entramos por portões diferentes, seguindo o conselho de nosso pai", respondeu Judá, "e no bairro das prostitutas estávamos perguntando a respeito de alguns bens perdidos."

José insistiu: "Sois evidentemente um bando de soldados, aqui enviados por inimigos do Faraó, para informarem sobre as defesas do Egito."

"Asseguro a Vossa Eminência que somos todos filhos de um único pai hebreu, estabelecido em Canaã", disse Judá. "Antes éramos doze, mas um já morreu, e o mais moço ficou em casa."

"Haveis entrado nesta cidade", declarou José, "da mesma forma como um libertino tenta descobrir a nudez da mulher de outro homem." Então consultou a taça de prata de suas adivinhações e disse: "Além disso, vejo nesta taça que dois de vós massacrastes os habitantes de uma cidade fortificada; e que, juntos, vendestes um parente próximo a mercadores ambulantes. Pela vida do Faraó, não vos libertarei enquanto não tiver visto vosso irmão mais moço! Um de vós pode ir buscá-lo e, assim, permitir-me comprovar vossa história. Enquanto isso, ireis todos para a prisão."

Confinou seus irmãos num calabouço, mas na noite do terceiro dia lhes disse: "Uma vez que meu Deus é misericordioso, e exige misericórdia de Seus adoradores, vou manter apenas um único refém. Os outros estão livres para levarem o trigo para casa. Quando retornarem, no entanto, o irmão mais moço deve vir com eles."

Ignorando que José sabia falar hebraico, sussurraram entre si: "Este é o nosso castigo por termos abandonado José enquanto ele gritava no fundo do poço!"

Rubem disse: "Preveni a vocês todos para que não tratassem mal o menino; mas ninguém quis me ouvir. Agora seu fantasma clama por vingança."

Estas palavras comoveram José tão fortemente que ele se retirou um pouco, e chorou. Mas rapidamente lavou o rosto, voltou, ordenou que Simeão voltasse a ser posto

a ferros e mandou embora os restantes, depois de ter dado ordens sigilosas que, quando seus sacos estivessem cheios, o dinheiro da compra feita por cada um fosse escondido na boca do saco.[4]

(e) Em uma estalagem perto da fronteira, um deles saiu para buscar um pouco de grãos e encontrou seu dinheiro no saco. Correu para contar aos outros, que gritaram, tomados de terror: "O que fará Deus em seguida?"

Quando chegaram em casa e contaram a Jacob suas aventuras, este disse: "Já me privastes de dois filhos. José foi morto, Simeão está a ferros e agora me pedis Benjamim também! É dor em cima de dor."

Rubem clamou: "Eu vos deixarei meus dois filhos como reféns. Matai-os se eu retornar sem Simeão e Benjamim!"

Jacob respondeu: "Benjamim é o único filho de minha amada esposa Raquel que sobreviveu. Se algum acidente lhe acontecer, minha alma descerá em aflição ao Inferno... Nunca vos permitirei levá-lo!"[5]

1. *Gênese* 41:53-57; *Gên. Rab.* 1.105, 1.122-23; *Tan'huma Buber Gên.* 194; *Sefer Haiashar* 182-84; *PRE,* cap. 39.
2. *Gênese* 47:13-26.
3. *Gênese* 43:1-5; *Gên. Rab.* 1.109, 1.121-23; *Tan'huma Buber Gên.* 193-94. 202; *Targ. Ier. Gên.* 42:5; *Mid. Hagadol Gên.* 635; *Sefer Haiashar* 184-85.
4. *Gênese* 42:6-25; *Gên. Rab.* 1.124; *Tan'huma Buber Gên.* 203; *Sefer Haiashar* 186.
5. *Gênese* 42:26-38.

1. José ter exigido dos egípcios que pagassem ao Faraó um quinto dos seus grãos fornece autoridade mítica a uma postura que persiste até hoje entre agricultores arrendatários e senhores de terras feudais em muitas partes do Oriente Médio. Essa prática parece, no entanto, ter sido introduzida no Egito pelos conquistadores hicsos, dois ou três séculos antes da época de Amenotep IV. Somente os sacerdotes estavam dispensados dessa obrigação.
2. Entre as fantasias dos *midrashim* que foram acrescentadas a este mito está a exigência de José de que todos os egípcios que venderam seus corpos fossem circuncidados; mas a circuncisão já era um antigo costume egípcio. Sua mistura de pós da terra com trigo, engenhosamente apresentada como medida de preservação, pode ser uma reminiscência de como os moleiros medievais adulteravam a farinha do pão. De acordo com outro *midrash*, José reteve lucros enormes, de forma pia, em nome do Faraó, para o enriquecimento de sua própria família; isto ficava tacitamente desculpado pela ordem dada por Deus mais tarde em *Êxodo* 3:22: "Despojareis os egípcios!"
3. Dizem que os irmãos visitaram o bairro das prostitutas presumindo que um rapaz tão bonito quanto José teria sido vendido a um bordel sodomita. O conselho atribuído a Jacob, tal como a separação que ele fizera dos rebanhos em dois campos, e o espaço que pusera entre as manadas que enviara de presente a Esaú (*ver* 47.*a*) servem de lembrança aos judeus da Diáspora que precaução e dissimulação extremas são necessárias quando se lida com uma potência gentia.

4. Os editores do *Gênese* não se deram ao trabalho de corrigir a observação de Jacob a respeito da descida de sua alma ao Inferno. Ele, dessa forma, não professa uma fé na ressurreição superior à de Esaú (*ver* 38:5, 40:3, 61:4-5).
5. Taças de prata para a adivinhação, utilizadas no culto de Anúbis, o Hermes egípcio, são mencionadas por Plínio. Parece que havia uma imagem do deus gravada no fundo da taça. O oráculo enchia-a de água, na qual atirava algum objeto pequeno, observando como as ondulações afetavam a expressão do deus. Os talmudistas presumiam que essas taças tinham anjos da guarda (*sare hakós*) aos quais atribuíam poderes divinatórios.

58

A VOLTA DOS IRMÃOS

(a) Não demorou para que todo o trigo que os filhos de Jacob tinham trazido do Egito fosse consumido. Ele então lhes disse que fossem comprar mais.

Judá respondeu: "O Vice-Rei do Faraó nos proibiu de voltar sem nosso irmão Benjamim. A não ser que o deixeis ir conosco, somos obrigados a ficar em casa e morrer de fome."

"Mas por que fostes tão tolos a ponto de admitir que tinham um irmão caçula?"

"Ele nos submeteu a um interrogatório tão cerrado, que não ousamos mentir. Como poderíamos prever essa exigência quanto a Benjamim? Deixai o rapaz a meu cuidado, pai, e se eu não o trouxer de volta para casa, lançai sobre mim uma maldição eterna. Se houvésseis consentido imediatamente, a esta altura já teríamos ido ao Egito e voltado duas vezes, e não passaríamos fome. Além disso, Simeão estaria livre."

Finalmente, Jacob cedeu: "Ide, então... Levai ao Vice-Rei presentes adequados — bálsamos, mel, especiarias, resina de almecegueira, nozes e amêndoas — e também o dobro do dinheiro pago da última vez, além da devolução do que foi por engano colocado nos sacos. E quando Benjamim for apresentado, que Deus faça esse homem cruel demonstrar misericórdia... Se devo ser privado de meus filhos, então essa é a Sua vontade!"[1]

(b) Ao chegar ao Egito, os irmãos anunciaram a vinda de Benjamim, ao que José mandou-lhes um convite para que jantassem no Palácio. Disseram ao Mordomo Real que o dinheiro pago pelo trigo lhes havia sido acidentalmente devolvido. "Não digam mais nada", respondeu ele. "Esses milagres costumam acontecer quando a mão de Deus interfere nos assuntos humanos. Sua Eminência, no entanto, admite ter sido integralmente pago; e agora que trouxeram o irmão mais moço, ele consentiu em libertar Simeão."[2]

(c) Logo Simeão apareceu, não mostrando aspecto nem um pouco pior do que antes; e os irmãos receberam água para lavar os pés e forragem para dar a seus animais. Quando foram levados à presença de José, prostraram-se e ofereceram os presentes de Jacob. José perguntou: "O ancião ainda vive?"

"Vosso servo vive e passa bem", respondeu Judá com humildade.

José voltou-se para Benjamim: "Então este é vosso irmão mais moço? Deus te

abençoe, meu rapaz!" Então, não conseguindo mais conter as lágrimas, retirou-se e chorou às escondidas. Logo em seguida, no entanto, retornou e pediu que servissem o jantar. Mas não comeu com eles, como convinha à sua dignidade. Uma vez que os egípcios não consideravam os pastores de ovelhas melhores do que os guardadores de porcos, os irmãos foram colocados em local separado dos cortesãos. Sentaram-se por ordem de nascimento, espantados com o tratamento honroso que lhes dispensavam. Escravos vieram servir-lhes guloseimas da mesa de José; mesmo assim, não conseguiram compreender por que as porções de Benjamim eram cinco vezes maiores do que as de qualquer outro. Um copeiro enchia-lhes continuamente as taças de vinho, até que ficaram tão ébrios quanto o próprio José.[3]

(d) José ordenou ao Mordomo Real que devolvesse o dinheiro dos irmãos quando seus sacos de trigo fossem abastecidos, e que escondesse sua taça de prata das adivinhações no saco de Benjamim. O Mordomo obedeceu e, ao nascer do dia, supervisionou a saída das bestas de carga. José então o chamou e disse: "Pega uma carruagem e vai atrás daqueles hebreus, pergunta-lhes por que pagaram minha cortesia com fraude, roubando-me a taça das adivinhações."

O Mordomo logo alcançou os irmãos, que clamaram atônitos: "Como pode Sua Eminência nos acusar de tamanha vilania? Não devolvemos a ele o dinheiro que nos foi dado por engano? Como seria possível acreditar que roubaríamos prata ou ouro do Palácio Vice-real? Revistai nossos sacos e, se alguma taça for encontrada, prendei-nos a todos como escravos!"

"Minhas ordens", respondeu o Mordomo, "são para prender apenas o ladrão."

Quando descarregaram os animais, ele fingiu que dava busca nos sacos, até que finalmente encontrou a taça de José no saco de Benjamim. Os irmãos bateram em Benjamim sem piedade, gritando: "Toma isso, e mais isso, ladrãozinho desgraçado! Tu nos envergonhaste mais do que tua mãe Raquel ao roubar o terafim de Labão." Tendo rasgado as roupas em desespero, e recarregado os animais, voltaram ao palácio de José.[4]

(e) Mais uma vez os irmãos se prostraram diante de José. Este perguntou: "Por que esta loucura? Não era evidente que eu poderia adivinhar o presente, o passado e o futuro, mesmo sem minha taça de prata?"

Judá respondeu: "O que podemos dizer a Vossa Eminência? Como nos limparemos dessa culpa? Deus nos está castigando por um crime que cometemos muito tempo atrás. Escravizai-nos a todos, não apenas ao patife do nosso irmão."

Sacudindo a orla de seu manto púrpura, José respondeu: "Longe de mim acusar-vos de cumplicidade! O que farei, de fato, será escravizar Benjamim; mas o restante de vós pode voltar a Canaã."

"O que diremos ao infeliz do nosso pai?", perguntou Judá, desesperado.

"Dizei-lhe", respondeu José, "que a corda foi atrás da caçamba para dentro do poço."

Judá suplicou a José que o escutasse, e contou-lhe a história toda. Em seguida ofereceu-se para tomar o lugar de Benjamim, acrescentando: "Compreendeis agora que não posso confrontar meu pai sem ele?"[5]

(f) José ordenou a todos os servos presentes que saíssem e por fim, podendo chorar abertamente, perguntou aos irmãos em hebraico: "É mesmo verdade que nosso pai ainda vive?"

Ficaram sem saber o que dizer, achando que ele tinha enlouquecido.

José mandou que se aproximassem. Aterrorizados, obedeceram. "Sou vosso irmão José, a quem haveis vendido para o Egito", disse ele. "Mas, rogo-vos, não deveis sentir um remorso indevido: porque Deus, Ele Mesmo, foi quem instigou vossos desígnios. Já tivemos dois anos de fome no Egito, e ainda faltam cinco, sem arar nem colher. Deus mandou-me à frente e me fez Vice-rei para que eu pudesse prover-vos a todos. Correi para casa e contai a nosso pai que estou vivo! Suplicai-lhe que venha sem demora, trazendo seus rebanhos, manadas, e todas as suas posses para a Terra de Goshen, que fica perto desta cidade. Nem vós nem meu irmão Benjamim podeis duvidar de que estou dizendo a verdade. Por isso, fazei como peço!"

Com isso, José abraçou Benjamim, após o que ele e os outros trocaram beijos fraternos.[6]

1. *Gênese* 43:1-14.
2. *Gênese* 43:15-23.
3. *Gênese* 43:24-34.
4. *Gênese* 44:1-13; *Tan'huma Buber Gên.* 198; *Agadat Bereshit* 146-47; *Sefer Haiashar* 194.
5. *Gênese* 44:14-34; *Gên. Rab.* 1163; *Sefer Haiashar* 196-97; *Ialkut Gên.* 150.
6. *Gênese* 45:1-15.

1. Trata-se aqui de ficção histórica, mas que explica por que certos pastores hebreus, estabelecidos a nordeste do Delta, deram a suas comunidades nomes não-egípcios como Sucot, Baal-Zefon e Migdol. Goshen, entre o braço pelusíaco do Nilo e o Lago de Timsá, era um distrito que, nos tempos de José, ficava longe demais das enchentes do Nilo para ser arável, apesar de fornecer boas pastagens. Algumas gerações mais tarde, no entanto, Ramsés II irrigou Goshen abrindo um canal, e construiu as cidades de Rameses e Pitom, às custas de trabalho escravo hebreu (*Êxodo* 1:11). Ramsés II parece ter sido o faraó que "não conhecia José" (*Êxodo* 1:8) e contra quem Moisés se rebelou.

2. José aqui antecipa a conhecidíssima técnica moderna de arrancar confissões primeiro assustando a vítima, depois tranqüilizando-a, em seguida voltando a assustá-la, até que esta fica confusa e sucumbe.

3. Sacudir a orla do manto, significando "Não quero ter nada a ver com isto!", continua a ser um gesto comum no Oriente Médio. A mensagem enigmática de José a Jacob: "A corda foi atrás da caçamba para dentro do poço" significa: "Esta é a conseqüência de teus filhos terem me jogado no poço seco em Dotan."

59

JACOB NO EGITO

(a) Ao saber da chegada dos irmãos de José, disse-lhe o Faraó: "Se teu pai, Jacob, vier para cá com todos os seus, pode contar com minha régia recepção. Providencia carros para as mulheres e as crianças; e uma vez que coloquei todas as riquezas do Egito à disposição dele, convence-o a deixar para trás quaisquer bens que possam ser-lhe um estorvo."

José deu a cada um de seus irmãos, exceto a Benjamim, uma túnica nova e bonita; Benjamim recebeu cinco delas, e também trezentas peças de prata. Além de carros e fardos de forragem, ele enviou a Jacob vinte burros carregados de valores e de todos os tipos de iguarias. Suas palavras de despedida foram: "Peço-vos, nada de pensamentos sombrios durante a viagem!"[1]

(b) Os irmãos ainda discutiam como dariam a boa nova a Jacob, quando Será, filha de Asher, jovem modesta, apesar de musicista consumada, veio ao encontro deles, perto de Hebron. Deram-lhe uma harpa egípcia, dizendo: "Vai imediatamente a teu avô, Jacob, toca este instrumento e canta assim:

Não está morto, não está morto o teu José;
Na cabeça, na cabeça usa até
Do Egito a coroa imperial.
Não está morto, não está morto o teu José —
Compreendes que isto tudo é real?"

Será fez o que lhe mandaram, cantando-lhe essas palavras tão suavemente, repetidas vezes, até ter certeza de que elas se haviam alojado em seu coração. De repente, Jacob entendeu a verdade. Abençoou Será, suspirando: "Filha, tu me reviveste o espírito. Que a sombra da morte nunca te desassossegue! Vamos, canta outra vez essa canção! É mais doce do que mel aos meus ouvidos."[2]

(c) Logo a seguir chegaram os irmãos, regiamente trajados. Anunciaram em voz bem alta: "José vive, vive! Tornou-se Vice-rei do Egito!" Jacob viu os carros, os burros carregados, e gritou: "Ó, alegria! Glória a Deus! Então é verdade? Afinal, me será restituído o filho favorito?"

E sacudiu da cabeça as cinzas do luto, lavou-se, aparou a barba, vestiu os trajes régios que lhe haviam sido trazidos e convidou todos os reis de Canaã para um banquete de três dias. Após o que, partiu para o Egito, com seus rebanhos, manadas, bens e um séquito de setenta almas, não contando as esposas e os servos.[3]

(d) Em Bersheva, Jacob queimou sacrifícios e Deus falou-lhe em um sonho: "Não temas, Jacob, visitar o Egito sob minha proteção! Farei de Israel um grande povo. Mais tarde trarei todos de volta, e José fechará teus olhos moribundos."[4]

(e) Ao saber das notícias por Judá, que cavalgara mais adiantado, José imediatamente arreou os cavalos de sua carruagem e foi até Goshen. Ele e Jacob se abraçaram em lágrimas e Jacob disse, soluçando: "Estou preparado para morrer, meu filho, agora que te reencontrei!"

José disse a seus irmãos: "Informarei ao Faraó sobre vossa chegada. Se ele perguntar pela vossa ocupação, deveis admitir que sois pastores. Apesar dos egípcios encararem os pastores como impuros, nenhum mal vos espreitará aqui em Goshen."[5]

(f) Ele apresentou cinco de seus irmãos ao Faraó, que os designou superintendentes dos rebanhos, manadas e cáfilas reais naquela região; e em seguida apresentou também Jacob. Quando o Faraó, educadamente, perguntou-lhe a idade, Jacob respondeu: "Ao contrário de meus ancestrais imediatos, envelheci rapidamente. Poucos e funestos foram os anos de minha vida; apenas cento e trinta ao todo." Com isso, ele abençoou o Faraó e voltou para Goshen. Mas Deus o censurou: "Jacob, eu te salvei de Esaú e de Labão; salvei José do poço e fiz dele Vice-rei do Egito; e salvei toda a tua casa da fome! No entanto, ousas queixar-te de que teus dias foram poucos e funestos. Por essa ingratidão, encurtá-los-ei em trinta e dois anos".[6]

(g) Por ordem do Faraó, José estabeleceu seu pai no distrito de Rameses, e forneceu comida a todo Israel enquanto a fome durou. Jacob viveu mais dezessete anos — trinta e dois a menos do que Deus havia concedido a seu pai Isaac.[7]

1. *Gênese* 45:16-24.
2. *Sefer Haiashar* 202-04; cf. *Avot diR. Natan* 90.
3. *Gênese* 45:25-28; *Sefer Haiashar* 202-04.
4. *Gênese* 46:1-4.
5. *Gênese* 46:5-34.
6. *Gênese* 47:1-10; *Tan'huma Buber* Introd. 132; *Agadat Bereshit* 85.
7. *Gênese* 47:11-12, 28.

1. Acréscimos dos *midrashim* a esta história, refletindo as duas revoltas heróicas de Israel contra o poder de Roma, fazem com que os irmãos de José demonstrem uma arrogância belicosa quando Benjamim é preso, e desbaratem todo o exército do Faraó. Judá reduz barras de ferro a pó com

os dentes e lança um grito tão aterrador que todas as mulheres que o ouvem abortam, e as cabeças dos guardas do Faraó viram-se de lado e ficam duras — uma lembrança, talvez, dos relevos egípcios, em que os corpos dos soldados são vistos de frente e as cabeças de perfil. Também queima a carruagem que lhe é dada pelo Faraó, devido a suas decorações idólatras.

É atribuída a Jacob a presciência da Lei Mosaica: ele cria a Festa das Primícias antes de sair de Canaã, e derruba as acácias sagradas em Migdal, junto ao Lago de Genesaré, para uso de Moisés quando a Arca da Aliança tiver de ser construída.

2. O cronista do *Gênese* registra que a casa de Jacob consistia de setenta almas, excluídas as esposas dos patriarcas; mas mesmo que se conte o próprio Jacob, os nomes fornecidos não somam mais de sessenta e nove. Os comentaristas oferecem várias explicações incompatíveis para este aparente erro. Uma delas, por analogia com *Daniel* 3:25, dá Deus como a septuagésima alma. As duas únicas mulheres relacionadas são Diná e Será, filha de Asher. Será, como Diná, pode ter sido um clã matriarcal.

3. Não há discrepância entre a fome causada pela seca do Nilo e a provisão de pastagens em Goshen. As enchentes do Nilo dependem de neves pesadas na Abissínia, e não das chuvas locais. Jacob dificilmente teria passado fome em Bersheva, enquanto ainda pudesse apascentar seus rebanhos; nenhum dos seus animais parece ter morrido por causa da seca. Talvez a Palestina meridional dependesse do Egito para seus suprimentos de trigo, mesmo nos anos bons, e os pastores hebreus vieram a tratar o pão como uma necessidade, e não como um luxo.

60

A MORTE DE JACOB

(a) Jacob, consciente de que sua morte se aproximava, chamou José a Goshen e disse: "Jura que me garantirás o repouso não entre egípcios, mas na Caverna de Machpelá, em Hebron."

José respondeu: "Serei eu um escravo, para exigires de mim um juramento?"

"Não, mas põe tua mão sob minha coxa, e jura!"

"É impróprio um filho tocar a circuncisão do pai. Não obstante, juro pelo Deus Vivo que serás enterrado em Hebron."[1]

(b) José levou Efraim e Manassés ao leito de morte de Jacob. Jacob sentou-se com grande dificuldade, e disse: "Deus certo dia me abençoou em Luz, em Canaã, prometendo-me que meus filhos se tornariam tribos e teriam perpétuo domínio sobre Canaã. Apesar desses teus filhos, Efraim e Manassés, terem nascido antes de minha visita ao Egito, não os considero menos meus do que Rubem e Simeão. Mas teus filhos mais moços devem ocupar a mesma posição dos filhos deles." E então sua mente começou a vagar: "Quando saí de Padam-Aram, minha esposa Raquel morreu em Canaã, a alguma distância de Efrat..." Ele evidentemente lamentava que seu corpo repousaria junto ao de Léa, não junto ao de sua amada Raquel; mas não via jeito para mudar isso.[2]

(c) Percebendo Efraim e Manassés, perguntou distraidamente: "Quem são esses?"

"São meus filhos; nascidos, como dizes, no Egito."

"Eu os abençoarei."

José fez com que os rapazes se adiantassem, e Jacob suspirou: "Nunca pensei voltar a ver a tua face, quanto mais a de teus filhos. Deus foi, de fato, muito misericordioso."[3]

(d) Curvando-se reverentemente, José colocou Efraim à esquerda de Jacob e Manassés à direita. Mas Jacob, cruzando os braços, repousou a mão direita na cabeça de Efraim e a esquerda na de Manassés. Ele disse:

"O Deus de meus pais Abraão e Isaac,
O Deus que sempre foi meu pastor,
Ele, o Santo, que me livrou do mal,
Que Ele abençoe estes rapazes, que chamo de meus filhos,

Tal como Ele abençoou meus pais Abraão e Isaac;
Eles crescerão e serão multidão sobre a terra!"

Quando José tentou mudar a posição das mãos de Jacob, protestando: "Assim não, pai; porque Manassés é o primogênito. Rogo-te, põe a mão direita na cabeça dele, não na de Efraim", Jacob respondeu obstinadamente: "Eu sei, meu filho, eu sei! Mas apesar de Manassés vir a se tornar grande, Efraim se tornará ainda maior."

Tendo abençoado a ambos com: "Que possa sempre trazer boa sorte em Israel desejar: 'Deus te faça prosperar como Efraim e Manassés!'", Jacob disse a José: "Ele te levará de volta em segurança, para que herdes em Canaã a porção régia que neguei a teus irmãos: um Ombro tirado dos amoritas com minha espada e meu arco."[4]

(e) Jacob chamou seus outros filhos e disse: "Agora revelarei o destino de toda a vossa posteridade. Reuni-vos em torno de mim e ouvi!" Cada um deles esperava uma bênção; no entanto, ele puniu Rubem pela lascívia que o levou a deitar-se com Bilá, negando-lhe os direitos de primogênito; também lamentou o massacre em Siquém, feito por Simeão e Levi, amaldiçoando-os, em vez de abençoá-los — seu destino, disse ele, era serem divididos e dispersados em Israel. Não obstante, louvou a coragem leonina de Judá, prometendo-lhe um cetro real e abundância de vinho e leite. Zebulom, anunciou, se tornaria uma tribo de mercadores e navegantes. Comparou Issacar a um burro de carga muito forte, labutando com alegria em uma terra de delícias. Dan, a uma serpente à espreita na estrada, que morde os cavalos que passam, fazendo cair os cavaleiros; Naftali a uma gazela veloz que foge correndo das corças a seus calcanhares; Benjamim, a um lobo faminto. Disse a Gad: "Atacarás e serás atacado, mas sairás vitorioso no final"; e a Asher: "Colherás bom trigo e farás excelente pão." Sua bênção principal foi reservada para José, a quem ele comparou a um touro jovem e forte junto a uma fonte, escarnecendo das flechas e das pedras de funda. Deus destruiria os inimigos de José e o abençoaria com chuva abundante, fontes perenes, ricos rebanhos, esposas férteis e orgulho ancestral. Jacob, no entanto, não revelou todo o futuro — porque Deus o fez esquecer sua promessa. Ele apenas repetiu o que dissera a José: que devia ser enterrado na Caverna de Machpelá, ao lado de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca, e de sua própria esposa, Léa.[5]

(f) José fez com que embalsamassem o corpo de Jacob, o que levou quarenta dias; e ordenou setenta dias de luto público em todo o Egito. Tendo pedido e obtido a permissão do Faraó para visitar Canaã e lá enterrar Jacob, marchou à frente de um imenso cortejo fúnebre — não apenas seus irmãos e a casa do Vice-rei, mas representantes de cada cidade do Egito — acompanhado de uma escolta fortemente armada.[6]

(g) Entraram em Canaã, seguiram pela estrada até Guilead, onde se lamentaram e choraram sete dias inteiros na eira de Atade. Porque os cananeus, maravilhados,

clamaram: "Este é realmente um solene *luto dos egípcios!*", o lugar ficou para sempre conhecido como Abel-Mitzraim. Daí o cortejo fez meia-volta, em direção a Hebron, enterrou Jacob na Caverna de Machpelá, chorou mais sete dias e voltou, atravessando a fronteira.[7]

(h) Alguns dizem que o irmão de Jacob, Esaú, ainda vivia e que toda sua casa edomita acompanhou José na peregrinação por Canaã. Em Hebron, no entanto, bloquearam o acesso a Machpelá e Esaú gritou: "Não permitirei nunca que Jacob seja enterrado nesta caverna, que é minha por direito. Irrompeu uma luta e o filho surdo-mudo de Dan, Hushim, degolou Esaú com sua espada. Os edomitas fugiram, carregando seu corpo para o Monte Seir, mas deixando para trás a cabeça, para ser enterrada.[8]

(i) Estando Jacob morto, os irmãos temeram que José se vingasse deles depois de tantos anos, e enviaram-lhe uma mensagem: "Nosso pai, antes de morrer, disse-nos que pedíssemos teu perdão. Tu, confiamos, respeitarás o desejo dele."

José chamou-os ao Palácio e, quando eles mais uma vez se rebaixaram, clamando: "Somos teus escravos!", respondeu: "Não temei! Apesar de haverdes conspirado contra minha vida, Deus transformou essa ação cruel em uma coisa boa: através de mim salvaram-se inúmeras vidas. Eu, portanto, continuarei a prover por Israel." Eles se foram, tranqüilizados.[9]

(j) Outros dizem que, porque José embalsamou o corpo de Jacob, como se Deus não pudesse preservá-lo, também permitindo que Judá chamasse Jacob de "teu servo", sem protesto, todos os seus irmãos viveram mais do que ele.[10]

1. *Gênese* 47:28-31; *PRE*, cap. 39; *Mid. Hagadol Gên.* 711 e 357; *BHM* 6:83; *Targ. Ier. Gên.* 47:30.
2. *Gênese* 48:1-7; *Pesikta Rabati* 11b; *Mid. Hagadol Gên.* 717-18.
3. *Gênese* 48:8-11.
4. *Gênese* 48:12-22.
5. *Gênese* 49:1-32.
6. *Gênese* 50:1-9.
7. *Gênese* 50:10-13.
8. *Sefer Haiashar* 211-13; *B. Sota* 13a; *PRE*, cap. 39; *Gên. Rab.* 1288.
9. *Gênese* 50:14-21.
10. *Gên. Rab.* 1286; *Mid. Agadá Gên.* 116; *Sefer Haiashar* 209.

1. As bênçãos de Jacob dão autoridade mitológica ao futuro político de Efraim e Manassés. Elas postulam uma tribo originária de José, consistindo de vários clãs que, após terem invadido Canaã sob Josué, formaram uma federação com as tribos já residentes de Léa, Bilá e Zilpá. Os dois clãs mais poderosos de José, então, exigiram tornarem-se tribos independentes, cada qual da mesma categoria de suas novas tribos aliadas, e adotaram os clãs menores — os filhos mais moços de José,

sem nomes no mito — como seus próprios "filhos". Manassés originalmente era mais velho que Efraim (ou como quer que fosse chamado primeiro o clã que ocupou o Monte Efraim — *ver* 45:2), mas agora admitia-se mais moço. Mudanças semelhantes no *status* e na estrutura tribais ainda ocorrem entre as tribos árabes do deserto (*ver* 42:4-5 e 50:3).

A bênção final de Jacob a seus netos é repetida até hoje por pais judeus ortodoxos em toda Véspera de Shabat. Tocando as cabeças dos filhos, eles dizem: "Que Deus te faça prosperar como Efraim e Manassés!"

2. Duas versões mais antigas do mito, uma efraimista e a outra da Judéia, foram aqui combinadas de forma um tanto descuidada, e a fala de Jacob divaga de um modo que pode ser atribuído a falha de memória. Efraim e Judá, é claro, saem-se muito melhor do que as outras tribos; e até mesmo o último editor sacerdotal não ousou transformar em bênção a maldição de Jacob sobre Levi.

3. A peregrinação fúnebre de José a Guilead, com uma escolta armada, sugere que ele estava afirmando as exigências de soberania de Israel sobre toda Canaã; sugestão explorada por *midrashim* tardios, que o fazem reconquistar o país até o Eufrates. Mas que a eira de Atade — *atad* significa "espinho de camelo", ou "espinho amarelo" — ficava do outro lado do Jordão é uma glosa posterior do texto do *Gênese*, sugerida talvez por uma leitura errônea de "a corrente", ou seja, a Torrente do Egito (*Gênese* 15:18), *alias* o Rio Tzior, que formava a fronteira egípcio-cananéia. Em outras palavras, os seguidores de José realizaram as cerimônias de luto em uma aldeia cananéia logo depois da fronteira. *Abel-Mitzraim* não significa mais do que "os campos egípcios" — *ebel*, "luto, pranto", é outra palavra, totalmente diferente. As bodas e funerais sírios ainda são celebrados ao nível do chão das eiras.

4. A Caverna de Machpelá há séculos está oculta por uma mesquita árabe, à qual nem cristãos nem judeus são admitidos, e seu conteúdo permanece um segredo sacro. Benjamim de Tudela, que visitou Machpelá em 1163 E.C., escreveu que os seis sepulcros ocupavam uma terceira caverna, a que ficava mais ao fundo. De acordo com Josefo, eram construídos do mais fino mármore.

5. O "Ombro" legado a José era Siquém (*ver* 49:3, 5).

6. Um ornamento feito por um *midrash* às bênçãos de Jacob em seu leito de morte atribui a ele o uso pela primeira vez do *Shemá* de Moisés: "Ouve, ó Israel!" (*Deuteronômio* 6:3), até hoje a principal prece judaica.

61

A MORTE DE JOSÉ

(a) Antes de morrer, aos cento e dez anos de idade, José teve bisnetos para brincar em seus joelhos. Um dia, disse aos irmãos: "Nosso Deus certamente vos guiará de volta a Canaã, a Terra Prometida. Uma vez que já atingi o fim da vida, rogo-vos que leveis meu corpo para lá convosco, e Ele vos pagará por essa bondade."

Essas foram suas ultimas palavras. Ele foi devidamente embalsamado e posto em um sarcófago nas margens do Rio Sihor. Todo o Egito o pranteou durante setenta dias.[1]

(b) Alguns dizem que José fez com que os irmãos jurassem enterrá-lo perto de Siquém, onde um dia ele fora à procura deles; e enterrarem Asanate no sepulcro de Raquel, junto à estrada para Efrat.[2]

(c) O Faraó também morreu. Seu sucessor reinou sem Vice-rei e, quando viu Israel multiplicando-se mais depressa que os egípcios, observou: "Um povo perigoso! Caso o Egito venha a ser invadido pelo leste, eles podem muito bem preferir apoiar meus inimigos." E, portanto, tratou até mesmo os descendentes de José como servos, designando feitores que os forçaram a construir as cidades dos tesouros, Rameses e Pitom, e que transformaram suas vidas numa carga muito pesada. Essa servidão continuou durante várias gerações, até que surgiu Moisés para conduzir Israel para fora do Egito, em direção à Terra Prometida, levando com ele os ossos de José para cumprir a promessa de seu ancestral Levi, e enterrando-os em Siquém.[3]

1. *Gênese* 50:22-26; *Sefer Haiashar* 219.
2. *Tan'huma Beshalá* 2; *Ex. Rab.* 20.19; *B. Sota* 13b; *Gên. Rab.* 1035; *Deut. Rab.* 8.4; *Mechilta Beshalá* 24b; *Tan'huma Ekeb* 6; *Test. de José* 17:1-3; 18:1-2; 19:1-11; 20:1-6.
3. *Êxodo* 1:8 ss.

1. O Rio Sihor (ou Tzior) é identificado com a Torrente do Egito (hoje o vádi el-Arish, *ver* 60:3). Assim, o sarcófago de José foi colocado o mais perto possível da fronteira cananéia.
2. Os mitos do *Gênese* sugerem que a antiga religião de Israel buscava um acordo entre a adoração ancestral e o culto de um deus da guerra e da fertilidade tribal aramaico, não muito diferente daqueles de Moab ou de Amon, cujo poder só se podia exercer no território em particular ocupado por seu povo — assim, Naaman, o sírio, mais tarde importa duas mulas carregadas de terra efraimista a fim de adorar o Deus de Israel em Damasco (*Reis II*, 5:17). Não

se incluem quaisquer referências a deusas e, em partes do mito de José, Ele é claramente igualado à concepção monoteísta de Akenaton, de um deus universal supremo (*ver* 56:24).

3. Quando um morto era devidamente pranteado, achava-se que ele tinha se juntado à honrosa companhia de seus ancestrais no Sheol, ou no Inferno, onde todos ficavam profundamente adormecidos (*Jó* 3:14-19). Os pranteadores que chegavam ao campo funerário do clã tiravam os sapatos (*Ezequiel* 24:17), tal como faziam antes de visitar lugares tradicionalmente santificados pela aparição do deus tribal (*Êxodo* 3:5 e *Josué* 5:15). As almas dos mortos, no entanto, não dormitavam, mas eram-lhes atribuídas forças de pensamento. Podiam ser consultadas através de augúrios (*Samuel I*, 28:8-19), e eram chamadas de "os Sapientes" (*Levítico* 19:31; *Isaías* 19:3) porque tinham consciência dos atos e destinos de seus descendentes. Assim, Raquel chora em seu túmulo pelas aflições de seus filhos (*Jeremias* 31:15). Os mortos eram, na verdade, divindades do mundo subterrâneo, ou *elohim* (*Samuel I*, 28:13-20).

4. Se não fosse enterrado entre seus ancestrais, um morto era banido para uma parte desconhecida do Sheol e era-lhe negada a adoração apropriada. Daí os repetidos pedidos de Jacob e José para serem enterrados em Canaã, e o terrível castigo infligido a Korá, Datan e Abiram, por Deus, quando a terra os engoliu sem os ritos funerários obrigatórios (*Números* 16:31 ss.). O Sheol ainda era considerado como fora da jurisdição de Deus (*Salmos* 88:5-6; *Isaías* 38:18). Mas o corpo precisava estar completo, e mesmo assim a alma guardava para sempre as marcas de sua morte, fosse pela espada, como em *Ezequiel* 32:23, ou pela dor, como quando Jacob temeu que seus cabelos grisalhos descessem com sua tristeza para a sepultura (*Gênese* 42:38). A perda da cabeça de Esaú foi considerada uma calamidade vergonhosa para Edom.

5. A noção de que Deus controlava também o Sheol só ocorre por volta do século V a.E.C. (*Jó* 26:6; *Salmos* 139:8; *Provérbios* 15:11); e a da ressurreição da alma só cerca de um século mais tarde, quando o profeta desconhecido cujas palavras foram incluídas em *Isaías* declarou que todos os israelitas justos se levantariam e participariam do Reino Messiânico, vivificado pelo "orvalho de luz" de Deus (*Isaías* 26:19). O Sheol, assim, veio a ser tratado como um Purgatório, onde as almas aguardam o Juízo Final. Esta é ainda hoje uma crença judaica ortodoxa, e também católica.

ABREVIATURAS, FONTES E BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Esta relação não inclui o Velho e o Novo Testamentos, nem os autores clássicos gregos e romanos.

ADAMBUCH. *Das christliche Adambuch des Morgenlandes.* Aus dem Äthiopischen mit Bemerkungen übersetzt von A. Dillmann, Göttingen, 1853. Um Livro de Adão apócrifo, preservado em um texto etíope do séc. VI.

ADAMSCHRIFTEN. *Die Apokryphischen Gnostischen Adamschriften.* Aus dem Armenischen übersetzt und untersucht von Erwin Preuschen, Giessen, 1900. Um Livro de Adão apócrifo, preservado em um texto armênio.

AGADAT BERESHIT. *Midrash* hebraico tardio, contendo homilias sobre o Gênese, baseado principalmente no *Tan'huma* (ver *Tan'huma Buber*). Ed. por Solomon Buber, Cracóvia, 1903. Reimpressão fotostática, Nova York, 1959.

AGADAT SHIR HASHIRIM. Um *midrash* do séc. X sobre os *Cânticos.* Citado por página da edição de Solomon Schechter, Cambridge, 1896.

AGUDAT AGADOT. Ed. C. M. Horowitz, Frankfurt am Main, 1881.

ALFA BETA DIBEN SIRA. Duas versões, uma (a) em aramaico, e uma (b) em hebraico, de uma coletânea de provérbios em ordem alfabética, com explicações, atribuída a Jesus ben Sira, autor do *Ecclesiasticus* apócrifo, mas na verdade uma compilação bem posterior. Citada por fólio da edição de Steinschneider, Berlim, 1858; ou, quando indicado, por página e coluna dos *Otzar Midrashim* (q.v.).

ANET. Ver *Pritchard.*

APOC. DE ABRAÃO. Livro apócrifo escrito originalmente em hebraico ou aramaico, no final do séc. I E.C. Ed. por George Herbert Box, Londres, 1918.

APOC. DE BARUQUE, ou BARUQUE II. Livro apócrifo escrito originalmente em hebraico por judeus ortodoxos do séc. I E.C. Sobrevive em uma versão siríaca. Ver Charles (org.), *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament,* Oxford, 1913, vol. II, pp. 470-526.

APOC. DE MOISÉS. Ed. Charles. Ver Charles, *op. cit.,* vol. II, pp. 138 ss.

APOC. MOSIS. *Apocalipse de Moisés,* ed. L.F.C. von Tischendorf, em seu *Apocalypses Apocriphae.*

APU DE SHUDUL. Mito hitita. Resumido por T.H. Gaster em seu *The Oldest Stories in the World,* Nova York, 1952, pp. 159-67, sob o título "Master Good and Master Bad".

ASCENSÃO DE ISAÍAS. Livro apócrifo composto de três partes: o Martírio de Isaías, a Visão de Isaías e o Testamento de Ezequias. A primeira é de origem judaica do séc. I E.C., as outras duas são obra de autores cristãos. Ver Charles, *op. cit.,* vol. II, pp. 155 ss.

ASANATE, PRECE DE. Ver *José e Asanate.*

ATOS DE S. TOMÉ. Ver *Evangelho de S. Tomé.*

AVODÁ ZARÁ. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

AVOT DIR (ABI) NATAN. Ed. Solomon Schechter, Viena, 1887. Reimpressão fotostática, Nova York, 1945. Esta edição contém as duas versões do livro, que é um *midrash* de origem tanaíta, com muitos acréscimos subseqüentes. Citado por página.

AZULAI, AVRAHAM, CHESED LEAVRAHAM. Obra cabalística de um comentarista do séc. XVI. Impressa em Vilna, 1877.

B. Bavli (babilônico). O *Talmud Babilônico,* compilado em Babilônia *c.* 500 E.C. Escrito parcialmente em hebraico, mas principalmente em aramaico. Citado por tratado (cujo título segue-se à abreviatura B.) e por fólio.

BABA BATRA. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

BABA KAMA. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

BABA METZIA. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

BARAITA DIMAASSE BERESHIT. Ed. Chones, in Buber, *Ieri'ot Shlomó,* Varsóvia, 1896, pp. 47-50. Reimpressão fotostática, Nova York, 1959.

BARAITA DIMASS. NIDDA. Ver *Tosefta Atikta.*

BARUQUE II. Ver *Apoc. de Baruque.*

BATE MIDRASHOT. Coletânea de *midrashim* menores, compilada e editada por Shlomó Aharon Wertheimer, Jerusalém, 1914. Citada por página da segunda edição, em dois volumes, Jerusalém, 1953.

BECHOROT. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

BERACHOT. Um tratado do *Talmud Babilônico* e do Talmud Palestino. Ver *B.* e *Ier.*

BERESHIT RABATI. *Midrash* sobre o *Gênese,* resumido de um *midrash* maior, hoje perdido, compilado pelo rabino Moshé Hadarshan na primeira metade do séc. XI, em Narbonne. Citado por página da edição de Hanoch Albeck, Jerusalém, 1940.

BEROSSUS, HISTÓRIA BABILÔNICA DE. Preservada em fragmentos nas obras de Flávio Josefo, Eusébio, etc. Berossus foi sacerdote de Bel, na Babilônia, durante o séc. III a.E.C.

BHM. *Beit HaMidrash,* ed. Adolph Jellinek, 6 vols., Leipzig, 1853-77; reimpressão fotostática, Jerusalém, 1938. Coletânea de 100 *midrashim* menores.

CAVERNA DE TESOUROS. Ver *Schatzhöhle.*

CHARLES, R. H. (org.). *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament,* Oxford, 1913.

CHRONICON PASCHALE. Também conhecida como a *Crônica Alexandrina,* crônica bizantina, do séc. VII, de eventos bíblicos e outros, da Criação ao imperador Heráclio. Ed. D. du Cange, Paris, 1688.

CHWOLSON, DANIEL A. *Die Ssabier und der Ssabismus,* S. Petersburgo, 1856, 2 vols.

CLEMENTINAS, HOMILIAS. Tratado cristão do início do séc. III, escrito provavelmente na Síria. Ver Ante-Nicene Christian Library, vol. XVII, Edimburgo, 1870.

CORÃO. A Bíblia do Islã: revelada ao profeta Maomé, no início do séc. VII, em Meca e Medina.

DA'AT. *Sefer Da'at Zekenim,* Ofen, 1834 (primeira edição em Livorno, 1783). Uma compilação de comentários dos *midrashim* sobre o Pentateuco.

DAMÁSCIO. Filósofo grego, nascido *c.* 480 E.C. em Damasco. Entre os fragmentos de seus

textos que sobreviveram incluem-se parte de uma Vida de Isidoro (um de seus mestres) e *Dúvidas e Soluções com Respeito aos Primeiros Princípios*, ed. C.E. Ruelle, 1889.

DEUT. RAB. *Deuteronômio Raba*, um *midrash* sobre o Deuteronômio, compilado *c.* 900 E.C. Citado por capítulo e parágrafo da edição de 1884, Vilna.

DILLMANN, CHRISTIAN FRIEDRICH AUGUST. *Genesis*, Edimburgo, 1897.

DIODORO DA SICÍLIA. Historiador grego, nascido em Agirium, Sicília, em atividade *c.* 20 a.E.C. Sua *Biblioteca Histórica*, originalmente em quarenta volumes, foi apenas parcialmente preservada, e publicada (com tradução) na Loeb Classical Library.

DOUGHTY, CHARLES M. *Travels in Arabia Deserta*, Londres, 1888.

ECL. RAB. *Eclesiastes Raba*. Um *midrash* sobre o Eclesiastes, compilado no séc. X. Citado por capítulo e versículo do *Eclesiastes*, edição de 1884, Vilna.

EDUIOT. Um tratado da *Mishná*. Ver *M.*

EFR. SIR. Efraem Sirus, Comentário sobre o Gên. Ver *Ephraemi Syrii Opera Omnia*, ed. B. Benedictus e Assemanus, Roma, 1737-43.

ELDAD HADANI. Ed. Abraham Epstein, Pressburg, 1891. Descrição parcialmente inventada das Dez Tribos Perdidas de Israel, por um viajante judeu do séc. X, oriundo do Leste da África.

ENOQUE. O *Livro de Enoque* apócrifo, escrito em hebraico ou aramaico durante o séc. I a.E.C., na Palestina, e preservado em textos gregos e etíopes. *Enoque II* é uma versão diferente do mesmo livro, preservada em um texto eslavo. A melhor tradução inglesa de ambos se encontra em Charles, *op. cit.* (ver *Apoc. de Baruque*), vol. II, pp. 163 ss.

ENOQUE ESLAVO. Ver *Enoque.*

ENUMA ELISH. ("Quando no Alto"), a epopéia babilônica da Criação, escrita em acadiano. A melhor tradução inglesa é a de James B. Pritchard (org.), *Ancient Near Eastern Texts*, Princeton, 1955, pp. 60-72.

ERUBIN. Um tratado do *Talmud Babilônico* e do *Talmud Palestino*. Ver *B.* e *Ier.*

ESDRAS ou EZRA. Nome de dois livros apócrifos atribuídos a Ezra: um preservado em grego e chamado *Esdras I* ou *Esdras III*; o outro preservado em latim e chamado *Esdras II* ou *Esdras IV*. Ambos escritos originalmente em hebraico, na Palestina; o primeiro provavelmente data do séc. IV a.E.C., o segundo do séc. I E.C.

EUSÉBIO. *Praeparatio Evangelica*, ed. Gifford, Oxford, 1903. Eusébio da Cesaréia (c. 260-340 E.C.) foi bispo de Cesaréia, na Palestina, e escreveu vários livros de história eclesiástica.

EVANGELHO DE S. TOMÉ. Publicado em *Evangelia Apocripha*, de Tischendorf.

EX. RAB. *Êxodo Raba*, um *midrash* sobre o livro do *Êxodo*, compilado em hebraico e aramaico no séc. XI, porém contendo material muito mais antigo. Citado por capítulo e parágrafo da edição de 1884, Vilna.

FILO DE ALEXANDRIA. Também conhecido como Philo Judaeus. Filósofo judeu helenístico do séc.I E.C. Suas obras são citadas por seus títulos latinos, tais como *De Decalogo, De Migr. Abrah., De Mundi Opif., De Somn.*

FLÁVIO JOSEFO. Historiador judeu do séc. I E.C. Escreveu em grego. Suas obras principais são *As Guerras dos Judeus* e *As Antigüidades dos Judeus.*

FOTIUS. Erudito bizantino do séc. IX, Patriarca de Constantinopla. A maioria de suas obras (*Myriobiblion, Mystagogia, Cartas*) vem impressa na *Patrologia Graeca*, de J.P. Migne.

GASTER, MA'ASIOT. Moses Gaster (org.), *The Exempla of the Rabbis*, Londres, 1924.

GEN. RAB. *Gênese Raba*, um *midrash* sobre o livro do *Gênese*, compilado no séc. V, na Palestina. Citado por página da edição crítica de J. Theodor e C. Albeck, Berlim, 1912-27, 2 vols.

GENESIS APOCRIFON. Ed. N. Avigad e Y. Yadin, Jerusalém, 1956.

GILGAMESH E O SALGUEIRO. Uma tábua sumeriana, de Ur, *c.* 2000 a.E.C., publicada por Samuel N. Kramer como *Gilgamesh and the Huluppu-Tree*. The Oriental Institute of the University of Chicago, Assyriological Studies, nº 10, Chicago, 1938.

GILGAMESH, A EPOPÉIA DE. Epopéia acadiana encontrada na biblioteca de Assurbanípal (séc. VII a.E.C.), mas que recua ao segundo milênio a.E.C. Protótipos sumerianos e hititas. Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 72-99.

GINZBERG, L.J. *The Legends of the Jews*, 7 vols., Filadélfia, 1909-46. A mais importante obra erudita sobre o tema.

GOSSE, PHILIP HENRY. A referência é do seu livro *Omphalos*.

GRAVES, ROBERT. *The Greek Myths*, Penguin Books, 2 vols., Baltimore, 1955. (Em fase de tradução por esta editora, com o título *Os Mitos Gregos*, para 1991.)

_____. *The White Goddess*, Nova York, 1948.

GUITIN. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

GUNKEL, HERMANN. *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit*, 2ª ed., Göttingen, 1921.

HADAR. *Sefer Hadar Zekenim*, ed. Livorno, 1840. Uma coletânea de explicações da Bíblia pelos *midrashim*, selecionados dos comentários talmúdicos dos tossafistas (sécs. XIII e XIV).

HAGOREN. Louis Ginzberg. "Hagadot Ketu'ot", *Hagoren*, vol. 9, Berlim, 1923. A revista literária hebraica *Hagoren* foi publicada por Shemuel Abba Horodetzky em Berdichev e Berlim, 1899-1923.

HAGUIGA. Um tratado do *Talmud Babilônico* e do *Talmud Palestino*. Ver *B.* e *Ier.*

HALA. Um tratado da *Mishná*. Ver *M.*

HAMURABI, CÓDIGO DE. Código de leis promulgado por Hamurabi (1728-1686 a.E.C.), sexto rei da Antiga Dinastia babilônica (amorita). Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 163-80.

HEIM, ROGER e WASSON, R. GORDON. *Les Champignons Hallucinogènes du Mexique*, Paris, 1958.

HUCA. *Hebrew Union College Annual*, Cincinnati, Ohio, vols. I ss. (1924 ss.).

HULIN. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

IAKUT AL-RUMI (1179-1229). Geógrafo árabe de origem grega.

IALKUT. A primeira palavra do título de várias coletâneas de *midrashim*. Quando não é seguida por algum nome, refere-se à *Ialkut Shimoni*, a mais importante delas, feita na primeira metade do séc. XIII por R. Shimeon Hadarshan, de Frankfurt. Citada por livro bíblico e parágrafo.

IALKUT MACHIRI. Uma coletânea de *midrashim* feita por Machir ben Aba Mari no séc. XIV, provavelmente na Espanha. Citada por livro, capítulo e versículo bíblicos.

IALKUT REUBENI. Uma coletânea de comentários cabalísticos sobre o *Pentateuco*, compilada por R. Reuben ben Hoshke Cohen (m. 1673) em Praga. Citada por volume e página da edição em 2 vols. de 1889, Varsóvia.

IER. Ierushalmi ("Jerusalemita"). Quando seguido pelo nome de um tratado, refere-se ao *Talmud Palestino*, compilado na Palestina no início do séc. V E.C. e escrito principalmente em aramaico. Citado por tratado, fólio e coluna.

IERAHMEEL. *The Chronicles of Jerahmeel*, tradução de Moses Gaster. Oriental Translation Fund, Londres, 1899.

IMRE NOAM. Comentário de *midrash* sobre o *Pentateuco*, de Jacob di Illescos (século XIV). Impresso em Constantinopla, 1539, e Cremona, 1565.

IOMA. Um tratado da *Mishná* e do *Talmud Babilônico*. Ver *B.* e *M.*

JACOB DE EDESSA. Também conhecido como Jaime de Edessa (m. 708). Poeta sírio jacobita, comentarista, epistológrafo e tradutor de obras gregas para o siríaco.

JERÔNIMO. Hieronymi Questiones Hebraicae in Libro Geneseo e. recog. P. de Lagarde, Leipzig, 1868.

JERÔNIMO, VULGATA LATINA DE. Ver *Vulgata*.

JONAS, HANS *Gnosis und spätantiker Geist*, 2 vols. Göttingen, 1934-54.

JOSÉ E ASANATE. Livro apócrifo escrito em hebraico por essênios judeus. Sobrevive em uma tradução grega. Ver Paul Riessler, *Altjüdisches Schrifttum ausserhalb der Bibel*, Augsburgo, 1928, pp. 497-538.

JOSHUA B. SHU'AIB. Ver *Shu'aib*.

JUBILEUS. O *Livro de Jubileus* apócrifo. Escrito provavelmente no séc. II a.E.C., com disposição de *midrash*, por um judeu fariseu. A versão hebraica original se perdeu. A melhor versão existente é a etíope. Ver Charles, *op. cit.*, vol. II, 1 ss.

KALIR. Eleazar Kalir, que viveu possivelmente no séc. VIII; escreveu poemas religiosos hebraicos, dos quais restaram cerca de duzentos.

KEFALAIA. Uma coletânea de manuscritos maniqueus, publicada por Polotzky e Schmidt, Stuttgart, 1935-9.

KERET, EPOPÉIA DE. Uma lenda ugarítica que data do séc. XIV a.E.C. Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 142-9.

KETUBOT. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

LEV. RAB. *Levítico Raba*, um *midrash* sobre o livro do Levítico, compilado provavelmente no séc. VII. Citado por capítulo e seção da edição de 1884, Vilna.

LIKUTE MIDRASHIM. Uma coletânea de trinta e um fragmentos de *midrashim* impressa em BHM (q.v.), vol. V. pp. 155-64.

LIKUTIM. *Likutim miMidrash Abkir*, ed. Solomon Buber, Viena, 1883. Uma coletânea das passagens citadas pelo *Ialkut* (q.v.) da *Mid. Abkir* (q.v.).

LIVRO DE ADÃO. Ver *Adambuch*.

LIVRO DE ENOQUE. Ver *Enoque*.

LIVRO DE JUBILEUS. Ver *Jubileus*.

LIVRO DOS MORTOS. Uma coletânea de textos funerários egípcios, cobrindo um período de quatro mil anos. A revisão tebana (das 18ª, 21ª e 22ª dinastias) foi traduzida em *The Book of the Dead*, de Sir E.A. Wallis Budge, 2ª ed., 1923.

LURIA. Comentários textuais sobre PRE (q.v.), por David Luria, Varsóvia, 1852.

M. MISHNÁ. O primeiro código de leis rabínicas, escrito em hebraico e compilado pelo rabino Iehuda Hanasi, *c.* 200 E.C., na Palestina. Citado por tratado, capítulo e parágrafo.

MA'ASE ABRAHAM. *Midrash* heróico sobre os feitos de Abraão, escrito originalmente em árabe mas que sobreviveu em tradução hebraica. Impressa em BHM (q.v.), vol. I, pp. 24-34.

MACABEUS I. Livro histórico sobre o período macabeu, até a morte de Simão (135 a.E.C.). Escrito em hebraico, na Palestina, entre 104 e 63 a.E.C. Sobreviveu em tradução grega.

MACABEUS IV. Sermão a respeito do governo da razão sobre as paixões, escrito em grego mas com espírito rigorosamente judaico, provavelmente entre 56 e 66 E.C.

MAKOT. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

MANETO. Sacerdote e historiador egípcio do séc. IV a.E.C. Ver *Manetho the Historian*, The Loeb Classical Library, Cambridge, Mass., 1940.

MASSECHET SOFERIM. Tratado extracanônico agregado ao *Talmud Babilônico* (ver *B.*), que data dos tempos dos Gueonim (i.e., entre 589 e 1040 E.C.).

MECHILTA. *Mechilta do Rabi Ismael*, ed. M. Friedmann, Viena, 1870. Um *midrash* tanaíta sobre o *Êxodo*, com a intenção básica de esclarecer as leis contidas em *Êxodo* 12-23. As autoridades citadas são tanaítas, i.e., sábios da escola do rabi Ismael, que viveu na Palestina não depois do séc. II E.C. Citado por página e porção semanal do Pentateuco.

MECHILTA DIR. SIMON. Um *midrash* sobre o Êxodo atribuído ao rabino Simeon ben Iohai (século II E.C.) e compilado por Ezequias, filho de Hiia (final do século II E.C.). Citado por página da edição crítica de David Hoffmann, Frankfurt am Main, 1905.

MEGUILÁ. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

MENACHOT. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

MGWJ. *Monatschrift für Geschichte und Wissenschaft des Judentums*. O mais destacado periódico erudito judaico-germânico. Circulou de 1852 a 1939 em Dresden e, mais tarde, em Breslau.

MID. *Midrash*. Nome genérico de um tipo importante de literatura rabínica, assumindo a forma de exposições de exegese como apêndices aos versículos bíblicos. Os *Midrashim* (pl.) foram escritos e compilados desde o séc. II até cerca do séc. XII.

MID. ABKIR. Um *midrash* perdido, provavelmente compilado no séc. IX, do qual cerca de cinqüenta passagens são citadas no *Ialkut Shimoni*. Ver *Ialkut*.

MID. ABKIR, ed. Marmorstein. Ver verbete anterior.

MID. ADONAI BEHOCHMA IASAD ARETZ Um *midrash* sobre *Provérbios* 3:19: "O Senhor, por sabedoria, fundou a terra." Impresso em BHM (q.v.), vol. V, pp. 63-9.

MID. AGADÁ. Um *midrash* sobre o *Pentateuco*. Edição de Solomon Buber, reimpressão fotostática, Nova York, 1960, 2 vols. Citado por livro do *Pentateuco* e por número de página da edição de Buber.

MID. AGADOL Compilado no séc. XII, no Iêmen. Citado por página da edição de Solomon Schechter, Cambridge, 1902.

MID. ALFABETOT. Um de vários *midrashim* organizados em ordem alfabética, atribuído ao

rabi Akiba (séc. II E.C.), mas na verdade compilado muito depois. Este *midrash* foi preservado em um manuscrito do séc. XVI, de Bochara. Impresso em *Bate Midrashot* (q.v.), vol. II.

MID. ASERET HADIBROT. Um *midrash* relacionado aos Dez Mandamentos, contendo grande quantidade de material cosmogônico. Compilado no séc. X. Impresso em BHM (q.v.), vol. I, pp. 62-90.

MID. IONÁ. Um *midrash* sobre o livro de *Jonas,* compilado do *Ialkut* (q.v.) sobre Jonas, a que se acrescentou a tradução hebraica do Zohar (q.v.), II:198b-199a. Impresso em BHM (q.v.), vol. I, pp. 96-105.

MID. KOHELET. Ver *Ecl. Rab.*

MID. KONEN. Um *midrash* cosmogônico e cosmológico, contendo quatro partes escritas por quatro autores diferentes. Seu conteúdo freqüentemente corresponde a livros apócrifos, como *Enoque, Esdras IV,* etc. Impresso em BHM (q.v.), vol. I, pp. 23-39.

MID. LEKÁ TOV. Um *midrash* sobre o *Pentateuco,* compilado provavelmente em 1079 pelo búlgaro Tobiá ben Eliezer. Citado por livro bíblico e página da edição em dois volumes de Solomon Buber, Vilna, 1880.

MID. MISHLE. Um *midrash* e comentário sobre os *Provérbios.* Compilado no final do séc. X ou início do séc. XI, provavelmente em Babilônia. Citado por capítulo dos *Provérbios* e página da edição de Solomon Buber, Vilna, 1893.

MID. SECHEL TOV. Um *midrash* sobre *Gênese* e *Êxodo,* compilado em 1139 por Menachem ben Shlomó. Edição de Solomon Buber, Berlim, 1900-1.

MID. SHIR. *Cânticos Raba,* citado por fólio da edição de 1887, Vilna.

MID. SHMUEL. Um *midrash* sobre o livro de *Samuel,* compilado de textos mais antigos, na Palestina, durante o período gaônico (dos sécs. VII a X). Edição de Solomon Buber, Cracóvia, 1893. Citado por capítulo.

MID. TEHILIM. Conhecido também como *Shoher Tov,* um *midrash* sobre o livro dos Salmos, compilado provavelmente durante o séc. X, ou XI, na Palestina. Citado por página da edição de Solomon Buber, Vilna, 1891; reimpressão fotostática, Nova York, 1947.

MID. VAIOSHA. Um *midrash* sobre *Êxodo* 14:30; 15:18, parcialmente baseado em *Tan'huma* (q.v.) e citado pelo *Ialkut* (q.v.); não pode, portanto, ser anterior ao séc. XII. Impresso em BHM (q.v.), vol. I, pp. 35-57.

MID. VAISSAU. Um *midrash* sobre *Gênese* 35:5 e 36:6, descrevendo as guerras dos Filhos de Jacob contra os amoritas e os Filhos de Esaú. Seu texto está preservado no *Ialkut* (q.v.), mas tem estreitas afinidades com o *Livro de Jubileus* e com o *Testamento de Judá,* o que atesta sua antigüidade. Impresso em BHM (q.v.), vol. III, pp. 1-5.

MIL E UMA NOITES, AS. Título original: *Elef Laila Valaila* (heb.). Imensa coletânea árabe de histórias populares do início da Idade Média.

MOISÉS DE CORENE (séc. V E.C.), *História Armênia.* Tradução francesa: *Histoire d'Armenie,* Veneza, 1841.

MUSIL, ALOIS. *Manners and Customs of the Rwala Bedouins,* Nova York, 1928.

NAZIR. Um tratado do *Talmud Palestino.* Ver *Ier.*

NEDARIM. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

NIDA. Um tratado da *Mishnd* e do *Talmud Babilônico.* Ver *B.* e *M.*

NUM. RAB. *Números Raba*, um *midrash* sobre *Números*, compilado no século XII. Citado por capítulo e seção da edição de 1884, Vilna.

NUR AL-ZULM. "Luz da Sombra e Lâmpada da Sabedoria", por Natanael ibn Ieshaia. Homilias hebraico-árabes compostas em 1327. Ed. Alexander Kohut, Nova York, 1894.

OPPENHEIM. *Fabula Josephi et Asenathae*, Berlim 1886.

ÓRFICOS, FRAGMENTOS. Ver Tannery, Paul, "Orphica", *Revue de Philol.*, Paris, 1899, pp. 126-9; 1900, pp. 54-7, 97-102.

ORÍGENES (185-254 E.C.). Escritor eclesiástico, que viveu no Egito, em Roma e na Palestina. Suas obras foram editadas na série *Ante-Nicene Fathers*.

ORÓSIO DE TARRAGONA. *Sete Livros Contra os Pagãos*. Paulo Orósio, historiador e teólogo espanhol do séc.V E.C. Seus *Sete Livros* foram editados por C. Zangemeister, 1882.

OTZAR MIDRASHIM. Ed. J.D. Eisenstein, Nova York, 1915. Uma coletânea de duzentos *midrashim* menores. Citado por página e coluna.

PATAI, RAPHAEL. *Adam veAdamá* ("Homem e Terra nos Costumes, Crenças e Lendas Hebraicos"). Em hebraico, Jerusalém, 1942-3. 2 vols.

_____. *Homem e Templo no Mito e no Ritual Judaicos Antigos*, Edimburgo, 1947.

PEÁ. Um tratado do *Talmud Palestino*. Ver *Ier.*

PESAHIM. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

PESIKTA DIR. KAHANA. Um *midrash* composto de cerca de trinta e duas homilias, formado a partir de discursos para festivais e Shabatot (pl. de Shabat) especiais, compilado não depois de 700 E.C. Citado por fólio da edição de Solomon Buber, Lyck, 1868; reimpressão fotostática, Nova York, 1949.

PESIKTA HADTA. Um *midrash* medieval extraído de Gen. Rab., PRE, *Sefer Ietzirá*, etc. Impressa em BHN (q.v.), vol.VI, pp.36-70.

PIRKE MASHIACH. Um *midrash* sobre as glórias messiânicas de Jerusalém, do Templo e de Israel, escrito durante o período gaônico (dos sécs. VII a X E.C.), na Pérsia. Impresso em BHN (q.v.), vol. III, pp. 68-78.

PIRKE RABENU HAKADOSH. Uma coletânea de ditados práticos ou éticos, atribuída ao rabino Iehuda Hanasi (séc. II E.C.), porém compilada consideravelmente mais tarde. Impressa em *Otzar Midrashim* (q.v.) pp. 505-14.

PRE. *Pirke Rabi Eliezer*, um *midrash* a respeito da obra de Deus em Sua Criação, e a história mais antiga de Israel. Atribuída ao rabino Eliezer ben Hircanos, sábio palestino ("tanaíta") de *c.* 90-130 E.C., mas na verdade escrito durante o séc. VIII ou início do séc. IX, na Palestina. Citado por capítulo.

PRECE DE ASANATE. Ver *José e Asanate.*

PRITCHARD, JAMES B. *Ancient Near Eastern Texts*, Princeton, 1955.

PSEUDO-FILO. Guido Kish, *Pseudo-Philo's Liber Antiquitatum Biblicorum*, Notre Dame, Ind., 1949.

PTAHOTEP, MÁXIMAS DE. Preceitos e ditados sábios compilados por Ptahotep, vizir do Rei Izez, da Quinta Dinastia Egípcia (c. 2450 a.E.C.). Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 412-14.

RAGLAN, LORD. *The Hero: A Study in Tradition, Myth and Drama.* Londres, 1936.
RASHI. Comentário do rabino Shlomó ben Itzhak (1040-1105) sobre a Bíblia. Citado por livro, capítulo e versículo bíblico.
ROSH HASHANÁ. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

SABA, ABRAHAM. *Tseror HaMor.* Coletânea de fábulas de animais, traduzida para o hebraico por Judá Loeb b. Kalonymos (séc. XIV) a partir da enciclopédia árabe dos *Ikhvan al-Safa* (Irmãos da Sinceridade). Impressa em Mântua, 1557.
SALMOS DE SALOMÃO. Dezoito salmos apócrifos escritos por judeus do séc. V a.E.C. Ver Charles, *op. cit.*, vol. II, pp. 625 ss.
SALTAIR NA RAN. O mais longo poema medieval irlandês sobre tema religioso, contendo seções sobre cosmogonia e especulações sobre o destino do Universo.
SANCUNIATON. *História Fenícia.* Sancuniaton foi um sacerdote nascido entre os sécs. IV e III a.E.C., em Beritus (hoje Beirute), cuja *História Fenícia* foi traduzida para o grego por Filo de Biblos (c. 64-140 E.C.). Um fragmento de sua obra foi preservado na *Praeparatio Evangelica,* de Eusébio, (q.v.).
SANH. *Sanedrim.* Um tratado do *Talmud Babilônico* e do *Talmud Palestino.* Ver *B.* e *Ier.*
SÃO JERÔNIMO. Ver *Jerônimo.*
SCHATZHÖLE, DIE. ("Caverna de Tesouros"). Ed. Carl Bezold, Leipzig, 1883-88. Uma vida de Adão e Eva cristã, escrita em siríaco durante o séc. VI E.C.
SEDER ARKIM. Um *midrash* estreitamente relacionado com o *Mid. Adonai Behochma* (q.v.), que sobreviveu em um manuscrito do séc. XIII. Impressa em *Otzar Midrashim* (q.v.).
SEDER ELIAHU RABBA e SEDER ELIAHU ZUTA. Um *midrash* ético, composto de duas partes ("O Grande" e "O Pequeno" Seder Eliahu), também conhecido como *Tana diBe Eliahu.* Segundo B. Ketubot 106a, o profeta Elias transmitiu ao rabino Anan (final do séc. III E.C.) o conteúdo destes dois livros. Seu manuscrito mais antigo a sobreviver, no entanto, data de 1073 E.C. Citado por página da edição de M. Friedmann, Viena, 1902-4; reimpressão fotostática, Jerusalém, 1960.
SEDER ELIAHU ZUTA. Ver verbete anterior.
SEDER GAN EDEN. Um *midrash* que descreve o Jardim do Éden, compilado *c.* 1050 E.C. Impresso em BHN (q.v.), vol. I, pp. 131-40, com acréscimos nas pp. 194-8.
SEDER OLAM. Um *midrash* cronológico, provavelmente compilado durante o séc. III E.C., mas subseqüentemente revisto e ampliado. Impresso em Vilna, 1897. Ver também A. Marx (ed.), *Seder Olam,* (caps. 1-10), Königsberg.
SEDER RABA DIBERESHIT. Um *midrash* cosmogônico e cosmológico, usado pelos *Mid. Konem* e *Mid. Aseret Hadibrot* (q.v.). Impresso em *Bate Midrashot* (q.v.), vol. I, pp. 19-48.
SEFER CHASSIDIM. Ed. Judah Hacohen Wistinezky, Berlim, 1891-3. O autor deste livro de ética, Judah ben Samuel He-Hasid, morreu em 1217.
SEFER HAIASHAR. Ed. Lazarus Goldschmidt, Berlim, 1923. *Midrash* heróico tardio (séc. XII), sobre o *Gênese,* o início do *Êxodo, Números* e *Josué.* Compilado na Espanha, escrito em hebraico. Citado por página.
SEFER HAKANE VEHU SEFER HAPELIÁ. Ed. Koretz, 1784. Livro cabalístico do séc. XV, de Avigdor Kanah.

SEFER HECHALOT. Um *midrash* sobre os segredos do Céu, estreitamente relacionado com os Livros de *Enoque* (q.v.). Impresso em BHN (q.v.), vol. V, pp. 170-90.

SEFER IUHASIN. Ed. Philipowski e Freiman, Frankfurt am Main, 1924. Abraham ben Samuel Zacuto, autor desta crônica, viveu *c.* 1450-1510.

SEFER NOACH. Um *midrash* sobre os segredos médicos transmitidos pelo Anjo Rafael a Noé. Citado pela primeira vez no séc. XI, mas possui forte afinidade com *Jubileus* (q.v.). Impresso em BHN (q.v.), vol. III, pp. 150-60.

SEFER RAZIEL. Uma obra cabalística sobre os segredos do Céu, da Criação, dos anjos, amuletos, etc. Compilada durante o período gaônico (sécs. VII a X E.C.).

SERAPIÃO. Físico de Alexandria, Egito, em atividade no séc. III a.E.C.

SHABAT. Um tratado do *Talmud Babilônico* e do *Talmud Palestino*. Ver *B.* e *Ier.*

SHET B. IEFET. Hem'at ha-Hemda. Comentário árabe e hebraico sobre o *Pentateuco*, escrito em 1284, na Babilônia. Ver *Guinze Ierushalaim*, vol. III, ed. Samuel Aharon Wertheimer, Jerusalém, 1902, pp. 13b-15a.

SHU'AIB, JOSHUA BEN. *Derashot al ha-Torá*, Constantinopla, 1523. O autor destas homilias cabalísticas sobre o *Pentateuco* viveu na primeira metade do séc. XIV. Citada por parte e fólio semanais do *Pentateuco*.

SIEGFRIED, CARL. *Philo von Alexandria als Ausleger des alten Testaments*, Iena, 1875.

SIFRA. Um *midrash* sobre o *Levítico*, compilado por Hiia, filho de Aba, na Palestina, *c.* 200 E.C. Ed. M. Friedmann, Breslau, 1915.

SIFRE. Um *midrash* sobre *Números* e *Deuteronômio*, de origem tanaíta (i.e., do séc. II E.C., Palestina). Citado por fólio da edição de M. Friedmann, Viena, 1864; reimpressão fotostática, Nova York, 1948.

SODE RAZA ou SODE RAZAIA. Obra cabalística de Eleazar ben Judá, de Worms, *c.* 1173-1238. Publicada por Israel Kamelhar, Bilgorai, 1936.

SOTA. Um tratado do *Talmud Babilônico*. Ver *B.*

SUCÁ. Um tratado da *Mishná* e do *Talmud Babilônico*. Ver *B.* e *M.*

SUSANA. Um dos acréscimos apócrifos ao Livro de *Daniel*. Escrito provavelmente entre 80 e 50 a.E.C. Ver Charles, *op. cit.*, vol. I, pp. 638 ss.

TAANIT. Um tratado do *Talmud Babilônico* e do *Talmud Palestino*. Ver *B.* e *Ier.*

TALMUD BABILÔNICO. Ver *B.*

TALMUD PALESTINO. Ver *Ier.*

TAN'HUMA. Um *midrash* sobre o *Pentateuco*, baseado em ditos do rabino Tan'huma bar Abba, um Amora (sábio talmúdico) palestino do séc. IV E.C. Citado por parágrafo e porção semanal do *Pentateuco*, ao que às vezes se acrescenta o número de fólio da edição de Levin-Epstein, Varsóvia (s/d). Para um texto mais antigo, ver o próximo verbete.

TAN'HUMA BUBER. *Midrash Tan'huma*, uma versão mais antiga, editada por Solomon Buber, Vilna, 1885; reimpressão fotostática, Nova York, 1946 (2 vols.). Citado por livro do *Pentateuco* e por página. Ver verbete anterior.

TANIS, PAPIRO DE. Ver *Dois Papiros Hieroglíficos de Tanis*. I. O Papiro dos Signos; II. O Papiro Geográfico. Memoir of the Egypt Exploration Fund, Extra (9ª), Londres, 1889.

TARG. *Targum*, a tradução (ou antes, paráfrase) aramaica da Bíblia. O *Targum do Pentateuco*,

chamado *Targ. Onkelos*, foi concluído na Babilônia durante o início do séc. III E.C. O *Targum Babilônico dos Profetas*, chamado *Targ. Jônatas*, data do séc. IV E.C.

TARG. IER. O *Targum de Jerusalém*, tradução aramaica parafraseada do *Pentateuco*, que sobreviveu apenas em fragmentos. Preparado na Palestina, provavelmente durante os séc. I ou II E.C. Ver M. Ginsburger, *Fragmenten-Targumim*, 1899.

TEL EL-AMARNA. Tábuas de trezentas e setenta e sete cartas escritas por subgovernantes de cidades cananéias, fenícias e sírias a seus superiores, Amenófis III e seu filho Akenaton, no séc. XIV a.E.C. Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 483-90.

TEODORETO. Historiador eclesiástico, teólogo e bispo de Ciro, Síria, do séc. V. Seus comentários sobre o Antigo Testamento e as Epístolas Paulinas (incluindo a *Quaest. 60 in Gen.*) foram publicados em *Patrol. Graec.* 80, de Migne.

TEODOTION AD GEN. Teodócio preparou sua versão grega da Bíblia *c.* 185 E.C.

TESTAMENTO DE ABRAÃO. Um livro apócrifo, escrito em hebraico por um judeu, ou cristão judeu, durante o séc. II E.C. Sobrevive em duas versões gregas. Ver G. H. Box, *The Testament of Abraham, Isaac and Jacob*, 1927.

TESTAMENTO DE GAD. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTO DE ISSACAR. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTO DE JOSÉ. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTO DE JUDÁ. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTO DE RUBEM. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTO DE ZEBULUM. Ver *Testamentos dos Doze Patriarcas.*

TESTAMENTOS DOS DOZE PATRIARCAS. Um livro apócrifo escrito em hebraico por um judeu fariseu, entre 109 e 107 a.E.C. Lições morais postas nas bocas dos doze filhos de Jacob em seus leitos de morte. Ver Charles, *op. cit.*, vol. II, pp. 282 ss.

THOMAS BERTRAM. *Arabia Felix*, Nova York, 1932.

TOSEFTA. Uma coletânea de fórmulas e tradições tanaítas estritamente ligadas à *Mishná*. Provavelmente compilada por Hiia, filho de Aba, na Palestina, *c.* 200 E.C. Citada por tratado, capítulo e parágrafo da edição de S.Zuckermandel, Pasewalk, 1880; reimpressão fotostática com acréscimos, Jerusalém, 1937.

TOSEFTA ATIKTA. Por Chaim Meir Horowitz, Frankfurt am Main, 1890. Uma coletânea de antigas *Baraitot* extracanônicas.

TZETZES, JOHANNES. Mitógrafo bizantino do séc. XII. Suas obras que sobrebiveram compreendem as *Chiliades, Iliaca* e comentários sobre Homero, Hesíodo, Aristófanes e Licofrão.

UGARÍTICOS, textos, poemas ou mitos. Ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 129-55.

VIDA DE ADÃO E EVA. Ver *Vita Adae.*

VITA ADAE. Título completo: *Vita Adae et Evae*, i.e., "Vida de Adão e Eva". Livro apócrifo de origem judaica, escrito provavelmente no séc. I e que sobrevive em versões gregas, latinas e eslavas antigas. Ver Charles, *op. cit.*, vol. II, pp. 123 ss.

VULGATA. A primeira tradução latina da Bíblia, preparada por São Jerônimo e completada *c.* 405 E.C.

WOOLLEY, SIR CHARLES LEONARD. *Ur of the Chaldees,* Londres, 1929.

YEBAMOT. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

ZDMG. *Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft.*

ZEBAHIM. Um tratado do *Talmud Babilônico.* Ver *B.*

ZOHAR. ("Esplendor"). A "Bíblia" dos cabalistas, escrita pelo cabalista espanhol Moisés de Leon, em aramaico, durante o séc. XIII. É um comentário sobre a Bíblia, pseudo-epigraficamente atribuído ao rabino Simeon ben Iohai, o famoso professor de *Mishná.* Impressa pela primeira vez em Mântua, 1558-60, em três volumes, cuja paginação costuma ser seguida pelas edições subseqüentes — p. ex., a edição de 1894, Vilna, aqui citada.

ZOHAR CHADASH. ("Novo Zohar"). Contém aquelas partes do *Zohar* que faltam nos manuscritos utilizados pelos editores da versão de Mântua. O material foi coletado principalmente por Abraham Halevi Berochim, de manuscritos encontrados em Safed. Citado por fólio da edição de Levin-Epstein, Varsóvia, s/d.

ÍNDICE REMISSIVO

Abahu, Rabino, 160
Abamrama, 148
Abdu-Chipa. *Ver* Abdu-Heba
Abdu-Heba (Abdu-Chipa), 8, 135, 139
Abel, 56, 76, 77, 78s., 81-2, 87, 88, 91, 157
Abel-Mitzraim, 254, 255
Abi-imamu, 135
Abida, 162, 163
Abihoref, 203
Abimeleque, 130, 145, 170, 235
Abiram, 148s., 257
Abiramu, 148-9
Abisague, 222
Abismo, O. *Ver* Águas Inferiores; Mar, O; Tehom; Águas Superiores
Abner, 135, 222
Abraão (Abrão), 9-11, 12, 13, 26, 45, 52, 53, 56, 63, 64, 69, 81, 85, 100, 112, 113, 116-36, *passim*, 137-9, 140-4, 145, 147-9, 150, 151, 156-69, *passim*, 170, 174-5, 181, 183, 186, 187, 188, 190, 193, 195, 198, 203, 208, 215, 235, 237, 252s., 253
Abrão. *Ver* Abraão
Abrec, 239, 241
Absalão, 135, 193, 222
Ácaba, Golfo de, 31, 163
Acádia e acadianos, 15, 48, 59, 70, 103, 113, 114, 115, 133, 197
Acaz, Rei, 135, 158
Acbor, 212
Achiiava, 146
Achivi. *Ver* Aqueus
Acrísio, 97, 172
Aczib. *Ver* Quezib
Adá, 96, 183-5
Adadnirari I, 113
Adam (cidade), 133
Adamá (cidade), 133
Adão (Adam), 7, 8, 10, 13, 15, 19, 34, 36, 37, 40, 45, 52-6, 57-61, 62, 65, 66, 67-75, 76-9, 80, 82-3, 87-8, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 117, 132, 157, 161, 171, 174, 181, 187
Adapa (filho de Ed), 70
Adbeel, 142, 143
Adirmaquidas, 168
Admá, 131, 133, 152
Adnani, 144
Adoni-Zedeque. *Ver* Melquisedeque
Adonias, 222
Adoniram, 149
Adônis, 154
Adoraim (Adoram), 227
Adori, 227
Adram-melec, 158
Adulam, 223, 225
Adumatu, 143
África e africanos, 85, 210, 219. *Ver também lugares específicos; tribos*
Afrodite, 50
Agag, 210
Agamenon, 160
Agar, 129, 130, 140, 141, 142, 144, 157, 159, 162, 166
Agenor, 85, 109, 159, 161. *Ver também* Canaã
Aglaia, Rainha, 172
Agma (fortaleza), 53
Agrat bat Malat, 90
Agripa II, 178
Águas Femininas. *Ver* Águas Inferiores
Águas Inferiores, 15, 23, 32, 33, 99. *Ver também* Mar, O
Águas Masculinas. *Ver* Águas Superiores
Águas Superiores, 22, 23, 25, 29, 32, 33, 89, 99, 105
Águas. *Ver* Águas Inferiores; Mar, O; Águas Superiores
Ahab, 154, 205
Ai, 128, 130, 131, 155. *Ver também* Ainon
'Ainon, 154, 155. *Ver também* Ai
Aitam, 159
Akaiwasha, 146. *Ver também* Ekwesh
Akeb, 98
Akenaton, 20, 70
Akiva, Rabino, 31
Alá, 56
Alamar, 117
Alashia, 110
Alexandre Polihistor, 19
Alexandre, o Grande, 66, 78, 115, 138, 189
Alexandria, 48
Alian, 61. *Ver também* Baal
Alianças, 137-9
Alib, 201
Alita, 98
Aloeidas, 93, 114
Alulim, 117
Amaleque e amalequitas, 85, 86, 131, 183
Amaltéia, 139
Amara Psides, 114
Amarna. *Ver* Tel el-Amarna
Amazias, 177
Amene, 240
Amenotep III, 135, 240
Amenotep IV, 240, 244
Amitlai, 116, 121-3, 124, 125, 126
Amnon, 222
Amon e amonitas, 8, 133, 135, 139, 154, 155, 158, 227, 256
Amoritas, 113, 137, 139, 154, 197, 198, 216, 219, 240, 253
Amós, 44

Amrafel, 113, 114, 131, 133
Amuladi, 143
Amuletos, 58, 104
Ana, 148, 172
Ana-melec (deus), 158
Anactória, 95
Anakim, 95, 135. *Ver também* Gigantes
Anat, 9, 10, 20, 21, 51, 59-61, 105, 153, 161, 188
Anata (cidade), 20
Anatbetil, 189
Anatólia, 110, 177
Anatot, 8, 20
Anax, 95
Andrógino, 59
Andrômeda, 172
Aner, 132, 136, 166
Anjo da Morte, 56, 63, 64
Anjos Caídos, 29, 80, 90, 92, 94
Anjos, 29, 56, 60, 64, 74, 75, 89, 93, 112, 150, 176, 187. *Ver também por nomes*
Ano-Novo, 19, 124, 159, 222, 235
Antéia, 12, 235
Antíoco Epifano, 44, 139
Antíoco Sideta, 139
Antonino, 138, 139
Anu, 70, 109
Anúbis, 245
Aolá, 193
Aolibá, 184, 193
Aolibamá, 183, 184
Ápis, 168
Apócrifos, 7, 93
Apolo, 105, 153, 159, 204
Apolodoro, 70, 75, 95
Apopi II, 130
Apsu (Efes), 17, 20, 23, 25
Apu de Shudul, 80
Apuleio, 60, 231
Apuriu, 163
Apzu, 24. *Ver também* Apsu (Efes)
Aqueus, 146, 163, 198, 219
Aquiles, 124
Ar ("Luz"), 34
Ar ou Ar Moab, 154, 155
Árabes, 20, 28, 43, 56, 60, 71, 109, 114, 133, 144, 148, 153, 155, 163, 192, 229. *Ver também* Arábia; Beduíno
Arábia, 31, 48, 66, 114, 143, 155, 162, 163. *Ver também* Árabes
Arábico, 133, 134, 149, 163
Arad, 85, 86
Aram e arameus, 9, 144, 158, 164, 165, 167, 169
Aram-Damesek, 205
Aram-Naharaim, 205
Aram-Zobá, 164
Aramaico, 48, 94, 160, 175
Arão, 20, 64, 185, 237
Arapcha, 117
Ararat, Monte, 101, 103, 104, 106, 107, 112
Aratos, 94
Arba, 95
Arbel, 217
Arca da Aliança, 44, 188, 251
Arca de Noé, 13, 46, 48, 98-103, 104s.
Arco-Íris, 63, 102, 105
Areus (rei de Esparta), 163
Argó, 172
Argólida, 172
Argonautas, 11
Argos, 219
Ariadne, 104
Ariman, 70
Arioque, 131, 133
Aristóbulo, 143, 177
Aristóteles, 219
Armênia e armênios, 65, 104, 110, 114
Arnon, Rio, 155
Arpaxade, 116, 117
Arquelau, 160, 173
Arriano (historiador), 115
Aruru, 16, 55, 59, 69
Árvore da Vida, 29, 62, 64, 67, 72
Árvore do Conhecimento, 54, 62, 67, 68, 76, 77
Asanate, 200, 217, 219, 239, 241
Áscalo, 163
Asclépio, 77
Asher, 184, 195, 197, 221, 222, 249
Asherá, 20, 35, 188, 198
Ashirat, Ashirtu e Ashratu. *Ver* Asherá
Ashquelon, 163
Ashuru, 163
Ásia (mãe de Prometeu), 109
Ásia Menor, 93, 95, 146
Asmodeu, 57, 60
Assíria e assírios, 8, 9, 15, 20, 60, 62, 65, 88, 113, 114, 117, 143, 154, 162, 163
Assuero, 138
Assur e assuritas, 113, 162
Assurbanípal, 143
Astartéia, 10, 20
Astério, 95
Asterot-Karnaim, 131
Atade, 253
Atamante, 11, 159, 161
Atena, 72, 105
Atenas, 24, 124
Aterat. *Ver* Asherá
Atlas, 94
Aton, 240
Atos, Monte, 104
Atribes, 43
Atrot-Shofan, 155
Augusto, 134, 139, 177
Aulis, 160
Autólico, 11, 182, 203
Avesta, 48
Avim, 95, 135
Azael (Azazel), 89, 92, 94, 138
Azazel. *Ver* Azael
Aziz ben Chala, 155
Azrail, 56
Azulai, Avraham, 193

Baal, 10, 21, 23, 34, 50, 85, 117, 172, 208
Baal-Hanan, 212
Baal-Zebub (Zebul), 8
Baal-Zefon, 248
Baaras, 195
Bab-Ili (Babil), 114
Baba, 240
Babel, 111-5, 123, 125
Babilônia e babilônios, 10, 15, 18, 19, 20, 23, 27, 30, 31, 35, 43, 44, 49, 50, 53, 55, 60, 65, 70, 78, 94, 103, 105, 114, 115, 117, 124, 127, 138, 237, 241.

Ver também Babilônia, Exílio na
Babilônia, Exílio na, 10, 17, 182, 189, 225
Baguishu (tribo), 210
Baka (tribo), 139
Balaão, 48, 85, 172
Baleáricos, 198
Balich, Rio, 119
Baltazar, 138
Banias, 152. *Ver também* Panias
Banu Ghifar, 163
Baou, 24, 25
Barnabo, 116
Basemate, 183, 184, 185
Basra, 214
Bat-Shua, 223
Baucis, 153
Bedad, 212
Beduíno, 48, 85, 169
Beeri, 183
Behemot, 24, 40-4, 47
Beit Natif, 225
Bel, 15, 17, 127. *Ver também* Baal
"Bel e o Dragão", 127
Bela, 131, 133, 212
Belém, 124, 199
Belerofonte, 12, 235
Belus, 85, 172. *Ver também* Baal
Ben Azai, 31
Ben Matana, 240
Ben Zomá, 31
Ben-Ami, 154, 155
Ben-Hadad, 205
Bênção de Jacob, 179-82
Bené-jamina, 198
Beni Hilal, 155
Beni-Hasan, 240
Benjamim de Tudela, 255
Benjamim, 172, 184, 189, 197, 198, 222, 242-4, 246-8, 249, 250, 253
Benmelec, 170
Benoni, 197
Beócia e beócios, 159
Beor, 201, 203, 212
Bera, 131, 133
Bera-Baal, 133
Bered, 140, 143
Berossus, 15, 104, 105, 117
Bersheva, 143, 145, 153, 156, 161, 250
Bestialidade, 59, 99. *Ver também* Sodoma, Sodomitas e Sodomia
Bet Baal Maon, 155
Bet Éden, 65
Bet Gamul, 155
Bet Gubrin, 212, 214
Bet Hadudo, 94
Bet Hoglá, 208
Bet Maon, 155
Bet Shean, 68
Bet-Horon, 220
Betel, 128, 130, 131, 134, 182, 186-9, 196, 198, 207
Betilos, 189
Betin, 188
Betsabá, 222
Betuel, 165-9
Bezer, 214
Bezerro de Ouro, 28, 134
Biadice, 235
Biblos e biblosianos, 8, 24, 189
Bilá, 184, 192, 195, 198, 202, 229, 253
Bilá (tribos), 231, 254
Birket Ram, 152
Birs Nimrud, 114
Birsha, 131, 133
Bit Adini, 65
Bizantinos, 72, 94, 109, 145, 189
Bode expiatório, 90
Bohu, 15, 23, 24, 32
Boná (mulher de Simeão), 216
Borsipa, 114
Bozrá, 149, 212, 214
Brâmanes, 71
Bu Zaid, 155
Burshu'u, 133
Buz, 163, 165

Caaba, 56
Cabalistas, 45, 237
Cádmia e cadmeus, 159
Cadmo, 12, 78
Cadmonitas, 137, 139
Caftor, 146
Caim, 12, 56, 76-9, 81-6, 91, 93, 178, 209
Cainan, 94, 117
Cainitas, 81, 82, 91-2
Calábria, 219
Calciolutlicue, 71
Caldéia, Caldeus, 27, 116, 126, 129, 137, 158
Caleb, 95, 213
Calebitas, 185, 213
Calígula, 138, 139
Calkis, 40, 43
Calne, 113, 115
Cam (cidade), 131
Cam, 12, 98, 99, 101, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 132, 162
Campos Elísios, 12, 66
Canaã, 7, 12, 19, 85, 95, 106, 107, 109, 128, 130, 133, 134, 145, 147, 166, 176, 181, 202, 209, 210, 211, 217, 243, 250-5, *passim*. *Ver também* Cananeus
Cananeus, 9, 10, 12, 23, 34, 59, 61, 92, 105, 109, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 143, 160, 165, 166, 168, 171, 172, 174, 182, 186, 188, 198, 200, 213, 240. *Ver também* Canaã
Candelabro Sagrado. *Ver* Menorá
Caos, 19, 20, 24
Cária, 159
Carmel, Monte, 138, 208
Carneiro, Chifre de, 11, 157
Carneiros, sacrifícios de, 10s., 137, 156, 158-9
Carquemis, 117, 119, 133
Cássio, Monte. *Ver* Tsafon, Monte
Cassiopéia, 172
Cassitas, 113. *Ver também* Kashshu
Castração, Mito da, 106-10
Catabaniano, 197
Cáucaso, 104
Cavaleiro das Nuvens, 21
Caverna coriciana, 51
Caverna de Tesouros, 56, 91, 94
Cécrops, 78
Cefeu, 172
Céfiso, Rio, 104

Celet, 84
Celtas, Mitos, 123
Cesaréia de Filipi, 134
Cesaréia, 43, 145
Céu (Paraíso), 12, 18, 19, 22, 25, 26, 27-31, 32, 39, 63, 65, 73, 74, 78, 83, 88, 90, 91, 94, 95, 99, 101, 103, 111, 112, 114, 120, 131, 132, 137, 145, 152, 160, 175, 181, 186, 188. *Ver também* Éden
Chaiapa, 163
Chalá, Oferenda da, 52
Chebat, 61
Chiba, 61
Chineses, Culto aos cogumelos pelos, 72
Chipa, 139. *Ver também* Heba
Chipre, 110, 146
Chirbet Id al-Ma, 225
Chirbet Jal'ad, 205
Chirbet Jal'ud, 205
Chirbet Jumail, 155
Chirbet Tibna, 225
Chnum, 55
Chronicon Paschale, 114
Cícero, 144
Ciclopes, 95
Cidades de Refúgio, 97
Cilícia, 109
Cimerianos, 110
Circassianos, 68
Circuncisão, 60, 96, 134, 171
Ciro, 124, 127, 138, 189
Cita, 84
Cnas, 109. *Ver também* Canaã
Coeus, 109
Cogumelos, 71, 72
Colpia, 24
Cólquida, 159
Constelações, 17
Coptos, 43
Corinto e coríntios, 153, 159, 175, 203
Corvos, 101, 103, 105, 119
Cosmocrata, 74, 78
Cosmogonia, 18, 23
Cozeba. *Ver* Quezib
Creatrix, 10, 23, 70, 104
Creonte, 219
Creta e cretenses, 86, 104, 139, 146, 153, 160
Criação, 18-38, 39, 44, 49, 52-6, 59, 70, 74, 160, 173, 182
Criador, 25, 54, 68, 70, 121
Crios, 109
Cristãos, 13, 18, 37, 55, 109, 113, 124
Crocodilópolis, 43
Crônicas dos Filhos de Levi, 7
Crônicas dos Reis de Israel, 7
Crônicas dos Reis de Judá, 7
Cronos, 10, 109, 189
Cruzados, 134
Curdistão e curdos, 104, 113
Cush e cushitas, 62, 66, 109, 111, 113, 163

Dagon, 8, 21
Dalila, 9, 109
Damasceno, Campo, 52
Damáscio, 20, 24
Damasco, 119, 131, 157, 164, 169, 174, 175, 205, 256
Dan (cidade) e danitas, 131, 132, 133
Dan, 134, 184, 195, 197
Danae, 172
Danaides, 10
Danaus, 85
Daniel, 94, 126, 127
Dario, 115, 138
Datan, 257
David, 10, 46, 64, 65, 85, 86, 109, 119, 135, 144, 160, 171, 177, 181, 194, 198, 203, 205, 209
Davidum, 198
Débora (ama de Rebeca), 166, 201
Dédalo, 146
Dedan, 162, 163
Delfina, 17, 51
Delfos, 35, 56
Delos, 225
Deméter, 7, 70
Demétrio de Alexandria, 35
Demiurgo, 74
Demônios, 27, 57, 87, 101, 162, 193
Deodand, 232
Deucalião, 104
Deus. *Ver* Criação; Criador; Iavé; etc.
Deusa Branca, 159
Deuteronômio, 9, 153, 158
Dez Mandamentos, 18
Dia do Perdão. *Ver* Perdão, Dia do
Dilúvio, 13, 33, 46, 48, 90, 98-105, 112, 116, 126
Diná, 9, 185, 197
Dinabá, 133
Diodoro da Sicília, 43, 152
Dioniso, 71, 104
Dízimos, 135, 187
Djin, 208
Dodai, 240
Dodanim. *Ver* Rodes e Ródios
Dodo (Dodi), 240
Domiciano, 178
Dotan, 229, 231, 248
Doutores da Igreja, 93, 143
Dragões, 17, 23, 35, 39, 43, 71
Droit de cuissage, 94
Druidas, 8
Dudael, 92, 94
Dudaim. *Ver* Mandrágoras
Dudu, 240
Dumá, 142, 143
Dumuzi, 117
Dura al-Amriia, 227s.
Dura al-Arjan, 228
Dusares, 226

Ea, 17, 55, 70, 78, 103, 105
Eana, 16
Eber, 116, 117, 157
Éden (Paraíso), 15, 19, 27, 29, 37, 41, 49, 54, 59, 62-9, *passim*, 73, 74, 77, 80, 106, 237
Eder, Torre de, 221
Édipo, 12, 124
Edna, 116, 117, 119
Edom (Seir) e edomitas, 11, 25, 31, 60, 85, 138, 139, 143, 149, 163, 173, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 207, 212, 213, 214
Efer, 162, 163
Efes. *Ver* Apsu (Efes)
Efraim e efraimitas, 184, 185, 197, 199, 204, 213
Efraim, Monte, 215, 229, 231, 255

Efrat, 197, 199
Efron, 158, 161
Egeu, Mar, 159
Egisto, 124
Egito e egípcios, 7-10, *passim*, 12, 17, 27, 35, 39, 43, 55, 60, 64, 66, 68, 77, 78, 85, 86, 94, 95, 109, 119, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 139, 140, 143, 146, 154, 163, 168, 170, 177, 188, 197, 198, 200, 208, 209
Egito, 85
Eilat, 133, 153
Ekron, 8
Ekur, 16
Ekwesh, 146
El, 8, 20, 23, 49, 50, 93, 94, 109, 114, 139, 189, 209
El-Kab, 240
El-Paran. *Ver* Paran
El-Tel, 130
Elam, 131, 133, 135
Elasar, 131, 133
Eldaá, 162, 163
Eleazar ben Judá (de Worms), 45
Elefantina, Colônia judaica em, 189
Elêusis, 124
Eleuterópolis, 214
Eliaquim, 98, 149
Elias, 12, 26, 63, 64, 105, 138, 160
Eliézer (servo de Abraão), 9, 126, 132, 135, 137, 157, 165-9, 190
Eliézer, Rabino, 19, 93
Elifaz, 31, 183, 184
Elion, 50
Elisá (filho de Javan), 110
Elisha ben Abuia, 31
Eloá, 66, 75
Elohim, 17, 20, 21, 23, 148
Elon, 183
Elul (mês), 19
Emim, 95, 131, 135
Êmpusas, 60
En al-Kazba, 225
En-Eglaim, 142
En-Guedi, 142
En-Mishpat, 131, 143
Enaim, 223, 225
Enéias, 178
Eneida, 13
Enki, 24, 36
Enkidu, 59, 69, 71, 72
Enlil, 36, 103
Enmenluana, 117
Enoque (cidade), 84
Enoque, 12, 45, 56, 62, 68, 71, 84, 89, 91, 94, 95, 98, 105, 117, 171
Enosh, 117
Enuma Elish, 15, 19, 26, 43
Eos, 50
Eperu, 163
Epigramas Homéricos, 61
Epimeteu, 104
Epispasmo, 173
Epístola aos Hebreus, 182
Epopéia de Gilgamesh, A, 59, 69, 103, 104
Er, 223, 225
Eratóstenes de Cirene, 30, 144
Erec, 16, 113, 115
Erictônio, 78
Eridu, 16
Esaguila, 114
Esaú, 11, 31, 64, 66, 85, 113, 163, 171, 172, 173, 174, 176-85, 186, 190, 191, 192, 195, 203, 206, 208, 209, 211, 212, 213
Esaú, Primogenitura de, 176-8
Escamandro, 78
Escravos e escravidão, 107, 109, 137, 138, 189, 229
Esdras, 149, 189
Esfinge, A, 12
Eshcol, 132, 136, 166
Espanha, 110, 241
Esparta e espartanos, 162, 163
Espíritos, 98
Essagil, 16
Essênios, 80, 88, 94
Ester, 55
Esterilidade, 148, 167, 171
Estige, 175
Estrabão, 144, 152
Estrelas, 22, 23, 33, 44, 105, 121, 122
Etan, 159
Etana, 148
Etemenenanki, 114
Etiópia e etíopes, 27, 109, 113, 139
Etna, Monte, 104
Etrúria e etruscos, 110, 168
Eubéia, 204
Eufrates, 16, 19, 60, 62, 65, 78, 103, 121, 134, 137, 199, 202
Eunucos, 109
Eurídice, 153
Eurinome, 19, 24
Eusébio, 15, 134, 145, 208
Eva, 8, 12, 40, 53, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 66, 67-72, 76-80, 81s., 83, 87, 88, 111, 132, 174, 181
Evangelho de São Tomé, 160
Evangelhos, Os, 124
Êxodo, 7, 10, 13, 32, 44, 130
Ezequias, 24
Ezequiel, 29, 31, 43, 50, 71, 149, 158, 185, 187

Faeton, 50
Faraós, 7, 12, 39, 43, 128, 129, 130, 135, 143, 145, 146, 246, 249, 250, 253, 256
Fariseus, 11, 31, 173, 178, 213
Fedra, 235
Feitiçaria, 94
Feiticeira de En-dor, 65
Felizes, Ilhas, 12
Fenícios, 20, 44, 160, 189
Fênix, 13, 29, 68, 101, 220
Ferécides, 153
Filemon e Baucis, 153
Filhas dos Homens, 89-95
Filhos de Deus, 89-95. *Ver também* Anjos Caídos
Filipe, o Tetrarca, 144
Filistia e filisteus, 8, 20, 109, 139, 141, 143, 145, 158, 170
Filo de Alexandria, 19, 44, 59
Filo de Biblos, 8, 24, 85, 109, 189
Firmamento, 27, 28
Flegra, 93
Flox, 85
Fócio, 189

Fome, 238, 242-5, 248, 250
Foroneu, 161
Fos, 85
Fosal, 84
Fratricídio, O, 76-86
Frígia, 77, 153
Frixo, 11, 159, 235
Fúrias, As, 12

Gaam, 165
Gabriel, 41, 42, 53, 56, 83, 92, 122, 124, 125, 127, 148, 167, 176, 208
Gad, 143, 184, 195, 213
Gaia, 20
Gal'ed. *Ver* Guilead
Galiléia, 8, 25, 86, 153
Gamaliel, 64
Gatam, 183, 184
Gaza, 134, 145
Geb, 20, 23
Geba, 198
Gebal, 240
Geena, 27, 29, 30, 37, 38, 158
Genealogia, Livro da, 7
Genesaré, Lago de, 47, 251
Genesis Apocryphon, 130
Genun, 92, 94
Gerar, 145, 146, 159, 170
Gerasa, 209
Gerizim, Monte, 160
Gibeá, 198
Gibeão, 198
Gideão, 149
Gigantes, 89-95, 135. *Ver também* Anakim
Gihon, 62, 64, 69, 72
Gilgamesh e o Salgueiro, 8, 60
Gilgamesh, 69, 71, 103
Gnósticos e Gnosticismo, 43, 59, 74, 88, 105
Gog, 110
Goim, 131, 133
Golfo Pérsico, 65, 70, 133, 214
Golias, 198
Gomer, 110
Gomorra, 131, 133, 150, 151, 152
Gortina, 153
Goshen, 129, 198
Grande Dragão, 23, 39, 43, 44
Grande Mãe, 24
Grécia e gregos, 7-14, 19, 30-1, 50, 55, 56, 59, 60, 61, 66, 69, 70, 71, 74, 77, 78, 85, 86, 90, 93, 94, 95, 103, 104, 105, 109, 114, 123, 124, 126, 138, 139, 146, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 168, 172, 182, 187, 189, 198, 203, 210, 213
Guerim, 154, 155
Guiborim, 95, 135
Guilead, 135, 202, 205
Guilgal, 198
Guirgashita, 137, 139
Gwafa, 163

Haai. *Ver* Ai
Hadad, 142, 143, 212
Hadadezer, 203
Hadar, 212
Hades, 10, 109
Hadkam, 216
Hagritas, 143, 144
Hamat, 85
Hamor, o Hivita, 215, 216
Hamurabi, 114, 143, 159
Hanaquia, 163
Hanes Taliesin, 124
Hanoc, 162, 163
Haradan, 94
Haran, 116, 119, 123, 124, 126
Harpocrates, 208
Harran, 8, 9, 116, 117, 119, 124, 125, 126, 128, 130, 133, 134, 135, 165, 167, 168, 190, 193, 194
Hasmoneus, 143, 177
Hatusas, 61
Hauran, 149, 214
Havá, 61
Havilá, 62, 66, 241
Hazezon-Tamar, 131
Hazi, Monte. *Ver* Tsafon, Monte
Hazo, 165
Hazor, 86
Heba, 8, 61, 135. *Ver também* Chipa
Hebat, 61
Hebe, 8, 61
Heber, 86
Hebron, 12, 52, 62, 65, 72, 83, 85, 95, 131, 132, 136, 137, 142, 157, 161, 165, 167, 173, 174, 183, 213
Hécate, 60
Hedjaz, 163
Hefaísto, 32, 208
Helel ben Shachar, 49-50, 71, 93
Helena, 12, 139
Helenismo. *Ver* Grécia e gregos
Heleno, 104
Hélio, 50
Heliopolitas, 8
Hera, 71, 161
Heraclés, 8, 11, 61, 71, 159, 204
Hércules Melcarte, 160, 209
Hermes, 51, 78, 86, 104, 124, 175, 203
Hermon, Monte, 25, 91, 94, 144
Herodes Antipas, 173
Herodes Filipe, 173
Herodes, 11, 124, 134, 139, 144, 173, 177, 214
Heródoto, 43, 124
Hesíodo, 10, 24, 44, 50, 70
Hesíquio, 189
Hespérides, 71
Hezron, 222, 225
Hia, 89, 90, 94, 99
Hicsos, 9, 86, 130, 135, 163
Hiel, 158
Hierápolis, 153
Hierônimos, 60
Higino, 70
Hiia bar Raba, 47
Hilá, 114
Hilkiá, 153
Hinom, Vale de, 38, 135
Hiperion, 109
Hipólito, 235
Hipopótamo, 41
Hipotoos, 124
Hirá, 223
Hircano (príncipe egípcio), 128
Hircano, João, 173
História dos Dois Irmãos, 130, 170, 235
Hititas, 8, 17, 20, 44, 51, 60, 61, 103, 109, 114, 130, 133,

137, 139, 158, 161, 168, 175, 182, 183, 186
Hiva, 89, 90, 94
Hivi e hivitas, 146, 172, 183, 184, 198
Hobá, 131
Hobab, 85
Homem Rico (parábola), 175
Homero, 35, 44, 66, 208
Horeb, 26, 45
Horitas (Hurritas), 103, 109, 131, 135, 177, 183, 203
Hurria, 219
Hurritas. *Ver* Horitas
Husham, 31, 212
Hypsouranius Samemroumus, 85, 173

Ia'kob-el, 173, 209
Iachtiri, 240
Iakut, 153
Iam, 23, 34. *Ver também* Mar, O
Ian'hamu, 240
Iarimuta, 240
Iashar, Livro de, 7
Iashbuki, 163
Iaute, 143
Iavé (Jeová), 7, 8, 10, 17, 20-1, 23, 24, 35, 44, 61, 78
Iavé Iré, 156
Ibadidi, 163
Ibéricos, 8
Icnêumones, 43
Idiba'ilitas, 143
Idibi'lu, 143
Idit (mulher de Lot), 152
Idomeneu, 159
Iduméia. *Ver* Edom (Seir) e Edomitas
Iehoshua ben Levi, 63, 64, 66
Iehoshua, Rabino, 19
Iehoshua. *Ver* Josué
Iehuda Macabeu, 44, 194, 220, 228
Iêmen, 31, 237
Iesca, 84
Ífito, 204
Il, 20
Ilansra, 133
'Ilat, 225
Ilíada, 35
Ilu, Ilum, 20
Imbros, 110
Inana, 60
Incesto, 119. *Ver também mitos específicos*
Índia, 71
Indra, 71
Inferno, 10, 38, 64, 74, 138. *Ver também* Geena; Hades
Inó, 159
Inundação. *Ver* Dilúvio
Ioctan, 66, 163
Iose, Rabino, 31
Ioshua ben Korha, Rabino, 93
Ir Moab, 155
Irã. *Ver* Pérsia e persas
Irad, 96
Isa (mulher de Ismael), 140
Isaac, 9-13, *passim*, 63-4, *passim*, 69, 134, 136, 140, 141, 142, 147-9, 156-61, 162, 164, 165-9, 170, 171, 172, 174, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 190, 193, 203, 213
Isaías, 8, 44, 50, 71, 115, 124, 130, 171, 182, 214
Iscá, 116
Ishbaal, 117
'Ishon, 154, 155
Ishtar, 50, 61, 70, 94, 103, 104
Ísis, 154
Ismael, 140-4, 147, 157, 159, 164, 168, 174, 183, 185
Ismaelitas, 138, 139, 143, 144
Isodoro, 200
Isquis, 105
Israel, israelitas e israelenses, 9, 21, 29, 32, 35, 39, 53, 60, 62, 64, 69, 85, 86, 94, 109, 114, 119, 124, 130, 132, 134, 138, 139, 142, 143, 149, 152, 154, 155, 158, 160, 168, 173, 176, 178, 181, 184, 187, 193, 196, 198, 206, 208, 209, 212
Israfil, 56
Issacar, 184, 196
Istahar, 91, 94, 98
Ítaca, 9, 168
Itália, 110, 213
Itureus, 143
Ivrim, 117
Jabal, 85
Jabin, 86
Jaboc, Rio, 133, 155, 206, 207, 208
Jacob de Edessa, 194
Jacob, 9-11, *passim*, 45, 63, 64, 69, 84, 85, 91, 100, 113, 127, 130, 134, 135, 138, 149, 164, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186-200, 201, 202, 203, 206-14
Jael, 86
Jafé, 69, 101, 106, 107, 109, 110, 111, 162
Jahoel (arcanjo), 40
Jalão, 183, 184
Jano, 59
Jápeto, 109
Jared, 117
Jarmute, 240
Jasão, 11, 124
Javan, 110
Jebel Akra, 51
Jebel Jal'ad, 205
Jebel Usdum, 152
Jebusitas, 135, 137, 139
Jededias, 149
Jeftá, 159, 160
Jegar Sahaduta. *Ver* Guilead
Jeoiaquim, 149
Jeoram, 149, 154, 177, 181
Jeová. *Ver* Iavé
Jerameel, 225
Jeremias, 9, 20, 115, 158, 172, 173, 199, 214
Jericó, 112, 198, 208
Jeroboão, Rei, 13, 20, 132, 134, 161, 188
Jerônimo, São, 48, 115, 208
Jerubaal, 149, 209
Jerusalém, 8, 17, 20, 24, 28, 38, 41, 44, 57, 61, 81, 86, 94, 135, 138, 153, 158, 161, 163, 173, 178, 188, 189, 198, 199, 213
Jéssica, 117
Jesus, 8, 59, 124, 134, 189, 209
Jetro, 209
Jetur, 142, 143, 144
Jeús, 183, 184

Ji'anek, 135
Jidlafe, 165
Jisbaque, 162, 163
Jó, 24, 31, 50, 58
Jobab, 212
Jocsã, 162, 163
Joel, 44
Jonas, 32
Jônatas (Sumo Sacerdote), 163
Jônatas, 158
Jônia, 110, 154
Joram, 11
Jordânia, 134, 143, 205, 206, 207
Jordão, Rio, 40, 42, 46, 72
José, 9, 11, 12, 84, 161, 169, 171, 184, 185, 189, 196, 198, 199, 200, 201, 230
Josefo, Flávio, 18, 44, 66, 88, 93, 104, 114, 115, 117, 134, 135, 143, 152, 163, 175
Josias, Rei, 9, 153, 188
Josué, 7, 45, 95, 100, 130, 146, 160, 176, 192, 198
Jubal, 94
Jubal, Rio, 42
Jubileus, Livro de, 135, 193
Judá, 172, 184, 185, 195, 199, 200, 213. *Ver também* Judá (terra e povo)
Judá (terra e povo), 62, 64, 139, 193, 213
Judéia e Judeus, 9, 10, 18, 20, 60, 86, 94, 114, 124, 143, 173, 177, 184, 213
Judi, Monte, 103
Judite, 183, 184
Juízes, 188
Júpiter (planeta), 132, 135
Jus primae noctis, 94, 168
Justiniano, 94
Juvenal, 235

K'deshá, 225
K'deshim, 224-5
Kadesh, 26, 131, 133, 140, 143, 145
Kahlasa, 143
Kahtan, 163
Kain (lugar na Judéia), 86
Kain, 86. *Ver também* Caim e cainitas
Kanvil, 154, 155
Kapará, Ritual da, 194
Kasdim. *Ver* Caldéia e caldeus
Kashshu, 113. *Ver também* Cassitas, Cush e Cushitas
Kebra Nagast, 143, 226
Kedar, 142, 143
Kedmá, 142, 143, 159
Kefalaia dos Maniqueus, 105
Kefar Enaim, 225
Keftiu, 146
Kemi, 109
Kemuel, 165
Kenaz, 183, 184, 213
Keret, 217
Kesed, 116. *Ver também* Caldéia e caldeus
Kharran. *Ver* Harran
Kiná, 86
Kiná, 86
Kingu, 17, 18
Kiriat-Arba, 95, 136
Kirkuk, 117
Kitim, 110
Kolsani, 121, 124
Korá, 183, 184
Kotar va-Chasis, 34, 146
Kumarbi, 109, 114
Kur, 36

Laai-Roi, 140, 142, 166
Labão, 11, 165-9, *passim,* 182, 186, 190, 192, 193, 195, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 211, 212
Ladino, 123
Ladon (Serpente), 71
Lafístio, Monte, 159
Laila (anjo), 132
Laish, 134. *Ver também* Dan (cidade) e danitas
Lameque, 92, 117
Lâmia e lâmias, 60, 85
Lat, 225
Latashu, 163
Latona, 225
Lázaro, 175
Léa, 168, 184, 191, 192, 195, 196, 197, 198, 201, 202, 211, 212, 213
Léa (tribos), 213, 219, 222, 254
Learco, 97
Lebiá, Monte, 62, 66
Leet, 84
Lehi, Fonte de, 142
Lei, A (Torá), 11, 13, 35, 37, 38, 55, 121, 138, 157, 158, 162, 172, 173, 178, 182, 198, 222
Lemnos, 110
Lepra, 130
Letó, 225
Letush e letusitas, 162, 163
Leumitas, 162, 163
Levi, 45, 100, 184, 185, 189, 195, 197, 204, 207
Leviatã, 22-6, 32, 39-48, *passim*
Levirato, Lei do, 223
Levitas e levíticos, 69, 214
Levuda, 82
Libações, 103
Líbano, 23, 64, 134, 189
Líbia e líbios, 60, 168
Lida, Escola Rabínica de, 66
Lídia, 70, 163, 172
Lienitas, inscrições, 133
Lilake, 8, 60
Lilim, 57, 60
Lilit, 8, 57-61, 90
Lilitu, 60
Lisan, Península de, 133, 152
Lívio, 13
Livro da Genealogia, 7
Livro da História de Adão, 7
Livro das Guerras de Iavé, 7
Livro de Adão, 94
Livro de Enoque, 45, 95
Livro de Iashar, 7
Livro de Jubileus, 135, 193
Livro de Raziel, 39, 45
Livro dos Mortos, 43
Lizaf, 84
Lócrios, 219
Lot, 116, 125, 126, 128, 131, 134, 150-3, 154-5, 168, 184
Lotan, 25, 135, 184
Lua, 22, 23, 28, 29, 35, 76, 103, 121, 122, 187
Lubar, Monte, 106
Lucas, São, 143
Luciano, 35, 86
Lúcifer, 49-51. *Ver também* Samael; Satã
Lugal-du-kuda (deus), 16

Luz, 186, 188

Maac, 84
Maacá, 165
Maalate, 183, 184
Maale-Akrabim, 227, 228
Macabeus, 173, 189
Macerus, 195
Machanaim, 206, 207
Machpelá, Caverna de, 52, 62, 142, 157s., 161, 169, 174, 197, 212, 213, 227
Madai, 110. *Ver também* Medes
Madan (deus), 163
Madeba, 155
Mãe Terra, 17, 93, 95, 104, 181
Magog, 110
Mahalalel, 117
Main, 155
Maium (Maiun), 154, 155
Malcam, 155. *Ver também* Milcom
Malchi-ram, 149
Male (tribo), 139
Malik-ramu, 149
Mamré, 131, 132, 136, 147, 150, 160, 166, 174
Manassés ben Hizkiahu, 64
Manassés, 135, 143, 158, 184, 185, 199, 213
Manassés, Rei, 64, 158
Mandeano (texto citado), 105
Mandrágoras, 195, 199
Mâneto, 130
Mani, 88
Maniqueísmo, 88
Manoá, 209
Manuscritos do Mar Morto, 13, 130
Mar, O, 22, 25, 33, 34, 39, 43, 104. *Ver também* Águas Inferiores; Oceano, O
Mará, 124
Mardon, 112, 114
Marduk, 16, 17, 18, 23, 25, 26, 70, 114
Mari, 117, 133, 199
Mariamne, Princesa, 177
Mas'a, 143
Massá, 142, 143
Massada, 152
Massebá, 188, 199
Matanias, 149
Matriarcado, 9, 20, 23, 71, 185, 199
Matrilocal, Matrimônio, 9, 168
Matusalém, 69, 95, 99, 117
Mauli, 84
Meandro, 160
Meca, 56
Medan, 162, 163
Medas (Média), 113, 138, 139, 187, 189, 193
Medina, 163
Medinet Habu, 146
Mediterrâneo, Mar, 134, 168
Megalítico, 95
Mehujael, 96
Melanésia, 60
Melcarte, 50, 153, 159. *Ver também* Melicertes
Melicertes, 153, 159. *Ver também* Melcarte
Melquisedeque (Adoni-Zedeque), 131, 132, 135, 160, 173
Menelau, 163, 172
Mênfis, 198
Menorá, 8, 18, 44, 45, 185
Mercúrio. *Ver* Hermes
Meri'im, 87
Meri-Re, 240, 241
Meribá, 141-2
Merneptá, 146, 240
Merod, 238
Merodac, o Maldoso, 138
Meroe, 113
Mesha, 154, 158
Meshech, 110
Meshia e Meshiane, 70
Mesopotâmia, 105, 119, 134, 204
Messias, O, 34, 37, 64, 88, 160, 212
Metatron, 91, 95
México, 71
Mibsam, 142, 143
Mical, 109, 204
Micenas, 72, 95, 168
Midian e midianitas, 119, 143, 162, 163, 209
Migdal, 251
Migdol, 248
Miguel (arcanjo), 28, 42, 52, 53, 56, 73, 74, 76, 83, 92, 145, 148, 174, 175, 176, 207, 208
Mil e Uma Noites, 48, 130, 231
Mil Montanhas, 40-3, *passim*
Milcá, 116, 165, 166, 169
Milcom, 8. *Ver também* Malcam
Milesiano, 231
Mileto, 95
Minóica, Cultura, 146
Minóicas, Inscrições, 163
Miquéias, 158, 160, 204
Mirbat, 153
Míriam, 237
Misma, 143
Mistérios, 12, 71, 77
Mitanianos, 130
Mitzraim. *Ver* Egito
Mizá, 183, 184
Mizpé, 198, 203, 207
Moab, 85, 154, 155, 214
Moabita, Pedra, 154
Moabitas, 8, 85, 134, 140, 154, 158
Moisés de Corene, 104, 114
Moisés, 12, 13, 24, 45, 63, 64, 65, 69, 85, 100, 124, 130, 135, 138, 148, 160, 171, 173, 174, 175, 209
Moloque, 38, 158
Mongóis (tribos), 72
Monstros, 17, 39-45. *Ver também* Dragões
Morash, 201
Moré, 160
Moriá, Monte, 52, 53, 56, 156, 157, 160, 166, 187, 188
Mormoliceia, 60
Morte, 67, 70. *Ver também* Anjo da Morte; Paraíso; Inferno; etc.
Morto, Mar, 66, 95, 131, 133, 143, 152, 153
Mortos, Livro dos, 43
Mosaica, Lei. *Ver* Lei, A
Mosquianos, 110
Mot, 51, 61
Muçulmanos, 55, 56, 193
Murudash, 113
Mussaf (reza), 160

Naamá, 57, 58, 90, 98
Naaman, o Sírio, 256
Naash, 24
Naate, 183, 184
Nabateus, 143, 163, 226
Nablus, 160
Nabu, 18, 44, 78
Nabucodonosor, 20, 44, 114, 124, 127, 138, 173, 213
Nachuru, 117
Naditum (sacerdotisa), 143, 172
Nafish, 142, 143, 144
Naftali, 184, 195, 208, 213
Naki'a, 210
Naor, 112, 116, 117, 119, 123, 124, 128, 164, 165, 166, 167, 168, 190, 203
Naquidshenan, 104
Nazimaratas, 113
Ne'ir, 136
Nebaiote, 142, 143, 183
Nebrod, 113
Nebron, 113
Nefele, 159
Nefilim, 95, 135
Negros, 107, 109
Neguev, 86
Nejran, 225
Néptis, 154
Nergal, 18
Nilo, Rio, 43, 66, 168, 234, 235
Nimrod, 111-5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132, 176
Ninhursag, 36
Nínive, 113, 119
Ninurta, 36, 113
Ninus, 113
Nipur, 16
Nisaba (deusa), 59
Nisir, Monte, 103
Nix, 24
Nodab, 143
Noé, 7, 13, 45, 46, 48, 63, 69, 70, 90, 92, 93, 98-110, 111, 116, 117, 121, 125, 157, 161, 162, 171, 173, 187
Nomes (hábito de mudanças de), 148s.
Nomes de Iavé, 35
Nomes secretos, 209
Novo Testamento, 93. *Ver também* Jesus
Nut, 19, 23

Obadias, 64
Oceano, O, 25, 27, 28, 34, 40, 47, 76. *Ver também* Águas Inferiores; Mar, O
Oceanus, 33, 39, 44
Odisséia, 163
Ofion (Ofioneu), 19, 24, 74
Og, 13, 99
Olad, 84
Olímpia (mãe de Alexandre), 78
Olímpicos, Deuses, 13
Omar, 183, 184
Ombos, 43
On, 197, 217, 239
Onan, 223, 225
Oni, 126
Onias III, 163
Orá, 116
Oráculos. *Ver* Terafim
Oreb, 119
Orfeu, 153
Órfica, Arte, 24
Órfico, Cosmocrata, 74
Órion, 90, 94, 114
Orontes, Rio, 51, 66
Orósio de Tarragona, 113, 115
Ortígia, 226
Ortris, Monte, 104
Oséias (Hoshea), 149, 182, 194
Osíris, 85, 94, 105, 154
Ossa, Monte, 114
Ovídio, 153, 235
Ovo do mundo, 25

Pã, 51, 75, 78, 134
Padan-Aram, 165, 169, 186, 190, 192, 195, 196, 203, 206
Padria, 34
Paládio, 189
Palamedes, 86
Palestina, 9, 43, 48, 51, 65, 85, 93, 103, 104, 109, 130, 134, 135, 158, 159, 163, 173, 181, 189, 197, 198, 199, 210, 213
Palmira, 198
Paltit (filha de Lot), 152
Pamprenis, 43
Pandora, 10
Panfília, 146
Panias, 132, 134. *Ver também* Dan (cidade) e danitas; Banias
Panopeu, 55
Papiro Tanis, 77
Paran, 23, 26, 131, 140, 141, 143
Páris, 124
Parnaso, Monte, 104
Patriarcas e patriarcado, 11, 13, 117, 124
Patrilocal, Casamento, 12
Patuma (mulher de Ismael), 142
Paulo de Tarso, 178
Pausânias, 72, 139, 189
Pedra Fundamental, 34, 188
Peiritos, 10
Pélasgos, 104
Peleg, 116, 117
Pélias, 124
Pelion, Monte, 114, 159
Peloponeso, 86
Pêlops, 7, 12
Penélope, 9, 168
Peniel, 207, 209
Perdão, Dia do, 11, 35, 90, 94, 194
Pered, 216
Perez, 85, 172, 173, 224, 225
Perizita, 137, 139, 216
Pérola (como símbolo), 105
Perséfone, 175
Perseu, 12, 71, 172
Pérsia e persas, 30, 48, 70, 88, 114, 115, 123, 139, 193
Pessino, 160
Petra, 144
Pildash, 165
Pir, 85
Pirra, 104
Pisgá, Monte, 12
Pishon, Rio, 62
Pitom, 248
Pitonisa, 35
Planetas, 8, 17, 18
Platão, 59, 109, 153
Plêiades, 91, 94, 99, 100, 105
Pleione, 94
Plínio, 43, 70, 199, 245

Plutarco, 43, 153, 160
Poço, O (Sheol), 28, 42, 49, 243, 257
Poligamia, 193
Pombas, 101, 102, 139
Pompeu, 139, 189
Posêidon, 8, 10, 85, 109, 139, 160
Potifar, 12, 130, 233-5, 239, 241
Potifera, 217, 220, 239, 241
Povos do Mar, 95, 109, 146
Preto, 172
Primícias, Festa das, 251
Primogênito, 141, 158
Príncipe das Trevas, 74
Príncipe do Mar. *Ver* Raab
Procrusto, 153
Profetas e profecia, 9, 12, 23, 25, 68, 97, 159, 178. *Ver também mitos específicos*
Prometeu, 55, 66, 104, 109
Ptá, 55
Ptahotep, 240
Ptolomeu II, 213
Pulasati (Purasati), 146
Purgatório. *Ver* Poço, O
Put (Punt), 109

Queda, A, 10, 58, 67-72
Quedorlaomer, 131, 132, 133, 135
Quelebitas, 225
Quelimat, 82
Quemosh, 158
Quenazitas, 137, 139, 185
Quenitas, 85, 86, 94, 137, 139, 185
Quersoneso, 160
Querubim, 29, 44, 62
Quésede, 165
Queturá, 162, 163, 177
Quezib, 225
Quintiliano, 55

Rá, 220
Raamá, 163
Rab, 34
Rabá (Rabat bnei Amon), 155
Raba bar Bar-Hana, 28, 46
Rabá da Babilônia, 33, 35
Rabinos, 18, 37, 55. *Ver também por nome*
Rabot, 154, 155
Rachilu, 117
Radamanto, 66
Rafael (arcanjo), 72, 83, 92, 100, 105, 148
Raguel, 225
Ragüil (anjo), 45
Rahab, 8, 22, 23, 24, 25, 39, 41, 44, 226
Rainha dos Céus, 9, 20, 160. *Ver também* Anat
Ram (nome divino), 149
Ramá, 197, 198, 199
Rameses (cidade), 248, 250
Ramsés II, 139, 177, 248
Ramsés III, 146
Raquel, 168, 172, 184, 190-205, *passim*, 208, 209, 211, 221, 225, 244, 247, 252, 257
Raquel (tribos), 198, 208, 209, 222
Ras Shamra, 199. *Ver também* Ugarítico
Rashi de Troyes, 48
Rasuil, 45
Rav Safra, 40
Raziel, 39, 45, 105
Rebeca, 148, 165-9, 170, 171, 172, 174, 179, 181, 183, 186, 190, 191, 201, 203
Recabitas, 85
Reems, 46-8, 99, 142
Refaim, 95, 131, 135, 137, 139
Relâmpagos, 22
Reoboão, 109, 188, 227
Ressurreição, 176, 178
Reú, 116, 117
Reubel. *Ver* Rubem
Reuel, 183, 184
Reumá, 165, 169
Ribadi, 240
Rídia (anjo), 33, 35
Rispa, 222
Rodanim. *Ver* Rodes e ródios
Rodes e ródios, 110, 146, 198
Roma e romanos, 13, 43, 44, 59, 139, 144, 152, 173, 178, 182, 189, 209, 213, 237, 250
Rômulo, 124, 178
Rubem, 69, 184, 189, 195-200, 216, 221-2, 230, 231, 232, 243-4, 252, 253
Rute, 225

Saara, 153
Sabá, 58, 60, 162, 163
Sabaítas, 163
Sabázio, 78
Sacar, 198
Saduceus, 178
Salém, 131, 135, 160
Salomão, 44, 45, 52, 57, 60, 81, 100, 105, 143, 149, 158, 188, 205, 207, 213, 222, 226, 235, 241
Salônica, 123
Saltair na Rann, 72
Samá, 183, 184
Samael, 8, 27, 51, 56, 73-5, 76, 78, 79, 80, 87, 91, 106, 114, 157, 159, 171, 207, 208, 209. *Ver também* Lúcifer; Satã
Samal, 8
Samaria e samaritanos, 20, 160
Samemroumus, 173
Samlá, 212
Samuel, 65, 139, 172, 194
Samuil (anjo), 45
Sancuniaton, 85, 109, 173, 189
Sanibu, 133
Sansão, 9, 109, 135, 142, 148, 192
Sansenoi, 57, 60
Sara (mulher de Tobias), 60, 225
Sara (Sarai), 12, 53, 116, 125, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 145, 147, 148, 149, 157, 158, 159, 161, 162, 166, 172, 174, 195
Sarai. *Ver* Sara
Sardenha, 241
Sargão II, 114, 163
Sartan, 220
Satã, 8, 12, 51, 73-5, 82, 88, 123, 126, 209. *Ver também* Lúcifer; Samael
Saul, 65, 86, 109, 135, 139, 158, 188, 192, 198, 204, 222
Saul (filho de Simeão), 217

Saul (rei de Edom), 212
Sefaradita, Balada, 123
Sefarvaim, 158
Sefer Haiashar, 153, 155, 163, 220, 235
Segor, 134
Seir e seiritas. *Ver* Edom (Seir) e edomitas
Selêucia, 115
Semanguelof, 57, 60
Semil (anjo), 57
Senaqueribe, 114, 143, 149, 161
Senoi, 57, 60
Sentinelas, 74, 75, 96
Septuaginta, 31, 48, 66, 79, 159, 163, 213
Será (filha de Asher), 249, 251
Serafim, 29
Serapião, 200
Seron, 220
Serpente de Bronze, 24
Serpente, A, 24, 40, 44, 54, 67, 68, 70-2, *passim*, 74-9
Serug, 116, 117
Serugue, 117
Set (deus egípcio), 43, 85
Set e setitas, 69, 79, 85, 87, 88, 91, 92, 94, 117, 171
Shabat, 18, 69, 83, 87, 100, 255
Shachar, 50, 93
Shafan, 153
Shalem, 50, 93
Shalmanasar I, 104
Shamash, 71, 197
Shamgar ben Anat, 8, 20
Shamshiel (anjo), 63
Shanchar, 114, 133
Sharaiat (Sharit), 149
Shavé, Vale de, 131, 135
Shavé-Kiriataim, 131
Shechem (príncipe), 9, 215, 216, 217, 219, 222
Shemal, 74
Shemeber, 131, 133
Shemhazai, 89, 90, 92, 94, 101
Sheol. *Ver* Poço, O
Sheshai, 95
Shihor, Rio. *Ver* Tzior (Sihor), Rio
Shimon ben Iochai, 93
Shimon ben Laquish, 28
Shinab, 131, 133
Shofar. *Ver* Carneiro, Chifre de
Shu, 23
Shua, 223
Shuchu, 163
Shur, 140, 145
Sidim, Vale de, 131, 136
Sidon, 134
Siduri (deusa), 70, 71
Sihor, Rio. *Ver* Tzior (Sihor), Rio
Siló, 220
Simeão, 9, 135, 143, 184, 189, 195, 200, 216, 217, 219, 230, 231, 243, 252, 253
Sinai, 26, 85, 143, 160, 163, 173
Sinar, 114
Sinear, 111, 112, 114, 131, 133
Sion, Monte, 12, 34s., 62, 160, 161
Sipar, 103, 105
Siquém, 12, 128, 131, 160, 186, 189, 215-20, 229, 253, 255, 256
Síria e sírios, 44, 51, 56, 65, 72, 74, 103, 119, 130, 139, 143, 169, 172, 177, 182, 205
Sírius, 235
Sisera, 86
Sísifo, 161, 175, 203, 204
Smaragos (demônio), 61
Smirna, 154
Sodoma, sodomitas, sodomia, 95, 131, 132, 147, 150-3, 154. *Ver também* Bestialidade
Sol, 22, 23, 28, 99, 121, 137, 229
Soma, 71
Somália, Costa da, 109
Sonhos, 238-41
Su-mu'-il, 143
Suá, 162, 163
Sucot, 207, 211, 248
Suméria e sumérios, 8, 16, 24, 36, 44, 60, 69, 71, 103, 114, 139, 158, 159, 177
Susana, 235
Susita, 47
Sutu, 88
Taás, 165
Tabali (Tibarene), 97
Tabernáculos, 10, 33, 35, 65, 68
Tabor, 25, 46
Taima, 31, 143. *Ver também* Tema
Talia, 34
Talmai, 95
Tamar, 172, 222, 223-6, 235
Tamuz, 21, 154, 232
Tanin, 24
Tântalo, 10
Tapuá, 220
Tarseion, 155
Tarsion, 154, 155
Tarsis, 32, 110, 241
Tártaro, 12, 66, 175
Tarressianos, 110
Tashmishu, 51
Taurt, 43
Tebá, 165
Tebas, 12, 43, 159, 219
Tebat, 84
Tehom, 20, 22, 24, 26, 33, 36, 40, 43, 44, 98, 99
Teias, Rei, 154
Tekoa, Mulher de, 85
Tel Adamia, 133
Tel el-Amarna, 8, 70, 110, 134, 227, 240
Tel el-Dutan, 231
Tel el-Halaf, 119
Tel el-Kadi, 134
Tel el-Zara, 134
Tema, 142, 143, 163. *Ver também* Taima
Teman, 23, 26, 27, 31, 183, 184
Temec, 84
Temis, 104
Templo de Jerusalém, 24, 28, 33, 35, 44, 81, 84, 139, 153, 160, 173, 178, 188, 189, 214
Tenda da Assembléia, 176, 188
Tenedos, 235
Tepantitla, 71
Tera, 112, 116, 117, 119, 120-4, 125, 126, 128, 164, 171
Terafim, 10, 194, 202, 204
Término (deus), 189

Terra, 15, 17-9, 22, 25, 27-31, 32, 33, 41, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 62, 81, 83, 87, 89, 90, 91, 95, 99, 101, 102, 104, 112, 114, 132, 181
Teseu, 11, 12, 124, 153
Teshub, 51, 161, 175
Tessália, 104, 235
Tetragrama, 35
Teutônico, Costume, 200
Teze, 84
Tiamat, 17, 19, 23-6, *passim*, 43
Tibarene, 110
Tiberíades, 47
Tidal, 131, 133
Tífon, 17, 51, 75, 78
Tiglat-Pileser III, 133, 143
Tigre, Rio, 16, 19, 62, 65, 103, 115
Til Nachiri, 117
Til Turahi, 117
Timná (aldeia), 223, 225
Timna (mãe de Amaleque), 183
Timsá, Lago de, 248
Tiras, 110
Tirésias, 12
Tirinto, 95, 204
Tiro e tírios, 44, 50, 163, 173, 209
Tirsenianos, 110
Tishrei (mês), 11, 19, 47, 230
Titãs, 10, 44
Tito, 44, 178
Tito, Arco de, 44
Tlalóc, 71
Tobias, 60
Tofet, 38, 158
Tohu, 15, 23, 24, 25, 32
Tomé, Evangelho de São, 160
Torá. *Ver* Lei, A
Torre de Babel, 111-5, 241
Torrente do Egito. *Ver* Tzior (Sihor), Rio
Tortosa, 8
Tot, 78, 86
Trácia, 93
Transjordânia, 169
Trindade, A, 148
Triptólemo, 70
Trogloditas, 162, 177
Tróia, 11, 12, 124, 189
Troianos, 78
Tsafon, Monte, 21, 49, 56, 65, 75, 78, 94
Tsafon. *Ver* Tsafon, Monte
Tuaregue, 153
Tubal Caim, 57, 95
Tubal, 110
Tudchalia, 133
Tursha, 110
Tutmés III, 43, 231, 240
Tzetzes, 109
Tzior (Sihor), Rio, 66, 255

Uate, 143
Udum, 217
Ugarítico, 8-9, 10, 20, 21, 23, 25, 34, 44, 50, 93, 135, 199
Ulikumi, 51, 114
Ulisses, 9, 168, 182, 204
Umbigo do mundo, 35, 56
Ur (dos caldeus), 60, 103, 116, 117, 119, 123, 125, 126, 137, 158
Urano, 20, 109, 189
Urartu, Uratri. *Ver* Ararat, Monte
Uriel (arcanjo), 83, 92
Ursa Maior, 101
Uruatri. *Ver* Ararat, Monte
Uruk, 70
Usa, 173
User-Min, 240
Usöus, 85, 173
Utnapishtim, 70, 103
Uz, 165

Vádi al-Sant, 225
Vádi el-Arish, 256
Vádi Gaza, 145
Vádi Sebaie, 133
Vádi Shari'á, 145
Van, Lago, 103, 104
Velocino de Ouro, 11
Vênus (planeta), 50
Vermelho, Mar, 39, 57, 60, 133, 134, 162
Vespasiano, 178
Virgem (constelação), 91, 94
Virgens vestais, 172
Virgílio, 13, 144
Vulgata, 48

Xanto, 35, 163
Xerxes, 115
Xisutro, Rei, 103, 114

Zacarias, 18, 44
Zaduc, 135
Zafenat-Paneá, 239
Zamzumim, 95, 135
Zeboim, 131, 133, 152
Zebulom, 184, 196, 253
Zedek, 132, 135
Zedequias, 20, 138, 149
Zefô, 183, 184
Zerá, 85, 172, 173, 183, 184, 212
Zerka, Rio, 43
Zerubabel, 10, 44, 172
Zeus, 11, 24, 44, 51, 60, 66, 71, 78, 93, 104, 109, 114, 139, 153, 159, 175, 189, 204
Zigurates, 114, 115
Zilá, 96-7
Zilpá, 184, 192, 195, 198, 202, 211
Zilpá (tribos), 231, 254
Zimran, 162
Zin (deserto), 26
Ziporá, 209
Ziusudra, Rei (Xisutro), 103, 114
Ziz, 47-8
Zmargad, 58, 61
Zoar, 131, 133, 151, 153, 154
Zoara, 134
Zodíaco, 40, 44, 168, 184, 187
Zohar, 237
Zuchr, 134
Zuleica, 12, 233-5, 237, 239
Zuzim, 131, 135

Este livro foi
editorado eletronicamente
pela Xenon